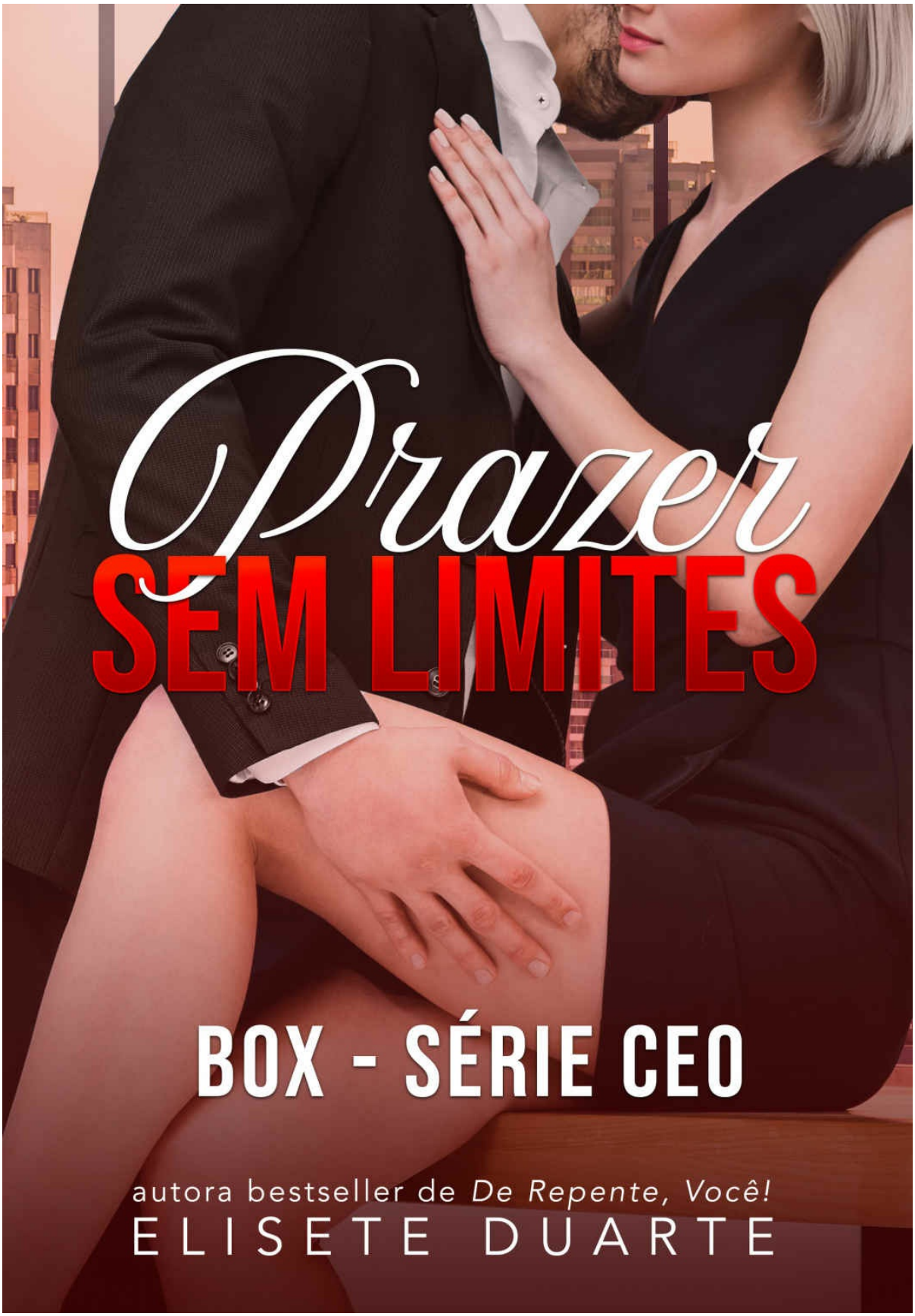

Ceo INDOMÁVEL
Ceo PARTE DE MIM
Prazer SEM LIMITES
BOX - SÉRIE CEO
autora bestseller de De Repente, Você!
ELISETE DUARTE


Prazer
SEM LIMITES
BOX - SÉRIE CEO
autora bestseller de De Repente, Você!
ELISETE DUARTE

Prazer SEM LIMITES

BOX - SÉRIE CEO

autora bestseller de *De Repente, Você!*

ELISETE DUARTE

Copyright © 2019 Elisete Duarte

PAIXÕES SEM LIMITES - BOX SÉRIE CEO
Capa: Thais Lopes
Diagramação: Carla Santos

LIVRO I: CEO INDOMÁVEL
Capa: Thais Lopes
Preparação de texto: Renata Margaria e Carla Santos
Revisão: Cleidi Natal
Diagramação: Carla Santos

LIVRO II: PARTE DE MIM
Capa: Thais Lopes
Preparação de texto: Renata Margaria e Carla Santos
Revisão: Cleidi Natal
Diagramação: Carla Santos

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Sumário

Capa
Ficha técnica
Sumário
LIVRO I: CEO INDOMÁVEL
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16

Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Playlist

LIVRO II: PARTE DE MIM

Agradecimentos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15

Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Playlist
Biografia
Obras

Ceo INDOMÁVEL

ELISETE DUARTE



Prólogo

CAROLINA

Sabe aquela frase muito conhecida: “Confie que tudo vai dar certo e que sempre há uma luz no fim do túnel?”. É a frase mais falsa que já ouvi na vida.

Euzinha sou a prova disto! Confiei, esperei e sonhei demais, criei mil e uma expectativas e o que foi que ganhei? Um belo tombo do cavalo!

E o que estava pesando era o fato desse animal dos infernos estar a apenas alguns quilômetros daqui. Em aproximadamente quinze minutos, eu corria o risco de me deparar com ele. *É a morte! Ninguém merece algo tão horripilante assim!*

Lá fora, o vento soprava em rajadas fortes no dia que amanheceu triste, do céu nublado caía uma garoa fina embaçando o para-brisa do carro alugado para a minha rápida estadia em São Paulo. Acessando neste instante a Rodovia Castelo Branco com o cenário chuvoso, entrei em descontrole total.

Meu coração e respiração estavam acelerados e meus olhos cheios de lágrimas. Respirei profundamente pressionando meus dedos no volante, em uma tentativa vã de recuperar o equilíbrio dissipado. Era sempre assim quando vinha a esta cidade, seis anos se passaram sem que esses sentimentos tivessem me abandonado.

“Calma, não vai dar de cara com ele! Nas outras visitas não aconteceu, não vai ser desta vez. Relaxa!”, a voz dentro da minha cabeça se manifestava.

— É isso! — falei em voz alta e foi da boca para fora. A reação à ansiedade intensificou ao pegar a saída 23 de Alphaville, em Barueri, São

Paulo. Levei uma das mãos à testa, e subi esfregando até a raiz do cabelo secando o suor pingando, já entrando na avenida predominantemente comercial do bairro, em horário de pico e com trânsito lento nos dois sentidos.

E era justamente esta paralisação que me assustava.

Nestes seis anos morando em outro Estado, estive aqui com frequência visitando minha família, o detalhe era que todas as minhas vindas ocorreram nas madrugadas e permanecia o tempo mais curto possível. Tudo a fim de evitar um indesejado confronto. Apaguei meu passado, obriguei a todos a não comentarem nenhuma novidade daqui. Ou seja, a concentração foi apenas no meu presente, uma forma de sofrer menos.

Poderia muito bem fazer uma procuração dando plenos poderes ao meu irmão e minha mãe para resolverem qualquer situação da empresa do meu pai, inclusive a venda dela. Mas não podia ficar mais um dia sem ver o meu pai querido, com meu coração se remoendo de saudades. Infelizmente, após o AVC hemorrágico há quatro anos, hoje ele não reconhece ninguém, não fala, não se mexe, a princípio suas chances de sobreviver não passava de 6% devido às sequelas, mas ele continua vivo, vegetando, porém vivo.

A Uchoa Indústria Farmacêutica era a empresa fundada pelo meu rei, meu herói, meu pai, e já liderou as vendas dos medicamentos genéricos, hoje no vermelho por falta de uma administração focada. O ramo do meu irmão era outro, e a venda acabou sendo inevitável com a minha falta de tempo. Depois que me mudei para Brasília, recebi todo apoio do meu pai, já formada em Bioquímica, ele investiu pesado no meu estudo de especialização, e após o estágio na área de Análises Clinicas e Medicina Diagnóstica, eu fiz jus ao seu esforço. Diante da minha inspiração empreendedora, logo montei o meu primeiro laboratório; e adquirindo credibilidade junto à classe médica, tornou-se um grupo com laboratórios espalhados pelo Brasil.

Por não precisar deste dinheiro, tinha a intenção de transferir a minha parte da venda para o meu irmão e a minha mamãe. Fui arrancada dos meus devaneios com meu celular vibrando no banco do passageiro ao lado.

— *Vai demorar muito para chegar, Carol?* — Guilherme, o meu irmão, dois anos mais velho, desatou a falar sem ao menos eu dizer um alô. — *Estamos todos aqui aguardando você...*

Entrei no estacionamento do condomínio corporativo moderno, com duas torres com mais de vinte andares inaugurado há menos de um ano, que era o escritório do Derek Kumar, um advogado renomado, que prestava serviço a minha família, e também um grande amigo de infância.

— Está um trânsito maluco, hoje! — expliquei rapidamente. — Acabei de entrar no estacionamento. Me dê alguns minutos que já apareço por aí. — Soltei o ar, exausta, e joguei o aparelho de volta ao banco. Entreguei meu documento e o número da sala do Derek ao porteiro, assim que cheguei à catraca.

— Senhorita, a sua entrada já está liberada — informou ele. — Entretanto, peço a gentileza de estacionar em um dos boxes reservados aos proprietários, fica no final do complexo, que está com uma vaga disponível — finalizou entregando meu documento.

— Obrigada!

Cruzei a área comum descoberta entre as duas torres, que é usada como estacionamento. No muro, de um extremo ao outro do condomínio, estavam os vários boxes com capacidade para dois veículos, ao qual o porteiro mencionou, e ficava numa parte restrita e silenciosa, sem circulação de pessoas e veículos. Entrei na vaga ao lado do carro preto e de luxo, que deduzi ser do Derek. O telhado retrátil daqueles de vidro que abria e fechava, estando aberto era um problemão com a garoa engrossando.

— Droga! — praguejei olhando ao redor pensando numa solução para me proteger. — Não me lembro nunca de deixar uma sombrinha dentro do carro.

E parei os olhos em minha bolsa de mão tipo maleta no banco ao lado. Sobre ela havia uma blusa de reserva e com ela sobre minha cabeça, saí do carro correndo até a entrada do prédio à direita, livrando meus cabelos da derrocada das águas. Minha entrada já havia sido liberada quando me apresentei no balcão arredondado em madeira escura. Saí do elevador no décimo andar, e andei pelo espaçoso corredor, apreciando o piso em porcelanato cinza, dando um toque legal às portas brancas.

— Meu pai, que mulher mais linda! — Derek, que sempre teve os cabelos na altura dos ombros, agora estavam penteados certinhos e alinhados, parecendo mais loiros com a pele bronzeada, abriu os braços tão logo atravessei a porta de vidro e adentrei na pequena sala.

Embora compacto, o ambiente provido de uma mesa ao canto e vazia, que possivelmente fosse de uma secretária, e na outra parede um sofá de três lugares em couro preto caiu no meu agrado.

— E você, um verdadeiro deus nórdico — retribuí o elogio sem modéstia. O cara estava de fato mais forte, lindo e perfeito! Atirei-me em seus braços fortes dentro do terno azul-marinho de corte italiano, aninhando a cabeça no peitoral duro e aspirando seu perfume fantástico. — E mais cheiroso do que nunca!

— São seus olhos, amiga! — Riu de forma carinhosa e apartou permanecendo com as mãos grandes em meus ombros, seus olhos puxadinhos verdes de cílios longos varriam curiosos pelo meu rosto, expelindo uma enorme interrogação.

Motivos bem óbvios! Ele era o cara ideal para se apaixonar; sempre que estava em sua frente, eu me perguntava o porquê ele nunca tocou o meu coração, sendo tão maravilhoso! Sim, porque a nossa relação extrapolou a

muralha da amizade, e não foi uma vez, e sim várias, várias tentativas, retificando. E na nossa última tentativa de transa, há um ano, larguei o cara falando sozinho após ele me satisfazer apenas no amasso. Com ele nunca deu. Pode estar classificando minha atitude como mancada, mas não era! O cara era um galinha sedutor... Não havia como seguir a trilha da afeição. Aliás, o amor era uma utopia que nos aprisionava e resultava na insanidade mental e eu estava muito bem em posse do meu equilíbrio... *Estou fora!*

— Quando foi que você ficou tão gato assim, hein? — Colocando a mão sobre a barba cheia, saí pela tangente.

Ele explodiu num riso gostoso e alto, chamando a atenção do meu irmão que saía por outra porta indicando que lá seria a sala onde aconteceria a reunião. Como de praxe, estiloso e abusando do corpo atlético, ele usava um terno preto, os botões do paletó abertos revelavam a camiseta de gola redonda na mesma cor.

— Está parecendo um lobisomem polaco com esta cara peluda, isso sim! — zombou Guilherme, colocando as duas mãos no bolso da calça social.

— Não dê ouvidos ao seu irmão, é despeito pelo meu brilho no jogo de ontem à tarde — rebateu Derek todo cheio de si se aproximando do amigo e lhe deu um murro leve no peito.

— Larga de ser metido, Derek! — Guilherme ria, desdenhando.

— Inveja mata! — revidou Derek. Eu ria dos dois ali naquela disputa de egos. — Sabe muito bem que o título de melhor jogador da temporada é meu.

Ambos eram uns fofos que adorava demais. Aliás, o assunto futebol americano era o principal por estas bandas, em nosso meio social. Estudávamos no mesmo colégio quando os nossos pais nos proporcionaram um intercâmbio no ensino médio (*High School* no exterior). Foi um ano extraordinário, como o esporte era parte fundamental no currículo de todos os estudantes nos Estados Unidos, os meninos da nossa turma ingressaram para

o futebol americano. Se apaixonaram tanto que, no retorno ao Brasil, os pais dos garotos se uniram e patrocinaram a criação de um clube relacionado exclusivamente ao esporte. E claro! Com tamanha dedicação acabou crescendo.

Com vários adeptos, formaram-se alguns times e com isto começaram os campeonatos. Além do mais, o esporte era o responsável pelos portes físicos invejáveis e cobiçados.

— Para de cuspir merda, cara! — ralhou Guilherme sacudindo a cabeça impaciente, vindo à minha frente, passando o braço ao redor da minha cabeça e me puxando para beijar a minha testa. — Já estava preocupado com a sua demora, maninha. — E me abraçou forte em seguida.

— Perdão! Acabei parando numa cafeteria no aeroporto e perdi alguns longos minutos degustando de um delicioso café. O comprador já chegou?

— É... — Embrenhando as mãos enormes pelos cabelos bem ajeitados, Derek começou e foi interrompido pelo Gui, apelido como meu irmão era conhecido.

— Ainda não, mas não deve demorar. — Segurando em meu braço, arrastou-me em direção à porta por onde saiu. — A mamãe está lá dentro esperando por você.

Senti um gelo na boca do estômago, pensando na bronca que levei da minha mãe ontem ao telefone. Aliás, esta devia ser a razão por não ter vindo me recepcionar. Minha mãe era destas: quando algo a contrariava, ela se isolava, permanecendo à distância. Ficou possessa e inconformada quando expus a minha vontade de abrir mão dos meus direitos.

Na parede que entramos, à direita da espaçosa sala arejada e iluminada pela grande janela toda em vidro, estava uma mesa oval de madeira escura, uma cadeira de presidente e duas mais simples. E à esquerda, havia uma mesa retangular grande da mesma madeira da outra com capacidade para oito

pessoas. E numa das cadeiras de frente à porta estava a minha mãe, jovem e linda aos 50 anos, cabelos loiros escuros presos num coque frouxo, com alguns fios moldurando o rosto com maquiagem levíssima. Seus dedos estavam cruzados sobre o tampo de madeira e me olhava com semblante severo.

— Oi, mamãe! — produzi uma voz respeitosa. No fundo, eu sabia o quanto ela tinha razão! "A herança é direito de todos os filhos", frase corriqueira do meu pai quando possuía saúde.

Ela suspirou longamente, notei muito mais medo do que contrariedade em sua expressão. Em seguida, a pressão do meu olhar até deixou uma linha de sorriso se abrir em seus lábios.

— Oi, filha!

Derek e Guilherme se entreolharam transmitindo um clima pesado e tenso, que fiquei intrigada. Gui quebrou o silêncio constrangedor.

— Sente-se ao lado da mamãe, maninha! — Segurando em meu braço, ele me guiou contornando a mesa e puxou a cadeira ao lado dela. Ressabiada, depositei a bolsa sobre a mesa e a blusa ao lado antes de me sentar.

Sabe aquele aperto enorme que a gente sente no peito? Era exatamente este que sentia, assemelhava-se a duas mãos agarradas em meu coração esmagando-o. Eu desejava, no fundo do meu coração, ganhar seu abraço caloroso. Aquele que tantas noites acalentou o meu coração sofrido há seis anos. Um sofrimento ao qual acreditei que nunca teria fim. Mas suspirei profundamente. Passou... Superei aquela fase maldita.

Neste instante, os ruídos na porta de vidro ecoaram pelo ambiente e logo ouvimos gente batendo palmas.

Branco como cera, o Derek, ainda em pé, apontou em direção à porta que entramos.

— Deve ser o comprador que chegou. — Olhou estranho para o Guilherme, que, suspirando, assentiu e foi se sentar do outro lado da mamãe.

— *Não contratou uma secretária ainda?* — Meu coração disparou ao ouvir a voz rouca masculina tão conhecida, num tom divertido.

Não é possível! Fechei meus olhos engolindo duro a fim do meu coração arremessado à garganta, descer. Ainda abobada com o tropel dentro do meu corpo, delirei achando ter ouvido o grunhido insatisfeito do Derek.

— *Não querendo ser indelicado, mas sendo, faz mal algum cuidar da própria vida, ao invés da alheia?* — Não delirei. O Derek realmente se ofendeu. — *O resultado ficou claro no jogo de ontem. Reduzi seu timinho a pó* — ironizou carpindo uma gargalhada explosiva debochada do Marcelo. *Não, não, não!* Balançava a cabeça em absoluta desordem. Por que ele estaria aqui? Pelo que eu saiba, ele e Derek não eram amigos. Não mais... *Meu Deus!*

— *Nada mais além de sorte! E não conte vitória antes da hora, ainda temos o jogo decisivo* — contestou, ainda brincando. — *Seu timeco ainda tem muito de técnica a aprender.*

"Fodeu! É ele sim...", pensei ofegante e girei a cabeça em busca de uma explicação dos dois ali na mesa.

De cabeça baixa, minha mãe olhava para seus dedos sendo entrelaçados nervosos sobre a mesa. O Guilherme ergueu a cabeça ao teto, permanecendo assim.

— Que palhaçada é essa?

Não houve tempo de resposta.

— *Meu tempo é precioso, vamos logo ao que interessa!* — Parei de respirar travando os olhos na porta e na maior expectativa, observando os passos vindo. Ainda restava uma estúpida esperança de que me enganei, afinal de contas há timbres de vozes bem semelhantes neste mundão afora.

Meu controle foi ribanceira abaixo com aquela presença masculina de 1,85m surgindo à porta, na roupa encaixando perfeitamente em seu corpo visivelmente mais musculoso. Os seus hipnotizantes olhos cinzas e o sorriso arrogante estão exatamente do jeito que me lembro. *Lindo, admito!* A calça e a camisa preta com os primeiros botões abertos revelavam um pouco do seu perturbador peitoral esculpido. E o blazer numa tonalidade crua dava um toque elegantemente espetacular. E estava de lascar aquele olhar ciente de que era divino, parecendo tão surpreso quanto eu. Trazia em uma das mãos grandes uma maleta de couro no mesmo tom da roupa.

— Carol! — Erguendo as sobrancelhas grossas munido de um sorriso impressionado, porém safado, Marcelo pronunciou baixo com uma voz grave e rouca tão arrasadora, chegando a me arranhar de leve. O fato agravante foi eu perder a noção do tempo e espaço, hipnotizada na figura masculina e sexy.

Senti todos os pelos do meu corpo se eriçarem. Eu posso até ouvir meu coração retumbando como um trovão

"Não coração, não faça isso comigo!", implorei em vão.

Abri a boca inalando o máximo de ar possível, buscando o equilíbrio fugitivo. Eu não o achava bonito, ele era o homem mais lindo que eu já vi nestes 29 anos de minha vida.

"Acorda, Carolina! Acorda!", a voz da minha consciência gritava dentro da minha cabeça e ela estava correta. "Eu o odeio, eu o odeio, eu odeio este *stronzo*[1]!", repetia quase no mantra desviando os olhos para o Derek entrando logo atrás dele. Meus olhos denunciavam o quanto eu estava abalada.

— Será que poderiam explicar o motivo da presença deste cidadão aqui na reunião? — exigi tentando um tom de voz controlado.

Naquela expressão enervantemente cínica, ele torceu a boca se fazendo de desentendido. Derek passou à frente dele na intenção de expor uma justificativa, e neste instante notei o Cauã, no mesmo porte atlético que os

demais, vestindo uma calça jeans escura despojada, camisa branca e por cima um blazer preto, entrando na sala. A cabeça raspada era uma novidade, nunca pensei que ele abandonaria o estilo *black power*, o que fazia dele um homem de estilo e personalidade forte. Formado em Direito, deduzi que ele poderia ser o advogado do Marcelo.

Guilherme esticou o braço até sua mão vir sobre o meu punho fechado esquerdo, apertava fortemente escondendo o tremor na mão sem conseguir controlá-la, ela tremia demais.

— O Marcelo é o comprador da Uchoa e... — explicava quando reagi me levantando subitamente. Uma autodefesa, talvez.

— A reunião está encerrada! — Com a mão direita espalmei sobre o tampo da mesa.

Imagina! Nunca na minha vida aceitaria uma provocação como esta, JAMAIS!

— Onde está indo, Carolina? — advertiu minha mãe segurando a minha mão esquerda. Eu puxei encarando-a.

— Deveria se sentir envergonhada em conspirar contra a sua própria filha.

Ela sacudia a cabeça com os olhos se enchendo de lágrimas.

Sem paciência e condições, peguei a minha bolsa sobre a mesa, e afastando a cadeira com a parte de trás das pernas, a derrubei. Contornei e segui em direção à porta. O problema era o armário do Marcelo, atrapalhando a minha passagem. Na realidade, o seu perfume magnifico, num leve amadeirado, me deixando zonza. Precisei ser firme a fim de não despencar no chão de tão bambas que estavam minhas pernas.

Meu coração batia numa frequência altíssima, mas estava longe de ser ódio. O sentimento de amor por ele continuava ali em total e completa posse. Um dos motivos da minha partida foi justamente o fato de não cair em tentação e me tornar um fantoche em suas mãos. Infelizmente constatei que a

distância não me fortaleceu, continuava ainda mais ligada e não podia permitir. Precisava correr e sair dali com um iminente perigo de recaída.

— Sai da minha frente — solicitei evitando seus olhos, quando seus dedos determinados e quentes fecharam em meu pulso. Fechei meus olhos com o choque, demorou alguns segundos até a corrente elétrica deslizar por todo o meu corpo e eu me recuperar. Abrindo meus olhos, deparei-me com os dele apertados e fodásticos, aliás, os traços brutos sempre foram o seu ponto forte. O queixo quadrangular e a barba cerrada intensificavam o ar masculino.

— Eu não vim aqui para perder tempo — elucidou num tom autoritário, assumindo uma expressão com impossível identificação. E num tom sedutor e irresistível pra cacete extraiu de mim todo meu autocontrole. Tê-lo assim tão perto, além de causar um abalo generalizado pelo meu corpo, causou uma fogueira ardente. *Está dando bandeira, Carol! Sai daqui logo, mulher!* Como se ouvisse o meu pensamento, os olhos cinzas declinaram até meus lábios. Ele deu uma inalada profunda, antes de voltar aos meus olhos.

Respirei fundo buscando forças e arranquei meu pulso de seus dedos magnéticos.

— Engraçado! É justamente o que estão fazendo... tomando o meu tempo valioso. — Estava nervosa e tremendo muito. Não aguentei ficar nem um segundo a mais e saí pela porta aos tropeços. O som do impacto do salto da minha sandália sobre o piso sólido da antessala denunciava meu desatino. Respirando fundo, eu diminuí o passo, tornando-o mais leve e foi quando ouvi a frase do Derek:

— *Eu avisei que iria dar merda!*

Espalmei na porta de vidro abrindo-a e saí em disparada dali.



MARCELO

— Por que a Carol veio? — irado e inconformado exigi explicação com a mandíbula apertada completamente. — Combinamos que vocês dois — apontei para a dona Viviane e o Gui — teriam a procuração dela.

Derek limpou a garganta, e foi o Guilherme quem esclareceu:

— Acontece que a minha irmã fez questão de vir pessoalmente.

— Então, ela não sabia de mim?

Na maior cara deslavada, Guilherme meneou a cabeça negando.

— Se ela soubesse jamais teria vindo até aqui.

Revirei os olhos e começando a rir, indignado, e foquei na dona Viviane, sentada de cabeça baixa, paralisada.

— E a senhora, dona Viviane, não tem nada a dizer?

Ela suspirou e ergueu o rosto pálido.

— Para dizer a verdade, ando muito ocupada cuidando do meu marido.

Pelo menos faz algo digno!

Perturbado, depositei minha maleta sobre a mesa.

— Como pôde ser tão inconsequente com a sua irmã, Guilherme? — cobrei. — Ela tem razão em ficar em choque, se fosse comigo eu ficaria puto também.

— Espera aqui, vou lá falar com ela — se prontificou, e eu o impedi de se levantar.

— Coloquei muito dinheiro neste negócio e não pretendo perder — expliquei severamente, estava realmente bravo. — Eu mesmo vou resolver.

— Vai preparando as documentações que já volto — pedi ao Cauã, que assentiu e já puxou a cadeira se sentando perto de Derek, enquanto saí da sala atrás da Carol.

Da porta de vidro, percorri os olhos pela área comum lotada de veículos estacionados, não notei nenhum com indícios de que sairia.

"Será que ela veio de táxi?", pensei saindo pela porta e caminhei na calçada à direita, rente à parede sob as pequenas coberturas, me protegendo da chuva. E no final parei petrificado.

Ali, dentro do boxe do Derek, com a cobertura de vidro aberta, aquela maldita chuva torrencial grudou o vestido champanhe, transpassado com detalhes em preto no corpo esbelto e delineado dela, me matando de tesão. Meu desejo se reacendeu com toda essa gostosura, seus cabelos loiros caramelos molhados e mais compridos, quase na cintura abraçavam seu corpo, as coxas grossas deliciosamente torneadas, a bunda redonda, absurdamente arrebitada. Todos os seus requisitos faziam meu membro desejá-la. Aliás, a roupa valorizava a silhueta feminina, a sensualidade era um elemento que ela nunca dispensou. Agitada, com a chave na fechadura do carro, forçava-a a girar. *Tão gostosa!*

— Abre, cacete! — ela gritava abafado batendo os pés no aguaceiro. — ABRE! — Arrancando a chave, ela começou a chutar o pneu.

Apertei meu membro desesperado sobre a calça, eu já não aguentava mais de tesão vendo aquela deliciosa mulher ali, naquela aflição toda.

— CAROLINA? — gritei, disputando com o som ensurdecedor do trovão. Ela tortuosamente virou-se. Enfeitiçado, engoli duro comendo com os olhos seus fartos seios empinados. Os biquinhos duros de frio pareciam querer furar o tecido. — Sai da chuva, vai! — aconselhei.

Ela sacudiu a cabeça irritada e voltou à tarefa de enfiar a chave na fechadura do veículo, agora com uma pressa maior.

— Teimosa! — falei saindo em meio à chuva, indo me encontrar com ela. Carol sempre foi esta mulher de gênio forte, cabeça-dura, inflexível e marrenta. Este fator de perder a razão já era uma característica velha conhecida minha. Talvez por esta razão ela se apresentasse aos meus olhos tão encantadora e gostava desta parte de dominar. E ela sempre foi um desafio e tanto, ou melhor dizendo, continuava sendo.

"Ei, ei, ei, Marcelo! Cuidado com o caminho enveredado. Relembre o passado para sair desta", minha consciência bate forte no meu crânio me acordando.

Foi impossível conter as batidas ferozes do meu coração quando me aproximei e ela, em autodefesa, se colocou de frente, ameaçadora.

— É melhor sair de perto, ou não respondo por mim.

Eu ri enquanto os olhos castanho-claros, decorando o rosto pálido por onde as gotas de águas rolavam em direção ao colo explodindo, me olhavam soberbos.

— Você não é mais criança para toda esta birra! — Peguei em seu braço puxando-a, colando nossos peitos. Gemi sentindo nosso corpo colado, ela também; afetados, paramos de respirar. Ficamos imóveis nos olhando. Aquele rosto de anjo, pele suave e macia complementava o corpo de sereia.

— Birra? — ela disse um tempo depois.

Obstinado, eu me segurava para não tomar aqueles lábios carnudos sensuais da porra!

— Só estou me defendendo de ser roubada.

— Esta sua conclusão é equivocada — sussurrei muito próximo aos seus lábios, sentindo o cheiro floral de seu perfume. Sentia o tremor dela por baixo dos meus dedos, a prova estava na mudança do seu olhar me evitando. — São apenas negócios.

Ela inalou profundamente irritada.

— Tira sua mão de mim, seu cretino! — Puxou o braço, gritando. Apoiou as costas na lataria do carro. — Esta sua ganância vai te levar à sarjeta, roubou a minha vida e agora quer roubar o patrimônio da minha família? — soluçou escorregando para o lado. Arqueei àquela acusação. E nos primeiros passos em fuga não permiti.

Enlacei os braços ao redor da sua cintura colando nossos corpos e prendi a respiração, completamente afetado. O vestido molhado parecia uma segunda pele no corpo arrepiado dela.

— Me larga, me larga! — Demonstrando resistência, suas mãos forçavam a minhas, fechadas em seu abdome lisinho.

— NÃO! — falei alto e firme. Não podia deixá-la prosseguir com aquela ofensa, ela deveria agradecer. — Primeiro peça desculpas... — Virei-a de frente sem soltá-la e empurrei-a até suas costas se chocarem com a lataria do carro.

— Vai sonhando que vou te pedir desculpas! — Este jeito determinado dela era bastante sedutor e me atraía.

Com a mão direita prendi-a mais forte em meu corpo, e com a esquerda segurei sua nuca sobre os cabelos na altura da orelha, obrigando-a a me encarar. Ela puxava meus cabelos pela nuca tentando me afastar. Senti uma coisa estranha com seus olhos carentes.

— Pede logo desculpas se não quiser ser castigada! — sussurrei ameaçador em seu ouvido, em um tom sexy e mandão, do jeito que ela curtia.

— Vai à merda antes que eu me esqueça! — proferiu marrenta, quase arrancando os fios. Não sentia dor, sentia prazer, e dos grandes, focado naquela sua boca gostosa com aquela puta vontade de beijá-la, por esta razão não resisti.

Adorava aquele seu jeito estourado. Puxei-a para mim surpreendendo-a com um beijo roubado e o mais gostoso dos últimos tempos.

— P-para — gaguejou sem convicção, entregando sua língua à exigência da minha. — M-Marcelo — soletrou meu nome de forma rouca e aquilo aumentou a minha excitação. Meu pau latejou dentro das calças de tão duro e o encostei de leve, encaixando na sua parte vital de desejo. — Ah!

Porra de mulher gostosa! Pressionando-a ainda mais no carro, olhei para os lados, instintivamente, para ter certeza de que não tínhamos companhia e infiltrei minha mão pelo traspasse e toquei-a sentindo sua intimidade molhada, pressionei seu clitóris. Tremendo, ela grunhiu silenciosamente, fechando os olhos tão envolvida quanto eu.

— Eu quero isso! — rosnei louco. Ela remexeu na minha mão, me estimulando a continuar. Engolindo sua língua, afastei sua calcinha para o lado com o polegar, e corria meus dedos por toda extensão de sua vagina molhando mais e mais. Puxando meu cabelo, me enlouquecendo de tesão, ela gemia em minha boca. Mordeu meu lábio inferior e estirou, quase machucando, comigo escorregando por entre suas pernas, penetrando-a duro. — Eu quero foder você, agora! — exigi socando forte e fundo, sentindo seu líquido quente escorrer por minha mão aumentando o ritmo.

Eu começava a desconfiar do seu desprezo em relação a minha pessoa, ela mentia descaradamente e a certeza estava ali, em seu corpo aceso, a traindo.

— Uau! — Ela engoliu minha língua em outro beijo selvagem. Eu nunca esqueci este jeito devasso, sem restrições dela.

— Vamos sair daqui! — exigi, ameaçando afastar.

— Espera! — Emitindo um som sufocado de desejo, suas mãos agarraram mais forte meus cabelos da nuca, pressionando meus lábios num beijo delirante demais, enquanto rebolava nos meus dedos ávidos trabalhando, e sentia as paredes internas ao redor deles indicando um orgasmo iminente se aproximando. — Oh, eu não vou resistir por muito tempo! — reclamou com voz manhosa. Um estímulo, pelo menos precisava abrir a porra da porta do

carro dela e adentrar com a gata. Precisava enterrar tudo dentro dela, ele chegava a doer, espremendo no zíper da calça.

— Então goza gostoso, goza! — afoito, sussurrei em sua boca colocando os dedos fundo e mais fundo.

Ela gemeu entredentes.

— Gosta de ser fodida duro, não é?

Apenas abanou a cabeça apoiando a testa em meu ombro, ela estava ardendo aos meus toques brutos.

— Goza, gata!

Penetrava cada vez mais rápido indo bem fundo. Movi o polegar por seu clitóris, exercendo pressão a levando a um orgasmo arrebatador, seu corpo todo tremia e, grunhindo, ela beijava meu pescoço de cima a baixo enquanto eu circulava o dedo dentro dela.

— Oh, oh... — ela gemeu colocando as mãos sobre meu peito e me empurrou. Ofegante, ela engoliu duro. — Valeu! — Ajeitou o vestido.

— Vem comigo. — Quando peguei na mão dela, ela puxou. — Como assim? — perguntei frustrado.

— Falei sério quando mandei você ir à merda!

Ergui as sobrancelhas ainda voando.

— Não seja abusada, Carol! — avisei ameaçador. Ela tombou a cabeça de lado com um sorriso sarcástico nos lábios grossos e apetitosos. — Mereço um alívio depois de satisfazer a senhorita! — usei a humildade, conhecendo a tinhosa.

— Você merece é se foder! — soltou raivosa. — Não pense que terá sucesso na compra da Uchoa. — Dando-me as costas enfiou a chave na fechadura.

— Infelizmente, todos os pormenores já foram negociados e não tem mais volta! — rosnei, fechando os punhos na lateral do corpo. Ela riu, girando a

chave e, dessa vez, a porta destravou e ela a abriu. Pegou a bolsa de couro sobre o teto do carro e se jogou dentro, colocando a chave no contato e ligou. Arqueando a cabeça, ela me fitou desafiadora.

— Não perderia mais do que me fez perder na vida — disse ressentida e tentou fechar a porta, eu a segurei mantendo-a aberta.

— Esquece este maldito passado e foque no presente.

Ela apenas revirou os olhos, impaciente.

— Dá licença, que eu tenho muito o que fazer. — Forçando a porta para fechá-la, ela ria abanando a cabeça, os cabelos sedosos, mesmo molhados, seguiam os movimentos e espalhavam os respingos de água ao redor. Ela sabia ser irritante quando queria.

Eita, mulher difícil!

— Desça logo deste carro, se não quiser ser arrancada à força — precavi, ela riu duvidando. — Você não pode ir embora antes de assinar o contrato, Carol.

— Ah, vocês estão aí? — Derek disse vindo em nossa direção a passos apressados. A chuva havia dado uma trégua.

Chegou numa péssima hora, seu calhorda!

— Pelo que estou vendo, vocês não chegaram a nenhuma conclusão! — arriscou Derek se colocando ao meu lado, mas os olhos curiosos sobre os seios da Carol. *Filho da puta!*

Ela grunhiu incrédula e arcou a cabeça fitando o Derek a comendo com aqueles olhos, que daqui a pouco vou furar.

— Me admira muito você, Derek, um profissional respeitado e um grande amigo da minha família se prestar a um complô como este — a frase o atingiu. Ele suspirou forte, nitidamente preocupado.

— Por favor, não fala assim comigo, linda! — clamou ele levando a mão no braço estendido ao qual ela segurava o volante. — Sabe o quanto gosto de

você, também não concordava com esta omissão. Pode perguntar ao Gui e a sua mãe se não os aconselhei a revelar quem seria o comprador — dizendo isto, virou a cabeça lançando aquele olhar acusador sobre mim.

— Ah, qual é? — contrapus. — A empresa está no vermelho e necessita de uma administração decente.

— Você, decente? — Carol apertou os olhos ao dizer isto.

— Quais os impedimentos de ser eu o comprador? — perguntei com todos os dedos das minhas mãos sobre meu peito. — Estou pagando até mais do que vale sua empresa.

Ela respirou profundamente antes de pender a cabeça e sua testa colar no volante.

— Não vá embora ainda, vamos conversar melhor! — sugeriu o Derek.

Erguendo a cabeça, ela desceu do carro, me ignorando, moldou o rosto peludo do Derek passeando os olhos mel emocionados pelo rosto do panaca, e as mãos dele seguraram a cintura fina. Precisei de extrema força para não acabar com aquela ceninha idiota.

— Olha! — começou ela mantendo a calma no tom de voz macio e sensual. — Eu sei que está apenas fazendo o seu trabalho. Não o culpo por nada, tá? Só preciso de um tempo a fim de organizar as minhas ideias.

Ele assentiu, abrindo os lábios num sorrisão fraterno e compreensivo de dar nos nervos, quando a safada subiu o corpo ficando na ponta dos pés e beijou o canto da boca do escroto, que ainda fechou os olhos todo envolvido, ignorando a minha presença.

O sangue me subiu com a visão da intimidade dos dois. Incrédulo, cerrei meus punhos na lateral do corpo.

“Segura sua onda, Marcelo!”, aconselhei-me em pensamento, estava por um fio de perder o controle e quebrar a cara deste cara folgado, mais uma vez.

— Vá lá refrescar a cuca que eu apoio você. — Enlaçando os braços ao redor do corpo esguio, o molhando todo, beijou-a na testa, me fazendo sentir-me invisível. — Estarei aguardando a sua decisão.

Piscando agradecida, ela se afastou na intenção de entrar no carro. Contrariado, eu peguei seu braço impedindo-a.

Esta amizade com o Derek sempre foi um problema entre nós.

— Não há o que pensar, foram meses de negociações e eu, generoso, acatei todas as exigências. — Irado e enciumado, esmagava meus dedos a ponto de ferir.

— Generoso?! — Ela ria inconformada, deixando meu coração apertado. — É um estrategista de marca maior. Você não passa de um farsante, eu não caio mais na sua lábia, Marcelo...

Estou farto dos seus ataques, no entanto, eu queria muito tomá-la em meus braços, dizer tanta coisa no seu ouvido para mudar sua opinião acerca de mim.

— E solta meu braço que está machucando! — exigiu entredentes com os olhos determinados, focados nos meus.

— Deixe-a em paz, Marcelo! — Derek interveio vindo com a sua mão sarnenta em meu pulso.

— Não se intrometa! — ameacei-o, arrastando a Carol comigo, evitando o contato dele. Por nenhum momento desviei os olhos dos dela lacrimejantes.

— Por favor, Derek, deixa que eu mesma resolvo com o Marcelo.

Insatisfeito, ele deu de ombros e atendeu ao pedido dela, afastou-se dando-nos o espaço necessário.

— Seja flexível, vamos voltar lá para cima e terminar logo com isso. — Usei meu melhor tom profissional.

Ela revirou os olhos, incrédula, e num tranco puxou o braço fugindo de minha mão.

— Esquece! — Se jogou para dentro do carro, deu partida e saiu, deixando-me ali plantado, encharcado, furioso, enciumado e excitado.



Capítulo Um

CAROLINA

Exatamente como temia! Perto dele só poderia resultar em rendição. *Sacanagem, coração!* Esmurrei o volante com ódio de mim, da minha deflagrada fraqueza. Resistir a este homem desde sempre foi missão impossível.

Desnorteada, a dúvida se dava seta à direita ou esquerda pairava sobre a minha cabeça. *Acorda, Carol, a esquerda é contramão. Está louca?*

— Estou, assumidamente louca! — respondia em voz alta os meus pensamentos acionando a seta à direita. Afundando o pé no acelerador e saí com tudo, os pneus derrapando no asfalto molhado sem o devido cuidado de olhar dos lados, o que desencadeou uma orquestra de buzinas dos carros vindo na avenida.

Minha visão estava tão embaçada quanto os vidros causados pela minha respiração ofegante pelo nervosismo, impossibilitando enxergar um palmo diante do meu nariz. Numa rua distante e deserta estacionei o carro e pendi a cabeça, apoiando a testa sobre o volante e me permiti chorar. Chorar de raiva, ódio e amor! E além de tudo, de arrependimento. *Como pude ser tão fraca, cedendo aos carinhos dele, como?*

A realidade é nua e crua! Eu ainda o amo quando deveria odiá-lo com a força da minha alma.

Que inferno! Troquei a testa pelos meus punhos. Soquei de montão o volante, a ponto de minhas mãos latejarem. Em prantos, joguei minhas costas

no assento embrenhando as mãos pelos cabelos molhados.

Pode parecer histerismo, mas não é! Vou contar a minha história e quero ver se vocês não me darão razão.



Seis anos atrás...

Naquele dia acordei com uma sensação estranha pelo corpo, sabe aquele aperto no peito que chega a doer? Hoje eu entendo aquele sentimento como a manifestação da minha intuição, alertando de que algo de ruim aconteceria.

Passei o dia perambulando pela minha enorme casa, tanto no andar superior quanto o térreo com o celular no ouvido, todas as tentativas de ligar para o Marcelo foram em vão. Caíam diretamente na caixa postal, na casa dele ninguém atendia, nem mesmo os empregados. E olha que deveria ter uns quatro trabalhando em sua suntuosa residência. Já estava imaginando o pior.

— É sério que vai virar a noite com este celular? — questionou minha mãe descendo as escadas em caracol toda de mármore branco, localizada no centro da sala. Ela usava um vestido cinza de algodão, longo, roupa de dormir. Naquela época, ela usava os cabelos curtos, os olhos inchados estavam com olheiras terríveis. Ela não estava nos seus melhores dias, acordou dando patadas em todo mundo. Presumi ser TPM, pois, aos 44 anos e jovem, ela estava bem fértil. Joguei o celular sobre o sofá de couro cinza e fui me dependurar no seu pescoço, enchendo seu rosto de beijos a fim de animá-la, e deu certo. Ela ria. — Para com isso, menina! — ralhou toda carinhosa esquivando o rosto. Apaixonada por ela do mesmo jeito como sou pelo meu pai, eu não obedeci.

— Assim que amo ver a senhora, rindo! — Beijei mais algumas vezes e arquei a cabeça, ficando ali por alguns instantes analisando aquele rosto perfeito.

— Você é tão doce, minha filha — rindo com os lábios apertados, seus dedos da mão direita acariciavam minha face. — Agradeço muito a Deus por ser a sua mãe. E do seu irmão também. — Colocando as mechas dos meus cabelos atrás da orelha, ela tentava sorrir e era em vão, havia um preocupante sofrimento intenso em seu semblante.

— Tem certeza de que não quer ir ao médico?

Ela negou meneando a cabeça.

— Eu acompanho a senhora.

— Imagina! Estou bem. — Eu só não sabia a quem ela queria enganar. Encerrou a conversa fechando seus braços ao redor do meu pescoço, e seus lábios pressionaram minha face. — Talvez mais algumas horas de sono e eu acorde outra. — Apartou erguendo o dedo indicador direito, e pincelou a ponta do meu nariz. — Eu vou subir.

Assenti sem questionar, afinal toda minha cabeça estava ocupada com o Marcelo. *Onde será que ele se meteu?* Corri para pegar o celular e disquei indo em direção à janela e ergui a ponta da cortina.

— *Oi, amor!* — Sério, Marcelo articulou quando me viu. Meu coração agitou apaixonado à figura daquele indivíduo lindo, com as costas apoiadas em seu veículo esporte preto de luxo e com os braços cruzados na altura do peito musculoso, sendo disputado pela luz do poste da calçada e da lua, que na sua grandeza fazia as honras nesta noite linda de céu estrelado.

Os cabelos sedosos, reluzindo, assentavam nos ombros largos cobertos pela camiseta cinza chumbo de gola redonda e mangas curtas, totalmente preenchidas pelos bíceps tatuados sobressaindo. E detalhe: ele é meu... completamente meu, somente meu!

Meu primeiro e único amor!

— Você sumiu! — falei alto soltando a cortina e corri para abrir a porta da sala e saí correndo em sua direção, necessitada de me envolver naqueles braços fortes, que se abriram me aguardando. — Estava preocupada, já.

— Estou aqui, gata! — sussurrou em meu ouvido me arroxando em seu abraço de urso consciente. Abraço forte de quebrar ossos, mas que não dói, talvez doa e não sinto devido a toda a concentração do meu coração tamborilando. — Eu quero que você venha comigo! — disse arqueando, moldando as laterais do meu rosto com suas mãos grandes e quentes, que eu amava. E agora, o vendo mais de perto, noto seus olhos cinzas investigando meu rosto com tamanha tristeza, que me apoquenta. Indiscutível, eles estão com aspecto cansado, há um vermelho ao redor, acho que são até olheiras.

Inquietante!

— Tudo bem, amor! Só preciso de um tempo a fim de trocar de roupa e falar com a mamãe.

— Não precisa trocar de roupa. Você está muito gostosa neste vestido preto soltinho — rosnou fechando os dedos em meu pescoço e no seu jeito rude, puxou-me cobrindo meus lábios com os grossos dele, num beijo quente, demorado. Um beijo forte, molhado cheio de tesão; nossas línguas travaram uma verdadeira batalha, meus seios se arrepiaram e senti os bicos se endurecerem. Delicioso e, ao mesmo tempo, duvidoso. Havia algo de errado, ele estava muito diferente.

— M-marcelo... — ofeguei em seus lábios.

— Não diz nada, amor! — suplicou intensificando o beijo, muito fervoroso, devorador. Roçando seu volume excitado em meu ventre, ele me causou um desejo intenso, como também medo.

Por que não posso falar? Por que ele está assim tão estranho?

— Está me assustando!

Ele respirou pesado à minha questão e abandonando meus lábios ele buscou meus olhos.

— Nunca precisei tanto de você como hoje, por favor! — Sua mão segurou na minha. — Vem comigo.

— Vou! — assenti. Ainda sério, ele soltou o ar aliviado e abriu a porta do carro. — Você não está bem, Ma! Eu sinto... — Levantei a questão antes de entrar.

Sorrindo com os lábios comprimidos, curvou até sua testa apoiar na minha, e engoliu duro.

— Estou carente, desejando sentir seu corpo nu junto ao meu. — Segurou em meu braço, e à medida que falava eu era empurrada com sutileza para o interior do carro. Caí sentada no banco, rindo incrédula daquele seu jeitão inusitado e muito misterioso. — Sentir seu perfume... Guardar você completa em minhas memórias. — *Memórias?* Aquela frase não soou muito legal. E a palavra, principalmente doeu no meu coração. E, antes de fechar a porta e impedir meus questionamentos, falou: — Eu e o meu amigão aqui... — desceu os olhos maliciosos ao membro muito acima da média, sobressaindo no tecido da calça moletom preta. Arrepiei-me toda com a visão dos céus! — precisamos nos agasalhar urgente, amorzinho!

Excitada, amedrontada e também com o coração apertado foi a maneira como o observava contornar à frente, meus olhos absorviam todo seu corpo maravilhoso. Era prazeroso vê-lo de perfil, o corpo atlético, o evidente membro preponderante e majestoso despontando na calça, o mesmo acontecia com os músculos definidos das coxas tencionando a cada passo dele. *Eu te amo!*

— Memórias? — indaguei vendo-o atar o cinto de segurança. Ele expirou forte e virou a cabeça, me encarando. Havia uma sombra indecifrável em seu olhar.

— Deixemos a discussão da relação para depois que nos curtirmos, ok?

Sacudi a cabeça, concordando, embora não fosse essa a minha intenção.

Respeitei atrelando ao seu silêncio tortuoso durante todo o percurso até entrar na avenida principal, a mesma que saí há pouco e que marcou tanto na minha vida e entrou no estacionamento do hotel de luxo, estrategicamente bem localizado. Afinal, está no coração da região comercial de Alphaville.

— Pensei que me levaria a sua cobertura! — questionei no momento em que ele desligou o motor do carro. Exalando profundamente, curvou a cabeça e seus olhos cinzas brilhando mais do que o normal, travaram nos meus desconfiados e sua mão veio sobre a minha repousada em minha perna.

— O endereço da minha cobertura significa quilômetros a mais, e eu tenho pressa de sentir você, Carol! — disse angustiado e inclinou-se selando rapidamente meus lábios devido ao manobrista parado à porta do meu lado. — Vamos descer... — Afastou-se e logo o funcionário abriu minha porta.

O lobby abriga uma recepção e um bar onde se encontra um enorme telão. A minha suspeita aumentou com a escolha do quarto superior e não a suíte de luxo como de costume. Enfim, um detalhe sem importância, diante do que estava por vir.

Ao apertar o botão do andar, impacientemente segurou meu quadril, me imprensando contra a parede do elevador; e correndo suas mãos pela lateral do meu corpo, quase subindo meu vestido, ele me beijava numa selvageria deliciosa, muito sufocante, e impulsionava sua ereção enorme contra mim, deixando um fogaréu entre as minhas pernas.

Assim que a porta do elevador se abriu, ele pegou firme na minha mão.

— Corre se não quiser ser comida aqui mesmo no elevador! — Sua voz abafada de desejo agitou meu coração apaixonado. Ofegante pela pegada forte, eu não tive como dizer algo com ele quase me arrastando em direção à porta do quarto. Já voltou a minha boca quando entramos, devorando-a

enquanto fechava a porta com o pé. — Eu não estou aguentando de tanto tesão — rugiu em meus lábios, puxando meu cabelo sem dó nem piedade, se apoderando do meu pescoço, fazendo-me andar pra trás até minhas costas se chocarem à parede ao lado da porta. Sua pegada é fenomenal, no entanto, estava apreensiva pelo seu jeito angustiado.

— Amor... — tentei dizer e fui impedida por sua língua desbravadora aterrissando para dentro da minha boca, e suas mãos agarraram firmes em minhas coxas e subiam exercendo aquela pressão excitante por dentro do vestido.

— Shhh... — exigiu silêncio pegando na minha mão e ergueu-a, segurando no alto da minha cabeça e a outra deslizou para minha bunda. — Sou tarado por esta bunda — sussurrou em minha boca, deixando-me maluca apertando-a com força a ponto de machucar. Não sentia dor, apenas tesão com ela voltando a frente, seu polegar afastou a calcinha e deslizou em meu clitóris.

— Ah... — gemi toda trêmula aos círculos elevando minha temperatura e tirando meu controle.

— Hum, tão molhada... — Pressionou-o na minha entrada e tirou trocando meus lábios pelo seu dedo e começou a lamber a minha excitação nele. Solitária, esfregava em seu pau olhando diretamente nos olhos escurecidos de tesão, e alguma coisa a mais, que não conseguia identificar. — Este seu sabor é peculiar, Carol — elogiou com a voz rouca com seus dedos voltando entre minhas pernas, afundando em meu interior. Arqueei trêmula.

— Eu te amo, tesudão! — balbuciei e agarrei seus cabelos na nuca o puxando para outro beijo selvagem, naquele movimento fantástico dos seus dedos.

Lambia seu rosto, voltava a sua boca chupando sua língua, quase possuída naquele frenesi dos diabos.

— Por favor, Ma... — gemia contorcendo em sua mão mágica. — Eu preciso de você dentro de mim, agora! — Estava no meu limite, a um fio de gozar.

Seus lábios abandonaram os meus, roçando molhados pela minha face seguindo ao meu pescoço enquanto aplicava mordidas alucinantes, excitantes.

— Calma, amor, eu quero tomar cada gota do seu gozo — sussurrou rouco em meus ouvidos e mordeu o lóbulo da minha orelha, enquanto as duas mãos seguraram no elástico da minha calcinha e puxou brusco, arrancando-a e jogando em qualquer lugar pelo quarto, antes de retornarem trêmulas agarrando minhas pernas com urgência, me impulsionando para seu colo. Entrelacei-as ao redor do seu quadril e ele andou comigo até uma mesa de canto.

Excitada demais, eu mordia meu lábio com ele me colocando sentada na beirada da mesa e entrando no meio das minhas pernas. Desesperada, puxei-o pela gola da camiseta, necessitadíssima dos lábios grossos e molhados, enfiando minha língua e sendo bem recebida. Ele a sugava segurando sobre minhas pernas puxando contra seu pau. Um rala e rola delicioso.

Nossos momentos sempre foram quentes, mas naquele dia estava díspar, de um jeito que fiquei confusa, espantei meus pensamentos optando curtir a ocasião e me deixei ser guiada pelo seu desejo desesperado.

Ele tirou meu vestido sobre a cabeça. Sem sutiã, suas mãos tocaram meus seios, arqueei o corpo, gemendo, ele já começou a beijar meu peito, chupando, mordendo os bicos rígidos; e eu, segurando na barra da sua camiseta, a ergui. Ele afastou apenas um segundo para tirá-la pela sua cabeça e voltou a sugar com força, faminto, causando uma quentura entre minhas pernas, e quando desceu sua mão na minha vagina, ela pegou fogo. Desnorteada, fincava as unhas em suas costas fortes.

— Caralho! Você não tem ideia de como é deliciosa... — murmurou mordendo forte o bico e, em seguida, subiu os lábios aos meus em outro beijo ardentemente exigente e declinou pelo meu queixo. Inclinei o pescoço para trás dando-lhe passagem, ganhando chupadas delirantes por toda a pele da região, no ombro, e mais uma sugada forte no seio esquerdo. Gemendo de tanto desejo, apoiei minhas duas mãos na mesa e ia curvando-me para trás à medida que seus lábios exigentes trilhavam descendo por meu abdome, mordiscando, deixando rastros de arrepios.

— Ah, céus! — Contraí meu corpo com espasmos, na expectativa dos seus lábios se aproximando. Afastou minhas coxas com as mãos, segurando-as firmes, e aspirou o cheiro e aquilo fez minha vagina queimar. — Que delícia! — Tremendo trinquei os dentes, gemia em pequenos gritos sufocantes.

— Gosta de minha boca em você, né? – sussurrou nela e fui agraciada com mais uma lambida de cima para baixo. Envolvendo minhas nádegas, introduziu as pontas dos dedos roçando em meu ânus, pressionando a ponta, me levando à loucura total.

— Amo, amo... — balbuciei sem fôlego com ele lambendo os lábios vaginais e, então, introduziu a língua. — Amo tudo de você, tudo... — confessei absorvendo o ar sofregamente.

— Eu também gosto de tudo: do gosto, do cheiro de todo o seu corpo, não há perfume melhor no mundo. — Encaixou a boca nela toda e penetrava a língua e tirava, e introduziu fundo. Muito sensível, comecei a gozar pressionando com as mãos o tampo de mesa, me contorcendo.

— Puta que pariu! — Com ele sugando tudo de mim, não contive o grito.

— Hum... tão saboroso, tão quente! — rosnando, ele elogiava saboreando de verdade me excitando novamente.

Nossas transas eram sempre assim, e eu era uma insaciável. Necessitada de mais, ajeitei meu corpo e agarrei seus cabelos o trazendo aos meus lábios; chupando sua língua sentindo o meu próprio sabor, enquanto descia a calça de moletom dele junto a boxer branca. Parei de respirar sentindo sua ereção encostar em mim. — Você quer ele? — Enrolou o dedo no gigante pincelando a glande robusta no meu centro latejando, e a outra mão puxou meus cabelos, exigindo espaço no meu pescoço, mordiscando, burlando endoidecido de tesão.

— Por favor! — implorei sem ar. — Eu preciso de você, agora...

Encaixou e segurando meu quadril, puxou-me para ele enterrando tudo com força, me rasgando. Agarrada aos seus cabelos, quase arrancando-os, eu gritei de dor e tesão.

— Gosta assim? — sussurrou em meu ouvido estocando firme, suas mãos em minhas costas unindo nossos peitos, um sentindo o batimento cardíaco do outro. Um desejo imenso era o nosso ali abraçados.

Assenti apenas de cabeça. Com meus olhos fechados, curtia a sensação gostosa de tê-lo todo dentro de mim.

— Deliciosa — sussurra em meus lábios, entrando e saindo rápido e bem gostoso. E grito com o prazer sendo aumentado, sentindo-o bem no fundo. — Você me deixa louco. — E recomeça investindo fundo, me fodendo mais forte. O suor de nossos corpos se misturando de acordo aos movimentos. Estamos em sincronia absoluta quando sinto minhas paredes internas estrangular seu pau crescendo lá dentro. — Eu vou gozar, amor. Vou gozar. — Seus dedos quase furavam a pele das minhas costas com ele arremetendo com mais brutalidade, pressionando-o fundo, estremecendo, jorrando o esperma quente em meu interior.

Apenas tinha condições de expressar corporalmente sentindo uma onda de prazer me atingir, mais um orgasmo veio com força. Finquei as unhas em

suas costas. Gememos em uníssono, beijando-nos desesperados, apaixonados. Pelo menos era o que eu achava.

Arqueei tocando as pontas dos dedos trêmulos na pele do tórax musculoso dele naquele sobe e desce rápido de sua respiração ainda descompensada. Seus olhos cinzas tinham um brilho de dar medo. Eu sentia um clima tenso entorno e era bem carregado. Espalmei sentindo seu coração bater sob a minha palma. Era maravilhosa a sensação, porém, senti todos os pelos do meu corpo se arrepiarem de medo.

Ele segurou meu rosto com força.

— Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. — Beijou-me de uma maneira agressiva. Eu sentia a despedida no ar.

Correspondi ao beijo com a pulga atrás da orelha e o pior veio a seguir.

— Precisamos ir embora. — Seu tom de voz autoritário foi tão assustador quanto sua atitude. Ele se afastou subindo a cueca e a calças juntas, pegou a camiseta no chão e seguiu para o banheiro, abandonando-me ali, no vácuo, com um milhão de perguntas a fazer.

Sentei na beirada da cama o aguardando e ouvia o barulho do chuveiro. Quando ele saiu do banho já vestido, parou ali na porta com seus olhos indecifráveis travados nos meus. *Muito inexplicável!*

— Acho que a gente precisa conversar, não acha?

Seus olhos desceram para os pés, antes de retornarem.

— Qualquer coisa que eu diga neste instante, vai arrasar você pelo resto de sua vida. Vamos deixar para depois, Carolina, depois! — O jeito formal de dizer meu nome causou um nó enorme em minha garganta. E foi neste instante que o seu celular tocou no bolso da calça.

— Alô! — Não era impressão, eu ouvia distante, mas ouvia um tom de voz feminino respondê-lo do outro lado da linha. Seus olhos percorriam meu

rosto exalando uma tristeza incompreendida por mim. — Não, ainda não! — disse ele fechando os olhos e suspirando atormentado.

— Precisa contar logo para ela! — Estava tão compenetrada na conversa dele ao telefone, que juro ter ouvido esta frase escapulindo do celular. Apertei meus punhos engolindo duro.

— Já estou a caminho, espera que não vou demorar — dizendo isso, notei uma lágrima fugir dos seus olhos, e realmente foi intrigante.

Saltei da cama.

— Já chega de suspense! — exigi cruzando meus braços em frente aos meus seios, o encarando. Ele não sabia se ria ou chorava. — O que ocorreu de tão grave que pode me arrasar? O que está acontecendo, Marcelo?

Estendendo seu bração, a mão grande veio em forma de concha a minha face.

— Agora, estou sem condições para conversar e preciso ir de verdade. Mas aproveita, tome seu banho com calma e volte de táxi para casa, ok?

— O quê? — perguntei desacreditada daquela frieza toda.

Inclinando, beijou minha face e, sem mais nenhuma palavra, simplesmente seguiu em direção à porta, abriu e saiu fechando-a atrás de si.

— Eu não acredito! — Corri para a porta e, quando abri, ele acabara de entrar no elevador — MARCELO? — Nenhuma palavra.

A porta se fechou na minha cara como a minha vida foi fechada naquele instante.

Aquele ar carregado tinha um sentido e hoje eu sei que a minha intuição vale ouro.

Tomei um rápido banho disposta a esclarecer o porquê do seu comportamento frígido. Aproveitei um táxi em frente do hotel que acabara de deixar um passageiro. Disquei em todos os números de telefones possíveis que conhecia, nenhum deles atendeu. Liguei na sua empresa: *D'Ávila & Cia*

Comestics, desenvolvedora de diversas linhas de produtos, como fragrâncias (essências), maquiagem, cabelos e cuidados da pele, ela desponta no Brasil e exterior estando no ranking das 20 maiores. E já naquela época, aos 25 anos, Marcelo já passou ao CEO da empresa do seu pai. E ele também não estava.

Passei o endereço da sua cobertura localizada apenas cinco quilômetros do hotel. Quando o motorista estacionou em frente à imponência arquitetônica, um empreendimento de alto padrão como toda a vida dele, eu já senti um calafrio descer por minha espinha.

A portaria tem sistema de controle de acesso biométrico e usei minha digital registrada e entrei acenando ao porteiro, que já me conhecia e acessei o hall de mármore e aço inoxidável, seguindo ao elevador privativo da cobertura com biometria. Vamos lá, 30º andar, respirei fundo colocando meu dedo a fim de abrir a porta e, naquele instante, eu entendi o verdadeiro motivo por não ter me levado a sua cobertura, e seu comportamento alheio.

Eu pressentia!

Na varanda integrada à ampla sala, diante da vista panorâmica iluminada de toda a Alphaville e região, lá estavam as razões. Senti o ar desaparecer completamente, meu coração então! Marcelo triste pra cacete estava com o queixo repousado sobre a cabeça daquela mulher linda e delicada de cabelos negros caindo em cascatas pelas costas, as mãos grandes que acabaram de me tocar seguram firme o quadril arredondado, exatamente como sua barriga redonda, saliente. Sim... Sim... Gravidíssima!

Meu coração expande, não cabendo no peito e dilacera em mil pedaços, queria poder gritar, explodir essa angústia, no entanto ela se resume em um choro silencioso, onde o ódio é o único preponderante. Eu poderia entrar e quebrar o pau, dar na cara dele, fazer o maior escândalo, o que seria mais plausível. Mas não consegui, e não o fiz, engoli a humilhação de ser traída e enganada, dando espaço ao meu orgulho.

Saindo dali evitaria levar um pé na bunda, é claro que ele terminaria nosso namoro. Ele falou em me guardar em suas memórias, sobre eu ficar arrasada...

Sem chão, dei meia volta decidida a não me rebaixar na frente da sua amante carregando um fruto dele. Nenhum dos dois notaram a minha presença, e voltei para minha casa. Destroçada. E a primeira pessoa que encontrei ao entrar na sala foi o Derek, vestindo uma bermuda de sarja em tom terroso, um tênis branco e aquela regata preta deixando evidentes os músculos dos braços e peito, segurava um copo com uma dose generosa de uísque.

— O que aconteceu contigo, Carolina? — Ele se levantou de imediato. Desesperada corri para tomar o copo da sua mão.

— Eu preciso disto, me dá! — Virei o copo de uma vez na boca, ele assistia meus movimentos, preocupado.

— É melhor ir devagar! — aconselhou quando terminei a bebida e o encarei com meus olhos encharcados.

— Preciso de mais uma dose — solucei e corri ao bar embaixo da escada, e enchi o copo até a borda. Virei de uma vez, perdi o fôlego e comecei a tossir.

— Eu avisei para ir mais devagar. — Chegando perto, Derek enlaçou a mão pela minha cintura acudindo. Tombei a cabeça de lado repousando em seu ombro. — Uma boa conversa resolve mais do que a bebida — sussurrou sobre minha cabeça.

Assenti e ele me levou ao sofá se sentando ao meu lado, ajeitando o corpo, ficamos de frente um ao outro. Diante daqueles olhos verdes e rosto barbudo, sendo decorado com os cabelos loiros no ombro, estava meu amigo parrudão. Eu me acovardei envergonhada, jamais diria que fui traída, principalmente a ele. A pessoa que sempre deu indícios de que nutria sentimento fortes por

mim. *Quase três anos de namoro e agora isso.* Meu orgulho jamais permitiria.

— E se eu disser que não pretendo conversar! — Atraída pelos braços musculosos e seu perfume inebriante, joguei meu melhor tom sensual inclinando por cima dele. Nem sei porque fazia aquilo, vingança talvez! Mas eu fiz.

— Se estiver pensando no que eu estou pensando, confesso que vai me deixar superfeliz — disse emoldurando meu rosto e me beijou ardentemente. Um beijo forte, que não significava nada para mim, e esfregava sua ereção aumentando em meu quadril. E mais uma tragédia.

A porta da sala se abriu e por ela surgiu ninguém menos que o Marcelo.

— SUA VAGABUNDA! — gritou ele, seus olhos marejando. Saltei de cima do Derek recuando diante da fúria declarada, e Derek não teve tempo. Marcelo o pegou pela regata o levantando e arremessou o punho embaixo do queixo dele, o derrubando sobre o sofá.

— Você está maluco, Marcelo? — Empurrei-o para o lado aguardando o Derek se recompor.

— A sua sorte é que não sou um covarde! — ele desdenhou. — Quer saber. Estava angustiado aqui dentro preocupado em magoar você. — Espalmou sobre o peito — O que eu tinha para lhe falar arrasaria a sua vida e você me ajudou com isto! Facilitou a minha vida. Vocês se merecem.

— Sentar em cima do rabo e acusar é fácil. — Ele grunhiu revoltado ao meu comentário, porém, não disse uma só palavra enquanto me encarava. — Vai direto ao ponto e diga de uma vez o que pode vir me magoar! — Arrependida em agir por impulso e investir sobre o Derek, incitei sem abrir o jogo na esperança de estar enganada, e ele dar uma explicação salvadora. E não! Ele não abriu o jogo, dando-me a certeza de que levei bolada nas costas.

Ele respirou fundo meneando a cabeça, negando.

— Tem coisas na vida que não há como mudar, então vamos deixar como está. Será melhor para todos.

— Como assim? — Fiquei perplexa. — A cena que acabou de ver aqui... — Pretendia falar tudo, dizer que foi ciúme por vê-lo nos braços da grávida, e ele interrompeu erguendo a mão à minha frente.

— Não me importa! — Sacudia a cabeça numa postura definitiva, séria e gélida. — De qualquer forma, o nosso namoro acabaria na data de hoje. — Deu as costas e, a partir dali nem uma palavra, nem ligação. Nunca mais o vi, até hoje.

Guardei tudo comigo. Sou orgulhosa demais para expor esta tragédia dos infernos. Esta é a minha triste história.

Recordar aquele dia é a morte para mim, diante da emoção negativa, liguei o carro, minha casa não era a opção no momento, então saí sem destino, circulando pelo bairro onde a vida está próxima à natureza e o luxo entorno com seus condomínios de alto padrão. Tudo por ali remetia à minha infância, adolescência, e aquela sensação aumentava a saudade da minha época de escola. Época em que não havia problemas além das notas, era uma batalha em dias de provas, mas também alegria quando nós, alunos, visitávamos um asilo na cidade vizinha.

— Dona Esmeralda! — pronunciei com meu coração aquecido. Moradora da casa de repouso, ela sempre foi uma grande inspiração para mim. Fechei meus olhos pensando o quanto estava em falta com ela, afinal, depois que fui embora de São Paulo e as minhas visitas sempre nas madrugadas, evitando sair do meu condomínio, nunca mais a vi. *É a minha melhor opção!* Dei meia volta decidida a fazer-lhe uma visita.



Capítulo Dois

MARCELO

Que porra de mulher geniosa! Estava possesso, caminhando pelo concreto da calçada molhada em direção à entrada do prédio. Deixando-me a ver navios, depois de gozar à minha custa, ela mexeu com o meu brio e detonou a minha paciência. E este coração dentro do meu peito dando uma surra nas minhas costelas? *Sabe que não posso dar alimento a este sentimento, portanto se aquiete aí dentro, por favor.* Bati no tórax com o punho.

Agora era tarde demais, não tinha como voltar atrás, era imprescindível dar sequência ao que comecei. E se pensa que vai me ferrar está completamente enganada! Ela não é a muralha ao qual se revela, e vou provar que sua fortaleza é tão frágil como castelo de areia.

Você está compreendendo isso? Com aquela onda de arrepio pelo corpo, ainda com a sensação deliciosa de tocar nela, apertei a cabeça do meu pau latejando dentro da calça molhada. Não podia deixá-lo tomar as decisões pela cabeça de cima. Senti um tesão incontrolável por aquela diaba gostosa. Isto não era bom... Precisava do sangue frio, só assim alcançaria concentração no que era necessário, e deixar esta obsessão de Carol de lado. Mas era foda! Trepar com ela sempre foi incrível, ela proporcionava algo animal que mulher nenhuma conseguiu até hoje.

A palavra fraquejar não existia no meu dicionário, não era homem de perder uma parada, ainda mais se tratando da área financeira. Como qualquer

empresário, não gosto de correr riscos e não vai ser em vão a descapitalização que fiz em minha empresa para a compra da Uchoa.

— Se ela está pensando que vai ditar as regras, ela está completamente enganada! — falei em voz alta atravessando a porta de vidro e fui surpreendido pelo Derek com as mãos no bolso da calça, me encarando debochado.

— Agora o superpoderoso Marcelo D'Ávila deu para falar sozinho?

Trinquei o maxilar e fechei minhas mãos por um fio de socar a cara deste folgado.

— Ou será porque está com dificuldade de digerir a derrota? Afinal, não deve ser fácil, para alguém acostumado a ganhar todas.

— É impressão minha ou você estava bisbilhotando? — Ajeitando a gola encharcada da minha camisa, cutucando a pele do meu pescoço, mudei a postura irada por uma sarcástica. Não podia deixar transluzir o quanto estava afetado.

Ele riu, provocando:

— Só preocupado com a segurança da minha cliente. — Tirou as mãos do bolso da calça e caminhou em direção ao elevador, eu o segui parando ao seu lado.

— Se realmente se importa com os seus clientes, deveria representá-los melhor, já que eles o consideram um advogado brilhante.

Ele lançou um olhar indiferente, ou melhor dizendo, tentou: pela lateral dos meus olhos, via um ponto de interrogação enorme nos dele.

— Sim — afirmei confiante. Suas sobrancelhas loiras se juntaram, intrigado. No entanto, ele permaneceu de frente para a porta do elevador. — Com o pagamento antecipado, a elaboração do contrato também foi minuciosa. Ou esqueceu as cláusulas?

A porta do elevador se abriu e ele entrou em passos pesados. Ri de canto satisfeito por atingi-lo. Virando de frente, voltou com as mãos ao bolso da calça e afrontou-me numa frágil postura tranquila.

— Eu redigi o contrato, portanto não há como esquecer.

— Hum... — Apertando os lábios, acenei a cabeça, cínico. — Assim fico mais sossegado, afinal, diante da hipótese de uma desistência por qualquer membro do contrato, ocorrerá um ressarcimento com multas astronômicas. — Suas sobrancelhas ergueram em aflição. — Tem que concordar comigo que um valor tão substancial causaria prejuízos e danos à vida financeira da família.

Ele grunhiu, inconformado.

— Suas imposições foram injustas — atacou de maneira indevida.

— O extorquido aqui fui eu! — Espalmei no peito. — Paguei muito mais do que valia aquela joça — exprimi entredentes.

Seus olhos desconfiados subiram defrontando aos meus.

— Este seu acerto é que me intriga — começou ele avançando um passo. Ficamos muito perto um do outro, nos olhando diretamente nos olhos e bufando como touros bravos. — Não pagaria uma fortuna por algo que não representasse algum futuro promissor!

Titubeei à insinuação, recuando um passo.

— A minha vida interessa somente a mim — falei ríspido. Neste instante, o elevador parou no andar e a porta deslizou se abrindo. — Se deseja o bem aos seus clientes, aconselho que os oriente melhor sobre os riscos de uma abdicação.

E saí caminhando rápido pelo corredor em direção ao seu escritório. Na antessala, Cauã, de frente a mãe e filho, respondiam a uma enxurrada de questões.

— Pelo visto, não teve acordo — comentou Cauã varrendo os olhos negros pela minha roupa molhada.

— A Carolina pediu um prazo a fim de pensar — interveio Derek entrando logo atrás.

— Às vezes, eu paro e me pergunto o que teria acontecido entre vocês para este ódio todo. — Gui torceu a boca focado em meu rosto. Sem saber o que responder, desviei da pressão dos seus olhos esbarrando com os inquietos do Derek e os umedecidos da Viviane. Baixando os olhos, ela soltou os cabelos loiros escuros caindo-lhe sobre seus ombros.

Recuperei-me de imediato.

— A pauta hoje é sobre negócios, somente negócios — explanei entrando na outra sala a fim de pegar minha maleta. Vi a blusa da Carol ali sobre a mesa. *Vai aprender a me respeitar, sua audaciosa!* Saí da sala esbarrando com os quatro pares de olhos e travei na Viviane. — Tratem logo de convencer a Carol a assinar o contrato. Não é prudente subestimar a minha paciência.

— Se dirija a mim e não a minha mãe — advertiu Guilherme se colocando na frente da mãe.

— Que seja assim, então. Só espero não ter que entrar na justiça pedindo o ressarcimento ao qual tenho o direito — alertei e chamei o Cauã. — Vamos embora, Cauã. — Caminhei em direção à porta.

— Só um instante — comunicou ele. — Vou pegar minhas coisas.

— Te espero no elevador — avisei e saí imediatamente do sufoco, necessitando de ar para respirar.

Caía uma garoa fina agora, cada gota em mim fervia e soltava até fumaça com a quentura do meu corpo em total ebulição recordando daquele beijo, cujo gosto ainda recheava meus lábios, e o jeito como a peguei mexeu com meus sentidos. Andando em direção ao local onde meu carro estava estacionado, embrenhei os dedos da mão direita aos cabelos, quando na verdade precisava pegar no meu pênis duro como rocha, desde aquele momento a ereção estava constante. Mas não podia com os olhos do Cauã atento em cada gesto meu, ali no meu passo. Agradecia mentalmente por ele não fazer perguntas respeitando o meu silêncio externo, é claro! Pois, em meu interior, estava uma baderna, uma total e absoluta desordem.

O disfarce nada serviu.

— Olha, Marcelo! — começou Cauã. — Além de ser seu advogado, sou também seu amigo e me faço a mesma pergunta que o Guilherme.

Tem episódios na vida que nem temos coragem de comentar.

Respirei fundo, decidido a mudar de assunto. Já ao lado do meu SUV esportivo prata, acionei o controle destravando e abri a porta o encarando com seriedade.

— A pergunta ao qual precisa se fazer é de encontrar caminhos rápidos de um possível processo contra os Uchoas, caso eles tentem enrolar! — declarei alto, claro e em bom tom. *Precisa dar certo, senão estou encrencado!*

Como um bom entendedor, ele assentiu soltando o ar em evidente desistência, abriu a porta do passageiro e se jogou dentro do carro. Balancei a cabeça, para expulsar aquela ordinária gostosa, e entrei também.

Independentemente de qualquer coisa, a afronta dela não saía da minha mente. *Me deixou a ver navios!* A filha da puta vai pagar caro pelo desaforo em me deixar na mão. Mulher nenhuma até hoje ousou tanto. Estou acostumado a implorarem por mim. Tantos dissabores juntos, ativou a minha fúria. Expirei fortemente, e entrei na rua da D'Ávila & Cia. Comestics

localizada no centro empresarial da mesma região, onde se concentrava toda a parte administrativa e financeira.

Parei em frente do complexo com três torres de 24 andares corridos de fachadas com película de vidro e granito flameado e todos exclusivos da minha empresa. Desliguei o motor e, segurando o volante, aguardei o Cauã descer.

— Não vai descer? — questionou estranhando.

— Tenho um compromisso inadiável aqui perto — expliquei rapidamente. — Vou passar rapidinho em casa para tirar esta roupa molhada, já estou em cima da hora marcada. Não vou demorar! — garanti.

— Ok. — Dando de ombros curvou-se a fim de pegar a sua maleta no banco de trás. Enquanto isso, concentrei-me matutando sobre cobrar cada centavo do que depositei com juros e correção, abrangendo a compensação do tempo que perdi com eles.

— Procure na legislação todas as maneiras de fugir dos trâmites e da morosidade processual — estabeleci antes dele descer. — Tenho pressa para me livrar desta família maldita.

Ele arqueou, confuso.

— Por que maldita?

Fechei meus olhos rapidamente e respirei fundo bloqueando o passado guardado a sete chaves despontando de minhas memórias.

— Isto não vem ao caso — desconversei.

Irredutível, ele deu seguimento:

— Acho que está exagerando no seu ponto de vista. A Carol só ficou perdida diante da surpresa, que, aliás, caiu muito mal — enfatizou acenando de cabeça, focado em meus olhos esperando uma confirmação. Eu confirmei, é claro.

Também não achei justo a forma como a mãe e o irmão arquitetaram contra ela.

— Nunca na minha vida envolvi em alguma aquisição frágil. E não vai ser agora, apostamos muito dinheiro neste negócio. Não posso esquecer que tenho responsabilidades com a minha família ao qual preciso prestar contas.

Ele torceu a boca e ergueu as sobrancelhas.

— A família é honesta, a Carol é honesta! — defendeu com todas as letras. Fixei em seus olhos sem uma opinião sobre o seu raciocínio. — O máximo que pode acontecer é a devolução do dinheiro. — Senti uma pressão no meu coração e neguei de cabeça.

— Não pretendo abrir mão da Uchoa.

— É pessoal? — incomodado, ele quis saber.

Desci meus olhos para o relógio em meu pulso até minha mão segurando o volante.

— Vai lá agilizar o processo, por favor! — interrompi.

Comprimindo os lábios grossos, ele abriu a porta e desceu, eu saí em disparada dali.

Morar e ter empresa na região facilitava minha vida levando em conta o trânsito da cidade. Aproveitei e tomei um banho ligeiro, escolhi o terno italiano cinza chumbo, apliquei o perfume e atrasadão, saí rapidamente. Mas, antes de seguir ao compromisso ultraimportante, dei uma parada na confeitaria.

Aproximadamente 18 quilômetros foi o percurso até ali, na casa de repouso Luz do Sol, no amplo e excelente terreno arborizado. Ao embicar em frente à portaria, o sensor do portão captou o selo no para-brisa do meu carro, abrindo-se automaticamente e entrei à direita, onde está situada a garagem dos visitantes.

A instituição era bancada pelos seus idealizadores. Em nosso colégio havia um projeto social muito bacana, onde nossos pais contribuíam com doações generosas em dinheiro para as mais diversas instituições de caridade. E quando o projeto ultrapassou os muros da escola é que conhecemos este lugar. Digo nós, porque a Carolina também fazia parte da turma. Cada dupla adotou um idoso. Eu acabei fazendo dupla com ela, e nos apegamos muito a dona Esmeralda, uma senhora hoje com 79 anos e triste. Não foi apenas a vida dela que teve novo sentido, aprendi na prática que se doando tão pouco pode significar tanto as outras pessoas. Tudo que os idosos procuram é alguém para conversar, contar as histórias da juventude, segurar em nossas mãos, dar risada. Atenção e carinho, apenas...

— Droga! Estou fodido! — Irritei-me com os efeitos colaterais a presença da Carol. Larguei uma mão do volante e cocei a cabeça ao avistar o carro que ela estava usando ocupando uma das vagas. Além daquele irritante gelo na boca do estômago, ainda fiquei com o pau duro. Bem... ele não amoleceu desde a nossa pegada inacabada. E o seu cheiro impregnado se tornou uma praga me deixando inquieto, aliás, "nós".

Expirei com força. Ela bagunçou geral minha cabeça aparecendo novamente na cidade depois de seis anos.

Sequer teve a decência de vir visitar a casa de repouso. Até hoje, eu levo a sério com visitas frequentes. Não posso intitular-me um voluntário por falta de tempo, mas sou um patrocinador assíduo do local, que hoje tem infraestrutura completa além de profissionais experientes no ramo da saúde.

— Não precisamos dela, cara! Aliás, mulheres belíssimas tem de montão! — ralhei entre o maxilar travado. Irredutível, ele latejou dolorosamente. E curvei pegando a caixa do bolo no banco do passageiro e desci o ignorando. *Estou engasgado com a sua petulância.*

Com passagem livre pelo local, passei pela recepção: o local amplo contava com poltronas de couro marrom na parede ao fundo; e na frente, um balcão arredondado no canto todo em madeira clara.

— Bom dia, Marcelo! — Fascinada, a jovem atendente, vestida no terno de saia preta e camisa marrom, com os cabelos tingidos e presos num elegante coque, cumprimentou-me banhada naquele sorriso safado me dando mole. Da outra vez que estive aqui, a mulher elogiou a barba, com aquele papo conquistador de me deixar com aparência selvagem e muito atraente. *É aquilo que digo, mulheres não faltam para nos aliviar!*

— Bom dia! — retribuí o cumprimento embaixo de meu melhor sorriso frio, outro fator preponderante na conquista.

— Vejo que não se esqueceu do aniversário da dona Esmeralda — comentou desviando os olhos para a caixa de bolo em minha mão. — Inclusive, tem uma moça lá no jardim com ela. Deve ter lembrado também.

Rosnei com o medonho frio na barriga.

— Com licença! — Sem esperar resposta, saí apressado entrando no corredor largo dos quartos em direção à grande porta de vidro no final dele, que dava acesso ao jardim mencionado, onde neste horário todos os moradores cuidados pela equipe se encontravam tomando ar puro.

Logo após o aparador de madeira escura, na parede no final do corredor, a porta automática se abriu, deparei com os espelhos d'água (uma extensão de água sem correnteza, semelhante a um lago) embelezando o lugar. Ao término começavam os muitos canteiros, trepadeiras e as árvores frondosas. Sob suas sombras de um fraco sol que despontou ao cessar da chuva, estavam vários bancos de madeira com almofadas de couro sobre assento e encosto, garantindo o conforto dos idosos. O lugar mais encantador de toda a instituição; com certeza, as luminárias penduradas permitiam um luar agradável.

Meu coração ficou agitado quando vi as duas sentadas, uma ao lado da outra. Meia inclinada à direita, as mãos franzinas de dona Esmeralda seguravam as duas juntas da Carol ali de cabeça baixa, os cabelos quase secos estavam alvoroçados, as roupas pareciam secas. Mais alguns passos eu arranjei uma privacidade e pude ouvir a conversa.

— Tão bem-sucedida nos negócios e não chegou a se casar, querida? — pergunta nota mil à da dona Esmeralda. Fiquei curioso também. Sem levantar a cabeça, Carol balançou em negativa.

— Estou sozinha por escolha própria. — *Frase intrigante, mas que caiu no meu agrado.* Ela ergueu a cabeça focando dona Esmeralda. Eu arrastei-me para o lado procurando me esconder. — Tive alguns compromissos mais prolongados e não rolou, sabe? A realidade é que perdi a confiança nos homens.

— Não, minha filha! — Conheço aquele tom inconformado da dona Esmeralda. — Não se permita viver na solidão. É terrível!

Ela riu de maneira nada convincente antes de prosseguir:

— Tenho uma vida atarefada, não tenho nem tempo de sentir solidão. E outra que não tem coisa melhor no mundo não precisar dar satisfação do que faço ou deixo de fazer.

Somos dois, boneca!

Sentia-me estranho e começava a preparação para sair dali e me revelar quando ouvi o som de um celular tocando.

— Com licença — Carol pediu e estiquei o pescoço a tempo de apreciar a levantada sensual dela. Ao se afastar para atender, acabou ficando de costas para mim. Parei os olhos na bunda grande empinada e gostosa no corpo magro, totalmente delineado, o tecido grudado realçava a calcinha enterrada. Imaginei-me fodendo ela legal. *Delícia!* Fiquei muito excitado com a visão esplêndida. E a culpa é exclusivamente dela por eu estar tão tarado hoje.

Preciso de uma gostosa a fim de resolver este impasse!

— Estou bem, sim! É que surgiu um imprevisto.

Sua voz ecoava e fluía pelo meu corpo em um ritmo sedutor. Arrepiado, aspirei intensamente decidido a me apresentar.

— Você é o amigo perfeito, Derek. — Travei com aquele nome pronunciado com tanto carinho pela voz doce e macia. Um tom que há muito tempo não ouvia.

"Perfeito, o caralho!", pensei furioso. É um tremendo fura-olho.

— Estou propensa a aceitar, obrigada pelo convite.

Até o sorriso meigo soou horrendo aos meus olhos. Hoje, eu posso dizer que conheço suas duas faces.

— Me espera na minha mãe, já estou a caminho. — Desligou e voltou a se sentar ao lado da dona Esmeralda.

No calor da emoção, considerei uma boa hora para alertá-la sobre os riscos de uma possível renúncia. Dei meia volta e entrei pela porta, depositei a caixa do bolo sobre o aparador ao lado da porta do banheiro e encostando-me nele permaneci ali, com os braços cruzados na altura do peito, a aguardando.

Ouvia seu riso se aproximando, ela falava com alguém. Passando pela porta com o celular no ouvido, ela parou de rir e estreitou os olhos castanho-claros ao me ver, desceu a mão segurando o aparelho e o colocou na bolsa em seu ombro. Havia uma luminosidade atravessando o vidro que lhe fazia estremecer.

— Não esperava te encontrar aqui. — Na nova postura, ela estufou aqueles peitos fartos e abastecida de um sorriso confiante. Embora sempre tenha sido uma pessoa segura de si, nunca foi de debater com pessoas ignorantes. E toda esta confiança despertou algo estranho em meu interior. Um irritante fascínio quebrou o gelo criado em meu coração, o aquecendo.

— Surpresa é encontrar você aqui, porque eu continuo batendo cartão — rebati com o meu melhor sorriso de escárnio. Tentando controlar as batidas aceleradas do meu coração.

Ela vacilou à minha questão. Uma expressão abalada assumiu o lugar da prepotente.

— Dona Esmeralda não mencionou sobre isto, sequer tocou no seu nome. — Suavizou o tom de voz como o rosto, deixando-a ainda mais linda e desejada com o olhar vago. Engoli duro para sair daquela sessão nostalgia, mas admito: é difícil sentir indiferença por alguém que passou tanto tempo presente na vida da gente.

— É o esperado, se tratando da pessoa incrível que ela é, omite seus sentimentos para não magoar as pessoas. — Jogando a real, me arrependi com a sua reação. Descendo os olhos marejados, eles se fecharam densamente e os dentes perfeitos morderam o próprio lábio inferior com ela sacudindo a cabeça em confirmação.

— Tem razão! — A voz embargada indicava choro. O gesto foi suficiente de mexer com meu coração, incitando a vontade de tomá-la em meus braços. Desejo dissipado com a sua grosseria vindo em seguida: — Você é o responsável. Foi o maior atraso da minha vida — comentou entredentes e ergueu a cabeça, seus olhos raivosos soltavam faíscas. — Nunca mais permitirei que cruze o meu caminho.

— Eu? — arfei. Ela permaneceu estática presa em meus olhos. Poderia sentir sua ira quase palpável. — Você não está no seu juízo normal, não mesmo! — zombei revirando os olhos revivendo a cena dela com o Derek na sala de sua casa e levei minhas mãos tremendo de raiva no bolso da calça. Fiquei arrepiado com seu olhar acompanhando o meu movimento e parando no meu garoto, quieto agora, ela ofegou. Discretamente, mas ofegou. — Não tem escolha, a não ser que pretenda ferrar com a sua família de vez.

Ela soltou aquele risinho enervantemente cínico.

— Como pode ferrar com a minha família se o contrato não deu andamento? Sem assinaturas, o negócio não foi concretizado. Finalizamos aqui. — Abriu as mãos, acreditando, em tom de encerramento.

— Fala sem conhecimento de causa — rebati humorado, inclinando e aspirei o perfume.

Esperta, ela arqueou, porém manteve-se me encarando.

— Como não é uma pessoa ingênua, presumo que esteja mal assessorada.

Hesitou movendo os ombros, desentendida.

— É fundamental o advogado de uma eximia CEO, como se intitula e ouço dizer, apresentar o documento após ser redigido para aprovação. Ou no mínimo fazer a leitura com antecedência.

Ela respirou fundo vagueando o olhar.

— Ah, já sei! Confiou no irmãozinho e na mamãe cegamente.

Ela titubeou recuando um passo.

— É mais prudente confiar na minha família do que em você. Acredite!

Será que ela sabe? Esta é a segunda vez que ela joga no ar, na outra me acusou de roubar a sua vida. *Não!* Abanei a cabeça. *Não tem como ela saber, não mesmo!*

— Bem, a pauta aqui não é confiança e sim pleitear os meus direitos. A exigências por parte dos interessados da Uchoa foram exageradas. Aceitei pagar antecipado como solicitado desde que tivesse uma garantia de não desistência.

Seu rosto empalideceu de imediato.

— Como vê, sou um empresário e não um estelionatário. Fui generoso até demais. Se for de sua vontade, posso colocá-la a par, neste instante, do quanto estamos falando.

Ela grunhiu insegura.

— Não preciso de números, e sim analisar minuciosamente a minuta. — Em defesa, ergui as sobrancelhas resoluto, e foi o pivô dela vir com a língua afiada pra cima de mim. — E esteja certo de que derrubarei esta sua confiança, pode até ser impulsivo e se achar um controlador. — O sangue subiu à cabeça com seu atrevimento. — Pois saiba, seu egocêntrico, não está no controle. — Em sinal de afronta, ela deu dois passos parando muito perto. O perfume floral era de matar. — E vou provar, encontrando neste maldito documento, cláusulas abusivas e facilmente conseguirei a anulação.

Travei meu maxilar e, por falta de uma parede onde socar, enrolei meus dedos em sua garganta e a puxei para mais perto, perambulando meus olhos pelo rosto indiferente, olhar determinado.

— Estou farto de suas acusações infundadas — exprimi sendo dominado por uma sensação incrível e excitante do seu hálito morno com ela ofegando através dos lábios grossos e apetitosos entreabertos. Parei os olhos neles, desejando-os demais, ela notou.

— Não se atreva! — A voz dela saiu fraca e, diante do quanto estava excitado, empurrei-a contra a parede impondo-lhe um beijo perverso na boca, enquanto espalmei a outra mão no quadril pressionando os dedos em sua pele. Sentia um tesão incontrolável. — V-vou processar voc... — balbuciou comigo imprensando-a na superfície sólida.

Ela gemeu sentindo minha ereção a ponto de arrebentar o zíper, pulsando no mesmo ritmo do nosso beijo fervoroso, agora bem recebido e ansioso. Escorreguei a boca molhada, faminta pela pele macia e perfumada de sua face indo até a orelha, beijando tudo por ali, ouvindo-a gemer sufocado com a cabeça levemente inclinada ao lado. Os efeitos pelo meu corpo eram uma delícia. Ela também curtia cedendo aos meus ataques.

— Você está me devendo, vem comigo — falei em sua boca me recordando de que o local era passagem obrigatória para o interior da casa.

A resposta foi segurar meus cabelos, exigindo o retorno do beijo duro. Ondulava meu corpo contra o dela preso à parede, ficando cada vez mais excitado. *Como é gostoso me esfregar nela. A sensação é indescritível!*

— Não aguento mais. — Levei-a comigo para o lado abrindo a porta do banheiro e entrei a arrastando, sem nenhuma restrição por parte dela. Ao contrário, deixando a bolsa em seu ombro cair aos nossos pés, me puxou para mais perto, de maneira que nossos corpos em ebulição colassem total, e completamente. Esta necessidade de contato entre nós era excepcional, mesmo brigando feio em completo desentendimento, nenhum de nós negávamos fogo. A conversa ficava sempre para depois.

— Você é um imbecil gostoso! — sussurrou no segundo que lhe dei uma trégua para respirar e desci a mão entrando pela bendita abertura do transpasse. Ela arfou com minha mão apalpando forte sobre a calcinha já molhada.

— Caralho! — grunhi desesperado para sentir mais, agarrei no tecido e puxei rasgando-a, jogando-a por ali, passeando duro pelo clitóris inchado e molhado, penetrando com investidas duras com ela gemendo, rebolando na minha mão e cravando as unhas em minhas costas.

Engolindo sua língua, sentindo-a tão molhada, estava quase subindo pelas paredes. Sua excitação fluía por meus dedos. *Delícia!*

Com a respiração forte, sua boca deslizou pelo meu queixo, pescoço enquanto suas mãos desceram até o cós da minha calça, abrindo-o. Então desceu o zíper. Fechei meus olhos retendo a respiração com aquela mão delicada, quente e promissora entrando na boxer. Seus dedos se fecharam ao redor do meu pau, o extraindo para fora.

— Uau! — gemeu. — Ele continua tão grande e grosso.

Meu ego saltou voo e ela regressou à minha boca num frenesi magnífico comigo deslizando dentro dela, meu polegar massageando o centro nervoso,

em resposta ela massageava forte e firme da base à glande sensível e vice-versa, me levando à loucura. Um gemendo na boca do outro.

— Assim que gosto de você, sem fazer jogo duro. — Com os dedos da mão livre entrelacei em seus rebeldes cabelos, puxando, descendo o beijo para seu colo exuberante. Introduzi a língua em meio a eles, sentindo-a estremecer em meus braços. — Vira para mim, vira! — Em total entrega, ela girou seu corpo de modo que ficou de frente à parede, espalmando nela. De costas para mim subi seu vestido, admirando aquela bunda no qual sempre fui tarado.

Segurei seu pescoço passando a cabeça do meu pau duro e latejante entre suas pernas.

— Sem preservativo não vai rolar — soltou sem nenhuma convicção. A prova estava ali, na devassa empinando a bunda à caça dele, e a cabeça arqueando, encostando-se ao meu peito.

Não havia como parar agora, por nada neste mundo perderia a chance de foder com ela e me aliviar. Assim a tirarei do meu sistema de uma vez.

— Você tem algum na bolsa? — perguntei arrepiado pra cacete, movendo-o no melado de seu centro. A sensualidade atingia a ambos, trêmulos. Deslizava pelo seu clitóris e o encaixei na entrada. — Em caso negativo, não se preocupe, sem preservativo somente contigo, está segura comigo como acredito estar com você.

— É melhor não — disse ela hesitante, completamente sufocada. E mudou de ideia a seguir, empurrando a bunda contra ele a preenchendo. Não aguentei, o desejo de enterrar foi maior do que qualquer coisa, afundei tudo, ouvindo-a gritar afogada de tesão, sacudir em meus braços. Levando as mãos para trás, agarrou minha cabeça e eu fodendo duro e gostoso, agarrado, esmagando os seus seios grandes e deliciosos.

— Apertada e quente, gostosa demais... — rosnei socando até o limite sentindo a contração ao redor dele, indo tocar em seu clitóris, ela suspirou ajudando no movimento intenso e sincronizado.

Sofremos uma rápida interrupção com seu celular tocando até cair na caixa postal. Pensei imediatamente em cometer um crime quando entrou aquele filha da puta do Derek.

— Carol? Você está bem? Liguei várias vezes depois que a ligação caiu e estou preocupado. Retorna-me assim que ouvir esta mensagem, a gente precisa terminar aquele nosso assunto, tá?

Como as duas cabeças estão sensíveis pelas fundas e fortes estocadas, senti tremores fortes e, numa mistura de tesão e necessidade de vingança, gozei, urrando. Aguardei apenas um momento e, ainda ofegante, saí de dentro dela ajeitando minhas calças.

Ela paralisou por um segundo sem entender e se virou, seus olhos escurecidos e a respiração entrecortada de desejo cobravam uma explicação.

— Agora estamos quites. Obrigado. — Sorri malicioso ajeitando o meu cabelo e novamente ouvi aquele maldito celular, e a voz do escroto explodiu no ambiente.

— É melhor se apressar senão o incompetente vai enfartar — puto da vida, forcei um sarcasmo e abri a porta do banheiro.

— Idiota! — ela praguejou antes de eu sair e fechar a porta na cara dela.

Agora sim, ela era carta fora do baralho, eu digo no âmbito pessoal. Pois ainda teria o desafio de finalizar a compra da Uchoa. Esperava não ser tão difícil agora sem esta obsessão sexual por ela.

O sol brilhava no céu ainda meio que hesitante, a todo instante se escondia atrás das nuvens espessas e escuras. Dona Esmeralda saltou graciosamente do seu banco ao me ver chegando com a caixa de bolo nas mãos.

— Você se lembrou, meu filho?! — disse ela, as lágrimas de felicidade banhando o rosto de pele clara e marcada pelo tempo. O vestido que usava era mais alegre com estampas azul-claro e amarelo, e caiu bem com os cabelos curtos e brancos como algodão. Ela até ousou um batom rosa nos lábios, o que a deixou muito bonita com seus olhos castanho-escuros.

— Como poderia esquecer de uma mulher megaespecial! — Passei a mão na sua cintura, beijando a face quente e perfumada. — Hum, conheço este perfume.

Ela riu toda feliz.

— Ganhei de um galã, sabe? — disse trazendo as pontas dos dedos da mão direita em minha face. Fechei meus olhos para receber sua energia boa.

Ela era daquelas pessoas que não olhavam para trás. *Guardar ressentimento é como tomar veneno, ele te mata aos poucos*. Não tem como não admirar alguém com tanta sabedoria. Apesar da vida familiar conturbada, ela não guardava rancor de ninguém.

— Combinou com a senhora. — Beijei-a novamente e fui colocar o bolo sobre a mesa, e voltei a abraçá-la pela cintura beijando sua testa. — Feliz aniversário.

— Obrigada, meu filho! A Carolina acabou de sair daqui — comentou se afastando, dedilhando meu peitoral com todos os dedos. Arfei me afastando, deixando meu olhar se perder e dona Esmeralda notou.

— Eu sei — disse apenas.

Ela sorriu, compreensiva.

— Contou para ela? — quis saber. Neguei de cabeça revirando os olhos para o céu e permaneci com ele lá em cima. — Já vi que não!

— Sei que precisávamos conversar. — Voltei em seu rosto em desaprovação. — Pensei muito em todos estes anos e não encontrei sentido em cutucar o vespeiro. Mas vejo sentido neste ódio gratuito sem motivos que

ela adquiriu de mim, vejo-o como segurança. Não quero envolvê-la em nada, tampouco causar mágoas que ela possa levar para a vida toda, principalmente agora, nas circunstâncias que se encontra o seu pai.

— Marcelo! — advertiu. — Pense direito! — alertou.

Sacudi a cabeça no sentido negativo, sem ver uma perspectiva para mim e a Carolina.

— São águas passadas. E vou fazer como a senhora, não vou olhar para trás.

— Faça o que digo e não o que faço — recomendou ela pincelando a ponta do meu nariz. Sorri do seu jeitinho maternal. Depois do falecimento da minha mãe, ela teve presença marcante, o que aliviou a minha angústia. — Eu não concordo com esta sua decisão. A verdade sempre é a melhor opção.

Movi a cabeça negando. Não me sentiria melhor tomando esta decisão.

— Não neste caso! A Carolina é linha dura e você sabe muito bem disto. — Imersa num carinho, ela riu concordando. — E agora ela está em pé de guerra comigo. — Fixei seus olhos buscando sinais de que ela já soubesse e não encontrei nenhum. Ela torceu a boca curiosa. — Ela não falou nada a respeito?

Rindo, ela negou meneando a cabeça.

— A Carolina continua a mesma pessoa que conheci. Muito discreta.

Balancei a cabeça, ponderando.

— Mais ou menos. Discreta eu posso até concordar, mas a mesma já é exagero. Aposto que não se recordou do seu aniversário.

Ela riu sentindo o meu ressentimento. Dei de ombros inspirando forte para sair daquela coisa chata da Carol, segui em direção à mesa onde deixei o bolo.

— Vamos cortar logo este bolo porque os negócios me aguardam.

Ela veio toda sorridente e começou a chamar seus amigos.



Capítulo Três

CAROLINA

Não consigo respirar ainda com meu corpo anestesiado. O desconforto no peito com meu coração batendo a mil era o mesmo do restante do meu corpo. O calor de suas mãos ainda corria por mim. *Ai, que ódio! Ele deve estar se gabando agora!*

Embora tivesse sido uma burrice transar sem a devida proteção, a preocupação maior foi ter cedido tão facilmente, dando à mostra meus sentimentos.

Fazia uso de anticoncepcional injetável trimestral, e por lembrar dele, nem sabia se estava em ordem, precisava verificar. E o Marcelo sempre fora rigoroso com o uso de preservativo, pois, quando namorávamos, só deixamos de usá-los após fazermos todos os exames e eu começar a tomar remédio. Esperava que, neste quesito, ele não tivesse mudado, como mudou de personalidade.

Beleza e dinheiro não eram os únicos atributos do Marcelo; embora se mostrasse durão nos negócios, era um homem de princípios, preocupado com a família, futuro e, além de tudo, alguém que dava valor imenso ao companheirismo. A presença dele na casa de repouso só provava que ele conservou alguma das suas qualidades.

Juro que não entendia o que aconteceu! Na verdade, eu entendia, se apaixonou por outra. Só isso explicava o porquê fui trocada.

Maldito, maldito! Já passou da hora de resistir à sedução deste homem?

Se fossem apenas as tentações da carne tudo bem, só que a coisa se estendia ao meu coração. Descobri ao bater os olhos nele, que meu coração ainda o tinha como aquele cara incrível. A realidade era uma só: não o enxergava como o monstro que era!

Ele era como aquele único copo de água no deserto.

Perfeito e irresistível como sempre!

Aquele pau megaduro, quase na grossura de meu pulso, e aquelas mãos grandes de pegada forte, de tirar o ar, quem é que resiste? Nenhuma das mãos que tocaram meu corpo foram tão possessivas quanto as dele. Tenho a humildade em admitir que o Marcelo era tentadoramente sedutor.

Precisei agarrar o volante com mais força, e respirar fundo em busca de controle ao meu coração acelerado em resposta à adrenalina invadindo meu corpo com minha mente trazendo o beijo devorador. O efeito colateral "Marcelo" era de lascar! Já estava morrendo de tesão, sem calcinha e a minha vagina, pingando, retraiu com as recordações do momento inacabado para mim. A sensibilidade explodiu. Pressionando os dedos no volante, tive um orgasmo intenso.

Que merda! Tremendo e ainda tensa, elevei um pouco o quadril do banco observando o meu líquido, que encharcou o tecido do vestido. Pensei em parar o carro para ajeitar as coisas e esperar todo o mal-estar dissipar, mas não fiz. Seria o mesmo que me acovardar... A época de chorar já foi, agora era imprescindível estar no controle, principalmente com ele querendo invadir o meu território.

Voltei a sentar e abri minha bolsa me lembrando dos destroços da minha calcinha que guardei dentro dela. *Molhadíssima!* Abri o vidro a jogando entre a vegetação permeando a estrada, livrando de tudo que ligasse a ele.

Embora a minha exigência de ninguém falar sobre ele, a informação de que ele ainda estava solteiro chegou a mim. *O que será que aconteceu com a*

mulher grávida e o filho? Sacudi a cabeça para sair da neura, nada dele deveria me interessar.

Não estou imune a ele? Então, esquece! Este passado já foi enterrado.

Mentia para mim, tinha consciência. Porém, não havia outra alternativa senão superar o dia de hoje e assumir uma nova postura para um novo confronto.

Pisei fundo no acelerador pegando a autopista em direção a Alphaville. Estava ansiosa para conhecer os termos do contrato e também beijar meu paizinho lindo. Não aguentava mais de saudades dele.



O condomínio onde vivi os melhores momentos de toda a minha infância e adolescência ficava a aproximadamente dez quilômetros da principal alameda de acesso ao bairro, a mesma onde ficava o escritório do Derek. Inclusive senti um frio na espinha ao passar em frente ao edifício.

Terminando a alameda arborizada com mansões recuadas da calçada estava localizada a residência dos meus pais. A fachada de dois pavimentos exibia um espaço amplo e com muita área verde ao redor. Apesar do projeto arquitetônico atraente e original, ela precisava de uma reforma urgente. Principalmente a pintura branca das portas e grandes janelas desgastada. Meu pai cuidava com tanto carinho de tudo, gostava das coisas organizadas.

Senti um aperto no coração em pensar que minha mãe e irmão não tinham a sensibilidade de enxergar a deterioração causada pelo tempo.

— Talvez esteja na hora de tomar as rédeas por aqui também. — Cheguei a esta conclusão e bufei estacionando meu carro atrás do sedan preto de luxo

do Derek, obstruindo a garagem, necessitadíssima de um banho, estava me sentindo suja.

— Carol, querida! — Fechei a porta do carro e virei ao ouvir a voz doce da Lídia, em seu uniforme branco de enfermeira, que saía pelo portão de aço branco na lateral da casa. Segurava um saco preto com lixo. — Estava ansiosa pela sua chegada! — disse ela largando o saco na lixeira e veio com os braços estendidos, e aquele sorriso tranquilizador, que somente ela tinha.

— Que abraço gostoso! — declarei apertando aquele corpo magro entre os meus braços. Lídia era uma fofa e trabalhava conosco aproximadamente uns 20 anos. Foi contratada como nossa cozinheira e durante este tempo, a bonitinha com 30 anos de idade e esforçada como era, aproveitou o salário encorpado que meu pai fez questão de lhe pagar e entrou para a faculdade de enfermagem, sua grande paixão. Talvez ele pressentisse que precisaríamos também desses serviços dela. — Leva qualquer tristeza embora — completei.

Ela riu gostoso se afastando e segurou nas laterais do meu rosto, seus olhos puxados e castanhos escuros o percorrendo, atenta.

— Um bom chamego nunca fez mal a ninguém. — disse ela torcendo a boca, notei que viria questionamentos. Afinal, a mulher me conhecia muito mais do que os meus pais. — Ao que parece, a mocinha está precisando muito dele... — Ri, concordando, e levei os dedos da mão direita ao rosto de pele clara e macia.

— E muito — admiti. E neste mesmo instante seus braços magros envolveram meu pescoço num outro abraço muito forte, que, além de aquecer o meu coração, transportou a minha alma. As lágrimas foram inevitáveis com toda a tensão. — Meu dia hoje não foi fácil — confessei.

Preocupada, ela beijou minha face com carinho antes de afastar buscando meu olhar, agora sim, nitidamente tristes.

— Imagino! — Suspirou. — Fiquei mesmo desconfiada quando sua mãe, irmão e o advogado chegaram. Silenciosos e com expressões fechadas...

O rosto do Marcelo invadiu minha mente e foi o suficiente para despertar as borboletas no meu estômago. Bufei irritada com o meu comportamento idiota.

— Meu pai está bem? — perguntei.

Ela sorriu fraterna.

— Está lá no seu silêncio confortável. — Ri encantada. Ela sempre dizia esta frase, e acho que também acredito nisto. Porque era assim que o semblante sereno dele nos fazia acreditar.

— Vou resolver um assunto importante com o Derek e, em seguida, vou até seu quarto e enchê-lo de beijos. — Pisquei e beijei sua face e, desviando dela, segui em direção à porta social.

— Faz tempo que os três estão trancados no escritório — anunciou antes que eu girasse a maçaneta. Agradeci e entrei.

Dali mesmo do hall, chão e parede em mármore branco, mobiliado apenas por um aparador branco espelhado com adornos cromados combinando com o lustre de cristal descendo do pé-direito alto, já tinha a visão linda e agradável da sala. Com as cortinas abertas, o ambiente sofisticado estava totalmente iluminado com a luz natural. Mais alguns passos e já senti aquele tradicional arrocho no peito batendo o olho no sofá de couro cinza na sala de estar, outro local tatuado em minha alma. Nunca consegui esquecer seus olhos cinzas cintilantes pelas lágrimas.

A traída sou eu e ele quem chora! É osso...

Infelizmente, sou orgulhosa demais para enfiar isto na cara dele.

— Como vai, dona Carolina? — Andressa, uma das funcionárias da casa, descendo os degraus da escada em curva no centro da sala, perguntou. Seu

rosto redondo como seu corpo acima do peso ideal, dentro do uniforme azul-marinho.

— Estou bem, obrigada por perguntar.

Ela acenou de cabeça e atravessou a sala em direção a cozinha.

Segui pela direita passando pelo home bar e parei em frente à porta dupla deslizante do escritório, e respirei fundo ao ouvir a seguinte frase do Guilherme:

— *Eu imaginava que a Carol não ficaria feliz ao saber quem seria o real comprador. Mas não esperava aquela reação* — declarou Gui com pesar na voz. — *Espero que a minha irmã não interprete erroneamente.*

Ri balançando a cabeça, caindo na real. *Exagerei!* Como de costume, agi por impulso e deixei o ressentimento abrir o caminho à frente. Foi como o Marcelo colocou, não tinha problema nenhum ele ser o comprador. Aliás, o dinheiro não fazia distinção. Reconheci a injustiça contra o meu irmão, ele mudou muito de seis anos para cá, mulherengo ao extremo nunca se preocupou com o futuro, mas agora amadureceu e se tornou uma pessoa dedicada, se esforçava, só que por falta de um capital encorpado, não conseguia progredir na construção civil. Sua meta era tornar sua construtora sua própria incorporadora. E não tinha dúvidas do sucesso com a sua simpatia infalível, sua força de vontade. Ele só precisava de uma injeção de confiança, e eu ia dar a ele.

— *CHEGA!* — o berro da minha mãe, aliado ao som de um murro sobre a mesa me fez parar com a mão na maçaneta. — *As coisas não acontecem por acaso, só pode ser um aviso!* — O silêncio imperou lá dentro. — *Não percebem que este Marcelo está tirando proveito da situação?* — findou num tom de voz de aparente reprovação.

— *Como assim?* — questionou Gui, indignado. — *Ele pagou cinco vezes mais do que vale a empresa hoje* — justificou.

— Neste ponto, eu tenho que concordar — opinou Derek.

O riso histérico da minha mãe foi intrigante e, claro, fiquei encafifada.

— Este rapaz é um empresário forte, porreta, inteligente! Não dá ponto sem nó. — Franzi o cenho ao início de sua explicação. *— Ninguém em sã consciência rasga dinheiro, Guilherme! Para mim, está cheirando a vingança —* acusou de forma sensata.

Concordo com ela.

— Acredita que este rompimento com a Carol gerou um sentimento deste patamar? — indagou meu irmão num tom vago.

Embora faça sentido, é um caso a se pensar!

— Ah, não sei ao certo! São tantas possibilidades que precisamos analisar. Um pouco antes do seu pai sofrer o AVC, ele me contou sobre um encontro com o Marcelo e o pai dele num restaurante. Seu pai andava numa alegria transparente, sabe o quanto ele se dedicou a esta empresa. Era a vida dele.

— E daí?

— Como e daí, Gui? Pensa um pouco, meu filho... É de conhecimento de todos o quanto o Marcelo ficou amargo depois da morte da sua mãe. Eu creio que este interesse absurdo é uma forma de destruir a nossa família. E outra que o seu pai jamais venderia a Uchoa. Nem tudo está perdido, ainda está em tempo de tirá-la do buraco.

— Pode até estar com a razão, mãe. Só que não temos um administrador à altura — argumentou meu irmão.

Angustiada, resmunguei escondendo o rosto com as mãos, com meu coração partido eu chorava abertamente agora. A mãe do Marcelo veio a falecer um ano depois do nosso rompimento, um ano antes do meu pai adoecer. Ressentida, eu sequer dei um telefonema de pesares a família, amava

dona Conceição, amava sua atenção. Mas agora não adianta chorar o leite derramado. Era tarde demais.

Minha mãe está certa! A Uchoa é a vida do meu pai, se vai gerar lucro ou prejuízo, tanto faz ao Marcelo, uma pessoa que toma banho diariamente de dinheiro. Ele pode sim estar usando a compra como uma forma de atingir a minha pessoa, quebrando-a definitivamente. Como classificar uma pessoa com este tipo de atitude? Um escroto mesmo!

E pensar que passei por momentos terríveis aos quais eu queria sumir, morrer. Fiquei tão magra que um vento um pouco mais forte me levava embora. Chorei rios de lágrimas. Sem contar as vezes que me ajoelhei implorando a Deus, rogando por ajuda, a fim de esquecer este crápula.

Agora, ele trair é normal, eu sou caso de vingança. Isto é chocante. *Vai se foder, Marcelo!* Contudo, não assumi o papel de traída perante a sociedade. Isto já me bastava. Pensei invadindo o recinto, porém ainda com milhares de coisas martelando minha cabeça.

— Carol? — Com os olhos dez vezes o tamanho normal, o Guilherme pronunciou rápido, como se tivesse sido pego no flagra.

— Estava pendendo para aceitar a venda até ouvir as justificativas da mamãe — falei de pronto. Guilherme e Derek trocaram olhares aflitos antes de voltar a minha pessoa se aproximando da mesa do meu pai e espalmei sobre o tampo de madeira. — Independente de quem seja o comprador, eu não vendo a minha parte. Agora, se pretende vender a sua, é problema seu.

Ele abriu a boca para contestar, minha mãe soltou um risinho satisfeito e aliviado também. Estendi minha mão antecipando.

— Decidi tocar a empresa, assim estarei agradando o meu pai e em paz comigo mesma. — Contornei a mesa, puxei a cadeira executiva de couro marrom e me sentei, inclinando-me sobre ela e cruzei meus braços encarando os três ali em minha frente.

— É-é... — esboçou Gui meio perdido e buscou ajuda do Derek ao seu lado. — Acha possível sem que haja penalidades?

Ele riu malévolo, foi atrás da poltrona perto da janela de vidro dando a fascinante visão da piscina, uma raia olímpica. A edícula com uma churrasqueira coberta e elegante. Local onde meu pai e amigos de profissão viviam belos momentos de descontração, e também trocando ideias revolucionárias. Homens inteligentes e curiosos formados em Farmácia e Bioquímica. E pegou sua maleta antes de retornar e puxar a cadeira em frente à mesa e se sentar. Abriu-a, pegou a minuta e entregou a mim.

— Faça a leitura antes de entrarmos nesta pauta — aconselhou-o.

— Ok! — Pegando da sua mão, já iniciei a leitura.

— Vou me sentar que estou vendo que a coisa vai se estender — reclamou minha mãe indo se sentar na poltrona onde esteve a maleta do Derek e fixou-se lá fora, pensativa.

Gui puxou a cadeira ao lado do Derek e o silêncio se estendeu, enquanto meus olhos corriam as palavras no papel.

— Chega a ser surreal a quantia ao qual o Marcelo depositou em nossas contas correntes — comentei finalizando o contrato. Seria o mesmo de chamá-lo de generoso, a única imposição ao fazer o pagamento antecipado foram as penalidades em caso de desistência. O que nem classifico como abusiva, devido ao montante irreal. Só cometeu um grave e grande erro, faltava a minha assinatura, portanto eu poderia declinar sem que ele possa tomar alguma providência judicial contra mim. — Ele não é tão esperto quanto pensa — comentei estendendo a mão e entregando o contrato nas mãos do Derek, já o aguardando. — O único problema em dar para trás é que assumo o papel de sua sócia.

— Estaria disposta a conviver com ele pelo seu pai? — interveio a minha mãe ansiosa.

— Com absoluta certeza! — afirmei.

Rindo aliviada, ela se levantou e veio até ao meu lado ali na mesa. Abracei sua cintura ganhando um beijo maternal no topo da cabeça.

— Eu tenho muito orgulho de você, querida! Muito. — Beijou-me novamente.

— Garantir a minha parte é o máximo que poderia acontecer, mas acham mesmo que o Marcelo vai aceitar esta opção? — duvidou Guilherme.

Dei de ombros sem dar a mínima. Seguir a vontade do meu pai era muito mais importante.

— Precisamos arriscar — emendou Derek. — Se tiver o aval, marco imediatamente uma reunião — sugeriu.

Neguei de cabeça enquanto me levantava.

— Vou só dar um beijo gostoso no meu velho, tomar um banho e vou resolver isso pessoalmente na empresa do babaca.

— Tomou chuva, né? Está horrível... — Minha mãe mexia nas pontas rebeldes dos meus cabelos mudando o rumo da prosa.

Fechei meus olhos segurando o arrepio descendo pela coluna. *Esquece isso tudo, Carol! Esquece.*

— Muita. Chuva — sibilei para não vacilar na voz, devido as ferozes batidas do meu coração.

— Eu vou com você! — ofereceu Derek.

— Obrigada, mas acho que esta parte eu mesma posso solucionar.

Seus olhos baixaram, chateado.

— Se preocupa não que a minha maninha é competente e vai domar aquele mauricinho besta! — Gui batia nas costas do Derek ao seu lado.

Sorrindo franco, ele ergueu a cabeça concordando.

— Nisto eu concordo! — disse ele sorrindo orgulhoso, eu sorri retribuindo o voto de confiança. — E gostaria de estar presente e olhando no rosto dele.

O cara vai ficar possesso quando a derrota cair no seu colo. Mas... — se levantou — depois de oficializado, eu vou à forra.

— Somos dois! — solidarizou Guilherme.

— Pensou sobre o convite que lhe fiz de amanhã à noite, da comemoração do aniversário do Bernardo? Bem que você poderia aparecer por lá. — Os olhos verdes de Derek brilhavam com intensidade ao lembrar-me do convite que fez ao telefone quando eu estava na casa de repouso. Pensei um segundo a respeito, pois a "mansão" do Bernardo era aquele tipo de antro pecaminoso e ficava no mesmo condomínio onde morava o Marcelo. Brincadeirinha! Os pais dele estavam no ramo automobilístico e moravam na Europa desde a nossa adolescência, e o safado promovia altas festas já que morava sozinho e com total liberdade. Ter o Derek por perto, neste ambiente, já imaginei no que poderia dar. Mas enfim... precisava mesmo me divertir sem ressalvas.

— Vou aparecer por lá — decidi.

O sorriso dele abrangeu para um empolgado.

— Baixa sua bola, advogado! — advertiu Guilherme fechando punho e deu no peito dele em tom de brincadeira.

— Garotos! — ralhou minha mãe pegando na minha mão e puxou-me em direção à saída. — Seu pai deve estar morrendo de saudades da filhinha, a queridinha dele.

— Eu também estou louca para encher o corpo dele de abraços e seu rosto de beijos.

— Ah, Derek! — dirigi-me à ele ao me lembrar do carro alugado. — Preciso de um favor, devolva o carro na locadora que eu vou ficar mais tempo que o planejado, eu posso usar qualquer um aqui de casa.

— Fica tranquila! Eu resolvo para você — respondeu gentil, como sempre.

Eu e a mamãe saímos abraçadas dali, numa cumplicidade só nossa.



Um leito hospitalar foi levado para dentro do quarto do meu pai. No piso superior, logo depois das escadas, estava o ambiente projetado para oferecer o conforto e segurança. Uma cômoda ao lado da cama ocupada por remédios, aparelhos e a alimentação especial. Lídia se levantou da poltrona azul-claro ao lado da cama, quando entramos.

— Acabei de avisar ao senhor Gael sobre você, a preferida, estar em casa — mencionou ela com os olhos marejados, da mesma forma que os meus. Ver meu pai naquela situação vegetativa era a morte. Ele tinha vinte anos a mais que a minha mãe, os fios brancos eram 100% dominantes em seu corpo.

Corri até a cama morrendo de vontade de abraçá-lo. Curvei-me abarcando seu corpo imóvel.

— Pai, eu te amo, te amo, te amo... — repeti em seu ouvido as palavras de todos os dias. Nos dias em que não pude estar aqui, eu liguei e pedia para colocar o aparelho em seu ouvido. Não falhei um dia em declamar o meu amor por ele. Afinal, ele era o meu exemplo de vida, meu alicerce. Mesmo na adolescência, um não dele era respeitado fielmente. A imagem que tinha do meu pai era única, ele era perfeito. Meus pais! Minha mãe era maravilhosa, com o seu amor interino. Eles sempre se amaram e muito. Eram tudo para mim.

— Eu tenho certeza de que ele nos ouve, querida. — Minha mãe repousou a mão em meu ombro. Arqueei a cabeça olhando-a com uma tristeza tão profunda. Eu não queria sentir isto, mas não havia como ser diferente assistindo a pessoa ao qual você amava mais do que qualquer coisa nesta vida, com a força de sua alma em estado vegetativo. Aliás, era mais um forte motivo para bater de frente com o Marcelo, demorei a acordar, e agora não

vou parar no meio do caminho. Tocaria o império construído por ele com tanto amor.

— Eu também tenho.

Permaneci mais algum tempo ao lado deste homem iluminado e segui para o confortável quarto dos meus sonhos. Quando o decorei já namorava com o Marcelo, uma pessoa de bom gosto e ideias revolucionárias, ele contribuiu palpitando. A marcenaria planejada de cores neutras e delicadas, a cama ultraconfortável e o espaço ainda mais agradável na parte externa: a sacada aconchegante integrada, com a visão deslumbrante, além do paisagismo da excelente área *gourmet* percebemos também o horizonte verde da região. Meu coração palpitou como sempre acontecia ao entrar ali e relembrar tantos momentos lindos e quentes.

Sua babaca! Sacudi a cabeça na tentativa de dissipar este resquício de sentimento dentro do meu peito e recomeçar uma nova e dura convivência com aquele idiota traidor. Entrei no banheiro de mármore branco – chão ao teto –, livrei-me daquele vestido grudando e o jogando no cesto de roupa suja.

Sem muito tempo até o fim do expediente do Marcelo, o banho foi ligeiro, sequei meus cabelos e a roupa escolhida foi a mais casual possível: conjunto branco de blazer com pregas e saia, e apenas uma bolsa de mão, o suficiente para meus documentos e o talão de cheques, e parti rumo à afronta.



Engoli duro, rezei um *Pai Nosso* para obter sucesso nesta empreitada quando cheguei em frente ao elegante complexo com três torres de 24 andares, a D'Ávila & Cia. Comestics. Dei seta parando na cancela me

identificando. Corri para o elevador ali na garagem com parada obrigatória no piso superior, onde localizava a recepção chique e discreta com um balcão de mármore branco e cinzento, e janela panorâmica e de vista lateral.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou a recepcionista. Uma jovem linda, não mais de 25 anos, olhos e cabelos negros escorridos um pouco abaixo dos ombros.

— Tenho uma audiência com o Marcelo D'Ávila, poderia anunciar que Carolina Uchoa está aqui, por favor! — menti.

Sorrindo cordialmente, ela assentiu de cabeça.

— Só um instante.

— Obrigada.

Respirei fundo dando as costas para a funcionária usando o telefone, achei que observar o fluxo de pessoas circulando pelo recinto acalmaria meu coração veloz. Não estava nervosa como antes, na verdade, pior, a ponto de ter um infarto, devido aos meus batimentos cardíacos acelerados.

"Mantenha-se firme!", aconselhei-me em pensamento quando ouvi a moça de voz calma mencionar o nome Tiago virei de imediato.

— Sim, autorizarei sua entrada — disse colocando o aparelho no gancho e fitou-me.

— O senhor Tiago irá atendê-la, o senhor Marcelo está em reunião neste instante.

Inalei surpresa e assenti de cabeça, concordando. Afinal, começar pelo Tiago, o irmão dois anos mais velho do Marcelo, na verdade 33, não me pareceu uma péssima ideia. Ao contrário, ele era uma pessoa descontraída e podia me ajudar a familiarizar antes de encarar a fera.

A sala do Tiago ficava no último andar, um corredor largo e amplo com piso em mármore rodeado por portas encorpadas brancas em toda a extensão, com placas cromadas diferenciadas com identificação dos setores.

Caminhando pelo corredor, notei que neste andar centralizava só os cargos de chefias e na última porta, à direita do corredor, estava a sala da "vice-presidência": a do Tiago. A porta de duas folhas de uma ponta a outra no final de corredor estava a "presidência." *Você vai ter uma grande surpresa hoje, seu presidente de araque!*

Respirei fundo e entrei na sala do Tiago, esperei cair na antessala da secretária, mas não! Caí direto na sala espaçosa do vice-presidente, a parede à minha esquerda havia obras praticamente grudadas umas às outras, cobrindo a parede num alinhamento perfeito. A maior lembrando uma porta soou especial chamando a minha atenção. O desenho delicado feito a partir da madeira, do lado direito uma sala de apoio, duas poltronas também em couro pretas e uma mesa retangular de centro sob um tapete persa elegantíssimo. Na parede ao fundo, aproveitando o horizonte de Alphaville através da janela de uma ponta a outra da parede, estava a mesa retangular de madeira escura do Tiago. E ele estava ali, sentado na sua poltrona executiva, muito elegante dentro do terno bege e camisa branca. Os olhos verdes escuros e os cabelos loiros, também escuros estavam como me lembrava.

— Me disseram que você estava na cidade, mas não que estava tão maravilhosa! — Educado e receptivo como sempre, ele se levantou e veio em minha direção com os braços abertos. Um fofo admirável. Suas mãos repousaram em meus ombros e curvou pressionando os lábios bem feitos e atraentes em minha face.

— O tempo não passou para você, ainda é o mesmo, lindão! — elogiei correndo a mão sobre o braço duro como dos outros. O esporte tem feito bem a todos por aqui.

Afastou permanecendo as mãos em meus ombros, e os olhos no rosto memorável e másculo liso, de quem acabara de se barbear, percorriam minha face.

Rindo, movi a cabeça em negativa.

— Os problemas só me fizeram envelhecer. — Também ria ao seu tom sarcástico.

— Nem me fale em problemas — esbafori baixando meus olhos. — Aliás, é justamente ele que me traz aqui.

— Estou sabendo. — Soltou-me dando as costas e retornou a sua cadeira.

— Sente-se, por favor! — solicitou acenando com a mão a cadeira na frente da mesa. — O Marcelo contou sobre a empresa do seu pai estar no vermelho. O que é uma pena!

— Está ciente da negociação que o seu irmão está fazendo? — indaguei querendo entender melhor aquele interesse todo.

Segurou na gravata ajeitando antes de responder:

— Por cima! — foi vago.

Eu zanzei os olhos pelo rosto bonito, tentando captar se ele não teria problemas com o irmão mais novo ter assumido a presidência na aposentadoria do pai. Não havia vestígios de mágoas, nada!

— Imaginei que os investimentos num volume alto da empresa, também passassem por sua aprovação. Afinal, é o vice-presidente.

Ele acenou de cabeça, concordando.

— Olha, Carol! — começou ele com tom de voz medida. — Perante uma reunião familiar, a empresa adotou um novo sistema em se tratando de investimentos. Nós três estamos cientes que, para a rentabilidade de uma carteira de investimentos, é preciso correr mais riscos. E o Marcelo vem se destacando fazendo apostas acertadas com alto potencial de retorno. Se ele está apostando alto é porque vale a pena.

— Entendo. — Declinei meus olhos analisando a situação atual da Uchoa. Meu pai era o principal desenvolvedor de medicamentos, a não ser que eles tenham encontrado alguém que o superasse e com promessas de retornos

exorbitantes. Sim, levando-se em conta o tamanho do investimento ao qual estão fazendo.

— Mudando de pato para ganso, já que este assunto precisa tratar diretamente com o meu irmão. — Tirou-me dos meus devaneios, ergui os olhos forçando um sorriso ainda em análise. — Está sabendo da festa do aniversário do Bernardo, amanhã à noite?

Ri, assentindo.

— E já fui convidada.

— Excelente, assim podemos conversar melhor.

O que achei ser uma moldura, era na verdade uma porta, nem bem terminou a frase, ela se abriu, curvei o corpo, meu coração disparou emergindo a garganta quando vi a cena daquele deus grego do Marcelo surgindo por ela.

Mamma mia! Ninguém merece uma tortura destas...

— Conversar melhor sobre o quê? — questionou ele.

Vai, Carol! Reage, mulher! Como? Meu corpo tremia e não era pouco, olhava-o fixamente com saudades de tocá-lo por inteiro e não havia como não sentir com a grande revelação sendo lançada em minha cara. Seus dedos grandes cheios de sabedoria que tive o prazer de sentir em meu interior e que causaram uma explosão de sensações começavam a fechar o primeiro botão da camisa branca social belíssima, e ao me ver, os braços caíram na lateral do corpo. Com os botões todos abertos aparecia seu perturbador abdômen trincado, até o V, que já amei muito também, brutalmente esculpido exposto por completo, devido à calça social preta, pendida no quadril sem o cinto.

— Assunto nosso! — Ergui os olhos à voz grave e profunda tendenciosa me deparando com sorriso cafajeste notando a minha curiosidade.

— Não fui avisado sobre a sua visita!

— Vim porque precisamos debater algumas cláusulas do contrato — disse de imediato, saltando da cadeira e o encarando tentando ser indiferente. Mas confesso que estava difícil demais com o traidor do meu coração denunciando todas as minhas emoções diante daquele rosto másculo marcante, a barba cerrada e bem-feita, os cabelos lisos escuros, desajeitados. *Que raiva!*

— Nada pessoal, ok? Mas antecipo que não há mais nada a discutir sobre o contrato, a não ser findá-lo — a frase prepotente saiu imersa de autoconfiança. *Trouxa!*

Apertando meus olhos indignada, ronronei balançando a cabeça em negativa.

— Infelizmente está equivocado — tentei imparcialidade com aquele olhar cinza sedutor brilhante descendo pelo decote do meu blazer. *Derrete qualquer calcinha!* Fracassei, eu sei, com a ironia que tomou sua expressão ao erguer as sobrancelhas grossas e perfeitas do caramba.

— Então vamos a minha sala e você explica onde está o meu engano — sugeriu apontando a porta atrás de si.

— Depois nos falamos, Tiago! — Ele assentiu com uma expressão muito tensa. Como a minha deveria estar.

Devido ao espaço ser o dobro da sala do Tiago havia um número maior de móveis. Porém seguiam a mesma composição e decoração, ou quase: um corredor indicando que havia mais cômodos, os diferenciava.

— Fique à vontade — dizendo isso, seguiu para sua poltrona executiva depois de fechar a porta. Debruçou-se sobre sua mesa e cruzou os dedos fitando-me com todo seu poder de sedução. Quem não se apaixona por um homem como ele? — Vai ficar aí parada?

Do jeito como já fui viciada nele, prudente analisava os riscos de aproximar mais, eu deveria ficar longe dele, fugir. “Esquece o prazer que ele

lhe proporcionou e concentre apenas na DOR!", repeti a frase umas três vezes, a fim de enfiar a mensagem dentro na minha cabeça.

Ergui o queixo desafiadoramente, recusando respondê-lo e fui me sentar, abri a bolsa e tirei de dentro o meu talão de cheques e, quando comecei a preenchê-lo, ele interrompeu o silêncio:

— O que está fazendo?

— A devolução do seu dinheiro. — respondi sem interromper a tarefa, e sequer olhei em seus olhos, sabendo o quanto o irritava ser ignorado. Também! Todo mundo baixava a cabeça quando ele falava, de fato tem o mundo a seus pés.

— E o que a faz pensar que estou interessado em desfazer o negócio? — Ergui apenas os olhos. Ele ergueu as sobrancelhas, desacreditado.

Continuei a ignorá-lo, ele não suportou e explodiu esmurrando a mesa, obrigando-me a fitá-lo. E detalhe: encolhi-me toda ali na cadeira, assustada.

— Vai perder a folha do seu cheque! — ameaçou com veemência, travando o maxilar divino.

— Então diga qual seria o interesse numa empresa que não vale nada para você? — Seus olhos corriam meu rosto com total imparcialidade. Não consegui entendê-lo.

Se jogando para trás na poltrona, envolveu os dedos longos pelos cabelos brilhantes, meu coração perdeu a batida, meus olhos estatelaram, e minha vagina pulsava vendo aquele abdome perturbador. Bufou impaciente antes de endireitar o corpo, curvando-se sobre a mesa e chegando o mais próximo possível espalmando sobre ela. Embora precisasse fugir, a fim de não fracassar ao seu poder, permaneci firme o enfrentando.

— Qualquer outro investidor pagaria uma miséria pela empresa, então a senhorita deveria agradecer por eu não deixar o negócio de amor, como seu pai sempre declarou, ruir.

— É muito generoso o senhor! — debochei o deixando indignadíssimo. Saltou da cadeira e caminhou em direção à janela e permaneceu ali contemplando a paisagem. Notei o quanto o movimento em seu tórax estava intenso. — Não faz sentido esta compra, a não ser que esteja com uma carta preciosa escondida na manga.

Muito nervoso, ele girou o corpo cravando o olhar faiscando nos acusadores meus.

— Sabe que admiro esta sua petulância? — Cruzei os braços inabalada, ou tentando. Ele sorriu cínico. — Enfim... fracassou na tentativa de me fazer desistir.

Respirei fundo abrindo minhas mãos no ar.

— Se é assim, então vamos à parte prática. — Arqueou surpreso.

— Existe parte prática?

— Sim, e vou mostrar a você. — Terminei de preencher o cheque e levantei segurando a ponta abanando no ar.

— Qual a parte de que não vou desfazer o negócio, você não entendeu?

— Entendi perfeitamente! — Os vincos em sua testa ficaram evidentes. — Com a sua decisão não resta outra opção além de fazer a devolução da parte depositada em minha conta corrente sem o meu consentimento. — Ele riu sarcástico.

— Você não está *raciocinando* — possesso, enfatizou entredentes se aproximando. Cada passo dava um novo ângulo, um vislumbre de seu abdômen definido e seus bíceps fortes.

"Não, por favor, muito perto, não!", solicitava mentalmente perdendo completamente o controle, coração disparado, corpo em ebulição vibrando de euforia, músculos tensos e o suor aumentando...

— A-aceita a minha parte ou vou ser obrigada a depositar em juízo, o que seria uma desvantagem a você, já que não assinei nada — antecipando, a

frase saiu entrecortada. Não estava conseguindo lidar com ele lindo daquele jeito. As saudades dos nossos tempos de safadezas vieram à tona e meu corpo explodiu numa excitação que não consegui controlar. Mover para mais um recuo se tornou impossível, devido a uma queda inevitável com as minhas pernas bambas.

Ele continuou se achegando, esperei.

— Quer travar um duelo comigo, Carolina? — Engoli duro com ele curvado sussurrando em meu ouvido. O estresse derrubou minha concentração, ficando nítido o desejo sexual que sentia — Então seja feita a sua vontade. Vamos duelar! — soprou em meu ouvido, fazendo-me arrepiar, de repente me deixando incapacitada de falar, piscar ou mover qualquer outra parte do corpo, meus músculos simplesmente pararam de funcionar totalmente anestesiada.

— Não seja tão confiante. — Minha voz não passava de um sussurro.

Ele era conhecedor do efeito que causava em mim, e sem avisar, sem permissão, passou seus braços à minha volta, e me puxou para o seu peito deliciosamente desnudo. O perfume piorou meu estado de embriaguez, seus olhos sedentos devoravam os meus lábios causando um reboliço geral, sentia minha calcinha molhar toda ali com as mãos caídas na lateral do corpo totalmente em rendição.

— Sou um empresário e em todo e qualquer negócio, eu tento ter a máxima segurança, me cercando de garantias — murmurou inclinando um pouco mais, nossos lábios tocaram levemente e senti seu corpo tremer, como sentia as batidas do seu coração, tão violentas como as do meu. — Espero que o Guilherme já tenha informado que me passou o comando da Uchoa, aliás, ela está tomando muito o meu tempo a fim de colocar a bagunça em ordem. — Abrindo um sorriso torto, ele cruelmente me soltou recuando. Precisava de muita força para não cambalear.

— Como isso é possível?

— Prontinho, Marcelo! — Gelei dos pés à cabeça ao ouvir a voz macia feminina. E ao olhar para o corredor, quase tive um treco. Um choque! Observando uma mulher saindo por ele, linda por sinal, num vestido da alta costura azul royal valorizando as suas formas, os cabelos curtos e ruivos destacavam o azul dos seus olhos estupendos. Entendi as razões por ele estar todo desalinhando com a camisa aberta, a reunião nada mais era do que uma trepada. *CANALHA!* Senti aquele nó na garganta com vontade de chorar de ódio de mim, em prestar àquele papelzinho ridículo.

Os olhos brilhando dela vieram encontrar aos meus.

— Se estiver ocupado, eu volto depois...

— Não! De jeito nenhum... vamos terminar nosso assunto. — disse ele rapidamente piscando para ela e voltou o olhar seco sobre mim. — A Srta. Carolina Uchoa já estava de saída.

"Está me expulsando, seu desprezível?", pensei quando queria avançar em seu pescoço, dar na cara dele por me fazer parecer uma tonta!

— Com certeza! — Peguei minha bolsa sobre a cadeira e estendi o cheque na sua cara tentando recuperar o mínimo de dignidade que me restava. — Tem certeza de que não temos um acordo?

Ele riu, desdenhando.

— Não! Não temos um acordo — A frieza de sua voz congelou meus neurônios, e sei que minha expressão de dor tomou minha face. Eu sorri ameaçadora disfarçando.

— Tudo bem então. — Ergui a cabeça desafiando-o. — Nos veremos em breve.

E saí dali a passos acelerados, atravessando a porta a qual pensei que daria direto no corredor e me vi na sala de sua secretária. Uma senhora de 60 anos ou mais vestindo um terno marrom e camisa bege. Ela sorriu com um

semblante questionador. Apenas assenti de cabeça e saí pela porta ganhando o corredor e o elevador em seguida. Alimentando uma aversão indescritível, sumi dali.



Na privacidade do meu carro, liguei para o Derek.

— Como você irá resolver eu não faço a menor ideia, porém é imprescindível depositar a minha parte em juízo com urgência, de preferência hoje. — Desliguei sem condições de avalanches de perguntas.



Capítulo Quatro

MARCELO

Caralho! Que acordo eu poderia fazer com ela? Não existia a menor possibilidade de um acordo enquanto não resolver o imbróglio que me meti.

Bufei indo à frente da janela, observando a saída dos veículos saindo do prédio. A voz macia da Carol dentro da minha cabeça dizia coisas que eu não queria ouvir e me atormentava a ponto de perder o tempo real das coisas. A presença dela era demais para nós, meu pau doía e parecia que ia estourar dentro das calças implorando estar nela, com ela.

Fechei meus olhos por uma fração de segundos, meditando sobre o cerco se fechando. Transar não a tirou do meu sistema como imaginei, ao contrário, reacendeu a chama em meu coração, não reduzindo nada da saudade que senti dela em todos estes anos. A sensação era que ela nunca vai passar, a não ser que a tivesse definitivamente. Mas, infelizmente a vida nos colocou em caminhos opostos. Eu estava hiperdesconfortável com a postura assumida, o semblante triste dela doía tanto emocionalmente como fisicamente. Movimentei os dedos das mãos, abri e fechei repetidas vezes para relaxar a tensão na musculatura, afinal de contas, não era o momento de desanimar.

— A intenção não é atrapalhar suas reflexões. Mas, gostaria de saber se adiamos ou damos sequência de onde paramos? — O tom de voz ansioso da Ingrid invadiu minha mente, arrancando-me dos devaneios. Abrindo um sorriso envergonhado, virei-me de frente.

— Talvez mais tarde, ou amanhã cedo! O momento requer concentração e não algo rápido e raso. Me desculpa!

Um sorriso decepcionado plantou em sua face bonita, fui até ela.

— E não se preocupe, pretendo recompensar o seu tempo.

Ela assentiu de cabeça, mediante a minha garantia.

— Tenho certeza que sim, Marcelo. — Com tamanha compreensão, eu me vi obrigado a pegar em sua mão e trazer aos meus lábios e beijei como um perfeito cavalheiro.

— Esteja preparada para uma avalanche. — Ela riu animada

— Estou ansiosa e necessitada deste momento. Vou pegar minhas coisas, deixei lá dentro — avisou apontando para o corredor.

— Fica à vontade! — Ela sorriu agradecida e seguiu seu percurso enquanto permaneci ali, chateado. Retornou com sua mala preta de rodinhas.

— Até mais, então.

— Até. — Permaneci em pé no mesmo lugar contemplando-a caminhar sensualmente em direção à porta sem vê-la, pois o rosto excitado da Carol era preponderante em minha mente. Aquele seu jeito admirável de mulher decidida, que provou com o seu sucesso profissional que não depende de homem nenhum. Tudo nela me atraía de uma maneira incontrolável.

Tiago abriu a porta conjugada de nossas salas e grunhiu com estranheza. E com razão, estava completamente perdido em meus pensamentos.

— O que foi, perdeu a mão com a gata? — provocou irônico.

Desdenhei com meu melhor sorriso assumindo minha posição de liderança enquanto fechava os botões da minha camisa.

— Nunca perco uma aposta! — enfatizei notando seu semblante descontente e segui contornando a mesa, acomodando-me à minha cadeira por direito. — As coisas não saíram como o planejado — emendei. *Esperava sua procuração, e não sua presença.*

Ele riu sorrateiro se aproximando e parando em frente a minha mesa, seus olhos verdes mais escuros do que os meus vasculhando meu rosto.

— Sabe que não estou convencido disto!

Revirei os olhos com impaciência e o encarei a seguir.

— Por que não vai direto ao ponto? — sugeri abrindo as mãos e dando de ombros.

Ele puxou a cadeira se sentando e cruzou os braços sobre a mesa, desafiador.

— Precisa tomar cuidado com as suas decisões — aquilo soou mais como um alerta do que qualquer outra coisa. — Tem total autonomia, porém não pode se esquecer de que está gerindo dinheiro de outras pessoas.

Aquela conversa chegou ao nível do insuportável, saltei da cadeira, curvando e espalmei sobre a mesa o confrontando.

— A Uchoa é um excelente investimento, eu lhe asseguro.

Ele tombou a cabeça levemente, apertando os olhos.

— Concordo plenamente contigo, porém tenho minhas dúvidas em relação a sua fraqueza perante a Carol.

Ri irritado.

— Mulher nenhuma tira o meu controle.

Ele torceu a boca hesitante.

— Será mesmo? — cobrou sério.

— Não temos que conversar sobre minha vida pessoal — soletrei em tom ríspido.

Irredutível a me tirar do sério, ele avançou:

— Eu me remoo de curiosidade em saber o motivo do rompimento súbito de vocês.

Senti meu estômago revirar e um calor medonho subir a minha face. Endireitei o corpo e segui para a frente da janela.

— Eu não costumo bisbilhotar a sua vida pessoal, portanto peço para que saia da minha sala agora. Tenho muitos contratos para despachar.

— Não gosto quando me expulsa da sua sala — reclamou, levantando-se.

Girei nos calcanhares e me deparei com seu olhar acabrunhado.

— E eu não gosto quando você invade a minha privacidade — rebati com remorso, mas precisei encurtar o seu espaço.

Ele assentiu soltando o ar fortemente e ajeitou a gravata no pescoço.

— Entendi! — bufando, deixou o recinto.

Nada vai sair diferente do que planejei, nada! Prometi a mim mesmo voltando a minha mesa. Nem bem ajeitei na cadeira e a Maria de Lurdes, minha secretária, passou a ligação do meu pai, deixei no viva voz.

— Incomodo?

Ria com a sua rispidez, sabendo de onde e porque ela veio.

— O tom de voz significa que chegou fofoca no seu ouvido — optei em ser direto.

— Não gostaria de tratar este assunto por telefone, venha jantar em casa, hoje. Vamos nos reunir como uma família à mesa.

Levei as mãos à cabeça, totalmente contrariado. Principalmente hoje, ainda estou encafifado com a atitude que a Carol possa vir tomar.

— Eu sugiro que seja no jantar de amanhã, assim que sair do evento vou direto para casa.

Ele estalou a língua, discordando.

— Estes encontros entre empresários tendem a ir além dos jantares — começou ele. E eu tinha que concordar. Afinal, é um grupo de empresários que representa o que há de melhor em nosso setor. *— Tenho algo muito importante a dizer aos dois, peço que venha hoje, já avisei o seu irmão.*

— Ok, pai! Estarei em casa às 20h.

— Obrigado, filho! — agradeceu e desligou.

Alisei o queixo, pensativo: “O que será que ela quis dizer com nos vemos em breve?”.

Intrigado, peguei o telefone discando o ramal do Cauã, chamando-o.

— Fiquei sabendo que a Carolina esteve aqui — disse logo ao abrir a porta. Repousei as costas no encosto.

— E fez ameaças. — Ele arquejou à minha declaração fechando a porta. Eu aguardei-o se sentar e, então, prossegui: — E acredito que há fundamento.

— Hum... — Ele ergueu as sobrancelhas lembrando-se de algo. — Vai dizer que ela questionou sobre a ausência da sua assinatura.

— Exatamente. — Espalmando na mesa me levantei, fui até o frigobar ao lado da estante e me servi de um copo generoso com água. — Aceita um copo com água? — ofereci.

— Não, obrigado!

Inspirei fundo e soltei sentido os músculos persistentemente tensos.

— Não estamos diante de nenhuma novidade — lembrou-me ele.

Eu concordei retornando e voltei a me sentar repousando o copo sobre a mesa e o fitei.

— Um descuido proposital — firmei —, mas não podia perder a chance; e outra, que o Guilherme deu todas as garantias que conseguiria a procuração da irmã.

Revirando os olhos, ele abanou a cabeça, preocupado.

— Eu avisei sobre os riscos — ele tentava dizer o que já sabia, eu assentia efusivamente de cabeça.

— Sim, eu sei! Busque alternativas, use a sua influência, sei lá, cara! — Levantei dali sufocado, precisava de ar para respirar e afundei os dedos pelos cabelos naquela puta inquietação.

— Ela sabe sobre você já estar no comando da Uchoa? — quis saber ele.

Grunhi sacudindo a cabeça.

— Soube agora há pouco por mim.

Ele torceu a boca, atormentado.

— Eu não queria estar na pele do Guilherme quando ela chegar em casa — emendei.

Ele se levantou enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Coitado dele! — solidarizou e saiu apressado.

Sozinho e engasgado, voltei à janela. Começava a escurecer, e uma garoa fina caía do céu encoberto por nuvens carregadas alimentando o meu mau humor. Rever a Carol causou uma bagunça generalizada na minha cabeça, ampliando vários sentimentos do passado. Um passado superado, ou achei que estaria até colocar os olhos nela novamente. Não podia me deixar abater, sacudi a cabeça a fim de expulsar aquela sensação toda, e centrei nas coisas importantes a fazer até a noite de amanhã: contratos a assinar, a roupa do evento, entre outras. Resolvi aproveitar o tempinho antes do jantar para ir solucionando algumas delas.

Peguei o celular do bolso e disquei.

— *Marcelo?* — A voz macia da Ingrid atravessou meu cérebro, trazendo um pouco de paz.

— Sim, sou eu! — respondi respirando mais aliviado. — Me desculpa por aquela hora.

— *Nem precisa se desculpar, eu sei que você nunca me deixa na mão.*

— *Exatamente* — frisei. — E se tiver um tempo, agora estou livre só para você.

— *Hum...* — ouvi o riso ansiosamente satisfeito dela do outro lado da linha. E sorri orgulhoso em poder proporcionar tal alegria a uma mulher como ela. Além de tudo, educada ao extremo. — *Para você, eu tenho todo o tempo do mundo. Quer que eu dê um pulo aí, ou vamos marcar em outro local?*

— Prefiro marcar em outro local, aqui na empresa já não tem mais clima. — Passei o endereço de um local privativo, onde ninguém nos interrompa.

— *Perfeito!* — disse ela. Agradeceu e desligou.

Peguei minhas coisas e sai desenfreado a fim de evitar atrasos.

Passar algumas horas em companhia da Ingrid serviu como uma boa distração; com o corpo e a mente ocupados, o inferno Carol ficou de lado. O problema foi a demora, mais do que esperado e sabia o quanto meu pai metódico odiava atrasos. A sorte foi a distância curta até o condomínio bem localizado e palco das casas mais luxuosas do país. Com mais alguns compromissos até findar o dia, optei por deixar meu carro em frente à maravilhosa casa, projeto exclusivo da minha querida e falecida mãe, que, formada em Arquitetura, planejou cada canto com muito amor: a fachada imponente e moderna era admirável de todos os ângulos. Toda em cor neutra com linhas retas e assimétricas, grandes películas de vidros e telhados embutidos e espaço amplo, com muita área verde já chamavam a atenção. Embora tivesse a minha cobertura, morar aqui me deixava mais perto dela.

— E aí, cara? — Acabara de descer do meu carro, e virei subitamente a voz masculina. Bernardo, com a cabeça raspada, considerado o boa-pinta da região, parou um dos carros da frota de sua família ao meu lado, uma Ferrari vermelha, ou seja, no meio da rua e desceu.

— Só assim para a gente se encontrar mesmo, não? — falei humorado, embora fosse a mais pura verdade. Apesar de morarmos no mesmo condomínio a gente se esbarra raramente.

— Pois é, Marcelo, e foi bom te encontrar aqui — disse ele contornando. Observava-o pensando o quanto ele era importante para o time, um excelente jogador com seus 1,88m e corpo malhadão, preparado em academia. — Amanhã à noite vou comemorar meu aniversário, seria uma boa oportunidade de colocarmos a conversa em dia — completou batendo em meu ombro.

— Sério? — Revirei os olhos, aborrecido. Bernardo era um grande amigo. Agora, em relação ao tipo de festas que ele promovia em sua mansão, de alguns anos para cá não me atraía. E olha que a dele arrasava. Bernardo gostava e podia ostentar, o que atraía as mulheres mais lindas, empoderadas e sensuais.

— Ah, nem vem com desculpas, cara! Toda Alphaville vai estar presente — antecipou com seus olhos pequenos e verdes peregrinando pelo meu rosto, terminou sua explanação sorrindo orgulhoso de sua performance.

— E eu não sei!

— Bem, caso o encontro de empresários, que preciso estar presente, não ultrapasse o tempo estipulado eu apareço por lá.

Uma buzina insistente de um veículo atrás do dele, pedindo passagem, desviou a nossa atenção.

— Vou esperar por você. — Deu mais um tapa no meu braço e seguiu contornar seu carro. — Já vaaai — disse acenando com a mão. Entrou no seu possante, saindo cantando os pneus. Bem a cara dele mesmo! Rindo, entrei em casa.

Os vidros que integravam os ambientes internos e externos iluminavam o interior; e além da espaçosa sala de estar, decorada com requinte móveis e esculturas modernas espalhadas pelo recinto, estava a parede de vidro com abertura para o lado de fora, onde havia um impecável espaço gourmet a céu aberto ao lado da piscina infinita, com a agradável vista da paisagem verde sob a lua cheia. E lá estava o meu pai, beirando os cinquenta e seis anos, cabelos curtos, grisalhos como a barba longa – ele envelheceu cheio de estilo – sentado à mesa tomando seu drinque emburrado. Seus cabelos já foram loiros escuros como os do Tiago. Seu semblante me remeteu a Carolina e fui tomado pelo gelo no estômago.

Respirei fundo em preparação para o bombardeio.

— Sabe que não tolero atrasos, Marcelo. — Dobrando a manga da camiseta azul-marinho, deixando à mostra a tatuagem colorida no bíceps, reclamou consternado aumentando o tom de voz assim que cheguei perto. Antes da morte da minha mãe, seu tom era maleável. Usava este tom mais como autodefesa em relação a minha pessoa.

— Desculpa pelo atraso, tive um contratempo. — Curvei dando um leve beijo em sua face. Todos em casa nos cumprimentavam assim.

— Aconteceu mais alguma coisa? — perguntou, olhando-me dos pés à cabeça.

Puxei a cadeira e sentei bufando disfarçadamente, revoltado com o Tiago. *Será que tudo ele tem que dar com a língua nos dentes? Caralho!*

— Se puder esclarecer mais alguma coisa, eu agradeço — pedi fazendo-me de desentendido enquanto pegava a garrafa de uísque sobre a mesa, servindo uma generosa dose da bebida.

— Sabe muito bem do que estou falando.

Ergui os olhos, sarcástico; ele fechou a expressão.

— O que foi, senhor Ruan, por acaso deu para desconfiar da minha administração? — desafiei apoiando os cotovelos sobre a mesa, cruzei os dedos apoiando o queixo sobre eles fitando seus olhos verdes, também característica que o Tiago puxou. Os meus olhos seguindo a tonalidade cinza e os cabelos escuros puxei da minha mãe.

— Estou referindo aos riscos, qualquer compra de empresa precisa ser avaliada cautelosamente — elucidou, o que já sabia de cor.

— O risco só existe quando não podemos monitorá-lo — rebati com veemência. Ele acenou de cabeça espalmando sobre o tampo de vidro da mesa.

— E você tem este monitoramento? — quis confirmar, porém balancei recordando da ameaça da Carol. *Acho que sim!* Irritado com a paciência indo

ribanceira abaixo, levantei-me, o encarando. — Se escolheu a mim e não ao Tiago para conduzir a empresa é porque sabia que eu daria conta. — Pulei sua pergunta com argumentos lógicos. Um sorriso fraco plantou em sua face. — As coisas boas, eu absorvi de você.

Um rubor tomou conta da sua face bronzeada e o esboço de sorriso desapareceu. Soltando o ar pesadamente, jogou-se para trás no encosto da cadeira confortável.

— Pois bem! — disse por fim. — Agora sente-se que tenho uma informação importante a dar a você e ao seu irmão. — Estirou o pescoço para dentro da sala e o acompanhei. — Aliás, onde se meteu este garoto?

— Já deveria saber que o Tiago é uma moça para se trocar.

Ele grunhiu em advertência ao meu sarcasmo e mudou de assunto:

— Estou precisando de um tempo para mim, longe de tudo, descansar num lugar tranquilo. Limpar as coisas que me afetam e me trazem pensamentos ruins. — Baixou os olhos infelizes. Uma tristeza esperada.

— E onde seria este lugar?

Logo apertou os lábios e acenou negativamente com a cabeça.

— Não faço a menor ideia, filho! Porém, terá que ser um lugar puro, onde eu possa me perdoar, antes de ser perdoado.

Então minha consciência começou a pesar vendo-o arrependido. Ri, afinal não estava certo se as coisas poderiam ser consertadas. Baixei meus olhos pensativo; apesar dos pesares, eu amava meu pai.

— Sabe o que é foda, pai? — Seus olhos abatidos ergueram em busca dos meus na mesma cumplicidade. — Agi por impulso ao seu erro, e cometi outros erros — bufei refletindo sobre a presença da Carolina. Não sei como poderia seguir firme com ela por perto.

Ele fechou os olhos; a raiva e o arrependimento tomaram conta de seu rosto maduro e jovial.

— Você não agiu por impulso e sim por amor, meu filho! — Fechou os olhos, desviando-os, e retornou ao meu rosto. — Sei que não sou exemplo para ninguém, nem me orgulho... Mas cuidado para não desencadear uma sequência de outros erros.

Balancei a cabeça contristado ao conselho e me levantei.

— Já que perdi o apetite, vou me recolher — avisei. Neste instante, o Tiago surgiu à porta de vidro. Vestido casual de calça jeans escura e camisa branca por fora e um perfume fortíssimo que embrulhou meu estômago, já revirado.

— Aonde vai, mano? — perguntou surpreso notando a minha intenção.

— Como demorou muito, o papai já me colocou a par do assunto. — Bati em suas costas e passei por ele.

— Fui atender ao telefone do Wesley e o assunto se estendeu — alegou.

Wesley é nosso primo postiço. Antes de nascermos, meus avós por parte de mãe, cuidaram de uma garotinha de 10 anos, filha dos vizinhos, e infelizmente seus pais vieram a falecer num acidente de carro; e como não tinham parentes aqui no Brasil, eles a acolheram em sua casa. Ela cresceu, tomou seu rumo e foi para o exterior onde casou-se e teve o Wesley, hoje com a idade do Tiago.

Há dez anos, ele veio residir no Brasil e conseguiu a sua dupla cidadania; prestou concurso público para o INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), foi aprovado e começou a trabalhar. Órgão, que pelo nosso ramo de atividade tínhamos de manter contato frequente, devido aos novos produtos que surgiam. Tudo passava por lá, para garantirmos a propriedade e registro de nossas pesquisas e desenvolvimentos.

— Ah, Marcelo? — chamou Tiago. Girei ligeiramente no calcanhar. — Os chineses marcaram uma reunião para amanhã sobre a parceria na distribuição e...

— Precisa dar conta — o interrompi. — Amanhã cedo tenho uma reunião na Uchoa e depois vou direto para o encontro.

— Tudo bem, então! — acatou.

Segui rumo ao meu quarto, subi a escada com corrimão de vidro do último do corredor. Afinal, quartos eram o que não faltava na casa, uns nove. Tudo era um exagero considerando que moravam apenas três pessoas na residência: quinze banheiros, quatro bares, além de quatro cozinhas.

Entrei na minha suíte em tons de cinza, com objetos de design imponente, tirando o paletó e o joguei sobre a cama enorme e confortável com roupas de cama branca, e segui para o banheiro repleto de espelhos, dando um charme a mais. O banho foi rápido e o suficiente para soltar os músculos tensos, mas não baixar minha excitação. A água morna me deixou nostálgico, seu perfume e a maciez de sua pele estavam impregnados em meu corpo. Não teve como não me masturbar antes de sair do banho, me joguei a cama.

Pensar demais aumentava o risco de bloquear a excitação, concordava desde que não fosse o pensamento na Carol. Irredutível, ela queria me foder nos negócios, e eu aqui, com este pau duro de novo num tesão da porra! Não importava quantas vezes eu batesse uma, o cara não sossegava, ele implorava pelo seu calor interno. Louco para foder literalmente com ela, aquela transa que só ela sabia fazer, aquela que em todos estes anos não encontrei sequer similar. Minha mão segurou minha dureza e toquei a próxima e logo caí no sono profundo.

O perturbador foi acordar repentinamente subindo pelas paredes, depois do sonho sexy com ela. Arrepiado, abri apenas uma frestinha dos olhos, o sol brilhante chegava em raios suaves através das portas de vidro que comunicavam com o amplo terraço.

Basta homem! Coloca a cabeça de cima na frente da debaixo para não ir diretamente às ruínas...

— Estou preparado para tudo. — falei em voz alta saindo da cama. E mesmo que não tivesse, não havia escolha, ou seja, eu fiz a minha escolha.



Embrenhado numa vasta área verde estava o edifício de 15 andares da Uchoa, que ficava no Polo Industrial do Tamboré, localizado na cidade de Santana de Parnaíba. A fachada metálica com película de vidro azul era diferenciada. A administração e o complexo industrial estavam no mesmo terreno em uma área extensa. Entrei com o carro pela lateral e segui uma pequena viela que dava acesso ao estacionamento, ao fundo do empreendimento, pensando no grande desafio que teria pela frente. Retomar o crescimento, voltando a liderança no segmento de genéricos, afinal a empresa tinha um futuro promissor.

— Bom dia, senhor Marcelo! — Saindo da ala onde localizava o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, José me cumprimentou assim que desci do carro e veio se encontrar comigo. Apesar de ter 68 anos, ele se mostrava um funcionário ativo. Além, é claro, de conhecer bem a estrutura da Uchoa, sendo que trabalhava nela há mais de 30 anos.

— Bom dia, e como anda a minha solicitação? — cobrei apertando sua mão estendida. Gostava de manter esta aproximação aos meus colaboradores, principalmente aqui. Uma semana batendo cartão agindo com simpatia, ganhei o respeito. E precisava de toda colaboração possível, até me familiarizar com a Uchoa. Comecei pedindo a relação de todos os projetos em andamento, e dos envolvidos na execução em cada um deles.

— Já estou em fase final, não se preocupe.

Assenti de cabeça, ajeitando a gravata meio desalinhada.

— Se tiver um minuto, gostaria que desse uma olhada no relatório. Estou com algumas dúvidas e...

— Tudo bem. — Coloquei a mão em seu ombro. — Vamos lá ver do que se trata.

O acesso nesta ala era autorizado somente para pessoas com a impressão digital registrada. Educado, José acenou de cabeça dando-me passagem, coloquei meu dedo no painel ao lado da porta blindada que destravou, abrindo. Acessei o hall de mármore e aguardei-o. Dali, entramos lado a lado na antessala do laboratório de última geração separada por uma parede de vidro, dando total visão dos profissionais do setor trabalhando nos desenvolvimentos de medicamentos. Naquela parte da empresa, todos eram obrigados a usar aventais brancos, toucas e proteção nos sapatos, para que o risco de contaminação na área de trabalho fosse mínimo. Uma empresa organizada que merecia admiração, uma pena que o senhor Gael tenha adoecido e as finanças terem chegado a este ponto. Mas isso logo iria ser resolvido.

Nessa área, a primeira mesa de fórmica branca era a do José. Ao fundo, antes da parede onde havia armários planejados, estava a mesa do pai da Carol, o dobro do tamanho e sobre ela, além do computador de última geração, telefone, havia também o porta-retratos da família harmoniosa: um dos braços do senhor Gael sobre o ombro da esposa com um sorrisão escancarado; ao lado dela, o Guilherme; e o outro braço dele em volta da cintura fina da Carolina. Suspirei com meu corpo reagindo a sua imagem, aquele frio invasor na boca do meu estômago. *Linda, por sinal.*

— Nem mexemos nas coisas do senhor Gael na esperança de que ele retornasse a empresa — explicou ao notar minha curiosidade.

— Talvez ele não volte — falei com pesar e sinceridade. A minha relação com o velho sempre foi muito boa.

— Com o passar do tempo as possibilidades ficam menores.

Um funcionário do laboratório o chamou, acenando com a mão.

— O senhor poderia aguardar só um instante, por favor?

Acenei com a cabeça diante da sua educação.

— Fica à vontade.

Observei-o de costas e segui fuçar, notei a última gaveta entreaberta. Colando a lateral do meu quadril, estiquei a mão folheando uma pasta azul e sem tempo, repousei minha maleta de couro sobre a mesa, abrindo-a e guardei para analisar melhor.

Ele retornou logo, e sanei suas dúvidas em questão de minutos.

— Obrigado! — agradeceu ele e, então, saí rapidamente.

Segui a entrada pela recepção dos fundos.

Formalmente, cumprimentei a todos passando algumas diretrizes e sem novidades, aproveitei o elevador que acabara de chegar no térreo e entrei. O último andar era exclusivo da Presidência e desembarquei na sala espaçosa com uma mesa de madeira enorme e sob ela o computador, impressora, telefone e tudo muito organizado; e na parede atrás, três armários de madeira no mesmo tom da mesa; e na parede, à direita, uma porta dupla, entrada para a minha sala. Lúcia Helena, a secretária quarentona, enxuta de corpo esbelto e delineado, vestindo um terno de saia, blazer na tonalidade preta e camisa branca arregalou os olhos castanhos sob os longos cílios, como os cabelos curtos e bem-comportados, e se levantou de imediato, causando-me estranheza.

— Está tudo bem? — Ela sorriu meio que ofegante, perdida olhando em direção a porta dupla. — Tem alguém me esperando em minha sala?

Ela disse sim, meneando a cabeça, completamente confusa.

— Mas então o senhor não sabe? — Agora eu fiquei dúbio, neguei de cabeça. Na verdade, apreensivo com aquela reação apavorada. A passos

ligeiros fui averiguar e, para minha surpresa, ao abrir a porta, vi a Carol, sexy pra caralho, sentada na minha cadeira. Com as pernas grossas cruzadas sobre minha mesa oval em madeira, completamente à mostra pela saia de tom castor que subiu, as costas eretas dentro da blusa marrom de seda quase transparente, e um dos cotovelos apoiados sobre o braço da poltrona, ela girou uma caneta entre os dedos. A visão sensual me tirou o autocontrole, o nosso, para ser mais exato. Meu pau, já naquela obsessão por ela, endureceu e latejou.

— Posso saber o que você está fazendo aqui? — questionei tentando recuperar o controle, e confesso: estava difícil pra caralho com aquele olhar tão diferente, tão sexy! O calor era tamanho que precisei tirar a gravata e a joguei sobre a poltrona ao lado da porta.

Ignorando meu movimento e sustentando meu olhar, ela riu cinicamente umedecendo os lábios sensuais no batom nude, antes de responder e captar todo meu no ar. *Merda!*

— O óbvio — sibilou. — Temos o mesmo tamanho da fatia, portanto todas as decisões da empresa deverão ser compartilhadas — provocou descendo os olhos castanho-claros para meus lábios e sorriu dominadora. Descendo as pernas, recuou a cadeira, sentou-se em cima da minha mesa dando aquela cruzada fatal de pernas, a fenda torturadora expondo boa parte de sua coxa bronzeada. — Dei-lhe a opção de desfazer o negócio pacificamente, mas, já que não aceitou, vai ter que engolir a sua sócia igualitária.

Grunhi balançando a cabeça.

— Você só pode estar variando — ironizei no meu melhor tom indiferente, enquanto fechava a porta e caminhei até ela abrindo os primeiros botões da camisa para não derreter. O brilho ardente de seus olhos, e os cabelos perfumados sobre os ombros me deixaram insano. *Que charme!*

Engoli duro, imerso numa vontade incontrolável de tomá-la em meus braços. — Eu estou no controle aqui! — deixei claro curvando e espalmei no tampo de madeira ao lado dos seus quadris, o perfume dela me deixou zonzo, estava a ponto de perder a cabeça com tanto desejo. Com os olhos brilhando no meu tórax desnudo, com os primeiros botões abertos da camisa branca, ela arquejou cautelosa. *Desaforada como sempre.* — Paguei na totalidade, portanto eu mando nessa porra!

Jogando a cabeça levemente para trás, ela soltou um riso debochado, excitando-me absurdamente, aquela pele clara do pescoço alvo que conhecia e sua maciez era de enlouquecer. Quanto mais próximo à pele, eu queria tocá-la. Queria seu corpo entrelaçado no meu, seu cheiro na minha pele e morder seus lábios grossos. Eu queria tudo dela!

— Fiz o ressarcimento da minha parte em Juízo, portanto você pagou apenas 50% — disse num fio de voz varrendo meu rosto frio, e estacionou os olhos nos meus lábios travados e suspirou, fechando a expressão sorridente.

— Esta empresa estava à mingua, abandonada! E você lá no seu mundo de empresária brilhante sequer se importou de tirar o seu pai da falência. E quando eu resolvo socorrer o império do papai investindo tempo e dinheiro, você volta cheia da razão querendo interpelar uma negociação já encerrada. Por quê?

Ela ergueu as sobrancelhas, ambígua.

— Eu não imaginava que a Uchoa estivesse nesta situação. Você conhecia muito bem o meu pai.

Concordei movendo a cabeça, fuzilando-a.

— O seu otimismo de novas criações constantes transparecia que a saúde da empresa estava perfeita — completou ela.

Ergui as sobrancelhas desafiador.

— Pois é! — Inspirei tombando a cabeça levemente para o lado com uma vontade enorme de jogar a realidade. Engoli duro junto àquele ímpeto. *Não, não! Faria mal a todos.* — Talvez se tivesse investido seu talento nestes seis anos aqui, a história da Uchoa fosse outra.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, ela reprimiu os lábios lindos, que estava louco para beijar.

— O que aconteceu com a gente naquele dia? Sim, porque você tem grande parcela de culpa.

Baixei meus olhos fechando-os fortemente em seguida, meu coração apertado quase impedia de respirar revivendo tudo.

— Nunca me procurou... — murmurou com voz embargada.

Balancei a cabeça, antes de erguê-la e encará-la.

— A pauta não é o passado, e sim o presente. — O terreno estava ficando instável.

Ela riu inconformada.

— Sabe quais são os meus maiores erros? — indagou estufando o peito em afronta. Imóvel, semicerrei os olhos. — Num momento de fraqueza, achei que a distância fosse a única forma de recuperar a minha dignidade. Pois saiba que nunca é tarde para reparar um erro, e pretendo acertar daqui por diante — garantiu naquele seu jeito agradavelmente marrento observando meus olhos mal-intencionados, em seus lábios.

Era humanamente impossível qualquer diálogo agora, estava tão excitado, e ela não colaborava. Ofegante e estranhamente inativa me olhava, parecendo saber de todos os meus desejos. Meu pau duro chegava a doer comprimindo o zíper. A porra da responsabilidade bateu forte em minha consciência, entre o que eu queria e o que eu deveria. Não tinha como lutar no momento, mesmo sabendo não ser prudente, havia muito em jogo ao qual muitos sairiam perdendo. Mas não conseguia, não dava... sem dar ouvidos à razão, como um

gavião pronto a pegar sua presa, de uma forma impulsiva, agarrei seu pescoço sentindo o tremor dela embaixo dos meus dedos, sentindo uma onda fodida de arrepio pelo meu corpo ao toque, eu puxei-a para mim.

— O que pensa que está fazendo? — Todos os dedos de suas mãos macias se fecharam ao redor do meu pulso, forçando-me a soltá-la. Comprimi mais, sem machucá-la.

— Está mesmo decidida a bater de frente comigo, né? — murmurei aspirando o perfume que exalava dela.

Seus olhos se fecharam por uma fração de segundos antes de conseguir se expressar:

— N-não faça isso. — As palavras entrecortadas saíram num fio de voz com ela exercendo pressão da cabeça para trás tentando se afastar, eu não deixei, segurei firme. Via dentro de seus olhos um misto de medo e prazer. Eu provavelmente deveria escutar o seu conselho, sendo rivais. Mas não. Puxei-a determinado e beijei-a à força e duramente sem lhe dar qualquer chance de protesto.

— Solta... — Com as mãos em meu peito, empurrando-me, ela exigia em meus lábios prendendo os dela. — Eu vou gritar, seu idiota!

— Grita! — incitei deslizando a mão para sua nuca e travei os dedos, e quando abriu a boca para mais uma palavra ofensiva, minha língua invadiu aquela delícia toda, silenciando-a.

Ela hesitava, sua razão desejava impedir meu ataque, o oposto da emoção crescendo, tornando invencível, fazendo-a perder as forças. Enfim, ela cedia comigo sorvendo sua língua superapetitosa. Com meu coração aquecido como nunca, eu engolia-a necessitado por mais aproximação. Amolecida, até se esqueceu o que estava fazendo. Aquietou quando soltei do pescoço e entrelacei meus dedos em seus cabelos exigindo o máximo dela, e agora era correspondido.

O gosto doce invadiu meu paladar, um beijo gostoso deste era de fato inesquecível! E também um perigo a minha liberdade de ação.

— Havia me esquecido do quanto beijar você é bom. — Num momento idiota deixei escapar num sussurro em sua boca, tocando seu joelho desnudo.

Inspirando, ela descruzou as pernas, para que eu pudesse chegar mais perto.

Puta merda, que oportunidade!

Respirei fundo em busca de controle, mas cadê ele? Beijando-a com todo meu fogo, encostei meu pau duro a ponto de explodir em sua calcinha, sentindo-a molhada e quente e estremeci, ela arfou sentindo minha dureza fervendo e pulsando encostar nela. O que eu poderia fazer? *Eu quero muito foder em cima dessa mesa com ela. Caralho!*

Não seja tão exigente contigo, pega ela mais uma vez, que a vontade diminui depois que rolar!

Nunca que vou deixar passar a chance. JAMAIS!

Cobrindo sua boca com a minha, devorando-a, ela agarrou meus cabelos me puxando para ela.

Enganchei o dedo na calcinha dela e puxei para o lado circulando o seu clitóris inchado e deslizante e rosnei mergulhando dois dedos. *Porra, está molhada!*

— Ohhhhh, Marcelo! — Embriagada, ela gemeu rebolando na minha mão. — Já que começou, então termina logo com isso! — exigiu sedenta me alegrando. Abri o cinto e o cós da minha calça, baixei o zíper e desci junto a cueca azul-marinho, dando passagem ao meu pênis, que saltou ereto e duro para fora. Ela jogou o cabelo para trás deixando os ombros mais visíveis. Sem pensar duas vezes, arranquei sua calcinha de uma vez só a rasgando.

Antes de qualquer renúncia, agarrei meu pau clamando pelo interior quente dela, a outra mão peguei a cintura dela e puxei-a contra mim

penetrando fundo nela. Se contorcendo ali na mesa, ela soltou um gemido, que ecoou pelo escritório.

— Shhh! — Engoli seus lábios a calando enquanto meu quadril bateu contra suas coxas, pondo mais fundo. E foi neste instante que fomos abortados com a voz masculina e conhecida em tom altíssimo vindo da sala da Lúcia Helena.

— Sai, sai de cima de mim! — Espalmando em meu tórax, ela me empurrou com tudo e saltou dali ajeitando suas roupas.

— O que o calhorda e incompetente do Derek está fazendo aqui? — urrei entredentes, possesso, enquanto me vestia. *Eu falo que este cara é um empata foda!*

Ela sorriu de forma provocativa.

— A partir de hoje, ele tem passagem livre na empresa. — Piscou irritante. Sabia o quanto eu detestava aquele jeito dela de afrontar e o folgado lá fora. — Portanto, vai ter que nos engolir. — Deu de ombros e seguiu em direção à minha cadeira e se sentou puxando-a, escondendo as pernas deliciosas, tenho que admitir, debaixo da mesa.

Cerrei os olhos, inconformado a sua petulância.

— Ou se quiser facilitar, aceite seu dinheiro de volta e sua vida volta ao normal.

Abri meu melhor sorriso confiante curvando sobre a mesa a sua frente espalmei ali, encarando-a.

— Não vou abrir mão de nada, esquece!

Ela suspirou com meus olhos nos bicos entumecidos. O telefone tocou e a secretária anunciou a minha vítima. Eu ainda o mataria.

— O assunto é entre nós dois, se ele entrar aqui não respondo por mim — ameacei sério.

Ajuizada e me conhecendo se convenceu e baixou os olhos para dar a resposta à Lúcia.

— Peça-o para aguardar, por favor!

Colocando o telefone no gancho se levantou, contornando a mesa e parou a minha frente em afronta total.

— Não pense que me intimida, Marcelo!

Dei um sorriso torto e me aproximei de sua orelha sem quebrar o contato visual.

— Será mesmo, toda-poderosa CEO? — Aspirei seu perfume perturbador que sentia a falta e meu coração disparou, aquecido. Houve um suspiro singelo dos lábios dela, duro como rocha meu pau pulsou de desejo. — Porque não foi o que demonstrou até agora. Não resistiu. — Deslizei a mão sob suas costas, e senti sua pele arrepiar sob meu toque. — Admite que ninguém além de mim te fodeu tão gostoso, vai? — Rocei a ponta do meu nariz em seu ouvido, fazendo a gata vibrar — Confessa que nunca me esqueceu, confessa? — sussurrei. *Por favor! Eu não te esqueci.*

Num impulso ela saltou para longe de mim, o tremor em seus lábios e a aceleração do seu coração estavam evidentes com o movimento rápido do seu peito.

— Se acha irresistível, não? — Ela tentava se fazer de durona e fracassou com o tom embargado.

— Não exatamente! — respondi em tom medido.

Com um rubor tomando sua face, ela riu debochada arcando a cabeça levemente para trás.

— Está redondamente enganado, meu caro! — disse ao voltar com a cabeça, fitando diretamente em meus olhos. — Você não é nada comparado aos homens que conheci. — Ergui as sobrancelhas simulando indiferença quando estava me remoendo por dentro de ciúmes. Sentia, na verdade, um

ódio mortal recordando da cena em sua casa, ela se esfregando com o Derek. Ela persistiu olhando em direção a porta. — Todos, sem exceção, dão de mil em você — provocou ganhando a parada.

Apertava os punhos na lateral do corpo, não conseguia esconder o sentimento. Ela riu vitoriosa.

— O que foi, toquei em alguma ferida?

Filha da puta!

Mantive o sangue frio, sem demonstrar minha inquietação, mantendo o sorriso insolente.

— Já que perguntou o que aconteceu com a gente naquele dia, eu vou responder.

Ela arfou, e seus lábios se abriram, assustada.

— Você me fez um grande favor, tirou um peso enorme das minhas costas.

Ela riu, querendo chorar.

— Eu sei, você já disse isso! Ficou mais fácil para romper comigo, certo?

Dei de ombros a sua questão.

Ela balançou a cabeça, indignada.

— Você nunca é claro! Quem sabe um dia, você deixe de ser um covarde, né?

Grunhi a indireta.

— Pois bem, nossas conversas daqui por diante serão apenas sobre a empresa e nada mais. — Senti-a abalada, quando caminhou em seus passos sensuais, em direção à mesa ao fundo de reunião com oito poltronas, pegou sua bolsa sobre uma delas e colocando no ombro me fitou. — A coisa foi meio tumultuada, mas precisamos nos organizar em termos de espaço aqui na Presidência. Provisoriamente, o deixarei em paz, enquanto resolvo um assunto de extrema importância com o Derek.

Dizendo isto, ela acenou de cabeça, pegou a calcinha rasgada no chão colocando-a dentro da bolsa e passou por mim, deixando seu rastro de perfume me deixando zonzo. Me segurei ali com toda minha ira tomando conta ao pensar no Derek a esperando na outra sala. *CACETE!*

Abriu a porta; e ao sair, a fechou com violência.

Fechei meus olhos sem me virar, certo de que a organização deveria ser em meu interior. O desejo não poderia estar em maior proporção, mesmo porque não daria certo.

JAMAIS!

Concentrado na porta, pulei de susto com o toque do meu celular no bolso do paletó.

— Jussara? — escapou um tom alto, preocupado. Afinal, ela só ligava em momentos críticos. — Por favor, venha com notícias boas, ok? — Diminuí o tom ouvindo a conversa vindo lá da sala da secretária.

Ouvi seu riso explosivo e contagiante do outro lado da linha e soltei os músculos, relaxando caminhando em direção à janela.

— *Fica tranquilo, Marcelo!* — Com os olhos na vegetação exuberante do bairro, respirei fundo com a voz macia e abrangente entrando pelos meus tímpanos, serenando meu coração. Sua meiguice tinha este poder. — *É que tem uma pessoinha aqui desesperada para falar com você. Vou passar o telefone para ela...*

— *Sou eu, papai!*

Ri calmíssimo, agora com aquela vozinha fofa ao fundo. As coisas não aconteciam por acaso. Diziam que cada ação tinha uma consequência, uma verdade. A consequência foi ganhar este presente singular, que agradecia todos os dias. Um elixir nestes conturbados seis anos.

— *Deixa-me falar com ele, mamãe.*

— *Só um minuto, Yasmim* — Jussara solicitou a filha e retornou: — *Não se importa dela chamar você de papai?* — cochichou.

— Nunca! Ela pode tudo e passa logo o telefone para ela.

— *Oi, papai!* — pediu ela entrando na linha a seguir.

— Oi, minha princesinha! — Suspirei apaixonado apertando os dedos entorno do aparelho. — Posso saber por que a mocinha não está na escola?

Ela riu toda eufórica.

— *Saí mais cedo porque tem a festa de aniversário de uma das professoras.*

— Por acaso, eu conheço esta professora?

— *Esqueci, papai! Além de ser nova, ela tem um nome esquisito... Mamãe, como é mesmo o nome da minha professora?* — Saiu da linha, eu aguardei.

— *Dona Svetlana, querida!* — escutei Jussara falando, rindo.

— *O nome dela é Svetlana, papai.*

— Hum... — Torci a boca pensando de qual nacionalidade seria este nome.

— *Papai, estou com saudades. Vem me ver!* — mudou rapidamente de assunto.

Ri, sacudindo a cabeça, penitenciando-me pelo egoísmo.

— Prometo que, em breve, eu irei.

— *Tá bom* — disse ela espontânea. — *Um beijo.* — Dizendo isso, largou o telefone e a Jussara entrou em seguida, rindo.

— *Esta menina é mesmo impulsiva* — explicava Jussara. — *Não teve outro jeito senão ligar para você. Também, do jeito como você é carinhoso!*

— Fez bem, Ju! Afinal, faz alguns dias que não apareço por aí. Está uma correria por aqui.

— *É...* — começou cautelosa, porém insinuante. — *Imagino! Um passarinho azul passou por aqui e comentou por cima que sua ex está no pedaço e batendo de frente contigo.*

Fechei meus olhos com força, momentaneamente arrepiado.

— Ele passou a informação correta — admiti.

— *E como está lidando com isso?* — quis saber.

— Tudo sob controle, não se preocupe.

— *Conversou francamente com ela?*

— *Não!* — enfatizei voltando a mesa e sentei em minha poltrona e girava. — Por que faria isso na altura do campeonato? Como já guardei comigo por tantos anos mesmo, vou deixar como está. — Ela estalou a língua em desaprovação. — A não ser que você dê com a língua nos dentes.

Ela riu ofendida.

— *Não sou destas, ok?* — ralhou de um jeito que me deixou apreensivo.

— Ah, desculpa vai!

Ela bufou forte.

— *Sabe que, independente da sua posição, o meu coração é eternamente seu. O mínimo que posso fazer por você pelo seu amparo é sempre estar do seu lado. No entanto, ainda continuo achando que você deveria colocar os fatos na mesa para a Carolina. Ela tem o direito e merece saber.*

— A coisa já está fodida, então vamos poupá-la, ok? E basta deste assunto...

— *Tudo bem! Vou respeitar a sua decisão...* — desistiu. — *E quando vem visitar a Yasmin?* — cobrou. — *Ela fala de você o tempo todo.*

Ri fechando os olhos emocionado.

— Seria tão mais prático com vocês duas morando aqui perto.

— *NÃO!* — exasperou angustiada. Arqueei com a explosão da Ju do outro lado, com a minha consideração. — *Estamos muito bem aqui, em paz longe*

de tudo. — Foi categórica. — Por acaso, em algum momento, parou e pensou na possibilidade da sua família descobrir?

Ri desencanado.

— Este fato de vazar para a minha família não é o mais assustador, e você sabe muito bem ao que estou me referindo! — respondi tranquilamente, ouvindo sua respiração forte.

— Sim...

Fechei meus olhos, incomodado com a conversa vindo lá da sala da Lúcia Helena, antes de responder:

— Tudo bem, linda! Antes do jogo da final eu farei uma visita às duas — apressei, já com os nervos à flor da pele com a falação dos infernos, chegando até mim.

— *Não falhe, tá?*

— Claro que não! — garanti e desliguei.



Capítulo Cinco

CAROLINA

Ele não confessa nem sob tortura. *Otário, covarde!*

Meu coração parecia querer saltar pela boca, a batedeira dele na garganta chegava a ser preocupante. Mal conseguia respirar quando saí da sala do meu pai, ou que foi do meu pai. *Não pense assim!*

As lágrimas encharcaram meus olhos ao pensar na possibilidade de perdê-lo. Não suportaria viver sem ele presente, amava meu pai mais que a mim mesma. AMO OS MEUS PAIS!

Cerrei meus olhos sentindo o turbilhão borbulhar dentro da minha cabeça. Uma coisa eu tinha que aceitar, no momento em que guardei comigo a traição, tornei-me tão covarde quanto ele. *Que se dane!* Se errei ou acertei, não vinha ao caso hoje. Com o tempo que percorreu soaria até ridículo fazer-lhe cobranças agora, ele fez sua escolha e ela não me incluía, felizmente ou infelizmente esta era a realidade a qual tinha que engolir.

Em uma coisa o Marcelo tinha razão: eu demorei muito para enxergar. Abandonei o meu pai, mesmo dando total aval, pagando os meus estudos, incentivando a seguir em frente, fui uma egoísta e sabia que ele contava comigo na Uchoa.

Contudo, ele não deixava de ser um babaca.

Quem ele pensa que é? E por que diabos me excita tanto, não deixando meus anticorpos agirem em defesa, me fazendo este poço de luxúria a ponto de explodir? POR QUÊ? Bem... nenhuma novidade, pois, entre nós, esta

química impressionante, quando estávamos perto, sempre foi assim. Entretanto, esta minha conduta continua sendo inadmissível. Saco!

— Carol, você está bem? — Derek, dentro de um terno bege perfeito, combinando com o cinto de couro marrom, sapato e maleta executiva, dava um toque elegante com os cabelos claros, veio rapidamente ao meu socorro ali, parada a porta em completo devaneios. Segurou em meu rosto e seus olhos verdes passeavam totalmente por ele, enquanto seus polegares deslizavam secando algumas lágrimas de saudade. — Não está chorando porque aquele escroto do Marcelo ofendeu você, né?

Balancei a cabeça negando sem conseguir conter o soluço de dor e minha fraqueza.

— Não! — esbocei num fio de voz.

— Tem certeza, Carol? — insistiu nada convencido.

Concordei mais uma vez.

Carinhoso como ele era, não poderia ser diferente. Suas mãos desceram do meu rosto enlaçando ao redor do meu pescoço dando-me o prazer de um abraço forte, quente e amigo. Pelo menos para mim. Repousei meu queixo em seu ombro, quando ouvi a porta da sala atrás de mim se abrir e a voz do Marcelo explodiu como uma dinamite no recinto.

— LAMENTÁVEL! — Tremendo dos pés à cabeça me virei deparando-me com outra versão dos seus olhos. Cruéis, eu diria: vermelhos, soltando faíscas, inconformados. Mandíbula travada, os músculos retesados, dentro do terno de tom grafite e paletó aberto, como a camisa branca com os primeiros botões desabotoados, revelavam tortuosamente os músculos perfeitos, com o peito estufado. *Lindo demais, admito!* Instintivamente a visão deslumbrante aqueceu meu coração, sem que eu tivesse qualquer controle. — Se realmente o seu foco for a empresa, aconselho a parar com o desfrute pelas dependências dela.

Ofendida, abri a boca inspirando profundamente o máximo de ar que consegui, pronta a dizer poucas e boas.

— Exijo respeito ou você vai se ver comigo! — gritou Derek partindo para cima dele em minha defesa. *Um fofo que adoro!* Ergueu a mão preparando o punho para socar na cara do Marcelo, que não se intimidou, sequer arredou o pé.

— Por favor, Derek! — implorei num fio de voz segurando no seu braço dependurado no ar. — Não aceite a provocação, ele não vale a pena.

Marcelo grunhiu com a minha frase sem perder o contato visual com o Derek.

— Vai em frente — incitou-o com voz provocativa e cínica. — Só preciso de um pretexto para quebrar todos os dentes da sua boca.

Ri revoltada e encarei-o com ódio de mim em ainda sustentar tantos sentimentos por ele.

— A sua hipocrisia chega a ser irritante! — ele riu sarcástico, sustentando meu olhar com indiferença. — Você não é exemplo para mim, nem para ninguém — fazia referência à mulher na sala da D'Ávila.

Um sorriso inabalável se alargou no rosto viril, me desestruturando, me perdi em seus olhos, hipnotizada. Quanto mais frio e dominador ele se mostrava, mais eu sou atraída. *É osso!* Esta insegurança estava acabando comigo.

— Se não quer ser chamada a atenção, então comporte-se! — Naquela imponência toda recuou alguns passos, batendo com a porta em nossa cara.

— Como ele pode ser tão mal-educado! — exclamei incrédula, com os olhos na madeira da porta que acabara de se fechar, e ainda mais caída por ele. O homem era gostoso demais, confesso. Ele tinha razão: eu fui malcomida em todos estes anos. Ninguém fez gostoso e brutal como ele. Transei com vários procurando prazer e não encontrei até hoje.

Também, com esta pegada de lascar!

— Qualquer dia, este mauricinho vai cair deste pedestal e se esborrachar todo! — praguejou Derek, puxando a manga do paletó para baixo. Desviei da porta buscando seu olhar raivoso e investiguei o corpo bem esculpido e grande pensando na possibilidade de concretizar a transa com ele. Afinal, recusei sempre por estar muito perto do Marcelo. *Será que, inconscientemente, eu queria ser fiel?* A dúvida pairou por minha cabeça e decidi que já passara da hora de dar ao Derek o que ele sempre estimou. De repente, esta seria a solução de sobrepor o sentimento que sentia pelo Marcelo. — Não concorda comigo? — indagou notando minha análise.

Sacudi a cabeça, concordando.

— Plenamente — respondi e me dirigi a Lúcia Helena, ali sentada em sua mesa nos fitando perplexa. Ela sorriu, confusa. — Desculpa!

Com os lábios comprimidos, ela acenou de cabeça.

— Tranquilo!

— Vamos sair daqui, Derek! — Peguei em seu braço o arrastando em direção ao elevador com a intenção de ir ao laboratório, pelo menos, lá no cantinho que meu pai mais gostava, eu podia ficar mais perto dele até encontrar um canto efetivo para trabalhar.

Derek encostou na outra superfície do elevador, investigando meu semblante.

— Pergunta logo, vai? — O conhecia bem e sabia que estava louco para fazer alguma pergunta.

— Você nunca quis falar sobre aquele dia que o Marcelo nos flagrou no sofá da sua sala — começou ele ressabiado, talvez preocupado com alguma explosão minha. Pois foi assim em todas as vezes que nos encontramos, e ele entrou na pauta. Respirei fundo sem dizer uma palavra, isso o encorajou mais

uma vez. — Eu tenho muita curiosidade em saber o motivo da sua investida sobre mim. Você e o Marcelo sempre foram muito apaixonados.

A recordação daquela linda mulher grávida nos braços dele doeu demais, fechei meus olhos e deles desceram lágrimas que não enxuguei.

— Desculpa, desculpa! — em tom arrependido avançou os passos, seus braços enrolaram em minha cintura, meu rosto foi de encontro ao seu peito duro, deixando-me levar naquele instante melancólico que passei. — Este assunto te faz mal. Esquece! — aconselhou passeando com as mãos grande por minhas costas.

Não imagina o quanto! Lembrar da mulher e aquela barriga carregando um fruto em seu ventre que, provavelmente, era do Marcelo, atormentava a minha alma. E a tradicional pergunta que não saía da minha cabeça: *"O que teria acontecido por nunca a ter assumido, e o filho?"*. Conviver naquele vácuo não era fácil; como agora, estou sufocada além da conta.

— Meu relacionamento com o Marcelo degastou como qualquer outro — desabafei soltando o ar com força, buscando relaxar e nada!

— Ele mudou muito depois que você foi embora — declarou apartando e fixou em meus olhos. — Principalmente no futebol, tornou-se mais agressivo, aumentando o leque de inimizades.

— Ele não namorou ninguém sério depois de mim? — não resisti devido a minha curiosidade.

Ele deu de ombros e baixou os olhos, magoado que notei, porém respondeu:

— Só se namora escondido, porque agora o cara é um *conquistador* — frisou apertando o meu coração, que recordava da ruiva em sua sala. — Dá para contar nos dedos as garotas que ainda não caíram em sua lábia.

Eu não sabia se a informação fora proposital, como também não sabia o que era pior: a mulher grávida ou pensar nas inúmeras mulheres que

colocaram as mãos no corpo que me pertenceu. Diante da confusão generalizada, um nó enorme se formou em minha garganta e novamente a vontade de chorar veio. Reprimi.

Estava exausta de tudo, e precisava me colocar no controle daqui por diante.

Descemos no térreo do fundo da fábrica, cruzamos o estacionamento e seguimos conversando sobre o contrato em direção ao laboratório, e lembrei que não teria como o Derek entrar sem sua digital estar cadastrada.

— Desculpa, mas você não pode entrar. — Ele sorriu quando seu celular tocou no bolso do paletó e, pegando-o, solicitou licença e se afastou alguns passos.

Aguardei.

— Surgiu um contratempo que requer minha presença. Mas te encontro na festa do Bernardo ou te pego às 21h? — perguntou ansioso ao guardar o aparelho de volta no bolso.

Assenti que sim ganhando um sorriso encantador e, ao mesmo tempo, animador dele.

— Estarei esperando.

Ainda emitindo aquela felicidade radiante, ele dirigiu-se ao local onde seu carro estava estacionado.

José se levantou assim que entrei.

— Que prazer ter a senhorita aqui!

Sorri saudosa e me aproximei da mesa e estendi a mão pegando na dele, aguardando. Ele apertou com destreza.

— Estava com muita saudade daqui — declarei repassando o olhar ao redor, e parei na mesa atrás dele. A mesa que meu pai preenchia os relatórios dos medicamentos que ele desenvolvia. *Meu velho era tão lindo!* — A mesa

do meu pai — murmurei apertando meus lábios, segurando as lágrimas ameaçando explodir com nossa foto.

Ele sorriu emocionado.

— Conservamos tudo como ele deixou.

Grunhi suspirando e me sentei em sua cadeira, com a primeira gaveta entreaberta, via ali as várias pastas de cartão azul, onde estavam arquivados todos seus projetos. Nisto entrou o Marcelo, bonito pra cacete, carregando em sua hábil e gostosa mão uma pasta parecida e se reteve a porta, surpreso, quando me viu.

— Achei que tinha ido embora com o incompetente do seu advogado.

Insultando, riu desdenhando.

— Por que não dobra a língua ao falar, hein?

José riu com a minha ironia; e o Marcelo, ao contrário, foi de braveza. A tensão em seu corpo estava nítida. Ele me ignorou e se dirigiu ao funcionário.

— Aqui está a pasta que disse estar faltando — explicou entregando ao homem.

— Não sabia que estava com o senhor — disse. Fiquei intrigada com aquela conversa.

Fechei meus olhos recordando das palavras do meu pai: “Não gosto de ninguém colocando as mãos nas minhas pastinhas, aqui estão todos meus filhotes prontos para nascerem!”. Senti um aperto no peito vendo toda aquela violação. *Minha mãe tem razão! Meu pai nunca venderia esta empresa, aqui é a sua vida!* Graças a Deus, eu salvei pelo menos cinquenta por cento. Irritada, levantei indo ao lado do José abrindo a pasta, espiando todo o conteúdo e meu sangue subiu, centralizando totalmente em minha cabeça a ponto de deflagrar.

Eu reconheci alguns projetos ali.

— Se não sabia, então como esta pasta foi parar fora daqui, do laboratório? — questionei fitando o José, concentrada na minha respiração, tentando me acalmar.

Confuso, José deu de ombros e ergueu a cabeça buscando uma explicação com o Marcelo.

Na maior indiferença deste mundo, ele sorriu frio, sem titubear.

— Eu mesmo que peguei na gaveta — admitiu com autoridade.

— É uma regra proibida nesta empresa! — ressaltei ríspida. Marcelo cruzou os braços na altura do peito, balancei com a masculinidade. *Charmoso.* Hum... Engoli duro, desviando os olhos por uma fração de segundos a fim de buscar equilíbrio e retornei.

— Com licença. — Vendo a coisa esquentar, José se levantou. — Tenho um probleminha lá dentro do laboratório esperando por mim. — Rapidamente cruzou a porta de vidro nos deixando sozinhos.

Um sorriso desdenhador plantou em seu rosto magnífico.

— Veja lá como se refere a mim diante dos meus funcionários — advertiu. — Vou repetir o que disse lá na minha sala: se estivesse tão preocupada com a empresa do papai, nunca deveria o ter largado na mão.

Nossa, como suas palavras eram certeiras no meu peito, rasgando-o como uma lâmina afiada. Mordi meu lábio inferior na tentativa de esconder o tremor, mas pelo meu corpo não consegui esconder.

— EU TE ODEIO, MARCELO! — vociferei entredentes.

Ele revirou os olhos, impaciente.

— Pois deveria se odiar! — rebateu furioso envolvendo os dedos pelos cabelos, transparecendo uma indiferença dolorosa com os meus sentimentos em frangalhos. — Julga, julga, mas nunca se julga! — Rolou os olhos, rindo descontente. — Ficou anos sem dar as caras na casa de repouso, e quando

vai, ainda sequer se lembrou do aniversário da dona Esmeralda! — Mais uma punhalada. Senti-me desarmada diante do choque de realidade, mais um.

— Meu Deus! — Levei as duas mãos à boca, descrente da minha insensibilidade.

— É... — provocou a fim de acabar com o meu psicológico, e conseguia literalmente. — Não existe desculpa para uma atitude mesquinha e egoísta como esta. Chega a ser cruel com uma pessoa tão especial como ela!

Bombardeada por uma terrível instabilidade, recuei até cair sentada na cadeira do meu pai.

— Você deu as costas ao mundo ao seu redor, eu posso ter errado e muito, mas você errou muito *mais* do que eu. — Seus olhos brilharam ao enfatizar malvadamente, parecia querer chorar. Revoltada, ressentida, arrependida, saltei da cadeira e me aproximei dele.

Nas pontas dos pés ficamos olho a olho, nossos peitos arfantes, um recebendo o hálito morno do outro.

— Tudo culpa sua, roubou muito tempo da minha vida...

— Eu também me considero roubado! — Arqueou, balançando a cabeça, rindo cético. Suas mãos trêmulas e quentes seguraram meus ombros ao mesmo tempo que seus olhos fitavam meus lábios. Sentindo o baita choque ao toque arrancando minhas forças, fechei meus olhos enfrentando a corrente elétrica deslizar por todo meu corpo. — Todos temos defeitos de montão, e você está incluída no pacote. — Estranhamente perdido em suas palavras, ele murmurou me puxando, encostando seus lábios mornos e superdesejados no canto direito da minha boca.

Suportá-lo tão perto com a imensa saudade que sentia dele tornou-se missão impossível. Estava a ponto de fraquejar, sua proximidade, seu cheiro e seu toque era como um veneno. Estava ficando inativa, daqui a pouco não conseguiria mais reagir, como aconteceu lá em cima.

Precavida, dei-lhe as costas, peguei minha bolsa sobre a mesa e bati rapidamente em retirada.



A impressão que eu tinha saindo dali às pressas sem sentir o chão debaixo dos meus pés é que toda a bagagem da fortaleza que construí nestes últimos anos não serviram de nada. Estava mais frágil do que nunca. Não conseguia resistir sequer ao olhar dele e ciente desta minha fraqueza, ele tirava proveito, a dureza era que convivendo tão perto eu estava perdida!

Pelo meu pai jamais poderia dar as costas. Ele viveu por esta empresa e era minha obrigação colocá-la nos eixos.

Chegando ao lado do carro na privacidade, respirei o mais profundo que consegui, apoiando a testa sobre o teto e permaneci ali. A temperatura agradável com o sol ameno no céu azul limpo e sem nuvens, batia suavemente em meu crânio, causando ondas de ideias despoluindo minha mente, tentando a todo vapor achar uma solução, clareando meu caminho a seguir.

Para organizar minha cabeça, é necessário consertar alguns erros!

Acionei o controle do carro, abri a porta me atirando para dentro, liguei decidida a me retratar com a dona Esmeralda. Em todos estes anos, enviei doação anônima ao instituto, mas isso não supria a minha imensa falta com ela, e nunca me perdoarei por isto. Abraçá-la, beijá-la e pedir um milhão de perdões era mais do que imprescindível para amenizar um tantinho a minha paz de espírito.

E depois procuraria o Guilherme, por precaução de uma discussão em minha casa, o que não seria prudente com o estado de saúde do meu pai.

Preferi pernoitar num hotel próximo, ignorando as ligações da minha mãe pedindo meu retorno para casa. Eu não podia, não responderia por mim, de tão possessa. Queria morrer e matar em saber da própria boca do carrasco do meu coração que o meu irmão lhe passou o comando da Uchoa antecipadamente.

Com o fim do horário de pico, circular pela região ficava mais fácil, parei na floricultura comprando rosas vermelhas, as prediletas de dona Esmeralda. Em pouco tempo entrei no estacionamento da casa de repouso. Ela ainda estava em seus aposentos, os cabelos de algodão faziam junção a fronha do travesseiro, sua mão esquerda veio em minha direção assim que me viu, seu sorriso se alargou no rosto pálido ganhando uma corzinha.

— Que flores mais lindas, minha filha! — disse ela com a boca cheia. Sorri envergonhada, indigna de todo aquele gesto acolhedor. O Marcelo arruinou a minha vida, agora via o quanto perdi dela.

— Feliz aniversário atrasado — sussurrei com os olhos marejando e os castanho-escuros dela também ficaram lacrimejantes.

Ela segurou o buquê com uma mão e com a outra pegou na minha apertando muito forte, sem perder o contato visual, e me puxou para sentar ao seu lado.

— Todo dia é especial, digno de comemorar a vida, cada suspiro!

Concordei rindo arrependida e ainda mais apaixonada por aquela linda, doce e humilde mulher enquanto me debruçava sobre ela, a abraçando forte, esmagando a flores entre nós.

— Espera, querida! — Arqueei para ela colocar o buquê ao lado da cama e seus braços delicados e frágeis voltaram entorno do meu corpo, carinhosamente materno. Sentia um carinho imensurável e uma grande admiração por ela. — Não imagina a felicidade que sinto em você estar aqui, agora — cochichou em meu ouvido, e notei um soluço profundo.

Ergui o tronco analisando-a. Ela sorriu murcho.

— Estou confusa com este choro, não está parecendo de felicidade.

Grunhindo, sua mão franzina veio a minha face em forma de concha.

— É pura felicidade — aquela citação soou mentirosa. Eu tinha certeza de que era sim, falsa com seus olhos vagueando ao redor. Uma fuga real.

— Não vai conseguir me perdoar, né?

Rindo em meio a um suspiro prolongado, ela sacudiu a cabeça de um lado ao outro.

— A questão não é eu, e sim você me perdoar.

Franzi a testa sem entender.

— Não estou entendendo? — Serena, ela baixou os olhos com a minha dúvida.

Endireitei meu corpo a encarando.

— Eu não fiz nada para reaproximar você e o Marcelo — revelou com pesar.

Sacudia a cabeça negando.

— A responsabilidade não é da senhora, portanto não tem que se preocupar conosco. É um assunto entre mim e ele. E já está enterrado.

Levantei-me dando as costas a ela, escondendo meus olhos traidores tentando me denunciar. Precisava de equilíbrio para dar credibilidade ao que dizia. Inalei muito mais ar do que meus pulmões suportavam e soltei. E atingi a tranquilidade, o suficiente para enfrentá-la e virei de frente.

— Nunca mais pense sobre isso, tudo bem?

Ela sorriu tão bonitinha, mas ainda apreensiva. Voltei a me sentar, inclinei beijando sua testa.

— Não fui coerente nas tomadas de decisões, olhei apenas para meu próprio umbigo e parti esquecendo de tudo e de todo o resto, e me arrependo amargamente por esta imbecilidade. Nunca mais ficarei longe da senhora.

— Você promete?

Ergui a cabeça, assentindo.

— Minha promessa vai além.

Ela torceu a boca, curiosa.

— Vou ajeitar a minha vida e darei um jeito de levar a senhora para morar comigo.

Com a mão sobre os lábios, ela ria e chorava ao mesmo tempo emocionada, fazendo-me chorar também.

— Eu só tenho que agradecer a Deus por você e o Marcelo existirem na minha vida. Sempre a ajeitando da melhor forma. Não tem como não ser feliz, sabia?

Voltei a abraçá-la. Coitadinha, foi abandonada aqui há muitos anos pela filha que se casou com um ricaço e se recusou a levá-la a morar junto com a família. A maior tristeza da vida desta mulher.

— Vamos levantar para um banho gostoso antes do desjejum. — A enfermeira entrou o quarto.

Beijando sua testa, levantei dando espaço para a funcionária cuidar do bem-estar dela.

Acompanhei todo o procedimento da enfermagem e permaneci por ali até o final do café da manhã, e quando ela foi levada ao jardim para tomar um banho de sol, segui para a minha casa.

Passar um tempo em companhia da dona Esmeralda não aliviou o peso no meu coração cheio de amor pelo arrogante do Marcelo. Meu corpo reagia excitado a cada pensamento, lembrança. Ou seja, a cada segundo... Era impossível ignorar sua pegada bruta inigualável.

Entrei em casa ansiosa, irritada em não conseguir dominar tudo aquilo, sentindo o sangue do meu corpo correndo por minhas veias. A impaciência se estendia até o Guilherme, sem compreender direito os motivos dele

escancarar as pernas deste jeito ao Marcelo. Bati os olhos sobre o estofado confortável cinza considerando em deitar um pouco ali, mas não podia. Era mais do que uma deixa para lembranças. É imprescindível se manter bem distante dela se quisesse permanecer no comando das minhas emoções.

— Já em casa? — perguntou o Guilherme, vestido num terno preto elegante de caimento perfeito. — Acabei de falar com o Derek, e ele me disse que a deixou lá na Uchoa.

Observando-o descer os degraus da escada no centro da sala, ria perturbada.

— Só faltou você doar suas cuecas para o Marcelo! — falei sem pensar. Alcançando o chão da sala, arqueou perplexo com minha frase.

— Eu, hein! Que bicho te mordeu, Carolina?

— Esta pergunta deveria partir de mim, não acha? — Ele deu de ombros, perdido.

— Que bicho mordeu você, para ceder tanto? Até compreendo as razões de vender a empresa a ele, mas passar o comando sem a finalização completa da negociação, sem me comunicar antes, foi o cúmulo dos cúmulos — desabafei jogando a bolsa sobre o sofá.

Ele baixou os olhos por um instante antes de retornar.

— Para de se fazer de vítima, Carol! — advertiu-me com seriedade. — Tivesse se preocupado antes de largar tudo e ir viver uma vida independente. — Trinquei os dentes com aquele mesmo contexto do Marcelo. — Nosso pai esperava por você no comando e a senhorita zarpou toda cheia de problemas emocionais, e agora vem querer me dar lição de moral?

Mordi o lábio inferior a mais àquela punhalada, o mundo resolveu me atacar agora. Só que ele estava com a razão, pensei somente em mim, e em mais nada, e ninguém.

Vestindo a carapuça, me joguei sobre o sofá e afundei a cabeça no encosto macio e mantive os olhos no teto.

Ele retomou:

— E outra que não havia outro meio, sem uma administração competente, a Uchoa ia quebrar de vez. Isto não seria justo com o pai — emendou se sentando ao meu lado e pegou na minha mão.

Continuei com os olhos onde estava, sem condições de debater a questão verdadeira.

— Foi justo minha atitude diante da quantia milionária que o Marcelo pagou, aliás quem seria maluco de pagar uma fortuna por uma empresa no vermelho? Me fala?

Levei minhas mãos aos olhos e respirei profundamente, confusa.

— A sua irmã é uma excelente empresária, tenho a mais absoluta certeza de que ela é capaz de levantar a Uchoa — interrompeu minha mãe descendo as escadas muito bem-vestida com uma calça branca de seda e uma camisa chiquérrima, numa estampa leve por dentro. Os cabelos presos num coque frouxo e uma maquiagem leve no rosto. — Todos sabemos do amor do seu pai pela empresa — completou ela.

Guilherme jogou seu olhar aflito sobre mim.

— Você já está com a vida ganha, e eu preciso de uma guinada na minha empresa. É a minha chance, portanto não tire a oportunidade de mim — solicitou com uma franqueza que doeu em meu coração.

Compreendia o quanto era importante para ele.

Convencida, sacudi a cabeça enquanto levantava do sofá, peguei minha bolsa e caminhei em direção as escadas, morrendo de saudades do meu pai. No primeiro degrau, virei fitando-os.

— O Marcelo está irredutível em desfazer o negócio — esclareci dirigindo à minha mãe, que fechou a expressão furiosa. E desviei ao Guilherme, tenso e

amedrontado. — Não sei como será possível uma convivência saudável entre mim e ele, mas por enquanto teremos que tocar a Uchoa como sócios.

— Ele não vai aceitar esta condição, vai nos processar! — alertou meu irmão ainda tenso.

Dei de ombros.

— Que se dane ele! Não assinei nada, vai ter que me engolir porque o Derek já o ressarciu da minha parte em Juízo. Vou fazer da vida dele um inferno, até que ele desista e eu possa comprar a sua parte e reaver a empresa que pertence exclusivamente ao meu pai. Enquanto ele respirar, a empresa será dele.

Minha mãe aplaudiu, felicíssima.

Guilherme riu relaxando os músculos tensos e saltou do sofá.

— Isto quer dizer que posso dar sequência aos meus investimentos? Estou indo agorinha a uma reunião...

Assenti, voltando, e o abracei forte alisando seus cabelos; e ele, minhas costas.

— Eu desejo toda a sorte do mundo a você, meu irmão. E deixa comigo, que resolvo com o Marcelo.

— E eu te desejo sorte com o cara!

Foi sincero, apartei alisando seu rosto e o beijei.

— Até mais, meninas — disse seguindo em direção à porta.

— Eu também tenho um compromisso, querida. — Minha mãe beijou meu rosto e seguiu o rastro do Guilherme.

Eu segui para o quarto do meu pai, parando à porta por alguns instantes. A iluminação no ambiente da luz natural, atravessando a vidraça, não fazia do ambiente animador. Era tão duro ver meu paizinho deitado naquela cama, na mesma posição.

— Eu tenho certeza de que ele quer sentir o calor do seu abraço. — Sentada na poltrona perto da janela com um livro aberto nas mãos, a voz macia e confortadora da Lídia despertou-me daquele sofrimento. Joguei meu olhar sobre ela. Sorrindo carinhosa, seus olhos puxados pareciam ainda menores. — Dormiu fora, ficou muito tempo longe dele — completou.

Muito triste, concordei com a cabeça adentrando no recinto e me aproximei da cama. Sentando ao seu lado, debrucei-me sobre ele, repousando meu ouvido em seu peito, seu coração ainda não havia parado e esperava que nunca parasse.

— Se fosse possível me partir ao meio, eu te dava a metade de mim, ou a parte que te falta.

Se eu tivesse o poder de voltar atrás, faria tudo muito diferente, pai.

Meu coração estava com tantos questionamentos, mas uma certeza eu tinha agora: iria limpar a lambança que fiz.

Erguendo a sua cabeça, beijei-lhe a testa; em seguida, a face perto do ouvido sussurrei ali, na certeza de que ele estava ouvindo meus dizeres:

— Não se preocupe que eu vou cuidar da Uchoa como você gostaria, tá? Permanecerei no comando até você levantar desta cama e assumir seu lugar de direito.

Eu acreditava fielmente nesta possibilidade, e seria o melhor e único presente a receber da minha vida.

Passei o dia ao seu lado, dedicando todo meu tempo ajudando a Lídia com os afazeres do seu conforto até a noitinha, quando segui para cuidar da minha aparência para me apresentar bem diante da galera. O dia com meu velho levantou meu astral, pareceu bem legal relaxar, jogar conversa fora.



Capítulo Seis

MARCELO

— Espero ter dado conta da reunião com os empresários chineses — desafiei Tiago em tom matreiro assim que ele se identificou quando atendi a ligação de número desconhecido. Ele rosnou nada satisfeito do outro lado da linha.

— Ah, tá! O mundo não gira em torno somente de você, seu metido!

Gargalhei ao seu jeito todo nervoso atingindo o meu objetivo. Meu irmão é um cara supercompetente, tenho que assumir.

— Está falando com o mestre em parcerias estratégicas. Tudo fechado como manda o figurino — esnobou ele cheio de si. *— E vou te falar uma coisa: o projeto dos caras é de um centro de distribuição gigantesco.*

— Fantástico! — Enfim, uma notícia boa entre o emaranhado de problemas a serem resolvidos. — Espero ter sucesso também hoje à noite no encontro. Estou com algumas parcerias quase fechadas que virão fazer toda a diferença para a D'Ávila.

— Estou sentindo certa insegurança no todo-poderoso Marcelo? — Ri da insinuação do safado. *— Porque, se for o caso, deixa com o mano aqui, que não fraqueja nunca.*

Gargalhei novamente pensando no quanto ele estava correto. Havia mesmo certa insegurança, mas longe de interferirem nos negócios da D'Ávila. A insegurança se chamava Carol.

Nunca passou pela minha cabeça que a aquisição, a fim de salvar a Uchoa, se tornasse este grande desafio. Depois do deslize, o que pareceu a maior oportunidade da minha vida se transformou num martírio, agora me sentia dividido. E o pior que não havia como escolher lados, precisava fazer um malabarismo a fim de agregar tudo sem que houvesse prejuízos, tanto financeiro como emocional! *É foda!* Nunca me imaginei nesta situação. Como eu poderia imaginar que a Carolina, há tantos anos sumida, resolvesse voltar mais forte do que nunca, e ainda bater de frente comigo? Bem ao contrário do que pensei... O fato de ter transado com ela sem a devida proteção se tornou mais um motivo de preocupação. Ela era a única em que eu confiava plenamente para cometer uma insanidade dessas, ela era minha e eu tinha certeza. Mas hoje, diante das circunstâncias, uma gravidez inesperada seria um problemão.

— Insegurança não existe no meu dicionário, tampouco em minha vida — menti.

Ele deu aquele risinho duvidoso.

— *Então passe a fórmula secreta* — começou ele provocativo. Torci a boca esperando por mais, e não deu outra. — *A minha preocupação é o seu coração fragilizar com a volta da Carolina, não pode deixar a peteca cair, Marcelo!* — alertou, me deixando possesso. — *Tem muito dinheiro em jogo.*

Saltei da cadeira indo em direção a janela e respirei fundo, completamente incomodado com aquela implicação. Engoli duro apreciando o local privilegiado com silêncio e muito verde, o sol no horizonte se escondendo com o lindo entardecer aqueceu meu coração, porém não o acalentou. Precisava colocar as ideias embananadas na cabeça no lugar, só assim escaparia daquele tormento.

— Eu queria entender de onde vem tanta preocupação, se você foi o primeiro a dar-me razão quando comentei sobre a intenção de comprar a

Uchoa — o cobrei com algumas ideias sendo recolocadas no seu devido lugar. Embora suspeitasse, não compreendia a insistência dele de bater na mesma tecla sempre que tinha oportunidade.

Ele silenciou por um instante antes de desconversar.

— *Estou exagerando, eu sei. Este assunto nem estava na pauta, liguei mesmo para dar a notícia do que foi fechado com os chineses, e sobre o Wesley*

Arqueei curioso.

— O que tem o Wesley?

— *Andou tendo uns piripaques no coração.* — Gelei com a notícia, pois ele estava bem estes dias. Após a morte da minha mãe, doenças costumavam me deixar meio atordoado. — *Parece que foi diagnosticado Síndrome do Pânico, depressão estas coisas...*

— Poxa! Coitado! — lamentei pensando na minha mãe, o quanto ela sofria com esta doença.

— *Ele pediu a exoneração do cargo há seis meses, e não conseguiu mais arrumar emprego e sabe como a pessoa fica sensível nestes casos* — falou chateado. Também fiquei com pena. — *E implorou para ver contigo se a gente consegue uma vaga para ele em alguma de nossas empresas.*

Ergui as sobrancelhas contrariado, seria taxado de egoísta oferecendo-lhe uma vaga operacional. Diante desta circunstância, se tornou impossível tomar uma decisão de imediato.

— Depois eu vejo isto, Tiago.

Ele rosnou irredutível.

— *Qual é a dificuldade, Marcelo?* — contestou. — *Estamos falando do Wesley, o nosso primo!* — ressaltou, me deixando sem alternativas.

Céus!

— Tudo bem! Veja no departamento pessoal da D'Ávila algum departamento carente de funcionário e o encaixe.

— Estamos com o quadro de funcionários inchado na D'Ávila, e você sabe muito bem disto.

Concordei acenando com a cabeça e voltei a me sentar.

— Estava pensando na Uchoa, graduado em farmácia e competente, ele seria bem útil. Inclusive, ele comentou comigo que antes do Senhor Gael adoecer, ele já havia o convidado para sair do INPI e ir trabalhar no laboratório.

Torci a boca nada satisfeito.

— E outra que precisa de um braço direito por aí, já que também está à frente da D'Ávila. Se não for o Wesley serei eu.

Fui obrigado a contrapor diante da sua convicção, e seria provisório porque, quando ele souber que a Carolina está na direção junto comigo, a coisa vai ficar complicada para o meu lado.

— Por enquanto não posso agregar ninguém aqui — anunciei com firmeza e, neste instante, meu celular sobre a mesa tocou. Vi no visor o rosto sensual da Ingrid. — Conversaremos sobre o Wesley amanhã. — Olhei no relógio em meu pulso, passando das 17h30. — Estou atrasado.

— Combinado! Vou torcer para você conseguir atingir, pelo menos, 10% da minha capacidade de convencimento.

Não consegui conter o riso alto e peguei o celular.

— Que isso, rapaz! Está para nascer o cabra que vai me superar um dia.

Ele ria.

— Ah, só mais coisa! — Lembrei do meu pai. — Sabe se o papai já viajou?

— O velho passou o dia sumido, acredita?

Acenei de cabeça, bem típico dele.

— *Tentei ligar o dia inteiro com a intenção de acompanhá-lo ao aeroporto, e só consegui falar com ele agora há pouco. Já está embarcando, só não disse para onde.*

— Tudo bem! — Soltei o ar exausto. — Até mais, Tiago. — Desliguei antes dele pronunciar qualquer outra palavra. E atendi a bela Ingrid. — Desculpa a demora em atender, meu irmão estava tirando onda da minha cara só porque conseguiu um novo contrato.

Ouvir aquele riso espontâneo dela foi reconfortante, precisava de alguém com esta aura alegre ao meu lado. Principalmente na data de hoje.

— *Posso até imaginar o monte de asneira saindo da boca dele*. — Ela o conhecia muito bem também.

— Mas e aí, está animada para passar muitas horas comigo? A noite vai ser longa.

— *Preparadíssima!* — garantiu com a maior certeza deste mundo. Era do seu conhecimento que eu sabia reconhecer e agradar quando precisava do serviço perfeito e de qualidade. GENEROSO! — *Sou todinha sua hoje.*

— Você é excepcional.

Ela agradeceu, combinamos o local do encontro, então desliguei.

Apressadamente, eu organizava a mesa quando um arrepio tomou meu corpo fixando na ponta onde a bunda gostosa da Carol sentou. *Esquece, caralho!* Soltei o ar fortemente para afastar aquela tensão, relacionei os afazeres urgentes de segunda-feira, e interfonei chamando a Lucia Helena. Em um minuto, ela abriu a porta.

— Precisa de mim, senhor Marcelo? — perguntou fechando a porta e veio em frente à minha mesa, eu terminava de relacionar, e ergui a cabeça sorrindo aprovando a rapidez como ela atendeu ao meu chamado.

— Cataloguei as urgências de segunda-feira. — Estendi a folha, ela a pegou. — O primeiro item é o relatório que o José ficou de entregar logo pela

manhã da segunda. Como não virei para cá de manhã, gostaria que recebesse e deixasse tudo em ordem aqui na mesa.

— Fique tranquilo! — garantiu.

— Obrigada! — Respirei fundo e me levantei. — Preciso ir, tenho um evento para logo mais.

Ela assentiu de cabeça no mesmo lugar.

— Bom evento para o senhor!

Assenti, pegando minha maleta e a gravata sobre a poltrona ao lado da porta e saí voando.

A ideia destes encontros, além do benefício de fazer contato com clientes exclusivos, que exigem um atendimento personalizado, fortalecer o contato com o setor ainda trazia oportunidades excelentes de negócios.



— Cansada? — No saguão do salão, onde acontecera o evento, aguardando o manobrista trazer meu carro, perguntei a Ingrid enquanto passava o braço ao redor da sua cintura fina e beijei sua face, ela moveu a cabeça de um lado ao outro e escapou do meu braço, colocando-se à minha frente e deslizando as mãos delicadas, com anéis dourados, dos meus ombros aos braços.

— Orgulhosa de você! — Nas pontas dos pés pressionou os lábios quentes sobre minha barba. Fechei os olhos para receber o carinho. Afinal, esta nossa parceria prolongada é bem legal. — Quando subiu ao palco para discursar sobre sua empresa, eu só pude admirar. A escolha deste terno cinza claro, camisa azul e gravata levemente quadriculada em preto e cinza destacou a sua

imagem — afirmou com seus dedos apertando meus braços e olhos percorrendo meu corpo.

— Estou muito feliz com o resultado. Depois que finalizei o discurso vários empresários vieram até mim. Se topar podemos ir a algum lugar comemorar — sugeri.

Ela riu animada.

— O quê? Hoje estou somente para você, Marcelo.

Pisquei dando-lhe um beijo na testa, lembrando do Tiago, peguei meu celular no bolso.

— Só um minuto que vou dar as boas notícias ao meu irmão.

Gentil, ela assentiu envolvida no mesmo entusiasmo que o meu.

— *Alô, Marcelo!* — Tiago gritou tentando vencer o som alto da música ao fundo. — *Só um minuto, vou procurar um lugar silencioso para conversamos*.

Enquanto aguardava, percebi o barulho ir diminuindo.

— *Ah, desculpa! Não queria interromper os pombinhos.* — Ouvi o Tiago dizer. — *Só preciso atender o celular e já saio, prometo.*

— *Não esquenta, Tiago*. — Meu coração sofreu um forte palpitar, reconhecendo a voz da Carol.

— *Fica à vontade, cara!* — o complemento da frase, com a voz do Derek, fez dele descompassado, perdi a noção de tudo ao meu redor. “Como assim, pombinhos?”, perguntei mentalmente correndo a mão agitada pelo meu cabelo enquanto caminhava em direção a porta, me embrenhando entre os aglomerados de pessoas elegantes aguardando seus veículos. E saí para a calçada.

— *Pode falar agora.* — A voz do Tiago retornando interrompeu o silêncio preenchido apenas pelo meu batimento cardíaco no pico.

— Você está aonde? — mudei o assunto. Toda minha cabeça direcionou a Carol, o Derek, a noite linda que ainda estava na metade, às 22h40, a grande lua prateada enfeitando o enorme céu estrelado, cheio de pontinhos de luz. Tudo propício aos amantes.

POMBINHOS! Me corroía por dentro.

Engoli duro, com a possibilidade de ele estar tocando-a. Não conseguia reaver meu autocontrole, me sentia ultrajado, traído de novo. *CARALHO, MARCELO, SE CONTROLA!*

— *Aqui na casa do Bernardo comemorando seu aniversário* — disse ele todo animado. — *E que festa, Marcelo, que festa!*

Balancei a cabeça inconformado com a minha distração. Esqueci completamente da festa. *E agora, como vou fazer se convidei a Ingrid para beber?*

— Marcelo? — Ouvi sua voz preocupada no mesmo instante que senti sua mão delicada sobre minhas costas. Virei ligeiramente sorrindo, dentro de um vestido preto longo e elegante demarcando suas curvas, ela tombou a cabeça um pouco ao lado especulativa. — Aconteceu alguma coisa? — perguntou aflita.

— Saí para fugir do barulho lá de dentro — menti tapando o fone. Na verdade, sufocado eu vim atrás de ar puro, isso sim. — Só um minuto, estou terminando com o Tiago.

Permissiva, ela acatou e se afastou um pouco oferecendo a privacidade necessária.

— *Esta voz é da gata da Ingrid?* — indagou Tiago interessado.

— Respeito, cara! — exigi.

Ele riu divertido.

— *Nossa, mano, como você é mesquinho! Mas quer saber? Eu seria também.*

— Só gosto de exclusividade, e não abro mão do olho treinado dela, e da artimanha tipicamente feminina.

— *Ainda vou arrumar uma perfeição desta para mim. Agora conte sobre o encontro, já terminou?*

— *Vou buscar uma bebida para nós* — perdi o tempo da pergunta do Tiago ouvindo baixo a voz evidente do Derek novamente, e todo o sangue subiu para a minha cabeça e conservou lá. Sentia a fervura em minha face e o perrengue dentro do peito. — *Vai beber o quê?*

— *Traz uma margarita, por favor.* — O simples som da voz macia dela pedindo o tradicional drinque mexicano feito à base de frutas, tequila e licor de laranja, sua bebida predileta, me deixou fora de mim. Meu coração palpitava cada vez mais forte.

— *Marceloooo? Você ainda está aí?* — insistiu Tiago ao meu silêncio externo, porque por dentro estava um descontrole, tudo desajustado.

Merda!

— Depois nos falamos — cortei na certeza de que deveria interromper aquela palhaçada com urgência. O próximo carro que o manobrista trouxe foi o meu, desceu e abriu a porta, primeiramente para a Ingrid. *Ufa!* Respirei, aliviando um pouco a tensão, contornando o carro.

— Há algo de errado contigo — afirmou Ingrid notando meu estado inquieto quando eu atava o cinto de segurança. Sem jeito e as duas mãos segurando forte o volante, girei a cabeça, a expressão de pena dela ampliou o vazio que eu sentia em meu interior. *Porra!* Deslizei a mão direita da boca ao queixo, angustiado e com uma pressa absurda de chegar àquela festa, só não sabia como cancelar o convite. — Não adianta negar, o tempo prolongado o acompanhando posso me dar ao luxo de dizer que o conheço e muito bem.

Concordei abanando a cabeça de cima a baixo.

— A festa de aniversário de um grande amigo está rolando neste instante no meu condomínio e...

Ela soltou uma risada, interrompendo-me.

— Aniversário do Bernardo! — disse balançando o dedo indicador em frente ao meu rosto. Arquei surpreso.

— Conhece o Bernardo?

Ela riu, concordando de cabeça.

— Pergunta imbecil esta minha. Todos conhecem o Bernardo e sua família. — O fato dos seus pais estarem envolvidos no mundo automobilístico, eles acabam sendo bem disputados pela imprensa.

— Nem que a gente queira, consegue esquecer com ele nas capas das maiores revistas — esclareceu ela. — Eu aconselho que tome o rumo da festa, porque eu também fui convidada e estava bem chateada em não poder comparecer.

— Sério? — Não gosto de festinhas, mas a de hoje causou uma euforia irritante.

— Vai logo antes que eu desista.

Ri, dando seta, pegando a direita, caminho para acessar a Marginal Pinheiros sentido Castelo Branco.



Devido à festa, a fila de carros de visitantes era quilométrica na portaria do condomínio.

— Uau, está bombando! — comentou ela assim que cruzamos a portaria do morador e acessamos as ruas, que sempre foram tranquilas, arborizadas e bem iluminadas, hoje muito movimentadas. Peguei o sentido contrário onde

localizava a minha residência, pois a do Bernardo ficava no outro extremo, onde o muro terminava e começava a mata virgem.

Minha casa era bem legal, mas a do cara era a dos sonhos! Megamansão cinematográfica de alto luxo e tecnologia. Vistosa fachada compondo grandes vidros verdes temperados combinando com a jardinagem bem cuidada e os holofotes dando uma iluminação especial. Muitos convidados estavam chegando junto conosco.

Largamos o carro na esquina sem opção de vaga e retornamos a pé.

Com as mãos nas costas da Ingrid, a guiava pela passarela de cimento queimado até cruzarmos a porta e darmos no *hall* sem móveis e pé-direito duplo, como a ampla sala toda em mármore branco, combinando com corrimão transparente da escada em onda ao fundo. O lustre pendente de cristal descendo do teto era magnífico.

Sem os móveis, o ambiente com paredes de vidros ao fundo, dando visão da esplêndida área externa, se tornou um ambiente de balada, casais davam seu show com a canção propícia para dança a dois.

Mesas apenas na parte externa, luxuosas, estavam lotadas, o que não era de se admirar conhecendo o Bernardo, ele não fazia conta de gastos e nem convidados, quase toda Alphaville estava em peso na festa. Só gente bonita e não faltava celebridades. E, além do vasto quintal todo iluminado e animado a uma banda da região, haviam algumas tendas charmosas, coisa de Bernardo, ele gostava de causar, suas festas costumavam render. Um local onde casais trocavam uma conversa mais intimista antes de subir as suítes no andar superior, decoradas semelhantes a suítes de motel.

A luz de velas criava um ambiente romântico e favorável à conquista, e era justamente em uma destas tendas que meus olhos captaram a Carol.

Ambos sentados nas poltronas confortáveis, uma de frente a outra, conversavam naturalmente até iniciar a batida lenta da banda. Ele estendeu a

mão, não segurei a onda quando ela segurou a mão oferecida e ambos levantaram. *Que gata!* Como sempre, ela arrasava no visual, sabia como enfeitiçar os olhos de um homem. O vestido de alta costura como tudo o que ela usava, preto e justo no corpo e sexy. Havia alguns detalhes em abertura: no ombro, cintura e três dedos acima dos joelhos, dali em diante descia um babado até a canela. Ou seja, uma delícia de sereia sendo degustada pelo Derek. O sangue me subiu vendo os braços dele indo em volta da cintura da Carol, e os dela, embora timidamente, foram aos ombros dele e começaram a dançar.

QUE PORRA É ESSA?! Não conseguia engolir a ceninha medíocre.

— Aceita uma bebida? — ofereceu o garçom circulando com a bandeja.

— Nossa, veio em excelente hora, estava morrendo de sede — explanou Ingrid ao meu lado de maneira despretensiosa pegando uma taça com espumante. Nem sei se ela notava meu descontentamento e a direção do meu olhar, possesso.

— Vai beber algo, Marcelo? — ofereceu Ingrid. A resposta foi apenas a pressão dos meus dedos em sua cintura, furioso. Beber não estava nos meus planos naquele instante, eu só queria socar a cara do Derek, só isso! — Você está bem, Marcelo?

Sem desviar os olhos dos pombinhos, assenti de cabeça. Afogado num poço de ciúmes, apenas agarrei com raiva o copo de vidro com a mão livre, sem analisar o líquido e bebi tudo em apenas um gole. O uísque desceu queimando minha garganta.

— Nossa! — exclamou ela estranhando. — Estava mesmo com sede!

Sede de matar! Filha da puta! Inacreditável ver aquilo, ambos se afastaram apenas o suficiente para trocarem palavras e olhares. Pensar no que aquilo poderia significar, fiquei por um fio de avançar até eles e acabar com a festinha particular. *Eu sabia!* Lá estava a minha teoria, a mão do escroto

contraiu-se na cintura dela a levando para mais perto dele, e ficaram os dois se olhando, completamente.

— Tem certeza de que está bem, Marcelo? — Ingrid insistiu na pergunta, tirando-me do meu mundo revoltado e trazendo de volta à festa. A música agradável e aquelas pessoas bonitas circulando distraiu-me por um instante.

— Estou bem, sim. — Curvei a cabeça beijando a lateral da sua cabeça. Seus cabelos ruivos perfumados serviram como uma poção à calmaria; e num relance de olhar à tenda, nossos olhares se cruzaram. Carol flexionou seus lábios ligeiramente, fechou os olhos e virou seu rosto, me deixando no vácuo.

— Marcelo, você aqui? — A voz rouca do meu irmão me puxou de volta.

— Meu brother que não viesse para ver! — Bernardo vindo ao lado do Tiago disse mergulhado no seu sorrisão contagiante e foi o próximo a exigir um abraço.

— Não resisti, afinal suas festas são as melhores — elogiei lançando um rápido e discreto olhar sobre a tenda. Os dois ainda dançavam e a visão era azucrinante além da medida.

— É uma honra receber você em minha humilde casa, Marcelo! — Embora fosse um *playboy*, o cara esbanjava simpatia e arrasava o *business* casual, camisa branca, calça de sarja preta, cinto e sapato na cor da calça. E não podia faltar o único exemplar do relógio em seu pulso de uma marca famosa. Travou os olhos na Ingrid, que sorriu toda simpática. — O mesmo digo a você, linda mulher. — Segurando na mão dela, levou aos lábios num beijo educado.

— Parabéns, sua festa está de muito bom gosto. — E varreu os olhos azuis admirados pela sua roupa. — Assim como sua vestimenta.

Ele riu todo orgulhoso, batendo no meu ombro.

— Está pensando que somente o nosso amigo aqui consegue atingir a elegância?

Ela riu gostoso, eu não conseguia mover os lábios, ou seja, eu não conseguia sequer pensar. Toda a minha atenção estava na tenda e, desta vez, não passou despercebido. Os dois à minha frente me observavam, desviei o olhar oscilando entre eles, entre os três, corrigindo. O Tiago também percebeu minha curiosidade.

— E como foi o jantar? — quis saber Tiago.

— O quê? — interveio Bernardo requisitando todos os olhares. — Aqui na minha festa se pode falar de qualquer coisa, exceto negócios. Aliás, tenho uma ideia fantástica que tenho certeza de que vai agradar a todos. — Bateu no meu ombro me guiando em direção a parte externa. — Vamos juntar toda a galera numa mesa e fazer aquele registro para ficar na história.

Meu coração se alegrou à sugestão, juntar a galera significava o fim da cena romântica.

— Eu alcanço vocês — disse Ingrid quando seu celular tocou em sua bolsa. Pegando-o, ela se afastou.

Na verdade, Bernardo já havia preparado a tal mesa e parecia que toda nossa turma estava reunida ali, conversando animadamente. Bons tempos aquele, diferente de agora com contas para pagar, algumas amizades indo de mal a pior, alguns distantes. Respirei profundamente nostálgico e olhei para a tenda, um garçom dizia algo ao casalzinho que imediatamente vinham de mãos dadas se juntar à mesa. *Amores mal resolvidos!*

— Eu não creio que o Zeus veio! — Sentada do outro lado da mesa, Susana Crismam, socialite mais ousada e de bom humor de Alphaville, comentou. De pele morena aveludada e os cabelos negros, extremamente lisos e longos, era conhecida mundialmente como uma grande defensora dos Direitos Humanos. Este seu trabalho humanitário veio com o projeto do nosso colégio da visitação as casas de repouso, orfanatos, etc.

— Por que os melhores títulos ficam sempre com meu mano?! — Humorado, Tiago, ao meu lado, deu um leve tapa em meu ombro me encarando. — O rei dos deuses gregos? — completou debochando e arrastando a cadeira ao lado do Cauã e se sentou.

Abri a boca a fim de agradecer e fui navalhado pelo Derek chegando de mão dadas com a Carol, que trazia sobre seus ombros uma echarpe na cor do vestido, deixando-a ainda mais charmosa e sensual, e uma bolsa pequena embaixo do outro braço.

— Está mais para um príncipe sem trono — provocou ele afastando a cadeira para a Carol se acomodar. Todos os olhos estavam sobre mim, inclusive do Bernardo, estupefato ao meu lado, preocupados ou aguardando a minha reação.

Cauã girou a cabeça e acenou para mim ali em pé, atrás dele. Furioso com o atrevimento do idiota, ergui as sobrancelhas, soberbo.

— Com ou sem trono, mas sempre da nobreza, de sangue azul. — A gozação em cima do Derek foi generalizada, deixando-o exaltado.

— Poderia dormir sem esta, cara! — zombou Bernardo pegando uma bebida sobre a bandeja do garçom que circulava a mesa, a amizade entre eles dava condições a esta abertura.

Inconformado, Derek ergueu a cabeça me fitando, os olhos deixaram de serem verdes, agora vermelhos cor de sangue.

— Vamos ver se esta banca se sustenta depois da final do futebol daqui a duas semanas. Já sentiu nossas forças no último jogo. — Riu na intenção de humilhar, arredou sua cadeira e sentou-se ao lado da Carol. Seus olhos vagavam curiosos pelo meu corpo. Eu só consegui pensar em pegar na sua mão e arrastá-la dali.

— Apenas sorte de principiante.

— Epa, agora mexeu comigo — pronunciou Hélio na ponta da mesa. Integrante do time oponente. — Que nosso time brilhou é inegável. — Todos os integrantes do time do Derek concordaram me fitando.

— Vamos considerar o último jogo um amistoso. — Cauã veio em minha defesa. Peguei outra bebida e aproveitei para me sentar na cadeira ao seu lado. — Na final saberemos quem tem o melhor ataque, técnica e habilidade.

— É isso aí! — confirmou Tiago largando seu copo sobre a mesa e espalmando sobre ela. E os outros atletas do meu time e a torcida feminina aplaudiram ao meu comentário.

— É melhor não contar vitória antes da hora, Marcelo! — interveio Bernardo, prudente. Ele era do meu time.

— Uau! — exclamou Susana com os cotovelos sobre a mesa, ela aplaudia curtinho, em seu pulso havia um bracelete de ouro. — Este futebol americano promete reservar fortes emoções a nós torcedores. Não perco o jogo por nada!

— E onde será a final do campeonato? — Sorri com a voz macia da Carol. Neste momento, o garçom parou ao lado dela. Os dedos delicados enrolaram na taça do espumante antes dos seus olhos encontrarem os meus. Abri um sorriso frouxo. Arregalando os olhos assustada, ela desviou para Bernardo, que explicou:

— É claro que será na fazenda do meu pai em Itu, onde tem o melhor campo.

— Assino embaixo — disse o Guilherme chegando todo sorridente e deixando o Bernardo todo cheio de si. Um astral superbom. — Boa noite, galera! — cumprimentou a todos abrindo os braços e foi dar os parabéns ao Bernardo. Em seguida foi se sentar na cadeira vaga ao lado da irmã e os dois conversavam animados.

Respirei fundo, saudoso, aquele tipo de conversa ao qual ela sorria incentivadora existia entre nós. Aliás, existia muitas coisas únicas entre nós, que sentia falta.

Eu me distraí conversando com o Cauã e Tiago. Meu pau se levantou junto a Carol se levantando, sem tirar a atenção do Cauã comentando sobre o jogo, observei-a por cima dos olhos. Aquele vestido preto era uma covardia demarcando cada curva perfeita, seu corpo era o combustível para meu descontrole provocando em mim os desejos mais secretos. E não era somente eu que percebia, todos ao redor da mesa cravaram os olhos em seu corpo delineado, os cabelos loiros caramelos sobre os ombros eretos fazia dela uma imagem bela e singular.

— A Carol continua linda, não? — exclamou o Cauã mudando de assunto. Meu coração parou um segundo de bater.

Escultural, linda, uma bonequinha gostosa atiçando minhas mãos loucas de desejo de modular suas curvas.

CARALHO, MARCELO! Baixei os olhos tentando controlar o tesão e não consegui. Ao levantar flagrei o Derek levando o braço na cintura dela e deitando a cabeça na lateral dos seios escapando.

Cerrei os punhos embaixo da mesa. Meus ciúmes eram imensos diante do meu bom senso, precisei contar até dez para não levantar dali e dar na cara dele. Ela comentou algo e caminhou elegantemente em direção à porta da entrada da sala, se embrenhando entre os dançarinos dando seus shows.

— Infelizmente, eu preciso ir, Marcelo. — Fui trazido de volta a realidade com as mãos macias da Ingrid sobre meus ombros. Ergui a cabeça me deparando com seus olhos azuis brilhando e aquele sorriso lindo no rosto decorado com os cabelos curtos chiques cor de fogo.

— Ah, não! — rebateu Bernardo. — Fique, pelo menos, para uma rodada de bebida.

Rindo, ela negou.

— Obrigada! Mas realmente preciso ir.

— Eu levo você! — Ofereci já levantando.

— Aceito sua companhia até lá fora, porque o meu táxi deve estar chegando. — Em seguida, dirigiu-se a todos: — Divirtam-se, pessoal!

Com a mão em sua cintura seguimos em direção a sala, conversando, mas eu sequer conseguia assimilar suas palavras. Não dava com a Carol tomando todos o espaço dentro da minha cabeça, e foi quando, em meio ao tumulto, não percebi a Carol vindo de frente com uma taça de vinho tinto. O hilário foi ela se esbarrar na Ingrid e, propositalmente, derrubar todo o líquido no vestido da mulher. *Ainda bem que a cor esconde!*

— É sério isso? — Ingrid gritou olhando para si, inconformada. — Espero que não manche meu vestido.

— Ah, me desculpa! — Terrivelmente sarcástica e maldosa, Carol se desculpava falsamente, passando as mãos pela roupa da Ingrid.

Ela está enciumada!

— Está tudo bem — Ingrid disse ríspida erguendo as mãos, inibindo a Carol, que abriu um sorriso maroto. — Preciso ir ao banheiro antes de sair — informou-me nervosa.

Eu vi uma oportunidade de ir à forra.

— Eu te acompanho, querida!

Os olhos da Carol se apertaram vendo eu passar a mão em volta da cintura da Ingrid, colando-a ao meu corpo. Antes de sair, eu notei seu jeito nitidamente perturbado.



Capítulo Sete

CAROLINA

“Que idiotice foi aquela, Carolina?”, cobrava, indignada comigo mesma. *Que falta de compostura, mulher!* Eu não sou esta pessoa ruim, nem sei o que me deu para uma atitude horrorosa como esta!

Jesus!

Caminhando entre o aglomerado de pessoas sacudindo o corpo, estimulados ao balanço da música, eu repensava sobre meus atos e o absurdo de agir tão cruelmente com aquela mulher. Pelo olhar sarcástico do babaca do Marcelo, ele devia estar se ostentando, acreditando que estou com ciúmes dele.

Será que não estou?

Rosnei trincando os dentes ao mesmo tempo que cerrei os punhos na lateral do quadril, me odiando por assumir a realidade. Meu coração apaixonado, mesmo atormentado em dores, não compreendia a razão pelo qual eu precisava odiá-lo, e era o primeiro a assumir batendo acelerado e aquecido dentro do peito, causando um desajustamento em meu interior, todo meu corpo suava e tremia.

Estou remoendo de ciúmes daquele imbecil. Que raiva!

Cruzar a porta para área externa, amenizou a tensão, eu foquei na respiração profunda, ingerindo o ar silencioso, relaxando, tanto emocionalmente quanto fisicamente. Mas não foi o suficiente para refrescar meu coração fervendo de paixão, o brilho intenso das estrelas no céu de

fundo negro, o vento suave passando pelo meu corpo não ajudava. Tudo entorno lembrava ele, lembrava nós. Nossos momentos especiais. Momentos que nunca mais experimentei. *Ele é de fato o maior dilema em minha vida! Com certeza ele é!*

— Ela chegou — ocupando o meu lugar, o Guilherme comentou, observando-me aproximar e pulou para a cadeira de lado. Tiago torceu a boca com a aproximação dele ao lado da Susana. Muito cavalheiro, Derek se levantou e afastou a cadeira.

— Senhorita! — Acenou de cabeça expondo aquele sorriso divino.

— Obrigada — agradeci sorrindo encantada.

Derek sempre foi este cavalheiro comigo e que saber? *Hoje vou matar sua sede, vou dar a ele o que deveria ter dado a muito tempo.* Fui uma abestalhada em deixar passar as oportunidades nestes últimos anos. Dizem por aí que ele é delicioso na cama, sabe fazer uma mulher subir pelas paredes.

Hoje vou tirar as provas dos nove. E quero que o Marcelo e suas vadias se fodam!

Receosa, fechei meus olhos com a lembrança da transa sem camisinha. *Que loucura que eu fiz! Tomara que ele continue o mesmo cara ajuizado!*

Ainda temerosa, acomodei-me, quando Susana debruçou o tronco sobre a mesa para falar comigo, mais colada do que nunca no Guilherme, com aquela cara de malandra que ela costumava fazer. Tiago do outro lado dela, deu uma leve rosnada em desaprovação e pegou o copo sobre a mesa e virou na boca.

Desde a adolescência, Susana é disputada pelos garotos da região. Não que ela seja feia, não é isso. A beleza dela vem do seu interior grandioso, sabe aquela pessoa que agrega a todos e com muito carinho? Esta é ela! Muitas vezes, a sua aparência sofisticada inibe os que não a conhecem, mas depois de um papo legal se apaixonam por ela. A simplicidade em pessoa.

— Estou muito orgulhosa de você pelo sucesso do Group Uchoa Medicina Diagnóstica, tenho acompanhado o crescimento.

— Acho que todos nós sentimos este orgulho desta nossa amiga, aqui! — Sorrindo em admiração, o Derek antecipou a minha resposta segurando minha mão sobre a mesa e pressionou. — Conseguir fazer uma empresa figurar na lista das 100 melhores empresas para se trabalhar no Brasil, não é para qualquer um.

— Obrigada! — Ri emocionada com o reconhecimento. Respirei fundo refletindo o quanto seria bom ouvir as considerações do Marcelo. Quando namorávamos, fazíamos vários planos, e um deles era esta minha vontade de montar um centro de medicina diagnóstica. Ele era um dos meus maiores incentivadores... — Foi apenas empenho oferecendo um serviço de meu conhecimento.

— Humilde demais para o meu gosto — contrapôs Susana linda. Ela sempre fora assim, elogiava sem medidas, quando era de merecimento. — Eu concordo com o Derek — afirmou com todas as letras na sua incrível simpatia e estendeu a mão para segurar em meu braço. O dela tocou os do Guilherme, cruzados sobre a mesa, ele deu uma balançada que notei. — Não se é bem-sucedida apenas por sorte, meu amor!

Acenei de cabeça, sorte eu também sei que não. Até que a dor e sofrimento serviram para ajudar chegar onde cheguei. Pois olha! Mergulhei de cabeça para não pensar.

— Eu sou testemunha, ela trabalhou duro — Guilherme passou o braço pelo meu ombro, colando ao dele e beijou a lateral da minha cabeça.

— Um exemplo. — Derek puxou minha mão, girei o corpo quando ele se ajeitou na cadeira. A ideia de ficar com ele retornou, repassava meus olhos mal-intencionados pelo rosto barbudo e lindo, desci lentamente pelos ombros

largos onde os cabelos claros assentavam sobre o couro preto de sua jaqueta aberta, buscando algum estimulo pelo meu corpo. E nada!

— Você está bem? — perguntou estranhando minha averiguação, afinal desde que chegamos à festa ele investiu pesado na conquista e eu esquivando, fugindo que nem o diabo foge da cruz. *Mas basta de frescura, ele é perfeito também!*

Fui ao tórax exposto pela camiseta preta de gola cavada. E suspirei desolada. Lindo, tenho que admitir, só que nada comparado ao Marcelo. Aliás, meus olhos sãos arrastados para ele vindo a passos firmes e decidido, elegante em seu terno, desabotoou os primeiros botões da camisa revelando apenas um tantinho do peito, mas o suficiente para eu me imaginar lambendo-o, riscando com as unhas.

Meu coração bateu mais forte com o pensamento impuro.

Um calafrio subiu por minha espinha e me afastei do Derek. *É foda como o cara é bem-acabado. Uma covardia a esta mera mortal!*

— A Ingrid já foi? — perguntou o Tiago, assim que o carrasco do meu coração se aproximou, mas os olhos do Marcelo injetados nos meus, permaneceram enquanto respondeu:

— Acabei de colocá-la no táxi.

Havia um ponto enorme de interrogação nos olhos cinzas, me encarando daquele jeito, e desceram ao meu busto, claramente tentado. Isso me deu um calafrio daqueles. Engoli duro desviando os olhos e peguei a taça com vinho sobre a mesa tomando um gole generoso, tentando não demonstrar o quanto estava mexida com a visão espetacular. Mas não era fácil manter o controle. *O pior cego é aquele que não quer ver!* Este homem tinha todo controle de mim, de todo meu corpo.

— Garçom, pode trazer uma bebida, por favor. — Assim que se sentou, girou o tronco e acenou para o rapaz atrás de si com a bandeja. O movimento

abriu mais a camisa e deu total visão daquela delícia repleta de músculos. Meus olhos ficaram presos ali, brincando com a taça de vinho entre os lábios, fantasiando.

— Gosto dela, é perfeitamente completa — comentou Bernardo.

Senti uma onda de ciúmes momentânea, porque o Marcelo voltou repentinamente me pegando no flagrante, corei sentindo a adrenalina subir pelas veias, fazendo meu coração disparar.

Ele piscou malicioso, baixei os olhos fugindo.

— Concordo plenamente — respondeu ele.

— Preciso de uma dessa, com urgência — Tiago complementou.

— Só você, né, sabidão? — Até o meu irmão entrou naquela conversa invertida.

Calada, eu estava tendo um surto de ciúmes enquanto todos riam, e virei a taça na boca bebendo tudo de uma só vez. Rindo, o Derek passou o braço pelo meu pescoço. Notei os olhos cinzas faiscando, e os dedos agarrarem o copo com mais força.

— Quer mais uma bebida, querida? — ofereceu Derek sussurrando ao meu ouvido. Vi a oportunidade de vingança. Virando de frente e pegando nas golas da jaqueta, fechando-as em volta do pescoço o trazendo para mais perto afundando o rosto na curva do seu pescoço perfumado o sentindo arrepiado.

— Não vou encontrar relaxamento na bebida, preciso de algo a mais... — murmurei e soprei ao seu ouvido.

O homem trepidou geral. Sorrindo, afastou pegando na minha mão, peguei minha bolsa sobre a mesa e a echarpe dependurada no assento da cadeira e nos levantamos.

— Então vem comigo! — Arrastou-me com ele em direção à porta de vidro e entramos na sala.

Sequer olhei para o Marcelo, precisava riscá-lo da minha vida de uma vez por todas e agora era a grande oportunidade de testar.

Subimos a elegante escada de concreto com degraus largos e guarda-corpo transparente, e atingindo o longo e largo corredor das suítes decorados com obras de arte. Muitos dos quartos já estavam ocupados, conseguimos o último do lado direito.

Já tive o prazer de desfrutar de umas das suítes desta casa, mas com o Marcelo em nossos momentos selvagens e único! Embora aconchegante, não era nada comparada a esta. Com piscina privativa, hidromassagem, sauna e teto solar, realmente era a suíte dos sonhos.

Segurando meu rosto com firmeza e beijando-me, o Derek fechou a porta com o pé e me imprensou contra ela, esfregando sua ereção em meu ventre. Eu juro que tentava relaxar, sentir prazer, já que estava excitada. Mas não era por ele, não conseguia sentir, tinha ímpetos de abrir a porta e sair correndo dali, queria ver o Marcelo mais um pouco. *Merda!* Espalmei o peito duro do Derek apartando, fugindo dos seus lábios, seus olhos verdes escurecidos de desejo se estreitaram, confusos.

— Desistiu? — Havia frustração em seu tom baixo de voz e engoliu forte.

— E-eu... — escorreguei para o lado e fui me sentar na beirada da cama enorme redonda, colocando sobre ela a bolsa e a echarpe — só preciso de um tempinho e me preparar. — Sorri sem graça.

Compreensivo, ele acenou afirmando de cabeça.

— Vou ao banheiro enquanto você se organiza, ok?

Assenti, sorrindo, e respirei fundo.

Mas o que ocorre comigo, por que não consigo com ele, por quê? Me organizar como?

Baixei a cabeça olhando meus dedos das mãos se cruzarem perdidos, como eu estava. Passei todos estes anos regando a semente do ódio, e quando

ela brotou, descobri que reguei a semente errada, a semente do amor foi a que cultivei. Embora necessitasse, não era forte o bastante para afrontar o Marcelo sem cair na sua sedução. E olha que achei ter superado a traição depois de tanto sofrimento. *Só Deus sabe o quanto sofri, o quanto me sentia inferiorizada.* E tudo no meu silêncio secreto. Nunca tive coragem de desabafar com ninguém. Simplesmente alimentei a raiva para sufocar aquela dor e a saudade que sentia dele.

Bem... Saltei da cama ajeitando o meu vestido. Dos males o melhor! A distância serviu para meu amadurecimento e me descobrir a empresária que sou hoje. Quando curvei para pegar meus objetos sobre a cama, na intenção de ir embora na surdina, não era legal o que pretendia fazer, porém não havia química suficiente para cair nos braços do Derek, e foi neste instante que fui surpreendida com a porta se abrindo e ninguém menos que o Marcelo surgiu por ela.

Minha intuição dizia para pegar a echarpe para minha defesa, obedeci e endireitei o corpo.

Ele teve a petulância de erguer o queixo megamaravilhoso, sua mandíbula travou em irritação.

Arregalei os olhos incrédula que ele pudesse mesmo estar ali. *Está delirando, Carol! Imagina se ele teria a cara de pau...*

— Sorte sua que está vestida — interrompeu meu pensamento apontando o dedo indicador na minha cara e olhando ao redor, de certo à procura do Derek.

Gente! Continua abusado como sempre!

— Ahhhh... — zombei desdenhando, tentando indiferença e nem sei se consegui atingir o meu objetivo, tremendo da cabeça aos pés. Amedrontada do Derek sair daquele banheiro e desencadear uma tragédia ali. Avancei alguns passos em sua direção e parei à sua frente. — Primeiro que você não

tem autoridade nenhuma sobre a minha pessoa. — Estufei o peito numa dificuldade! — E outra que não tem o direito de invadir a minha privacidade.

— Tenho todo direito sim, senhora, estou farto desse empata foda. Vou empatar a dele para sentir na pele o quanto é bom. — Subitamente abaixou, agarrou os meus joelhos me erguendo, e sem ter a chance de protestar fui lançada em seu ombro.

— O que é isso, Marcelo? Pirou? — chiei baixo para evitar o pior e batendo com as duas mãos em sua bunda dura com ele saindo comigo do quarto. — Me coloca no chão agora!

— Fica quieta. — Deu uma leve palmada na minha bunda seguindo para o último quarto à esquerda no corredor. Parou em frente a única porta de duas folhas. *O quarto do Bernardo?*

— Ninguém tem permissão para entrar neste quarto! — o lembrei rosnando.

— Eu tenho permissão para tudo, aqui é o meu pedaço, portanto ninguém vai comer você debaixo das minhas fuças — dizendo isso enfiou a mão no bolso da calça cinza clara.

Ele está com ciúmes? Será? Então por que aquela traição? Balancei a cabeça a fim de dissipar, afinal era um Marcelo completamente diferente do que conheci, o cara se tornou um galinha, dei-lhe a chance de confessar e ele não o fez, não ligou nem para pedir satisfação de ter me visto nos braços do Derek. É claro! Cobrar o quê, se está mais sujo do que pau de galinheiro? Esta sua atitude agora, nada mais é do que demonstração de poder. A imagem daquela mulher grávida e a linda ruiva inundou minha mente, despertando uma fúria sem procedente.

Não! Nunca mais faria o papel ridículo de apaixonada.

— É muito folgado mesmo! Não pense que pode forçar uma transa comigo. — Esmurrava a bunda dele enquanto ele procurava por algo no seu

bolso.

— Está machucando, caralho! — rosnou furioso sem parar a tarefa. Aquietei, espiando de cabeça para baixo o que raio ele pegava no bolso e foi um minúsculo controle e apertou o botão verde. Imediatamente a porta se abriu dando-lhe passagem à enorme suíte nobre, e logo acionou para fechá-la.

— Você pode me colocar no chão, agora?! — gritei, batendo nas costas dele com meus punhos cerrados. — Eu te odeio, Marcelo. Te odeio mais do que qualquer coisa nesta vida.

— Verdade? Porque eu não estou tão certo. — Andou comigo até minha bunda se chocar à parede. Gemi de dor pelo baque brusco, seus olhos não descolavam do meu rosto e eu, definitivamente, não conseguia desviar dos cinzas transparentes de desejo.

E me desceu pela superfície sólida, imprensando seu corpo contra o meu. Segurando em meus braços, selou seus lábios nos meus travados, forçando sua língua a entrar. Eu precisava resistir a isso e recobrar a minha dignidade, ou pelo menos um pingo dela. Só que não deu, entreabri cedendo ao ataque nada gentil naquele beijo de posse dado com raiva, eu acho! Sentia dor e prazer, o que fazia do momento mais gostoso.

Tremendo sob suas mãos, e ofegante, me rendia a sua língua dançando ferozmente provocativa em minha boca. Seu pênis duro como uma rocha encaixado no meio das minhas pernas, pulsava, exatamente como a minha vagina. Sentia contrações deliciosas com ela inundando minha calcinha, o tesão era enorme.

Assaltando meus lábios com fome, deliciando-se da minha essência, suas mãos deslizaram rápido pelo meu braço, pegando firme meu quadril me esmagando nele. Totalmente ao seu comando, fechei meus dedos ao redor da sua nuca puxando os fios com força de acordo com o que ele me provocava correndo seus lábios molhados por meu rosto até meu pescoço, mordendo e

distribuindo beijos a seguir, em total desespero. Lambia minha pele, voltando aos meus lábios, tragando forte a ponto de machucar, me deixando arrepiada. Uma mão desceu até o joelho e retornou apertando minha perna por dentro do vestido.

Gemi arqueando o corpo quando seu dedo afastou minha calcinha e deslizou pelo meu clitóris encharcado.

— Meu Deus! — rosnou desesperado em minha boca tremendo, afogado ao sentir minha intensa lubrificação. — Preciso experimentar ela.

Sua mão voltou ao quadril erguendo meu vestido até a cintura, deslizou os dedos ao redor do elástico da calcinha e puxou rasgando-a, e mais uma perdida para a conta. Eu só gemia na expectativa sabendo o que ele faria, ele era sempre uma surpresa previsível selvagem. E beijando com aquela força bruta, usando a parede para me escorar me subia nela, até minhas pernas abertas apoiarem em seu ombro e ele ter todo acesso.

— Que delícia! — rosnou estremecendo.

— Seu maluco! — resmunguei num fio de voz totalmente entregue, entorpecida e segurando em seus cabelos com ele circulando o nariz por ali, roçando a barba cerrada e me dando um tesão surreal.

— Este seu cheiro é único, Carol! Único... — Sugou e passou a língua de forma lenta no pontinho sensível de prazer me levando à loucura.

— Marcelo! — gemi seu nome sem fôlego arrancando fios de seus cabelos, sentindo-me em chamas com as investidas a seguir. Ele a tragava como ninguém, tentando se saciar. Aí, eu pergunto: Como é possível não amar este homem, como? Não há como esquecer alguém que lhe proporciona prazer absoluto. — ISSO! — gritei com ela sendo introduzida de forma animalesca. — ASSI... — Pausei com os espasmos, as contrações me faziam contorcer. Maldosamente, sentindo que estava para um iminente orgasmo, segurou em minha cintura e foi me descendo, escorando minhas costas na

parede, deslizando os lábios molhados pelo meu ventre. Seus olhos enevoados de excitação cravaram nos meus quando meus pés alcançaram o chão, estava a ponto de cair devido às pernas molengas.

O silêncio era quase absoluto se não fosse nossas respirações aceleradas, pegou na barra do meu vestido e subiu tirando-o pela cabeça e agarrou meus seios sobre o sutiã tomara que caia de renda preto.

— Você tem mesmo certeza de que me odeia? — perguntou, cínico, apertando-os e olhando meus lábios entreabertos.

Mordi meu lábio inferior e fechei meus olhos imersa naquele desejo imenso, curtindo a carícia dura que sempre curti. *Não vou responder!* Ele retornou aos meus lábios, com outro beijo desesperado e suas mãos agressivas apertando meus seios deslizaram para trás abrindo o fecho do sutiã, deixando-o cair aos nossos pés, e as mãos desceram pela lateral do meu corpo e seguiram para trás, agarrando minha bunda me esmagando contra ele, abocanhando meus seios, mordendo os bicos intumescidos e voltando aos meus lábios.

Eu não suportava mais, queria o pau dele na minha boca, dentro de mim, queria tudo. Transformei-me em uma completa devassa. Sem pudor algum enfiei a mão entre nós, deslizando-a de cima a baixo no membro preponderante pulsando sob a calça.

— CARALHO! — rosnou naquela voz rouca trêmulo, juntando meus cabelos num rabo de cabalo e puxou com força arqueando minha cabeça para olhar em seus olhos, cheios de anseio. — Sabia que você não iria resistir. — Fiquei enlouquecida com aquele maldito comentário, e ele sabia disto. Curvou para meu pescoço e lambeu, beijou e passou a barba na minha pele me excitando muito mais. Fiquei totalmente inerte com os olhos fechados, ofegante. — Implore por ele que eu dou a você — sussurrou tortuosamente e

senti espasmos violentos. Ele riu discretamente, satisfeito. — Vamos lá, gata! Corrija seus sentimentos por mim.

— Eu te odeio! — balbuciei fechando meus dedos ao redor do seu pênis quase na textura de ferro e apertei com força, sem dó nem piedade não o obedecendo.

— Ah, caralho! — gemeu rouco me empurrando para baixo. — Eu vou deixar você saborear ele.

Caindo de joelhos na frente dele, tirei o cinto, abri o botão e descendo o zíper, ele já inalou muito ar para os pulmões na expectativa. Olhando-o, abaixava sua calça enquanto o membro grosso, longo e pulsante empurrava o tecido da boxer, a cabeça escapando pelo elástico. Segurando no cós da calça, cravei os dentes nele numa força medida, enquanto a descia até os joelhos. Deslizei os dentes da glande até a base, sentindo a veia saltada, antes de tirar tudo e libertá-lo.

— Hum... — gemi vendo-o apontado para a minha boca, implorando para entrar nela.

— Safada, chupa esse pau todo, bem gostoso, vai, chupa tudo... — Com urgência, arqueou o quadril encostando a glande em meus lábios entreabertos. Passei a língua ao redor e corri com ela até a base. E engoli suas bolas fechando meus dedos ao redor dele. — Ohhh... — Ele pirou e eu pirei pondo o que deu na boca daquela dureza gigantesca e gostosa.

Ele parou de respirar por um instante comigo o devorando, quase engasgando. Mantendo meus cabelos presos na mão, ele me ajudava no movimento sem perdermos o contato visual. Uma loucura deliciosa.

— Você não esqueceu como eu gosto, chupar me olhando diretamente nos meus olhos, muito gostoso. — Senti-o crescendo em minha boca quando, segurando em meu ombro, ele me ergueu buscando meus lábios num beijo intenso, o encaixando em minha vagina pegando fogo, esfregando-o ali. *Meu*

juízo evaporou! Embora devesse, eu não conseguia parar e remexia tentando encaixá-lo, necessitadíssima. — Precisa corrigir seus sentimentos, vai logo... — insistiu autoritário sussurrando em meus lábios.

Eu neguei de cabeça buscando sua língua em desespero, mas ele afastou-se me deixando no vazio.

De novo não!

— Não creio que seja correto transar com alguém que me odeie. — Fiquei olhando-o se vestir com aquela sensação de perda horrorosa. Aquele instrumento todo não cabia dentro da calça, suas mãos tremiam nitidamente enquanto tentava fechar o zíper com dificuldade e largou, deixando um pouco aberto; e, então, passando as mãos pelos cabelos desalinhados, ajeitando-os, caminhou lentamente em direção a porta.

— Brincadeira! — exclamei incrédula.

Ele deu de ombros me ignorando completamente.

O prudente seria deixá-lo ir. Mandá-lo à merda! Considerando a tal química que ainda existia entre nós que comentei, que ia além da atração física, e a minha intuição dizendo que ele estava na mesma sintonia que a minha. Mas até que ponto ela estaria certa? Enfim... Sabe aquela sensação de estar fazendo pré-julgamento, e errôneo?

Certa ou errada, eu não sabia distinguir, mas não podia ficar sem ele com meu corpo clamando, não antes de me satisfazer. Depois veria as consequências!

— Não! — disse já agindo impulsivamente, corri até ele e o puxei com força para mim pela sua gravata, o olhando fixamente em seus olhos escurecidos e concentrados. — Você não vai a lugar nenhum até terminar o que começou! — estabeleci absurdamente. E o que não era para acontecer, rolou.

Pude ouvi-lo respirar fundo antes de sua mão embrenhar nos meus cabelos.

— E quem disse que eu ia? — Puxando-me contra seu peito e me levando à doideira com seus lábios ardentes devorando os meus. Com o meu corpo todo arrepiado, eu quase arrancava os fios dos seus cabelos sobre a nuca na mesma intensidade enquanto os rodopios em meu estômago tornavam-se selvagens à brutalidade leve e deliciosa de seus lábios, os dedos de uma mão concentrando em meu núcleo excitado, e a outra mão grande e forte percorrendo em minhas costas nuas, pressionando-a contra seu peito. Sentia seu pênis rígido, prontinho para mim e morria de vontade.

— Eu quero você, agora! — supliquei em seus lábios cessando o beijo, afastando-me um pouco, e com as mãos tremendo abria os botões do paletó velozmente, em seguida da camisa. Ele estendeu os braços para trás e eu tirei sua roupa, deixei escapar um suspiro daqueles embebedada no seu forte peito apenas com a gravata. Não deveria me render tanto, mas quem disse que conseguia esta proeza? Mergulhei minhas mãos na pele sentindo seus músculos se contraírem com meu toque.

— Eu tinha uma vaga lembrança dele — menti. *Sou uma tola mesmo!* Eu tinha plena consciência do quanto ele era terrivelmente sexy. Com a boca cheia d'água não resisti, curvei passando a ponta da língua na pele arrepiada com um sabor de macho, inigualável.

Ele balançou respirando pesado.

— Sua mentirosa! — Puxou-me pela cintura e colou nossas bocas e peito batendo descontrolados. — Vou te foder do jeito que curte e verá que eu sou o único que sabe realizar você completamente — avisou com voz rouca entrecortada.

— É necessário um preservativo, Marcelo! — Encontrando um resquício de juízo, resmunguei sem fôlego.

— Temos um? — murmurou.

Neguei movendo a cabeça, lembrando da bolsa esquecida sobre a cama do outro quarto.

— Sabe que pode confiar. Eu juro que está segura! E eu sei que também estou porque você é minha! — disse irritantemente convicto. *Metido!* Pior que ele estava coberto de razão.

Sem esperar nada dele, fechei os olhos me esquecendo do passado, de tudo, enquanto suas mãos me soltaram para tirar as calças e se livrou delas pelos pés... Me ergueu para seu colo, passei minhas pernas na sua cintura, e quase fui à loucura quando ele enfiou o pau em mim, preenchendo-me completamente, me apertando em seus braços, jogando-me para cima e para baixo na sua rocha de veias.

— OH, DEUS! — gritei passando as unhas por suas costas largas e fortes. Ele gemeu mordendo os lábios e colou nossas testas penetrando fundo e mais fundo.

— Confessa que sou o único que sabe te foder bem — pediu na sua profunda voz rouca estocando sem dó e mais intenso. Fiquei totalmente preenchida com ele me empurrando para baixo e parou o movimento.

— Vai se ferrar! — Deixei escapar num gemido ofegante com ele tão fundo dentro de mim e mordi seu lábio inferior, estirando ao mesmo tempo que puxava seus cabelos, sem compreender o porquê exigia isso. Mas também não tinha como pensar sobre o assunto diante do tamanho do meu desejo, e dele também.

Ele entrou num frenesi descontrolado, jogando-me para cima a cada estocada com uma força incrível. A verdade era nua e crua: somente ele tinha o poder de me levar ao paraíso e trazer de volta. *Eu o amo e não é pouco!*

— Como pode ser tão gostosa assim? Caralho! — sussurrou tomando minha boca, engolindo minha língua, mordendo meus lábios.

Ambos suávamos e gemíamos abafado, quando deslizou os lábios molhados para meu queixo e mordeu; em seguida foi ao ombro, deu outra mordiscada ali, e então avançou alguns passos, jogando-me na cama e se deitou sobre mim, encaixando-se entre as minhas pernas sem penetração, apenas o encaixou de forma a ficar deslizando na minha excitação, tocando em meu clitóris e me fazendo perder o fôlego, judiando e com olhar estranho.

— Volta, por favor! — implorei sem aguentar mais, sentia fortes e dolorosas contrações.

Ele sorriu satisfeito.

— Gosto de ver você suplicando por ele — balbuciou vindo com seus lábios nos meus respirando pesado, e com a mão na minha vagina circulando totalmente por ela. Eu me contorcia enlouquecida, embaixo dele.

Ele torturava descendo os lábios, lambendo meus peitos, mordendo minha barriga e chegando nela, absorvendo-a, bebendo tudo de mim, até minha alma. Enquanto tragava minha vagina, eu amaldiçoava meu coração ali golpeando, todo acalorado e deslumbrado. Aquele gesto, além da sua presença, dava a entender que supriria tudo na minha vida e muito mais... Cheguei à conclusão que para resistir a ele, somente estando longe. *Preciso partir o quanto antes!*

— Nossa, você faz de mim um guloso mal-educado. — Dizendo isso, trilhou o caminho de volta até meu pescoço e tomou meus lábios em fúria, quase arrancando minha língua, me levando ao cume do prazer.

Que saudades eu estava de tudo isto, deste sexo ardente. *Meu Deus! Meu Deus!* Transar com ele era a morte, a prisão no calabouço, era um momento de realização e sofrimento eterno.

— Você é um cretino! — Suspirei espaçada com as recordações querendo se apossar, e seu gesto bruto não permitiu.

— Você curte este cretino, não é mesmo? — Brutalmente me virou de quatro, encaixando seu pênis e me invadiu, penetrando mais fundo com aquela força magnífica. — Tão estreita, tão deliciosa! — Ele gemeu doido colando o quadril na minha bunda e retirou lentamente, para arremeter animalesco.

— Ma... Isso, me fode gostoso... — Gemia gritando sem me importar se alguém ouviria no corredor. Esqueci completamente do Derek, Coitado! Aliás, o Marcelo era um porre de gostoso, eu me esqueci do mundo ao meu redor.

Afoito, ele aumentava os movimentos e bateu na minha bunda.

— Assim que você gosta, gata?

— Sim... Deusssssss… — Acenei de cabeça mordendo meu lábio inferior. Como castigo, ele o tirou todo; de repente, ele estava mordendo a minha bunda com tanta força e voltou penetrando aquilo tudo, bem quente. — Gostoso demais. — Eu quase enlouqueci empinando mais para ele, que não se fazia de rogado, metia fundo sem clemência e delicioso como nenhum outro homem foi capaz. — Mete tudo, me faz gozar, Ma... — gemi.

— Isso, geme meu nome, vai, eu quero você gemendo meu nome. — Deitando sobre meu corpo, uma mão tocou meu clitóris e a outra amassava meu seio, sem machucar. — Geme meu nome, Carol, geme!

— Ma... — Não havia como negar ao pedido com o tamanho de prazer que estava sentindo, que ele me garantia. — Ma...

Tarado, pronunciava palavrões picantes e estimulantes com seu pênis crescendo e pulsando no fundo, causando uma sensação extraordinária, as contrações ficaram descontroladas, eu não conseguia mais raciocinar e atingi o orgasmo como nenhum outro. Tão intenso, tão esmagador... Seus braços ao meu redor me apertaram com mais algumas fortes estocadas, então afundou o rosto contra meu pescoço e segurou respirando forte.

— Eu preciso de mais um pouco — murmurou na pele úmida das minhas costas deixando-a toda arrepiada e arqueou o tirando, ainda muito duro. Um gemido involuntário escapou de meus lábios sabendo qual era a sua intenção. Travei a respiração quando ele enfiou um dedo no meu ânus, num movimento de vai e vem em preparação. Em seguida, enfiou o pau muito mais grosso, rasgando. Foi penetrando bem gostoso, masturbando meu clitóris, me fazendo querer mais. — Caralho, caralho, caralho! — Senti a língua quente, a respiração em meus ombros e mordeu levemente apertando-o bem fundo, até que ele não aguentou mais, tremeu totalmente antes de ejacular num urro intenso. — Nossa, Carol! — Ofegante, acariciou com a língua minha orelha, nuca, pescoço e saindo de mim, caiu sentado na cama me puxando para seu colo e se apoderando dos meus lábios. Um beijo mais ávido, diferente e assustador.

Afastei precavida.

— Espera!

— Calminha! — Ele prendeu meu rosto entre suas mãos, enrolando as pontas dos meus cabelos nos polegares mágicos e seus olhos cinzas cintilavam, enquanto investigava meu rosto. — Agora eu sei como é transar com alguém que me odeia — disse irônico. Até este sorriso dele era fodástico.

Revirei os olhos para o teto e fiquei com ele por lá.

— Tente não alimentar este ódio! — ilustrou atento em meu rosto. Fechei meus olhos indignada com sua cara de pau se fazendo de vítima antes de descê-lo, afrontando-o com uma porção de coisas a jogar em sua cara, e controlei a ansiedade.

— Deveria ter vergonha de sentar em cima do rabo. — Ele balançou a cabeça desentendido averiguando meu rosto, como se estivesse querendo extrair algo dele. — Sabe muito bem do que estou falando, de que este

sentimento não é gratuito. — Seus olhos baixaram, pensativos. — É um sentimento natural quando se é enganado. — Os olhos lindos ascenderam marejados. — Guarda muitos segredos, senhor Marcelo!

Um vermelho tingiu seu rosto e seus olhos perambularam aflitos pelo quarto antes de retornarem.

— Não há o que fazer a respeito! — Deu de ombros abrindo as mãos no ar. Afinal, ninguém é perfeito! — Existem alguns tipos de segredos que não valem a pena revelar porque não há como consertar ou apagar o passado sem machucar pessoas. — Tirando-me do seu colo, ele se levantou me deixando ali sozinha, desamparada, e arrependida por ter ido tão longe, mais uma vez.

— Está falando sério? Acha mesmo que não sou merecedora de saber a verdade? — Discretamente dava-lhe mais uma tentativa de confessar sua traição. Somente o silêncio reinou entre nós como se tudo tivesse acontecido como ele planejou.

Colocando as mãos nos quadris, abriu um sorriso frio nada convincente no rosto, antes de descer os olhos ao chão. E regressou após inalar muito ar aos pulmões.

— Não se trata de merecimento, Carol! Infelizmente, nem tudo é possível planejar nesta vida. É menos doloroso deixar os erros para trás. — Sacudiu a cabeça, nitidamente aborrecido. Um gesto questionador. — A dificuldade de reconstruir a minha vida foi imensa. — Ríspido, pegou suas roupas pelo chão. — Devemos seguir nossas vidas como fizemos que tudo ficará bem. Obrigado pelo sexo, como sempre. Adorei — encerrou num semblante amuado e intrigante seguindo para o banheiro. Sacudi a cabeça para não alimentar a esperança de enganos, apenas fiquei ali com meu coração partido em milhões de pedaços.

Você facilitou a minha vida! Recordar estas palavras ditas por ele naquele fatídico dia doía muito. Talvez eu tivesse facilitado mesmo ao ser flagrada

com Derek. Simplifiquei para ele me despachar, e certamente despachou a mulher grávida com o filho. Afinal, o que pensar disto tudo, se ninguém nunca a viu e nem comentou?

Qualquer uma, depois de passar pelo seu crivo, é despachada! A próxima será a ruiva, coitada!

Suada e grudando coloquei meu vestido, ajeitei meus cabelos com as mãos e passando a mão pelo rosto saí apressadamente do quarto. Atingindo o corredor, eu corria como uma louca, os degraus largos evitaram minha queda. Saí pela porta e peguei a rua arborizada do condomínio em prantos. Nunca senti tanto ódio de mim, como agora, nunca!

— É você mesma, Carolina? — Cláudia, uma amiga que não via há seis anos, freou seu carro de luxo ao meu lado.

— Oi, Cláudia — respondi soluçando, passando o braço pelo rosto, secando as lágrimas.

— Precisa de ajuda? — Erguendo as sobrancelhas bem-feitas, perguntou preocupada.

Assenti debulhando em lágrimas.

— De uma carona até a minha casa — pedi, lembrando que não estava com a minha bolsa.

— Entra aqui, eu te levo em casa — ofereceu destravando a porta.

— Obrigada — agradeci e saí cambaleando, contornando o carro, e entrei.



Capítulo Oito

MARCELO

— O que eu vim cheirar aqui? — Curvado e com as mãos apoiadas sobre a pia de mármore preto do banheiro luxuoso com acessórios cromados, piso de mármore branco como a bacia e decoração elegante, indagava furioso a minha imagem refletida no espelho “pós-foda".

Com a camisa ainda aberta, observei o vestígio do batom que os lábios da Carol deixaram registrado na pele do meu tórax arfante e no pescoço. Não consegui conter o meu coração fazendo a maior festa dentro do meu peito. *Que porra, coração!* Fechando os punhos, soquei a pedra dando as costas ao espelho.

Como era complicado manter este segredo, e a cada dia a nossa convivência se tornava mais difícil. Além de dar alimento ao sentimento de ódio que ela nutria hoje por mim.

Girei no calcanhar voltando ao espelho.

Precisa rever seus conceitos, Marcelo! Tomar o cuidado de não a ferir. Não é legal ela alimentar a ideia de que você se tornou um cafajeste. Porque deve ser assim que ela está julgando a minha atitude.

Fechei os botões da camisa e arregaçava as mangas analisando-me profundamente.

— Presta atenção, Sr. Marcelo D’Ávila! — dizia a mim mesmo, apontando o dedo indicador para espelho. — No seu caso, não há alternativa,

caminhos alternativos. Existem apenas duas portas a serem atravessadas, e ambas você se deparará com a intolerância.

Fechei meus olhos pensando no estrago que faria revelando o segredo que não era somente meu. E agora meus problemas duplicaram; quanto mais tentava acertar, mais errava envolvendo mais pessoas e me enroscava. Melhor ela nunca saber, sofrerá menos.

De qualquer forma, precisava planejar, montar uma estratégia e tirar um dos problemas da frente, para depois pensar no passado novamente.

É isso, Marcelo! Por enquanto só lhe resta ficar longe, evitar o contato, só assim será capaz de resistir aos encantos dela. Aliás, ela ressaltar o ódio por minha pessoa veio a calhar. Nem sei o que pretendia forçando-a a mudar de posição. Se saísse um "eu te amo" daquela boquinha linda eu me acovardaria, com certeza.

Tirei a gravata colocando-a no bolso, vesti o paletó sem abotoar, esfreguei a mancha de batom evidente no pescoço. Resistente, desisti e saí do banheiro, passando pela sala da banheira de hidromassagem com iluminação especial e piscina aquecida e segui para o quarto.

Amplo e elegantemente decorado, estava ainda mais com o perfume da Carol. Aspirando profundamente, peguei no chão sua echarpe e o que já foi uma calcinha, levando ao nariz, aspirando densamente seu cheiro delicioso, e saí do quarto.

— E aí, Marcelo? — Um dos integrantes do time do Derek me cumprimentou. Ele vinha pelo corredor abraçado a uma gostosa à procura de algum quarto.

Já na sala ainda lotada de gente dançando, deparei-me com o Derek segurando a bolsa da Carol e olhando em torno, e estreitou os olhos desconfiado, ao me ver descendo as escadas. O Bernardo chegava perto dele neste momento.

— Por acaso, você viu a Carol? — O tom de voz seco do Derek fez Bernardo arregalar os olhos, apreensivo. Afinal, ele me deu a chave na surdina.

O que pretendia fazer não tinha nada ver comigo, entretanto precisava deixar claro para este imbecil parar de investir nela.

— Vi sim. — Troquei a calcinha de mão escondendo-a e estendi apenas a echarpe. — Caso a encontre antes de mim, faça o favor de entregar a echarpe, ela esqueceu no quarto.

Seus olhos faiscando travaram no meu pescoço, decerto a marca do batom despertou sua atenção.

— Seu idiota! — Avançou quando a mão grande do Bernardo espalmou em seu peito.

— Não quero confusão na minha festa — impôs com autoridade, fazendo o outro recuar.

— Você a destratou? — quis saber, me desafiando.

Sacudi a cabeça, rindo debochando.

— Pelo contrário, dei a ela o melhor!

Novamente ele veio, e o Bernardo segurou.

— Ei, ei...

Acenei de cabeça, rindo cínico.

— Precisa se convencer que a Carol prefere a mim, cara! Ela é minha, e veja se coloca isto na sua cabeça oca. — Pisquei e dei-lhe as costas, andando apressado em direção a saída.

Pensei em ligar para Tiago e avisar que já estava indo, e não o fiz evitando o caminhão de questionamentos.

Meus passos pesados de nervoso quase trituravam o concreto da passarela. A madrugada de céu estrelado e a brisa até fresca, não serviam como alívio ao meu corpo em ebulição devido ao coração aquecido, causando frequentes

calafrios na boca do estômago. *Que droga! Por que eu tinha que envolver a Uchoa na minha vida, por quê? Agora como posso suportar a presença dela sem me envolver, como?*

Asfixiado, antes de entrar no carro, respirei. Erguendo um pouco os ombros, engoli mais ar e, ao ligar o carro e sair voando dali, eu abaixei o vidro da minha janela. Nem assim o ar fresco batendo no meu rosto, bagunçando meus cabelos resolveu.

Fui extraído do momento incrível que passei com a Carol, com o toque do meu celular no bolso interno do paletó.

— JUSSARA? — falei em voz alta preocupado por ser duas da manhã. Tirando o pé do acelerador, reduzi a velocidade do carro, em seguida atendi no viva-voz.

— *Está tudo bem por aqui!* — garantiu, deixando-me confiante. — *É que depois da nossa última conversa, não paro mais de pensar em você. Estou muito preocupada com a sua situação.*

— Eu estou bem — menti.

Ela riu, duvidando.

— *Para mim você não precisa mentir. Eu sei que nada anda bem, não queria ser um fardo na sua vida.*

— NUNCA MAIS DIGA ISTO! — Meu tom de voz saiu mais alto do que previa. Ela soluçou chocada. — Desculpa falar neste tom contigo, Ju! Você e a Yasmim estão longe de serem fardos na minha vida. Ao contrário, trouxeram um novo sentido a ela, um destino inesperado, confesso! Mas vocês são tudo o que precisava na bagunça que transformou a minha vida, obrigado!

— *Tenho pena da Carol* — insistiu ela.

Eu baixei meus olhos.

— Não me sinto feliz com tudo isso! No entanto, fiz a minha escolha e acredito que tenha sido a melhor, inclusive para ela.

— *Será?*

Respirei fundo sem ter a resposta para sua questão.

Ela riu carinhosa.

— *Tudo bem, Marcelo!*

— Em breve já teremos uma solução, tá?

Ouvi seu riso explosivo e contagiante do outro lado da linha.

— *A ansiedade me define!* — disse ela no momento em que passava na alameda da casa do meu pai. Franzi o cenho ao ver o carro do Wesley ao lado do carro do Tiago na garagem. Desisti da cobertura e engatei a ré, descendo a rampa íngreme da garagem.

— *Vou deixar você descansar agora. Um beijo!* — disse ela no momento em que descia do carro e acionei o controle travando as portas e segui em direção ao elevador panorâmico ao fundo, que levava ao hall.

— Outro, linda! — Desliguei entrando no elevador.

Na sala, recebendo apenas a iluminação das estrelas atravessando os vidros, me deparei com Wesley deitado no confortável sofá creme de barriga para cima, e as pernas sobre o largo braço com os olhos pregados na parede de vidro para a área gourmet, apenas as luzes néon azul da piscina acesas.

— Espero não estar atrapalhando — disse com escarninho acendendo a luz. Ele e todos sabem que minha mãe sempre odiou que as pessoas deitassem em seu sofá.

Ele apenas virou de bruços, apoiando o queixo no braço para me olhar. Os cabelos curtos e ruivos bagunçados.

— Imagina, primo! Só estava aqui pensando na vida. — A calma na sua voz era de fato intrigante. Segui até ele e, suspirando, deixei-me cair sobre o sofá, ele apenas encolheu as pernas dando-me espaço. *Cara folgado!*

— E você, melhorou?

Ele suspirou e se sentou, pendendo a cabeça cobriu o rosto liso de sardas com as mãos.

— Mais ou menos. — Subindo as mãos ao cabelo, os olhos castanho-claros fixaram em meu rosto. — A fase é complicada, mas os médicos me animaram. Estou seguindo à risca com os medicamentos.

Cerrei meus olhos com pesar, e levei a mão em sua perna.

— Vai ficar bem. — Pressionei meus dedos levemente em sinal de força e me levantei ficando de frente a ele ali sentado. Olhar triste pra caramba. Olhar de tocar o coração da gente. — Na segunda, vejo se consigo encaixar você em algum departamento da empresa.

— Da Uchoa? — ele perguntou todo entusiasmado.

Torci a boca, contrariado.

— A princípio, na D'Ávila!

Ele fez biquinho distanciando o olhar, refletindo.

— Acredito que serei mais útil na Uchoa, sendo que a D'Ávila já é uma empresa superorganizada.

Ri orgulhoso da explanação. Uma coisa que prezava na minha vida era a organização, pena que na vida pessoal, eu não tive como controlar.

— Obrigado! — agradeci com sinceridade.

Ele sorriu simpático e ansioso por minha resposta.

— Não posso garantir uma vaga na Uchoa, mesmo porque, ela está em fase de reestruturação.

— Estou a par, o Tiago me contou.

Acenei de cabeça.

— A minha formação permite ajudar você na organização. Serei de grande valia, até mesmo porque, você precisa de alguém de confiança quando está fora. Sei o quanto a D'Ávila exige seu tempo. — Esta manipulação com

as palavras era um atributo digno de admiração. Ele venceu na vida aplicando em seu cotidiano. Que ele era competente, não podia negar. Entretanto, o interesse era discutível.

— Vou pensar a respeito — prometi, sorrindo frouxo. Ele notou meu desinteresse.

— Eu prometo dar o melhor de mim — insistiu.

Imagino!

— Ok!

— Assim que eu estiver trabalhando, alugo um lugar para ficar.

Dei de ombros.

— Fique o tempo que necessitar — ofereci. — Meu pai está fora, eu também pretendo passar uns dias na minha cobertura.

— Obrigado de verdade, primo.

Estalei a língua antes de responder:

— De nada.

E segui em direção as escadas, subindo de dois em dois degraus, pegando o Tiago imprensando a Susana na porta do meu quarto e a mão na maçaneta pronto a abri-la.

Ele saltou para trás ao me ver no corredor.

— Pensei que tivesse ido para sua cobertura — pronunciou meio sem jeito.

O meu quarto era o privilegiado com a linda vista do bairro todo, sem contar o amplo terraço. Susana sorria fraco, ajeitando o vestido dourado no corpo, que, aliás, estava magnifico com a pele morena.

— Esta era a ideia — disse me aproximando. Sorte que tive um estalo. — E no caminho me lembrei de que esqueci a maleta com os documentos da Uchoa aqui. — Ambos escorregaram para o lado, abri a porta e entrei. — Vou só pegá-la e vocês podem ficar à vontade.

— Valeu, mano! — agradeceu Tiago parado no corredor ao lado da gata.

Dali segui direto para a minha cobertura, guardei alguns documentos importantes no cofre em meu escritório, tomei um banho frio e rápido para tentar relaxar. Vesti uma boxer branca e, voltando ao quarto, me joguei de barriga sobre o colchão.

O problema era a ansiedade perturbadora, dificuldades demais me faziam sentir pregos em meu abdome e saltei indo para o amplo terraço da sala. Deitei na espreguiçadeira e com as mãos debaixo da cabeça, fiquei ali meditativo, contemplando o horizonte noturno, as luzes, acho que procurando uma solução. *Desfazer a negociação com a Uchoa é uma delas!* Fechei meus olhos com força sabendo que não.

O vento gelado bateu e tremi de frio desviando dos meus devaneios. Respirei fundo, juntando ânimo para levantar e voltar para o meu quarto, mas não deu. O sono venceu qualquer desconforto, fiquei ali mesmo.

Depois de sonhar com um amasso gostoso com a Carol, despertei com o sol batendo no meu rosto, o pau duro e uma dor intensa pelo corpo devido as horas prolongadas de sono ao relento escolhido. “Merda!”, praguejei saindo da espreguiçadeira e segui para o banheiro. Sabadão, sem nada para fazer, uma exercitada na academia seria uma boa pedida. E resolvi estender a manhã ensolarada e correr pelo bairro, muito comum os moradores fazerem isto por aqui.

— Marcelo? — Embora baixa, eu reconheci a voz da Ingrid. Ali, na calçada da avenida principal e movimentada do bairro, meu corpo todo transpirando exageradamente devido à quantidade de líquido que tomei nestas quase duas horas de corrida alternadas com caminhadas.

Soltei o ar forte quando parei e girei no calcanhar. Ela estava muito bonita usando óculos de sol grande, uma calça jeans clara e justa e uma blusa de

alcinha soltinha, com uma leve estampa alaranjada, combinando com os cabelos e a bolsa elegante os ombros.

— Oi! — respondi ofegante, retornando, e notei que estávamos em frente ao shopping. — Desculpa não beijar você — expliquei com as mãos no quadril.

— Fica tranquilo! — disse ela, como sempre, condescendente. — É bem estranho encontrar você por aqui correndo, achei que depois de tantos eventos dormiria até mais tarde.

Acenei de cabeça passando o braço na testa a fim de secar o suor.

— Eu deveria estar dormindo neste instante se não fosse o descuido de dormir no terraço da cobertura e acordar com tudo dolorido.

Seu queixo caiu.

— É sério?

Assenti, respirando fundo.

— Com aquela cama confortável no quarto? — Balançou a cabeça me repreendendo. — Também, só assim mesmo para apreciar a natureza ao redor do bairro belíssimo, planejado e seguro.

— É fato — respondi sentindo minha boca seca, aliás, sequei a garrafa de água.

— Bem, vou deixar você se exercitar, vou comprar algumas coisinhas aqui no shopping.

— A gente se vê em breve! — Pisquei e saí caminhando. O único estabelecimento mais próximo ficava do outro lado da avenida. Aguardei o farol fechar ao qual não foi minha surpresa, o primeiro veículo preto de luxo que parou no farol foi o da dona Viviane, com a Carolina conduzindo e sua mãe ao lado. É aquele velho ditado: “Se você quer se esconder de alguém daqui, não perambule pelo bairro”.

Nossos olhares se cruzaram e permaneceram assim durante um instante, instante que senti meu coração bater mais forte, os músculos doloridos da noite maldormida ficarem mais tensos, e o suor intensificando.

As buzinas insistentes dos carros atrás do dela me despertou, o farol abriu que nem notei. E o carro saiu cantando pneus.



Capítulo Nove

CAROLINA

Com o coração batendo a mil dentro do peito, eu agarrei o volante. O peitoral bronzeado esculpido dentro da regata branca brilhava pelo suor, não queria, porém eu o olhava suspirando e amando o que via.

Como ele podia ser tão sedutor me olhando deste jeito?! Lindo e extremamente sexy.

O farol abriu, suspirei cansada e dei de ombros voltando a minha total atenção para o trânsito. Não havia meios de ignorar este homem, sentindo toda esta profunda afeição por ele.

Só que precisava me desligar, desconectar-me dele, principalmente depois de ontem.

Bufei irritada e minha mãe notou. Pelo canto dos olhos notei sua observação.

— O Marcelo deve ter aprontado feio para você ter ido viver longe daqui — comentou e olhou para a pista à frente, interrogativa.

— Não quero falar sobre ele — soltei ríspida, focada.

Ela inalou muito ar e soltou tudo muito rápido antes de prosseguir:

— Vi que você chegou em casa aos prantos ontem. — Suspirei, apertando os lábios e segurando o choro. Só de pensar nas palavras vagas dele, me destruía por dentro.

Uma quase rejeição que não foi nada fácil de enfrentar! Bem feito para mim, não estou inocente, ele chegou com aquela linda mulher esfregando na

cara de todos, portanto eu estava ciente dos meus atos. Uma completa idiota apaixonada.

— Acredito que o doce do Derek jamais faria você chorar daquele jeito, então presumo que todo aquele sofrimento tem a ver com este maldito Marcelo.

Considerei a expressão exagerada.

— Não fala assim dele! — pareceu uma defesa, e talvez fosse mesmo. Sei lá... Impossível discernir, quem conviveu de fato com o Marcelo sabia o quanto seu coração era grande, aliás, faço a ininterrupta pergunta: onde aquele Marcelo foi parar? Aquele cara justo? Sabe aquela pessoa que nunca pensa em si? Não compreendo como a mudança fora tão radical. A traição talvez tenha sido um lapso, um deslize, embora não merecesse o meu perdão, tinha que ver a parte boa de tudo isto. E outra, a entrega dele no ato sexual estava longe de ser superficial, a química que sempre existiu entre nós permanecia intacta, seu beijo continuava o mesmo, tirava o meu chão. Devia existir algum sentimento para tudo se encaixar tão perfeitamente.

Eu estava confusa, mas, apesar dos pesares, ele continuava sendo especial para mim.

— Ah, minha filha! — Sua mão veio ao encontro da minha no volante. — Ainda é terrivelmente apaixonada por ele.

Endireitei o corpo e virei a cabeça quando parei no farol ao ouvir sua conclusão, revoltada comigo. Eu poderia sentir, mas jamais deixar transparecer parecendo uma traidinha idiota.

— Que apaixonada, o quê?! — vociferei para assumir a postura de indiferente. E saí com o carro com o farol abrindo e fiz o balão, contornando a avenida. — Vou dar uma passadinha no shopping, preciso de algumas peças íntimas — disse e me arrepiei recordando os momentos que o Marcelo, repleto de tesão, arrancou as calcinhas do meu corpo.

— Tenho todo o tempo do mundo para você, querida — disse esticando o pescoço, olhando no retrovisor ajeitando os cabelos lindos de tanto que brilhavam. — E estou feliz com o seu retorno a Uchoa, agora tenho esperança daquela empresa voltar a ser o que era, só precisa ser firme com o Marcelo, mostrar para ele quem a comanda. Seu pai sempre acreditou no seu talento empreendedor, sabia?

"Ferrou! A dura e crua realidade que fico engessada com ele por perto."

Apenas assenti, pensando que o certo era abandonar tudo, não estava certa se conseguiria bater de frente com o Marcelo nutrindo sentimentos tão profundos por ele. Eu era uma presa fácil e ele estava ciente, além de tirar proveito da situação.

— Como pretende colocar ele para fora? — Aquilo parecia mais um desafio do que uma pergunta. Enfim, optei por não estender, evitando discussões.

— Vou me empenhar em tirar a empresa do buraco, depois o chamo para conversar e faço uma oferta digna.

Ela riu duvidando, e eu não a compreendi.

— O fato de ele ter pagado um valor surreal demonstra que, na conversa, não terá acordo algum.

— Acredita que ele fez isto apenas por vingança?

Ela abanou o ombro, olhando a janela e permaneceu por lá até que soltou o ar, exausta.

— Não duvido de nada.

Voltei a concentrar-me no trânsito, refletindo sobre o tema vingança. De fato, quando me vi naquela reunião surpresa, cega de ódio e ressentimento pensei sobre isto. Depois, analisando melhor e o conhecendo como o conhecia, me custava crer que ele estava nessa por vingança. Ele podia ser um cretino, imbecil, metido, mulherengo, mas não injusto. *Ainda resisto em*

crer fielmente que ele foi uma fraude na minha vida. De qualquer forma, era melhor me esforçar para arrancá-lo do meu peito o quanto antes.

Vou me concentrar apenas na empresa!

Peguei o telefone no console do carro e disquei para o número do celular da Adrianna Oliveira colocando o fone no ouvido. Como eu, ela era forasteira lá em Brasília. Natural de Florianópolis, Santa Catarina, nos conhecemos no curso de pós-graduação em Brasília. Morando sozinhas e sem família, acabamos nos tornando amigas, seu jeito de mulher livre, e de bem com a vida, me cativou, fez meus dias melhores. Divertíamo-nos muito nas noites. E por fim, ela acabou vindo trabalhar na Group Uchoa, hoje meu braço direito, uma pessoa de confiança, que cuidava da minha empresa impecavelmente. *Uma grande e admirável executiva!*

— *Espero de coração que o papai esteja bem!* — ela falou, preocupada.

— Graças a Deus, ele está bem sim — respondi de imediato para acalmá-la —, no seu silêncio confortável.

Ouvi sua respiração pesada.

— *Assustei-me com a ligação por se tratar de um sábado.*

Ri, concordando. Além de funcionária exemplar, era também uma boa amiga. Trocávamos confidências o tempo todo.

— Só liguei mesmo para lhe pedir um favor! — falei entrando no estacionamento lotado do shopping.

— Tem uma vaga lá no fundão, filha — avisou minha mãe, apontando à frente. Acelerei o quanto pude para não perder a vaga, acho que era a única.

— Então Dri, preciso que fique à frente da Group Uchoa por mais algum tempo. Resolvi permanecer por aqui cuidando da empresa do meu pai.

— *Vou cuidar de tudo como se fosse minha, pode ficar sossegada e resolver tudo por aí. E espero poder conhecer sua família qualquer final de semana deste.*

— Com certeza! Vamos marcar, ok?

— *Tudo bem, amiga. Boa sorte por aí.*

Fechei meus olhos inspirando profundamente e segurei enquanto desligava o motor do carro ao entrar na vaga. *Vou precisar de muita sorte!* E aspirei de uma só vez.

— Obrigada!

E desliguei. Minha mãe já abria a porta do carro.

— Preciso comprar aquela cola de tecido grosso, inventei de fazer uma cortina especial para o quarto do seu pai — informou quando entramos no shopping. — Só um minuto que já volto.

— Te espero na loja de lingerie.

— Ok — respondeu ela e saiu rapidamente. Eu peguei o corredor contrário.

Como todo shopping neste sábado, a loja de lingerie se encontrava superlotada.

Bufei desapontada assim que cruzei a porta e olhava ao redor analisando se daria ou não meia volta, e minha mãe chegou me entregando o pacotinho.

— Guarda na sua bolsa, por favor! — solicitou varrendo os olhos entorno. — Pelo número de clientes, deduzo que esteja tudo em promoção, vou aproveitar e renovar meu guarda-roupa — disse ela animada e já entrou apressada me largando ali na porta.

Na verdade, repensava ainda se entraria ou não em meio a todo aquele tumulto, ver o Marcelo logo pela manhã, depois do ocorrido de ontem, arrebentou com a minha autoestima. E piorou quando meus olhos chegaram ao provador com a cortina aberta no fundo, do lado direito da loja. Apenas trajando um espartilho preto, aquela linda e exuberante mulher ruiva fazia questão e podia se exibir com o seu fascinante e irritante corpo escultural. *Ela devia dar até umas horas para o Marcelo.* Girando sensualmente aquele

corpo impecável em frente ao espelho, empinando aquela bunda perfeita, toda graciosa, recebia elogios das vendedoras e olhares invejosos da mulherada do recinto.

Decerto era uma cliente em potencial. Mentalmente, eu xingava aquela mulher de tudo quanto era palavrão. “VACA!” foi a última ofensa.

De repente, o pique retornou. Motivada, pensava numa maneira de sair daquele poço de ciúmes, antes de me afogar nele.

Quando ela voltou a fechar a cortina, eu peguei uma peça de roupa qualquer e entrei no provador ao lado, ouvindo sua conversa ao telefone.

— *Oh, meu querido!... Encontrou, foi? Legal... Está se exercitando para mim, é?... E, está todo suadinho, hum... delícia!* — respondia com malícia. Sabia que se tratava do Marcelo. — *Exatamente, querido. Inclusive, estou aqui comprando uma roupa especial para você tirar com os dentes, amor!... Hummm... já estou ficando molhada! Saindo daqui, corro para encontrar contigo, gato! Até então. Beijos.*

Ela desligou e notei quando colocou a cabeça para fora do provador.

— Será que já posso sair vestida com este espartilho.

— Fica à vontade, dona Ingrid.

Ingrid! Nome de vagaba mesmo. Ironizei revirando os olhos, a visão ofuscava e me deparei com a calça jeans clara ali dependurada na divisória. A luz da maldade acendeu dentro da minha cabeça, maquiavélica, lembrei-me da cola da minha mãe; se colava tecido grosso, imagine o que faria em um tecido delicado como o do espartilho? Soltava aquele risinho sinistro, enquanto peguei rapidamente dentro da bolsa e puxei a calça. Com o bico aplicador coloquei o produto na parte interna da bunda, espalhando o máximo para não ficar tão úmida.

Quero só ver o Marcelo tirar o espartilho com os dentes, queridinha!

Quando ela puxou a calça, saí correndo do provador, e procurei minha mãe pela loja. Ela parecia uma doida pegando tudo quanto era peça.

— Larga tudo e vem comigo, mãe! Precisamos sair rápido daqui. — Segurando em seu braço, quase a arrastava pela loja em direção a saída.

— Que bicho te mordeu, Carolina? — protestava ela, sem entender.

— Lembrei-me de um compromisso urgente — menti.

Eu parecia uma fugitiva da lei, nunca corri tanto e forcei a coitada da minha mãe. Ela se jogou dentro do carro sem conseguir respirar.

— Desculpa, mãe! — Liguei o carro imediatamente e saí na mesma rapidez. Para não ser associada ao delito com a tal Ingrid. Ninguém poderia me ver por ali.

— Realmente este compromisso deve ser importantíssimo para tanta pressa.

Sorri sem graça.

"Que pessoa horrível é esta, Carol?", repreendia a mim começando a ficar arrependida com a minha atitude infantil. Mas não adiantava mais, a cagada já fora feita.

Todo o percurso até o meu condomínio foi no silêncio absoluto refletindo no porquê de não agir pelo impulso naquele dia com a mulher grávida, como fiz na loja? Talvez pelo medo de ser trocada e sair desta história como traída. Orgulhosa como era na época, não suportaria. *É aquela velha história: o fator surpresa, a gente nunca sabe qual será nossa reação diante do perigo!*

Apesar de tudo, eu admirava o Marcelo, respeitou a minha condição de traída perante a sociedade. Agora, a pergunta que não se cala: o que teria acontecido neste relacionamento? Porque ele existiu, claro! Ele simplesmente sumiu do mapa deixando claro que o rompimento era o seu objetivo, e nunca ouvi falar desta dita cuja e filho.

Pensar demais enlouquece, Carol! Pense nisso!

Esta frase virou um mantra, foi como o Marcelo disse naquele dia antes de terminarmos. *Tem coisas na vida que não há como mudar!* Ele tinha razão: arrasou a minha vida. O trabalho sobrepôs à mente ociosa. Balancei a cabeça para dissipar os pensamentos, acabara de cruzar a portaria e notei minha mãe olhando a paisagem pela janela, sua respiração acelerada.

— Você está bem, mãe? — perguntei segurando em sua mão sobre sua perna, percebendo-a gelada. Ela assentiu sem voltar o rosto.

— Apenas matutando um pouco da vida — balbuciou com voz embargada.

— Está chorando, mãe?

Ela suspirou profundamente e vi seus olhos umedecidos.

— Estou aqui me perguntando por que a vida tem de ser tão difícil assim? — Fechando os olhos, mordeu o lábio inferior cortando o meu coração. — Sinto tantas saudades da voz do seu pai! — declarou.

— Eu também, sabia?

Ela baixou os olhos entristecida, como eu ficava.

— Eu ainda não pedi desculpas por ter aceitado, junto com o Guilherme, o acordo do contrato de venda da Uchoa. — Respirou fundo no momento em que entrei na garagem de casa. Ela esperou eu estacionar para continuar: — Eu não fiz por mal, eu juro! — Pegando em minha mão, apertou-a a ponto de doer. — A única intenção foi de ajudar o seu irmão a prosperar nos negócios dele.

Assenti comprimindo os lábios e curvei tomando-a em meus braços.

— Eu sei, mãe... — sussurrei ao seu ouvido, correndo minhas mãos pelas costas trêmulas.

— Só depois da confusão toda é que caiu a minha ficha, lembrei o quanto a empresa era importante para o seu pai. Ele sempre sonhou em passar o comando a você, ele confiava no seu potencial.

Rindo saudosa, afastei moldando seu rosto lindo entre minhas mãos.

— Eu não tenho a capacidade daquele gênio.

Ela riu comigo.

— Seu pai era um velho inteligente, mesmo! — disse ela, orgulhosa. — Sempre dizia que um dia criaria o medicamento mais revolucionário do mundo. Lindo!

Baixei meus olhos sem conseguir conter as lágrimas, elas pingavam sobre minhas pernas, molhando e muito a minha calça branca.

— Eu ainda tenho esperanças de que ele irá despertar e terá tempo o suficiente de colocar tudo que há de melhor dentro de sua cabeça para fora, em prol da humanidade.

Ela ria e chorava ao mesmo tempo sacudindo a cabeça de cima para baixo.

— Deus te ouça, querida! Eu amo aquele velho de verdade — declarou com força e segurou em meu rosto pressionando os lábios úmidos e quentes em minha bochecha. — Ele foi tudo na minha vida e continuava sendo, e desejava muito dizer isto pessoalmente.

— Pois sussurre em seu ouvido, eu tenho certeza de que ele pode nos ouvir.

Ela riu alto.

— Eu faço isto todo santo dia, minha filha — afirmou, abriu a porta do carro e desceu junto comigo.

Senti-me péssima ao deparar com o Derek ali, todo esparramado no sofá da minha sala, os braços abertos sobre o encosto e sobre seu colo, minha bolsa, que deixei sobre a cama e a echarpe esquecida no quarto do Bernardo. Os olhos verdes puxados semicerrados completavam, na expressão interrogativa. *Ferrou!*

— Oi, Derek! — murmurei.

Minha mãe olhou desconfiada e abriu um sorriso falso indo até ele.

— Caiu da cama, querido? — disse ela curvando para beijar a face barbuda.

— É complicado conseguir dormir quando se descobre que se fez papel de idiota — proferiu seco, sem perder a conexão visual comigo.

Sem graça, minha mãe se endireitou.

— Vou deixar vocês conversarem. — Piscou passando por mim e subiu as escadas.

— Estou aqui apenas para cobrar a razão pela qual saiu do meu quarto e foi cair nos braços do Marcelo, me deixando que nem um bobão depois de ter me convidado para um encontro mais íntimo.

Engoli duro sem saber o que dizer, ele levantou num ímpeto vindo em minha direção, ali no meio da sala, parando a um centímetro. Estava muito amedrontador.

— Não foi por minha vontade, eu juro! — dizia com a cabeça arqueada o encarando. — O Marcelo me jogou no ombro e me tirou de lá à força. Eu fui literalmente raptada! — tentava explicar quando ele, indignado, soltou um riso raivoso. Dando-me as costas, andou alguns passos oferecendo a distância necessária para eu respirar mais tranquilamente. — Precisa crer em mim — insisti, preocupada em magoá-lo.

Ele girou no calcanhar me fuzilando.

— Transou com ele?

Titubeei surpresa, arregalando os olhos à sua cobrança. E balançava a cabeça levemente "Ai, Jesus Cristinho! O que eu respondo?", implorava totalmente perdida.

— Dizem que o silêncio consente. — Balançou a cabeça desapontado e fechou os olhos por uma fração de segundos. — Não precisa confirmar o que já sei. Seu batom estava por todo o pescoço daquele imbecil.

— Estou arrependida! — confessei, afinal não podia negar o inegável.

Ele esfregava a mão pela barba até o queixo me fitando de um jeito estranho e ergueu as sobrancelhas.

— Eu acredito que algo de muito grave aconteceu no passado para você e o Marcelo romperem. — Estendeu a mão quente, acariciando o meu rosto. — Só que agora as coisas mudaram, vocês se tornaram inimigos nos negócios! — Balançava a cabeça revoltado. Senti um baque no peito, como se um murro acabasse de acertá-lo em cheio e solucei disfarçadamente, acabada. — Puxa! Você é uma mulher especial e merece o melhor, e o melhor não é o Marcelo. Já pensou que talvez ele esteja se aproveitando da sua fragilidade emocional para dar o bote, conseguir convencê-la a ceder sua parte na Uchoa?

Distanciei meus olhos me odiando. É claro que ele estava com a razão!

— Olha! — Segurando os dois lados do meu rosto, seus olhos cintilantes perambulavam insistentemente. — Não se trata de pressão, tá? Só estou questionando o fato de alimentar esperanças e simplesmente cair fora sem dar qualquer satisfação. Ok?

Senti todo o sangue do meu corpo subir ao rosto – ele ardia e não era pouco – muito envergonhada.

— Perdão! — Abracei-o forte, que retribuiu com muito carinho.

Corria as mãos grandes por minhas costas nuas com a frente única em tom salmão, antes de afastar e beijar minha testa levemente.

— Preciso ir ao treino do jogo.

Assenti e ele caminhou apressado em direção à porta, eu me esparramei no sofá para refletir sobre todas as merdas que andei fazendo. E cheguei à conclusão que não sairia de casa até segunda, e prometi a mim mesma que mudaria a minha forma de agir a partir de agora.

Já que não abriria mão da empresa e lutaria por ela com unhas e dentes, então teria que mudar a minha postura perante o Marcelo.

Se ele pensava que ia continuar com este joguinho de sedução, estava completamente enganado. Ele não perdia por esperar.

Nunca mais você colocará as mãos em mim. Nunca mais!



Capítulo Dez

MARCELO

— Como acha que podemos vencer a final do campeonato faltando nos treinos? — cobrou-me Tiago assim que puxei a cadeira para o desjejum. Nem questionei ao vê-lo de pijama: regata branca e um samba canção moderno e estampado. Notei pela fresta da porta aberta a Susana deitada na minha cama, quando passava no corredor.

A mesa do café foi posta na parte externa, com a agradável vista para toda a área gourmet rodeada por um jardim superbonito, decoração também da minha mãe.

— Olha só quem fala! — insinuei propositalmente. — Já estou ciente da ocupação do meu quarto durante todo o fim de semana.

Ele riu safado, servindo-se de uma generosa xícara com café.

— Craque não precisa se matar! — esnobou.

— Metido! — rosnei meio bravo e sentei. O calor ameno e afável se tornou insuportável vestido no terno preto, a camisa branca sem a gravata, e os primeiros botões abertos, não refrescava nada. — Mas sexo em excesso pode deixar sequela, mano. — Em seguida, estiquei as costas doloridas na madeira do encosto tentando sair daquele desconforto por ter dormido mal pra caramba esta noite, escolhi o quarto com a pior cama da casa.

— Conheci muitas mulheres interessantes, mas como a Susana, nunca! — precavido, cochichou olhando além da porta de vidro para o interior da sala.

— Não é somente de coração que a mulher é fera, na cama é uma predadora e das perigosas!

Acabei rindo do comentário.

— É um felizardo, mano. A Susana não sai com qualquer um. Conheço caras que investem nela desde a adolescência.

Apreensivo, ele franziu a testa e apalpou o vidro da mesa.

— Você, por exemplo? — Os olhos verdes brilhavam cravados em meu rosto, indagadores.

Neguei de cabeça de imediato.

— Mesmo que tentasse, perderia meu tempo, ou se esqueceu da amizade dela com a Carol? — lembrei-o deslizando a faca, espalhando manteiga num pedaço de pão. Ele curvou a cabeça de lado, ponderando. — A Susana é uma amiga fiel.

— Isso significa que já tentou?

— Não, claro que não! — fui convicto levando o pão à boca e mordi.

Ele soltou o ar aliviado e bebericou seu café recolocando a xícara de volta sobre o tampo de vidro.

— Melhor assim! — Afundou na cadeira — Não me sentiria confortável em dividir uma mulher com o meu irmão.

— Pelo jeito foi muito bom, porque haja tesão para ficarem trancados no quarto dois dias seguidos. — Girei o pescoço rígido de um lado ao outro. — CARALHO DE CAMA!

Ele riu com a minha fúria.

— Para de frescura, temos quartos a perder de vista aqui na casa. Poderia ter escolhido um melhor.

Grunhi, rindo, preenchendo o copo com um suco de laranja.

— A única coisa que bêbado procura é um lugar para jogar o corpo, e olha lá! — Surpreso, ele riu estirando na cadeira.

— Você bêbado? — duvidou. — Chega a ser cômico.

Comecei a rir sozinho relembrando da fúria da Ingrid.

— Você não faz ideia do que foi cômico!

Não queria, porém era impossível não rir revivendo a cena. Mas a dúvida dele tinha fundamento. Eu era um bom apreciador e consumidor de bebidas alcoólicas: Uísque, um bom vinho e drinques, porém de forma moderada, o que chamo de "beber socialmente". O último porre, como o de ontem, foi no dia seguinte à morte da minha mãe.

Um ano após o rompimento com a Carol, a sua traição com aquele calhorda não saía da minha cabeça, me atormentando... juro, tive o ímpeto de arrancar meu coração do peito e enterrá-lo, mas não estava em condições de cobrar nada. Acho que o foco principal naquela época era a traição. O mundo resolveu trair e conspirar contra nós. E confesso! O percurso até ali não foi tarefa fácil, pensava e repensava milhões de vezes em revelar toda a verdade. E vi de que nada adiantaria ela perdoar, porque eu teria que perdoar primeiro. Sem o meu perdão, não via perspectiva para nós, ela ter partido e nunca me procurado facilitou. Enfim... decisão certa ou errada, eu preferi seguir em frente, a morte da minha mãe serviu como definição, mostrando uma única trilha, a de que não havia mais volta, e toquei minha vida esquecendo todo o drama.

E tudo ia muito bem até eu resolver intervir. Comprar a Uchoa, evitando mais danos a ela, foi um erro ao qual não tenho mais como desfazer, sem que haja muito mais estragos.

— Bebaço, cara! — assumi ainda rindo e ele ficou muito curioso.

— Por que está rindo?

— Um episódio engraçado ocorrido lá na casa da Ingrid. Coitada! Ela queria parecer sexy com um lingerie nova, mas sabe-se lá como a peça íntima

colou na calça e rasgou no momento crucial. Cara! A mulher se transformou numa fera, prometendo processar a loja do shopping.

Ele ria ainda mais abelhudo.

— Então não bebeu sozinho?

— Foi em ótimas companhias — explicava dando mais uma dentada no pão. — Depois da caminhada de sábado, rolou um lance na casa da Ingrid. Ela ficou tão para baixo, que acabou convidando alguns amigos e ficamos todos por lá, até ontem à noite.

— Aquela gata! — suspirou revirando os olhos todo interessado.

Torci a boca, desaprovando-o.

— Eu já pedi respeito com a Ingrid.

— Tudo bem! — Piscando gozador, defendeu-se erguendo as mãos no ar. — Mas fala sério! A Ingrid... — começou, porém, foi interrompido com a Susana descendo as escadas.

Assustado, meu coração acordara totalmente meu corpo, e fora o mais afetado, saltou para a garganta batendo forte por ali. Analisando-a tão sensual no extra leve pijama curto de alcinha azul Royal com detalhes em rosa, que era da Carol. A única lembrança física dela, adorava tê-lo na gaveta das minhas cuecas.

— Bom dia! — Meus olhos percorreram aquela roupa trazendo trilhões de recordações e não consegui responder.

— Ah, desculpa fuçar nas suas coisas — o tom tenso de sua voz, com os braços sendo cruzados à frente do corpo se escondendo, tirou-me dos devaneios. — Não tive tempo de ir em casa buscar roupas.

— Não esquenta, Susana! — Tiago pronunciou quebrando a clima estranho instaurado e se levantou indo para o lado dela, levando o braço por sua cintura fina.

— Não precisa se desculpar, imagina! — Eu limpei minha garganta voltando ao suntuoso café da manhã.

— Você curtindo pijama feminino é novidade para mim — zombou Tiago levando-a para sentar ao seu lado.

— Cale a boca! — Ela bateu no ombro dele antes de se sentar. — Este pijama é da Carol, já a vi vestida nele — explicou lançando-me o seu olhar apreensivo.

Ergui a sobrancelha com meu coração acelerado, doendo apertado, era uma dor insuportável, parecendo que ia explodir.

— Nem sabia que ela o esqueceu aqui. — Abri um sorriso vago, disfarçando. — Não precisa devolver, pode jogar no lixo. — Simulei um tom indiferente repousando o copo vazio sobre a mesa.

Ela sorriu fraco pegando a jarra com o suco e se serviu.

— Estou muito ansiosa para a final — mencionou levando o copo de suco aos lábios do meu irmão, toda atenciosa.

— E eu preocupado — pronunciou Tiago jogando seu olhar sobre mim. — Sem treino vamos virar chacota do futebol mais uma vez. Pensa só aguentar o Derek pendurado no nosso ouvido tirando sarro.

Possesso, eu me levantei afastando a cadeira com a parte de trás dos joelhos.

— Já falei que foi sorte de principiante —garanti. — Este receio de ser objeto de gozações não me intimida, porque eu sei que venceremos. — Tomei o restante do líquido refrescante colocando o copo sobre a mesa a seguir.

— Espero que sim — torcia Tiago incerto e olhou sério para Susana. — E para qual time você vai torcer desta vez, gata?

Embora nunca fosse confirmado, existia um boato de que a Susana e o Guilherme tinham uma intimidade a mais.

Ela abriu a boca balançando a cabeça, perdida com a inquisição.

— Amo todos vocês, portanto continuo em cima do muro.

Acenei de cabeça aprovando sua saída esperta. A mulher era sábia, pendia sempre para a política da boa vizinhança.

— Agora se me derem licença, preciso ir andando. Estou atolado de afazeres na D'Ávila.

— Pelo amor de Deus, Marcelo, veja se encaixa logo o Wesley na Uchoa. Não suporto mais ver o cara trancado dentro do quarto, branco sobre a cama, até parece um zumbi — lembrou Tiago quando ameacei entrar pela porta de vidro.

— Ele está tão mal assim?

— Péssimo! — garantiu e Susana balançou a cabeça em concordância. — Ele tem competência, vai ser útil na empresa.

Torci a boca, discordando.

— Vou encaixá-lo na D'Ávila. — Soltei em tom de encerramento e cruzei a porta. Principalmente com a presença cerrada da Carol, até mesmo porque, como sócia, devia conversar com ela antes de qualquer contratação, principalmente no nível de chefia. Se continuasse batendo de frente, só ia conseguir triplicar meus problemas, duplicados já estavam de bom tamanho.

— Ah, Marcelo! — gritou. — Seu celular tocou umas quinhentas vezes de madrugada, caso não tenha ouvido.

Franzi a testa o pegando no bolso da calça, o visor apagado.

— Vou carregar no carro. Bom dia para vocês.

Saí apressado para o hall colocando o aparelho no bolso e entrei no elevador apertando para a garagem.

Já na garagem, enquanto pegava a chave do carro no bolso, o celular subiu junto e caiu no chão de concreto espatifando. Voou peças para todos os lados.

— Merda! — Saí recolhendo tudo e entrei no carro. Tentei montá-lo, pluguei no carregador e quem disse que funcionou! Estava totalmente apagado. — Já era! — Joguei sobre o banco de passageiro e saí com o carro. A forte luz solar, que invadiu o para-brisa, embaraçou minha visão sensível e intensificou a enxaqueca causada pela forte ressaca.



Tenso, caminhei lentamente pelo corredor em direção à minha sala, incerto sobre a decisão que estava prestes a tomar. E decidi de uma vez por todas passando em frente à sala do Cauã, e entrei.

As janelas de vidro contribuíam para a iluminação no ambiente amplo ao qual integrava a sala de reunião. Vestido num terno cinza claro muito elegante, ele estava sentado atrás da mesa, esparramado na cadeira com a caneta batendo na bochecha lisa, de quem acabou de fazer a barba.

— Bom dia, Marcelo — disse se endireitando na cadeira.

— Bom dia! — respondi dali mesmo da porta. — A que horas você vai ao fórum para entrar com recurso de processo da Uchoa?

— Assim que terminar de redigir a última cláusula, estou sendo minucioso para não deixar brechas...

— Consegue segurar mais um pouco? — interrompi-o.

Ele me olhou com as sobrancelhas erguidas e um olhar incrédulo.

— Por acaso desistiu?

Sacudi a cabeça.

— Não exatamente! Embora eu já tenha ciência da imensa dificuldade em dialogar entre iguais com a Carol, ainda assim vou tentar resolver de uma forma amigável.

Ele sorriu largamente satisfeito e assentiu.

— Decisão inteligente. Dialogar é sempre a melhor solução.

Revirei os olhos duvidando.

— Espero! — Soltei o ar exausto e não muito confiante, e saí fechando a porta. Segui pelo amplo corredor até a última porta onde estava a sala da Presidência.

Entrei na sala enorme da secretária, as paredes cercadas de livros na estante de madeira clara, carpete marrom e sobre ele, a grande mesa oval. Atrás uma enorme janela iluminava os cabelos curtos e loiros da Maria de Lurdes, hoje vestida num terno azul-claro: saia e blazer e por baixo, uma camisa de seda branca, muito elegante.

— Bom dia, Maria de Lurdes! — cumprimentei e ela sorriu cordial.

— Bom dia, doutor Marcelo — respondeu se levantando e recolhendo algumas pastas sobre a mesa. — Preparado para assinar todos esses contratos?

Ri aderindo de cabeça.

— Vamos lá? — chamei e ela me seguiu. — Alguém me procurou agora pela manhã? — perguntei segurando a porta da minha sala dando-lhe passagem.

Ela sorriu com um semblante questionador.

— Não, senhor.

Fiquei pensativo seguindo para a minha mesa de madeira maciça, pensando de quem poderia ter sido a ligação na madrugada. Meu pai não era, porque ele ligaria para o Tiago, não conseguindo minha resposta. “Será que é alguma coisa com a Jussara e a Yasmim?”, pensava enquanto puxava a cadeira e me joguei, afundando o corpo, preocupado com as duas.

— Pode deixar tudo aqui na minha mesa, que já vou começar — avisei e abri a maleta. — Pode providenciar um celular novo, por favor? — Peguei na

bolsa mostrando a ela. — Caiu na garagem da minha casa e deu “PT”. — Ela riu, complacente.

— Já perdi as contas de quantos aparelhos já perdi assim. — Rimos juntos. — O shopping abre às 10h e mandarei um funcionário até lá.

Olhei no relógio em meu pulso: 8h30.

— Às 10h preciso estar na Uchoa, deixa comigo que dou uma passadinha lá, assim que der. Obrigado.

Ela assentiu e saiu da sala.

Sozinho, liguei no celular da Jussara do telefone fixo. Na primeira tentativa tocou várias vezes e então caiu na caixa postal. As tentativas seguintes já caíam direto na caixa postal. Com o cotovelo sobre a mesa, passava a mão pelo meu queixo, aflito. Pensando se elas estariam bem, e me convenci de que talvez dormiam.

Vou tentar mais tarde.

Comecei a ver as papeladas em cima da minha mesa, e corri que nem um louco, nem ao banheiro eu fui para terminar de revisar todos aqueles contratos até às 9h30 e então corri para a Uchoa.

Fazia uma hora que revia os relatórios que o José deixou com a Lúcia Helena, e queria terminar antes da Carol chegar. Não mais bateria de frente com ela, deixaria esta sala à sua disposição, aliás, pertencia ao seu pai e eu estimava muito aquele homem. E outra, que muito perto não resistiria aos seus atrativos; e, por enquanto, era necessário cautela.

O tom de sua voz determinada e macia vindo da sala da secretária tirou-me dos devaneios. As tais borboletas no estômago já se agitaram e meu coração bateu mais rápido com o som dos saltos dos seus sapatos se aproximando.

Permaneci com a cabeça baixa rabiscando uma folha em branco, quando a porta se abriu.

Inspirei o delicioso cheiro de seu perfume que invadiu o ambiente.

— Bom dia, ou já é boa tarde? — ela quebrou o silêncio em um tom gracioso e humorado que estranhei de cara.

Ergui os olhos no momento em que olhava no relógio dourado em seu pulso.

Uau!

Fiquei completamente arrebatado por sua beleza e sensualidade, dentro do belíssimo vestido preto, daquele estilo lápis, elegante e sensual não muito chamativo, mas o seu corpo sim, acentuava as formas mostrando as curvas perfeitas. Os cabelos presos no coque baixo, conhecido como retrô, deixava-a charmosa, deslumbrante e desejada.

— Ah, 12h40 podemos considerar bom dia, porque ainda não almocei — ela respondeu sua pergunta caminhando elegantemente em cima da sandália preta de salto em direção a janela, ignorando a minha pessoa ali, paralisada.

Impecavelmente linda, recebia a luz do sol do dia ensolarado nesta perfeita manhã de segunda-feira. Não respondi, ela girou o corpo travando seus olhos mel nos meus e fez meu coração disparar.

— Você já almoçou? — Ri sem compreender aquela nova Carol, tranquila, determinada. Aliás, já estava acostumado com a nossa rinha.

— Não sobrou tempo! — respondi sorrindo frouxo.

Ela respirou fundo e baixando os olhos, seguiu para se sentar na poltrona perto da porta, cruzou as pernas e seu olhar nostálgico se perdeu pelo cômodo, antes de virem a mim.

— Bem, resolvi levantar a bandeira branca — começou ela.

Ergui a sobrancelha, surpreso e desconfiado com a civilidade daquele papo.

— Não há a menor possibilidade de convivência entre nós no mesmo recinto. Estou tendo uma dificuldade incomum em lidar com isso, portanto

vim informá-lo que, a partir de amanhã, estarei ocupando a mesa que o meu pai mais gostava no laboratório. Vou enumerar suas fórmulas, deve ter algo novo que ainda não foi patenteado. De repente me deparo com uma mina de ouro — gargalhou divertida.

Fiquei pasmo com a observação.

— É engraçado você dizer isto. — Ela apertou os olhos sorrindo especulativa.

— Por quê?

— Porque é exatamente isso que almejava fazer, estava aqui terminando de revisar estes relatórios. — Apontei a pilha de pastas sobre a mesa. — E já procuraria alguma sala vaga para me instalar.

— É sério? — Ela parecia orgulhosa de mim, mas eu me sentia desconfortável e estranho.

— Muito sério — respondi e levantei indo até a frente da poltrona.

Com a cabeça arqueada, seus olhos sorriam em aprovação, gostava daquela sensação de paz.

— Acha que está tomando a decisão correta? — aquela pergunta me pegou de surpresa. Não sabia ao certo.

Dei de ombros dando-lhe as costas e parando em frente à janela contemplando o horizonte verde, o céu azul limpo, sem nuvens, um sol que acalmava o coração.

— Se o caminho é certo ou errado, eu não sei. Porém, acredito que seja uma decisão coerente diante das circunstâncias. Dividir a liderança é um desafio novo para mim. — Girei o corpo me deparando com ela à minha frente, uma maquiagem leve coloria seu rosto de pele aveludada. Aproximou-se de fininho, que sequer notei. *Você é linda, mulher!* O seu perfume é foda, fiquei excitado e insano para atacá-la. *Preciso parar com isso!* Reprimi a vontade.

Inesperadamente, ela escorregou parando ao meu lado, ambos olhando para fora, só que fiquei intrigado demais notando seus olhos mel descendo à procura de algo na rua.

— Continua, estou te ouvindo — disse despretensiosamente.

Arfei sem compreender aquele comportamento calmo e estranho. *Ela está estranha demais...*

— Continuando... Acho que, enquanto resolvemos nosso impasse na justiça, seria mais prudente nós dois trabalharmos juntos para a empresa crescer. A prosperidade dela é boa para ambos os lados, concorda?

— Lógico! — Um tom baixo saiu junto a um suspiro. Notei-a umedecendo seus lábios grossos, entreabertos com a ponta da língua.

— Por esta razão acho viável um acordo, acabar com as discussões evita um infarto e o coração agradece — prossegui explicando.

Sorrindo sem vontade virou o rosto, meus olhos se fixaram em seus lábios, observando o quanto eles eram lindos.

— Travar uma guerra, não vai nos levar a lugar nenhum.

— Tem razão — murmurou inalando profundamente e num movimento brusco girou o corpo para ficar de frente comigo e tropeçou.

Curvando, suas mãos tremendo vieram ao meu peito, e a minha em seu braço segurando-a, sentindo a pele desnuda arrepiada. Nossos olhos numa comunicação somente deles. Não conseguia decifrar o que havia de diferente dentro deles, mas eu vi algo estranho e assustador. Pensa na vontade que fiquei de tomar seus lábios? Suspirei para segurar minha onda sentindo o hálito quente tocar meus lábios.

Não posso ser este homem sem palavra! Prometi a mim mesmo ficar longe!

— Me desculpa! — balbuciou lindamente sensual. Fraquejei. Não resisti àquele tom de voz entrecortado, escorreguei minhas mãos até seus pulsos e a

puxei indo com tudo em seus lábios, que travaram bloqueando os meus.

— Não! — Afastou apenas um milímetro. — Eu não quero beijar você nunca mais. — Pressionando mais seus pulsos, colei em meu peito arfando. Continuamos ali por alguns instantes, um respirando o hálito do outro. — Você fez a sua escolha, lembra?

Não respondi, apenas fechei meus olhos com o coração na mão por necessitar agir da forma como agi em todos estes anos, inclusive na casa do Bernardo, e senti um tremendo ódio da vida.

— O foco é somente a Uchoa, ok?

Reprimindo o ímpeto de agarrá-la, porque sabia que ela cederia e não era justo, já que eu não poderia oferecer muita coisa para ela. Concordei sacudindo a cabeça e a soltei, inspirando o máximo possível e recuando um passo, e neste minuto seu celular tocou na bolsa sobre a poltrona.

Rapidamente se afastou o pegando e atendeu.

— Está em frente a Uchoa, Heitor? — perguntou voltando a janela e olhou lá na rua. *O quê?* Um frio cortante assolou meu corpo, travei a mandíbula vendo-a olhando para baixo alargando um sorriso, quando encontrou o carro *Sedan* preto de luxo estacionando em frente. — Estou te vendo, já estou descendo.

— Ia perguntar por que iniciaria na sala do laboratório amanhã, e não hoje. Agora já tenho a resposta — soltei em tom de ofensa, trêmulo, louco para descer e matar o cara lá embaixo, enfiei as mãos no bolso da calça para esconder minha fúria.

— A minha vida não se resume apenas na Uchoa, sabia? — rosnou e ignorou-me indo pegar a bolsa sobre a poltrona.

Indignado e enciumado, peguei em seu pulso.

— Estou vendo quantos afazeres a senhorita tem na vida, inclusive uma quantidade enorme de homens, não? — Puxei-a colando-a em meu peito.

— Você precisa cessar estes impulsos, Marcelo? — ela tentou dizer, mas não deixei. Possessivo, tomei seus lábios, que se travaram. — Larga, imbecil! — A pequena abertura para pronunciar foi o suficiente para minha língua entrar dando-lhe um beijo selvagem de machucar, quase engolia sua língua com o meu coração batendo nas alturas.

Ela aceitou por um segundo; no outro, acabou-se em lágrimas. Caindo na real, fiquei desestruturado com sua reação.

Parei o beijo sem afastar dos seus lábios.

— Desculpa, desculpa! — Segurei seu rosto banhado em lágrimas repassando os olhos pelo rosto lindo e entristecido. — Eu sou um grosseirão — me redimia limpando suas lágrimas com meus polegares.

Ela balançava a cabeça, colei minha testa à dela quando suas mãos subiram segurando em meus pulsos.

— E-eu não entendo você, sabia? — gaguejou. — Teve todas as chances do mundo para se explicar e tudo o que sabe fazer é me atacar possessivamente; e depois, quando se sente pressionado, acua. — Sacudiu a cabeça negativamente, tirando minhas mãos do seu rosto com brutalidade, e recuou. — A farra acabou, de hoje em diante o foco é a Uchoa! Estou propensa a comprar a parte do meu irmão. — Secava as lágrimas debaixo dos olhos com os dedos indicadores com cuidado para não borrar o lápis preto, entretanto não desviou os olhos. Notei que ela aguardava minha resposta, e confesso que titubeei, amedrontado com a nova postura. — Pois bem! — completou ao meu silêncio. — Já que a convivência é inevitável, então devo ressaltar que nossos contatos não poderão passar de um aperto de mão.

Embora encantado com seu jeito determinado de ser, que estava amando, ergui a sobrancelha desafiador. Ela sustentou firme.

— Também acredito que assim será mais fácil para todos.

Ela suspirou abalada, frustrada pelo que a conhecia, e estalando a língua deu as costas caminhando em direção à porta, e parou com a mão na maçaneta e se virou.

— Ah, mais uma coisa! O homem lá embaixo é um cliente meu da Group Uchoa, precisamos debater um contrato de uma nova filial no Nordeste — informou secamente. — Deveria dobrar a língua antes de me xingar de vadia.

Ri disfarçadamente feliz, tão dura e doce ao mesmo tempo, e se importava com a minha opinião. Linda! Só para irritá-la, abri um sorriso malandro, o que a deixou enfurecida.

— E tenha um bom-dia! — Abriu a porta.

— E você se comporte! — provoquei sorrateiro.

Brava pra cacete, ela saiu e bateu a porta com tudo ao fechar.

Agora mais seguro fui para a minha mesa. *Preciso resolver a minha vida!* Sentando-me, lembrei do celular e voltei a ficar preocupado. Abri as gavetas e achei um aparelho que consegui conectar o meu chip. E imediatamente liguei para o número da Jussara.

— *Marcelo, onde você se meteu?* — Jussara atendeu a ligação chorando muito. — *A-a...* — As palavras não saíam mais.

— Fala devagar. — Fiquei desesperado tentando entender o que estava acontecendo. — A Yasmim está bem?

— *Sim, sim...* — disse ela não me acalmando. — *É a dona Esmeralda, está aqui no hospital. Tentaram entrar em contato a madrugada inteira com você e, como não conseguiram, entraram em contato comigo.*

Merda! Saltei da mesa já pegando minha maleta.

— Meu celular quebrou, tentei ligar do telefone fixo e você não atendeu.

— *Esqueceu que nunca atendo número desconhecido?*

Fechei meus olhos me punindo, o telefone que liguei da D'Ávila era o que estava com número restrito.

— *Já que teria de vir hoje a São Paulo, aproveitei e trouxe a Yasmim comigo. Enfim, teremos paz em nossas vidas.*

Embora concordasse, ainda assim restava algumas dúvidas.

— Em qual hospital vocês estão?

Assim que anotei o endereço saí voando da Uchoa.



Estava difícil conciliar meus pensamentos enquanto seguia pela rodovia em direção ao endereço do hospital. Não queria, porém, evitar de pensar na Carol causava uma dor latejante em minha fronte. A alguns quarteirões próximo, soltei o volante e apertei o local dolorido.

Ela precisa ser informada sobre o estado de saúde da dona Esmeralda. Embora as circunstâncias não sejam as melhores, eu ligarei no caminho.

Espero que ela esteja bem!

O hospital ao qual a internaram ficava no mesmo bairro da casa de repouso. Depois da morte da minha mãe, ambientes hospitalares costumava me causar arrepios. Estacionei o carro deixando o paletó sobre o banco e entrei na recepção completamente lotada, segui em direção ao balcão onde se encontrava uma loira de cabelos curtos de avental branco, que deveria ter a minha idade.

— Boa tarde, poderia me dizer em que quarto Esmeralda Siqueira se encontra? — perguntei educadamente.

— Só um instante que já vejo para o senhor.

Assenti com aquela ansiedade absurda, preocupado com a saúde dela e também do ambiente. *Preciso transferi-la daqui, urgente.*

— O senhor é o quê da paciente?

— Seu protetor! — respondi com sinceridade.

As sobrancelhas bem-feitas se ergueram junto a um sorriso especulativo se abrindo.

— Hum... Filho? — quis saber.

— Sim — respondi sério. — Filho de criação.

Meio perdida, ela pediu um documento, que rapidamente lhe entreguei. Ela anotou num adesivo meu nome, documento, nome da dona Esmeralda e o quarto em que ela estava internada e mandou colar na roupa.

— Obrigado.

Caminhei apressadamente por um corredor extenso, tão cheio quanto a recepção e no hall dos elevadores não era diferente. O primeiro quarto do terceiro andar era onde ela estava internada.

De frente a cama onde dona Esmeralda dormia tranquilamente, Jussara estava de costas para a porta, os cabelos lisos e negros sobre as costas eretas, chegando à curva da bunda, estavam mais sedosos do que nunca. Na chez do outro lado da cama estava a Yasmim, dentro de um vestido azul-marinho de manguinha, dormindo e linda com seus cabelos loiros cacheados nas pontas espalhados pela fronha branca. Fechei a porta cautelosamente para não acordar as duas e foi quando a Ju ouviu e virou-se. A camiseta branca lisa moldava o corpo cinturado e os seios bonitos.

— Ah, Marcelo! — Desesperada, ela veio correndo. Passando os braços ao redor do meu pescoço, afundou a face no meu peito. — Fiquei com tanto medo e ainda não localizava você — lamentou, recuando.

— Agora eu estou aqui, não se preocupe — garanti, arrastando meus dedos pelos braços delicados de pele macia.

— Graças a Deus! — orou, afastando-se nas pontas dos pés. Seus lábios vieram em minha face com carinho. — A coitadinha ficou tão insegura.

— O que aconteceu com ela? — perguntei a soltando e me aproximei da cama. Ela parecia bem, dormindo serenamente.

— O médico diagnosticou como uma crise nervosa, mas agora ela está bem — respondeu ficando ao meu lado, passou o braço ao redor do meu corpo e deitou a cabeça em meu braço. Beijei a lateral de sua cabeça, aspirando o perfume dos seus cabelos.

— Vou providenciar a transferência dela para um hospital de minha confiança e...

— Não será necessário, ela já teve alta. Só estamos aguardando-a acordar.

— PAPAI! — Yasmim gritou quando abriu os olhinhos verdes e saltou da chez vindo desembestada para o meu colo.

— Shhh... — Já no meu colo, coloquei o dedo indicador em seus lábios charmosos e beijei sua face com vontade, bem gostoso. — Você está linda! — elogiei perambulando pelo rosto fofo.

— Estou com fome, papai! — alertou com carinha de choro.

— Gostaria de estar aqui quando ela acordar. Você se importa de dar o que comer para esta mocinha aqui? — Jussara cutucou a barriguinha da Yasmim, que ria animada.

— Será um prazer. — Beijando sua face, saí do quarto com a menina no colo. Estava com muitas saudades e não pretendia largá-la tão cedo.



Capítulo Onze

CAROLINA

Ufa! Se ele não comentou nada, é porque não me associou a minha brincadeira de "bom gosto" com a vagabunda lá no shopping. Não me orgulho da minha traquinagem, mas gostaria muito de ter visto a cara dela.

Bati a porta rindo, porém irritada, pensando que de nada resolveu este alívio. Aqui estou eu tensa novamente.

Ele é um carma na minha vida!

Não sei o que é mais difícil, a vida com ou sem o Marcelo. Com ele por perto, nunca sei como vai terminar o meu dia. Esta falta de definição está acabando comigo.

Por mais que tente, só consigo extrair dele mais e mais dúvidas.

— Pelo amor de Deus, coração! Colabora, vai? Senão vou arrancar você aí do peito! — ameacei dominando meu cérebro, querendo fazer a retrospectiva das mãos fortes pelo meu rosto e entrei o carro.

Tão logo nos cumprimentamos, Heitor saiu com o carro.

— Ah, Céus! — exclamou ele.

— Algum problema?

— Esqueci os relatórios sobre os quais faria a explanação — explicou envergonhado.

— Se realmente for necessário, não importo se quiser buscar.

Ele sorriu ansioso.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Passamos em seu pequeno laboratório de análises clínicas, sediado na cidade vizinha, não mais que dez quilômetros de Alphaville.

— Desculpa pela demora — falou ele quando entrava no carro. — E obrigado pela paciência de esperar.

— Imagina! Estou te devendo esta reunião há meses, inclusive até desliguei o celular. — Peguei o aparelho dentro da bolsa e ergui lhe mostrando. — Assim não sofreremos nenhuma interrupção.

O sorriso já plantado naturalmente em seu rosto se intensificou em gratidão e ele focou no trânsito à frente.

Sem me movimentar no banco a fim de não despertar a atenção do Heitor, atento com os olhos fixos na pista, dirigindo seu possante, eu fechei meus olhos com força, cerrei meus lábios com o meu coração angustiado. Ele só queria bater apaixonado, guardando aquele sentimento intitulado um tesouro precioso, não me dando outra opção senão amar, sofrer...

É imprescindível dar um basta em tudo isto e urgente! Ser a mesma fortaleza que sou nos negócios.

— Pelo silêncio, eu presumo que prefira entrar na pauta da filial, somente quando estivermos sentados à mesa do restaurante — Heitor interrompeu meu silêncio reflexivo.

Grunhi, rindo indignada comigo por esquecer dele. Aliás, era sempre assim: o Marcelo imperava minha cabeça num todo. *Uma merda!*

— Peço perdão. — Levei minha mão a dele sobre o volante. — Estou aqui com a cabeça quente com tantos problemas a serem resolvidos.

Seu sorriso permanente natural no rosto aparentava menos idade do que de fato ele tinha. Apesar de não saber exatamente, estava ciente de que passava dos 50 anos.

— Somente uma cabeça fria é capaz de pensar numa solução adequada — ilustrou ele me fazendo repensar a respeito.

— Quem sabe se enfiando a cabeça dentro de um balde cheio de gelo e andar por aí não consigo manter a cuca fresca! — brinquei o fazendo afundar no banco numa gargalhada gostosa.

— Embora nada prática, eu gostei da solução.

Agora eu quem ria.

— A vida é complicada! — Saiu junto com a expiração densa.

Por uma fração de segundos, seus olhos castanho-escuros, como os cabelos curtos e bem penteados para trás, me fitaram.

— Se hoje não considera um bom dia para almoço de negócios, podemos cancelar e marcar outro dia.

Ria encantada com sua simpatia e gentileza rara, ainda mais se tratando de dinheiro.

Desde aquela reunião, nenhum dia foi bom para os negócios, não alcancei mais o centro da minha vida. Com o seu sorriso charmoso e pegada de lascar, o Marcelo invadia continuamente a minha mente, me desvencilhando de todo o resto. Eu sou quase uma submissa, admito!

— Imagina se vamos cancelar! — proferi com o coração aquecido entrando na cidade onde estava localizado o restaurante, a mesma da casa de repouso. Mais alguns quilômetros passaríamos em frente. Despertou-me uma vontade imensa de rever dona Esmeralda. Faria isso após o almoço. — A abertura da filial é uma estratégia excelente para o crescimento.

Ele acenou de cabeça.

— Concordo plenamente contigo. — E lançou um olhar indagador sobre mim. — Sabe que, quando eu estava indo buscá-la na empresa do seu pai, fiquei imaginando como você consegue dar conta. Agregar tudo ao mesmo tempo?

— No momento estou centrada na Uchoa. A Adrianna está no comando da Group — expliquei. — Uma coisa que aprendi na vida empresarial é delegar para não enfartar.

— Uau! Vou usar esta tática, estou quase maluco com o crescimento.

— É só encontrar a pessoa certa e de confiança que o sistema flui — garanti e suspirei rindo com uma saudade imensa, passando em frente à casa de repouso.

— Esta é a parte delicada da coisa — foram as únicas palavras que ouvi quando tudo silenciou a minha volta. Perdi as rédeas do meu coração disparado dentro do peito, me sufocando. Não conseguia respirar, parecia que morreria nos próximos segundos se não fosse socorrida com a imagem que meus olhos captaram ao longe.

O sol radiante, covardemente, iluminava o Marcelo, lindo de viver, descendo os degraus em direção a calçada assim que saiu pela porta de vidro de um hospital, e não estava sozinho... Vivia naquele instante a experiência mais traumática da minha vida e doía muito.

Ele carregava em seus braços aquela garotinha saudável com os cabelos loiros reluzindo como ouro com os raios solares sobre os ombros, destacando com o azul-marinho da sua roupinha. Linda, linda, linda... como ele! Fiquei traumatizada ao vê-lo beijando aquele rostinho, sorrindo radiante, e ela retribuindo, demonstrando o tamanho do amor que sentia por ele.

— Carolina? — Heitor me arrancou daquele momento intenso. E mesmo assim não conseguia olhar para ele. Estava hipnotizada, acabada com aqueles dois. *Pai e filha!* — Você está bem?

Eu movia no sentido positivo.

— N-não! — Saiu num fio de voz entrecortado quando ele entrou com ela dentro de uma lanchonete ao lado do hospital, levei as duas mãos à cabeça. — Eu posso não estar bem, mas não preocupe — expus. — Venho em estado

terminal há seis anos, e agora acho que chegou o momento de morrer, da minha partida. Ah, Céus! — Afundei meu corpo no banco, incrédula.

Preocupado, Heitor estacionou o carro um pouco à frente.

— Quer que te leve ao hospital? Tem um logo ali. — Apontou para trás.

Neguei de cabeça, desatando o cinto e abri a porta do carro.

— Pode me dar um minuto, por favor? — solicitei passando as mãos pelo rosto e cabelos procurando me recompor.

— Quanto tempo você precisar.

— Obrigada. — Desci e segui tentando caminhar em linha reta pela calçada devido à tontura que resolveu me pegar. Precisava saber, no entanto sentia medo, muito medo. E todo aquele descontrole tirava meu fôlego, comecei a sentir fraqueza até que consegui chegar.

Escondi-me, observando lá dentro. O Marcelo de costas conversando com o atendente e aquela linda garotinha, somente dele, mexendo na prateleira de chocolates.

— Yasmim, vou comprar um lanche para você, ok? — A bonitinha resmungou descontente batendo com as mãozinhas nas perninhas.

— Eu quero chocolate, papai!

Yasmim... Papai...

Aquilo foi demais para mim, girei o corpo, colando minhas costas na parede escorando para não cair. As piores das sensações tomaram meu corpo: um aperto no peito junto ao sentimento de opressão desencadeando a falta de ar. Uma sensação real de sufocamento.

Respira, Carol, Respira! Inspirei e expirei algumas vezes com o ímpeto de entrar naquela lanchonete e dar na cara dele. *Não, Carol, a garotinha não tem culpa de nada!* Ouvia a voz da minha razão. Ela estava coberta de razão, confundiria a cabeça da coitadinha, e outra que deveria ter armado o barraco no passado e não agora, aliás, já me odiei demais por isso.

Não adianta chorar o leite derramado.

Retornei em direção ao carro com uma única certeza: vou riscá-lo do meu caderninho definitivamente.

Entrei no veículo.

— Vou aceitar a sua sugestão — comecei quando ateei o cinto e olhei para Heitor ali, aflito, examinando cada movimento meu. — Talvez a reunião seja mais proveitosa em outro dia. — Inspirei o ar ruidosamente procurando equilíbrio. "Nada disto é novidade, portanto se acalme, Carolina!", pedia mentalmente quando dei conta do homem com o olhar alarmado, focado em mim. — Só preciso de uma carona até a casa dos meus pais, se não se importa.

— De jeito nenhum. — Ligou o carro e saiu. — Sei que seus pais moram em Alphaville, só preciso do endereço.

Passei controlando a voz querendo falhar.

Parei em frente à porta da minha casa assim que o Heitor me deixou. Com os braços esticados para baixo, deixei o sol abraçar minhas costas, torcendo para o calor penetrar e chegar ao meu coração e apodrecer aquele amor maldito, que se recusava a sair de lá. Mas sabia que seria em vão. Com o nervoso que estava, ele não dava nem conta de relaxar meus músculos tensos.

Não, não e não! Fitando o chão, eu negava, movimentando a cabeça. Meu inconsciente martelava aquela ideia de jerico, para sumir da cidade. Já fiz isto uma vez e me penitencio por isso.

Não podia parar a minha vida por conta das adversidades, iria me organizar a fim de enfrentá-la de cabeça erguida, aliás, não suportava mais esta situação. E outra, nem cobrar o Marcelo eu podia, no momento em que não me procurou nestes seis anos, levou-me a crer que ele deixou claro o que queria de sua vida. A família de hoje, perto; e eu, longe. E suas investidas

diziam apenas uma coisa: seu sentimento por mim era apenas carnal, unicamente sexo.

Soltei o ar quando concluí com uma única certeza: não havia a menor possibilidade de manter este tipo de relacionamento sem envolvimento, nutrindo sentimentos além de atração física.

O suor grudava o meu vestido na pele, meu coração batia forte quando girei a maçaneta e entrei de supetão.

— Carolina? — Minha mãe, que estava sentada no sofá em companhia de mais duas amigas conversando animadas, saltou ao me ver naquele estado deplorável.

Sorri meio sem graça com as duas amigas dela focadas na minha pessoa.

— Oi! — esbocei sem jeito e fechei a porta.

— Venha tomar café com a gente — convidou ela investigando meu rosto com atenção.

— Obrigada, eu vou ficar com o pai — avisei seguindo em direção as escadas.

Em silêncio, sua análise em minhas atitudes persistiu.



— Já em casa? — Banhando o corpo inerte do meu pai ali na cama, Lídia perguntou endireitando o corpo, e voltou a ensaboá-lo com suas mãos mágicas numa incrível suavidade e amor.

O ar fresco e o sol entravam poderosos através da janela aberta e batia nele.

— Cancelei uma reunião e resolvi passar o restante do dia com meu velho — expliquei aproximando e apanhei um sabonete neutro na bacia onde

estavam todos os apetrechos necessários para seu cuidado de higiene. — Vou ajudar você.

Ela riu orgulhosa, prosseguindo com sua tarefa vendo como deslizava leve o sabonete sobre a pele enrugada.

— Imagino o sossego dele, experimentando esta mãozinha leve em seu corpo.

Parei o que fazia e fixei nela ali ocupada.

— Você só enxerga o lado bom de tudo, não? Como consegue?

Ela inspirou e parou estirando o corpo, averiguando o meu rosto com aquele sorriso magnificamente encantador e gentil.

— O lado positivo está em tudo, minha querida!

Balancei a cabeça, confusa com aquela teoria desconexa.

— Até em coisas ruins que acontecem — continuou muito convicta de si. — Eu sou daquelas que acredita que nada acontece por acaso. Eu tento extrair o melhor de cada situação ruim, e quando supero, vejo o quanto me tornei melhor.

Emocionada, inclinei-me e beijei sua face.

— Você é inexplicável, Lídia!

— Você que é, só não sabe ainda — rebateu com humor.

E então, num clima descontraído, ambas conversando com meu pai, contando-lhe piadas, finalizamos o banho. Seu rosto sereno parecia sorrir em agradecimento.

Deitei na beirada da cama e abracei seu corpo inerte. “PAI, LEVANTA DAÍ LOGO, EU PRECISO DO SENHOR, ME AJUDA!”, gritei mentalmente, gritei como nunca tinha gritado antes. E chorei no silêncio; e em sua poltrona, lendo um livro, Lídia notou o meu desespero.

— Ele está sentindo você, querida! — pronunciou solidária.

Levantei descrente.

— É o que eu preciso crer, Lídia! — ressaltei convicta. — Enquanto minha vida profissional decola, a pessoal segue despencando ribanceira abaixo sem chance de salvamento.

Ela movia a cabeça, discordando.

— É isso mesmo, Lídia! Estou fadada a viver apenas para a razão.

O som de sapatos de salto alto ecoando pelo corredor se aproximando nos levou a porta. Minha mãe surgiu nela segurando o aparelho de telefone da casa.

— Um tal de Heitor está aqui na linha e quer falar com você — informou entrando e entregando o telefone em minha mão.

Torci a boca, estranhando.

— Por que será que ele não ligou para o meu celular? — Olhei ao redor à procura da minha bolsa e me lembrei que desci sem ela do carro dele. — Já sei! Esqueci minha bolsa no carro — antecipei logo quando levei o telefone ao ouvido.

— *Sim, senhora!* — ele respondeu rindo. — *Como o tráfego está intenso e estou passando em frente a Uchoa, estou deixando-a aqui na portaria, tudo bem?*

— Claro que sim! Daqui a pouco vou buscar, obrigada.

— *Não por isso. Nos falamos em breve.*

— Com certeza. — E desliguei.

— Hum... Imagino o que tenha acontecido dentro deste carro para a senhora esquecer uma bolsa cheia de documentos — insinuou maldosamente.

Coloquei meu melhor sorriso falso no rosto.

— A senhora não faz ideia! Deixa buscar minha bolsa, todos os meus documentos estão dentro dela. — E saí do quarto a passos apressados, com a dor latejante em meu coração retornando.

Sai de mim, sai de mim! Estufei o peito e segui o corredor em direção as escadas, decidida a abandonar esta postura de fracote de uma vez da minha vida, colocar a razão à frente da emoção. E tenho fé de que conseguirei alcançar meu objetivo.

— Tenham uma ótima tarde! — desejei às mulheres, observando-me atravessando a sala, e saí antes de receber agradecimento.



E, para evitar confrontos, já que o Marcelo sempre entrava pela recepção dos fundos com acesso à garagem, resolvi entrar pela principal. Estacionei meu veículo um pouco mais à frente, para não ser reconhecido e retornei a pé entrando na ampla recepção com painel de madeira e piso de cimento, na intenção de pegar minha bolsa e zarpar dali rapidamente.

— Caralho! — escapuliu um palavrão dos meus lábios com aquele tormento de borboletas no estômago ao ver o escroto, traidor, estúpido, bonitão sentado em uma cadeira atrás do balcão em uma posição privilegiada onde ele tinha ampla visão do que acontecia ao redor e folheava o livro de visitas. Um nó enorme bloqueou minha garganta, dando-me aquela vontade de chorar à recordação dele com aquela garotinha linda, a ferida continuava doendo até mais do que no dia em que ele me deu um fora.

O primeiro impulso foi dar meia volta, o problema que não houve tempo.

— Boa tarde, senhorita Carolina! — Ângela, a recepcionista morena de cabelos curtos e olhos pretos, pronunciou meu nome.

Merda!

Ele ergueu a cabeça e seus olhos cinzas refletiam pura arrogância, ou era desprezo... na bagunça dentro da minha cabeça, na minha alma, eu não

conseguia encontrar a palavra certa para descrever o que via em seus olhos.

— Boa tarde! — Forcei meu melhor sorriso indiferente, mas nem sei se consegui com a tremedeira que ficou meu corpo. — O senhor Heitor deixou minha bolsa aqui na recepção? — Fiquei perdida se perguntava ou afirmava com ele semicerrando os olhos, travando o maxilar forte e se levantando. Não conseguia conter meus olhos traidores percorrendo os músculos dentro da camisa branca.

— Sim, está aqui.

Quando ela se abaixou para pegar, ele a interrompeu:

— Pode terminar o relatório que solicitei, que eu mesmo ajudo a senhorita Carolina.

— Sim, senhor. — Obedeceu imediatamente retornando em frente à tela branca do computador sobre o balcão de madeira clara, como painel.

Fechei meus olhos com a intenção de bloquear os pensamentos impuros, mas que nada! Tentativa completamente frustrada devido as ondas revoltas percorrendo minha mente, afogando meus sentidos. Meu corpo reagia desenfreado. Aterrorizada com o meu descontrole, corri até o balcão.

— Poderia pegar logo a minha bolsa que estou com pressa! — exigi tentando manter o controle na voz.

Ele ergueu a sobrancelha, cínico pra caramba!

— E como foi o almoço? — ironizou numa postura fria e determinada vindo até o balcão. Seu olhar estava tão duro e forte que o efeito foi como um tapa no rosto.

— Acredito que não seja do seu interesse, senhor Marcelo — rebati ironicamente. Não estava fácil manter esta impassibilidade, enquanto meu coração estava despedaçado. A imagem ficou impregnada na minha mente e nem assim conseguia odiá-lo. Não conseguia ver nele a versão canalha, ao

contrário, enxergava marcas de tristeza. *Que neura idiota! Eu preciso sobrepor este sentimento!*

— Por que não tenta? — provocou com a voz grave, mordendo o lábio inferior, enquanto debruçava sobre o balcão e, covardemente, cruzou os braços.

Meus olhos quase saíram de órbita, com uma pequena parte do tórax musculoso aparecendo. *Saco de provocação! Por que esse babaca tinha que ser atraente desse jeito?* Tentei disfarçar esse fascínio imediatista.

— Tem algo a esconder? — insistiu.

Ergui os olhos e ele piscou notando meu interesse. O calor subiu para meu rosto me acordando. Revirei meus olhos, fingindo exasperação e o encarei.

— Se tem alguém que esconde informações importantes, garanto que este alguém não sou eu! — retruquei asperamente. — E, por favor, entregue logo a minha bolsa! — ordenei desviando os olhos na tentativa de deter o nervosismo.

— Ok! — Ele ergueu as mãos no ar antes de se abaixar e pegar a minha bolsa; e quando a colocou no balcão, numa confusão, eu coloquei minha mão na dele. Meu coração disparou, minha barriga deu um nó, o calor me percorreu e notei que não foi somente comigo, ambos levamos um choque.

Paralisei e ele também.

— Obrigada! — Ofegante, passei a mão na minha bolsa e, ao girar o corpo para sair, ele pronunciou:

— Existe algo de suma importância que deve saber e agora. — Gelei ao seu tom baixo e intenso, fiquei em pânico na verdade. Inspirei e segurei fechando os olhos.

Ele vai revelar? Meus batimentos cardíacos foram a mil, ali eu sentia que não estava preparada para a verdade. Até mesmo porque a revelação não ia resolver a minha vida.

Virei-me, deparando com certa melancolia em seu rosto.

— Infelizmente, não tenho horário vago no momento. — Ele travou o maxilar magnificamente definido e apertou os olhos naquele olhar verdadeiramente enigmático. Desviou para a recepcionista e entregou o caderno ao qual folheava.

O momento de folga que aproveitei, dei as costas caminhando a passos largos em direção a saída, numa pressa enorme de fugir dali.

— Depois reviso melhor — informou e correu, contornando o balcão, vindo em minha direção. Seus dedos determinados se fecharam ao redor do meu braço e me puxou com firmeza. — Vem comigo, que a gente precisa conversar! — rosnou imperioso no meu ouvido, despertando a curiosidade da recepcionista que olhava a cena preocupada.

E antes do meu protesto, fui arrastada para trás do painel de madeira, ao fundo ficava uma pequena sala de café.

— VOCÊ É UM TREMENDO DE UM ATREVIDO, MESMO! — aumentei o tom de voz, possessa. — E SOLTA O MEU BRAÇO! — Recolhi-o num impulso, diferente das outras vezes, o seu contato despertou certo repúdio. *Enfim, acordei! Basta de fraqueza.*

— Será que poderia se acalmar? — requisitou balançando as mãos aflitas no ar.

— Não! — falei entredentes cerrados. — Eu não quero me acalmar, tampouco ouvir sua voz. De você, eu desejo distância.

Mudo, mergulhado naquela expressão de dor absoluta, sim, era essa a condição do pulha. *É tarde para arrependimentos, idiota!*

— Será que poderia fazer este favor? — afrontei estufando o peito na sua cara.

— O que tenho a dizer é *muito* importante, Carol! — frisou indignado agarrando meu braço e colando ao seu peito duro.

Caraca, quem é que aguenta isso, me diga?

Meu coração não estava domado como pensei, aqueceu derretendo todo.

— Não acredito!

Ele arqueou com os temíveis olhos cinzas varrendo surpresos pelo meu rosto.

— Não se faça de inocente, deve concordar comigo que tudo vindo de você é falso.

Por que ele não diz nada? E que olhar estranho é este? Céus!

— Quer saber! Estou farta, cansada! E veja se me deixa em paz. — Num tranco, meu braço se livrou de sua mão, em mais uma tentativa de sair de perto dele, apertei meus passos em direção a porta.

Ele grunhiu, irritado, catando-me no caminho. A mão grande, quente e gostosa do caramba, veio ao redor da minha cintura.

— Por que está agindo assim? — Grudou meu corpo ao dele.

Estremeci toda arrepiada sentindo a temperatura deliciosa dele e o volume ganhando forma em contato com a minha bunda.

— Me solta, seu estúpido! — Segurando na mão dele presa ao meu abdome, eu tentava afastá-la sem sucesso. — Qual é o seu problema, hein, Marcelo?

— Estou curioso para saber do encontro. Foi tão bom assim que sobrepôs a tudo que é importante? — cochichou furioso ao meu ouvido, me apertando ainda mais nele.

Fechei meus olhos aborrecida com esta mania de ofender quando era contrariado.

— Se estiver se referindo a você? Eu digo que sim, sinto informá-lo que você não é o centro do Universo. — Noutro tranco escapei e virei, ficando de frente. Seus olhos cinzas tornaram-se vermelhos. — Caso queira falar algum assunto da empresa, eu posso até te ouvir. — Deixei meus braços caírem

inertes ao lado do meu corpo e fechei os punhos para ele não notar o quanto eu tremia. — Somente sobre a empresa! — ressaltei.

Dois passos foram o suficiente para ele me puxar pelo braço e lançou o seu corpo contra o meu, com uma agressividade fantasticamente deliciosa, impossível de resistir. Segurando-me firme, curvou como se fosse me beijar e afrouxou me afastando um pouco, simulando desistência.

Um arrepio tomou meu corpo. Eu não queria e queria ao mesmo tempo, todo sentimento estava borbulhando dentro de mim.

— A sua convicção não se sustenta — dizendo isso, deu aquela pegada por baixo do cabelo e me levou de volta, ele beijava tão impetuosamente que eu era incapaz de respirar. Perdi totalmente o fôlego.

Ele tinha muita atitude, era um homem de verdade, com uma pegada de comando. Um comando que acabou.

— PARA! — berrei espalmando seu peito e com toda força que encontrei em meu ser, o empurrei e acertei um tapa estalado em seu rosto. — Não quero mais suas mãos imundas em meu corpo.

Sua mão subiu ao local atingido e seus olhos marejados se estreitaram fixos nos meus.

— Por favor, não me rejeite. — Sua voz rouca, pronunciando aquela frase, surpreendeu-me.

Balancei a cabeça retomando a rédea.

— Vai se ferrar!

— Eu preciso de você — humildemente implorou, imerso em sinceridade avançando os passos, bem parecido com o Marcelo do passado. Eu recuava os mesmos porque era humanamente impossível de resisti-lo estando tão perto.

Explodi numa gargalhada irritada.

— Não me faça rir!

Ele permaneceu sério. Enchi o peito o confrontando, como deveria ter feito há muito tempo. Era só estalar os dedos e pronto, lá estava eu, em total entrega, mas isso chegou ao fim.

— Que palhaçada é esta, Marcelo? Não me rejeite, eu preciso de você. Você está sofrendo de transtorno bipolar, é essa a explicação? — Afogada na minha própria respiração acelerada, finalizei.

Pendendo a cabeça, seus dedos grandes embrenharam nos cabelos antes de voltar sua atenção em meu rosto.

— Estou falando *sério* — frisou em um fio de voz.

Acenei de cabeça, determinada a entrar na dele.

— Pois bem, então vamos falar sério. Você precisa ficar longe da minha pessoa. — Bati levemente o punho fechado da mão direita em meu peito.

— Me ensina como! — o canalha sussurrou despertando ondas de arrepios pelo meu corpo e uma enxurrada de questionamentos em minha cabeça.

— Como você pode ser tão insensível, me diga? — Seus olhos escurecidos percorriam especulativos pelo meu rosto. — Eu sei de tudo, Marcelo, eu sempre soube.

Mudo, seu peito subia e descia numa velocidade inquietante.

— Por que o espanto? Você mesmo não disse lá na festa, antes de me dar um chega para lá, que reconstruiu a sua vida.

Um sorriso desapontado plantou no rosto másculo, correndo as mãos pelos cabelos, claramente perturbado.

— Ninguém contou, eu conheço as pessoas ao qual você reconstruiu a sua vida.

Ele balançava a cabeça tentando negar e aquela atitude covarde soou profundamente irritante.

— Basta de mentiras e confesse logo!

Ele fechou os olhos num lapso e os abriu, tensos.

— Negar só faz de você um mentiroso, eu vi! — Ainda batia em meu peito, colocando para fora toda a amargura do meu mundo. — Eu vi você na cobertura no dia do nosso rompimento e hoje com sua filhinha linda nos braços.

— Você viu?

Sua respiração acelerou; e, desesperado, ele veio rapidamente passando o braço forte e quente ao redor do meu pescoço e puxou firmemente, beijando minha testa antes que eu pudesse reagir e socar a cara dele. Pois era isso que desejava do fundo da minha alma, colocar para fora aquilo que guardei comigo durante seis anos. Aliviar meu coração, só que não conseguia. Não dava.

— Perdão, Carol! — sussurrou na minha pele com voz embargada. — Agora estou entendendo o porquê caiu nos braços do Derek. Era vingança? — A pergunta saiu junto a um suspiro aliviado.

Comprimi meus lábios querendo chorar, mas não chorei, recuperando o controle.

— A QUESTÃO NÃO É O DEREK, É VOCÊ, SEU NOJENTO! — Com os punhos fechados, eu golpeava seu peito com toda força que possuía.

— Ah, meu amor! — Sua voz saiu embargada. Nitidamente tocado e segurando meus pulsos, colocou sobre o tórax em movimento frenético. — Não era para ser assim, querida.

Meu amor, querida... *Mentiroso!*

— Para de me chame de seu amor, cretino! — Empurrei-o, recuando necessitada de distância. — Eu te odeio...

— Não é a mim que deve odiar e sim a vida, ela é uma merda! — protestou entredentes, e correu os olhos cinzas inquietos pela sala.

— Nós que a coordenamos.

Ele sacudiu a cabeça, discordando.

— Nem sempre *temos* o controle dela — frisou amargurado, travando o olhar sério de quem desejava matar. Muito intimidador que, juro, me assustei e não foi pouco. — Ela costuma impor regras, as quais fogem de nosso controle. E, de repente, não querer abrir mão do que mais amamos deixa de ser uma opção.

— Está tentando dizer que você foi obrigado a me trair?

Onde a barba não cobria ficou completamente branco, e seus olhos cintilando, talvez de lágrimas. Não podia garantir devido a distância que estávamos um do outro.

— Seja franco e admita a sua traição.

Ele não conseguia se manifestar, por quê?

— Se não for claro, Marcelo, eu estou no direito de fazer qualquer interpretação da cena que presenciei.

Ele fechou os olhos levando as mãos ao quadril.

— Não qualifique isso como traição. No momento eu só posso rogar o seu perdão e pedir para não se envolver, por favor!

Engoli duro, desacreditada ao pedido dissimulado.

— Não tem nada a ver com você! — emendou preocupado, porém encerrando a conversa, e fitou meus olhos.

Ergui as sobrancelhas, cética.

— É... — solucei e segurei as lágrimas. — Você namorar com outra mulher enquanto estávamos juntos, e ainda engravidá-la neste mesmo período não deve ter nada a ver comigo mesmo! — Minha voz era amortecida e trêmula. Aquela conclusão me reduziu a pó. Sentia-me a criatura mais menosprezada da face da Terra.

Ele balançou a cabeça de um lado ao outro, tenso. Um gesto que poderia entender como negação. Mas eu sabia que não era; por nenhum momento ele

negou, simplesmente emudeceu, o que a meu ver, consentia.

Revirei os olhos para o teto.

— Pelo menos, agora as coisas ficaram esclarecidas entre nós! — Ajeitei o meu vestido. Os olhos cinza angustiados analisavam cada movimento meu.

— Está enganada! — deixou escapar. Notei que se arrependeu comprimindo os lábios e fechando os olhos fortemente.

— Por que não mostra onde está o meu engano?

Ele grunhiu travando seu olhar em meus lábios.

— Esquece!

Inspirei o máximo de ar para meus pulmões e soltei lentamente, assentindo.

— Talvez se tivesse dado na sua cara naquele dia, eu me sentisse melhor agora — relatei segurando para não desabar na frente dele. — Você não vale nada, Marcelo! — ressaltei odiosa.

Ele inspirou ruidosamente abalado.

— Você me conhece melhor do que qualquer pessoa. Não sou esse monstro.

Ria inconformada.

— Você é um bom ator, realmente demonstrava ser uma pessoa singular. Justa e fiel. E por que as esconde até da sua família? — Ele ficou branco como cera e não respondeu. Conformada, dei de ombros simulando desdém. — Me enganei com você, fazer o quê?

— Por favor, não tire conclusões precipitadas! — suplicou de um jeito intenso, eu vi lágrimas correrem dos olhos dele. *De fato, ele sabe interpretar bem! Só faltava pedir pelo amor de Deus!*

— Pedido idiota, Marcelo! — Respirei profundamente antes de encerrar o assunto: — Já que temos de conviver na Uchoa, eu proponho que fique o mais longe possível.

— Por favor, Carol... — Com as duas mãos estendidas à sua frente, ele avançou apavorado.

Recuei, apontando o dedo indicador na sua cara.

— Nunca mais se aproxime, por favor.

Naquela expressão exausta, ele expirou fortemente e, com a mão no quadril, o covarde declinou os olhos ao chão, pensativo, finalizando:

— Talvez seja a melhor e segura das soluções, mesmo! — Ergueu a cabeça me olhando em um meio sorriso. — Nunca acreditei em destino, porém ele se manifesta entre nós no sentido contrário.

Balancei, chocada, porém sem decair.

— Mais um indício de que a distância é mais segura como você mesmo comentou. — Dei-lhe as costas caminhando na intenção de sair dali.

— Calma que ainda tenho algo importante para te contar.

Grunhi raivosa. Cansei! Girei no calcanhar, encarando-o.

— Que se dane!

Ele baixou os olhos entristecidos.

— Poderia me ouvir, por favor! — rebateu em tom austero.

Indignada, fechei os olhos intensamente bloqueando o ímpeto de mandá-lo à merda, contudo, quando abri a boca para dizer um enorme NÃO, ele antecipou:

— Dona Esmeralda esteve internada e...

Meu coração saltou na garganta me sufocando.

— O QUÊ? — Aquela notícia me bateu o desespero.

— É... ela passou mal e precisou ser hospitalizada, mas já foi medicada, teve alta e eu já a deixei na casa de repouso. — Será mesmo que ele pensa que, medindo as palavras com esforço, ia tranquilizar a dor quase insuportável que sentia?

— E só agora você me conta, como assim? — cobrei perplexa. — Ah, então por isso estava com a sua família naquele hospital? Eu posso até engolir tudo o que escondeu de mim em todos estes anos.

Ele arfou meio estremecido.

— Mas sobre o estado de saúde de dona Esmeralda, eu não engulo e nunca vou perdoá-lo, SEU EGOÍSTA! — vociferei.

Ele negou de cabeça se aproximando e andei para trás. Estava o odiando ainda mais, principalmente seu contato excessivamente repugnante.

— Está sendo injusta comigo! — retorquiu nervoso. — Liguei diversas vezes no seu celular e só deu caixa postal. Sabe-se lá o que estava fazendo com o cliente que precisou desligar o telefone.

Travei os dentes irada com a sua insinuação costumeira, e sem fé enfiei a mão dentro da bolsa em meu ombro pegando o aparelho e constatei que estava desligado e liguei. Realmente havia várias ligações perdidas.

Bufei e dei-lhe as costas correndo na intenção de seguir direto para a casa de repouso. Ele veio atrás.

— Vai aonde? — perguntei com ele saindo junto comigo pela porta da recepção.

— Eu vou com você — respondeu convicto.

Eu sacudia a cabeça que não.

— No meu carro você não entra! — ressaltei.

— Sua chata! — Foi a única frase que ouvi, pois saí voando dali.



Capítulo Doze

MARCELO

Compreendi a posição dela, e concordei sobre o afastamento ser a melhor maneira de não errar. Abrir o jogo com ela seria como assinar um atestado de burrice. “O momento exige prudência, Marcelo!”, repetia em minha mente, sabendo o quanto falharia com isso. Com estes sentimentos dentro do meu peito, eu cairia novamente em tentação. A não ser que permanecesse a quilômetros de distância, mas como poderia com a Uchoa sendo nosso local de trabalho? Era foda!

Fiz uma porção de planos de esquecê-la, e fracassei em todos. E tinha consciência de que devia respeitar seu espaço, deixá-la respirar.

Bem... reclamar não resolveria nada. O jeito era correr para chegar junto com a Carolina na casa de repouso, para a coisa não complicar mais.



As chaves do carro e a carteira com os documentos estavam no bolso da calça, então segui direto para o estacionamento para pegar meu carro.

Um calafrio terrível desceu em minha espinha, assim que entrei no estacionamento e vi o carro da Carol lá. Sentia-me muito inseguro e aflito. Naquela tensão que se juntou à pressa, estacionei meu carro ao lado do dela e

não perdi tempo, desci rapidamente e, na mesma velocidade, entrei na recepção.

Sorrindo, a linda recepcionista de cabelo curto marrom belíssimo lançou seu olhar sugestivo ao me ver.

— Você novamente por aqui? Acabou de entrar uma visita para dona Esmeralda — informou rapidamente. — Aliás, admiro, este seu carinho por ela, Marcelo! — alegou ela exprimindo um tom de voz provocante.

— Sou sinônimo de carinho, minha bela. — Com uma piscadela dediquei-lhe um sorriso preguiçoso daquele que encanta o coração de qualquer mulher.

Ela simplesmente se derreteu com um de interesse.

— Sou fissurada por carinhos, e se você, de repente, pudesse proporcionar um pouco para mim!

A safada é mestre na sedução!

— Quem sabe qualquer dia deste.

— Nossa! — Suspirou incrédula. — Vou aguardar ansiosa por este dia.

Mulheres! Pisquei e segui pelo corredor em direção ao quarto da dona Esmeralda, contando com a sua discrição.

Embora, nunca, jamais a julgaria caso ela já tenha revelado a Carol, pois estava ciente do quanto a omissão a incomodava. A maior preocupação no momento era chegar aos ouvidos dela que a Jussara foi o motivo da sua partida de São Paulo. Se isso abalou o meu psicológico, tinho absoluta certeza de que agravaria sua saúde frágil.

— Nossa, estou muito aliviada de ver a senhora bem — demonstrou Carol com voz muito feliz.

Ali, pelo vão aberto da porta do quarto, observava-a de frente à cama de dona Esmeralda segurando sua mãozinha franzina e debilitada. Os cabelos loiros caramelos descendo em cascata sobre as costas eretas, meus olhos

fascinados contemplavam seu corpo desejado, o vestido realçava ainda mais suas belas curvas, a bunda redonda, empinada, bem firme. Perfeita!

— Foi apenas um nervosinho fora de hora, estou ótima agora. — O tom de voz fraco de Dona Esmeralda soou falso ao extremo, a prova foi a sua fuga quando virou a cabeça em direção a janela fechada, o sol entrava tímido, filtrado pela cortina branca de seda. Sorri ainda mais apaixonado por aquela mulher, uma pessoa que nunca reclamava da vida, mesmo depois de ter sido maltratada por ela. A Carol notou também:

— A senhora vai me desculpar a franqueza, mas seu estado deprimido é visível!

Dona Esmeralda inalou profundamente e voltou com a cabeça, encarando-a em sua evidente expressão amargurada.

— Talvez se desabafar, eu possa ajudar.

A hipótese cogitada armou a dinamite pronta a explodir dentro do meu peito com aquele tortuoso aperto no coração. Apesar de discreta, a conhecia perfeitamente, ela jogava verde para colher mais informação de Dona Esmeralda.

Abri a porta e adentrei no recinto evitando uma revelação inoportuna.

Dona Esmeralda desviou o olhar, eu acenei a cabeça negativamente e, neste momento, a Carol se virou me olhando durante alguns terríveis segundos.

— Ah, claro! Só podia mesmo ser você — bufou descontente. Claramente seus olhos marejavam. — É impressão minha, ou você está intimidando a dona Esmeralda? — indagou entredentes, nervosa.

— Mantenha a calma, por favor, minha querida! — Tensa, apertando a mão da Carol, interveio dona Esmeralda em súplica.

Perturbada, ela revirou os olhos para o teto, antes de voltar a cama me dando as costas.

— Perdão, perdão! — Em tom baixo abafado, cobrindo as mãos juntas da dona Esmeralda com as suas, dizia arrependida — É coisa minha com o Marcelo.

Esta é a minha Carolina! A pessoa mais especial que conheci nesta vida, de espécime rara, de egoísmo zero, aquela que vivia para os demais e esquecendo de si na maioria das vezes. Uma característica linda que agreguei muito dela na minha vida. *E esse jeito de ser discreta, Jesus!* Senti como se duas mãos esmagassem meu coração dentro do peito. Um aperto da porra só de imaginar o quanto ela sofreu ao me flagrar com a Jussara, sendo que tudo o que fiz até hoje fora justamente para poupá-la deste sentimento intenso na sua vida.

Ela sofreu todo este tempo calada! Como ela conseguiu?

Parei ao seu lado na cama, ela absorveu o ar profundamente, expandindo os pulmões, antes de prosseguir:

— Voltando ao nosso assunto — ignorava completamente a minha presença —, andei me informando sobre um programa bem interessante de apadrinhamento de idosos e gostaria de saber se ainda está disposta a permanecer mais tempo ao meu lado?

Um sorriso escaldante e intrigante plantou no rosto de Dona Esmeralda, e deixando-me atônito.

— Seria uma alegria, minha querida! — discorreu com a maior certeza deste mundo.

Grunhi descrente, cruzando os braços na altura do peito, chamando a atenção para mim.

— Gostaria de saber qual o motivo da distinção. Por que a Carol e não eu? — cobrei plantando um falso ar sério. Sentia orgulho da minha Carol. Sabia exatamente a sua intenção, e aquele gesto nobre não tinha preço. — Cansei de fazer o convite de apadrinhamento e só recebi recusa.

Ela fechou os olhos, sorrindo carinhosa. Uma de suas mãos veio segurar a minha mão. Agora segurado a minha e a da Carol, ela levou as duas aos lábios aplicando um beijo para lá de afetivo.

— Sem drama, Marcelo! A presença dos dois é uma bênção indescritível na minha vida, e os amo demais! Torço para que resolvam as pendências que existem entre vocês — articulou oscilando o olhar para nós dois. E por uma fração de segundos, entreolhamo-nos e suspiramos. Ela abriu um sorriso mal-humorado, que acabei rindo de canto, notei a intenção de esconder seus sentimentos. — Enquanto isso não for possível, eu vou aceitar o convite da Carol — completou dona Esmeralda, timidamente estacionando seu olhar em meu rosto.

Com a mão livre espalmei sua face, acariciando com as pontas dos dedos, cujo carinho foi recebido com os olhos fechados.

— A senhora está fazendo uma boa escolha — assegurei e virei o rosto buscando os olhos da Carol, e me deparei com seu perfil bonito de pele aveludada, triste. — A Carol está apta a cuidar da senhora muito melhor do que eu.

Mordendo o lábio inferior, seus olhos vieram renitentes aos meus.

— Seria bem mais humano se você não a envolvesse em suas imundícies, ok? — rosnou e voltou à dona Esmeralda. Curvou-se beijando a face. — Eu vou correr com as documentações.

Dona Esmeralda soltou da minha mão para segurar o rosto da Carol com as duas.

— Seja paciente e não desanime. Tudo vai melhorar e vai acabar bem! Acredite!

Ela riu inventando uma postura desentendida.

— Tudo vai muito bem na minha vida. — Olhando de canto de olho, deixou um tom incerto soletrar cada palavra. Nem ousei encarar, embora

desejasse muito. — E a sua presença só vem confirmar — completou e endireitou, posicionando-se à minha frente. — A partir de hoje, você é uma página virada na minha vida. — A voz dela enfraqueceu, tornando-se quase imperceptível e mesmo assim, senti um baque no peito, considerando suas palavras implacáveis.

Respirou intenso e pegou sua bolsa nos pés da cama e saiu esbarrando em meu braço.

Girei o corpo escoltando seu caminhar ligeiro, pensando o quanto foi em vão o meu esforço para não a magoar, a vida vinha fazendo isso sem que eu tivesse qualquer controle. Mil razões passavam pela minha cabeça para interceptá-la e resolver tudo de vez, e tinha duas mil razões para odiar a mim mesmo com a razão preponderando, gritando dentro da minha cabeça.

Pra quê? Precisa desvincular o coração o quanto antes!

— Não pode deixar a Carol sair daqui neste estado, Marcelo — orientou dona Esmeralda. Eu ainda estava preso na direção da porta que acabou de fechar, assimilando o som do salto alto sobre o piso ecoando no silêncio.

Respirando fundo, concordei com seu raciocínio, meneando a cabeça, e corri quarto afora.

— Carol, espera! — chamei indo atrás dela, quase correndo pelo caminho. Ela sequer respondeu.

Chegando perto, segurei seu pulso e a puxei contra mim.

— Por que você insiste, cara? Me deixa em paz! — Forçando o pulso, ela tentava esquivar da minha mão. A mão livre subi até sua nuca, entrelacei meus dedos em seus cabelos, enfiando meu rosto na curva do seu pescoço alvo e perfumado, causando ondas de arrepio pelo meu corpo ao aumento da pulsação cardíaca.

— Não foi minha intenção em momento algum ferir você — sussurrei em seu ouvido, sentindo seu tremor embaixo dos meus dedos.

Revoltada, balançou a cabeça e a ergueu.

— Acha mesmo que isto importa na altura do campeonato? Passaram-se seis anos. — Ela deu de ombros querendo ser imparcial, e fracassava, pois seu rosto devastado de agonia, com seus medos e inseguranças, destacado em seus olhos mel, a entregava.

— Para mim importa sim, e muito!

Ela riu histérica, prostrada.

— Se importasse mesmo, não teria cometido uma traição da magnitude que foi — contrapôs assumindo um olhar vermelho irado. — Eu me perguntei muito nestes seis anos onde foi que falhei. Porque, para mim, havia muita cumplicidade, entrosamento entre nós, principalmente a vida sexual bem ativa.

— A vida contigo sempre foi perfeita. — Desesperado com a sua conclusão, segurei em seu rosto macio e a trouxe para mais perto. — Acredite, por favor! — murmurei me punindo enquanto investigava o rosto padecido.

— Talvez no passado, se a ligação que tanto esperei tivesse acontecido com uma justificativa que tudo não passou de um mal-entendido, eu acreditasse. — Fechando os olhos numa fração de segundos, abriu um fraco sorriso conformado recuando, me deixando oco. — Hoje não é o caso.

— Este assunto é um mal-entendido. — Angustiado, tomado pela pressão, acabei afirmando e passei a mão na testa dela, deslizando até os cabelos.

Ela arfou travando seu olhar, especulativa.

— Aquela linda menina te chamando de pai é um mal-entendido? Como é o nome dela?

— Yasmim.

Ela ria querendo chorar. Avançando os passos, segurei em seus ombros, necessitando conectar nossos olhares.

— Quando for possível, eu coloco tudo em pratos limpos. Conhecendo você como eu conheço, sei que vai me dar razão.

Ela acenou desafiadora.

— Seis anos e ainda não acha possível? — Revirando os olhos rebateu, caçoando zangadíssima.

— Se não me der um voto de confiança, pode se arrepender depois! — vociferei colando meus lábios em sua testa, respirando ali enquanto ela continuou muda.

— Infelizmente, sou incapaz de lhe dar qualquer voto de confiança. Embora mereça, a minha índole não me permite amaldiçoá-lo. — Focada em meus olhos, podia sentir o calor da sua respiração. Suas mãos se perderam em meu peito, e as pontas dos seus dedos se moveram levemente em meus músculos antes de ser impelido. O espaço entre nós pareceu imenso. — Confiava em você, Marcelo, e acho que se tivesse cansado de mim, poderia pelo menos ter terminado antes de aprontar. — Inspirando profundamente, soltou o ar entre os dentes. — Me esqueça e seja feliz.

Dizendo isto, ela deu-me as costas e prosseguiu pelo corredor rapidamente. Vontade de correr atrás dela não faltou, mas do que adiantaria forçar a barra se não diria nada.

— Que sufoco, meu filho! Não posso mais alimentar isso, maquiar a verdade — comentou dona Esmeralda assim que entrei no quarto.

— A senhora não está maquiando nada, apenas omitindo por segurança — elucidei. — Tenha um pouco mais de paciência, logo este assunto será solucionado.

— Confesso que paciência está faltando em mim. — Ela suspirou consternada — Sabe, Marcelo! Não importa como você enxerga a questão. Eu vejo como falsidade e a sensação é terrível, chega a acabrunhar a minha alma.

Ri condescendente e sentei ao seu lado na cama, curvando sobre ela, abri os braços ao redor do seu corpo. Seus olhos atribulados percorriam meu rosto.

— Eu não sei se acolher o convite para ser apadrinhada foi uma forma de suavizar este sentimento de culpa — balbuciou esboçando um sorriso indeciso antes de cerrar os olhos, inspirando leve. — O que sei é que você chegou a tempo. Pois, mais um segundo, eu certamente acabaria contando tudo a ela.

— Agradeço por não ter dito nada. Aliás, o número de pessoas expostas já é relativamente grande. — Ela baixou os olhos refletindo, porque mais do que ninguém, sabia o quanto eu estava coberto de razão. — O risco não compensa, independentemente de qualquer coisa, não existe possibilidade de um retorno. Seria uma exigência extremamente grande e injusta, tem exigências na vida que chegam a ser desumanas.

Grunhi e inclinei beijando sua testa com todo carinho deste mundo.

— Nesse caso, é muito melhor permanecer leiga, e também não pretendo carregar este fardo, mesmo porque, há escolhas impossíveis de fazer. — Quando ela terminou a frase levantei.

— Preciso retornar à empresa, amanhã eu volto.

— Vou esperar por você.

Mais um beijo e saí ligeiramente, evitando passar estresse para a coitada. Odiando a vida e suas imposições. *Vida do caralho!*

— A visita foi bem rápida! — Naquele flerte descarado, manifestou a recepcionista correndo com a ponta da língua vagarosamente pelos lábios, assim que saí do corredor dos quartos e atingi a recepção.

Todas as poltronas ao redor vazias, somente a moça estava no ambiente atrás do balcão em arco de madeira clara, com os braços cruzados sobre o

balcão, literalmente debruçada, expondo aqueles peitões explodindo pelo decote da blusa. *Safada!*

— Talvez tivesse um tempinho para a demonstração do carinho ao qual citou — sugeriu enterrando seus dentes no lábio inferior.

Respirei fundo e mudei o percurso, caminhei a passos firmes até ela fixando os olhos nos seios fartos sem causar-me nenhuma reação. Desde o retorno da Carol, eu não conseguia sentir emoções, desejo por outra. Precisava lutar contra este sentimento dentro do meu peito, pois ele só traria frustrações às nossas vidas, a dela, principalmente.

— É uma pena que o cartório fecha às 17h, mas fique ligada que em breve seu celular vai tocar. Eu recompenso depois, prometo! — Pisquei e saí apressado olhando no relógio em meu pulso.

A Jussara já deve estar aguardando.



Apesar da alta temperatura, as árvores da alameda onde se localizava o cartório proporcionavam uma sombra agradável, deixando o ar mais fresco além de uma paisagem verde fantástica aliada aos prédios elegantes. Entrei com o carro no estacionamento deixando a cargo do manobrista.

— Boa tarde, senhor!

— Boa tarde! — cumprimentei lhe entregando a chave e entrei no cartório repassando o olhar ao redor à procura da Jussara, quando meus olhos encontraram Viviane sentada à mesa do João Carlos, funcionário do cartório que exercia a função de advogado nas horas vagas.

Só faltava isso hoje!

Ele acenou assim que me viu parado à porta de vidro. Meu coração falhou e deu a tradicional parada com a mãe da Carol virando a cabeça, curiosa.

Abri um sorriso amargo assumindo a postura indiferente, e fui até eles.

— Estava te esperando, Marcelo! — Ele levantou estendendo a mão. Apertei notando dona Viviane baixando a cabeça evitando me olhar por razões óbvias.

— Ah, desculpa o atraso.

— Tranquilo! — disse ele abrindo a gaveta e tirou de lá uma pasta e me entregou. — Termino com a dona Viviane daqui alguns minutos. Enquanto isso, poderia fazer a leitura e revisão do documento do seu divórcio. Como existe uma menor envolvida, mesmo sendo consensual, não poderá ocorrer aqui no cartório. — Contraí o rosto contrariado a sua informação inoportuna.

O olhar dela recaiu sobre mim de maneira automática, apertei os punhos na lateral do corpo sem ação.

— Eu ouvi bem? Divórcio? — indagou perplexa e se levantou posicionando-se em minha frente. Eu não sabia como poderia explicar. — Que história é essa, Marcelo? Só se divorcia quando se é casado, e tem filhos envolvido nesta história imunda. — Seus olhos inundaram de lágrimas enquanto deduzia. — Minha filha sabe?

Assenti de cabeça declinando os olhos, completamente perdido.

— Meu Deus! — Ela levou as duas mãos à boca caindo num pranto descontrolado, chamando a atenção das pessoas ao redor, inclusive do João. — Agora que estou entendendo, este deve ter sido o motivo do rompimento, porque a Carolina resolveu largar tudo.

Suspirando, revirei os olhos, impaciente contando até dez, buscando equilíbrio a fim de não ser deselegante na frente dos curiosos ali, observando seu descontrole.

— Primeiramente baixe o tom — exigi apontando o indicador na sua cara. Ela resmungava, rindo endiabrada. — E segundo, que a senhora não tem moral para me cobrar nada.

Ela riu impetuosa.

— Será mesmo? — desafiou avançando um passo e ficamos muito próximos, olho a olho. — Se está aqui com outro advogado e não o Cauã, isto leva a crer que esconde do mundo suas cafajestagens.

Balancei a cabeça segurando minha onda, ali não era hora nem lugar de lavar roupa suja.

— Não pode julgar sem conhecer os fatos corretamente, portanto não me compare a você. — Ela abriu os braços naquele sorriso acusador irritante à minha frase.

— É uma pessoa cruel! — Seu tom aumentou um pouco por causa da impaciência, enquanto o olhar dela pesquisava minha face.

— Ambos sabemos quem é o monstro! — Abri meu sorriso cínico. Uma forma de evidenciar sensatez. — São conjunturas distintas com características contrárias, dona Viviane! Eu tenho como explicar meus atos e posso assegurar: são dignos. Agora, eu te pergunto, e os seus? — Seu rosto branco corou completamente. — Pois é, o seu monstro é devorador, e com certeza, devastador.

Pendendo a cabeça, cobriu o rosto com as mãos antes de esfregar a pele com firmeza e embrenhar os dedos trêmulos pelos cabelos e afrontou-me:

— Não envenena a minha filha contra mim, por favor.

— São seis anos preservando-a, e só você colhe os frutos bons! — acusei erguendo as sobrancelhas e assumindo uma postura autoritária. Ela permaneceu muda. — Como vê, não tem moral para me julgar quando o seu comportamento foi extremamente danoso. E por esta razão espero que este

assunto de divórcio fique somente sob este telhado. — Apontei os dedos indicadores para o teto.

— Devolva a Uchoa a nossa família. Não queira se vingar da minha filha, ambos sabemos que ela não merece — solicitou num fio de voz ignorando a minha solicitação. Repensaria sobre o assunto se o motivo fosse apenas esse.

— Papai, papai? — A voz macia e em expectativa de Yasmim ecoando no ambiente aqueceu, como também atribulou o meu coração, ele quase saltou do peito.

Eu e Viviane nos viramos no mesmo instante. Yasmim, de cabelos úmidos e vestida de calça jeans e uma camiseta lisa cor-de-rosa, como o tênis nos seus pés, pulou para o meu colo.

— Ohhh, meu anjo! — Com seus bracinhos delicados ao redor do meu pescoço passeava com as minhas pelas costinhas frágeis. — Demoraram! — disse olhando para aquele rostinho corado e fofo.

— Culpa da mocinha aqui. — Com os cabelos negros, presos em um coque frouxo, Jussara apalpou as costas da filha. — Deu o que fazer para tirá-la da rede da sua varanda. Ficou encantada com a paisagem. — Tirando a mão beijou o local.

— É muito bonito... Eu posso morar no seu apartamento, papai?

— Ô, meu amor! — Acariciei seu cabelo e beijei a face macia notando os olhos interrogativos e marejados da Viviane sobre nós. — É claro que pode — respondi baixo na pele macia, procurando me esconder da mãe da Carol. Só que não deu tão certo, ouvi um fungado de quem estava chorando e lancei um olhar preocupado.

— Por que, Marcelo? — rezingou ela imersa na voz embargada. Com minha garganta apertada, não consegui responder. Estava megacomplicado lidar com esta situação emocional. — Dói muito saber que machucou a minha filha assim, o meu bem mais precioso.

Respirei fundo, buscando sangue frio e coloquei a Yasmim em pé no chão antes de afrontá-la, como ela merecia.

— Olha só quem diz! — ironizei.

Soluçando, ela pegou a bolsa dependurada na cadeira, colocando-a no ombro e percorreu o olho crítico pelo corpo da Jussara que, aliás, estava lindíssima dentro de um vestido verde-musgo ajustado ao corpo na altura dos joelhos.

— Independente do que tenha incidido, não poderia ter permitido que isso acontecesse — enfatizou. E deixou o cartório a passos rápidos.

— Quem é ela, Marcelo? — perguntou Jussara, cabreira ao meu lado.

— A mãe da Carol!

Ela puxou o ar com os lábios entreabertos.

— E agora?

Dei de ombros sem nada mais a fazer.

— A Carol sempre soube de você — esclareci virando o rosto e buscando seu olhar cético. — Fiquei sabendo hoje.

Ela fechou os olhos torturada.

— Por mim teria contado há muito tempo.

— Não via necessidade na época. E também a decisão serviu como medida de segurança.

Ela acenou com a cabeça ponderando.

— É! Neste quesito, eu tenho que concordar.

— Peço desculpas, Marcelo! Nunca imaginei que você conhecia a dona Viviane. — O tom de voz chateado de João Carlos me fez rir resignado.

— Não se preocupe. — Puxei a cadeira e sentei. — Afinal, já era esperado! Embora tenha sido cauteloso, havia risco desta história vazar.

— Yasmim?! — Jussara gritou. Yasmim se embrenhava entre as filas. — Deixa-me ir buscar esta menina antes que ela se perca.

E saiu apressada.

— Foi bem constrangedor — emendou ele.

Ria da minha situação até que o encarei.

— E coloca constrangedor nisto, meu amigo! A realidade é que estou fodido e mal pago. — Soltei o ar fortemente. — O animador é que, pelo menos, esta parte da história está próxima ao seu fim, e em garantia. Ainda bem, pois já estou ficando louco e meu psicológico em declínio. Isto é o que importa agora.

Acordando e movendo a cabeça, ele ria também, conhecia o inferno ao qual estava preso.

— Você é um herói, meu amigo!



Capítulo Treze

CAROLINA

Isto não tem nada a ver com você!

A frase dele batia com frequência em minha cabeça, impregnou na minha mente de um jeito que estava quase me enlouquecendo.

Perambular na rodovia por horas a fio, buscando refresco ao meu coração em chamas foi uma decisão acertada e satisfatória. O céu já ganhara a coloração escura com o total pôr do sol, o prateado tímido da lua se achegando não iluminava o horizonte, mas conseguia clarear o meu coração.

— Eu vou esquecer você, Marcelo! — Agarrei o volante com toda a minha força e o chacoalhei violentamente, na tentativa de colocar meus miolos soltos dentro da cabeça, no lugar. — Se ajuste aí dentro, pelo amor de Deus! — ordenei.

Se esquecer o Marcelo é como deixar de sonhar. Então que meus sonhos cessem. Vou buscar uma fonte alternativa para alimentar o meu sentido de vida daqui por diante.

É isso, Carol... Que se dane o Marcelo, que se dane o mundo! Uma luz se acendeu dentro da minha cabeça.

Entrei no primeiro retorno em direção a Alphaville.

O que não te mata te fortalece, mulher! Deixa o ódio proliferar, use-o como escudo.

Aliás, tanto tempo longe, a vida já deveria ter me ensinado a deixar o passado no lugar que cabe a ele.

A verdade é só uma, Carol! Filho não prende ninguém, então coloque de uma vez por todas dentro da sua cabeça e grave no seu coração que, se o Marcelo te amasse de verdade, ele não a deixaria partir. Ou, no mínimo, iria atrás de você.

Ocorrência nula! A realidade dói no meu coração, nunca mendigarei o seu amor e hei de conseguir sobrepor a tudo isto. Vou levantar a Uchoa e dar o orgulho que devo ao meu querido pai. *Renascerei das cinzas.*

Entrei na garagem de casa fortalecida; e ao entrar em casa, encontrei minha mãe sentada no sofá bebericando uma taça de vinho tinto.

— Ah, minha filha! Estava esperando você. — Sorriu lentamente aflita e levantou-se vindo ao meu encontro.

Estava cansada, de mau humor e sem condições para qualquer tipo de conversa.

— Agora não, por favor! — solicitei exausta e desviando dela, andei em direção às escadas.

— Precisa ouvir. É importante, Carolina! — advertiu um tom severo.

Respirei fundo e girei no calcanhar fixando em seu rosto pálido, olhos assustados.

— Está me assustando. O que foi?

Seus olhos encheram de lágrimas à minha preocupação.

— Mãe?

Apertando os lábios e segurando o choro, ela se aproximou. Seus dedos se fecharam em meus braços, com seus olhos inundados, observou meu rosto.

— Encontrei o Marcelo no cartório, hoje.

Soltei o ar de puro desinteresse.

— Nada sobre o Marcelo me interessa, mãe. — Dei-lhe as costas e, ao pisar no primeiro degrau, ela emendou:

— Se divorciando!

Travei completamente à notícia bombástica.

— Estou aqui com você para lhe dar apoio, minha filha! — Suas mãos abraçaram minha cintura e sua cabeça deitou sobre minhas costas num movimento intenso, devido ao meu batimento cardíaco a mil. — Eu juro que trocaria este sofrimento com você. — Ela não sabia exatamente como eu estava me sentindo. Eu não sabia! Era um emaranhado de possibilidades na minha cabeça, nada se encaixava.

— Então, ele se casou? — balbuciei mais pensativa do que triste. E corri subindo as escadas como uma louca desvairada.

— Calma, Carol! — gritava minha mãe vindo no meu encalço.

Entrei no meu quarto me jogando de barriga sobre a cama, abracei meu travesseiro e ali deixei as infinitas conclusões fluírem. Perdi o controle com a porta se abrindo.

— Me deixe sozinha, por favor! — supliquei afundando o rosto no travesseiro.

— Não posso, querida! — disse baixinho se sentando ao meu lado. Sua mão quente e confortadora deslizava por minhas costas. — Você precisa de mim neste momento. — Sentei à sua frente e a abracei, sem uma lágrima nos olhos, não havia espaço para elas com a minha cabeça trabalhando. — Este foi o motivo do rompimento, né? — perguntou alisando meus cabelos nas costas.

Assenti, meneando a cabeça e pensamentos distantes.

— Eu flagrei o Marcelo na cobertura com sua amante — confessei sem me abalar. — ESPOSA! — ressaltei. Na verdade, com milhões de questões se acumulando em meu cérebro. Eu não sofria com a notícia, estava megacomplicado discerni-la! Como assim? Casou com a fulana sem que ninguém soubesse. Qual o propósito de todo este silêncio?

Tem caroço neste angu!

— Eu nunca vou perdoar este rapaz por ter feito isso com você, filhinha. NUNCA! — exprimia com a força de sua alma, me passando o conforto que achava necessário. — Deveria ter contado com seus pais, não suportar este sofrimento sozinha. Mas o que você tem na cabeça, Carolina?

— Certas verdades são duras e machucam demais. Eu não soube lidar com aquela sensação de inferioridade — admiti arredando, buscando seus olhos. — E ir embora foi uma atitude impulsiva, eu sei; mas, pelo visto, acertada. Fui poupada da humilhação de ser traída.

— Cafajeste! — praguejou ela passando os polegares pelo meu rosto. — Se acha tão correto, o dono da verdade, quando na realidade, não passa de um verme! — Engoli duro notando muito ressentimento no seu tom de voz.

— Esta sua análise sobre à personalidade do Marcelo contradiz tudo que conheço dele — discordei redondamente e não sabia por que o defendia, ou sabia. Sei lá!

— Não se engane, porque quem vê cara não vê coração — observou me abraçando forte. — O que mais existe por este mundo é raposa em pele de cordeiro — alertou-me antes de me impelir, fazendo-me deitar e deitou-se ao meu lado, passando a mão pelo meu abdome. — Durma um pouco. Relaxada, você vai conseguir raciocinar melhor e adequadamente.

Cedi, respirando fundo e fechei meus olhos, buscando respostas até que fui vencida pelo cansaço.



O canto dos pássaros e minha respiração profunda eram os únicos sons ecoando. Mexi preguiçosamente, com a luz do sol me acordando, enchendo as janelas de luz e anunciando um novo amanhecer.

— Virei a noite! Como assim? — Surpresa, perguntei em voz alta enquanto me sentava. Há muito tempo não dormia tanto. Acredito que seja o privilégio de estar em um lugar tranquilo, em total sintonia com a natureza. Desejaria acordar com esse canto e terminar o dia ouvindo-o.

Saltei da cama com o rosto do Marcelo invadindo minha mente.

— Risque-o definitivamente da sua vida, Carol! — aconselhei-me caminhando em direção à porta do banheiro. Desisti de pensar, desisti dele.

Estaria sendo injusta dizendo que a minha vida ficou estagnada nestes últimos anos. Trabalhei duro, busquei novas oportunidades de mercado e conquistei o meu espaço e hoje eu sou respeitada. E ainda estou no começo, há possibilidade de ampliar muito mais o meu negócio. E será este o foco: o trabalho. Viverei uma nova fase na minha vida, um novo recomeço.

E o ponto de partida é dar o exemplo. Tirei minha roupa, jogando-a dentro do cesto de roupa suja, chegaria antes dele na Uchoa.



O tráfego intenso e lento no trecho próximo à Uchoa causava desconforto mediante o sol batendo de frente ao para-brisa. Olhando no espelho retrovisor, aborreci-me com meus olhos inchados dando a impressão que dormira quase nada. Enfiando a mão na bolsa sobre o banco ao lado, peguei o estojo de maquiagem e apliquei um pouco mais, deixando minha face mais corada. Caprichei no visual elegante executivo e discreto: um vestido tipo sereia com mangas 3/4, vermelho com detalhes em botão na lateral da saia, preto como o babado e a gola combinando com o sapato e a bolsa de couro. Prendi os cabelos num coque elegante, dando um toque mais sério,

revigorando meu equilíbrio emocional. Como eu disse, hoje seria o início, uma nova e fortalecida fase.

Entrei no estacionamento, só de imaginar encontrar com ele, batia aquela ansiedade, o coração disparava no peito e, claro, aquele frio medonho na barriga.

Se controla, mulher! Seja rápida que diminui o risco de se esbarrar com ele.

Tão logo desci do carro, saí a passos apressados em direção ao laboratório: o local escolhido para gerir minha parte na empresa. Aproveitaria para enumerar todos os projetos do meu pai.

— Bom dia, José! — cumprimentei-o seguindo para a mesa do meu pai. Vestido com segurança, ele saía do laboratório, ainda com poucos funcionários, devido ao horário.

— Chegou cedo, Carolina! — comentou retirando os apetrechos de segurança e os deixando no local adequado, próximo à entrada do laboratório.

— A partir de hoje será sempre assim. Gosto de dar o exemplo.

Ele riu em aprovação e veio ao lado da mesa.

— Você me fez lembrar do senhor Gael. Muito aplicado aquele homem.

Suspirei apaixonada por aquele velho lindo.

— E como! — Abri a gaveta retirando as inúmeras pastas azuis e as coloquei sobre a mesa. — Estes projetos deveriam estar guardados num cofre, não acha?

Ele riu.

— Cansei de falar isso para o seu pai, mas sabe como ele é! Confia em Deus e em todo mundo.

Concordei. Meu pai era daqueles homens. Corrigindo, é daquele tipo de pessoa, que não vê maldade em nada e nem em ninguém.

— Por esta razão acabei advertindo o Marcelo, por ter retirado a pasta daqui.

Ele deu de ombros, confuso.

— Não o vi pegando a pasta! E mesmo que viesse através de uma solicitação, não poderia negar, sendo ele dono também.

Baixei minha cabeça desanimada com a realidade.

— Sim, você está certo! — respondi abrindo a primeira pasta, peguei os documentos os colocando sobre a mesa e o encarei. — Pois bem, vamos trabalhar porque tempo é dinheiro.

Ele sorriu aprovando e foi se sentar à sua mesa, e eu permanecei ali, analisando todas as fórmulas. Algumas aguardavam sair a patente. O último documento se tratava de apenas um relatório, onde estava relacionado todas as fórmulas e constavam 10. O intrigante que revisei apenas 9, e não havia outro.

Torci a boca encafifada e chamei o José.

— Conforme o relatório do meu pai, está faltando uma fórmula nesta pasta. — Ele se levantou imediatamente e veio pegar o relatório em minhas mãos e analisou um por um.

— Você olhou direito, porque seu pai é minucioso quando relaciona, ele não comete erros — garantiu, o que já estava careca de saber, me fitando.

— Acredita que possa estar com o Marcelo?

Ele arregalou os olhos em dúvida do que responder, preocupado, é claro, sendo o Marcelo dono. Uma pessoa com a sua idade, seria muito complicado conseguir um novo emprego.

— Se quiser posso ver com ele e...

— Esta parte eu cuido. — Estendi a mão. — Vou terminar de enumerar as outras pastas, de repente pode ter misturado, caso não a encontre, depois subo para conversar com ele.

Depois do almoço finalmente terminei a revisão e nada de encontrar a fórmula. Aproveitei o tempo livre e liguei para a casa de repouso para confirmar se o meu pedido de apadrinhamento deu andamento. E pediram para ligar no final da tarde.

Então subi para à sala da presidência.

Lúcia Helena estava distraída, de costas no armário atrás de sua mesa, quando entrei.

— Bom dia, Lúcia! — cumprimentei andando em direção à sala quando ela parou sua tarefa.

— Desculpa, mas tenho ordens para não deixar ninguém entrar hoje sem ser anunciado — explicou meio sem jeito pegando o telefone para discar.

Revirei os olhos, rindo, incrédula. *Até parece que pediria permissão para entrar na sala do meu pai!*

— Eu tenho certeza de que estou fora deste bolo! — ignorando-a peguei na maçaneta e girei. Ela veio correndo, porém atrasada, a porta se abriu antes dela chegar.

Meu corpo se arrepiou com a visão daquele homem extremamente arrogante e covardemente lindo, vestido com uma camisa social preta, que marcava os seus músculos definidos, o cabelo bem penteado, sentado na cadeira executiva do meu pai. Afundado nela, ele segurava o aparelho do telefone no ouvido e sorriu no seu cinismo costumeiro ao me ver.

— Desculpe, senhor Marcelo — adiantou-se Lúcia Helena às minhas costas.

Ele acenou de cabeça indicando estar tudo bem. Ela recuou e fechou a porta atrás de mim.

— E qual é o seu maior sonho, princesa? — Meu coração parou de bater àquela frase. — Disney? — Rindo animado e esbanjando carinho, ele ergueu os olhos vagueando pelo meu rosto antes de girar a cadeira e me dar as

costas, logo continuou a conversa, que deduzi ser com sua filhinha. — Então vamos providenciar a realização deste sonho — ele falou baixo, porém claro aos meus ouvidos.

Fechei meus olhos densamente segurando a avalanche de emoções, raiva, medo e ciúmes.

Apesar da desistência, não consegui lidar com esta parte. Dei meia volta na intenção de sair dali, para não deixar evidente a minha angústia, quando ele desligou o telefone e me chamou.

— Precisa falar comigo? — A maneira indiferente rebateu nas minhas costas como um murro. Sentia algo estranho e doloroso demais para dar sequência a qualquer tipo de conversa. E fui salva com seu telefone tocando, ele o atendeu favorecendo meu coração, uma trégua para respirar e assumir o controle.

— A Ingrid? Pode passar... — disse ele todo feliz quando apressei meus passos, abri a porta e saí dali o quanto antes para não desabar na sua frente.

É exatamente como o Derek comentou outro dia. *O cara se tornou um conquistador. Dá para contar nos dedos as garotas que ainda não caíram em sua lábia.*

Talvez esta Ingrid seja o motivo deste pedido de divórcio, e eu, o tira-gosto.

NÃO, NÃO, NÃO! JAMAIS, JAMAIS E JAMAIS...

Assumindo o controle do meu emocional em frangalhos, repeti a frase até entrar no elevador. Não cairia em sua lábia, faria pior: transformaria a vida dele num inferno, até me entregar o controle da Uchoa.

— Conseguiu falar com o senhor Marcelo? — perguntou José quando entrei.

— Ainda não, porém não faltará a oportunidade — respondi entredentes, desabando em minha cadeira e mergulhei no trabalho para esquecer o

incidente e atingir uma calma necessária.



Duas horas se passaram quando o telefone sobre a minha mesa tocou: era a Lúcia Helena, informando que o Marcelo todo-poderoso conseguiu um tempinho para esta idiota aqui. Fiquei magoada, confesso, esperava mais consideração por minha pessoa, não precisava ligar em seguida, mas, pelo menos, alguns minutos depois. Agora, duas horas após, era duro de roer.

Não havia outra alternativa senão enfrentar a fera.

Ele afundou para trás em sua cadeira, cruzando as mãos atrás da cabeça e abriu um sorriso preguiçoso junto dos seus olhos interessados percorrerem pelo meu corpo. Os meus estavam presos no tórax definido, tentei a todo custo transformar aquela imagem em algo irrelevante e não consegui. Meu corpo todo arrepiou, recordando-me aconchegada ali.

— Está linda! — pronunciou chamando minha atenção. Deparei-me com seus olhos nos meus.

— A avaliação sobre a minha pessoa não é pauta — falei com firmeza e me aproximei da mesa, colocando a pasta azul sore ela. Seus olhos cerraram antes de subirem aos meus.

— O que é isso? — perguntou, dentro de certa tensão, que notei.

— Presumo que já saiba, pois já fuçou sem permissão nas gavetas do meu pai! — ataquei fortemente. Ele grunhiu hesitante e debruçando sobre a mesa, cruzou as mãos encostando os indicadores juntos logo abaixo do nariz, e o detalhe: aquele puta olhar insolente e irritante.

— Vou relembrar a senhorita! — Ergui a sobrancelhas ao tom desdenhador. — Como proprietário da empresa, não preciso de permissão de

ninguém para nada.

Gargalhei irritadiça, ele riu também e se levantou, intimidador arregaçando as mangas longas da camisa. *Uau!* Paralisei hipnotizada com a beleza masculina, a calça preta com o cinto de couro, como o sapato fazia dele um verdadeiro deus dos deuses. “Se recupere, Carol, se recupere!”, a voz da minha razão gritava como louca dentro da minha cabeça. O problema era a emoção, a aproximação me desestabilizou por completo. *Ferrou!*

— O que está fazendo? — perguntei recuando, e ele avançando, devorando-me com seus olhos assassinos e lindos demais!

— Nem eu sei ao certo! — Seu braço majestoso subiu, logo os dedos se fecharam ao redor da minha garganta e me puxou, querendo roubar um beijo. Travei meus lábios evitando a penetração da sua língua. *Parabéns para mim!* Espalmei o tórax duro e delicioso, o empurrei com toda minha força e dei-lhe um tapa generoso na face.

— Eu avisei que não era mais para colocar as mãos em mim e exijo que respeite minha decisão — frisei entredentes.

Com a mão no local da agressão, ele suspirou.

— É melhor parar com esta porra toda e concentrar na empresa — emendei ao seu olhar impenetrável — As escolhas em nossas vidas já foram feitas, como você mesmo disse: reconstruiu a sua vida, então agora deixe eu reconstruir a minha em paz. Desista, porque eu não vou fazer parte do seu harém.

Um sorriso de puro sofrimento foi plantado em seu rosto, em seguida voltou a sua cadeira e se sentou numa postura ereta e profissional, inabalável a minha agressão.

Caramba, desistiu rápido!

— Se alguém ouvir você falando, vai achar que sou um mulherengo insensível — bufou em exaustão.

Ri inconformada.

— A característica lhe cabe muito bem.

Ele sorriu, sacudindo a cabeça.

— Troca de mulher como troca de roupa.

Distanciando o olhar, ele riu pensativo.

— A mamãe fofocou nos seus ouvidos, não foi? — Voltou o olhar sorrateiro e, ao mesmo tempo, interrogativo.

— Quando a pessoa ama, tende a dizer a verdade e proteger, coisa que você desconhece.

Ele limpou a garganta e espalmou o tampo de madeira.

— Vamos lá, diga o que significa esta pasta aqui — desconversou baixando os olhos, abrindo a pasta.

Engoli duro e caminhei até a cadeira em frente à sua mesa.

— A organização do meu pai é do seu conhecimento, portanto, enumerei todas as fórmulas e constatei a falta de uma delas nesta pasta. — Mordendo o lábio, ele se manteve com os olhos sobre os documentos no interior da pasta. — Por acaso, não ficou em algum lugar aqui em sua mesa, durante o tempo que estava em poder dela? — indaguei varrendo o olhar pelo tampo de madeira.

Ele me olhou por cima dos olhos.

— Não, Carol! — Torci a boca a resposta convicta — Talvez seu pai tenha guardado em algum cofre — inquieto, notei que ele deu de ombros e se levantou. — Como posso saber? Cheguei agora e tudo o que tenho feito é manter a integridade desta empresa. — Veio ao meu lado. Girando a cadeira, segurou nos braços dela me encarando de um jeito estranho — A Uchoa perdeu o crédito com os fornecedores, e tenho perdido muito tempo da minha vida aqui, na luta para recuperar.

Sorri forçando indiferença, estava supernervosa. Com os pés empurrei a cadeira, cujas rodinhas me levaram para longe dele, então a deixei.

— Desafogue a sua vida me vendendo a outra parte da empresa — sugeri esperançosa dele aceitar.

Ele riu debochando.

— Num momento oportuno, eu até posso pensar sobre a proposta. Mas não agora.

— E quando acha que será este momento oportuno? — questionei.

Grunhiu, fechando a pasta e ergueu em minha direção.

— Se não tiver mais nada importante a expor, peço que me dê licença que tenho uma infinidade de problemas aguardando soluções.

Fechei meus olhos ao ser escorraçada, mas não me deixaria abalar, mesmo porque, teria bastante tempo para fazê-lo mudar de ideia. *Cretino!*

Ao me aproximar, peguei a pasta de sua mão e saí dali rapidamente, com a promessa que o esqueceria, nem que para isso eu tivesse que arrancar o meu coração do peito.



Duas semanas se passaram sem nos cruzarmos pelos corredores da Uchoa. Até tornar a vida dele um inferno, eu não tive a chance. Nem mesmo perambulando pelo bairro. Afinal, era comum trombar com as pessoas por aqui. Ele simplesmente atendeu ao meu pedido de me deixar em paz, ou resolveu deixar-me definitivamente fora da sua lista de mulheres. O que doía no âmago da minha alma, pois esta atitude combinava com o que ele disse quando pedi para vender de volta a parte do meu irmão. Nunca haveria um

momento oportuno, a realidade dura e crua: ele tentaria na justiça me tirar da Uchoa.

E eu, claro, mesmo atarefada, sentia um enorme vazio, desorientada eu revelo: perdi o estímulo de prosseguir cheguei à conclusão que não havia lugar aqui em Alphaville para mim. Logo que seu divórcio fosse finalizado, ele assumiria um compromisso sério com a tal Ingrid.

Depois de reaver o controle da empresa, daria um jeito de estender o apadrinhamento da dona Esmeralda e levá-la para passar mais tempo comigo em Brasília. A princípio, eu não podia sair com ela de São Paulo. A levaria comigo à final do esperado jogo na fazenda do Bernardo. Inclusive, ontem fui ao treino, pensando que talvez o visse por lá. E não! Ele fora o único que faltara no treino principal.

— Será que não esqueci de nada? — Com os braços cruzados, correndo meus olhos pelo porta-malas lotado, perguntei ao Guilherme chegando com mais uma mala da dona Esmeralda. Aliás, só a bagagem dela ocupava praticamente a metade do espaço.

— Ah, maninha! Se esqueceu, vai ter que levar dentro do seu bonezinho — gozou, parando ao meu lado e repousou a mala no chão, desanimado.

Rindo, bati levemente em seu ombro.

— Você é muito engraçadinho.

— Nossa visita à fazenda será de apenas dois dias e não trinta — emendou impaciente, suspirando. Pegou a mala e contornando o carro a colocou sobre o banco traseiro. — O jeito é esta mala ir ao lado da sua convidada.

— Ela não vai se importar — disse fechando o porta-malas e fui ao seu lado, nas pontas dos pés pressionei meus lábios na face lisinha. Podia sentir o incrível perfume de sua loção pós-barba.

Havia muita expectativa nesta viagem, todos os meus amigos e amigas confirmaram presença. Rever a galera era sinônimo de ânimo e entusiasmada,

comentei com o Gui:

— Esqueci de te contar, você não imagina quem confirmou presença. — Ele fechou a porta encostando o ombro na lataria, cruzou os braços com seu olhar curioso. — A Cláudia Oliveira — frisei aguardando um sorriso de aprovação; ao contrário do que esperei, ele deu de ombros, indiferente.

— O quê? — indaguei curiosa, pois ele e a Cláudia mantiveram uma amizade colorida por um longo período. Só que, depois de formada, ela comprou um apartamento na Zona Sul de São Paulo e se mudou. — Não ficou animado?

— E onde você a encontrou? — a pergunta veio desinteressada.

Suspendi as sobrancelhas, estranhando. Era um assanhamento só.

— Ela me deu uma carona até em casa no dia do aniversário do Bernardo! — Oscilei tomada por um frio na boca do estômago à recordação da experiência terrível com o Marcelo. Do fora que levei propriamente dito! E mesmo assim, meu coração disparou e fui invadida por sentimentos bons. *Vai entender!*

Ele curvou a cabeça jogando um olhar interrogativo.

— Sabe que estava para perguntar o que aconteceu naquele dia? Você e o Marcelo desapareceram e o Derek zanzando pela casa atrás da senhora. — Corei ao tom pescador e dei-lhe as costas indo em direção à porta de entrada da casa.

— Para fugir deste jeito é porque a coisa não foi boa, estou certo? — completou.

Girei nos calcanhares e respirei fundo, fitando-o.

— Ultimamente nada anda bem na minha vida, Gui.

Ele sorriu com carinho.

— Oh, maninha! — E veio apressado, me envolvendo em seus braços fortes, aconcheguei a cabeça em seu peito duro. — Desculpa o meu egoísmo,

ando tão ocupado na restruturação da construtora e acabei esquecendo que o mundo não gira somente em torno de mim.

Sacudia a cabeça, negando, e arqueei segurando em seu rosto másculo e fofo analisando cada ponto, e me agradou o que vi ali.

— Está no caminho certo, Gui! Só o foco e dedicação é capaz de dar frutos bons e, pelo semblante sereno e de felicidade, já está colhendo.

Ele assentiu num sorriso perfeito e eufórico. Inclinou-se e beijou minha testa.

— Fechei ótimos contratos — garantiu orgulhoso.

— Parabéns, você merece todo sucesso do mundo.

Ele riu orgulhoso e assumiu uma seriedade a seguir.

— Vem cá! — Seus braços me cataram num abraço apertado. — Enquanto eu estou numa maré de felicidade, você fica nesta aflição toda. Não é justo! — Suas mãos afetivas deslizavam pelas minhas costas. — Aliás, eu sou o responsável por tirar você da sua vida tranquila. — Neguei de cabeça com ele tomando toda a culpa.

— Há males que vem para o bem. — Afastei o suficiente para fitá-lo, espalmando o abdômen perfeito sobre a camiseta lisa branca. Os olhos verdes cintilavam aborrecidos. — Talvez, se fosse diferente, eu estaria me remoendo de remorso em ver a empresa que nosso pai construiu com tanto amor sob outra e total direção.

Ele riu, pendendo a cabeça de lado, ponderando.

— Estou vendo o papai falar! Nada nesta vida acontece por acaso.

Ri saudosa junto com ele.

— É verdade! — Agora meus olhos se encheram de lágrimas, ele beijou sobre eles; ambos estávamos emocionados. — O importante que acordei a tempo de recuperar a metade, mas estou determinada a recuperar a outra

parte. — Corri minhas mãos aos braços, passando as pontas dos dedos em sua linda tatuagem.

Ele torceu a boca e puxando o ar, o expeliu com força.

— Não estou certo de que terá êxito!

Franzi o cenho sem entender aquela falta de fé em mim. Ele correu para explicar antes do meu questionamento:

— Ontem, antes de iniciar o treino, corri ao banheiro e presenciei uma discussão feia entre o Tiago e o Marcelo, eles falavam da Uchoa e quem apartou foi o primo. O Wesley, você se lembra dele?

Distanciei o olhar, buscando-o em minhas memórias.

— Da fisionomia lembro vagamente! — respondi. — Mas do nome, lembro bem, o papai mantinha contato com ele no INPI.

— Exatamente! Vi que o Marcelo ficou mal e zarpou depois, deixando o time desfalcado. Se ele faltar ao jogo vai ficar complicado para o time.

Por isso a ausência!

Meu coração apertou pensando o que teria acontecido para a desavença entre irmãos. Enquanto convivi com ele, nunca presenciei nenhuma delas.

— Daqui a pouco, o sol vai se pôr e vocês ainda nem saíram daqui — interveio minha mãe com humor, saindo pela porta e com o braço sobre o ombro da dona Esmerada toda sorridente.

— Exagerada! — brinquei apressando para ajudá-la com a minha linda e amada convidada. — Não são nem oito da manhã. — Postando em frente as duas, segurei na mão de cada uma e beijei as faces de ambas.

— Estou ansioso para que chegue logo a hora do jogo para dar um banho naqueles manés! — Gui rebateu esperançoso e minha mãe me surpreendeu com seu comentário maldoso.

— Faça o maior número de gols possível. Arrase, meu filho! — Encarou-me tendenciosa. — Deixe o time oponente no chão — aconselhou com uma

amargura quase palpável.

— É isso mesmo que vou fazer, mamãe, e ainda pisotear.

— Meu Deus! — Os olhos de dona Esmeralda aumentaram dez vezes de tamanho de tão assustada. Afinal, ela sabia muito bem quem eram os participantes de cada time.

— Não estão falando em violência, fiquei tranquila! — expliquei abarcando a sua cintura. — É só uma expressão referente à competição — Levei-a para o carro, ajudando-a se acomodar no banco.

— Ah, bom! — disse respirando mais aliviada.

— Vem com a gente, mãe! — convidei.

— Prefiro ficar para cuidar do seu pai — disse vindo me abraçar. — Você está bem? — perguntou ao meu ouvido.

— Totalmente recuperada! — menti apartando.

— Esquece ele, filha! — aconselhou alisando as mãos pela lateral da minha cabeça. — A descoberta só reforçou o que já sabíamos: ele não te merece, não se deixe intimidar.

Sentia-me estranha com aquele comentário, a verdade é que não conseguia tirar o Marcelo da cabeça. O simples fato de não o ver me fez perder a direção, eu esqueci qual a estrada que me levaria adiante.

Respirei longamente, segurando em seus pulsos, afastando suas mãos e fixei em seus olhos procurando sei lá o quê.

— Estamos atrasados — falei baixo, perdida. Ela sorriu compreensiva.

— Vão devagar — concluiu.

— Tchau, mãe — se manifestou Guilherme ali, em pé ao lado da porta aberta do motorista, atento na nossa conversa.

— Que Deus os acompanhe, meus filhos.

— Está confortável, dona Esmeralda? — perguntei ao entrar e me virei para trás. Ela sorriu amavelmente.

— Confortável, feliz e agradecida, minha filha! — observou naquele seu tom calmo e afetivo. — Havia esquecido como é estar entre uma família. — Seus olhos castanhos brilharam com as lágrimas surgindo.

— Então trate de se acostumar, porque daqui por diante será assim — garantiu o Guilherme ao entrar no carro e eu abonei.

Ela foi bem aceita em meu leito familiar.

— Fiquei curioso sobre a tal descoberta — comentou Guilherme atando seu cinto de segurança.

— Depois falamos sobre o assunto — expus afundando a cabeça no assento e ele saiu com o carro.

A distância de Alphaville até Itu era de aproximadamente 79 km. Na metade do caminho, dona Esmeralda precisou ir ao banheiro. Paramos no posto com uma boa estrutura e, quando levava a dona Esmeralda ao banheiro, estava propensa a perguntar se ela sabia da esposa e filha do Marcelo, o Guilherme parando ao nosso lado, me intimidou. Esperaria por um momento melhor, e na fazenda, em meio à natureza teríamos muitos deles. Enquanto dona Esmeralda ficou no banheiro, eu e o Guilherme seguimos ao balcão para tomar um bom café expresso.

— Por favor, dois cafés expressos — Guilherme pediu ao atendente do outro lado do balcão.

— O meu é com leite, por favor — consertei.

— Um expresso puro, por favor! — o pedido veio de um rapaz nas costas do Guilherme. Olhei para aquele rosto repleto de sardas pensando de onde eu o conhecia. E não me veio à cabeça.

— Então me conta sobre a descoberta? — lembrou Gui exigindo minha atenção. Desviei do homem.

Cheguei à conclusão de que chegou a hora de contar a verdade, desabafar. Não aguentava mais guardar tanto segredo sozinha e desatei a falar.

Contando tudo em detalhes sobre o dia do nosso rompimento até o divórcio descoberto por nossa mãe. Ele ficou pasmo, incrédulo.

— Puta que pariu, Carol! — exclamou estupefato — Gente, o engraçado é que o Marcelo disfarçou esta característica muito bem. Não parece estar falando dele — completou embrenhando os dedos no seu cabelo claro, já todo bagunçado.

— Eu também acreditava na sua fidelidade, integridade... Afinal de contas, o Marcelo tinha um lado visivelmente altruísta — confessei.

Ele ria ainda incrédulo, fazendo uma retrospectiva com olhar distante.

— Não estou querendo defender ninguém. — Ergueu as mãos ao alto antes de continuar seu raciocínio: — Nunca vazou esta história de traição, nem antes do rompimento e muito menos depois. O Derek também ficou mudinho. E se casou, ainda? — grunhiu confuso. — E agora divorciando, e tudo às escondidas. — Apertou os lábios movendo a cabeça. — O cara é bom!

Pausamos com o atendente repousando nossas xícaras sobre o balcão.

— No dia em que a dona Esmeralda ficou hospitalizada, eu estive lá. Vi o Marcelo com a filha num comércio próximo. Ela deve ter quase seis anos — relatei quando o funcionário se foi e baixei os olhos entristecida.

— Será que a dona Esmeralda sabe?

Dei de ombros, confusa.

— Àquela hora que estava indo ao banheiro eu quase perguntei. Só que você chegou e atrapalhou. — Ergui a cabeça o fitando e beberiquei a bebida quente.

Ele sorriu com pesar.

— Terá um final de semana ao seu dispor para esclarecer esta dúvida.

Respirei profundamente meneando a cabeça em concordância.

— Sabe que encontrei com o Marcelo por estes dias e achei ele estranho, distante, quieto, afastado de todo mundo. — Movia os ombros enquanto falava. — Talvez você seja o motivo do divórcio. Agora, como sócia dele na Uchoa, descobriu que ama você. — Tentava me animar, sem sucesso.

— De jeito nenhum! — desdenhei sem nenhuma convicção. Ele riu duvidando. — E outra que o motivo tem nome: Ingrid.

— A Ingrid? — Ele arquejou assustado quando o rapaz de sardas, arrastando no balcão, colou no ombro do meu irmão. Gui virou a cabeça ligeiramente.

— Wesley — perguntou recuando e estendeu a mão para o homem, que apertou —, está indo para o campeonato?

— Exatamente, só que meu carro deu problema — explicou ele com seus olhos analisando meu rosto. — Parei aqui a fim de chamar o guincho.

— Podemos dar uma carona se quiser — ofereceu Gui.

— Pô, cara, agradeço.

— Oi! — Estendi minha mão, ele cingiu.

— Carolina, a ex do meu primo — comentou deselegantemente. Abri um sorriso forçado. De cara, não gostei dele. — Ouvi vocês comentarem sobre você e o Marcelo serem sócios na Uchoa.

Eu e o Guilherme nos entreolhamos, estranhando a invasão de privacidade.

— Ah, desculpa! Estava aqui do lado, não pude evitar ouvir.

— Está tudo bem. — Gui bateu levemente em suas costas amenizando a tensão ao notar meu descontentamento.

— A Uchoa sempre foi a empresa dos meus sonhos. Eu quem atendia seu pai, quando trabalhava no INPI. Inclusive, antes dele adoecer, ele me convidou para trabalhar na empresa. Mas, infelizmente, não houve tempo.

— Se ainda estiver interessado, talvez minha maninha aqui possa ajudá-lo com isso — interveio Gui, deixando-me contrariada. — Não é mesmo, Carol?

— Tenho formação em farmácia, acho que posso contribuir com o crescimento da empresa — emendou ele entusiasmado, não me deixando outra opção.

— Talvez exista uma vaga para você.

— JURA?! — Ele quase pulou de alegria.

— Na segunda-feira nos falamos — cortei vendo a dona Esmeralda vindo em nossa direção em seus passos lentos e harmoniosos. — Vou lá ajudar dona Esmeralda.

E saí rapidamente.

— Eu vou com você! — Muito prestativo, o Wesley seguiu meus passos.



Capítulo Quatorze

MARCELO

Fui tomado por uma forte tensão ao cruzar o Portal de Itu, a entrada da cidade encantadora. O Centro Histórico reunia belas igrejas, casarões e museus. Estava muito aflito, pressentindo algum tipo de agressão verbal do Tiago com a Carol. Não viria ao jogo, como não participei do treino, se não fosse por ela. Meu irmão ficou indignado quando descobriu por intermédio do José do laboratório que ela é sócia da Uchoa.

Foi nossa primeira discussão em público e mesmo as discretas nunca havia extrapolado a linha do respeito.

O que rolou entre nós ontem tornou-se um perigo real de dano emocional. A agressão verbal chegou ao nível do intolerável e, por pouco, não nos agredimos fisicamente. O Wesley presente foi a pessoa que evitou chegarmos a este ponto.

Uma frase dele não saía da minha cabeça: “Cara, estou acabando de crer que pretende roubar a mim e o papai. Preciso encontrá-lo e abrir-lhe os olhos o quanto antes!”. Às vezes, tinha a impressão de que alguém estava colocando caraminholas na cabeça dele. Era esquisito este comportamento desconfiado.

Até entendia a sua preocupação, afinal a retirada de dinheiro da D’Ávila fora ousada, ou seja, um desafio para qualquer empreendedor.

Independentemente, considerei a acusação uma injustiça das grandes! Os negócios nunca foram tão prósperos quanto na minha administração. Sempre

em ascendência, crescendo ano após ano, e tudo porque me dedicava de corpo e alma. Embora, a intenção da compra tivesse sido por interesse pessoal, pretendia ressarcir minha família com os lucros prometidos no final desta operação. Respirei fundo, refletindo sobre ter assumido a responsabilidade do risco, mas este era eu. Buscava o meu melhor a todo momento, abria mão de tudo pelos outros, jogando-me sempre pra escanteio.

Posso até parecer, mas não sou este cara durão, dono da situação. Estava foda viver atrás desta fachada. O jeito agora era correr com as papeladas e dar o fora deste país, em busca da paz que desapareceu há seis anos.

— Estou com a impressão de estar sozinha dentro deste carro. — A voz macia da Ingrid, sentada ao meu lado, interrompeu a minha autoanalise.

Soltei um risinho, pressionando meus dedos no volante e virei o rosto numa fração de segundo, e retornei à pista.

Ela ajeitava os óculos grandes sobre os cabelos curtos e ruivos.

— Desculpa! Estava aqui matutando sobre a minha vida.

Sua mão esquerda veio sobre a minha no volante, solidária.

— Para estar tão quieto, creio que seja algo grave.

Acenei de cabeça observando a Igreja Matriz onde havia o orelhão de aproximadamente dez metros de altura, uma das atrações para turistas. Aliás, a cidade era conhecida por ter algumas coisas grandes.

— Até o silêncio é violento ultimamente — declarei secamente o que veio à cabeça. Estava incapacitado de desenvolver uma conversa. Só queria resolver logo todo este impasse e sumir.

Ela riu sem graça, recolhendo sua mão, levando próximo ao joelho onde a minissaia jeans não cobria. Aliás, estava linda! A camisa de tecido leve de mangas bufantes, combinando com o jeans, dava um toque casual e descolado.

— Não queria ser grosseiro, perdão! É que está ocorrendo um desentendimento entre mim e o Tiago. — Estalei a língua, exausto.

— Existem momentos em que buscamos o silêncio — expressou amavelmente.

Apressei para me explicar:

— O fato é que preciso dar um jeito de consertar, não pode existir rivalidade entre mim e o meu irmão. Nossa criação seguiu a linha da união, um deve ajudar o outro, nos amar.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu compreendo e acho lindo isso!

Forcei um sorriso, abrindo a janela do meu lado, e respirei profundamente. O cheiro de terra fresca e ar limpo arejou apenas um pouco do meu cérebro em chamas, o espaço liberado foi o suficiente para me levar novamente à viagem mental e, dessa vez, o silêncio prolongou-se até atravessarmos a porteira da fazenda. E que fazenda!

Cercada pela Mata Atlântica, ficava entre cachoeiras e rios; um paraíso natural próximo a São Paulo. Era exclusivamente para lazer, acessamos a estrada toda calçada com pedra e grama e paisagismo de cair o queixo. E ao avistar a mansão de luxo com arquitetura contemporânea: pedra e muitos vidros, buzinei para a galera toda reunida na grande varanda, decerto se protegendo do sol, que estava escaldante. Uma quentura desta na cabeça causaria cansaço físico, sintoma que devia ser evitado, pelo menos do dia de hoje com o jogo.

A varanda da frente da mansão era exuberante e bem estruturada. Projeto pensado na unificação dos espaços sociais e de lazer. A varanda dos fundos seguia o mesmo padrão, o diferencial era a piscina que se estendia a ela e invadia o espaço interno, a sala social.

— Que horas será o jogo, Marcelo? — Ingrid perguntou assim que entrei na área da garagem.

Precisei me afastar bastante da casa devido ao volume de carros.

— Está marcado para as oito da noite — respondi assim que desliguei.

— Então dá para caminhar por aí, conhecer o lugar — emendou abrindo a porta e desceu.

— Vou aproveitar e correr, assim me aqueço para o jogo — menti.

A intenção era espairecer minha cabeça fervendo.

Acenei para o Cauã vindo em nossa direção em seu traje casual e descolado: bermuda jeans e camiseta com as mangas dobradas, o chapéu combinando com o chinelo e, claro, os óculos.

— O jeito deste moço se vestir é excepcional. Adoro! — comentou Ingrid em tom de admiração.

— Preciso dizer isto a ele. Afinal, um elogio vindo de alguém tão experiente é muito gratificante.

Ela riu orgulhosa de si mesma.

— Desde que me conheço por gente, o Cauã tem este estilo despojado.

— Sensacional! — complementou segurando na minha mão ao pisar num buraco durante o caminhar.

— Opa! Tudo bem? — perguntei preocupado.

— Só tropecei — informou ela, e neste instante vi o carro do Guilherme chegando. Aí que a minha cabeça entrou em combustão. Já não bastava os olhos faiscantes da Carol quando nos viu de mãos dadas, ainda tinha o fato do Wesley estar sentado no banco traseiro ao lado da dona Esmeralda.

Notei seu bracinho acenando toda feliz, mas não tinha condições de mais nada, além de praguejar.

Que caralho o Wesley está fazendo no carro com eles?

Tenso, esmagava a mão da Ingrid e nem notei.

— Ai! — gemeu tentando se livrar da minha grosseria involuntária.

Soltei a mão dela imediatamente, notando minha cagada.

— Perdão! — Peguei na sua mão trazendo aos lábios e beijei em sinal de desculpas.

— Você está bem? — perguntou estranhando minha atitude.

— Estou sim. — Soltei sua mão observando os olhos da Carol grudado em nós.

— Pensei que não viria, cara! — Cauã comentou dando o tradicional tapa no meu ombro. Sorri preocupado com muitas turbulências que tinha que administrar na minha cabeça. — Pela aparência, você continua afastado — emendou Cauã.

— Imagina! — disse indo me encontrar com o Wesley, que acabou de descer do carro do Guilherme. Vestido de maneira simplória, calça caramelo e camiseta num tom mais escuro, fazia dele alguém dócil. — Onde está o seu carro? — Intrigado, já cheguei soltando fogo pelas ventas.

Erguendo as mãos a sua frente em defesa, arqueou:

— Calma, Marcelo! Que bicho te mordeu, primo? Só peguei uma carona — ele não hesitou.

Apertei meus olhos especulativos.

— Algum problema, Marcelo? — O tom ríspido e indignado da voz da Carol chegou à batida descompassada do meu coração.

Desviei os olhos para ela no instante em que ela fechava a porta do carro. Linda, vestida com um chapéu combinando com a bota curta de couro, os cabelos caramelos caindo em cascata sobre os ombros e os óculos grandes, a bermuda jeans curta e a camiseta solta branca faziam dela superdespojada e descontraída! O insensato do meu coração se aqueceu diante da imagem imaculada.

Não dá mais para negar que ela é dona do meu coração!

Meneei a cabeça imperceptivelmente, expulsando aquele sentimento crescente. Por amá-la assim que devo enfrentar a recaída. Mais do que nunca precisava partir, já que ela demonstrava que fincaria moradia aqui.

Por ela, somente por ela! Agora é a minha vez de partir.

— Nenhum! — respondi voltando ao Wesley, que vacilou e começou sua explicação:

— Meu carro apagou na estrada, e como os encontrei no posto, foram gentis em oferecer uma carona. Afinal, não perco esta final por nada neste mundo — concluiu humildemente.

— Não há necessidade de tantas explicações, Wesley! — rebateu Carol provocando. Tombei a cabeça de lado fitando-a revoltado. Ela não hesitou. — Como também não precisa dar satisfações de como conseguiu uma vaga no laboratório da Uchoa.

Os olhos do Wesley arregalaram incrédulos, enquanto os meus, acho que sofreram um derrame. Sentia a pressão dentro deles.

— Eu tenho uma vaga? — perguntou Wesley imerso numa euforia irritante.

— Com certeza! — confirmou Carol contornando para abrir a porta da dona Esmerada.

Falando ao celular, Guilherme permaneceu dentro do carro.

— Não tem o poder de contratar ninguém sem antes pedir a minha autorização! — observei apontando o dedo indicador em sua frente.

Ela jogou a cabeça levemente para trás numa alta gargalhada debochada.

— Me poupe, Marcelo! — disse ao se endireitar e abriu a porta.

— Sossegue, meu filho! — A voz doce da dona Esmeralda me abraçou. Senti um calor sobrepor a raiva, que até então, era dominante. — Não sou uma grande entendedora do assunto, mas não precisa estar bem tranquilo, concentrado, para esta partida de futebol?

Ri indo até aquele doce de pessoa que sabia melhor do que ninguém apaziguar qualquer discórdia.

— É, a senhora tem razão! — falei baixo segurando as duas mãozinhas estendidas aguardando a minha.

Pegando-as com carinho, puxei-a com delicadeza, e já fora do carro envolvi seu corpo franzino entre meus braços, ganhando um abraço quase materno.

— Mantenha a calma, meu menino — aconselhou sussurrando no meu ouvido.

— Como, se a minha vida tem estado de cabeça para baixo? Tudo está desmoronando, não existe de onde tirar mais controle.

Ela se afastou, nas ponta dos pés seus braços subiram em direção ao meu rosto, precisei curvar um pouco ajustando a altura de nossos olhos.

— Você tem o controle da sua vida, evite as brigas e encontre seu eixo — afirmou a sabedoria em pessoa.

Ri concordando e beijei sua testa. Fingindo que concordava, no meu caso e da Carol não havia eixo definido. Ela teria que fazer uma escolha trágica ao ficar comigo, não podia fazer isso, seria desumano. E outra, que ela nunca seria feliz; e eu nunca seria feliz vendo-a infeliz. E tinha minhas dúvidas, se ela aceitaria a minha condição e mesmo se aceitasse, o futuro bateria em nossa porta cobrando. Jamais interviria assim na sua vida, jamais. O complicado era que só de pensar em partir e deixar tudo como estava era um grande pesadelo, daqueles que assustava e não era pouco. Mas precisava enfrentar o inferno. A omissão era a melhor forma de protegê-la de mágoas eternas.

— Por que todo mundo está quieto, aqui? — Guilherme, que esteve alheio desde a parada do carro, indagou oscilado os olhares.

— Eu também faço esta pergunta, estou torrando debaixo deste sol e ninguém me acode! — Só podia mesmo ser dona Esmeralda, que quebrou o clima tenso instaurado com humor adorável.

— Eu vou resolver. — Sorrateiro a peguei no colo e saí correndo com ela em direção a casa e todos riam, inclusive o meu amor. Aquela gargalhada gostosa que só ela tinha. Suspirei alto e dona Esmeralda ouviu.

— Precisa ajustar este coração, meu filho. — Com os braços em volta do meu pescoço, ela sussurrou ao pé de meu ouvido: — Aposte na verdade.

Grunhi duvidoso.

— Contar a verdade não vai mudar a nossa situação, no entanto vai partir o coração da minha Carol. Não consigo me convencer de que seja uma boa escolha. Se um dia ela tiver que saber, então que seja diretamente da boca dos envolvidos.

Ela respirou fundo e permaneceu em silêncio até chegarmos a varanda.

— Preparado para o massacre, Marcelo? — provocou Derek, vestido numa regata cavada, blusa amarrada na cintura, calça preta e bota dobrada. Tudo preto.

Palhaço!

Lancei meu melhor olhar cínico e desdenhador antes de entrar com a dona Esmeralda.

— Neste visual *All Black*, inapropriado para este calor dos infernos, derreterá antes de entrar na batalha.

O que se ouviu a seguir foi somente explosão de risos. Todos o gozando.

— Que crueldade, meu filho! — exclamou dona Esmeralda rindo quando entrei com ela na espaçosa, rústica e luxuosa sala muito bem mobiliada, recebendo luz natural com os raios solares penetrando pelas janelas ao redor.

Coloquei-a sentada no sofá de couro marrom em frente à piscina, que vinha como uma extensão da varanda. Jogadores, torcedores e convidados

ocupavam várias poltronas e cadeiras espalhadas pelo cômodo aprazível.

— Não me julgue, porque eu estava quieto na minha. — Joguei-me no confortável estofado, abri os braços ao longo do topo do encosto e afundei a cabeça nele e permaneci ali, olhando para o teto enquanto ela me encarando, ria sacudindo a cabeça.

— Aceitar o apadrinhamento só teve um intuito — começou ela. Girei a cabeça buscando seus olhos serenos. Ela sorriu francamente. — A parte ao qual estou envolvida deve ser esclarecida; se não o fizer, eu o farei — estabeleceu seriamente.

— Um problema por vez, tudo junto não se consegue solucionar nada, muito pelo contrário, desgasta. — Ajeitei meu corpo rapidamente, espalmando minhas coxas. — Não se preocupe, eu estou disposto a contar, porém não hoje! Preciso de mais dias para finalizar o processo e garantir segurança para todos.

Ela soltou o ar frustrada.

— Acredita mesmo que ainda existe riscos, Marcelo?

Dei de ombros ponderando.

— Pelo sim ou pelo não, é melhor não vacilar.

Ela segurou na minha mão e apertou.

— Então se apresse — disse ela num tom forte. — Não quero morrer com esta dívida com a minha menina. — Terminado, seus olhos lacrimejaram tão docemente.

Este amor que ela sentia por nós não tinha preço.

— Vem cá! — Passei os braços ao redor do seu ombro abraçando-a fortemente.

— Deveria aproveitar que a Carolina está vindo aí para acertar os ponteiros fora de ordem. — Fechei os olhos a voz autoritária do Tiago.

Afastando, vi-o entrando na sala segurando na mão da Susana. Havia uma sombra em seus olhos verdes.

— De novo com esta agressividade, Tiago? — adverti-o. — Aqui não é o lugar nem a hora adequada para este assunto. — Levantei-me repousando as mãos no cós da calça jeans clara com rasgo acima do joelho, pendida no quadril.

— Não há regras quando se é enganado pelo próprio irmão — peitou se fazendo de forte, quando na verdade seu rosto estava banhado em amarguras. Eu não sabia mais o que fazer, o tempo todo precisava ficar comendo pelas beiradas, protegendo a todos e em todos os momentos.

— Não tem nada mais chato do que ser cobrado injustamente e...

— Injustamente? — interrompeu ele entredentes, exagerando na dose, com uma plateia enorme nos observando. — Tudo foi confiado a você, Marcelo. E, de repente, descubro por terceiros que fez uma aposta errada.

Apertei os punhos enfurecido, fechando os olhos com força, segurando-me para não explodir. Só que, infelizmente, eu era de carne e o osso.

— Prevê o futuro, agora? — desafiei vendo um vermelho intenso tingir seu rosto. Ele largou da mão da Susana e avançou os passos. Ficamos alguns centímetros de distância. *Céus, ele veio disposto a me aporrinhar mesmo!*

— Não precisa ser vidente para ver que o seu emocional faz de você um fraco e coloca em risco nosso patrimônio.

Fechei os olhos numa fração de segundos para abrir em seguida, recebendo um bombardeio de saliva da forma austera como falava.

— Calma, Tiago! — Susana tentou, colocando a mão no ombro dele, mas não resolveu.

Estava por um fio e explodi:

— FODA-SE SE O TIRO SAIR PELA CULATRA! FODA-SE SE VIER PERDAS! — Desnorteado, exasperei, baixando o tom a seguir: — Afinal,

não seriam perdas, apenas deixaríamos de ganhar. Eu já enchi o seu bolso de dinheiro, e deveria dizer obrigado, seu mal-agradecido.

Ele não titubeou.

— Perdeu a linha porque realmente está desajustado, mano! — Impaciente erguia a cabeça embrenhando meus dedos pelos cabelos e contando até dez na tentativa de recuperar meu bom senso em declínio. — Agora estou entendendo a sua hesitação de contratar o Wesley, tem algo podre por trás disto.

Movi a cabeça negando e desci repassando meus olhos por sua face investigando, buscando algo que o denunciasse e nada.

Só enxerguei inocência nele.

— Já que citaram meu nome, tenho uma novidade extraordinária, priminho. — Entrando na sala em companhia da Carol e do Guilherme, Wesley se colocou ao lado do meu irmão com olhar de vítima sobre os meus. Guilherme ficou atento na mão da Susana segurando a do meu irmão. — Nada oficial por enquanto, mas praticamente sou um funcionário da Uchoa.

Tiago virou a cabeça buscando os olhos da Carol, que empinou o narizinho lindo dela.

— Já é oficial! — garantiu ela com ar vingativo.

Desanimado com o mundo conspirando contra mim, fechei meus olhos sacudindo a cabeça. E ergui me deparando com aqueles vários pares de olhos acusadores. Uma pressão da porra!

— Que se dane! — Exausto, desisti e dei um passo à frente, batendo levemente nas costas do meu irmão. — Cara, esta sua ambição pode destruir você, sabia? — E saí em passos apressados em direção à porta da varanda dos fundos e caminhei na vasta área verde. Mais um minuto ali e acabaria vomitando coisas que me sufocava, e caso isso acontecesse, seria uma frustração eterna, depois de todo o esforço que fiz.

Calma, Marcelo! Está acabando esta crucificação. Saindo a papelada, você se manda para sempre e fica livre de todo este tormento!

Transtornado, perambulei pelas trilhas ecológicas da fazenda, como se diz aquele ditado: "tentando entrar na caixa do nada". Mas não encontrava a chave do cadeado. Ao longe, na parte bem íngreme da fazenda, observava o campo e a curta trilha que levava à piscina natural formada pelo rio, rodeados por uma cerca viva, ou seja, uma densa plantação de eucaliptos com aspecto meio seco, devido à falta de chuvas nos últimos tempos. Enfim, caminhei muito sem noção de hora e não houve meios de esvaziar minha mente, era um emaranhado de situações que acabou virando uma bagunça generalizada.

Sob o calor extremo, a camiseta branca de gola cavada e a calça jeans, completamente ensopado, começou a incomodar-me. A coisa estava para lá de escaldante, e a sauna, a cem metros ao lado de outra piscina, localizado numa parte privativa bem distante de tudo e de todos. *Coisa de Bernardo!* Aliás, não o vi ainda. Enfim... A sauna pareceu ser uma boa opção, já com a temperatura nas alturas, o vapor contribuiria para derreter as ideias erradas da minha mente. Imperdível!

Esperançoso, parti sofrer, e ficaria lá dentro o máximo de tempo possível.

Tirei a roupa, deixando-a do lado de fora e entrei apenas de boxer branca. Deitei ali no banco da parede e fechei meus olhos, curtindo o vapor agradável, relaxando finalmente.

Estirado no banco, saltei de susto ao ouvir um barulho de trinco e me sentei notando o recinto mais quente do que o normal. Sem conseguir respirar e sentindo-me um pouco mal, zonzo devido ao vapor pairando de forma bizarra, corri para sair dali imediatamente. Mas quando peguei na maçaneta, ela se soltou, quebrou, nem sei que porra que aconteceu, o fato era que ela veio parar solta minha mão.

Merda!

— SOCORRO, ESTOU PRESO AQUI DENTRO! — Esmurrando a porta, gritava desesperado por ar. — SOCORRO! — Estava ciente de que seria uma possibilidade remota ter alguém por perto, pois a sauna foi construída a mais de oitocentos metros da sede. — Meu Deus! Socorre aí, cara! — Golpeava a porta com meu ombro tentando derrubá-la e nada.

Na parede do banco, bem rente ao telhado, havia uma pequena janela de vidro. Com as pernas bambas, subi com dificuldade e com toda a força que reuni dentro do meu ser, soquei e consegui quebrá-la. Desesperado, torcia para o ar quente sair do cômodo, a abertura não fora o suficiente. Desci dali imediatamente, pois aturdido como estava, o tombo dali seria perigoso. Fui perdendo os sentidos e escorei na parede úmida e quente do cacete.

— FODEU! — vociferei ainda em posse da minha total consciência.

— Marcelo? — Ouvia distante a voz macia da Carol.

Até a beira da morte eu sonho com ela.

— Marcelo?

Inalei o máximo de ar ao constatar que a minha salvação batia à porta, e não se tratava apenas de um sonho.

— E-eu... S-socor-roooo — balbuciei num fio de voz.

Ela não vai ouvir!

— Calma, eu vou ajudar você! — Logo ouvi o destravamento e a porta se abriu.

Ela ouviu!

— MARCELO! — Com a voz desesperada e chorosa, ela veio rapidamente, abraçou meu tronco. Sendo apoiado nela, a bonitinha me guiou para fora.

Com os braços da Carol ao meu redor, eu inalei profundamente o ar fresco como se fosse a minha primeira respiração, alimentando meus pulmões, oxigenando meu cérebro e agradecendo pela chance de sobreviver.

— Ah, Ma! Acho que você precisa de um médico — disse ela apavorada ainda me segurando.

Fiz que não com a cabeça e a curvei a seguir, investigando sua expressão alarmada. Eu via ali na minha frente sob a luz do sol, a antiga Carol. A minha doce e amada Carolina...

— Minhas baterias já foram recarregadas com o combustível da vida e graças a você! — Abarquei sua cintura e encostei o queixo no seu cabelo. Ela tremia junto comigo naquela forma tão íntima nossa.

— O que aconteceu? — perguntou em um fio de voz macio e o calor do seu hálito chocou-se contra o meu peito, fiquei completamente arrepiado. O carinho começou a mudar de direção e indo à excitação.

Apartando, segurei em seu pescoço com as duas mãos e acariciando seu maxilar com os polegares. Ela fechou os olhos, ofegante.

— Um acidente! — confirmei. — Cochilei lá dentro e quando resolvi sair, a fechadura quebrou — expliquei trazendo-a para mais perto, seus olhos mel cintilavam tanto, estimulando-me ainda mais. Ofegante, suas mãos subiram e seus dedos se fecharam ao redor do meu pulso e afastou-os, recuando dois passos.

Ela umedeceu os lábios secos e engoliu duro, com seus olhos se prendendo ao meu membro saltado no tecido transparente da boxer.

Senti um frio na barriga e um arrepio descomunal na espinha.

— Não. — A palavra foi expelida com dificuldade de seus lábios. — Estou exausta em permitir que você brinque com os meus sentimentos. — Dando as costas, ela caminhou rápido em direção a sede. Corri segurando no seu braço e puxando-a para mim. Colando meu quadril na sua bunda tão desejada.

Ela sorveu o ar profundamente, sentindo minha ereção.

— Longe de mim brincar com os seus sentimentos, Carol — sussurrei em seus cabelos. Ela fungou. — Você é especial!

Ela meneava a cabeça em tom negativo, se recusando a aceitar.

— Confia, por favor!

— Tenho todas as razões para não acreditar em você — murmurou com a voz embargada. — Por que não segue a sua vida e me deixa em paz?

Fechei os dedos livre ao redor do seu pescoço, curvando-o enfiando o rosto ali, aspirando seu perfume afrodisíaco.

— Não creio que seja esta sua vontade — murmurei em sua pele, sentindo o seu tremor. — Estava me procurando, admita!

— A Susana me colocou a par do que houve entre você e o Tiago. — Tragou ar buscando amenizar a respiração acelerada, como a minha e girou o corpo. Seus olhos mel e lindos entristecidos correram por meu tórax, naquele movimento intenso, causando um arrepio tremendo que desceu até meu pau duro como rocha e subiu à minha face. — E a imbecil aqui ficou preocupada com você.

Esbocei um sorriso tomado por uma onda de alegria, que não cabia em meu peito, e ondas de cobrança percorrendo meus pensamentos. *Será que vale a pena?*

— De um lado, concordo com o Tiago, como acionista ele tem o direito de saber tudo que ocorre nos negócios. E do outro, eu me pergunto as razões que levaram você a esconder sobre eu estar como sua sócia, convenhamos que é algo de suma importância — finalizou com seus olhos cintilando e baixou a cabeça.

— Está triste? — Alguns fios caíram no seu rosto, tirei-os. Segurando seu queixo, ergui-o e beijei por cima de seus olhos, que se fecharam para receberem o contato dos meus lábios.

Ela arfou e segurou meu pulso.

— Mas o que estou fazendo? — recuou. — Você é o "Mago da Enganação", mestre em contar mentiras! — acusou injustamente. Eu tinha que corrigir aquela imagem que ela tinha de mim, precisava dar um jeito.

— A acusação não procede, eu posso ter omitido, mas nunca mentido.

Ela soltou uma risada alta de revolta, me aproximei fechando meus dedos em seu ombro a puxando. Pendi a cabeça selando meus lábios em sua testa. O cheiro de sua pele me deixou completamente excitado, dominando meus sentidos.

— Eu só omiti — sussurrei afirmando.

— Mentir ou omitir para mim tem o mesmo sentido. — Arqueou fuzilando meu rosto com seus olhos mel embravecidos. — É sacana do mesmo jeito! Troca de mulher como se troca de roupa.

Arqueei surpreso e confuso a acusação.

— Como assim?

— Ora, Marcelo! — Espalmando meu peito, empurrou. — Não se faça de desentendido, sabe muito bem do que estou falando.

Eu negava com a cabeça, perdido.

— Por favor traduza esta sua frase — exigi.

Ela empinou o narizinho lindo, repousando a mão no quadril arredondado de dar água na boca e grunhiu fechando os olhos.

— É um tremendo cara de pau, eu desisto de você! — Deu-me as costas e saiu correndo.

— Calma aí, Carol! — Indo atrás dela, enlacei sua cintura cruzando meus dedos em seu abdome. Ela balançou como sempre fazia quando eu me aproximava.

— Impossível manter a calma com você. É um cretino, idiota que odeio de coração — proferia com a voz trêmula, nervosa.

— Este sentimento de ódio que tanto repete é falso, eu sei. — Apertei-a em mim apoiando o queixo em sua cabeça e fechei os olhos. — Diga que estou certo, por favor! — murmurei. Ambos tremíamos de amor, paixão, tesão. Meu peito estava quente, meu coração pensativo, ponderando abrir o jogo de vez.

Ela pendeu a cabeça cobrindo o rosto com as mãos e disse abafado:

— Eu já te odiei mais radicalmente. — Meu coração errou uma batida naquela revelação. Esfregando minha ereção pulsante nela, subia uma mão pelo abdome e segurei em seu pescoço, erguendo-o e beijando a região arrepiada, que causava o mesmo em mim. — Não faça isso, Marcelo! — balbuciava em súplica. — Não pode trair todas as mulheres com quem se relaciona. Não pode. Como pode ser sacana? Ela está aqui...

Neguei, pressionando-a mais em mim e beijando seu ouvido, sentindo-a estremecer embaixo dos meus dedos.

— E de quem você está falando?

Ela arfou à minha indagação, resmungou birrenta e virou de frente sem que eu a soltasse. Sua expressão atribulada feriu meu coração.

— Daquela Ingrid.

Ergui a sobrancelha ao mesmo tempo que abri minha boca.

— Não está se divorciando para ficar com ela? — completou.

— Da onde você tirou esta conclusão, Carol? — Levantei a questão no momento em que a voz distante da Ingrid, misturando-se à inesperada rajada de vento uivante, chamou a nossa atenção.

— Ali está o Marcelo, amor! — disse Ingrid ao seu marido, lascando um beijo na boca dele. Afonso, o meu alfaiate e amigo de longas datas. Eles caminhavam em nossa direção.

Carol voltou ao meu rosto. Sentia a sua energia passando por mim com nossos olhos conectados, tanta emoção, tanta incerteza...

— Isto responde a sua questão? — disse apenas.

Ela ria querendo chorar.

— Ela...

— Ela é muito bem casada e feliz — a interrompi.

— Eu pensei... — começou embaralhada e pausou por um instante. — Vocês dois sempre juntos, achei que tinham um caso.

— Deduziu errado! — interrompi-a atarracando mais seu corpo ao meu. — A Ingrid é a minha *personal stylist*, ou seja, a minha consultora de imagem, esta é a razão da sua presença frequente. Aquele dia mesmo em que eu a apresentei no meu escritório da D'Ávila, ela estava fazendo a prova do terno, para o evento de empresários. Terno que o marido dela confeccionou. Ela é a melhor profissional de São Paulo, ela e o marido. Inclusive, seu irmão Guilherme e toda a rapaziada já tentou contratá-la. Só que eu pago muito bem para ter a exclusividade.

— Ah, meu Deus! — Ela levou a mão à cabeça, desnorteada. — Agora justifica a conversa dos homens na mesa no dia da festa do Bernardo. — Ria da confusão.

Ela ficou pasma e muda, o silêncio prevaleceu alguns instantes com uma expressão de culpa tomando seu rosto.

— A gente se fala depois, viu, Marcelo? — disse Ingrid conosco a ignorando e desviou o caminho arrastando o maridão pela mão.

— Estou com meu coração partido, eu ferrei com ela, coitada. Meu Deus! — Torci a boca erguendo a sobrancelha, curioso. — Encontrei com ela na loja do shopping e passei cola na calça dela e...

Explodi em risos, recordando-me da cena.

— Você quem fez esta maldade, Carol?

Envergonhada, ela assentiu.

— Ouvi ela numa conversa assanhada no telefone dentro do provador, e juro que achei que era com você. Afinal falou em exercitar, estar suado, e coincidiu com seu perfil no farol.

Aí que ria mais.

— Logo quando nos vimos no farol, eu encontrei com o Afonso se exercitando, e corremos juntos. E depois ele me convidou para uma cerveja em sua casa. A Ingrid chegou toda contente e levou o marido para o quarto dizendo que faria uma surpresa. — Ri recordando-me. — O fato é que você deixou a mulher endiabrada, não imagina a raiva dela saindo do quarto do casal, após a frustrada transa com o marido. Ela queria jogar uma bomba no mundo.

— Preciso pedir desculpas. — Agoniada, seus olhos se apertaram.

— O aconselhável é largar para lá.

Seus olhos pararam nos meus.

— Diga que o cenário que vi naquele dia na sua cobertura não condiz com a realidade. Que você não casou com aquela mulher, tampouco é o pai daquela linda garotinha, por favor! — murmurou esperançosa e prendeu a respiração, ansiosa correndo suas mãos quentes e macias sobre meu abdome. — Confirme o equívoco da minha parte, que tudo não passou de um mal-entendido.

Fechei meus olhos atingido com a sua exigência. Enquanto as papeladas não saíssem, eu não podia aventurar-me.

Meu Deus, socorre aí, senhor!

— Eu quase perguntei hoje para a dona Esmeralda. — Meu coração pulou de preocupação com a sua declaração. Destruiria dona Esmeralda, e outra que a explicação deveria partir de mim.

— Escuta, Carol! — Segurei seus pulsos os juntando, travando meu olhar afiançável em seu rosto. — Eu juro que este assunto não afeta você. Por

favor, não exponha a dona Esmeralda! O momento é inapropriado para mais explicações, só preciso que confie em mim. — Ela respirava me olhando, indecisa. — Só isso.

— SÓ ISSO? — Libertando-se das minhas mãos, recuou. — Minha vida sofreu grandes transformações e não foi SÓ ISSO! — ressaltou, vociferando e abanando a cabeça imersa na expressão desestimulada. — Questionei muito sobre esta sua relação escondida a sete chaves, que não faz sentido algum. Mas o fato é que estou cansada demais para continuar, esquecemos tudo e tocamos nossas vidas, como você mesmo sugeriu.

— Fui obrigado a dizer e fazer tantas coisas que não queria. — Revirei os olhos sugando o ar e soltei antes de prosseguir: — Por favor, não se precipite. Se não pode me dar este voto de confiança, tente fazer isso por você mesma. Pois tem tudo a ver contigo — pedi convicto que, após sair as papeladas, eu revelaria sobre os motivos do casamento.

Ela moveu a cabeça que não.

— Se não pode ser claro, então prefiro dizer adeus.

Adeus não! Quando ameaçou sair andando em desespero, estendi minhas mãos catando as laterais do seu rosto macio e a puxei, beijando-a bruscamente. Ela travou a boca e me empurrou.

— Para! — determinou sem nenhuma convicção.

Irredutível, eu a puxei pela cintura de volta para perto de mim. Com a mão livre, segurei firme em seus cabelos e pressionei, os lábios doces entreabriram e eu a beijei intensamente.

— Acredita mesmo que eu seja um canalha? — Chupei sua língua, exigente antes dela responder.

Ela gemeu sentindo meu pau dolorido pra porra, cavando no seu ventre, me deixando insano.

— Eu não, sei...você é um bom ator, Ma! — balbuciou.

Endoideci com ela cedendo à luxúria do momento.

— Eu preciso de você, Carolina! Eu sempre precisei.

A resposta dela foi apenas arfar e se entregar. Foi o suficiente para fazer de mim o homem mais feliz deste mundo.

Domada, seus dedos delicados e firmes brincavam em meus cabelos na nuca, vinham tocar no meu rosto, músculos do peito, braços, quando não segurava forte meu queixo controlando o beijo.

Delícia de mulher, delícia!

Deslizei as mãos dos cabelos dela vindo aos seios e apertei, arrancando gemidos sufocados na minha boca, devorando-a gostoso. E descia levemente pelo abdome seguindo até sua coxa, acariciando-a com muito tesão, e ao retornar, deparei-me com a barreira da bermuda apertada nas pernas. Entrei em desespero e com pressa, fui ao botão para arrancá-la.

Puxando meus cabelos para trás, ela também arqueou interrompendo a melhor parte do beijo. Sem o alcance daqueles lábios carnudos entreabertos, expelindo ar morno em meu rosto, fiquei angustiado querendo mais. Desejando-a mais do que qualquer coisa nesta vida.

— Ainda acho que devemos parar por aqui — murmurou com dificuldade, olhando diretamente nos meus olhos e então me soltou. Fiquei ali paralisado, incrédulo e foi quando ela voltou a me beijar com tudo e num frenesi fantástico.

Alternando com beijos na boca, eu lambia e beijava o pescoço alvo quando ela colocou as duas mãos entre nossos corpos e segurou meu pênis por cima da boxer, apertando firme, sem machucar e deslizou da glande à base. Ela encolheu a barriga a fim da minha mão entrar, gemi alto sentindo sua vagina totalmente encharcada sob a calcinha, e ela tremia com meus toques.

Meu corpo em chamas e meu pau rígido na mão dela não resistiria por muito tempo.

— Vem aqui! — falei sem soltar seus lábios e a segurei pela cintura. Um estremecimento de prazer tomou seu corpo, ela pulou no meu colo e me abraçou com as pernas, espremendo seu núcleo quente no meu pênis dolorido.

— Aqui fora é perigoso sermos flagrados — resmungou mordendo meu lábio inferior e estirou.

— Está com calor, gata?

— Muito... — Sacando minha intenção, ela respondeu numa sensualidade imaginária.

Caminhei com ela até a piscina e pulei.

Colocando-a de costas para mim, suas mãos foram ao azulejo enquanto esfregava a bunda empinada contra meu volume; eu mordia suas costas e abria os botões da camisa, libertando-a. Fiquei louco ao notar ela sem sutiã, a virei de frente segurando as bases dos seios fartos, lambendo e beijando descontroladamente excitado.

Ela desceu uma das mãos o extraindo da boxer, apertando-o masturbando deliciosamente forte.

— Ah, que tesão! — Rosnei abrindo o botão da bermuda e desci o que deu, despindo-a. Ela retirou o resto com os pés. Segurei em sua cintura colocando-a sentada na beirada, agarrei forte suas coxas definidas e as afastei, deixando-a toda aberta para mim. — Ela é linda e minha! Só minha... — rugi à loucura que a visão provocava em mim e deslizei a língua em meio aos lábios vaginais macios, com um cheiro divino de mulher e comecei a lambê-la bem devagar, fui aumentando a velocidade com meu tesão se avolumando. Só ela tinha este clitóris que me deixava morrendo de tesão.

— Caralho, Marcelo! Nunca vou resistir à esta sua pegada! — rosnou pendendo o corpo para trás e ficou ali apoiada com os cotovelos. E eu me fartando de tudo aquilo, sugava, lambia e introduzia o dedo até que não suportava mais.

— Não é para resistir nunca, Carol!

Passei o braço por sua cintura, puxando-a para dentro da água. Devorando seus lábios que amava de paixão, empurrei-a até suas costas chocarem à superfície solida e segurando nas coxas, a erguia escorada até a cabeça do meu pênis ereto, implorando pelo seu calor interno se encaixar nela. Ela parou de respirar, eu tremi todo.

— Você é muito gostosa! — rosnei tremendo, enterrando devagar e saboreando-a prazerosamente.

— Me deixa sentir ele logo! — implorou. — Coloca TUDO!

— Seu pedido é uma ordem.

Penetrei-a forte agarrando a sua coxa, fodendo intensamente. Tirei lentamente e ela resmungou, arremeti com vontade e arranquei um grito afogado.

— Mais forte, Ma, mais forte! — ordenava arrancando meus cabelos da nuca. Obedecia metendo vigoroso e a beijando. Queria muito que este momento se prolongasse, mas não dependia de mim. Infelizmente.

Esvaziei a mente estocando gostoso, sentindo minhas pernas tremerem no entra e sai. Meti mais forte, com as contrações de prazer involuntárias presentes.

— Ah! — ela gemeu abafado, sentia suas contrações internas esmagando meu pau crescendo dentro dela, estimulando as minhas contrações. Seus olhos se fecharam com ela respirando forte comigo mandando ver, a velocidade fazia a água ficar agitadíssima, chegando no ápice.

— Eu vou gozar, gata! — rosnei com o corpo trêmulo.

— F-fora, por favor! — O corpo começou a tremer, e o orgasmo veio fulminante sem que eu pudesse deter.

Agarrei seu corpo deitando a cabeça em seu ombro.

— Está segura, eu prometo! — sussurrei, garantindo em seu ouvido. — Confia em mim.

— Sobre estar segura eu ainda não sei, Marcelo! Eu perdi o prazo da minha injeção anticoncepcional trimestral. E sobre confiar em você. — Ela engoliu duro e ergueu a cabeça me fitando. — Estou me arriscando por conta própria, porque até o momento, você não é digno de confiança, portanto não peça mais isso — começou magoada. — Já basta este controle que você tem sobre mim, aliás, não confio nem em mim. Nem deveria estar aqui te dando mole, o máximo que deveria é estar me vingando de ti.

Neguei de cabeça convicto.

— Você não tem esta índole.

Ela riu revoltada.

— Pior que não, embora devesse ter!

— No momento oportuno, eu prometo que lhe conto tudo em detalhes, e outra coisa importante é que não deve contratar o Wesley.

Ela deu de ombros, curiosa.

— O que tem contra o seu primo?

— Ele já tem uma vaga na D'Ávila. Distante da Uchoa é o certo a se fazer, por enquanto.

— De qualquer forma enfrentaria uma batalha contigo na contratação dele. — Deu os ombros. Segurando minha nuca guiou meus lábios ao dela num beijo para lá de carinhoso e apartou um milimetro. Um respirando o ar do outro. — A vida é curta, e você é um gostoso ordinário.

Ria do seu jeito ainda mais apaixonado.

— Não tenho como negar a realidade, sou alguém que não resiste a você. — Emocionado, pincelei a ponta do seu nariz com o meu.

— Se existisse a máquina do tempo, eu voltaria sete anos atrás e mudaria todo o curso de nossas vidas. Seria tudo muito diferente. — Senti meus olhos cheios de lágrimas, as lembranças eram de fato chocantes. — Talvez odiar a mim não seja exatamente um carma na sua vida, e... — Fechei meus olhos, travando meus lábios com o impulso da revelação. "Você vai arrasar com a vida dela, Marcelo! Não faça isso, não você!", a voz da razão gritava dentro da minha cabeça. Intrigada, ela arqueou vasculhando meu rosto. — Eu só tenho protegido você.

Ela riu descrente, ou crente, fiquei na dúvida.

— Tanto faz agora! — disse despreocupada. — O momento contigo é maravilhoso, então quero fazer uma proposta.

Tombei a cabeça ao lado, curioso.

— Vamos fazer de conta que estamos em férias de verão, e acabamos de nos conhecer. — Ri. A ideia soou muito agradável. — Assim podemos curtir um pouco. Mesmo porque, amanhã à noite, voltaremos a nossa vida real. E ambos sabemos que nossas realidades não são flores.

Revirei os olhos, exausto, ao pensar lá fora.

— Inclusive, tem alguns papéis que preciso da sua assinatura. Não conversamos muito estes dias.

Assenti, sorrindo com os lábios comprimidos.

— A gente vê na segunda! Preciso das minhas roupas — disse ela fugindo dos meus braços e mergulhou na piscina pegando-as. Eu fiquei ali, apenas observando-a sair e vestir-se tão lindamente. *Carol, Carol!* — Vai ficar aí babando? — cobrou o bobão aqui.

— Seria legal se voltasse mais um tantinho pra água — comentei malicioso e saí. Meu pau ereto, duro, pulou no ar.

Ela riu, suspirando toda entorpecida, estimulando meu lado animalesco. Por um fio, eu correria e a levaria para dentro da piscina novamente. Delícia!

— Deixa de ser tarado e se vista logo que daqui a pouco começa o jogo.

Sacudi a cabeça alquebrado.

— Eu preferia mil vezes me trancar no quarto com a minha Carol. — Fui abraçá-la, mas ela se esquivou para o lado, rindo acalorada, como antigamente,

— Não sou mais a sua Carol. Apenas alguém que acabou de conhecer. — Ajeitou os cabelos molhados e caminhava em direção à sede.

Estes nossos momentos sempre foram ótimos, sexo sem preconceito, selvagem, nos momentos e lugares mais inusitados. O perigo nos atraía por ser mais instigante e excitante. Estremeci acirrado, cobiçando a silhueta perfeita dela de costas, afastando-se a passos de tartaruga. Eu sabia que ela provocava. Um caminhar sensual que amava e estava com uma saudade imensa.

Foi justamente o sexo que nos uniu. Numa das festas, já naquele flerte interesseiro que existia entre nós, acabamos nos enroscando no escuro e transamos. O impacto foi algo extraordinário, o melhor sexo daquela época, tão bom que o amor bateu forte, me levando à beira da dependência desta relação, ou seja, o vício era dos dois.

Foi dureza me afastar da minha bela, mas como poderia seguir em frente com a intolerância batendo dentro do meu peito e mente? Não era capaz... Eu apreciava aquela bunda redonda dura, quando ela voltou me pegando no flagrante.

— Ah, fique bem longe da sauna, ok?

Ri assentindo ao conselho e ela prosseguiu, vi que ela ria tirando uma da minha cara. Suspirei profundamente indo atrás das minhas roupas. Vestindo-me de qualquer jeito, corri até ela e praguejei com meus olhos captando o

idiota do Derek vindo na direção dela e se achando naquele traje preto medonho.

Ele chegou primeiro, postando-se à frente dela e avançou o olhar além dos ombros dela cerrando em mim, alguns metros atrás, já chegando.

— Por acaso entrou de roupa na piscina, Carol? — após perguntar, seus olhos recaíram pelo corpo ensopado dela.

— É, é... — Perdida, sem resposta, pausou ao ouvir eu tossindo, limpando a garganta, e virou a cabeça sorrindo meio que desesperada.

Pisquei sorrateiramente passando por ela, e coloquei a mão no ombro do Derek.

— Com um calorão destes, não resistimos nos refrescar. E, por favor, Derek não ouse cruzar o meu caminho, ok?! — cochichei.

A Carol escutou e arregalou os olhos, cética.

Derek sorriu desafiador, um gesto que não levei em conta. Uma, porque meu coração estava transbordando de uma paz deliciosa que há muito não sentia, uma paz que foi roubada de mim. E outra, que tinha que aceitar que o Derek nunca deu bolada nas minhas costas, ele apenas era mais uma vítima das circunstâncias.

— Marcelo! — ela advertiu. Não resisti curvar e depositar um beijo molhado em sua face fresca e saborosa, e deslizei a ponta da língua ao redor dos lábios. Fui tomado por um arrepio incontrolável e magnífico.

— Com este sabor da porra, dá vontade de comer! — sussurrei no ouvido dela e saí em direção à sede.

— Não esquenta, Derek — disse ela enquanto dizia a mim mesmo: “Nunca vai roubar a Carol de mim, nunca!”.

— Está ocorrendo alguma treta aqui? — perguntou Cauã, vindo apreensivo.

— Por enquanto está tudo sob controle — respondi passando por ele e seguindo em direção à casa.



Capítulo Quinze

CAROLINA

— Vou relevar a conduta do Marcelo, porque eu sei o quanto vocês se amam. — Fechei meus olhos tomada por uma onda de arrepios e prazer com a constatação do Derek. Legitimei ao invés de contestar.

— Como posso fazer para enganar o meu coração? Porque, para esquecer o Marcelo, só o arrancando do peito.

Balançando a cabeça, ele sorriu condescendente.

— E, infelizmente, faltaria vida no meu corpo. Eu deixaria de existir.

Afinal, não conseguia enganar nem a mim mesma, compreender este sentimento depois de tudo. É como se a minha intuição fizesse dele um inocente. Principalmente agora, sabendo que a tal Ingrid não era o que eu imaginava, então tudo, de repente, pudesse ser o oposto do que maquinei em minha cabeça durante dias. Quando fiz a proposta de vivermos em paz e romanticamente nesse final semana, eu ouvi a minha intuição. Essa sensação era estranha e estúpida, mas era assim que tudo pairava ao meu redor.

— Desabafa comigo, vai? — solicitou ele repousando as mãos em meus ombros. — Que diabos aconteceu naquele dia? — Cerrou os olhos verdes, perturbado.

Baixei meus olhos acovardada, repensando em tudo agora.

Se realmente ter escondido a verdade partiu do motivo da vergonha de ser humilhada, ou eu estava inconscientemente preservando nossa imagem, esperando um possível retorno?

Confia em mim, só isso! Este pedido tocou o meu coração. “Confio ou não, Senhor?”, pedia conselho rolando os olhos ao céu, pois existia uma mulher, uma criança. Afinal, o Marcelo sempre foi um dos caras mais cobiçados de toda Alphaville, o mais humano e fiel... Esta traição não combinava em nada com sua personalidade. *Diga, Deus, se devo confiar!*

— Tudo bem, Carol! — Derek cortou meu silêncio reflexivo. — Sempre admirei você, não posso negar, mas reconheço o momento de cair fora. — Riu lindamente. — Não há como competir com um coração apaixonado.

Ri aliviada envolvendo os braços ao redor do seu pescoço e o soltei rapidamente lembrando do meu estado.

— Estou molhada, esqueci completamente.

— Está calor. — Puxou-me de volta aos seus braços.

— Obrigada por ser este cara bacana — sussurrei ao seu ouvido.

Deslizando as mãos em minhas costas, beijou minha face antes de arcar atrás dos meus olhos.

— Sabe que em vários momentos precisei bloquear um sentimento mais forte, querendo penetrar no meu coração?

Neguei e beijei sua face encantada com seu jeito doce.

— Se tivesse me apaixonado, eu estaria ferrado agora, né?

Grunhi, soltando-o.

— Eu juro que tentei esquecer, e fracassei em todas as tentativas! Não controlo meu coração.

Ele assentiu de cabeça e prosseguiu recuando e repousando as mãos na cintura.

— Tive uma conversa com o Cauã lá dentro, e fiquei sabendo de uma decisão legal do Marcelo; e presenciando vocês sempre juntos, comecei a mudar minha opinião em relação a ele. Ele não mudou, apenas assumiu uma

postura diferente, de autodefesa eu presumo. Convenhamos que o Marcelo nunca fora arrogante. O cara sempre foi gente boa, né?

Torci a boca curiosa.

— Oi, pessoal! Está tudo bem por aí? — perguntou Cauã a alguns metros e se achegando.

Nenhum de nós acenamos.

— Pergunta diretamente ao Cauã.

— Acredita mesmo nisto?

Ele estendeu seus braços, catando minhas mãos ao lado do corpo, levou aos lábios e beijou-as ao mesmo tempo.

— Você é quem tem de acreditar. Mas não esqueça que a confiança tem que ser conquistada.

Piscou e foi neste instante que o Cauã se colou ao nosso lado, entreolhando desconfiado.

— Espero que esteja tudo bem, acabei de cruzar com o Marcelo e ele não estava com a cara boa — explicou num meio sorriso constrangedor.

— Está tudo ótimo — Derek respondeu. — Estava comentando com a Carol sobre o que você me contou lá dentro. — Dizendo isto bateu levemente nas costas de Cauã e saiu nos deixando sozinhos.

Olhei curiosa para Cauã.

— O Marcelo mandou parar com o processo contra você.

— Esta ordem veio hoje? — As batidas contínuas do meu coração reverberavam nos meus ouvidos, tamanha a ansiedade da resposta.

— Não, foi na empresa!

Comecei a rir, imersa em esperanças.

— E ele está tendo problemas com o Tiago.

Sacudi a cabeça.

— Estou ciente, já me contaram sobre a discussão dos dois lá na sala.

— Você tem um poder surpreendente sobre o Marcelo, que fico me perguntando como é possível. Ele é um empresário centrado, só faz escolhas acertadas. A compra da Uchôa, mesmo no valor absurdo, não faz sentido algum — argumentou. — E agora essa desistência.

Virei os olhos inquietos na direção da piscina, analisando tudo e voltei a fitar Cauã.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal?

Ele acenou que sim de cabeça.

— Sabe se o Marcelo tem algum compromisso sério com alguém? — perguntei tentando pescar algo, sendo ele advogado e amigo.

Ele riu descrente.

— Tenho absoluta certeza de que não. Há seis anos, o Marcelo vive apenas para o trabalho — afirmou ele com todas as letras, me deixando superanimada.

Era intrigante o segredo dele ser casado se estender ao seu advogado, e com certeza à sua família. *De qualquer modo, a informação amplia a vontade de lhe conceder o voto de confiança ao qual solicitou, e seja o que Deus quiser!* Sem esperar nada em troca, apenas pelo prazer de senti-lo em minha pele.

— O Marcelo é uma incógnita! — brincou.

— Preciso de um banho, urgente — informei percorrendo os olhos pelo meu corpo. Ele acompanhou meu olhar sorrindo matreiro, porém não esboçou nenhum comentário.

— E eu vou para o campo aquecer antes do jogo.

— Até mais. — Beijei sua face quentinha e caminhei a passos rápidos em direção à sede, na dúvida se saltitava de felicidade ou caía de joelhos e choro por esta insanidade toda.

Faltando algum tempo ainda para o jogo, as pessoas se concentravam na varanda, aproveitando a excelente estrutura. Wesley, afastado de todos, próximo ao braço da piscina que invadia a sala, falava ao celular gesticulando demasiadamente com a mão e acenou ao me ver, acenei apenas com a cabeça.

Tiago conversava num canto com a Susana, que usava um short jeans, cinto preto e uma blusa branca, belíssima. Ela observava-me pelo canto do olho. Próximo ao casal estava meu irmão numa prosa que parecia acalorada com a Cláudia, num look diferente, sobre os cabelos loiros abaixo dos ombros usava um chapéu claro combinando com a sandália de salto, por baixo de um sobretudo de tecido leve e estampado em azul estava usando um short jeans e uma regata branca, colada ao corpo escultural. Ela fez um alarde quando me viu.

— Eu não posso acreditar que esteja encharcada pelo suor — brincou ela trazendo uma porção de olhares curiosos.

Senti o calor espalhar por minha face e abri um sorriso envergonhado, ciente de que estava corada.

— Não resisti à piscina e acabei entrando com roupa e tudo — expliquei baixo, mas não houve como disfarçar com o comentário que veio dela em seguida.

— Agora todo mundo resolveu entrar na piscina com roupa? O Marcelo teve a mesma ideia sua. — Sentindo certa maldade da Cláudia, lancei um olhar aflito para o Tiago, sua desaprovação estava ali na mandíbula travada, irritado.

E saiu deixando a Susana falando sozinha.

— Espera aí, Tiago! — Susana foi apressadamente atrás dele, e a Cláudia soltou um risinho de satisfação.

— Qual é a sua, Cláudia? — advertiu Gui, impaciente.

Ela deu de ombros com desdém.

— Foi o único jeito de me ver livre desta sonsa da Susana. Ou acha que não notei sua inquietação vendo-a junto com o Tiago?

Ergui a sobrancelha cética quando os olhos verdes insurgentes do meu irmão toparam com os meus.

— Aí está a resposta à pergunta que me fez, enquanto carregávamos o carro. — E saiu caminhando rápido, pegando o caminho que levava ao campo onde aconteceria a final.

Tão linda e tão vingativa, eu hein!

Entrei na sala, o Wesley agora sentado ao lado da dona Esmeralda, pareciam tão íntimos naquela conversa descontraída. Ela ria muito. Nem havia notado o momento em que ele entrou.

— Ah, você está aí? — Dona Esmeralda se direcionou a mim. — O Wesley é muito divertido, você contratou uma excelente pessoa.

Recapitulando a solicitação do Marcelo, senti um aperto enorme no peito com o sorriso angelical e escancarado brotando em sua face.

— Certo, certo. — Ri sem jeito e parti em direção as escadas em busca de um quarto livre.

Quartos não faltavam na casa principal e também por toda a fazenda.

Subi os degraus de concreto segurando no corrimão de madeira de lei, muito legal por sinal e acessei o enorme e largo corredor com piso queimado, esculturas de bronze francesas e quadros temáticos. Os quartos já ocupados encontravam um aviso dependurado na maçaneta, redonda e bronze, das portas enormes de madeira de lei.

Quando menos esperei, a porta do meio do corredor se abriu e o Zeus apareceu, os cabelos molhados grudados na testa, dirigindo-me aquele olhar cinza transparente de desejo e vestindo apenas uma boxer preta. Embora sem fala, o encarei sem medo e desci os olhos para o preponderante sobressaltado empurrando o tecido da única peça de roupa que ele usava.

— E-eu... — suspirei o perfume extremamente fresco remetendo ao banho tomado. A emoção roubou minhas palavras quando fui surpreendida com sua mão pegando a minha, e num tranco fui arrastada para o interior do quarto. — Jesus! — Foi a única palavra que fui capaz de esboçar com seus pés empurrando a porta, que se fechou, e mais um tranco com seu corpo se chocando ao meu, me atarracando na madeira. Adorava ele assim, tão fresco quanto a brisa do mar.

— Já estava com saudade desta boca sensual, lábios cheios e exuberantes. — Levando minhas mãos acima da cabeça as prendendo lá, me beijou com uma urgência tão feroz, que perdia o fôlego. — Retribuía com o mesmo ardor, sendo moída na porta. Delícia.

Por um segundo repensei na vida, com suas mãos desbravadoras descendo meus braços, apertando-os, me levando às nuvens, eu bloqueei com seus dedos se fechando com atitude na minha cintura, fazendo a volta se posicionar na lombar, entre a bunda e coluna, exigindo mais contato, quase me perfurando com sua rigidez. Mordi o lábio inferior para abafar gemidos prometendo ser escandalosos.

Concluí que não desejava analisar minhas atitudes, queria apenas sentir. Nunca ninguém conseguiu me fazer tão realizada no sexo como o Marcelo. Sexo com ele era algo absolutamente fabuloso, indiscutivelmente, a melhor coisa do mundo.

— Que delícia que é beijar a sua boca. Provar cada canto dela — sussurrou baixo nela escorregando seus lábios no canto dele e mordeu antes de seguir com eles molhados por minha face arqueada, até meu ouvido. O desejo que sentia por esse homem era maravilhoso, estou entorpecida de desejo. — Eu sou louco por você, gata! Você é única — sussurrou novamente. — Minha, só minha!

Verdadeiro ou não, soou magnífico, mas eu não podia deixar me levar, a proposta de um fim de semana nada mais era do que um conto de fadas. À meia-noite, a charrete vai voltar a ser uma abóbora e como tudo que era perecível, ela vai apodrecer e, no máximo, tornará um adubo que talvez nem seja bom para fertilizar a terra e tudo recomeçar.

— Por favor, nosso acordo não inclui mentiras, ok? — resmunguei gemendo toda arrepiada, a sua língua dando voltas por dentro da minha orelha. Em um tesão incrível, comecei a sentir contrações ritmadas, minha calcinha mergulhava na inundação.

— Está longe de ser mentira, minha bela! Você desperta o verdadeiro Marcelo! — rosnou maluco apartando somente um tantinho o quadril, abrindo o botão da minha bermuda. — O Marcelo que mulher nenhuma conheceu. O original! — completou num sussurro sem fôlego. Abriu o zíper e desceu tudo junto à calcinha e seus dedos hábeis assumiram a região, deslizando-os para cima e para baixo, tremendo e gemendo, sentindo-a molhada.

Corri minhas unhas pelo tórax delicioso e invadi a boxer, agarrando aquilo tudo, encantada sentindo as veias. Ele sempre me encantou e era o único na minha vida.

— Oh! — ele rugiu, beijando e mordiscando a pele do meu pescoço. — Está sentindo a dureza?

Assenti, mordendo o beiço e me contorcendo a sua masturbação fodástica.

— Nestes seis anos foi assim, esta ereção quase eterna, pensando em você. — Seus lábios foram descendo junto com suas mãos; pegando na barra da blusa, subiu tirando-a pela cabeça e a jogando em algum lugar e suas mãos possessivas massagearam meus seios. — Ah, minha Carol! — murmurou segurando na base, erguendo-os, abocanhou um e depois o outro num trato que somente ele sabia fazer.

Meu coração apaixonado se derretia às suas palavras. *Não, não! Não poderia ser uma completa dependente dele. Não espere nada dele, Carol!* A definição não acalmou meu coração acelerado, angustiado. Engoli duro com seus dentes se fechando no bico entumecido, ignorando meu coração e focando apenas no sexo, na satisfação da carne.

— Não fala mais nada e me fode logo! — exigi.

— Vou fazer você subir pelas paredes, gata! — Segurando em meu braço, colocou-me de costas para ele, encaixando o pau pulsante no meio da minha bunda, uma mão deslizava por minha lubrificação, circulando meu clitóris inchado e latejando de tesão, e os dedos da outra mão se fechara ao redor da minha garganta. — Dar o meu melhor a você — rumorejou no meu ouvido, causando uma sensação indecifrável. Trepidava legal!

— Ahhh!!! — Fechei meus olhos com seu dedo penetrando, seus lábios explorando a pele do meu pescoço divinamente; em seguida, arqueou meu pescoço em busca dos meus lábios num beijo molhado, ardente.

— Oh, meu pau está doendo e precisa urgente do seu calor. — Seus dedos saíram de dentro de mim e foram descer sua boxer.

Parei de respirar sentindo a rocha em contato direto com a minha bunda.

— Caraca! — pronunciei estremecida.

— Você quer ele, quer? — perguntava ao meu ouvido, passando a cabeça robusta na beirada, brincando sem pressa, me enlouquecendo.

— Eu quero, quero... agora! — implorava remexendo, empinando e querendo encaixar logo, desesperada.

— Então vou deixar você experimentar, tá? — soprou trêmulo no meu ouvido, eu assenti. Quando senti-o colocando, empurrou, suspirei sentindo a glande rasgar penetrando, e ele se deteve com ela ali.

— Mais... — supliquei ofegante, empurrando o quadril contra ele que arqueou provocando, despertando aquele suspense todo. Fiquei ainda mais

excitada. *Céus!*

— Vou dar tudo o que deseja, tudo —balbuciava no meu ouvido, esfregando o dedo no meu clitóris e empurrando aquele instrumento tamanho família e, quando tentava empinar querendo tudo rápido, ele ameaçava tirar. A minha excitação despontou indo ao ápice, ambicionava tudo e veloz.

— Você sabe mesmo enlouquecer uma mulher — admiti, louca de desejo para sentir tudo dentro de mim quando, rugindo, ele enterrou tudo sem dó nem piedade.

— AH! — Não contive o grito com ele penetrando fundo, enquanto seus dedos trabalhavam em meu clitóris.

— Isso, amor, geme na minha tora, geme! — murmurava rugindo ao meu ouvido, estocando num ritmo alucinado.

Amor? Ali, sendo sacudida, invadida, senti vontade de chorar. Eu queria que fosse amor, queria ser fodida assim por ele a vida toda. *Eita, Carol! Para com isso, mulher, sem palavras. Não disse que não esperaria nada desta aventura?*

Ainda fodendo vigoroso com sua pegada dos infernos, ele me empurrou até a cama, caí de bruços sobre ela. E antes que eu esboçasse qualquer reação, agarrou meu quadril me colocando de quatro, deu um tapa excitante na minha bunda e penetrou com sua força máscula. Este era seu jeito, vai chegando e enlouquecendo a gente. *Amo este homem, amo demais!*

Esta forma dele pegar a gente, impossibilitava até a respiração. Era gostoso, divino e incitava o desejo da transa durar horas a fio, sem pausa.

— Caralho, como pode ser divinamente apertada deste jeito?! — rugia na voz rouca elogiando, juntou aos meus cabelos, puxando na medida certa, enquanto estocava, fodendo delicioso. Tirou, e segurando meu quadril enfiou a cara na região, beijando, sorvendo guloso, introduzindo sua língua e voltando a me penetrar com o poderoso. Ele era tudo.

— Ahhhh — comecei a gemer com os espasmos, sentia fortes contrações e um arrepio por todo meu corpo pronta a gozar e, como sempre ao me ver perto do orgasmo, judiou saindo de dentro de mim. — Não! — reclamei ofegante.

Ele me jogou de costas na cama, entrando no meio das minhas pernas, com seus olhos cinzas conectados aos meus, e me penetrou bem devagar para que eu sentisse cada centímetro dento de mim entrando, e me beijou tão apaixonadamente, que eu poderia afirmar que me amava como eu o amava. Fechei meus olhos bloqueando o sentimento e tentando focar só no sexo, sentindo aquele pau enorme e muito duro ir e vir dentro de mim. Um gemendo na boca do outro.

— Não existe coisa melhor no mundo do que fazer sexo contigo, Carol! — Os suspiros ruidosos dele soando em meus ouvidos eram incríveis com ele aumentando o ritmo, fodendo desesperadamente. *Fazer sexo com quem se ama é a melhor coisa do mundo! Desencana, Carol!* Sacudi a cabeça imperceptivelmente voltando ao momento, sentindo as minhas paredes internas num iminente orgasmo pressionar o pênis crescendo e endurecendo mais, deslizando prazerosamente.

E arremeteu segurando profundamente trêmulo, como eu, arfei num orgasmo esmagador, juntos, sentindo ele, ejacular gostoso. Tive um segundo de consciência recordando que estava desprotegida, mas foi um segundo apenas. No segundo seguinte, eu estava ali, com ele movimentando lentamente e recebendo sua língua de sabor único em minha boca, devorando-a como amava.

Exausto, seu corpo caiu ao meu lado na cama.

— Você é incrível! — Levantando o tronco, deu-me mais um ardente beijo.

— Atenção, jogadores, todos estão convocados para comparecerem neste minuto no campo! — Ouvimos a voz do Bernardo no corredor. Pausamos o beijo e rimos um nos lábios dos outros.

— Eu não vou mesmo — disse ele sorrateiro, passando os braços ao redor do meu corpo e me agarrando gostoso.

— Como não? — brincando o empurrei para fora da cama e ele caiu sentado no chão. — Você deve ir — repreendi-o, rindo. Ele permaneceu sério, ali sentado no chão, com seus olhos percorrendo minha face, como se estivesse fazendo um reconhecimento. Deitei de lado, admirando-o. — Se eu parar para pensar como você está fazendo, eu tenho certeza de que vou dar na sua cara e sair deste quarto correndo.

Ele riu do meu comentário e curvou o rosto aspirando minha pele, causando-me um arrepio maravilhoso.

— O acordo foi fechado, então não vale pensar em mais nada a não ser sentir, ok?

Respirei emocionada, assentindo de cabeça. Matreiro, ele se levantou prendendo meu olhar e curvou-se sobre mim.

— Vem cá — me pegou no colo — que eu vou te dar um banho de muito prazer.

— Ai, delicia! — disse passando meus braços ao redor do seu pescoço. E aos beijos ardentes ele me levou para o banheiro.

Foi o melhor banho dos últimos anos, um deleite de momento embaixo da água morna. O melhor beijo, melhor sexo oral, completíssimo. Marcelo explorou cada canto do meu corpo e eu retribuí.

— Você vai assistir ao treino, ou vamos nos ver apenas na hora do jogo? — No meio do quarto, já vestido para sair, perguntou segurando meu rosto, vasculhando-me com aqueles olhos cinzas lindos, que tantas vezes morri de saudades.

— Vai ficar na expectativa porque não vou dizer. — Rindo, ele me puxou para um beijo prolongado, molhado.

— Por mim nem sairia deste quarto — confessou novamente, num tom sincero, liquefazendo meu coração já aquecido de amor.

— Por favor, Marcelo! Nada de mentiras...

Ele riu sacudindo a cabeça, beijou-me de novo e deu-me as costas caminhando em direção à porta. Não resisti vendo aquela bunda, braços musculosos e corri me dependurando em suas costas.

— Eu necessito de mais um beijo! — Montada nele, com os braços cruzados em seu pescoço, solicitei em seu ouvido.

— Eu necessito de um milhão mais — sussurrou beijando meu braço com carinho. Segurando, trouxe-me para frente. Com as pernas abraçadas à sua cintura, nos beijamos calientes e logo senti seu pau duro me cutucando. — Se continuar nesta provocação vou abandonar de vez esta final.

Rindo, ele me colocou no chão e depois de mais um beijo, precisava perguntar sobre o processo e o fiz:

— Você parou ou desistiu com o processo contra mim?

Ele grunhiu, revirando os olhos e retornou fixando com seriedade.

— Depois! Agora é a minha vez de fazer exigências. — Moldou meu rosto entre suas mãos grandes acariciando meu maxilar com seus polegares, o circulando pelos lábios entreabertos. — Para que nosso acordo seja um sucesso, devemos esquecer o mundo lá fora. Vamos fazer de conta que não existe vida além da porteira desta fazenda. Acha que consegue? — Seus olhos cintilaram, eu sabia que eram as lágrimas, mas ele as segurou se mantendo no controle.

Eu não entendi aquele seu gesto, mas ele estava com a razão, o mundo aqui estava extraordinário e eu aspirava extrair o melhor proveito possível.

— Eu sei que vou me arrepender, mas eu consigo sim — balbuciei imersa numa emoção que não cabia em meu peito.

Sem outro beijo, ele saiu apressado com os chamados pelo seu nome.

Se estava certa ou errada, eu não sabia, mas estava realizada. Recuei até minhas pernas pararem na cama e me joguei de costas, abri meus braços e ri suspirando com olhos fixos no teto.



Capítulo Dezesseis

MARCELO

Que vida de merda!

Assim que fechei a porta, almejava esmurrá-la até ferir minhas mãos, meu desejo neste momento era de sangrar até a morte. *Caralho de vida!* Escorei-me na parede ao lado da porta, enroscando os dedos pelos cabelos úmidos, elevei a cabeça e, vagueando no teto, fiz o impossível a fim de equilibrar minha respiração descontrolada. Afinal, tudo em mim estava fora de controle, a minha vida estava atolada no lamaçal, uma desordem insuportável.

Será que esta tempestade nunca vai passar para eu sossegar?

Não! O duro era que não. Pendi a cabeça, desanimado. A possibilidade de isso acontecer era remota, praticamente zero na verdade.

Minha paciência estava se esgotando a cada minuto que passava, sobrecarregado, o meu coração se expandia, ficando apertado dentro do peito. Este segredo estava me matando por dentro, roubando meu autocontrole; e precavido de explodir de dentro para fora e mandar toda esta merda pelo espaço, segui pelo corredor a passos rápidos. Se o sofrimento é inevitável, então que somente eu o abrace, e morra com ele.

— Espero que o motivo de estar trancado dentro do quarto até agora com a Carolina seja nobre! — No centro da sala vazia, já vestido no uniforme do nosso time: camiseta vermelha e bermuda branca e segurando seu aparelho celular na mão direita, falou Tiago, irritado e em tom de ironia. Furioso à ofensa, apertei os olhos. — Estava aqui, justamente falando com o nosso pai

sobre a divisão das quotas entre nós dois. Só que para isso, você precisa finalizar a compra da Uchoa, não pretendo pegar a minha parte enrolada. — Ele veio me encontrar na escada com o aparelho celular na mão esticada.

— Você nunca mais vai pronunciar algo neste teor sobre a Carol, ou eu quebrarei todos os seus dentes. Será que deu para entender? — Determinei descendo o último degrau o ameaçando e apontando o dedo indicador na sua cara.

Ele não se intimidou, apenas ergueu as sobrancelhas dissoluto.

— Atende seu pai.

Bufei, arrancando o aparelho de sua mão, levando aos ouvidos e fechei os olhos, indignado por estar ouvindo aquilo tudo. Ele falou, falou e na pergunta emudeci sem condições nenhuma.

— Ligar para dar satisfação onde está, nada, né? — Mais asneiras eram pronunciadas, levando-me ao pico da impaciência. — Basta de hipocrisia, senhor Ruan, você tem responsabilidade nesta porra toda... — Fixei no olhar curioso do Tiago ali em minha frente, os braços cruzados na altura do peito estufado. — Não, não vou ouvir! — Fui irredutível. — E vou falar mais! Tenho feito um esforço descomunal para não levar para o lado do rancor, e você está me arrastando a ele... — Ouvi seu suspiro de pura frustração, como eu me sentia: frustrado ao extremo pela mudança radical do curso da minha vida. — Você quem sabe!... Não precisa se apressar em voltar, você presente ou ausente não faz a menor diferença, já bagunçou com tudo mesmo, fodeu com a minha vida, arruinou a minha felicidade... Por que está tão preocupado? — perguntei erguendo os olhos. Tiago apertou os olhos especulativos, desviei com meu coração apertado, em imaginar o sofrimento dele se um dia essa merda vir à tona. *Não posso permitir!* — Pode ficar tranquilo, o meu silêncio é garantido e não faço isso por você. Mas saiba que

acabou de perder o meu respeito... E desculpa! Não tenho condições de gastar meu precioso tempo falando contigo neste momento.

Amargurado, entreguei o aparelho de celular ao meu irmão e saí em direção à porta de vidro numa fuga alucinada. Ele me chamou intrigado:

— Espera aí, Marcelo! — Parei no meio do caminho e respirei fundo, sem me virar. Sua respiração pesada se misturou aos ruídos nas portas de vidros e janelas devido ao vento forte que começava. — Esta conversa sua com o nosso pai... — Jogou no ar, aguardando-me completar, dei de ombros simulando indiferença quando, na verdade, sentia fortes dores no peito, com ele inchando mais. Ele não merece sofrer, ninguém ao meu redor merece... E abracei tudo, à minha maneira, de poupar a todos e carrego esta tonelada enorme comigo. — Que diabos está acontecendo, Marcelo? — insistiu confuso.

Respirei fundo e segurei todo o ar, refletindo sobre o que responder, não poderia mentir para o meu irmão. *Mas o que poderei dizer sem trilhar o caminho da mentira?* Fechei meus olhos soltando todo ar e girei nos calcanhares.

O silêncio, unido ao olhar de repreensão dele, se estendeu sem que eu conseguisse pensar numa desculpa que não me agredisse. Estava exausto de tudo! Impaciente, ele quebrou o silêncio.

— O que vocês estão me escondendo, hein? — perguntou passando a mão pelo cabelo, nervoso. Balancei a cabeça, ainda sem uma definição. — Esta conversa paralela tem a ver comigo, não tem? Vai, Marcelo! Fala logo, cara! Embora não tenha entendido nada, sei que há algo cabeludo.

— Eu sinto muito, mano! — Sem nada organizado em minha cabeça, aproximei-me e repousei a mão direita em seu ombro esquerdo. — Se quer respostas, então sugiro que pergunte diretamente ao senhor Ruan. Ele é a pessoa ideal para explicar melhor do que eu. — O toque, na verdade foi mais

uma intenção de um desabafo. Estava farto dos joguinhos, segredos e mentiras.

— Não vai ousar me deixar no vácuo! — ele expos injuriado.

— Desculpa! — Angustiado, andei em direção à porta.

Ele não se deu por satisfeito e exasperou-se:

— Você sempre foi um cara que admirei pela franqueza, tanto na vida profissional como pessoal, não me faça perder esta admiração.

Pendendo a cabeça, embrenhei os dedos nos cabelos chegando a única conclusão e disse a ele:

— Infelizmente, me saquearam a franqueza e a trocaram por uma fortaleza.

Até eu desconhecia esta minha força, o fardo é pesado pra cacete!

Saí dali o mais rápido possível, ganhando a parte externa da casa. O entardecer de céu cinza emanava um clima pesado, como o meu coração. Balancei a cabeça para dissipar o sentimento inoportuno, seguiria nosso acordo para lá de bom, à risca. Desconsiderando os problemas além da porteira, preservando os momentos vividos aqui. Lembrar além do arrepio descendo da espinha, veio o frio na boca do estômago, e aquela paz indiscutível ao meu coração.

Descendo a trilha que leva ao campo, apreciava o horizonte verde, experimentando o toque do vento em minhas costas, impelindo-me para frente, eu quase flutuava com a leveza do meu corpo. Esta trégua com a Carolina era algo grandioso, há muito não me sentia tão bem, feliz e em paz. *Eu queria muito ter uma chance com ela!*

O farfalhar das palmeiras e os galhos das árvores frondosas, agitadas pelo vento, indicavam uma tempestade bem próxima.

— Nossa! Já estão todos no campo, só falta você e o seu irmão — subindo, o Wesley comentou guardando o celular, que acabara de desligar, no

bolso da bermuda branca, aparentemente vindo do campo, porque vestia o uniforme do nosso time. — E onde ele está?

— Deve estar vindo aí — respondi descendo a trilha. Mas dona Esmeralda veio à mente e virei o chamando: — Wesley?

Ele girou o corpo imediatamente ao meu chamado.

— Sim. — Um sorriso aberto plantou no rosto.

— Dona Esmeralda está no campo?

Ele negou.

— Conversamos por um bom tempo na sala, e depois a acomodei no quarto no andar superior.

Quanta gentileza!

— Obrigado.

— De nada. — Movendo os ombros, ele seguiu subindo a trilha em direção à casa. E eu para o campo.

Por uma das três entradas, atravessei a cerva viva dos eucaliptos e mais alguns metros de gramado natural, rente ao solo, já estava no campo retangular que cumpria todas as normas, e o tapete verde era um gramado sintético, pensando no seu baixo custo de manutenção.

Apesar dos jogadores estarem apenas se aquecendo, os torcedores faziam uma algazarra nas arquibancadas, gritando, pulando, incentivando o time. *Uma verdadeira demonstração de apoio!*

— Vai lá e arrasa, Marcelo! — Ingrid, ao lado do marido, toda empolgada gritava fazendo a torcida entrar num frenesi intenso. Notei tantas pessoas diferentes que não conhecia em torno dela. Desanimado e, confesso, despreparado para o jogo, meu coração acelerou de animação. Acenando, corri para o vestuário a fim de vestir meu uniforme e me deparei com o Derek saindo, vestindo seu uniforme: camisa verde e bermuda preta.

Paramos um centímetro um do outro, sérios.

— Enfim, chegou o momento que todos aguardavam, uma disputa inevitável entre nós!

Franzi o cenho negando em um movimento de cabeça. Ele arqueou as sobrancelhas desentendido.

— Está equivocado, Derek. Se está se referindo à Carol, ambos sabemos que nunca houve uma disputa — ressaltei com todas as letras. — E desculpa aí pelo meu comportamento tempestivo. Muitas coisas desagradáveis aconteceram ao mesmo tempo.

Ele riu concordando, movendo a cabeça.

— Eu sei, cara! — Bateu levemente no meu braço. — E não há a necessidade de pedido de desculpas. Eu que trilhei no seu caminho, achei que apostando algumas fichas eu poderia ganhar a partida, e não. O coração da gata é seu, sempre foi. Espero que saiba reparar o tempo perdido, a propósito este é o seu melhor momento.

Estendeu a mão, eu apertei camarada, como no passado.

— Em relação ao jogo, que vença o melhor! — Puxei-o para um abraço.

— Boa sorte a todos nós!

— Agora eu vi vantagem! — interveio Cauã saindo do banheiro, já vestido no nosso uniforme. — Será uma guerra boa e limpa.

— Não vi o Tiago ainda. — Bernardo, saindo em seguida do banheiro, bateu no meu braço.

— Ele deve estar descendo, deixei-o agora há pouco na sala — expliquei e ele sorriu com pesar.

— Não estava nos meus planos chegar tão tarde — explicava Bernardo. — É que os meus pais chegaram hoje pela manhã, e fizeram questão que eu fosse buscá-los no aeroporto.

Os gritos de guerras ficavam cada vez mais fortes, desviando nossa atenção.

— Deixa ir me trocar, daqui a pouco encontro você lá no campo.

Cauã entrou comigo e veio falar sobre o fato de ter revelado sobre o processo.

— Deixei escapar sem querer para o Derek. — Sentado no banco de madeira, enquanto me trocava, ele me olhava apreensivo.

— Não esquenta, Cauã! Não falou nada além da verdade.

Ele soltou o ar aliviado.

— Pelo que entendi lá na piscina, você e a Carol estão se entendendo.

Acenei de cabeça distanciando meu olhar, repensando em tudo e doeu pacas.

— É o que eu mais desejo nesta vida. Só que não depende apenas de mim.

— Seja lá quais forem as razões que os levaram a se separarem, acredito que tudo é perfeitamente desculpável — disse imerso em um sorriso abrangente. Voltei os olhos ao seu rosto, sorrindo numa puta incerteza.

— Acho que neste caso não cabe desculpas. — Dei de ombros desnorteado, desolado de tudo. — Não se tem como escolher lados que amamos. E é impossível viver na mentira. Para tudo encaixar e existir felicidade, ambos devem ser agregados. — Soltei o ar resignado. — Deixa terminar de me trocar, quero aquecer antes do jogo.

Ele assentiu, me deixando sozinho. Balancei a cabeça para esquecer o mundo lá fora e centrei somente no aqui, no dia de hoje. *Maravilhoso!*



Um relâmpago serpenteou pelo céu e a torcida acendeu os celulares com o total escurecer de ventos fortes. Vibrava, ovacionava e emocionava a todos. Um incentivo arrepiante e foi neste momento que os poderosos holofotes se

acenderam, iluminando ao redor com uma luz branca intensa, indicando o fim do aquecimento e o início da grande e esperada disputa.

Onde será que o Tiago se meteu? Chateado, pensei que o motivo dele não comparecer ao aquecimento fosse pela nossa discussão. *Preciso me acertar como o meu mano!* Soltei o ar, exausto.

— Aquele clarão atrás dos eucaliptos está esquisito. — Preocupado, o Derek avisou se colocando ao meu lado e apontou. De fato a coloração vermelha amarronzada além da vegetação assemelhava-se a fogo.

Girei nos calcanhares e notei que, alimentadas pelo vento quente e forte, as chamas espalhavam-se em várias direções.

— ESTÁ PEGANDO FOGO! — Alguém da arquibancada berrou. Em seguida foi aquela correria absurda. Pessoas gritando, correndo em direção às saídas, todos tentando se protegerem.

— Meu Deus! — pronunciei correndo os olhos entre o aglomerado procurando pela Carol e Tiago e não os encontrei.

— Acho que conseguimos sair por lá. Marcelo. — De mãos dadas com seu esposo, Ingrid se aproximou e pegou na minha mão, me levando em direção a uma das saídas.

— Vão na frente, preciso encontrar o Tiago e a Carol. — Meu coração batia a mil e o desespero de perdê-la era maior do que meu medo. Soltei de sua mão voltando ao centro do campo, os focos se espalharam rapidamente, aproximando-se e tornando a temperatura insuportável. Corri em direção aos demais.

— SOCORRO! — Muitos gritavam em prantos com o vento espalhando faíscas pelos ares, propagando o fogo e fechando as saídas.

— MEU DEUS, VAMOS MORRER! — Os mais desesperados se jogavam no chão, entregando-se ao inferno. De fato, estávamos no inferno.

— Tem uma saída intacta! — Ouvi a voz do Bernardo. — CORRAM! — implorou ele, e todos correram na direção da voz. A fumaça espessa prejudicava a visão e dificultava a respiração.

Não segui a trilha da sobrevivência, porque tinha certeza de que a Carol e o Tiago não estavam entre o povo correndo. E agradecia ao Wesley por acomodar dona Esmeralda no quarto. Inconscientemente ele a protegeu, vou agradecer adequadamente depois. Até onde meus olhos viam, foquei, vasculhei o gramado, eles poderiam estar por ali, machucados. Porém, não desisti, o amor por eles me empurrava para a luta.

— Marcelo, você está louco, cara? — Derek, amigo pra caramba, retornou pegando no meu braço. — Tem uma brecha daquele lado, vamos.

— Não posso antes de encontrar a Carol e o Tiago. — Num tranco livrei de sua mão e voltei próximo às arquibancadas, forçando a vista na tentativa de ver algo além da cortina escura e densa da fumaça. — CAROL? CAROL? TIAGO, TIAGO?

— Eles devem ter saído junto com o tumulto. Por favor, Marcelo, precisamos nos salvar! — Desesperado e com uma mão na boca devido à forte fumaça, os dedos do Derek se fecharam em meu braço. — Permanecer em meio a todo este fogo é assinar o atestado de óbito, cara. Pelo amor de Deus, vem comigo! — Puxou e novamente me soltei.

— Antes vou dar mais um giro na arquibancada — avisei levando a mão à boca. Realmente respirar estava quase impossível com o fogo consumindo toda a vegetação ao redor. — Se salva, cara!

— Eu não acredito nisto! — reclamou ele saindo em disparada em direção à única saída que o fogo ainda não tomou e que todos saíram.

— CAROL? CAROL? TIAGO, TIAGO?

Averiguei em todos os cantos e nada deles, um incêndio começava no meu coração com a necessidade de abandonar o barco. A desesperança instalava-

se tornando a esperança cada vez mais ameaçada. Estava insuportável e não havia como ficar mais.

— Deus, proteja-os para mim.

Corri em direção onde todos saíram deste inferno, meu coração disparou, constatando que não havia mais como sair, estava literalmente cercado pelo fogo. O calor já estava a ponto de queimar a minha pele, suava em demasia. Só restou correr para a trilha que dava na piscina natural, as águas ajudariam a refrescar meu corpo.

Meu instinto, por conhecer a região, levou-me na direção e, quando estava quase à margem, senti um golpe nas costas, como algo sólido, que impulsionou meu corpo para frente, escorreguei no terreno íngreme caindo de cara no chão, e uma pancada na testa me deixou zonzo, caí nas águas.



Capítulo Dezessete

CAROLINA

Joguei-me sobre a cama com a saída do Marcelo. Pensei e repensei na minha vida, na degradante humilhação que ainda estava viva em minha mente, em minha alma. No sentimento que proliferava no meu coração: afeto, carinho... enquanto deveria sentir repulsa. E o que mais doía era o fato de a esperança existir em meu ser, o amor sobrepondo todo o sofrimento, e eu morrendo de felicidade. Em paz...

Confie! A dura e crua realidade era que estou confiando e não deveria. *Lamentável a minha situação!*

Diante dos pensamentos emaranhados, adormeci profundamente.

Despertei com a gritaria vindo distante, o quarto mergulhado na penumbra. Ainda sonolenta e com um aperto enorme no peito, saltei da cama, andei na escuridão até o interruptor ao lado da porta e acendi a luz. Vesti a bermuda e a camiseta de qualquer jeito e saí descalça, rapidamente do quarto.

O corredor estava silencioso.

— O que está havendo? — Com os olhos inchados e cabelos desalinhados, de quem acabou de acordar, dona Esmeralda saiu por uma porta e com os olhos enormes, assustados veio se encontrar no corredor comigo.

— Não sei ainda! — respondi aflita segurando em sua mão. — Entre no seu quarto e permaneça lá, enquanto vou averiguar, ok? — situei, preocupada com a sua segurança.

Ela assentiu, e em seus passos lentos, seguiu até entrar no quarto, em segurança. Corri até as escadas, descendo os degraus de dois em dois e atingindo a sala, saí pela porta de vidro.

Ao longe via labaredas se elevarem em brilhantes rajadas em tons alaranjados e vermelhos iluminando a noite. Muitos lamentos angustiantes. Não tive dúvidas e saí em disparada em direção ao campo.

— Céus, o que aconteceu aqui? — Com as mãos na cabeça, eu olhava a dimensão do fogo consumindo a cerca viva, cética. O vento contribuía para espalhar ainda mais.

Diante da tragédia dolorosa, as pessoas choravam, muitas com os celulares no ouvido pedindo por socorro, enquanto olhava ao redor à procura do Marcelo e meu irmão, e não os via em meio à multidão desorientada.

— Uma desgraça! — relatou Cláudia desesperada, suas mãos trêmulas estavam unidas em oração. — Ainda tem pessoas lá dentro! — explodiu em lágrimas, como eu, em não ver o Marcelo e o Gui.

— QUEM? — gritei em desespero, girando o corpo numa tentativa desesperada de achá-los fora do perigo. Suspirei, sorrindo aliviada ao avistar o Guilherme ajudando o Derek a segurar o Tiago em desespero, debatendo-se para se livrar dos dois.

— Me larguem, por favor, preciso tirar o meu irmão lá de dentro! — Tiago implorava.

Foi impossível mensurar a dor no meu peito.

— Marcelo! — balbuciei entre as lágrimas descendo soltas por minha face. Meu coração acelerou desconsolado à compreensão da realidade, meu olhar paralisou enquanto minha mente voou alto, fazendo a retrospectiva da minha vida com ele, em segundos.

— Não há como atravessar a barreira do fogo, precisamos aguardar os bombeiros — explicou Derek ao Tiago ofegante e com voz embargada.

Todos choravam perdendo as esperanças à extensão exibida. Era de fato o inferno deflagrado.

Naquele instante, eu não teria que pensar, repensar e tampouco fazer interpretações. Eu deveria apenas salvá-lo, livrá-lo do tormento das chamas. *Estando ou não com ele, eu preciso dele pra existir.*

Imaginar a vida sem a existência do Marcelo era como perder praticamente tudo.

Tomada pelo pânico, fiz uma peregrinação com meus olhos em busca de uma brecha para adentrar, porém o vendaval dificultava as coisas, dando proporção alarmante à tragédia. E saí correndo entorno cheia de expectativa por uma abertura menor que fosse. Eu estava disposta a arriscar.

Notando minha intenção, Guilherme veio atrás segurando meu braço, me puxando para trás, afastando-me do fogo.

— Sei o que está pensando e não vou deixar você se matar.

Se for pra morrer, então que seja ao lado dele.

Ali, em frente a uma das estradas, e com o fogo mais ameno, eu pensava que a sobrevivência estava condicionada a uma ação rápida, e foi neste instante que o vento mudou a direção. Soprando forte, criou uma cortina de chamas para, em seguida, se deitar misericordiosamente na lateral.

Eu preciso arriscar!

— Me desculpa! — Num tranco escapei e saltei atravessando, sentindo o fogo lamber meus pés e uma parte da perna sem queimar. Entendi como se algo Divino estivesse abrindo meu caminho, sentia-me fortalecida, uma guerreira enfrentando aquela treva toda.

— CAROLINA! — A amargura do Guilherme cortou o meu coração. Mas eu não poderia deixar o Marcelo morrer.

A fumaça, o calor debaixo dos meus pés e o desespero dificultava minha visão. Somente no centro do campo, onde o fogo não atingira a grama, estava

mais fresco, possibilitando pisar.

— MARCELO? — berrava girando o corpo sem ver nada entre a fumaça densa. Não sabia por onde começar, e o incêndio ao redor só piorava a cada segundo quando, de repente, ouvi seu murmúrio vindo da direção da curta trilha, caminho até a piscina natural.

— A-aqui, Carol! — Desatei na direção dela e o avistei boiando na superfície.

— MARCELO! — Pulei na água nadando até ele começando a afundar. — Calma, eu vou ajudar você! — Entrei numa espécie de pânico, notando o ferimento em sua testa.

— Ah, você está bem, Carol! — Exausto, sua voz grogue saiu num pequeno resmungo. Fiquei emocionada com seu jeito pensando na minha segurança e não na dele.

Ignorando-o, abracei seu corpo e com dificuldade, nadei com ele até a margem mais próxima. Escorando suas costas, abracei sua cintura e permaneci ali com ele flutuando.

— O Tiago, Carol! Eu não achei o Tiago.

— Ele está bem, e desesperado lá fora querendo entrar aqui para salvar o irmão dele. — Seus olhos se encheram de lágrimas. Lindo! — Aguenta firme, Ma! Temos que aguardar as chuvas ou os bombeiros. — Sua cabeça pendeu caindo sobre meu ombro. — Prende a respiração! — ordenei com pressa, quando o vento trazia as chamas em nossa direção. Afundei com ele vendo-a debruçar e passar rente às águas da piscina natural.

Quando retornamos, ele arqueou a cabeça, esforçando-se para mantê-la ereta, com seus olhos abatidos focados nos meus.

— Precisava mesmo desta forcinha, estou cansado! Aliás, obrigado por me salvar duas vezes, hoje! — Uma agonia intensa surgiu em sua face quando esboçou com sacrifício.

— E você só me ferrou! PRENDE A RESPIRAÇÃO! — berrei afundando novamente com o fogo vindo.

— CAROL? — chamou quando retornamos à superfície. Sorri com os lábios comprimidos, preocupada com seu estado meio sonolento. — Na dúvida se teremos outra chance, eu preciso te dizer... — Curvou encostando seus lábios nos meus, beijando-me levemente. Fechei meus olhos me nutrindo dele, ambos ofegantes. Mordeu meu lábio inferior e estirou antes de selar nossos lábios. — Eu te amo, Carol! — sussurrou, causando uma onda de arrepios pelo meu corpo e me desestabilizando. Não consegui segurar a emoção e debulhei com força.

— Ama nada! — dizia sacudindo a cabeça em negativa. — Quem ama não machuca. — Nas suas condições precárias, seus braços se fecharam em minhas costas, num abraço até forte.

— Há tantas coisas que você não sabe, amor! — pausou ao perder o fôlego e, fechando os olhos, sua cabeça tombou para o lado.

— Shhh... — pedi agarrando-o com mais força com um braço, e com a outra mão posicionei em seu rosto, trazendo-o para o meu ombro. — Fica tranquilo, poupe seu fôlego, respira com calma, que depois a gente conversa sobre este assunto.

Ele negou, esfregando a testa em meu ombro.

— Nosso futuro está incerto, tem que ser agora, linda! Eu prometi que a pouparia pela vida toda, mas não posso, não sou tão forte como pensei. — Senti um gelo na boca do estômago imaginando o que ele teria a dizer. *Meu Deus!* E então sua cabeça pesou em meu ombro, e seu corpo relaxou. — Esta fumaça está me deixando exausto, depois conversamos.

— Relaxa que, se Deus quiser, a ajuda vai chegar logo.

Por mais alarmante que o instante pintava, eu mantive a calma, nos resguardando do fogo. Como já vinha sendo anunciado, logo grossos pingos

de água começaram a cair do céu, tornando-se uma intensa e esperada tempestade. Um cenário na noite que poderia ser assustador soava como uma bênção. Sentindo as marteladas do meu coração em contato ao peito do Marcelo, fechei meus olhos orando para a ajuda chegar logo, e chegou. Comecei a rir e soltar suspiros de alívio com os sons das sirenes ecoando entorno.

— AQUI, AQUI! — Rindo e chorando de alegria, eu gritei o mais alto que pude.

— É a ajuda! — balbuciou Marcelo no meu ombro, e ergueu a cabeça com um sorriso de alívio plantado no rosto másculo lindo que eu gostaria de dormir e acordar com ele em minha frente.

— Sim, meu querido! A ajuda chegou. AQUI! — clamei o mais alto que pude.

Após alguns minutos, os bombeiros e a polícia chegaram e nos tiraram dali já com a chuva cessando.

— Vocês estão bem? — indagou um dos socorristas analisando o ferimento na testa do Marcelo, um fio quase imperceptível de sangue escorria da raiz do cabelo ao nariz.

— Estamos sim — respondeu ele ao homem, passando a mão pela minha cintura e se escorando em meu ombro. — Só exausto. — E caminhamos lentamente para fora dali — Eu preciso ver meu irmão.

Marcelo começou a rir e chorar ao mesmo tempo quando avistou o Tiago, que veio correndo se encontrar com a gente. Sem a roupa do time e todo encharcado, como todos que não arredaram os pés até sermos resgatados.

— TIAGO! — Marcelo expeliu aquele tom de profundo e verdadeiro amor.

— Marcelo, Marcelo. — Tiago enlaçou os braços ao redor do corpo do irmão e beijou o rosto de uma maneira fraterna, que faziam todos chorarem.

— Graças a Deus você está bem, mano. — Arqueou, segurando no ombro e vasculhando os olhos verdes, inundados em lágrimas, pelo corpo do Marcelo.

— Se você está bem, então eu estou bem, cara! Vem cá! — Marcelo o abraçou forte. As lágrimas de alívio jorravam em abundância, lavando a trilha do sangue. — Quando não te encontrei, entrei em pânico pensando nas piores situações.

— Estava indo embora, depois da nossa discussão não havia mais clima para jogo.

— Desculpa por ter discutido contigo, desculpa pelas omissões e...

Chorando, Tiago negava de cabeça e agarrou o irmão passando a mão atrás da cabeça dele com carinho imenso.

— Esquece tudo. O importante é que você está aqui vivo. Só você me importa, irmão.

Os dois permaneceram ali, um nos braços do outro, chorando, comovendo a todos. Uma coisa linda de se ver.

Guilherme passou o braço pelo meu ombro, colando ao dele e deitou a lateral de sua cabeça na minha.

— Deus me livre perder você, sua maluca! — declarou em lágrimas. Fui para sua frente, envolvendo-o entre meus braços, o acalmando.

— O senhor precisa ir a um hospital! — o socorrista do bombeiro se aproximou repousando a mão nas costas do Marcelo, que endireitando o corpo, se posicionou em frente a ele.

— Não há necessidade, obrigado! Já estou bem — garantiu ele, tocando o ferimento que parecia leve. Sem presença de sangue, quase não percebia o rasgo na pele.

— Claro que tem necessidade — Tiago avaliava o local onde o dedo do Marcelo estava. — Bateu a cachola, no mínimo precisa de uma radiografia.

— Verdade, primo! — abonou o Wesley, chegando naquele instante atormentado. O único com roupas secas.

— Seu irmão tem razão. A radiografia é aconselhável — emendou um policial se aproximando com as mãos no cós da calça.

— Eu concordo, Marcelo! — eu disse, indo abraçar a sua cintura, ele abraçou a minha, colando-me a ele e, carinhosamente, beijou a lateral da minha cabeça.

— Com uma salvadora como você, não preciso de nada disto. Em apenas um único dia, duas situações de risco e lá estava você me salvando! — sussurrou em meus cabelos e o policial, ainda com as mãos no cós, ouviu. Franziu o cenho, curioso, interveio a nossa conversa.

— Houve mais algum episódio de risco hoje? — indagou.

Notei o quanto seu tom saiu intrigado.

— Fiquei preso na sauna. Se não fosse a Carolina, estaria morto.

— Hum... — comentou ele apertando os lábios, pensativo. — E onde exatamente fica esta sauna? — quis saber.

Demos a localização e o guarda nos deixou.

Todos queriam conversar com o Marcelo, dar os parabéns pela sua coragem e eu recebi também por ter me arriscado tanto, e numa brecha o Marcelo veio até mim.

— Sabe da dona Esmeralda, Carol?

— A deixei no quarto em segurança.

— Vamos até lá, porque ela deve estar preocupada. — Pegou na minha mão arrastando-me em direção à sede.

Todos vieram nos acompanhando.

Enquanto a galera toda espalhou-se pela varanda e a sala debatendo perplexos a quase tragédia, ponderando como responsável o raio, afinal

caíram alguns e fortes, eu e o Marcelo subimos os degraus e detalhe: encharcados.

Sentada na beirada dos pés da cama com o celular no ouvido, dona Esmeralda chorava ouvindo alguém do outro lado.

— Ah, Marcelo! Graças a Deus, você chegou! — Ela soltou-o ar aliviada, levantando-se, e entregou o celular nas mãos dele. — Todo o sacrifício que você fez para evitar aconteceu, meu filho! Uma tragédia. — comunicou em lamentos.

— Outra? — expressou aturdido, levando o aparelho ao ouvido e logo as lágrimas desciam de seus olhos em abundância.

— Como ele ficou sabendo, Jussara? Estava quase tudo pronto para a viagem... — perguntou colocando o aparelho no viva-voz e me olhou com pesar.

— *Eu não faço ideia, Marcelo!* — A mulher desabou após a frase. O Marcelo e a dona Esmeralda nutriam do mesmo sentimento, enquanto eu... Bem, eu estava com medo do que viria. Suspirei a maior quantidade de ar que consegui, e segurei aguardando-a continuar: — *O Fabiano é um monstro! E ameaçou matar qualquer um que tentar esconder a Yasmim dele*.

— Mantenha a calma, ele não pode tirar ela de você antes de uma comprovação de paternidade. Temos tempo para pensar em alguma coisa.

— *NÃO, MARCELO!* — ela gritou em desespero, fazendo dona Esmeralda cair sentada na cama com falta de ar. Solidária, corri para me sentar ao seu lado segurando em sua mão. — *Você não entende? Já estamos sendo monitorados, o Fabiano é poderoso e tem olhos em todos os lugares, nem mesmo a polícia pode nos socorrer agora. Como vê, não há escapatória para nós. E outra: ele cortou uma mecha do cabelo da Yasmim e ameaçou você, a mim, a minha avó e todos os envolvidos, caso o teste do DNA seja positivo* — soluçou derrotada. — *O que eu faço, Marcelo? Não posso deixar a minha*

filha viver com ele no seu mundo de crimes, violência. Me ajuda, pelo Amor de Deus!

DNA, PATERNIDADE! Estava mais perdida que tudo.

— Fica calma, Jussara! Nós encontraremos uma solução. Ninguém vai tirar a pequena Yasmim de você, eu prometo.

— *Eu confio em você, Marcelo* — disse ela mais calma. — *E cuidado por aí, cuide bem da minha avó, sabe o quanto ele é perigoso*.

— Terei, prometo!

Ele desligou com os olhos fixos em meu rosto, eu sacudia a cabeça completamente no escuro.

— Entende agora o motivo pelo qual implorei naquele dia, para não se envolver, e por que nunca contei a minha família? — disse ele num tom baixo, quase imperceptível. — Estava protegendo-a e a todos vocês — finalizou vindo à minha frente, pegando minha mão e puxou. Quando levantei suas mãos grandes, quentes e fortes moldaram meus quadris e seus olhos nos meus aguardavam minha resposta.

Paralisada, não havia palavras a serem pronunciadas.

— A crise de nervoso em esconder de você, foi responsável por me levar ao hospital naquele dia, Carol. Nunca concordei em ocultar de você, minha filha. — Dona Esmeralda se aproximou, seus dedos franzinos se fecharam ao redor do meu braço. Eu e o Marcelo prosseguimos em nosso contato visual, escutando-a narrar. — A minha filha sem coração nunca trouxe a minha neta, a Jussara, para me ver. Só conheci seu rosto um pouco antes de você e o Marcelo romperem. — Uma linha de sorriso torto brotou em seus lábios. — Jamais imaginei que ela morava no Brasil e estava morando com um traficante internacional e perigoso. Só depois de apanhar muito, deu-se conta da periculosidade dele, e o agravante: estava grávida. Separar dele foi

complicado, porque ele vivia ameaçando-a até que desistiu, mas ele não fazia ideia de que a Jussara carregava um fruto dele em seu ventre.

— Foi aí que entrei nesta história! — Calou-se neste instante, declinando a cabeça, e dona Esmeralda completou:

— O Marcelo, generoso, o melhor ser humano que já conheci em toda a minha longa vida, se prontificou a ajudar, casando-se com ela e registrando a minha bisneta.

— Eu conheço você, Carol! Faria o mesmo que eu pela dona Esmeralda, a nossa rainha, lembra?

Assentia, na minha completa perplexidade, as lágrimas derramavam de meus olhos, escorrendo pelo rosto. Apesar do meu coração apertado e cheio de rancor por tantos anos estar esvaziando a cada palavra da dona Esmeralda narrando os fatos. E não esvaziava somente o meu coração, esvaziava também minha mente, sentia o peso do fardo em meu interior dissipar. *Ele não fora infiel*. Apesar do meu coração queimar de amor intenso, profundo. Apesar deste ser o meu Marcelo! Ainda assim, aquela revelação soou indigesta demais.

— Estou perdida! — declarei montando todo o cenário na minha cabeça, e faltava muito para finalizar a decoração dele. — Não faz sentido você terminar comigo apenas para casar com a Jussara. Eu não consigo entender. — Passei a mão pelo meu rosto respirando fundo, estava por um fio de cair dura ali no chão, quando suas mãos seguraram em meu rosto e seus polegares secavam minhas lágrimas.

— A ideia de casar com a Jussara para registrar a Yasmim em meu nome veio depois, bem depois do nosso rompimento... Quando não havia mais perspectiva para nós — garantia numa dor palpável. Via muita sinceridade em sua expressão. Seus olhos inquietos me deixaram aflita. — Por isso, não achei necessário contar a ninguém. E, depois diante da periculosidade,

cheguei à conclusão que dizer absolutamente nada tornaria a vida de todos segura. Já até providenciei uma casa no exterior para as duas recomeçarem. Só falta sair as papeladas para o pedido de visto. — Deu de ombros. — Por esta razão o divórcio. Enfim... eu assumi os riscos, a responsabilidade deveria ser apenas minha, entende?

Sacudia a cabeça ainda mais confusa.

— Não, eu não entendo qual foi esta falta de perspectiva. A nossa relação sempre fora saudável, por favor, não esconda nada.

Sua boca silenciou quando ele cambaleou para trás. Agarrei em sua cintura.

— Ajuda aqui, dona Esmeralda! — gritei para ela. — Você está bem, Ma?

Fechando os olhos, ele respirou fundo com a cabeça levemente arqueada antes de responder:

— Estou sentindo uma tontura chata! — esboçou inspirando num gemido de dor. — Minha cabeça começou a doer um pouco — reclamou quando alguém bateu à porta.

— Entre, por favor! — pedi. E suspirei aliviada com a entrada do policial que o interrogou. Rapidamente veio nos ajudar a deitá-lo sobre a cama. E pelo rádio chamou os paramédicos, ainda presentes na fazenda.

— Não me apresentei adequadamente. Sou o investigador Luiz Cláudio Vieira. Ainda estamos investigando, portanto ninguém poderá sair sem antes tomarmos todos os depoimentos — começou o homem da lei em pé ao lado da cama, depois de acomodar o Marcelo. — Após analisar a fechadura da porta da sauna e encontrar evidências de produtos inflamáveis ao redor da propriedade, chegamos à conclusão que existe fortes suspeitas de que os dois episódios sejam criminosos.

— Céus! — Apavorada, dona Esmeralda levou as duas mãos à boca e começou a chorar.

— Peço sigilo absoluto sobre as suspeitas enquanto durarem as investigações.

Meu queixo foi parar no chão, e o Marcelo fixou os olhos em mim.

— Já previa estes riscos — confessou atormentado e fitou meus olhos. — Pelo amor de Deus, Carol! Você não sabe de nada, ok?

Entendi sua preocupação e assenti de cabeça com o coração a mil.

— Faz sentido! — Os olhos cinza vaguearam pensativo. — Algo me empurrou pelas costas, como também notei presença de pessoas desconhecidas na arquibancada! — E focou o agente. — Tenho uma denúncia a fazer, e gostaria que desse proteção policial às duas.

Dona Esmeralda veio me abraçar pela cintura, ela tremia da cabeça aos pés.

O policial concordou.

— Tomarei as providências — disse de imediato — O silêncio é importante neste momento — alertou precavido.

— Marcelo? Marcelo? — Em desatino, Tiago entrou correndo no quarto junto aos socorristas trazendo uma maca. Ao lado dele, a Susana e o Guilherme.

— Vamos fazer a escolta até o hospital — informou o policial sem maiores detalhes.

Após acomodarem o Marcelo na maca, eu expus minha vontade em acompanhá-lo ao hospital.

— O momento é crítico e não pode ficar ao meu lado, Carol. — Segurando meu rosto curvado sobre ele na maca. — Se o policial estiver certo, se realmente os episódios foram criminosos, provavelmente o ex da Jussara deve estar por trás.

— Ainda precisa explicar esta falta de perspectiva.

Seus olhos cintilaram de imediato, atormentado.

— Eu tinha o direito de saber, não acha? — mudei fazendo cobranças com pesar. — Foi egoísta me deixar passar tanto tempo acreditando que havia me traído — solucei. Ele negava efusivamente com a cabeça. — Eu acreditei que você havia se transformado num monstro.

Ofegante, Marcelo puxou meu rosto e selou seus lábios em minha testa.

— Não, Carol! — murmurou em minha pele. — Eu nunca traí você, nunca trairei, eu sei que não. Eu vivo apenas por você nesta vida. — Ele fechou os olhos com força em tom de punição, circulando a ponta da língua ao redor dos lábios secos, um fio de sangue surgiu do corte, já com hematoma ao redor. — Posso não ser a melhor pessoa deste mundo, posso estar certo ou errado... mas tudo, tudo o que tenho feito é para te proteger. Você é mais importante que a minha vida, acredite! — balbuciou em tom embargado.

A dor se refletia nas suas palavras, seus olhos estavam imersos em lágrimas.

— Falta de perspectiva, como assim? — insisti, sentindo aquele aperto infernal no peito, que foi se intensificando com ele permanecendo em silêncio, perambulando seu olhar cinza choroso por minha face. Sentia uma dor profunda em seu coração.

— Precisamos ir — cortou-nos o socorrista prestes a empurrar a maca.

— Só um instante, por favor — pediu Marcelo. Sorrindo terno, com os lábios apertados, colocou as mechas dos meus cabelos caindo na lateral do rosto atrás da orelha. — Existe uma porção de coisas que você não sabe e que talvez destrua sua paz. Eu não posso permitir. — Ele desabou de vez, deixando-me confusa e amedrontada.

— Mar-Marcelo... — gaguejando angustiada, assustada, segurei suas mãos em meio as minhas pressionando-as. — A minha paz já foi pro brejo — revelei tremendo muito, ele também tremia em demasia. *Meu Deus!*

— Lamento, mas precisamos ir. — O socorrista repousou a mão no meu ombro, me afastando.

— Depois vocês conversam melhor, Carolina! — Em apoio, o Guilherme trouxe o braço por minha cintura, colando nossos ombros e me tirando do caminho da maca.

— Eu vou acompanhar ele — afirmei.

E Marcelo negou de prontidão.

— Vou ficar mais tranquilo se for para sua casa juntamente com a dona Esmeralda e com a escolta policial — disse olhando ao agente, que concordou,

— Vou providenciar a segurança das duas — garantiu, fazendo-o respirar aliviado.

— Eu estou bem, Carol, e graças a você, que me salvou por duas vezes hoje — dizia sendo levado para fora do quarto. Tiago e Susana os seguia.

Consumida pela emoção, levei a mão à boca, rindo e chorando ao mesmo tempo. De fato, não sabia como classificar os meus sentimentos neste momento, só sentia o fardo da dor mais leve.

— Acredito que se eu for junto, você se sentira melhor, né, maninha? — perguntou Guilherme beijando a lateral da minha cabeça.

Concordei.

— Você faria isso por mim?

— O quê? — Seus lábios pressionaram minha bochecha. — Faço qualquer coisa pela minha irmãzinha.

— Obrigada. — Segurando sua mão, trouxe-a aos meus lábios e beijei com ternura e ele correu saindo do quarto.

— O Guilherme é um menino especial! — comentou dona Esmeralda tomando o lugar dele ao meu lado, e me abraçou deitando a cabeça na lateral do meu braço. — E, pelo jeito, ele gosta do Marcelo, como você.

Virei o rosto, encarando-a. Engoli o ímpeto se manifestando para fazer perguntas. Não achava justo com alguém que já levara tantas pancadas na vida, a leveza que eu sentia. Daria para esperar uma conversa definitiva com o Marcelo.

Aquele sorriso plantado em seu rosto era inegável que ela sabia o que passava por minha mente.

— Eu poderia descarregar um caminhão de informações agora, e mesmo assim, teria sempre uma reserva escondida que somente o Marcelo poderia descarregar — disse ela calmamente. Grunhi, baixando meus olhos e pensando o quanto ela sempre fora sábia.

Curvei beijando sua face, quando o policial insinuou para irmos embora.



O ocorrido na fazenda chegou rápido a Alphaville, inclusive nos ouvidos da minha mãe. Bem, o próprio Guilherme quem ligou do hospital; e quando a viatura parou em frente de casa, ela saiu pela porta correndo.

— Filha, filha! — Chorando, seus braços envolveram meu corpo e seus lábios quentes beijaram meu rosto repetidas vezes. — Graças a Deus, você está bem, graças a Deus! — ela chorava apertando-me entre seus braços quentes e maternos.

A segurança que sentia ali, nos braços da minha mãe, era muito maior do que a proteção da polícia, aliás, eu não me imaginava sem meus pais e meu irmão. Eles eram a minha base de vida. Havia uma frase que era conhecida por todos do meu convívio: “Eu amo mais a minha família do que a mim própria, principalmente minha mãe e meu pai”. Eles eram os responsáveis por ser quem eu sou, plantaram em mim o amor, harmonia e paz. Eles eram a

minha inspiração e por eles, eu renuncio a tudo. Afinal, pai, mãe, irmão e filho é para a vida inteira.

— Eu estou bem sim, mãe. — Abraçando seu tronco, deitei a cabeça sobre seus seios macios, aqueles que me alimentaram na fome.

— Ah, minha filha! — Arqueou segurando em meus ombros, zanzando os olhos marejados pelo meu rosto. — Quando seu irmão contou sobe a tragédia, entrei em pânico. Mesmo afirmando que você estava bem e a caminho de casa, eu não conseguia sossegar meu coração, precisava olhar assim para o seu rostinho. — Moldou-o entre as mãos quentes e delicadas. — Eu te amo, minha filha, te amo muito. — Na mesma emoção dela, assentia dizendo sim de cabeça.

— Eu te amo mais, mãe! — Seus lábios vieram à minha testa em mais um beijo gostoso. — Preciso dar um jeito de fixar moradia aqui perto de vocês. EU QUERO A MINHA FAMILIA PERTO 24 HORAS POR DIA! Embora não precise, com todo o amor e atenção que dedica ao papai, eu vou ajudar você a cuidar dele.

Uma expressão de sofrimento ilustrou seu rosto e ela desmoronou em lágrimas, envolvendo-me fortemente em seus braços. Matutei sem entender aquele choro! Ele parecia estar sendo alimentado por uma mistura de sentimentos como: culpa, tristeza, medo, ansiedade.

— Eu vou amar você aqui em casa, olhar para este rostinho sempre que tiver saudade. — Seus dedos dedilhavam minha pele.

— Prometo que nunca mais vou abandonar você.

Ela sorriu incrédula.

— Você jura, querida?

— Claro que juro. Eu juro! — dizia sacudindo a cabeça, cruzei os dedos mindinhos e beijei. — Eu juro, eu juro...

Pelas costas ouvia fungados leves de dona Esmeralda. Afastando-me, virei o rosto. Ela sorriu, baixando os olhos e permaneceu com eles lá no chão, voltei à minha mãe.

— Vamos entrar para ver seu pai. — Minha mãe segurou minha mão. — Vem com a gente, dona Esmeralda — convidou-a com carinho e segurando na mão franzina de dona Esmeralda, nos arrastou.

— Podem ir na frente, queridas — incentivou ela soltando da mão da minha mãe. — Daqui a pouco, eu chego lá.

Soltei um beijo no ar e minha mãe outro, observando-a caminhar lentamente.

— Se apressem — brincou ela no seu humor agradável.

Rindo, eu e minha mãe entramos em casa e subimos as escadas abraçadas.

Fiquei horas em companhia do meu pai, foi a única forma de segurar a ansiedade de ligar para o Marcelo. Pois, ao deixar o condomínio, o policial deu recomendações minuciosas e uma delas era não ligar para o Marcelo.

Passei a noite toda sem pregar os olhos, coçando os dedos para ligar, e não fiz acatando as recomendações da polícia.

Repensei os últimos anos da minha vida até o dia de ontem. Pensando o que mais eu não sabia e que seria tão grave. O fato é que meditei sobre este assunto e a suspeita do incêndio e da sauna terem sido criminosos, o emaranhado de situações surreais serviram para evaporarem meu sono.

Os primeiros raios de sol despojavam em minha janela quando saltei da cama. Já em pé, espreguicei indo para a janela e a abri me deparando com o amanhecer lindo de sol iluminado e inalei o ar puro, um remédio natural ao meu coração aflito, que se acalmou. Neste instante, o telefone fixo da minha casa tocou sobre o criado-mudo ao lado da minha cama. Estranhei ao ver o número da Uchoa.

— Alô!

— *Senhorita Carolina?* — Reconheci a voz da Lúcia Helena, a secretária.

— Sim!

— *Bom dia, aqui é a Lúcia Helena, da Uchoa* — se identificou.

— Bom dia, Lúcia Helena! Em que posso ajudá-la.

— *Precisamos de algumas assinaturas da senhorita, liguei para o senhor Marcelo e, como ele está hospitalizado, orientou-me a entrar em contato com você.*

Franzi a testa pensando se não seria arriscado sair do condomínio. Não foi necessário a escolta por morar num condomínio com alta segurança.

— O Marcelo comentou comigo sobre esta necessidade. Vou tomar um banho e daqui a pouco estarei na empresa.

— *Obrigada* — agradeceu.

Joguei-me sentada nos pés da cama pensando no próximo passo quando lembrei sobre o Gui ter ido ao hospital e corri para seu quarto.

Com a cama intacta, liguei para o seu celular.

— *Nossa! Demorou para ligar* — sem saber os detalhes da operação, brincou sorrateiro assim que atendeu.

— Como ele está? — perguntei ignorando sua brincadeira já que não poderia dizer a verdade por enquanto.

— *Agora, depois dos exames, podemos respirar. Tudo continua nos devidos lugares.* — Soltei o ar aliviada. — *Estou aqui no corredor, espera que vou levar o celular para ele no quarto.*

— Não precisa — o abortei de imediato. — Só pergunte se eu poderia ir até a empresa assinar os documentos ao qual a Lúcia Helena mencionou.

Ouvi seu resmungo do outro lado antes de falar:

— *Considerando que permaneceu um policial na porta do quarto, concluo que esteja acontecendo algo nebuloso* — jogou no ar.

— Para o bem de todos, esqueça isso — aconselhei apreensiva. — Apenas faça a pergunta a ele, por favor.

— *Tudo bem, entendido!* — disse por fim e deixou o aparelho no mudo. Sei que fez propositalmente, mas quer saber? Foi bem melhor assim.

Retornou alguns minutos depois com a seguinte informação.

— *Ele pediu para você seguir sua rotina normal, maninha! E dizer que vai ter alta hoje.*

Tomei um banho rápido, vesti o velho jeans claro, uma camisa cinza mesclada solta de mangas longas bufantes e uma sandália de salto na tonalidade do jeans, dando um toque mais elegante ao visual e parti à minha missão. A cinco quarteirões de chegar a Uchoa, fui surpreendida ao parar no farol por um uma buzina insistente, logo o vidro baixou e o rosto sardento e corado sorridente do primo do Marcelo surgiu.

— Está perdido por aqui? — perguntei ao baixar o vidro do meu carro.

— Conheço bem a região — respondeu no seu sorriso simpático. — Tenho uma entrevista numa empresa aqui perto — explicou ele. Sorri apenas, ele prosseguiu: — Aproveitando que estou por perto, poderia passar na Uchoa para a entrevista da vaga que ficou acertado na fazenda do Bernardo. — Sorri assentindo e pensando no conselho do Marcelo. Que não deveria empregá-lo. Mas como faria para despistá-lo? — Mudou de ideia? — indagou a minha hesitação.

Sorri sem graça.

— Quando terminar sua entrevista, passe na Uchoa que conversamos.

Sorrindo, ele piscou. O farol abriu uma buzinada.

É melhor atender logo e descartar a vaga de uma vez!

— Bom dia, José! — cumprimentei focada em seu rosto sorridente assim que entrei no laboratório. Olhar nos olhos da pessoa ao conversar com ela era uma das regras básicas aqui na empresa.

— Bom dia, senhorita Carolina! — retribuiu ele virando na cadeira acompanhando até eu me sentar. Pelo jeito, ele não estava sabendo do acidente. — A Lúcia Helena deixou várias pastas sobre sua mesa que necessitam de assinaturas.

— Ela me ligou! — avisei pegando a pilha perto do aparelho de telefone, arrastando ao centro da mesa quando o telefone tocou. Atendi. — Alô.

— *Senhorita, tem um rapaz com o nome de Wesley dizendo que tem uma entrevista com a senhorita.*

— Mas já?

— *Como?* — perguntou a recepcionista sem entender.

— Tudo bem, peça para acompanhá-lo até a sala da Lúcia Helena, por favor.

— *Sim, senhora.*

— José vou revisar estes documentos na sala da presidência — informei ao me levantar e peguei as pastas.

— Quer ajuda?

— Não precisa, obrigada. — E saí.



Wesley me aguardava em pé de frente à mesa da Lúcia Helena, ele usava um terno azul-marinho e camisa branca de seda, a bota de couro num tom caramelo como o blazer, combinava com os cabelos alaranjados, e ria com o comentário da secretária.

— Senhorita Carolina! — Ela se levantou de imediato com a minha entrada, ajeitando a saia no corpo. Ele girou nos calcanhares abrindo um sorriso simpático e vindo me ajudar com as pastas escapulindo da pilha.

— Posso te ajudar? — perguntou já retirando algumas do bolo.

— Obrigada.

— Não por isso. — Seu tom cordial me agradava. Fiquei encafifada o porquê da discrepância com o primo. Ele parecia uma excelente pessoa, o mesmo eu ouvia do meu pai. — Achei que, depois do que aconteceu ontem, você ficaria em casa descansando — disse ele despertando a curiosidade da secretária.

Ri sem graça.

— Vamos entrar!

Ele assentiu me seguindo.

— E como está o Marcelo? — Joguei para saber até onde ele sabia das coisas. Ele riu aliviado.

— Graças a Deus está ótimo. Estou com pena do Tiago, morre pelo irmão. — O carinho na voz foi de fato encantador.

Acenei de cabeça, concordando. Não via nada de errado neste moço, era a inocência em pessoa.

— Sente-se, por favor. — Coloquei as pastas sobre a mesa. Ele colocou as que trouxe sobre a pilha e sorriu pensativo.

— Obrigado — agradeceu antes de se sentar. — Você e o Marcelo assinam em conjunto? — Franzi a testa estranhando a questão. Ele emendou: — Ah, desculpa a minha indiscrição. Deve ter ficado esquisito vocês sócios da forma inusitada como aconteceu.

Ele sabe muito.

— Acho que podemos deixar esta pauta de lado, não?

Todo sem jeito, ele sorriu ajeitando o corpo na cadeira.

— Claro, claro! Imagina, e também não tem nada a ver comigo; e outra que você, como assina em conjunto, está sempre atenta, não é mesmo?

— Mas vamos lá! Fale sobre você, formação, experiência... — Embora intrigada com o homem babando veneno, o cortei e fui ao que importava, mesmo porque queria me ver livre deste cidadão, assinar os documentos e dar um pulo na cobertura. Meu coração gritava ansioso para que eu fosse lá para revê-lo e conversarmos sobre o assunto ao qual deixou pendente: o vilão que nos separou.



Capítulo Dezoito

MARCELO

— Vou pedir para sua funcionária preparar um caldo leve para você — falou meu pai preocupado, ajudando-me a me acomodar no sofá da minha cobertura, um incômodo diga se de passagem! Enquanto meu mundo desabava, ele parecia alheio, sossegado aos problemas do mundo. Sua fisionomia ainda mais jovial na camiseta preta revelava seus bíceps malhados, a calça jeans preta com os músculos da coxa musculosa marcando nela.

— Não precisa se preocupar. — Impaciente, exasperei estendendo meus braços. — Volta lá para sua vida particular, vai.

Ele arfou franzindo a testa, magoado.

— Poxa, filho! Está sendo injusto comigo.

Fechei meus olhos, sacudindo a cabeça inconformado. O Luiz Cláudio, investigador, entrou se sentando na poltrona de frente onde eu estava e permaneceu em silêncio, respeitando o diálogo acalorado entre pai e filho.

— Injusto eu?! — grunhi rindo, incrédulo. — Você transformou a minha vida nesta merda e eu que sou injusto?

Ele soltou o ar, demonstrando cansaço comigo o encarando ali em pé.

— Você causou isto, foi um inconsequente quando decidiu casar com a mulher do traficante. Poderia estar morto agora, seu garoto irresponsável!

— CALE SUA BOCA! — Saltei do sofá, muito ofendido. — O nome dela é Jussara e uma pessoa incrível. E não adianta desviar o assunto, porque

isto não melhora o seu lado.

Ele baixou os olhos, arrependido.

— Não foi legal deixar o seu irmão ouvir a nossa conversa ao telefone, ele veio com um tonel de perguntas.

Ri incrédulo.

— Deveria ter contado a verdade para ele. — Passando a mão pela barba longa, ele fechou os olhos atribulado. — Tem medo de uma chacina, né? — concluí. — Vocês todos são uns covardes.

— Sabe muito bem que o Tiago será incapaz de compreender.

— EU TAMBÉM NÃO COMPREENDO! — Acabei perdendo a cabeça, e meu tom de voz saiu alterado.

— Não me faça sentir pior do que já estou. — Abaixou a cabeça demonstrando ser a pessoa mais inocente deste mundo. — Minha vida está fodida.

— Fodida está a minha vida! — rebati. — Nem coragem de contar a verdade para a Carolina eu tenho. Não suportaria a dor dela quando souber a verdade.

Já considerei a hipótese de nunca dizer nada.

— Se eu pudesse voltar no tempo, nada disto teria acontecido, só que não podemos mudar o passado; e outra, que a verdade plantaria o ódio — lembrou-me ele.

— Infelizmente, você tem razão. — Movi os ombros derrotado. — Mas, enfim... prometi que a pouparia pela vida toda e não vou quebrar esta promessa. Agora, por favor, saia da minha casa.

Ele arqueou chocado, mas atendeu ao meu pedido.

Eu já não sabia mais o que fazer com meu coração, todos meus planos descaminharam; na realidade, o cerco se fechou, tanto na razão como no emocional.

Percebi que seguir com isso era egoísmo meu. Não havia como mudar o passado concretizado, como disse meu pai. Nossa relação já era uma massa falida, não havia escolhas para mim como também não haveria para ela. Caso resolvesse abrir o jogo, eu sabia que não a teria para mim, apenas machucaria seu coração, sua alma, criaria uma cicatriz eterna. E por amar tanto esta mulher eu optei em partir, como uma forma de proteger, não somente a Carol, como também pouparia o meu irmão. Embora sem provas, ainda acreditava em sua inocência.

Enfim... cuidaria pessoalmente da Jussara e da Yasmim, necessitadíssimas de amparo. Eu devia muito a dona Esmeralda. Minha decisão foi bem recebida pelo investigador Luiz Cláudio, que investigava o incidente na fazenda.

— Sua situação é complicada e abrange outras coisas também — explanou ele. Sacudi a cabeça e narrei. Ele ficou pasmo, descrente.

— Puxa! — revirou os olhos, pensativo. — É difícil, concordo contigo, meu rapaz. As revelações feitas pela senhorita Jussara sobre a organização da quadrilha e sobre como é sua estrutura nacional, já garantiu a entrada dela e da filha no programa especial de proteção a vítimas e a testemunhas ameaçadas. Mãe e filha estão seguras. E vamos estender ao senhor e dona Esmeralda — garantiu. — Assim terá tempo para relaxar um pouco e pensar no que fará sobre este caso.

Assenti e me levantei, caminhando em direção à varanda e respirei o mais profundo de ar possível a fim de oxigenar meu cérebro em combustão, causando uma dor latejante em minha alma. Ele levantou, e com as mãos no bolso da calça, me seguiu.

— Acredito que será provisório, pois estamos prestes a desbaratar a quadrilha.

— Eu já vinha com a ideia de ir embora, vou aproveitar e fazer companhia para a Jussara e a Yasmim. Tentar recomeçar a minha vida. — Sem perspectiva nenhuma, inspirei antes de prosseguir: — Só que antes preciso deixar algumas pendências solucionadas. Preciso de mais um dia, é o prazo que tenho até sair a papelada, e isso depende da assinatura da Carolina. Ela deve estar neste instante na empresa assinando os restantes dos documentos necessários para juntar ao processo. — Com aquele puta aperto no peito, desviei para além da porta de vidro da varanda, contemplando o horizonte azul nesta manhã linda.

Vou partir a coração da Carol novamente em tirar dela a dona Esmeralda!

— É a única forma de proteger a todos que amo. — Cerrei meus olhos por uma fração de segundos. — Não quero pensar nisto agora! — Virei-me decidido. — Vou arrumar minhas malas. Me hospedo em algum hotel até finalizar tudo, em seguida partimos.

— Vou aguardá-lo lá embaixo para escoltá-lo.

—Obrigado.

Ele assentiu e saiu às pressas.

Como já havia tomado um banho completo no hospital, e já vestia uma roupa leve, ideal para uma viagem longa: camiseta lisa branca e uma calça moletom preta e tênis, então segui direto para o meu escritório para ajeitar as papeladas. O ambiente silencioso despontou uma angústia torturante em meu ser, peguei o controle ligando o som para tentar relaxar, em seguida abri o cofre pegando a maleta da Uchoa onde estavam os documentos necessários e repousando-a sobre a mesa, abri retirando-os quando o celular pré-pago entregue pelo investigador tocou lá na sala. Esqueci o aparelho sobre o sofá.

Coloquei os papéis timbrados sobre a mesa ao lado da maleta e corri para a sala para atender.

— *Sou eu, Ma!* — O tom de voz da Jussara estava carregado. — *Acabei de ser informada que você decidiu nos acompanhar.*

— Exatamente!

Ela rosnou tentando protestar, mas antecipei:

— Estamos todos na mira dos bandidos, infelizmente.

Ela começou a chorar cortando o meu coração.

— *Eu sinto muito, Marcelo! De alguma forma me sinto culpada, sabia?*

— Eu a proíbo de se culpar, Jussara! — ralhei com ela — No momento em que casei contigo e registrei a Yasmim, assumi todos os riscos. Cuidar de vocês duas foi a minha válvula de escape trazendo momentos de alegria, iluminando meu mundo mergulhado na escuridão e você sabe muito bem disto.

Ela soluçou densamente.

— Portanto, não tem o menor cabimento toda esta preocupação comigo. Pense apenas na Yasmim, em você. Tudo bem?

— *E você, Marcelo? Em algum momento pensou em si mesmo?*

Baixei meus olhos refletindo àquela questão.

— *Pensando e se doando a todo mundo, não sobra muito tempo para pensar em si. Você é um cara inacreditável! Único neste mundo, sabia?*

O rosto da Carol invadiu minha mente, despertando as conhecidas borboletas no estômago e aquecendo meu coração. E doeu imaginar ficar longe dela. Meu coração amolecia a cada palavra e não era o momento para fraquejar.

— A decisão já foi tomada, me aguarde que em breve estaremos juntos.

— *Você não pode e não vai agir assim com a Carolina!* — Foi irredutível. — *Eu não posso permitir.*

— Eu decido a minha vida.

— *Marcelo!* — advertiu, mergulhada num tom de voz choroso.

— Não há espaço para nós nesta vida. — Assumir a realidade magoava pacas. Inspirei densamente rolando os olhos para conter as lágrimas, querendo se apoderar. — Se eu tivesse o poder de odiar e ignorar aqueles que interferiram em minha vida, talvez conseguisse tocá-la aqui. Só que, infelizmente, não é assim que funciona. O jeito é recomeçar a milhares de quilômetros longe de Alphaville, e vamos fazer isso juntos.

— E vai jogar tudo para o alto assim, sem mais nem menos?

Grunhi rindo.

— Meu pai e o Tiago dão conta das empresas, a Carol estará segura e eu já tenho meu pé de meia. Todos ficarão bem.

— Você é incrível!

Suspirei caminhando para meu quarto e já no interior dele, ouvi ruídos na sala.

— Me esperem! — Mandei um beijo e desliguei.

Intrigado, segui a passos rápidos para a sala. O raio de sol atravessando a porta de vidro da varanda cruzava a sala e entrava no escritório pela porta aberta. E era de lá que vinham aqueles ruídos de alguém chorando.

— Quem está aí? — perguntei aproximando-me lentamente.

Ninguém respondia e os barulhos ficavam cada vez mais altos.

Senti um baque no peito, como se fosse atingido por uma lâmina afiada rasgando meu coração, que parou de bater, parei de respirar. Tudo parou em meu entorno vendo a Carol ali, em frente à mesa, cabeça pendida, seus olhos repassando no documento que tirei da gaveta do seu pai.

— C-Carol! — balbuciei e pausei, o pânico consumiu todas minhas palavras.

— Me diga que isso aqui é uma miragem, que não é real. — Seus olhos vieram em cachoeira encontrar os meus lacrimejando.

— Eu posso explicar! — esbocei quando consegui assumir o controle do meu corpo.

Jogando a cabeça para trás, ela gritou em lágrimas:

— EU TE ODEIO COM TODAS AS MINHAS FORÇAS! — lamentou em prantos. — É muita sacanagem se apossar da fórmula do meu pai. Acredito que este roubo, esteja relacionado a falta de perspectiva, né?

— Não, Carol! — Desesperado, corri em sua direção, ela recuou. — Por favor, precisa me ouvir.

Ela soltou uma risada histérica e me encarou.

— Como é capaz de negar o inegável? — Ela abanava as folhas no ar. — Não há defesa para você! As provas estão todas aqui, olha! A fórmula do medicamento mais revolucionário do mundo que meu pai prometeu a vida inteira que criaria. Este formulário para o pedido da patente. Meu Deus! — Ela desabou vindo esmurrar meu peito. — EU TE ODEIO! — gritava desolada, me golpeando sem dó.

Segurei-a pelos pulsos.

— Calma — solicitei num fio de voz, nada amenizava sua revolta e com toda razão. — Sossegue que vou explicar tudo para você. — Puxei colando seus pulsos em meu tórax, ficamos um milímetro um do outro.

— Me larga! — Num impulso, ela escapou e se afastou. — Estou prestes a matar você, logo, permaneça bem longe. Agora estou entendendo os motivos de não querer contratar o Wesley, e o comentário dele sobre ler tudo antes de assinar. Ele tentou abrir os meus olhos.

— Não caia na lábia do Wesley — tentei argumentar. Eu desejava degolar o pescoço dele.

Ela riu indignada.

— O podre aqui é você, energúmeno! — Descontrolada, ela apontava na minha cara. — Você tinha razão quando desistiu de mim. De fato, eu nunca

perdoaria um LADRÃO estúpido. Saiba que facilitou a minha vida também.

— Está sendo injusta comigo! — Segurei seu dedo, possesso com todas estas acusações.

— VÁ SE FODER, CARA! — gritou deixando toda sua raiva extravasar. Recolhendo o braço, escorregou para o lado e muito nervosa saiu do escritório. Sabia que aquela situação havia chegado ao ponto mais sufocante.

— Espera, Carol! — Corri atrás dela e na porta de saída da sala confrontei o investigador.

— O que houve para a Carolina sair daquele jeito?

Sacudi a cabeça apenas, em desespero saí correndo pelo corredor, mas o investigador segurou em meu braço no instante que a porta do elevador se fechava.

— Não pode sair daqui sem um planejamento, Marcelo.

Bufei desanimado e fechei meus olhos respirando profundamente, buscando o equilíbrio que fugiu completamente.

— Vamos entrar, e a gente coordena sua saída e percurso.

Balancei a cabeça e o encarei repousando a mão em seu ombro.

— Estou cansado de ser tratado como um cafajeste, segurando as pontas sozinho de erro que nem é meu. Esperar por mais seis anos, a vida vai passando, as decepções aumentando como o que acabou de acontecer. Só tem uma maneira de mudar a visão deturpada que ela tem de mim, é esclarecer esta porra toda, e vai ser hoje e que se dane o mundo!

Ele ergueu as sobrancelhas sem palavras e então eu entrei em casa, peguei a chave do carro sobre o aparador de vidro, os documentos da Uchoa no escritório. Dobrando-os, coloquei no bolso da calça e saí correndo para o elevador, apertando o botão da garagem.

Desnorteado, como meu coração exigindo pressa, pisei fundo no acelerador assim que saí da garagem do prédio e foi em alta velocidade que

trafeguei pelas avenidas, ganhando buzinadas, costurando no trânsito, atravessando os faróis vermelhos. Se o radar deixou passar, com certeza o investigador no meu rastro multaria e enviaria as notificações à minha residência.

Os raios do sol escaldante dançavam no para-brisa do carro, ofuscando minha visão, da mesma forma que se encontrava meu coração, enquanto analisava a frase da Jussara sobre não ter tempo para mim. A questão bateu forte na minha consciência. Eu também não compreendia como esta característica de me colocar em segundo plano em tudo instalou na minha vida. Acho que desde sempre! Passei minha infância e adolescência acobertando as cagadas do meu irmão mais velho, protegendo-o das broncas. Ou seja, elas ficavam sempre comigo.

Eu sentia todo o peso do mundo em minhas costas, estava só o pó, no meu limite. Não desperdiçaria o tempo de colocar todo aquele peso que há tantos anos carregava dentro de mim para fora. Um desabafo era necessário no momento. Muito necessário.

Dona Viviane, com olhos vermelhos, inchados de quem chorou exorbitantemente e vestida num vestido de alcinha cinza claro até nos tornozelos, e os cabelos soltos sobre os ombros, atendeu a porta de cara feia, amarrada.

— Preciso falar com a Carol! — já determinei impulsionando meu corpo para dentro.

— Não, senhor — inflexível, ela segurou a porta forçando para fechar contra meu corpo, recuei para não cair para trás.

— Tem sorte de eu ainda ser um cavalheiro, mas, por favor, saia da minha frente antes que eu perca as estribeiras — avisei impaciente, espalmando a madeira. Ela segurou firme, perseverante. — Eu vou conversar com a Carol, você queira ou não.

Estirando o pescoço, inalou muito ar inflando os pulmões, numa expressão de pânico.

— Para quê? — falou baixo, porém forte. — Já basta tudo que você fez a minha menina sofrer.

Ria, incrédulo, sacudindo a cabeça com ela sentando em cima do próprio rabo. Estava complicado ouvir a barbaridade sendo expelida dos lábios tremendo de nervoso.

Não acredito!

— A víbora é você e não eu! — Apontei convicto.

Ela não se abalou, continuou segurando a porta, impedindo a minha entrada.

— Destruiu não só a minha vida, incluiu a sua filha no pacote.

— Não sabe o que está dizendo! E fala baixo... — exigiu entredentes.

— Tem medo, mas não tem vergonha! Não me conformo com a pobre da minha mãe ter passado por esta bosta toda. Você e o covarde do meu pai são da mesma laia, dois miseráveis que abusaram da confiança da família. Eu só queria poder odiá-lo como odeio VOCÊ!

Ela respirou fundo com total pesar.

— É melhor me deixar entrar, senão os vizinhos podem ouvir. O que não seria legal para a senhora, não é mesmo? — ela grunhiu à minha ironia.

Esta minha faceta era nova, nunca fui agressivo com as pessoas, mas o problema era que me sentia asfixiado e carecia botar para fora.

— Não é bem-vindo à minha casa e saia imediatamente deste condomínio. — Num gesto desesperado, inalou fortemente. Usando uma força incomum, ela empurrou a porta inesperadamente. Desequilibrei afastando minhas mãos. E quando ia fechar a porta coloquei meu pé no vão, impedindo-a.

— Jurei nunca mais colocar os pés nesta casa, porque olhar para esta sua cara deslavada não me agrada nem um pouco também. Afinal, odeio gente

falsa, mentirosa, hipócrita, cínica, ruim, tudo o que há de pior nesta vida. Todas as suas características.

O movimento do seu tórax intensificou com a respiração acelerando.

— Eu vou chamar a polícia! — ameaçou, já com os olhos marejando.

Espalmei os batentes da porta, encarando-a com desdém.

— E qual seria a denúncia, hein, Viviane?

Ela engoliu duro sem responder.

— Que a mãe querida, o exemplo de todos, e mais amada pelos filhos e marido, não passa de uma traidora, destruidora de lares! Você traiu a sua família, e com o auxílio do meu pai, causou a morte da minha mãe. Ela adoeceu ao ver seu amado marido nos seus braços, que nojo! — Segurar minhas lágrimas passou a ser uma missão impossível. — Não vou te perdoar, nunca! — Sua expressão congelou.

— Não! — ela balbuciou, arqueando a cabeça e olhando em direção as escadas, decerto preocupada dos filhos ouvirem. — Cale a sua boca!

— Sinceramente, calei por mais tempo do que deveria, e a senhora viveu seu mundo falso de boa mãe, recebendo carinho, enquanto o meu mundo desmoronava. — Agitei a cabeça, indignado. — Me deixe passar, preciso conversar com a Carol.

Ela negava movendo a cabeça efusivamente.

— O que pretende fazer? — Seus olhos inquietos sobre meu rosto minavam. — Não pode envenenar a minha filha contra mim. — Coagia para fechar a porta. Espalmei evitando. — Por favor, repense melhor. Vai destruir nosso lar.

— Não adianta mais querer se esconder dos seus pecados! Por causa deles, eu ferrei com a minha vida e com a de sua filha. Você não tem remorso, mulher?

Soltando a porta, ela encostou os punhos na fronte, e chorou em demasia.

— Vamos chamar o seu pai e a gente conversa todos juntos! — suplicou.

— Chamar o meu pai para quê? Eu cansei desta porra toda, Viviane! Estou esgotado de passar por um filho da puta, porque é nisto que a Carol acredita. Tudo porque não queria ver o meu amor sofrendo eternamente pela sua cagada. E não podia viver na mentira com ela. Que porra de mãe é você, CARALHO?! — Soquei o ar com os dois punhos. — Já imaginou um dia ela sabendo que a mãe querida traiu o pai-herói. Ela ama mais vocês do que a si própria. — A emoção tomava conta total, e absoluta. — Abri mão da minha vida, do amor intenso para protegê-la. Mas não dá mais...

— Não! — Viviane sacudia a cabeça em negativo. — Não diga nada a Carol. Ela vai me odiar.

— E eu? — Dei de ombros. — Como eu fico nesta história? — Ambos chorávamos ao desabafo. — Não vou mais abrir mão de nada na minha vida, principalmente da verdade.

— Olha só quem fala em verdade! — zombou em meio às lágrimas se aproximando. — Você também não é nenhum santo, casou rápido com aquela fulana para quem diz amar tanto a minha filha. Tem até uma filha.

Grunhi, revoltado, ao comentário maldoso.

— Vá viver a sua vida e nos deixe em paz, por favor, Marcelo? — suplicou juntando as mãos em sentido de oração.

— Eu poderia te mandar para o inferno, mas você já está lá.

Ela arfou.

— Primeiro você dobra esta sua língua antes de fazer injúrias. O nome dela é Jussara, ela é apenas uma amiga, neta da minha querida dona Esmeralda. Casei-me sim, com ela e foi nas melhores intenções, para dar meu nome a Yasmin, ainda em seu ventre, para proteger as duas do traficante ao qual ela tinha se envolvido. Este é o meu perfil, eu ajudo e não destruo.

Ela puxou o ar fortemente, inflando seus pulmões, atingida. Eu segui em frente com meu desabafo:

— Tenho plena consciência de que não há a menor possibilidade de uma vida em comum com a Carol e por sua culpa, sua irresponsabilidade e falta de respeito com as pessoas do seu convívio. Por isso, eu não teria como conviver com você por perto, e a minha índole jamais permitiria ou mesmo obrigaria a Carol a abandonar a própria mãe, como eu também sei que ela nunca aceitaria esta condição. Afinal, família é família!

— Então para que jogar poeira no ventilador, Marcelo, principalmente com o Gael lá na cama vegetando? Vamos esquecer, por favor — suplicou se vitimizando. Dando-me as costas, entrou com o rosto coberto com as mãos.

— Você deveria ter vergonha por ter fodido com a vida da Carol — acusava dali da porta — E por ela deve acertar os ponteiros, sei o quanto ela vai sofrer com toda esta sujeira, porém não vou mais ostentar o papel de vilão. Eu amo a Carol mais do que qualquer coisa nesta vida; e mesmo sem poder tê-la ao meu lado, eu vou sair daqui com toda a verdade declarada. Preciso encontrar o eixo da minha vida, a paz de espírito.

Ela não se manifestou, então entrei e congelei a imagem no último degrau, antes do piso frio da sala.

A Carol estava nitidamente arrasada no seu pijama fofo que costumava vestir em casa: regata colorida e short curto, branco. Observei lágrimas em seus olhos. Dois degraus acima estava o Guilherme, pálido, e dona Esmeralda com as mãos sobre os lábios.

— Carol! — chamei e foi neste instante que Viviane, de costas, virou abruptamente.

— Então a sua doença daquela época era medo, mãe?

— FILHA! — Correu para se encontrar com a Carol, que estendeu a mão bloqueando aproximação. — E-eu... — tentou dizer, porém Carol a impediu.

— Eu ouvi tudo em detalhes, não há a necessidade de repetir — disse entre as lágrimas escapando frequentes de seus olhos, prendendo os meus.

— Que podridão é esta, mãe? — num tom amargurado, Guilherme desceu os degraus faltantes se colocando em frente à mãe ali, em prantos. — Como assim, traiu nosso velho?

— Por favor, não julgue assim — suplicava ela esticando os braços. Nervoso, ele recuou antes de suas mãos o tocarem.

— Como você quer ser julgada? Eu e a Carol crescemos ouvindo você dizer que nunca abriria mão do bem-estar da nossa família. — Pendendo a cabeça, cobriu o rosto com as mãos trêmulas e subiu com elas embrenhando os dedos nos cabelos, seus olhos encharcados confrontando-a. — Então aquela história que a família começa no matrimônio, sobre lealdade, o respeito mútuo, não passou de fantasia? — Ela negava, movendo a cabeça, e ele respirou fundo abanando a dele, renitente. — Você foi o oposto do que pregou a vida toda, mãe.

— É claro que não! — Ela ainda tentou encostar as mãos nele. Numa atitude tempestiva, ele bufou e caminhou apressado, passou por mim e sentou à porta. Apoiando os cotovelos sobre os joelhos e cobriu o rosto com as mãos.

— Que horror! — exclamou Carol com as duas mãos na cabeça.

Estava louco para tomá-la em meus braços, implorar o seu perdão e me retive. Não sabia como seria a recepção. Emocionada, ela desceu o degrau e veio se encontrar comigo ali perto da porta. Parando à minha frente, varria meu rosto mediante um olhar indecifrável.

— Meu Deus, Ma! — balbuciou erguendo a mão direita, e seus dedos trêmulos e frios dedilhavam sobre minha barba fervendo, devido ao fato do sangue se concentrar em minha face enquanto os olhos mel, que eu tanto amava, ainda mais brilhantes percorriam ela. — Q-que merda é essa? —

gaguejou num sussurro, agora deslizando o dedo sobre o curativo na testa, bem no pé do cabelo. O mal-estar foi mais pela pancada do que o ferimento, alguns pontinhos apenas.

Minha respiração acelerou e meu coração foi a mil com os toques mergulhados de ternura.

— E-estou confusa, com a sua atitude. — Seus dedos vieram aos meus lábios, tocando-os levemente.

Respirei fundo, levando meus polegares embaixo dos seus olhos com olheiras profundas, e uma expressão tão perdida, como eu nunca havia visto e sequei suas lágrimas derramadas.

— Se eu agi corretamente eu não sei, como também não tenho a pretensão de ser desculpado. Mas tudo foi milimetricamente pensado para protegê-la.

Levei a mão entre seus seios, muito perto do seu coração golpeando sua costela. Ela arfou, sorrindo emocionada entre as lágrimas. O rosto banhado a deixava ainda mais linda, muito sensual.

— A sua intuição é admirável, estava certa! Tinha razão, meu amor, havia mesmo uma mina de ouro no laboratório do seu pai: este papel aqui. — Tirei do bolso mostrando a ela os papéis que ela havia visto no meu escritório e fez mau juízo de mim. — Você sempre foi a razão de tudo, a compra da Uchoa é mais uma prova do meu amor.

Ela fechou os olhos, com os lábios travados numa expressão arrependida, eu segui. Havia muito ainda a declarar:

— Quase fui degolado pelo meu irmão quando soube do valor absurdo que investi na compra para ter total posse.

Ela acenou de cabeça, curiosa.

— Num jantar com o meu pai, encontrei o senhor Gael muito feliz, ele nos confidenciou sobre sua fórmula revolucionária contra a obesidade. E logo quando adoeceu, ouvi o Wesley conversando com o Tiago, confabulando

sobre a Uchoa ser uma empresa promissora. Com tanto interesse assim, lembrei-me da conversa com o seu pai. Desconfiei que ele poderia estar com a intenção de roubar a fórmula, considerando que sempre foi o Wesley que atendeu o seu pai no INPI. — Sacudi as folhas no ar. — Retirei a fórmula da Uchoa por precaução, entraria com o pedido de registro da patente em seu nome e do seu irmão ainda hoje, por isso precisava de sua assinatura em alguns documentos.

Seus olhos lindos estreitaram, incrédula.

— PORRA! — Abri os braços socando o vazio. — É o trabalho brilhante do senhor Gael — enfatizei com orgulho. Ela e todos ali na sala choravam com o mesmo sentimento do ilustre homem. Um homem como nenhum outro —, um gênio incomum, esta preciosidade é dele, é sua, meu amor, do seu irmão. PORRA! EU METI A MÃO NO DINHEIRO DA EMPRESA DA MINHA FAMILIA PARA PROTEGER O QUE É DE VOCÊS POR DIREITO! — Acabei perdendo o controle e exasperei gesticulando com as mãos.

— Ah, Marcelo! — Em prantos, ela dependurou-se no meu pescoço. Recostando a testa em meu peito, acariciava meus cabelos no pé da nuca. — A minha intuição esteve ativada todo este tempo. Por esta razão eu fui embora, aqui eu sabia que não conseguiria resistir a você. A prova mesmo foi com tudo o que aconteceu desde que voltei. Eu juro que tentei, mas não consegui, e me punia pela minha fraqueza. Não consegui ver um cafajeste em você, apesar de tudo levá-lo a este caminho.

— Você se confundiu, Carol! Mas a sua alma não. Ela conhece a minha, e são bem parceiras. Aquele dia que me rejeitou na Uchoa, fiquei desestabilizado.

— Céus! Eu não sei o que estou sentindo. — Pausou sem fôlego. — Ódio por ter escondido tudo isto de mim, não ter deixado eu decidir de que lado

ficar. — Eu assenti, beijando o topo de sua cabeça e chorando junto com ela. — E amor — balbuciou — pelo seu sacrifício em me proteger. A verdade é que sem você eu sofri da mesma maneira, Marcelo! — desabou apertando meu pescoço entre seus braços. — Eu sofri como uma condenada.

— Ah, meu amor!

— O Tiago sabe?

Meneei negativamente a cabeça.

— Meu irmão não imagina de todo este imbróglio. — Suspirei agoniado. Punia-me vinte e quatro horas por dia em esconder dele. — A princípio, a ideia era comprar a Uchoa, registrar a patente no seu nome e do Gui — explicava com o queixo sobre sua cabeça. — E após a recuperação financeira da empresa, eu ressarciria o investimento com juros honesto de mercado a D'Ávila e daria um jeito de devolver a vocês, sem deixar ninguém ser prejudicado. — Suspirei longamente. — E aí a senhorita surgiu como uma dinamite em mãos explodindo tudo.

Ela arqueou a cabeça, olhando-me diretamente nos olhos.

— Bagunçou os meus planos, linda! — admiti.

Ela riu emocionada.

— Você fez isso, Marcelo? — indagou Viviane com a mão no peito, desmanchando em lágrimas.

— Agora estou entendendo a presença do Wesley hoje na Uchoa e a indireta. Não foi um encontro casual — disse Carol sacudindo a cabeça, furiosa.

Moldando seu rosto com minhas mãos, trouxe-o para bem perto do meu.

— Como vê, eu não planejei este nosso fim. Planejaram por nós! E, apesar de tudo, a minha fidelidade por você é indiscutível. Nunca traí você, linda! — sussurrei suavemente. — Estaria traindo a mim mesmo. Você foi o primeiro e único amor da minha vida. Meu amor por você é infinito!

— Eu não sei o que dizer, estou tão atrapalhada! — disse baixinho.

— Não precisa dizer nada, querida! — Colei nossas testas respirando pesado, como ela estava. — Já sofreu demais, eu também. — Afastei buscando seus olhos entristecido. — Só queria mesmo que soubesse a verdade, como dizia dona Esmeralda e Jussara, que você tinha o direito de saber. Talvez eu tenha errado em esconder.

Ela virou o rosto buscando dona Esmeralda ainda no degrau, e retornou.

— Me ajuda a formular uma coisa, Marcelo!

Assenti.

— O que pretendia quando voltou a minha casa naquele dia?

Respirei fundo antes de esclarecer:

— Naquele dia eu estava perdido — balançava a cabeça apreensivo ao falar —, não conseguia decidir o que fazer: contar ou não? Passei o dia perambulando pelo bairro, sem destino, tentando chegar a uma conclusão. E quando a peguei na sua casa e a levei para o hotel, estava propenso a revelar tudo, porque não podia viver na mentira. Acovardei-me, olhando em seu rosto meigo. Não conseguia, temendo instaurar o caos na sua vida familiar, como já havia na minha. Não estava conseguindo lidar com a ideia de vê-la arrasada. — Pincelei seu nariz lindo. Ela permaneceu séria, atenta. — Fui à minha cobertura. Sabendo do meu desespero, a Jussara prestava seu apoio e me incentivou a revelar de uma vez. Só que, ao chegar lá e flagrar você nos braços do Derek, me deu um ódio tremendo. Então resolvi largar mão de tudo e prossegui no silêncio, até mesmo porque ainda havia o Tiago.

Ela baixou os olhos rindo tristemente antes de repetir a minha frase daquele dia:

— Você facilitou a minha vida!

Suspirei com pesar.

— Não ficou mais fácil, porém abriu um caminho ao qual eu segui em frente.

— O caminho da omissão!

Dei de ombros.

— Pelo menos, poupei seu coração por algum tempo de padecer. Pois eu sei o significado da família e que é para a vida toda. Sinto na própria carne, não consegui odiar o meu pai. Embora, nosso relacionamento tenha mudado, e muito, eu finjo que nada mudou.

Seus braços enlaçaram meu pescoço e sua cabeça encaixou em meu peito e ali, ela permaneceu refletindo em silêncio.

— Eu te amo, meu amor!

Ela soluçou, proporcionando-me sentir o calor do seu hálito em meu peito.

— Não sou e nunca fui este monstro que me pintou. Sou apenas vítima das circunstâncias, nós somos.

— Pô, cara! — Guilherme levantou dali e veio em minha direção com os olhos vermelhos e tristes, e repousou a mão em minhas costas, neste instante a dona Viviane veio caminhando lento e segurou no braço da filha.

— Carolina!

— NÃO! — Carol vociferou tirando o braço, recusando o toque da mão da mãe e a encarou. — Sabia que a maior decepção é aquela que vem de quem nunca esperamos.

Viviane fechou os olhos sem resposta, e desmoronou. Carol desabou.

— Por favor! — Ela ainda tentou abraçar a Carol, que dizia não de cabeça com as mãos erguidas a sua frente.

— Como teve coragem de ser tão cruel? Justamente você, que eu sempre acreditei ser a melhor pessoa deste mundo. A pessoa que recebeu todo o respeito e amor do meu pai.

— Por favor! Estão equivocados em me julgarem assim. — Novamente chegou perto e a Carol se distanciou.

— Agora eu só preciso de espaço para respirar! — Ofegante, subiu as escadas em disparada.

Os quatro pares de olhos centraram no seu caminho.

Embora estivesse com o coração despedaçado, eu me sentia leve, aliviado e orgulhoso de tudo o que fiz. Parei os olhos em dona Esmeralda, acabada, coitadinha.

— Arrume suas malas, que um táxi virá buscá-la mais tarde! Sua neta e bisneta nos aguardam. Segui as orientações da polícia — pedi a ela.

Ela assentiu e deu as costas subindo as escadas em seus passos lentos. A presença da dona Viviane ainda me enojava, saí dali sem nenhum comentário indo até o meu carro.

— Marcelo! — Guilherme, naquela expressão abatida, tocando no vidro do carro, desviou minhas considerações em relação à minha vida. De como ela seria daqui para frente.

Abrindo um sorriso forçado, desci o vidro.

— Queria trocar umas ideias contigo. Será que eu poderia entrar? — perguntou apontando para a porta do passageiro.

— Claro! — Destravei enquanto ele contornava e entrou afundando no banco, expirando densamente, jogou seu olhar de pena e revolta.

— Cara! — Agitava a cabeça ainda confuso. — Que doideira tudo isso! Minha mãe ultrapassou todos os limites! — Embrenhou os dedos nervosos pelos cabelos arqueando a cabeça, usando o encosto como apoio. — Estou com pena de você e da Carol, com raiva dela... Trair o meu pai? — Bateu a mão aberta no peito. — O melhor homem deste mundo, ele dava tudo a ela e a nós... — Pendeu a cabeça, cobrindo-a com as mãos trêmulas.

— Eu sinto muito! — disse apertando o volante, com tanta força que meus dedos ficaram brancos. — Realmente, seu pai não merecia nada disso.

Magoado, ele me olhava, rindo e querendo chorar.

— Você não tem que sentir muito. Como explanou lá na sala, também é uma vítima das circunstâncias.

Assenti e baixei meus olhos, havia pouco a dizer.

— Já imaginou quando o Tiago souber desta história?

Negando de cabeça, puxei muito ar e meus olhos encheram-se de lágrimas ao imaginar o momento que se aproximava. Na verdade, doía na minha alma pensar a respeito.

— O receio é grande da reação do meu irmão quando souber toda a verdade. Apesar de mais velho, ele não tem a mesma maturidade que eu. — Ri, angustiado e virei o rosto encontrando seus olhos verdes, tão similares aos do Tiago, marejados. — E também tem o fato do relacionamento entre os dois não serem os melhores. Incompatibilidades de gênio.

— Vai ser um baque! — alertou Guilherme, inspirando profundamente consternado. — Ele ficou revoltado com Deus na época e reagia muito mal se recusando a falar sobre a morte da mãe de vocês. Alheio ao mundo.

Concordei, revivendo aquela época.

— Pois é! — Expirei, voltando a encará-lo. — É isto que me preocupa, a reação dele ao descobrir que a traição do nosso pai contribuiu para agravar a doença da nossa mãe. E vai sobrar para mim pela omissão.

Ele torceu a boca levando as mãos ao rosto, esfregando.

— E você, como está se sentindo?

Ele soltou o ar, rindo indignado, jogando-se para trás no banco, arqueou a cabeça perambulando com os olhos no teto do carro a minha indagação.

— Ainda estou começando a digerir tudo isto! — resmungou girando a cabeça e sorriu consternado. — Embora angustiado pela traição com o meu

paizão, ainda tenho esperanças de que haja uma boa explicação. — Distanciou os olhos, pensando, e retornou: — Preciso de mais detalhes da minha mãe, que talvez possam mudar totalmente o rumo desta história. — Deu de ombros. — E acredito que vou querer ouvir o seu pai também.

— Ele já está no pedaço, é só procurar por ele.

— Eu ouvi minha mãe comentar sobre você ser casado.

Acabei rindo ternamente.

— A neta da dona Esmeralda se relacionou com um traficante dos grandes e engravidou. Casei com ela apenas para registrar a bisneta. Você não sabe ainda porque o processo está em segredo de Justiça. O marginal descobriu, o incêndio na verdade foi um atentado a minha vida. Tentativa de assassinato.

Seu queixo foi parar em seu colo.

— Que história sinistra, Marcelo! — exclamou com os olhos arregalados, assustado. — Agora estou entendendo todas aquelas perguntas dos policiais.

— Por isso não deixei a Carol ir ao hospital. Não pode comentar nada por enquanto, Gui, que pode ser perigoso. Estou até com escolta policial. — Virei para trás e ele acompanhou.

Ele sacudia a cabeça, apavorado.

— É claro que não!

— Eu e a dona Esmeralda entramos para um programa especial de proteção a vítimas e a testemunhas ameaçadas. Só vou resolver o registro da patente e amanhã faremos uma viagem desconhecida, um esforço por todos nós.

— Poxa, cara! Tu és generoso demais. — Curvou-se para um abraço e batia forte em minhas costas. — Vou te perdoar até o fim dos meus dias.

— Obrigado — agradeci quando ele apartou sorrindo com sinceridade.

— O dia que cedi o comando da Uchoa, eu só conseguia ver bondade em seus olhos, uma premonição, né?

Dei de ombros.

— Sabe que a minha irmã questionou por que o fiz?

Ri, sacudindo a cabeça, com o coração despedaçado.

— Ela ficou possessa e com razão. Deixa-me ir que tenho uma porção de coisas para resolver até amanhã. Vou passar rápido na D'Ávila para ajustar algumas coisas com o Cauã.

— Vai lá. Boa sorte!

Desceu, e com aquela sensação de perda, liguei o carro e saí cantando os pneus, o carro do investigador Cláudio veio no meu rastro. E logo o celular tocou sobre o console do carro, congelei pensando em mil possibilidades ruins com as meninas, considerando que estava em posse de outro número pré-pago assegurando não ser rastreado. Atendi ao telefone com um medo danado, tenso.

— Agradeceria muito se não viesse com notícias ruins.

Ele riu compreensivo.

— *Não faça julgamento equivocado a meu respeito, rapaz! Não sou portador de notícias ruins e sim notícias inesperadas.* — Seu humor não foi animador diante da melancolia. Gostaria muito de estar ao lado da Carol neste instante. Por pouco, não corri atrás dela quando subiu aquelas escadas. — *Mas creio que esta seja esperada. Seu pai está feito louco ligando na delegacia tentando um contato seu.*

Selando as pálpebras, sacudia a cabeça, contrariado.

— Tudo já foi dito, neste momento ele é a última pessoa neste mundo que desejo falar. — A frase brotou falsamente de meus lábios. O coração ficou apertado com a falta de definição dos meus sentimentos. Entre nós havia fortes vínculos de raiva, ódio, como também amor. Ele sempre fora um pai fora de série, presente, preocupado em excesso com os filhos, um bom marido e amoroso. — Que porra! — O grau de fúria extrapolou o limite e

esmurrei o volante. *Que merda que você fez, pai?!* Sabe aquela sensação de impotência? Era exatamente desta forma que me sentia.

— *Se quer um conselho, converse novamente com ele, senão pode se arrepender no futuro. Senti isto na pele, amigo.*

Pegando a avenida em direção a D'Ávila, repensei no conselho e acabei cedendo.

— Como posso falar com ele?

Ele passou o telefone de um comércio onde meu pai aguardava e solicitou para não informar meu destino.

— *Marcelo, filho! Saí da sua cobertura arrasado. Não queria causar nada disso na sua vida e nem na do seu irmão. Espero que, um dia, você possa compreender e perdoar este seu velho pai que te ama!*

— Talvez no futuro nos encontremos novamente, hoje tenho dificuldade. Hoje mesmo a minha vida parou de fluir.

Ele pausou, suspirando ruidosamente chocado.

— *Do que você está falando?*

— Falando que você deve se preparar para o tsunami que recairá sobre você, em nossa família!

— *Está me assustando, Marcelo*.

— Passei seis anos da minha vida em silêncio guardando o seu segredo, tudo para evitar uma tragédia.

Ele calou-se completamente, sabia que deveria estar tenso. Amedrontado.

— Só que eu cansei, não é justo! A tragédia tardou, mas agora ela virá com força.

— *Como assim, filho?*

— Acabei de sair da casa da Carolina e revelei toda a verdade a toda à família.

Ele grunhiu desesperado.

— Sabe que o Tiago vai querer matar você e a dona Viviane, não sabe?

— Meu Deus! E a Viviane, o que ela falou?

— Deveria estar preocupado com seus filhos e não com ela. — Cerrei os dentes com seu descaminho. — Depois de tudo o que aconteceu, você ainda mantém contato com ela?

— Não! Claro que não... a gente precisa conversar, meu filho.

A única pessoa que pretendo conversar antes da viagem é com a Carol!

— Não sei quando poderemos ter esta conversa — resumi e ele ficou aflito.

— O que está pensando em fazer?

— Mudar de ares.

— Não tome nenhuma atitude precipitada, eu vou resolver tudo para você.

Uma risada histérica escapou por meus lábios.

— Como? Por acaso, você inventou a máquina do tempo?

— Me perdoa por tudo, garoto!

— A decisão já foi tomada. Ficar só vai trazer mais ódio, não há a menor possibilidade de reatar com a Carolina, com ela odiando você e eu a mãe dela.

E desliguei antes de qualquer contestação e segui meu rumo, para finalizar o que me propus.



Capítulo Dezenove

CAROLINA

Estou destruída com os bombardeios de informações, atônita até de pensar.

Fui tomada por uma amargura e tristeza sem precedentes quando cheguei à porta do quarto do meu pai. Ali, observando-o sobre sua cama recebendo o raio luminoso do sol em sua testa, que atravessava a grande janela entreaberta, senti meu coração arder em brasa.

— Pai! — Fechei meus olhos e corri até ele, imaginando seus braços abertos esperando eu cair neles, como foi na minha infância, adolescência e uma boa parte da minha juventude. — Eu te amo, pai. — Deitei-me ao seu lado, enfiando com cuidado um braço por baixo de seu corpo e o outro, passando por cima e deitei em seu ombro o abraçando numa força medida. — Te amo muito, muito, muito... — E ali permaneci, doando a ele todo o amor que possuía no meu coração. No meu âmago, pedi perdão pela traição da minha mãe.

Senti-me envergonhada, revoltada e reprimi o ódio minando, querendo dominar o meu coração. Apesar dos pesares, ela era minha mãe, tão cuidadosa, a pessoa que doou muito da sua vida, do amor em demasia.

E pensar no sacrifício do Marcelo para poupar-me do sofrimento corroía meu espírito, tanto como a traição da minha mãe.

Que estupidez, mãe!

Inquieta, levantei e andei até a janela, permaneci em frente à vidraça com os olhos semicerrados contemplando o nada. Era muita coisa para assimilar ao mesmo tempo, não sabia o que doía mais... Em meio ao turbilhão interno, pendi a cabeça cobrindo o rosto com as mãos.

— Não ouvi nitidamente o teor da discussão lá na sala, porém senti a energia negativa do que ela gerou. — Lídia, sentada na poltrona à minha direita, rompeu o doloroso silêncio. Esqueci-me completamente dela.

Apenas sorri com tristeza e balancei a cabeça.

— A fenda do meu mundo rachado e em órbita abriu e dela vazou o resquício de esperança que ainda sobrava. Foi isso o que aconteceu.

— Nossa! E foi muito — definiu ela.

Com todas estas revelações, nossa reconciliação ficou distante demais.

Solidária, ela veio pegando em uma das minhas mãos carinhosamente e apertava com as suas, transmitindo um calor magnífico enquanto meus olhos se perderam no ambiente, revivendo o momento na sala, as revelações absurdas...

— Filha! — A voz da minha mãe veio como uma explosão, ao entrar com um semblante em pânico.

— Sai daqui, agora! — rosnei fechando os punhos na lateral do meu corpo. — Eu não quero falar com você, não percebe que devastou a minha vida. Destruiu tudo, mãe... Esfacelou duas famílias pelo seu prazer pessoal. — As lágrimas se espalhavam pelo rosto à medida que ela agitava a cabeça, negando. Eu prossegui no estouro, só assim evitaria ter um infarto. — Eu só não empacoto as minhas coisas e saio desta casa pelo meu pai. — Assolada, fui me sentar ao lado dele, curvando sobre seu corpo inerte, e deitei a cabeça em seu peito. Somente o seu batimento cardíaco era sereno.

— Vai me ouvir, sim senhora, está olhando apenas sob um ponto de vista, tenho o direito da minha defesa, não posso sair daqui sem dar a minha versão

da história. — Sua convicção ao pegar no meu braço causou-me náuseas.

Levantei, cruzando os braços na altura do peito, travando um olhar desafiador.

— Nem tudo é o que parece.

Recusava sua tese, meneando a cabeça.

— Eu não cometi nenhum engano, tampouco tropeços que possa me arrepender... Que droga! — Nervosa, espalmou as mãos na frente das coxas e rolou os olhos, guardando silêncio por alguns instantes e prosseguiu: — Eu juro que não tinha intenção, apenas aconteceu...

Franzi a testa, dúbia, a sua explanação enrolada.

— Se eu tivesse o controle, jamais permitiria que o passado afetasse o seu presente. — Pausou respirando forte tamanha a dificuldade.

Eu ri completamente perdida e permaneci quieta.

— Na minha adolescência, eu namorava o Ruan escondido. E, nesta época, meu pai resolveu morar na Europa. Somente quando nos mudamos é que descobri a situação financeira do seu avô, estávamos falidos. Foi quando ele levou seu pai em casa. A realidade era que ele, com o consentimento da sua avó, já planejava me unir com o seu pai. E não deu outra, seu pai chegou daquele jeito atraente, um homem lindo, mais velho. Como qualquer jovem, acabei enfeitiçada e me envolvi romanticamente. — Soltou um grunhido magoado, antes de continuar: — E quando o relacionamento ficou mais sério, eu tentei cair fora e foi aí que meus pais entraram, forçando a me comprometer com o Gael. Eu não queria me casar. — Notei uma sinceridade abundante em suas palavras.

— Ainda amava o senhor Ruan? — perguntei receosa com a resposta. E até que foi legal! Ela confirmou lentamente com a cabeça, e segurou um soluço baixo. — Mas logo após o casamento, eu aprendi a amar o seu pai, a pessoa especial que ele era, e continuo o amando — reiterou.

— Não faz sentido, mãe! Se o ama, então por que o traiu? — cobrei sem entender. Ela se levantou e veio repousar suas mãos frias e trêmulas em meus ombros. — Não agiu decentemente. Poxa! O senhor Ruan é o pai do homem que amo, estávamos sempre juntos. Que horror! — Sacudia a cabeça bloqueando as imagens desprezíveis da minha mãe se pegando com o pai do Marcelo pelos cantos. Enganando a todos...

— Eu juro que não traí seu pai, filha.

— Como não? A mãe do Marcelo os flagrou, ele disse isso lá embaixo.

—Sim, mas... — Sem fôlego, ela pausou perdida e então fechou os olhos fortemente, como se as informações não pudessem ser reveladas.

— Se não tem coragem de confessar o que é verdade, peço que não diga nada. Não minta, por favor!

Seus braços enlaçaram meu pescoço, segurando-o, afastei-os recuando, desencorajando-a.

— Não me odeie, filha... — murmurou trazendo a mão em minha face. Dei mais um passo para trás evitando o contato. Ela soluçou acabada.

— Eu ainda não sei como classificar os meus sentimentos. E mesmo depois do que me contou, não posso incluí-la como vítima das circunstâncias como eu e o Marcelo fomos. Você teve escolha, mãe, e optou contra seus filhos. Se não estivesse feliz, pelo menos tivesse a decência de finalizar o casamento antes da traição. Meu pai não merecia ser enganado, ele viveu a vida dele por você, por nós. Adoeceu de tanto que trabalhou para nos proporcionar o melhor.

— Eu sei, minha querida, eu sei... Não tem um dia que não deito ali ao lado dele. Passos horas a fio conversando em seu ouvido. Precisava tanto ouvir sua voz, seus conselhos.

— Arrasou o meu coração, mãe. — Revirei os olhos e os fechei. — O Marcelo tem uma excelente percepção. Descobrir adoeceu meu coração, e

conviver com isto vai me matar aos poucos. O papai necessita voltar à vida, ele não pode morrer sem saber de tudo. Não pode.

Ela suspirou com os olhos cheios de lágrimas.

— Oro todos os dias, para que este dia chegue, querida! — balbuciou indo até a cama, curvou-se e sussurrou no ouvido do meu pai: — Eu sinto tanto a sua falta, amor! Você é o homem mais lindo e querido do mundo. Desperta, vai?

O braço da Lídia enrolou em minha cintura e colamos nossos ombros ouvindo-a comovidas.

— Tenho tanto a esclarecer. Tanto! — Beijou-lhe a face e, respirando fundo, endireitou-se e veio em minha frente e sorriu amargurada. — O Marcelo é uma ótima pessoa, maravilhosa, eu diria! Reconheço agora que ele tem virtudes excepcionais.

Assenti efusivamente de cabeça apertando meus lábios, comovida, arrependida por tudo o que fiz e disse a ele.

— Sim! Ele é a mais perfeita pessoa deste mundo.

Ela baixou os olhos saindo do quarto a seguir.

— Lídia? — Virei de frente a ela, quando minha mãe saiu do quarto, e segurei em suas mãos quentes e acolhedoras. — Fui injusta e cometi todos os pecados possíveis, chamei-o até de ladrão e estou muito envergonhada. — Fechei meus olhos rindo, alimentada por um profundo inconformismo.

Rindo com ternura, abarcou meu corpo em seus braços amorosos, deslizando as mãos macias e mágicas em minhas costas como fazia ao tocar em meu pai.

— A culpa não é sua, Carol — segredou em meu ouvido. — Agiu conforme entendia que era certo. Ele também é tão vítima como você. Coloca-se no lugar dele! — Apartou trazendo a mão à minha face. — Pense em todas as dores dele, desolação pela morte da mãe e ainda guardou

somente para si quando poderia revelar ao planeta, e dane-se todo mundo! E tudo por amor a você. Escolheu viver no isolamento silencioso para poupá-la de sofrer. É um ser humano grandioso este Marcelo! — Meu coração batia descontroladamente, apaixonado e aquecido em meu peito a cada palavra dita por ela. E a pressa bateu com força.

Segurando seu rosto, o beijei.

— Obrigada pela linda citação. Sinto-me mais fortalecida e pronta para uma conversa definitiva com ele. — Ri arrependida por tê-lo deixado plantado lá na sala.

— Isto mesmo, garota, vá lá e resolva! — Deu um tapa incentivador na minha bunda.

Simplesmente saí do quarto com uma pressa excessiva, precisava chegar antes dele sair da cidade, segui direto para o meu quarto. Tomei um banho rápido, a urgência não permitiu secar os cabelos adequadamente, os deixei úmidos e segui para o armário pegando a roupa mais fácil que encontrei, que nada mais era do que o vestido champanhe, transpassado com detalhes em preto, usado no dia da reunião. Calcei uma sandália de salto preta e abdiquei da maquiagem e o perfume. Afinal, ao sair do banho, apliquei no corpo a colônia pós-banho, e estava perfumada o suficiente.



Embora o ar estivesse abafado nesta tarde, o tempo começou a fechar e as nuvens escuras tomavam conta do céu. Pela fresta do vidro do meu lado, aberta, entrava o zumbido do vento a cada instante mais intenso. As avenidas de Alphaville estavam transitáveis, graças a Deus! Não sabia como isto iria terminar, havia empecilhos demais em nosso entorno. Com o número do seu

celular caindo diretamente na caixa postal, escolhi a D'Ávila como primeira opção, temendo um encontro com o Tiago.

— O senhor Marcelo D'Ávila foi desligado da empresa — informou a recepcionista, a mesma jovem ao qual me atendeu da outra vez que estive aqui. Os cabelos negros, hoje estavam presos num coque elegante e combinava com o traje: terno preto, calça e blazer. Atrás do balcão de mármore branco e cinzento, ela recebia a luz acinzentada da tarde chuvosa através da janela, dando uma visão panorâmica.

— Mas já? — perguntei para mim mesma.

— Carol? — Virei ao ouvir a voz surpresa do Cauã. Estiloso como sempre num terno bege e camisa branca sem gravata, ele descia do elevador. Andei apressada indo encontrá-lo.

— Vim procurar o Marcelo. — Ele torceu a boca discreto. — Está sabendo que o incidente na fazenda foi criminoso? — cochichei correndo os olhos para os lados, apreensiva de alguém ouvir.

Assentindo, ele segurou em meu braço me guiando para dentro do elevador e apertou o botão do andar da Presidência. E colocou o dedo indicador sobre meus lábios pedindo silêncio.

Entendi emudecendo.

— Vamos conversar na minha sala — informou quando a porta do elevador se abriu, e eis que o Wesley, dentro de um terno preto e camisa cinza clara, saía da sala do Tiago no fundo do corredor.

— Carolina Uchoa! — frisou meu nome, me fazendo desviar para Cauã, que sorriu pedindo cautela. Fiz a leitura dos seus olhos e gestos corporais. Tiago deve ter ouvido, pois saiu logo a seguir, imerso em um sorriso inocente. Seu terno era cinza claro, muito semelhante ao que o Marcelo usava no dia da festa do Bernardo.

Sentia-me apreensiva com ele vindo.

— Eu ainda não a agradeci direito — disse durante o percurso. — Vem cá. — Seus braços se fecharam ao redor do meu pescoço despretensiosamente. *Ele ainda não sabe!* — Agora eu sou o seu servo, salvou a vida do meu mano, é minha heroína e protegida.

Segurando meu ombro, sorria gentilmente.

— O Marcelo que me salvou de todas as maneiras — proferi sem conter o anseio.

Ele franziu a testa interrogativo.

— Resolveram se perdoar, não? — perguntou esboçando um sorriso de aprovação. — Por isso o ressarcimento aos cofres da D'Ávila e a renúncia do cargo de presidente?

— O quê? — Incrédula, soltei buscando nos olhos do Cauã a resposta.

Temia o que aquilo poderia significar. Ele não pode partir, não posso ficar mais seis anos sem ele. Não posso!

— É, vamos entrar, Carol! — Cauã rapidamente colocou a mão em meu ombro guiando-me para a sua sala. — Precisamos conversar — disse serenamente, sem causar desconfiança.

— Ah, doutor Cauã! — chamou Wesley. — Caso veja meu primo, diga que o tio Ruan está desesperado procurando por ele.

— Se o vir, dou o recado — respondeu formalmente e quase me jogou para dentro da sala.

— Por favor, me diga que o Marcelo ainda está na cidade? — Minha voz manifestava urgência conforme implorava. Mudo, num doloroso suspense contornou sua mesa, sentou, abriu a gaveta e colocou várias pastas sobre o tampo de madeira e focou em mim ali na frente, em plena crise de ansiedade depois de jogar aquele seu olhar cheio de suspeita e desconfiado na porta fechada.

— Eu não sei informar. — Curvou e abriu a primeira pasta. — Mas ele deixou bem explícito a intensão de não voltar tão cedo.

Inspirei com uma dor brutal no peito à informação.

— Então as informações do Tiago procedem, o Marcelo pretende mesmo ir embora?

Ele assentiu estendendo um documento da INPI.

— Senta, Carol.

Ressabiada, obedeci fitando-o, tensa.

— Não se apoquente, ele deixou claro que ainda teria uma conversa definitiva com você. — Fechei meus olhos aliviada. — Aqui está o registro da patente. — Peguei de suas mãos repassando os olhos pelo papel, deparando com o meu nome e do Guilherme. — E aqui está o distrato do contrato de compra e venda. — Entregou, fixando seus olhos entristecidos nos meus inquietos. — Ele ressarciu a D'Ávila do próprio bolso o montante pago ao Guilherme.

Sacudia a cabeça sem querer acreditar. Debruçando sobre a mesa espalmou nela.

— Nunca imaginei que ele fosse capaz de uma atitude tão nobre. — Riu orgulhoso. — O Marcelo é o meu ídolo.

Afundei na cadeira e inspirei com um sentimento de remorso me corroendo por dentro.

— Sempre admirei estas características no Marcelo e, infelizmente, fiquei cega ao interpretar a cena na cobertura dele como traição. Eu enxerguei um monstro em alguém tão verdadeiro. Ah, que ódio de mim! — Saltei da cadeira jogando a papelada sobre a mesa. — Vou tentar encontrar o investigador que nos atendeu na fazenda. Ele precisa me levar até o Marcelo.

— Boa sorte, amiga! — desejou ele com sinceridade.

Assenti e saí voando da sala, corredor, e entrei no elevador parado ainda no andar.



Marcamos um encontro no distrito localizado na parte central da cidade de São Paulo.

— Infelizmente, o senhor Marcelo e as três mulheres ficarão expostos à grave ameaça em razão da dona Jussara estar colaborando com o inquérito policial. Não posso lhe dar o endereço, no entanto, serão levados para um novo endereço e, caso haja necessidade, receberão novas identidades até o fim do processo. — Numa sala reservada, explicou depois de eu insistir muito.

— Você disse ficarão! Isto me faz pressupor que ainda não estão.

Ele grunhiu, erguendo as sobrancelhas.

— A senhorita é uma boa observadora. Parabéns!

Ri orgulhosa, porém mais ansiosa.

— Realmente os meliantes não imaginam que já sabemos sobre o incêndio criminoso e atentado na sauna. Se encontrar com ele, coloca a senhorita no caminho do alvo.

— Não me importo. — Dei de ombros. — Preciso falar com ele, urgente. Me leve até ele, autorizo colocarem uma venda em meus olhos, e até me entupirem de sonífero.

Ele ria de maneira divertida e se levantou.

— Não posso prometer, mas analisarei a possibilidade com cautela. Peço que aguarde.

— Obrigada.

Ele assentiu e saiu da sala.

Expirei confiante e aguardei ansiosamente.

Cinco horas de espera e chegou a hora de deixar a delegacia. O investigador Luiz Cláudio culpou os trâmites burocráticos pela demora.

A chuvinha fina virou uma tempestade imperiosa. Com vendas nos olhos, o som da chuva batendo no teto do carro, dos raios e trovões e a poluição sonora das buzinas deixavam os sons diferentes, assustadores na verdade.

— Nossa! Pelo jeito, o mundo está caindo em água! — exclamei no banco de trás do carro do investigador dirigindo. O parceiro sentado ao seu lado também à paisana comentou:

— Realmente! Muitas ruas interditadas por alagamento e, claro, o trânsito virou um caos.

— Perdoe pelo desconforto da venda, senhorita. Estamos seguindo os protocolos — explicou Luiz Cláudio.

— Você não deve pedir desculpas, eu que agradeço.

O trajeto durou mais de uma hora após esta nossa conversa, quando o veículo parou sem que a chuva desse uma trégua, era incessante e torrencial.

— Antes de deixá-la descer vamos observar a ambulância que acabou de estacionar em frente ao prédio — mencionou Luiz Cláudio enquanto seu parceiro virado para trás me ajudava com a retirada da venda.

A rua deserta só não estava mergulhada na escuridão devido à lanterna acesa da ambulância alguns metros atrás, com dois homens em seu interior com vestimenta escura, para ser mais exata, estacionada em frente à portaria do prédio de mais de dez andares, fachada de construção antiga. Não fazia a menor ideia de onde estávamos, com pouca visão, notei imóveis intercalados em terrenos sem construções. Observava o motorista descer com um guarda-chuva, e falava, acredito, com o porteiro na guarita pelo interfone. Luiz Cláudio digitava o tempo todo mensagens no seu celular.

Alguns minutos depois, o portão de alumínio lateral que dava para a garagem subiu, o motorista voltou, entrou na ambulância e entrou com ela. Com uma curta ré foi possível observar o movimento no interior da garagem. Os dois homens desceram da ambulância no mesmo instante que a porta traseira foi aberta descendo mais um homem, enfermeiro tenho certeza, devido à roupa branca. Os três tiraram uma maca, o pequeno corpo coberto por um cobertor escuro dando destaque a cabeleira branca como um chumaço de algodão, nitidamente se tratava de uma mulher idosa.

— Eu não falei? — comentou Luiz Cláudio num tom humorado intrigante. — Olha lá, é a moradora de 80 anos do 915. Ela saiu hoje à tarde de ambulância para o hospital, a um dos seus procedimentos contínuos.

Vinte minutos depois, a ambulância saiu e se foi.

Luiz Cláudio inclinou-se para trás.

— Agora está liberada. Já providenciamos a sua entrada, o porteiro vai te acompanhar até o elevador orientando-a.

— Obrigada por tudo!

— Boa sorte!

Assenti e suspirei profundamente e abri a porta.



O vento soprava violentamente e arremessava a água da chuva chicoteando meu rosto, enrolando os fios de cabelos todo pela cabeça, impedindo minha visão. Correndo com dificuldade sobre o salto, naquelas poças d'água que mais pareciam buracos, passava as mãos pelo rosto me livrando dos cabelos até que alcancei a frente da portaria. O portão destravou e corri para dentro. Parei na porta de vidro fumê; passando as mãos pela

roupa encharcada e cabelo, percorria meus olhos pelo hall espaçoso, decoração rústica, porém, charmoso e bem receptivo. O funcionário atrás do balcão escuro de madeira observava meus movimentos.

— Não tive como evitar não me molhar — expliquei. Ele acenou de cabeça, sério, e contornando o balcão, seguiu em direção aos elevadores ao fundo do cômodo e apertou o botão o chamando, e somente depois se pronunciou:

— Infelizmente, não tenho como ajudá-la. — Curvou-se dentro do elevador e apertou o botão e veio me encarar ainda ali, parada sob o tapete e preocupada em molhar o piso de granito.

“Isso que posso chamar de homem de poucas palavras!”, pensei rindo por dentro.

— É o apartamento 702 — informou ele acenando de cabeça, tipo me convocando.

Mediante um sorriso sem graça adentrei alagando por onde trafeguei, entrando no elevador, girei de frente à porta observando o playground vazio, através da porta de vidro do outro lado do corredor.



A sensação era que o meu coração sairia pela boca quando a porta do elevador se abriu e dei de cara com a porta de madeira escura do 702, ao lado de uma outra porta que deduzi ser a saída de serviço, geralmente, da cozinha. Saí no andar contendo quatro apartamentos, respirei o mais profundo possível, para tranquilizar meu coração afoito, e apertei a campainha.

— Estou no banho, alguém atende a porta, por favor! — Sua voz grave vinda de repente fez subir um arrepio em minha espinha e um tremendo frio

na barriga, uma sensação divina.

— Dona Esmeralda, atende a porta! Estou aqui no banheiro dando banho na Yasmim.

A voz feminina veio a seguir:

— Ela está dormindo, fica tranquila. Eu mesmo atendo a porta.

— Vem, meu amor, vem! — Fechei meus olhos o chamando num fio de voz com as melhores das sensações pelo corpo.

A porta se abriu e lá estava ele. O amor da minha vida com os cabelos úmidos na testa e sobre o curativo, enrolado apenas com uma toalha felpuda branca na cintura e lançando aquele olhar cinza cintilante, divinamente surpreso invadindo a minha consciência. O peitoral atlético musculoso à mostra numa intensa agitação. Abri a boca e percebi a minha incapacidade de expressar as emoções que atingia um nível elevado, revivendo todos os nossos momentos de brigas, de pensamentos negativos que joguei sobre ele, dos meus gestos brutos, das minhas atitudes, da acusação, tudo...

E não houve tempo de desarmar a bomba, deflagrou. As lágrimas jorraram dos meus olhos se expressando, como a minha expressão corporal, tremia da cabeça aos pés.

— Existe alguma possibilidade de você me perdoar, Ma? — perguntei aos prantos, caindo de joelhos aos pés dele com o grito agonizante do remorso ecoando dentro da minha cabeça.

— Levanta daí, amor — murmurou afogado na mesma sintonia minha, dando-me sua mão. Quando a peguei, ele me puxou para cima e, em seguida, para dentro e fechou a porta com urgência. E mediante sua atitude nada delicada, naquela pegada incrivelmente deliciosa, me jogou contra ela espalmando a madeira ao redor da minha cabeça.

Via uma mistura de sentimentos em seus olhos perambulando pelo meu rosto cheio de remorso, eles brilhavam em inquietação e alegria. Sim,

estavam nitidamente alegres.

— Fui tão miseravelmente injusta com você! Por favor, me perdoe se o machuquei.

Rindo e chorando, suas mãos grandes moldaram meu rosto, roçando seus lábios trêmulos e úmidos, salgados das lágrimas nos meus.

— Como você poderia saber, amor? — sussurrou soluçando. — Ambos não passamos de vítimas das injustiças da vida.

— Mesmo assim, Ma. — Deslizando as palmas de minhas mãos em seu peito, sentindo nelas seu pulso desvairadamente forte. — Preciso do seu perdão, meu amor, errei ao focar somente na parte ruim, me esquecendo das suas qualidades explícitas, da pessoa extraordinária que você sempre foi. Já cheguei chutando o balde e fodi com tudo. Fui muito imatura.

Movendo a cabeça de um lado ao outro, aqueles braços fortes me envolveram num abraço singular antes de suas mãos mergulharem em minhas costas, causando arrepios pelo meu corpo com elas passeando sobre o fino tecido molhado.

— O importante é que você nunca fechou as portas do seu coração. E têm males que vem para o bem, Carol — murmurou ao pé de meu ouvido. — Aquele dia estava a ponto de matar o meu pai e sua mãe. Sentia-me engolido pelo mundo, perdido. Tinha que terminar com você para não cair em tentação e revelar a verdade. Não achei justo com você, nem com o Tiago e o Guilherme, é claro! Destruiria vocês, como me destruiu. Abracei todo o sofrimento para poupar todos. Já que não podia mudar o que aconteceu, deixei apenas a minha vida ser esfacelada. Pensa comigo, Carol! Eu e o Tiago odiando sua mãe, você e o Guilherme, o meu pai... — Ria mortificado. — Seria uma bagunça generalizada, iríamos nos agredir o tempo todo. O ódio reinaria entre nossas famílias, o que não seria bom para nós, imagina então para os nossos filhos?

— Você foi um guerreiro, arquivando este segredo por tanto tempo, Marcelo! — Fechei meus olhos beijando seu pescoço cheirando a sabonete. Delicioso. Ele estremeceu todo.

— Só consegui porque você foi embora — murmurou arqueando a cabeça o suficiente para olhar em meus olhos. — Se não tivesse deixado a cidade, eu o faria, com certeza. — Parou com as pontas dos dedos na curva entre a coluna e a minha bunda apertando contra ele, me dando o prazer de sentir seu membro que amava de paixão. — Nosso relacionamento está fadado ao fracasso — foi sincero e eu concordava com ele. — Você pode estar brava agora com a sua mãe, mas, pelo amor que sente por ela, irá perdoá-la um dia, diferente de mim. Se não perdoar, não vai odiá-la como não consigo odiar o meu pai. Não haverá uma boa convivência depois de tudo, pensa quando vier nossos filhos. Para não os magoar, teremos que viver na mentira. — Balançou a cabeça, ambíguo. — Aqueles dois transformaram nossas vidas numa confusão enorme.

Concordei espalmando sobre a barba, esfregando minhas mãos de cima a baixo, pela fresta de seus olhos fechados escapuliam algumas gotas de lágrimas e foi sobre elas que beijei com tanto carinho, sentindo-o tremer ao meu gesto.

— Acabou, meu amor! Agora, não precisa mais carregar tantas coisas consigo, tanto peso...

— Com tudo esclarecido, eu confesso estar mais aliviado.

— Eu gostaria de esquecer este assunto por enquanto! — expus minha vontade sussurrando em sua pele. Abrindo os olhos, ele sorriu, naquele sorriso conhecido, apaixonado, aproximando seu rosto do meu e roçando a ponta de seu nariz ao meu. — Deixamos o futuro para o futuro, e vamos viver o presente, agora.

Segurou em meu queixo o erguendo, seus olhos afundaram nos meus antes de me puxar, sua língua extremamente saborosa com sabor de alívio, sabor de vida, atravessou meus lábios entreabertos, já o aguardando. A língua dominante desbravava cada canto da minha boca com uma necessidade que também era minha, a mão forte deixou meu queixo e veio espalmar minha face, enquanto a outra mergulhava na curva da minha bunda e me apertava contra ele, proporcionando um prazer incrível. Sentir seu pau, já totalmente duro como rocha, me levou à loucura, gemi em seus lábios de prazer, de alegria, de amor, completamente molhada. Sua respiração se tornou ainda mais forte ouvindo meus resmungos, sentindo a minha entrega, afoito, sua mão possessiva e quente deslizou por minhas costas.

— Este tecido molhado, colado ao seu corpo parecendo uma segunda pele me deixa louco — sussurrou em minha pele correndo as mãos pela lateral do meu corpo, apertando com demasiada força contra ele. Uma catou meu seio com firmeza, massageando sem machucar, de maneira delirante e a outra segurou em meu quadril e veio à minha virilha.

— Ah! — gemi prendendo a respiração com ela exigente, entrando pelo transpasse do meu vestido. Os dedos surpreendentemente quentes e habilidosos acharam o caminho até a minha calcinha encharcada, apalpando pra valer.

— Eu preciso sentir você! — sussurrou em meus lábios e afastou a cabeça o suficiente para olhar diretamente nos meus olhos com aquele tesão desenfreado atravessando o elástico, e descobrindo meu clitóris.

O suplício avolumou o meu tesão por este homem, queimou meu corpo entrando em ebulição, minha vagina contraiu dolorosamente deliciosa, excitada.

— Eu também, Ma! Estou tão carente de você. — Agarrei seu cabelo molhado no pé da nuca trazendo seus lábios aos meus em outro beijo

molhado e maravilhoso, quando fomos surpreendidos pela vozinha de menina, nos desgrudamos imediatamente. Marcelo cruzou as duas mãos sobre sua ereção.

— Yasmim? — Ofegante olhávamos para um corredor à meia-luz de piso de tacos, como toda a pequena sala de decoração simples, por onde vinha aquela garotinha do lanchonete. E logo atrás dela uma mulher morena, de calça jeans e camiseta branca, que logo reconheci como sendo a mulher da cobertura. — Yasmim, filha! — Ela segurou na mão da menina, vestida num pijama estampado de bichinhos e fundo branco, que ficou parada me observando.

— Ah, desculpem! — pediu sem graça.

— É-é... — gaguejou Marcelo até conseguir concretizar a frase. — Esta é a Jussara, a neta da dona Esmeralda.

Sorrindo, estendi a mão me apresentando.

— Muito prazer, Jussara! — Ela sorriu amavelmente, apertando minha mão.

— O prazer é todo meu.

E desviei para Yasmim que, por sinal, de perto era ainda mais linda.

— Tudo bem com você, Yasmim?

Ela abanou a cabeça apenas, talvez estranhando a minha presença.

— Fala um oi para a Carol, filha! — convocou a mulher carinhosamente repousando a mão no ombro da Yasmim.

— Oi, Carol! — disse ela em sua agradável vozinha inocente quando Jussara segurou na mãozinha dela.

— Vou levar a Yasmim para brincar um pouco no playground.

— Oba! — Entusiasmada, a menina começou a pular e bater palminhas.

— Minha avó está no quarto trancada, dormindo profundamente, assim podem conversar mais tranquilamente. Vou sair pela porta da cozinha.

Marcelo assentiu de cabeça, agradecido; e ansiosos ficamos ali observando mãe e filha saírem por uma porta lateral, por onde via a ponta de uma geladeira branca, quando, imprevisivelmente, o cara com sua pegada surpreendente, fechou os dedos longos ao redor da minha garganta e me lançou contra a parede na lateral da porta.

— Sou louco por você! — rosnou lascando aquele beijo urgente, exigente, repleto de saudade, desejo, fogo, selvagem, de pegada, o mais gostoso e inesquecível deste mundo, enquanto me esmagava contra a superfície sólida. *Hum... Delícia de homem!* — Vou te foder com força e gostoso como você merece — avisou descendo as mãos pela minha cintura, deu a volta agarrando minha bunda, apertando contra ele, esfregando seu membro rígido, literalmente saltei voo às nuvens.

— Uau! — Afogada, deixei escapar um gemido apertado. — Senti muita vontade desta sua forma impetuosa e intensa de pegar. Você é único neste Planeta.

— Você é a culpada em me transformar neste animal! — Afoito, chupou minha língua devorando-a magnificamente erguendo meu vestido, livrando minha bunda, seus dedos infiltraram pelo elástico da calcinha adentrando no meio dela, exercendo pressão no meu ânus, deslizando para meus lábios vaginais inchados e encharcados, comigo instintivamente empinando a bunda, querendo mais contato.

— Ah, Marcelo! — Minhas mãos se firmaram em seu cabelo quando gemi empurrando contra seu dedo, maravilhosamente sendo infiltrado em minha vagina, necessitada em contrações deliciosas.

— Eu preciso desta delícia! — rosnou doido em minha boca, e mordeu meu lábio inferior estirando enquanto tirava o dedo de dentro de mim e levou aos lábios, lambendo esfomeado, sentindo o meu sabor. Seus olhos cinza estão transparentes de desejo e sua respiração entrecortada. — Seu sabor é

divino. Experimenta! Curvou introduzindo sua língua em minha boca, circulando, sorvendo o que podia. Uma loucura, enquanto tirou meu vestido pela cabeça e o jogou por ali.

Voltando a tragar meus lábios, ergueu meus braços na parede acima da cabeça, fiquei com eles lá em cima sentindo suas mãos escorregando prazerosamente, incendiando a minha pele, na lateral do meu corpo parecia desenhar a minha silhueta. Os lábios deixando os meus tremendo e emitindo ruídos de desejo seguiam molhados até meu queixo, em seguida para o pescoço, declinando.

Arfei na expectativa do percurso e um gritinho abafado escapou com sua boca sorvendo meu seio numa gula deliciosa. Seus dentes se fecharam no bico rígido e deu aquela puxada, não muito indolor, quando suas mãos apertaram meu quadril e seus polegares invadiram o elástico da minha calcinha e correu entre meus lábios o desejando, acariciando meu clitóris.

— Não posso esperar mais, não posso. — Arrancou a toalha revelando seu pênis ereto, arfei maluca de tesão descendo uma mão pelo peitoral esculpido e todo arrepiado, acariciando com ele gemendo, arqueando a cabeça levemente para trás, curtindo minhas carícias.

E quando cheguei ao membro dele pulsando de tão duro, fechei minhas mãos ao redor o fazendo balançar.

— Que mão gostosa! — Gemendo e tremendo todo, rosnou entredentes e veio com tudo atacar meus lábios, abusando de cada centímetro com a sua língua exigente. Eu deixei seus lábios, correndo minha língua, traçando uma linha de beijos pelo abdome cheio de gomos, que amava. De joelhos, circulei a ponta da língua na glande, brilhando de tão inchada, antes de envolvê-lo entre meus lábios. — CARALHO DE BOCA DELICIOSA! — rugiu ele levando as mãos nas laterais de minha cabeça e arqueando o quadril, fazendo eu engolir o que deu. — Oh... — gemeu quando cravei meus dentes, sem

machucar, e comecei a saboreá-lo deslizando a ponta da língua em toda extensão, da glande à base e vice-versa, alternando com beijos e mordidinhas leves nas bolas, o provocando, o levando a estremecer sem controle. — Você nunca se esquece de como eu gosto! — sussurrou em êxtase, com ele entrando e saindo da minha boca. E comecei a acelerar, sentindo as veias saltadas.

— Senti muita saudade dele, Ma! — confessei o sugando todo e pressionei meus lábios fortemente ao redor, enquanto massageava as bolas o fazendo soltar um gemido intensamente, enlouquecido de tesão.

Enrolando meus cabelos em suas mãos, me levantou atacando meus lábios num beijo feroz com total posse, com seu pau encaixado em meu núcleo com fortes contrações, um total tsunami.

— Eu preciso saborear você também! — reclamou bruto e me virou de costas para ele.

Segurando no cós da calcinha, arrancou do meu corpo fazendo dela apenas um inútil pedaço de pano. Com as mãos na parede, para me equilibrar, inclinei oferecendo a facilidade imposta, quando senti os lábios molhados e grossos pelas minhas costas, enquanto uma de suas mãos veio com urgência à minha vagina necessitada, totalmente excitada.

— Você é minha, Carol! — sussurrou no meu ouvido, com seus dedos escorregando no meu clitóris latejando. Estava pronta para recebê-lo, quando penetrou o dedo duramente, me arrepiando da cabeça aos pés e retirou. — Quero que sinta e aproveite cada momento de prazer absoluto. Eu te amo! — E penetrou novamente na mesma intensidade, caindo de joelhos e abrindo minha bunda.

Nossa, ele nunca abriu a minha bunda daquele jeito! E me enlouqueceu descendo a língua para a minha vagina, subia também para meu ânus, dando

um trato como nunca fizera antes. Delirando de desejo, eu não aguentava mais esperar.

— Eu quero você, agora, Marcelo! — implorei sem fôlego, desesperada para tê-lo dentro de mim.

Ele se levantou.

— Você me quer? — perguntou provocativo, passando a cabeça do pau lentamente na região com fortes contrações, fazendo-me viajar.

— Aham, muito, muito... — Completamente sem ar, empinei a bunda e abri as pernas deixando tudo exposto para ele, que rugiu desesperado, encaixando-se na porta do meu prazer. Fechei meus olhos, ansiosa para receber seu membro no meu mar com ondas revoltas.

Segurou firmemente meu quadril e sem dó nem piedade empurrou de uma só vez, me penetrando profundamente. Mordendo meu lábio, soltei um gemido alto, vendo estrelas literalmente, ouvindo o som escapando entredentes de prazer.

— Você é tão perfeita! — elogiou fodendo com vigor. Em seguida, pressionando meu corpo contra o dele completou ofegante, ensandecido de apetite sexual: — Delícia demais, gostosa! Não sabe o quanto eu te desejo!

Sentia seu pau crescendo em meio as minhas contrações internas com os espasmos se aproximando. Apaixonada, movi meu quadril contra o dele, sentindo a penetração mais profunda, arrancando um gemido animal de seus lábios. Curvou colocando seu peito quente e úmido pelo suor em minhas costas, fechei meus olhos em um mar de sensações, sentindo seus batimentos cardíacos.

— Nunca esqueci este seu cheiro. — Segurando no meu pescoço, puxou aspirando perto do meu ouvido e a outra mão mergulhou em meu clitóris, estimulando-o ainda mais, movendo deliciosamente forte. Trepidei de emoção, excitação, tudo... — Dormia com o meu subconsciente projetando o

som de sua respiração — declarou num sussurro incendiário e beijou o lóbulo da minha orelha, movendo mais lentamente, levando-me ao ápice do prazer. Mais dois movimentos e eu gozaria. — Garota nenhuma foi capaz de me fazer sentir assim — aprofundou rosnando.

Uma onda de tesão violento percorreu meu corpo, enlouquecida pelos espasmos, estiquei meu tronco, levando minhas mãos para trás, até a sua nuca, agarrando as raízes dos seus cabelos com ele ali, ofegantemente, desesperado me masturbando com os dedos mágicos, me fodendo gostoso.

— Ah! — gritei no meu limite. — Ficar sem você foi o maior sacrifício da minha vida. — Pausei com mais uma estocada, daquelas de sacudir o corpo, ouvindo sua respiração densa no meu ouvido. — T-tentei me convencer de que você não era homem para mim. E fracassei, sorte minha. Agora eu entendo as minhas rendições aos seus ataques como força da minha intuição. Como você disse: a minha alma não se confundiu, ela sempre soube o quanto você é especial, amor! — A frase despertou nele um tremor intenso. Beijando meu pescoço, ouvido e sussurrando palavras doces em meu ouvido, ele tremeu mais intenso. Rosnei, sentindo as contrações, e então todo aquele jato de realização detonou em meu interior.

Atingimos o clímax juntos.

— Ah, linda! — cochichava com a língua deslizando em meu pescoço. — É maravilhoso te amar.

Alguns segundos engatados, esperando o equilíbrio do corpo, ele saiu de dentro de mim, me virando de frente e moldando meu rosto entre as mãos grandes e ainda muito trêmulas. Lindo!

— Está mesmo disposta a enfrentar a guerra que virá? — A voz rouca e tristonha perguntou ofegante, imerso à dúvida.

— A gente vai ficando, e tentando, Marcelo. Sem compromisso de futuro.

Seus olhos marejados vasculharam meu rosto.

— É justo a gente viver o hoje, porque você é o homem da minha vida. Seria injusto deixar este nosso amor terminar por erros dos outros.

Assentiu, concordando. Pegou o meu vestido e a toalha no chão e, em seguida, me carregou.

— Independente do final, você será sempre a minha mulher, a única que fez meu coração sorrir, amar. — Caminhou comigo em direção ao corredor, que eu supunha ser dos quartos. — Eu quero mais de você, e aqui na sala podemos ser flagrados!

Estabeleci com seus braços enlaçando ao redor do meu pescoço.

— Ma, a Yasmim sabe que você não é pai dela? — perguntei com ele se posicionando em frente à porta e solicitou para abrir a porta do quarto.

— Não! Por segurança deixamos ela pensar que eu era o pai dela — respondeu entrando comigo no ambiente simples: piso de taco como o corredor, uma penteadeira de madeira escura e uma cama de casal ao lado de uma porta que deduzi ser do banheiro. — Mas combinei com a Jussara contar assim que ela estiver mais mocinha.

Beijou meus lábios, jogou-me sobre o colchão e veio por cima, me beijando muito gostoso.



Capítulo Vinte

MARCELO

A decisão de partir definitivamente fracassou com a sua proposta, estar com ela em meus braços era como morar no paraíso. Exatamente onde queria fixar moradia, neste lugar encantado, mágico. Abarquei mais seu corpo, úmido pelo suor, mantendo-a bem perto de mim e beijei o topo de sua cabeça.

— O Cauã me contou que não pretendia mais voltar. — O fio de voz embargada saindo de seus lábios interrompeu meus pensamentos, fechei meus olhos inspirando longamente antes de responder, experimentando o calor do seu hálito em meu peito.

— Não partiria sem antes de falar contigo. — Sorriu chateado. — Eu queria tanto ter o poder de apagar o passado! — A frase saiu quase em um sopro, aquele aperto medonho no peito me sufocava de verdade.

Ela notou, senti seu corpo estremecer em meus braços. Ergueu a cabeça, aquele olhar suplicante não disfarçava o nervosismo.

— Não tome mais nenhuma decisão sozinho, Ma! Por favor... Aceite a minha sugestão, dando tempo ao tempo sem pensar como tudo vai terminar. Quem sabe a gente encontra um meio-termo. Eu sou completamente apaixonada por você, agora ainda mais...

— Largaria todos por mim? — Precisava da resposta, aprisionando seu olhar, que desceu duvidoso.

— Preciso respeitar o tempo do meu pai — murmurou ela e voltou a me fitar, deslizando os dedos de maneira delicada pelo curativo, desgostosa. Com toda minha concentração nela, a dor se tornou supérflua — Vamos ficando, vai! Curtindo...

Grunhi, rindo, compreendendo-a completamente.

— Está ciente da violenta tempestade vindo por aí, né?

— Está falando do Tiago, não é mesmo?

Assenti e levantei um pouco a cabeça, beijando embaixo do seu queixo, passei a língua na pele macia.

— Meu irmão vai causar, tenho medo do sentimento que ele possa desenvolver por você.

— Desde que seja com você por perto, estou preparada para tudo.

— E ainda preciso passar uma temporada escondido — alertei todo arrepiado, desejando-a novamente e moldei sua cintura, trazendo-a para cima do meu corpo.

Ela moveu a cabeça afirmativamente. Enquanto eu corria minha língua ao redor dos lábios grossos, encaixei meu pau em seu centro quente escorregadio; agarrando seu quadril, penetrei-a, preenchendo-a deliciosamente, gemendo apaixonado. Ela prendeu a respiração tremendo totalmente, linda!

— Oh! — rosnei arqueando o quadril, aprofundando o máximo. — Se tem coragem, então vamos viver este nosso amor em meio ao tornado, Carol! — sussurrei em sua boca. — Há muito sentimento pulsando dentro do meu peito. — Apertei-a para baixo, penetrando com tudo, ela gritou abafado, maravilhada. — Está sentindo como tudo em mim pulsa por você?

Ela assentiu me beijando, começando aquele movimento de cavalgar fantástico quando ouvimos barulho de maçaneta de porta e, em seguida, um estalo baixo, tipo arrombamento de porta.

Segurando o quadril, impedi-a de mover-se, atento ao barulho.

— Tem algo errado. — Deitei-a na cama e levantei a seguir com o olhar fixo na porta do quarto.

— Ai! — ela se contraiu de dor com a mão na bacia do lado direito.

— Você está bem? — Regressei à cama, preocupado.

— Sim, sim... — disse num resmungo. Lancei meu olhar desconfiado, ela grunhiu rindo. — Não, não estou grávida, se esta é sua preocupação. Menstruei. Eu acho que dei mal jeito na bacia, vira e mexe vem esta dorzinha nesta região. Mas já passou — garantiu com a expressão relaxando.

Apreensivo, corri para pegar o celular no bolso da calça moletom sobre a velha penteadeira de madeira escura, e verifiquei o sinal. Nada.

— Droga! — praguejei, sendo tomado por um frio agudo e respirei fundo com uma preocupação latente. Mil preocupações circularam pela minha cabeça. Só conseguia pensar na segurança da Carol, dona Esmeralda dormindo, e as duas lá no hall. Numa rápida medida de segurança, vesti a calça e, em seguida, catei o vestido dela no chão, jogando sobre ela ali na cama. — Se vista rápido, Carol.

— Tá! — Assustada, não questionou, apenas obedeceu.

— Shhh... — Levei o dedo indicador sobre os lábios, invocando seu silêncio.

Não ouvia barulho quando lentamente abri a porta do quarto, só que a minha percepção indicava a presença indesejada no pequeno apartamento. Observei antes de sair no corredor. Averiguando não ter ninguém, dei sinal com a mão para a Carol ficar no quarto. Irredutível, ela negou veementemente de cabeça.

— Não vou te deixar sozinho! — sussurrou convicta. Já a conhecia e também não havia tempo de argumentar. Caminhando no meu passo em direção à sala, Carolina me seguia. Ambos pisávamos quase nas pontas dos

pés sobre o piso de taco de madeira evitando ruídos para não despertar a atenção de supostos invasores. Parei em frente ao quarto da dona Esmeralda e girei a maçaneta, porta trancada. *Ufa!* Respirei aliviado.

— Dona Esmeralda? — cochichava com os olhos no fim do corredor. — Dona Esmeralda?

—Sim. — A voz sonolenta chegou em nós.

— Não saia do quarto, nem abra a porta para ninguém, entendeu?

— Mas e a Jussara, a Yasmim? — cochichou de volta num fio de voz apavorado.

— Vai ficar tudo bem, não saia! — ordenei e seguimos pelo corredor. No final tínhamos a visão do aparador velho de madeira, como toda a decoração do pequeno apartamento, na parede da porta da cozinha. — Precisamos chegar ao telefone fixo. — Apontei para o aparelho cinza sobre o móvel.

Atento, não ouvimos ruídos e entramos na sala e logo de cara fomos surpreendidos com um homem vestindo calça e camisa social preta, usando uma máscara com rosto de idosa, aliás a máscara humana com os cabelos brancos espessos era ultrarrealista.

Ele estava sentado no sofá ao lado da bolsa aberta da Carol e estava com uma arma em punho, apontando para nós.

— Marcelo D'Ávila! — O tom abafado saiu de dentro da máscara em tom de deboche. — Carolina Uchoa! — Dizendo o nome dela, ele se levantou caminhando em nossa direção.

Peguei a mão da Carol, puxando-a para trás. O homem ria se divertindo.

— Achou mesmo que sairia ileso após registrar a minha filha como sua? ROUBOU A MINHA FILHA! — vociferou retirando a máscara, se revelando. Não tinha cabelo louro, mas era quase louro, castanho bem claro, com os olhos puxados. Havia muitas cicatrizes na pele branca lisa, indicando que o cara curtia uma luta corporal.

— Eu dou outro nome ao que você chama de roubo.

Ele arqueou as sobrancelhas, interrogativo.

— Doei amor e proteção.

Ele riu indignado com um sofrimento vago.

— Não estou acreditando que estou ouvindo tal absurdo. — Os olhos assumiram um vermelho assombreado ao travar o maxilar, apontando a arma para minha testa e engatilhou. Arqueei, ajeitando meu corpo para servir de escudo à Carol atrás, suas mãos espalmadas em minhas costas. — Então, está me dizendo que você se acha superior? Acha que não tenho capacidade de amar e proteger a minha própria filha? — desafiou comprimindo o dedo no gatilho.

— Por favor, não! — Desesperada, as mãos frias e trêmulas da Carol deram a volta pelo meu abdome e se fecharam nele.

— Tem que concordar comigo que um homem que bate numa mulher, não tem nada de protetor. Na verdade, é um covarde! — Deixei escapar, provocando a fúria do homem, um perigo, admito, com ele armado.

Ele acenou de cabeça impaciente.

— E você acreditou no relato da vagabunda da Jussara? É balela — zombou. — É um estúpido mesmo! Ela é mulher da vida e mereceu cada corretivo!

— VOCÊ É UM CRETINO, FABIANO! — gritou Jussara o interrompendo. Ela mostrava uma expressão de puro ódio ao ouvir as injúrias.

Um homem alto e robusto, com a cabeça coberta por uma meia-calça de mulher saía pela porta da cozinha, uma mão fechada ao redor do braço de Jussara e a outra carregando uma arma em punho, apontando para a lateral do corpo dela, sobre suas costelas.

— Não sei por que não lavei sua boca com ácido quando tive a chance, por dizer estas barbaridades a meu respeito. EU TE ODEIO! VOCÊ NÃO VAI LEVAR A MINHA FILHA, NÃO VAI! Me larga! — Ela se debatia tentando se libertar, ignorando o cano cravado na sua pele.

Ele riu, provocativamente maldoso.

— Nossa filha, você quer dizer?

— NÃO! — gritou em prantos. Tocado pelo meu instinto de defesa acionado, avancei sobre o bandido sem pensar nas consequências.

— MARCELO! — suplicou Carol angustiada, estendendo os braços para tentando me deter.

— NÃO SE ATREVA! — gritou o comparsa cravando o cano na fronte da Jussara.

Parei observando a situação de risco, ofegante.

— Tenho que admitir que você é bem corajoso, mas para trás, vamos! — ordenou Fabiano sacudindo arma. Prudente, eu recuava. — Não estou aqui para confabular, vim buscar a minha filha e já que seu anjo de guarda se intrometeu nos meus planos, eu vim matar você pessoalmente, seu retardado, metido a empresário. Ninguém neste mundo pode me passar a perna. Ficar com a ordinária da Jussara você poderia, mas não roubar a minha filha.

— PARA LEVAR A MINHA FILHA TERÁ QUE ME MATAR! — contrapôs Jussara impulsionando o corpo, e o marginal a segurou com força.

— Quietinha aí, mulher! — advertiu-a.

— Se for necessário, será por cima do seu cadáver. Então, colabora! — Os olhos diabólicos de Fabiano demonstravam que ele não estava brincando.

Perambulava meus olhos, analisando cada movimento, fazendo o cálculo, e achei um espaço de segurar em seu pulso e erguer. Com certeza tiraria o revólver de sua mão, mas não achei apropriado colocar em risco algumas das meninas. E decidi barganhar.

— Eu assumo toda e qualquer responsabilidade! — comecei meu jogo. — A Jussara recusou até onde ela pôde a minha insistência de casar com ela apenas para dar meu nome à Yasmim. Portanto, eu armei toda a farsa, o acerto de contas deve ser comigo. Solte as mulheres, deixe-as ir.

Enquanto debatíamos, a Jussara olhava para trás, no interior da cozinha, notei sua intenção de encontrar uma brecha para correr e ir atrás da filha.

— Merece uma bala na cabeça por ter empatado a minha vida. Você não tinha absolutamente nada de se meter nela.

— Mãe, mãe! — Ouvimos a voz chorosa da Yasmin vindo da cozinha.

— Volta aqui, garota! — Outra voz masculina e estrondosa indicou que estava atrás da Yasmim.

— FILHA! — berrou Jussara. Seu instinto de mãe protetora falou mais alto, ela virou de frente para o bandido acertando uma joelhada no saco dele, que soltou um gemido pavoroso de dor a libertando, antes da arma cair de sua mão, um tiro foi disparado, acertando a coxa do Fabiano, que, após ser atingido, apertou o gatilho, e mais um tiro foi deflagrado.

— Ai! — Carol gritou agudamente.

Desesperado, esqueci dos homens e virei-me deparando com uma mão no ouvido e a outra esfregando a lateral do quadril de cima a baixo.

— Você está bem, querida?

Ela assentiu convincente.

— Eu me assustei com o barulho!

Com o bandido perto da porta, curvado com as duas mãos agarrando as bolas e gritando de dor, e o Fabiano encolhido no chão com as duas mãos comprimindo sua perna ao redor de ferimento, também se contorcendo e chorando, aproveitei para correr e pegar a arma caída no chão.

— Mãe! — Yasmim correu para os braços da mãe, logo o terceiro bandido entrou desarmado. Apontei-lhe o revólver e ele levou a mão no cós

abaixo da camisa preta.

— Se eu fosse você, não faria isso! — avisei engatilhando. Sem perder o contato visual comigo, ele ergueu as mãos. — AFASTE-SE! — ordenei.

— Precisa tentar sair do prédio e avisar a polícia, Jussara. — Coordenei percorrendo os olhos, atento aos três delinquentes. Ela ameaçou sair com a Yasmim. — Sozinha, pelo que estou entendendo, estamos cercados de bandidos.

— Vem com a vovó, Yasmim. — Com os olhos estatelados e cabelos desgrenhados, chamou dona Esmeralda, surgindo no corredor

— Vem, querida! — Carol foi até as duas, pegando a Yasmim no seu colo ela correu para o corredor. As três entraram no quarto que dona Esmeralda dormia e se trancaram a chave.

Jussara saiu pela porta da cozinha em desatino.

— AH, GRAÇAS A DEUS VOCÊS CHEGARAM! — Ouvi a voz da Jussara. — O FABIANO E SEUS COMPARSAS ESTÃO LÁ DENTRO. — Respirei aliviado quando o Luiz Cláudio, o investigador, surgiu pela mesma porta que Jussara saiu com arma em punho, e no mesmo instante a porta social foi arrombada, com mais policiais fardados invadindo o recinto e dando ordem de prisão aos meliantes.

— Pegamos você! — Orgulhoso, Luiz Cláudio pegou o braço do Fabiano o levantando do chão. — Desculpa a demora, Marcelo. É que estes idiotas usavam moradores como reféns nas entradas principais do prédio, e assim atrasou nossa entrada — explicava o investigador colocando as algemas no Fabiano. O homem valentão chorava como um bebezão de dor na perna, minando sangue.

— Foi por pouco — disse ainda com o coração a mil.

— Chame a ambulância — mandou Luiz Cláudio, sendo atendido prontamente e voltou ao tal Fabiano com um olhar provocativo. — Só mesmo

um problema pessoal para tirar você da toca, não?

Fabiano apertou os olhos o fuzilando.

— Tenho que parabenizar pelo primeiro e único acerto dessa corporação de merda! — rebateu em ataque.

— O merda aqui é você, meu caro! — disse debochando. — Achou mesmo que aquele disfarce de velhinha colou? Amador demais. — Fabiano revirou os olhos, arredio. — Não é tão esperto como acreditava, não acha? Foi ingênuo. Como o maior traficante de armas e drogas entre EUA e Brasil não desconfiou que estávamos em campo, prontos a efetuar a sua prisão?

E lançou um olhar agradecido em minha direção.

— E pior, foi desarmado por um civil inexperiente. — Balançava a cabeça estalando a língua, tirando uma da cara do homem.

— VAI SE FODER, INVESTIGADOR! — praguejou antes de ser entregue aos socorristas que acabaram de chegar.

— Onde estão a menina, dona Esmeralda e a senhorita Carolina? — perguntou o investigador.

— Seguras, trancadas no quarto — falei seguindo para o corredor. Ele e a Jussara me seguiram. — Carolina, pode abrir a porta, a polícia chegou e está tudo sob controle.

— Carol, minha filha, pode sair daí, a polícia já chegou! — Ouvimos a vozinha da dona Esmeralda.

— Eu não consigo me mexer. — O tom sufocado da Carol identificava dor. — Preciso de ajuda.

— Meu Deus, dona Esmeralda, abre logo esta porta! — Arrepiei-me já querendo arrombar.

— Vovó, o que está acontecendo? Yasmim? — Jussara berrava também quando a porta se abriu.

— Cadê as duas? — perguntei já invadindo o dormitório mais espaçoso do apartamento, de decoração simples: uma penteadeira similar à que possuía no quarto ocupado por mim. Um espelho quadrado na parede à frente, um armário na parede da porta do banheiro e uma tradicional cama alta de ferro, cuja colcha estampada estava levantada, dando a visão da Carol deitada como concha sobre a Yasmim, protegendo-a. Me desesperei ao notar no chão um rastro de sangue.

— Vou tirar vocês daí, queridas! — prometi correndo e caí de joelhos no chão quando o investigador me bloqueou.

— É melhor não tocar nela! — alertou prudentemente.

— Ela está chorando, papai — contou Yasmim na sua inocência, embaixo dela.

— Está tudo bem, lindinha! — pronunciou Carol num fio de voz seguido de um gemido. — Grita se eu estiver esmagando você, tá? — Meus olhos se encheram de lágrimas com a forma carinhosa e preocupada ao qual ela se dirigiu a Yasmim.

Minha Carol era especial, esta era ela. Não havia como não a amar.

Jussara também se emocionou, rindo em meio as lágrimas. Impaciente, ela foi para tirar a filha, o investigador a impediu.

— Espera! — aconselhou rapidamente lançando um rápido olhar para mim. — Me ajude a erguer a cama, Marcelo — instruiu ele, já se posicionando nos pés da cama e eu ao seu lado, a erguemos a colocando em pé, apoiada na parede e caí de joelhos perto das duas.

— Você foi atingida, meu amor! — Agoniado, passava a mão por seus cabelos e observando o pouco sangue correr do quadril ao piso de taco.

— Eu acho que sim, estou sentindo uma ardência, e o pior, é bem na região que venho sentindo dores.

Beijei o topo de sua cabeça.

— Não toque nela, chame os socorristas, por favor — solicitou o investigador.

Imediatamente corri, obedecendo.

Após a avaliação no ferimento da Carolina, os socorristas nos deram a feliz notícia de que o tiro a atingiu de raspão. Uma felicidade imensa, embora a dor nas costas que vinha à frente, na mesma região que ela havia reclamado, persistia. Eu e a dona Esmeralda, que se recusou a deixá-la, a acompanhamos no transporte até à emergência do hospital.



Entramos com ela na emergência; ao seu lado, na maca, segurava sua mão gelada, resmungando baixo.

— Que Deus a abençoe, minha filha! — desejou dona Esmeralda chorosa, notando que não era capaz de acompanhar, devido aos seus passos lentos. E ficou para trás.

— Ei, minha pequena. Vai ficar tudo bem, meu amor. — Carol sorriu, contraindo o rosto de dor. — Eu lhe prometo.

— Poderia aguardar aqui fora, por favor! — solicitou o médico quando chegamos ao final do corredor frio, e a porta automática detectando nossa presença se abriu.

Assenti trazendo sua mão aos meus lábios.

— Eu não vou arredar o pé daqui, viu? Estarei bem aqui esperando por você.

Ela sorriu entre os lábios comprimidos.

— Ma, eu preciso da minha família aqui comigo! — rogou num fio de voz, envergonhada. — Por favor, avisa minha mãe e o Gui.

Sorri compreensivo, sem julgá-la em nenhum momento. Independentemente da atitude da sua mãe, a Carol teve uma boa base, um porto seguro, uma família de verdade que lhe proporcionou toda segurança. Eu não estava apto e nem queria destruir esta união entre eles. Afinal de contas, sempre admirei esta união e paixão familiar. Talvez este tenha sido o real motivo por não conseguir odiar o meu pai. Recebi tudo isto também.

— Estou ligando neste segundo para eles — prometi sob um sorriso de aprovação. Um gesto que foi capaz de amenizar sua expressão de angústia. Chorando agradecida, ela mandou um beijo estalado, e entraram com ela em seguida.

— Sente-se aqui, dona Esmeralda! — Acomodei-a na poltrona de couro branca fixa na parede.

Eu sequer repensei na possiblidade, apenas corri pelo corredor quando avistei o Luiz Cláudio vindo por ele.

— Poderia emprestar o seu celular para ligar para a família da Carol?

— Claro que sim — disse ele já retirando o aparelho do bolso da camisa branca e me entregando. Afastei para fazer a ligação. Contei a dona Viviane por cima o ocorrido e dei-lhe o endereço do hospital em seguida. A próxima ligação foi para o meu irmão, narrando o ocorrido, e voltei para conversar com o investigador.

— As meninas... — comecei e ele estendeu a mão se adiantando.

— As duas estão bem, e em segurança num hotel. Concentre-se apenas na Carolina.

Nervoso, embrenhei meus dedos pelos cabelos e arquei, fitando o teto branco.

— Eu não acredito que a coloquei nesta situação de risco! — me punia.

Ele bateu levemente em minhas costas.

— O importante é que ela está bem. — Suas palavras de tranquilidade não me convenceram. E o encarei.

— Foi por pouco — ressaltei com aquele aperto enorme no peito.

Ele acenou de cabeça, ponderando.

— Acredito que ela seria envolvida, além da sua vontade — começou ele naquele suspense intrigante. Ergui as sobrancelhas interrogativo. — Já estávamos suspeitando que havia um delator dentro da corporação, pois o Fabiano estava sempre um passo à frente. Quando a Carolina me ligou pedindo para ver você, deveria ter negado, é claro.

Movi a cabeça, concordando.

— Deveria ser o óbvio — interrompi. — Afinal, passei seis anos escondendo, justamente evitando envolvê-la numa situação de perigo.

— Quando resolvemos acatar o pedido dela, a deixamos acomodada numa sala restrita por horas, tudo para garantir sua integridade. Já tínhamos certeza de que o sistema do programa havia sido violado, e que a sua localização já era conhecida. Montamos um cerco vendo de perto a farsa deles, tudo muito bem monitorado, inclusive a máscara de mulher idosa era uma cópia de uma das moradoras que saiu pela manhã para um tratamento. Só que ela não chegou a sair do hospital, permanece hospitalizada. Enfim... Demos espaço para ter certeza de que o Fabiano estaria presente, a célula de toda organização. Após a captura e interrogatório, constatamos que o Wesley, o seu primo, estava envolvido.

Torci a boca e apertei meus olhos, dúbio.

— Ele quem passou a informação ao Fabiano sobre a paternidade e vocês estarem na fazenda.

Grunhi, balançando a cabeça sem entender.

— Mas como ele conseguiu esta informação. Fui tão cuidadoso, e...

— Eu sou a responsável, Marcelo — esboçou em prantos dona Esmeralda, chamando nossa atenção. — Ele é muito bom de conversa, me enrolou. Acabei soltando sobre a Jussara ter relacionado com um traficante.

Aproximei-me, agachando à sua frente e segurei em suas mãozinhas sobre o colo.

— Eu vi nos olhos dele a bondade como vejo nos seus, Marcelo — desabou a coitadinha.

Comovido, ergui o corpo a tomando em meus braços. Ela chorava desesperada em meu ombro.

— Eu sou uma velha imprestável, mesmo!

— Não, dona Esmeralda! Não. — Apartei segurando no rostinho amargurado.

— Ele estava na sua empresa com o seu irmão quando o prendemos. No depoimento, confessou que o empurrou para dentro da água.

Fechei meus olhos revivendo o terrível momento.

— Que filho da puta! — Levantei-me, incrédulo, revivendo o acidente. Ele deve ter me empurrado e trocou de roupa para não levantar suspeitas. Pois notei mesmo suas roupas secas quando fui resgatado com a Carolina. — Desconfiava que o ordinário queria roubar a fórmula de um medicamento revolucionário do senhor Gael, o pai da Carolina.

Ele meneou a cabeça em tom afirmativo.

— Está confirmado. Ele revelou sobre a tal fórmula e que você estava atravessando o caminho dele.

— E aí ele tentou me matar! — Ria sem acreditar que, embaixo do teto da minha família, estava um inimigo em potencial. Caí sentado na poltrona ao lado da dona Esmeralda, perplexo, e assustado pensando se o Tiago poderia estar envolvido. Vaguei meu olhar sem comentar uma só palavra, não podia levantar as suspeitas sobre o meu irmão, quando ele entrou na pauta.

— O cara é demente! — afirmou. — No depoimento, acusou seu irmão Tiago de fracassado.

Gelei com o início daquela frase.

— Que convenceu seu irmão que a compra de Uchoa era promissora, mas que somente você levou a melhor.

— Então, meu irmão estava leigo nesta história? — perguntei ainda indeciso.

— Completamente — afirmou ele me fazendo soltar o ar relaxando os músculos tensos. — Disse que somente você sabia da fórmula, e planejava ficar com ela.

— Eu vou matar aquele desgranhento, usou o meu mano! — Senti minhas mãos comicharem tamanha vontade de degolar aquele polaco doente de uma figa.

— Agora ele está atrás das grades — afirmou o investigador. — Vai precisar de um bom advogado.

— Se depender de mim, ele vai apodrecer na cadeia! — Saltei da poltrona balançando as mãos.

Precisava de mais relaxamento.



Vinte e Um

CAROLINA

O médico promovia leves pressões no lado direito do meu abdome, onde concentrava a dor, examinando longe do local do curativo onde a bala raspou levemente. Seus cabelos brancos como a neve, tão belo quanto seu rosto marcado pelo tempo, arremetiam ao meu velho querido e amado pai. De repente fui tomada pelas lembranças do presente: minha mãe, o senhor Ruan, a traição destes dois era de fato dolorosa. Como disse o Marcelo: "O ódio reinaria entre nossas famílias". Concordava com ele, não seria nada saudável.

Como pude passar por cima de tantas qualidades do Marcelo, como? Sentia neste momento vontade de bater com a cabeça na parede, solucei espontaneamente e o doutor notou.

— Nesta região a dor é maior? — perguntou ele concentrando as pontas dos dedos no lugar.

"Sim, doutor, mas a dor maior é no meu coração", pensei num minuto reflexivo. Um sorriso especulativo brotou em seu rosto e dei a resposta esperada.

— Exatamente, ela ultrapassa para as costas — expliquei contraindo o rosto. Ele pausou o exame.

— Bem... — disse se virando e pegando o prontuário sobre uma mesa de rodinha no canto da maca. Seus olhos percorriam a folha. — Aqui está dizendo que sua menstruação está ok. — Voltou a mim. — Vamos fazer vários exames de sangue e imagem para ir descartando, mas adianto que está

com cara de ser apendicite. Vou pedir sua internação para a realização de um ultrassom — informou ele, fazendo anotações e então chamou a enfermeira para dar prosseguimento.



— Onde está a dona Esmeralda? — perguntei assim que entramos no quarto. Sentia sua falta desde quando saí da emergência.

— A coitadinha estava exausta, recomendei ao Luiz Cláudio levá-la ao hotel onde estão hospedadas a Jussara e Yasmim — respondeu Marcelo enquanto eu movia meu corpo da maca para a cama.

— Elas estão bem? — perguntei aflita. Embora tenha feito de tudo para não esmagar a Yasmim embaixo do meu corpo, não tinha certeza se consegui.

— Estão ótimas, e mandaram um beijo enorme para você — informou ele ternamente, comovendo meu coração.

Enquanto a enfermeira terminava os procedimentos, entreolhamo-nos em silêncio, ambos sabíamos o que teríamos a enfrentar pela frente.

Bem, na verdade sentia um imenso medo; seus olhos e seus gestos diziam que ele estava na mesma sintonia.

Ele se deitou de frente comigo, quando a enfermeira saiu do recinto. Passando o braço por baixo do meu corpo e o outro por cima, me envolveu em seus braços, nossa comunicação permaneceu visual e, então, eu me apoiei no peito dele e permaneci ali, com uma confusão tremenda na cabeça, e notei-o distante.

— O que foi?

— Estou aqui pensando sobre a conversa com o Luiz Cláudio enquanto você era atendida na emergência.

— Me conta! — pedi. Ele narrou tudo em detalhes, inclusive do crápula do primo e seu receio quando o Tiago souber de tudo.

— Estou com tanto medo, sabia! — balbuciei fechando meus olhos com força, tentando não ver a imagem horripilante que a minha imaginação criava entre minha mãe e o pai do Marcelo. Era complicado conviver com isso. *Que merda!*

— Esquece tudo, meu amor! — exclamou me envolvendo ainda mais em seus braços e beijou o topo da minha cabeça. — A sua saúde é a coisa mais importante agora, depois a gente vê o que faz. — Sua voz era muito baixa, e eu me aproximei mais, necessitada de mais contato.

Levantei a cabeça buscando seus olhos, eles sorriram com cumplicidade.

— Você é a coisa mais importante, Marcelo — expus com o coração na mão. — A minha família é mais importante... todos vocês são meu alicerce.

Lindamente, ele assentiu ao meu desabafo e veio beijar a ponta do meu nariz antes de me fitar. Seus olhos apaixonantes, sedutores, passeavam pelo meu rosto e travou em meus lábios, trêmulos.

— Eu sei, Carol! — Curvou circulando a língua por ele e colocou sua testa na minha, ofegante. — Por isso omiti os fatos. Eu sei perfeitamente o valor da sua família na sua vida. Afinal, quanto mais importante as pessoas são para nós, mais elas podem influenciar. — Pausou para respirar profundamente e abriu os olhos com um sorriso divino no rosto. — Amar alguém tão iluminado como você é um privilégio. Não faz ideia do quanto é querida! — Beijou-me longamente e prosseguiu: — Independente da decisão tomada, gostaria que soubesse que o meu coração é a tua morada eterna!

O meu coração queimou de amor, alcançando a raiz da minha alma, levando toda melancolia embora.

— Ah, como eu te amo, Ma! — Segurei em seu rosto dando repetidos beijos, enquanto ele, agarrado em meu corpo, ria deslumbrado. Infiltrei minha língua em sua boca, sendo bem recebida. Um beijo apaixonado, erótico, que transmitia dez milhões de sensações conflitantes.

— Em qual quarto está Carolina Uchoa? — Reconheci a voz aflita da minha mãe.

Olhando-me assustado, Marcelo saltou para fora da cama à medida que os passos pelo mármore se aproximavam do quarto.

— Filha! — Com os olhos cheios de lágrimas, ela sorriu soltando um suspiro aliviada quando abriu a porta de supetão. Logo atrás dela entrou meu irmão vestido todo de preto: calça e camisa. As profundas olheiras destacavam ainda mais os olhos verdes e inchados, indicando que chorou em demasia. Como a minha mãe, vestida numa calça jeans surrada e camiseta vinho, e cabelos desgrenhados sobre os ombros, ela estava muito abatida, muito diferente da mulher extremamente organizada ao qual eu estava acostumada a ver. — Quase morri de preocupação quando o Marcelo me ligou. — Debruçou-se sobre a cama, fechando seus braços ao redor do meu corpo. — Meu Deus! O que foi que provoquei na nossa família, meu Deus! — dizia ela arrependida ao pé de meu ouvido.

Embora me sentisse protegida com seu abraço, não movi meu corpo porque estava sem coragem e nem vontade de abraçá-la.

— Eu ainda continuo engasgado. — Guilherme se manifestou parado perto da porta. A impressão que me deu era que ele evitava a proximidade com ela. Todos o olhamos. Ele fuzilou a minha mãe antes de travar seu olhar no meu. — Estou feliz que esteja bem, maninha! — A voz embargada cortou meu coração.

Estendi as mãos e ele veio rapidamente para meus braços. Ambos choramingamos, um no ombro do outro.

— Encontramos com o investigar lá fora, ele nos contou dos absurdos. E aquele idiota do Wesley querendo roubar a fórmula do nosso pai — comentou arqueando, segurando em meu rosto, beijou minha testa.

— Aconteceu muita coisa ao mesmo tempo — admiti buscando os olhos do Marcelo. Com as mãos no bolso da calça de moletom, ele sorriu e piscou com os dois olhos. “Eu te amo!”, articulei com os lábios.

“Eu te amo mais!”, articulou ele antes de dizer:

— A fórmula já está segura em seu nome e da sua irmã. Eu mesmo já providenciei tudo.

Guilherme não se conteve e foi abraçar o Marcelo.

— Seu pai não presta, mas você é o CARA! — dizia aplicando tapas leves nas costas do Marcelo, que desviou para a minha mãe um olhar acusatório de dar medo. Este sentimento pairando fazia do nosso futuro incerto, quase nulo.

— Eu nem sei como te agradecer, Marcelo! E como pedir perdão, pelo mal de contribuir para separar vocês dois. — Fechei meus olhos amargurada com as palavras da minha mãe. Tarde demais para um pedido de desculpas.

— Imagino o quanto custou para você assumir esta postura de super-herói, cara! — Aquelas palavras do Gui, batendo nos ombros do Ma, ecoando como elogio, diminuiu um pouco do meu dissabor. Todos se emocionaram na verdade, inclusive ele, e foi neste instante que a porta se abriu e os humores mudaram.

— O QUE VOCÊ VEIO CHEIRAR AQUI, SEU VELHO IDIOTA?! — Inesperadamente, e furioso, Guilherme explodiu e avançou sobre senhor Ruan, que carregava uma maletinha preta de couro dependurada no ombro, e pegou na gola da camiseta dele, que sem se abalar, enfrentava olhando diretamente nos olhos do Guilherme. Um homem bem resolvido e estiloso: usando calça jeans escura e uma camiseta de manga curta dobrada salmão mostrando a tatuagem colorida nos bíceps. Os cabelos ainda curtos, porém,

mais grisalhos, como sua barba mais longa, faziam dele um homem maduro e charmoso. Mudou muito pouco.

Apertei meus olhos com a comparação dos olhos. E balancei a cabeça para dissipar o que passava pela minha cabeça.

— Ei, larga o meu pai, seu maluco! — Tiago, muito elegante, vestindo um terno preto e camisa branca sem gravata, chegando ao lado da Susana, num vestido muito chique tipo envelope preto, correu para empurrar o Guilherme em defesa do pai.

Guilherme desequilibrou recuando, salvo pelas mãos da minha mãe em suas costas, evitando sua queda de bunda no chão.

— Você pirou, cara? — perguntou avançando.

Neste momento, Marcelo segurou em seu braço no ar, pronto da dar um soco na cara do Guilherme, que ainda se recompunha.

— Vê se acalma, Tiago — aconselhou Marcelo, sendo fuzilado pelos olhos verdes do irmão, possesso.

— E me larga, seu molenga! — Ele deu um tranco recolhendo o braço. — Eu não vou permitir que este panaca do Guilherme ameace o nosso pai.

Minha mãe lançou um olhar de súplica para o senhor Ruan, que assentiu de cabeça e respirou fundo, se colocando entre os dois filhos, em cada lado do seu ombro no peito arfante de cada um.

— Estou aqui porque tenho algo importante a revelar a todos vocês, principalmente a você, Guilherme — disse prendendo os olhos indignados do meu irmão. — Na verdade, eu e a sua mãe temos.

Ele evitava olhar para a minha mãe, ali com seus braços abraçada a si própria, e os olhos umedecidos.

— Você perdeu a noção de tudo, né, mãe? Acha mesmo que o trazendo aqui vai aliviar o seu lado? — revoltado, Guilherme ria histérico sacudindo a

cabeça. — Nunca vou perdoar você por ter traído o meu pai com este velhote idiota.

— Eita! — se pronunciou Tiago nada satisfeito com o rumo que levava a conversa. — Que história é essa de traição? — Ele juntava as peças do quebra-cabeça.

O senhor Ruan respirou consternado e, em seguida, oscilou os olhos aos filhos e estacionou em Marcelo.

— Não houve traição e é justamente por isso que estou aqui. Para colocar ordem nesta história mal explicada — começou.

Inalei ruidosamente o ar inflando meus pulmões, aquela frase soou como uma estúpida esperança. Mas alimentou meu coração atribulado. Notando a minha ansiedade, ele veio caminhando até a cama. Sorrindo arrependido, pegou na minha mão sobre a minha barriga.

— Você está bem, Carolina?

— Depois que o senhor terminar sua explanação, eu possa dar-lhe uma resposta definitiva sobre o meu diagnóstico.

Ele riu compreensivo e voltou ao Marcelo antes de prosseguir:

— Não houve traição alguma, meu filho!

Marcelo acenou de cabeça num momento conflitante.

— Minha mãe não mentiria! — rebateu convicto.

Seu pai baixou os olhos, suspirando, refletindo.

— Pelo amor de Deus, pai, não venha dizer que você traiu a minha mãe, por isso ela ficou tão triste daquele jeito? — Os olhos de Tiago minavam e foram à minha mãe. Ela entrelaçava os dedos, nervosa.

— Não, Tiago! — encorajou minha mãe tomando à frente. — Seu pai não traiu a sua mãe, assim como eu não traí meu marido.

Fechei meus olhos com as esperanças se avolumando dentro de mim.

— Eu e o seu pai tivemos um namorico escondido na adolescência.

E ela narrou toda a conversa que tivemos no quarto do meu pai que contei ao Guilherme depois, deixando Tiago, Marcelo e Susana perto da janela atentos e perplexos.

— Sua mãe não presenciou uma traição como ela te contou, Marcelo, e me fez afirmar sob ameaça de suicidar-se, caso eu revelasse a verdade. E todos nós sabemos que ela não brincava, era mesmo capaz. — O senhor Ruan se posicionou ao lado da minha mãe em sinal de apoio e deu seguimento a explicação: — O que ela viu foi apenas um abraço de duas pessoas com um problema comum e sério a ser solucionado.

— Exatamente! — afirmou minha mãe erguendo a cabeça, buscando equilíbrio. Ela segurava as lágrimas querendo explodir de seus olhos. — Quando eu me casei com o pai de vocês... — Ela fixou em meus olhos e foi para o Guilherme, que havia mudado de cor. Ambos já imaginávamos o que viria. — Eu estava grávida e escondi com medo e vergonha, meu pai me mataria se soubesse. — Era perceptível o movimento em seu peito quando focou no Guilherme.

Eu comecei a rir aliviada, aliás dispensava mais explicações, aqueles olhos tão semelhantes explicavam tudo.

— E antes de você nascer, não suportei esconder o segredo do seu pai. — Suspirou densamente antes de dar sequência: — Como não amar aquele homem extraordinário lá em casa? Ele não se importou, o recebeu com toda a alegria, o criou como um filho querido, né?

Em choque, a resposta do Guilherme foi fechar os olhos de imediato, com todos os olhares indo sobre ele.

— O problema era a minha consciência me cobrando a todo momento. Não conseguia conviver na mentira. Me fazia mal — seguiu ela explicando. — Perspicaz, recebi todo o apoio do seu pai a fim de procurar o Ruan e

revelar sobre a paternidade, como também aconselhou a esquecer este assunto, protegendo você da mágoa quando foi rejeitado.

— Eu a proibi de revelar sobre você, Guilherme — confessou o senhor Ruan revirando os olhos, e permaneceu com eles angustiados no teto branco por alguns instantes, antes de retornar. — Eu juro que não foi pela minha vontade, respeitei a imposição da minha esposa. Ela ameaçou contra a própria vida, caso eu deixasse este fato vir à tona, como expliquei. Eu a amava demais para perdê-la.

Guilherme enfiou os dedos pelos cabelos, nervoso.

— Me perdoa!

Marcelo grunhiu estupefato.

— Agora faz sentido você ter concordado com o valor que me propus a pagar pela Uchoa.

Ele assentiu.

— Estava ciente de que o Guilherme precisava de uma guinada na vida profissional, por isso aceitei com muito gosto — confessou causando uma crise de choro na minha mãe.

Guilherme e Tiago ficaram paralisados, um olhando para o outro com aqueles olhos idênticos. E o Marcelo veio se sentar ao meu lado na cama, pegou na minha mão levando aos lábios, e ficou com ela ali. Estávamos tremendo de emoção com aquela revelação toda, ela resumia a nossa vida. Dava abertura para um futuro, que não acreditávamos mais.

— Me desculpa, Viviane! — A sinceridade do senhor Ruan tocou a todos ali presentes. Ela assentiu olhando para o Guilherme, ele evitava olhando para o chão. Então, o senhor Ruan focou nos seus filhos. — Me perdoem por tudo. — Abriu sua maleta tirando de lá uma pasta e estendeu na frente do Guilherme, que pegou ressabiado, olhando em seus olhos. — Desde o momento em que sua mãe revelou sobre eu ser o seu pai, já o considerei

como filho legítimo. Acompanhei cada passo seu, tudo. A minha viagem foi justamente para preparar este testamento. É meu filho e tem o mesmo direito do Tiago e do Marcelo.

— Ruan! — Minha mãe desabou e Guilherme, ainda digerindo, seguiu para a janela e permaneceu ali, ao lado da Susana, contemplando a paisagem iluminada de São Paulo.

Ruan veio até o Marcelo, beijando-lhe a testa e, em seguida, curvou sobre mim dando um beijo na minha.

— Além de um covarde, eu fui mesquinho com você, meu filho. — Ruan batia no rosto do Marcelo, imerso em arrependimento. — Mas eu não podia quebrar a promessa que fiz à sua mãe. Eu não podia!

Marcelo o puxou para um abraço e os dois permaneceram juntos por alguns instantes. E quando ele se aproximou do Tiago, foi rejeitado.

— Espero que um dia você possa me perdoar, filho!

Sem uma manifestação do Tiago, ele acenou e caminhou em direção a porta e saiu.

— P-prenderam o Wesley hoje lá na D'Ávila — Tiago gaguejou totalmente fora de órbita.

O Marcelo pausadamente o colocou a par.

— CARALHO! Só merda hoje... — praguejou desnorteado e girou o corpo, travando a mandíbula ao notar Susana dando um abraço no meu irmão.

Eu vi como consolo, mas o Tiago não, seus olhos verdes, tão iguais ao do meu irmão brilharam perigosamente antes de agir.

— Você pode ter levado uma fatia da minha herança, mas a minha mulher você não leva não. — Pegando no braço da Susana, arrastou-a pelo quarto em direção à porta.

— O que é isso, Tiago? — ela reclamou quando o Guilherme foi para cima. Minha mãe bloqueou seu caminho e se colou à frente dele, espalmando sobre seu peito num movimento acelerado.

— Não, Guilherme! — Hesitante, ele obedeceu observando o casal sair discutindo.

Marcelo curvou-se sobre mim na cama, passando seus braços ao redor do meu corpo e colou ao dele. E ali, chorávamos de alegria e das grandes, envoltos num brilho radiante. Enquanto as lágrimas para nossos irmãos tivessem um significado de confusão em busca de um equilíbrio emocional, para mim e o Marcelo elas aumentavam a sensação de felicidade, diminuindo a dor que vivemos por tanto tempo em nossos corações ali unidos, acelerados, como se batessem no mesmo ritmo.

Guilherme e minha mãe vendo nosso desabafo, foram se retirando do quarto. Ficamos abraçados por um tempão. E muito, muitíssimo emocionados até sermos interrompidos pela enfermeira.

— Vamos ao exame de ultrassom? — perguntou ela encostando a maca ao lado da cama.

Quando entramos na sala do ultrassom, o médico, que iniciou meu atendimento na emergência, estava em frente ao monitor.

Ele posicionou a maca em que eu estava ao seu lado e já aplicou o gel em minha barriga. Marcelo se acomodou na cadeira no fundo da sala espaçosa à meia-luz e começou o exame.

Eu torcia para não ser apendicite, e não era.

— Hum... Não há sinal de apendicite, porém tem pedra aqui na vesícula — falou ele. Eu e o Marcelo nos entreolhamos, preocupados.

— Como assim? — perguntei com um gelo na boca do estômago de medo.

Alguém bateu à porta antes dele continuar a explicação.

— Só um minuto que já conversamos — pediu ele enquanto uma enfermeira entrava com um envelope em mãos e o entregou.

— Aqui está o exame Beta-HCG que o senhor solicitou com urgência.

— Obrigado — agradeceu.

Ela saiu da sala rapidamente.

Naquele momento, eu já estava congelada de nervoso. Ele abria o envelope e torceu a boca, numa expressão corporal que não entendi.

— É o seguinte... — Olhou-me. — Dentro da sua barriga temos uma pedra, mas, pelo exame do seu Beta-HCG positivo aqui — ergueu o papel e balançou no ar —, tem também um Pedrão! Bem, no sentido figurado, pois ainda é cedo para saber sexo.

Meu coração deu um salto tremendo em meu peito, quase não conseguia respirar.

— Como assim, tem um bebê na minha barriga? — Fiquei em choque, minhas mãos ficaram trêmulas, Marcelo fitava preocupado e eu não sabia o que pensar ou dizer. Levantou às pressas e veio segurar a minha mão. Rapidamente aquela sensação súbita de temor foi substituída pela calmaria quando senti seu contato.

— Isto é um problema, amor? — ele perguntou sob uma respiração acelerada. Eu sacudia a cabeça rindo, mas querendo chorar. E era de emoção.

— Não, meu amor! — Puxei-o para mais perto. Seus lábios encostaram nos secos meus. — Não mais... — meu sussurro trêmulo foi tão baixo que nem eu mesma ouvi. — Grávida, eu não acredito!

— Sim, amor, nós estamos grávidos! — Ali curvado, repetia em meus lábios, afagando meus cabelos na lateral da cabeça.

— Vou deixar vocês a sós por um instante. — Respeitando nosso momento, o médico se levantou, chamou a enfermeira e ambos se retiraram

da sala. E o Marcelo deitou comigo e nos abraçamos, um olhando incrédulo para o outro.

— Eu descuidei um pouquinho, Marcelo!

— Não, meu amor! Sabe o que eu acho? — perguntou ele com os olhos imersos em lágrimas.

— O quê? — perguntei esfregando a ponta do meu nariz no dele.

— Que a gente merecia esta felicidade depois de tudo. — Assentia com sua mão descendo entre nós, acariciando meu ventre. — Foi um presente! O Pedrão veio num ótimo momento.

— Não sabemos se é Pedrão! — interrompi-o simulando cara de brava e ele riu gostoso, voltando a me abraçar reconfortante.

— Não importa se é o Pedrão, se é a Maria... O importante é que ele veio como uma bênção em nossa vida num momento complicado. Eu tenho convicção de que ele ou ela será a união da nossa família.

Ria, concordando e nos beijamos.

— Que venha lindo, maravilhoso e cheio de saúde.

— Eu estou amando ser pai — sussurrou pausando o beijo.

— E eu, mãe — sussurrei de volta.



Na sequência, saímos do ultrassom feliz da vida e retornamos ao quarto. Minha mãe era a única pessoa no ambiente, de costas para a porta, de frente a janela; pensativa, ela contemplava lá fora. E girou o corpo abruptamente quando entramos e veio correndo nos encontrar, bloqueando o caminho da enfermeira.

— Como foi o exame, filha? — perguntou aflita segurando a minha mão, olhei para seu rosto tão preocupado e dei-lhe a mais linda notícia que recebi nos últimos tempos, com os olhos cheios de lágrimas. — Foi... que a senhora será vovó.

Ela arfou abrindo os lábios e seus olhos se abriram mais, focando no Marcelo do outro lado da maca. Ele dizia sim movendo a cabeça e com aquele sorriso largo no rosto másculo e perfeito.

— Parabéns, vovó.

Os olhos dela suavizaram por um momento, e rindo e chorando ela chegou a perder o fôlego.

— Que presente maravilhoso! — Debruçou-se sobre mim me abraçando, curtindo aquele momento único. Estendeu a mão chamando o Marcelo, que veio ao seu lado. Então, ela passou o braço pelo seu ombro. — Posso te dar um beijo, filho? — rogou em lágrimas.

— Você pode tudo, sogrinha. — Muito lindo, ele a puxou para um abarcamento apertado, abraço de pedidos de desculpas, de perdão.

— Obrigada, meu filho. Obrigada! — repetia beijando sua face repetidas vezes. — Vivi todos estes anos no silêncio, com meu coração partido, minha alma chorando desolada, mas nunca, nunca, perdi a esperança diante dos desafios e contratempos que a vida impôs — revelou ela se apartando e segurou no rosto dele. — Obrigada por existir em nossas vidas e proporcionar instantes fantásticos.

Ele a levou de volta aos seus braços. Assisti a cena linda, agradecida.

— Será que agora podemos acomodar a paciente? — interveio a enfermeira, sorrateiramente.

Rindo, ambos recuaram dando espaço.



Vinte e Dois

MARCELO

Embora os exames tivessem que ser refeitos, o médico dava quase certeza de que nosso anjinho estava a caminho. O único desconforto talvez fossem as dores que poderiam vir intensas, mas que também seriam controladas com medicamentos paliativos e dieta, para diminuir a atividade biliar e evitar as dores. Pensar em algum procedimento para a retirada das danadas pedras na vesícula, somente após o parto.

Eram dez horas da manhã quando entrei na garagem de casa depois de deixar a Carol na sua. O raio do sol batendo no piso criava um caminho brilhante até que estacionei ao lado do carro do Tiago, o carro do meu pai também estava por ali. Desliguei o motor e soltei o ar com força pensando em enfrentar a fera, e desci.

Além dos vidros na parte externa, no espaço gourmet a céu aberto, ao lado da piscina estava o meu pai, ainda vestido no seu pijama cinza claro – calção e camiseta –, aos sessenta anos, bebericando café na xícara de porcelana branca. E à sua frente Tiago, já vestido para o trabalho, usando um terno grafite de corte italiano, e indagando furiosamente o meu pai, tentando ser flexível.

— Que direito você e o Marcelo tinham de não contar algo tão importante para mim? Ninguém merece ser enganado, traído, muito menos minha mãe. — Espalmou a mesa com violência. As porcelanas chocaram sobre o vidro, fazendo meu pai comprimir os lábios, repousando a xícara em suas mãos

sobre o tampo e o encarou com uma calma destreza. — É a minha mãe! — exclamou ele nitidamente magoado.

— A ideia de traição é equivocada, acredito que eu não precise repetir tudo o que foi dito no hospital.

Tiago revirou os olhos parando com eles no céu azul limpo, sem nuvens.

— Por favor, meu filho, preencha sua mente com pensamentos verdadeiros. Não se deixe ser confundido, eu amava sua mãe, e amo até hoje, e foi por este amor que respeitei a sua vontade de não revelar sobre a paternidade. Mas não podemos colocar panos quentes por cima. A depressão, no caso da sua mãe, vem de um histórico familiar. Ela não vinha se sentindo bem psicologicamente e a descoberta sobre a paternidade provocou sintomas como tristeza, pessimismo, desamor, desesperança e se tornou um monstro para ela. Mesmo com todos os tratamentos, não conseguiu enxergar meios de como encarar e com isso a levou ao infarto fulminante. Não vou dizer que me arrependo por esconder e obrigar a Viviane a não dizer nada. Mas também não me orgulho de nada. Afinal, o maior prejudicado foi o seu irmão. Comeu o pão que o diabo amassou, sofreu sem merecer, e tudo porque queria preservar vocês de mágoas. Guardou tudo para ele — grunhiu emocionado.

Seu velho idiota que amo! No fundo, sempre soube da sua postura íntegra, por isso nunca consegui odiá-lo!

— Então eu sugiro que o agradeça, ele merece e devemos isso a ele.

Saí pela porta de vidro me revelando. Tiago saltou da cadeira no mesmo instante, sorrindo com os lábios comprimidos; e meu pai, no seu estilo sereno, me observava.

— Eu não quero que peça perdão, Tiago. Só quero que acredite que eu te amo demais, cara!

Ele sacudiu a cabeça rindo e veio me abraçar.

— Apesar de não querer, sei que um dia vou te perdoar — disse rindo ao meu ouvido e batendo levemente em minhas costas, e eu na dele. Uma cena que alegrou meu pai, que afundou na cadeira imerso no seu largo sorriso. — Brincadeira, mano! Quero te dizer que admiro muito a sua postura, viu?

— Talvez admire mais quando souber que seu irmão aqui é um machão viril que não nega fogo. — Joguei matreiro no ar e me afastei com ambos me encarando, especulativos. — O CARA AQUI VAI SER PAI, PORRA! — Feliz da vida, batia repetidas vezes com todos os dedos em meu peito.

— Você está brincando?! — meu pai exclamou levantando, incrédulo, e veio se posicionando em minha frente.

— Não, vovô! Não é brincadeira.

Ele ria de uma maneira engraçada à minha afirmação e me envolveu nos seus braços tatuados.

— Parabéns, meu filhão! — Beijava meu rosto. — Você merece tudo de bom nesta vida.

— Obrigado, pai.

— Pô, mano! — Tiago abriu os braços abraçando a nós dois, e ficamos ali por um tempinho, rindo à toa. — É bem legal isso! — pronunciou — Quero ser um tio admirável para esse anjinho que está para chegar.

— E eu um avô nota mil. E agora eu preciso dizer uma coisa para vocês dois — meu pai começou nos deixando atentos. Nos afastamos sem desmanchar a roda. Espalmou cada mão em nosso rosto, olhando-nos inquieto. — Não vou muito com a cara do primo de vocês, mas, em nome da família da sua mãe, eu contratei um bom advogado

— Como assim, pai? Ele tentou me matar duas vezes!

Ele concordou vacilante comigo.

— Eu sei, meu filho. Mas mandei sondar e descobri que o seu primo está com sérios problemas psiquiátricos, um tipo de demência! Ele perdeu

totalmente o contato com a realidade. Vamos tentar transferi-lo para um dos hospitais de custódia, mais conhecidos como manicômios judiciários.

Respirei aliviado.

— E você, meu filho — deu tapinhas leves no rosto do Tiago —, se esforce para se dar bem com o Guilherme, tá bom?

Tiago acenou de cabeça indeciso.

— Eu e o Guilherme temos um entrave na área sentimental — revirou os olhos, irritado —, mas prometo que vou tentar.

Leves, cada um fazia seus planos para o futuro. E terminamos o café da manhã numa cumplicidade que há muito não havia em nossa casa.

Tomei um banho rápido e corri para a casa do meu amor. Não queria ficar um minuto longe dela, do meu filho ou filha. Não importava o sexo e sim pela sua grande responsabilidade de trazer paz à nossas famílias.



Sempre tive passagem livre no condomínio da Carol e entrei direto, sem ser anunciado. De praxe, as cortinas estavam abertas e respirei a claridade da luz natural no ambiente sofisticado. Batendo os olhos no sofá de couro cinza na sala de estar, o lugar que um dia tatuou minha alma de maneira negativa, soou agora como saudades dos meus momentos com meu amor.

— Pois não! — Fui surpreendido por uma jovem funcionária. Eu não a conhecia e, pelo jeito como ela me olhava apreensiva, também não me conhecia.

— Oi, eu sou o Marcelo, namorado da Carolina.

Sua expressão suavizou junto a um leve sorriso.

— A Carolina está lá em cima? — Apontei em direção às escadas.

— Sim, pode subir — autorizou de prontidão.

Subi as escadas para encontrar o meu amor, queria fazer uma surpresa. E ao passar em frente ao primeiro quarto, lá estava ela, vestida no seu tradicional pijama de algodão azul-marinho com bolinhas cor-de-rosa e muito sensual, deitada de barriga para cima na cama junto com seu pai. E o Guilherme, usando apenas um calção estampado sentado do outro lado. Segurando na mão inerte do senhor Gael, ela deslizava sobre sua barriga numa conversa profundamente íntima, intensa e linda com ele.

— Fala com seu netinho ou netinha, papai! — pedia ela rindo, muito feliz.

— Acredita mesmo que ele nos ouve, Carol? — Ela fechou os olhos e pousou a mão dele em seu ventre à pergunta do irmão indeciso.

— Eu acredito piamente na consciência dele — começou ela suspirando e virou de lado, ficando de frente àquele velho fantástico e passou o braço por seu abdome. — Um ser tão iluminado, de tão pura essência, não a perderia de jeito nenhum. — Beijou sua face antes de sussurrar no ouvido dele: — Estou certa, não estou, pai? Você está nos ouvindo, né?

Comecei a rir, questionando como foi possível viver tanto tempo longe dela. Pois eu a amava mais do que tudo, sem ela eu não vivia, eu padecia.

— Estou tão confuso, Carolina! — esboçou Guilherme em um tom baixo.

— Por quê?

— Não preguei os olhos a noite toda, refletindo sobre tudo o que nos aconteceu e cheguei à conclusão que não existe rancor no meu coração. Portanto, tenho medo de reconhecer a paternidade do senhor Ruan e isso ofender nosso pai aqui. — Tocou o rosto pálido com muito carinho.

— Não, não, meu irmão. O fato do senhor Ruan ser seu pai biológico não muda a nossa vida. Coloque uma coisa na sua cabeça: esse velho lindo aqui... — carinhosamente, o meu amor espalmou o rosto do seu ídolo e sorriu apaixonada — ele sempre foi e será o seu pai. — Beijou a face dele

suspirando de prazer. — O nosso amado e eterno pai. — Sentando, ela curvou sobre o pai e os dois irmãos se abraçaram. Nitidamente ela oferecia o conforto que o Guilherme necessitava e foi neste instante que seu irmão me encontrou ali, parado à porta, bisbilhotando.

— Ah, você está aí? — disse se afastando e levantou passando as mãos embaixo dos olhos, secando as lágrimas que começavam a surgir.

— Acabei de chegar — menti evitando constrangê-lo.

— Amor! — Carol pulou da cama dependurando-se no meu pescoço.

— Calminha, garota! — ralhei fechando meus braços ao redor da cintura ainda fina. — Assim vai machucar nosso bebê.

— Seu bobo — disse ela esfregando seu nariz no meu, notei o Gui atento em meu rosto.

— Posso te fazer uma pergunta, Marcelo?

— Deve!

— O que você sente a respeito de sermos irmãos?

Dei de ombros, sorrindo para quebrar a tensão.

— Para mim não mudou nada, afinal sempre fizemos parte de uma mesma família.

Guilherme sacudia a cabeça e, sorrindo aliviado, bateu em meu braço deixando o quarto. E quando voltei à Carolina, franzi o cenho flagrando seus olhos pensativos, vasculhando meu rosto.

— Ah, Marcelo! Tenho tanto orgulho de você... e sei que o meu pai também tem. Serei eternamente agradecida por proteger o trabalho intelectual dele. — Direcionou seu olhar à cama. Virei-a de costas para mim despretensiosamente encaixando meu pau no meio da sua bunda, a intenção era dar a ela mais amplitude para analisar seu pai. A intenção foi confundida pelo meu pau, endurecendo rapidamente e me dando um arrepio dos diabos. — Pena que ele não pode estar presente nos melhores momentos, né?

Fixei nele, esfregando nela arrepiado, ouvindo seus gemidos curtindo a safadeza, enquanto passava mil e uma ideias por minha cabeça.

— Nossa, que tesão! — sussurrei ao pé de seu ouvido segurando seu quadril, esmagando-a contra mim. — Dava tudo para enterrar dentro de você agora.

— Delícia! — murmurou empinando contra ele. E quando subia as mãos pelo abdome traçando o caminho dos seios, Lídia entrou no quarto com todos os apetrechos para higiene do senhor Gael, quebrando nosso barato.

— Agora peço que saiam, preciso de espaço para banhar nossa celebridade — brincou ela colocando tudo sobre a cama.

Rindo, Carol pegou na minha mão me arrastando para fora do quarto.

Corremos pelo corredor e entramos no espaçoso quarto dela, ganhando calor através do sol que entrava pela janela. A luz natural, que refletia, dava a sensação de que o ambiente era maior e mais espaçoso. Ria saudoso repassando os olhos ao redor pelo quarto, reparando nos móveis de marcenaria planejada de cores neutras e delicadas, a cama ultraconfortável, pensando que tinha muito palpite meu na decoração.

Segurando os dois lados do meu rosto com força, como se eu fosse escapar da sua boca, me beijava com ardor enquanto eu mergulhei as mãos por suas costas e entrei pelo elástico frágil do pijama e calcinha, encontrando a bunda dura e apertei.

Ela trepidou com a pressão dos meus dedos em seu canal, enquanto a esmagava contra meu membro, desesperado para enterrar dentro dela.

— Eu quero ele dentro de mim, agora! — ela implorou em meus lábios, arrancando minha camiseta e começou a beijar meu pescoço, meu tórax, me tocava, arranhava com as unhas, beijava me deixando maluco. Eu não parava de apertá-la. Eu sentia um tesão do tamanho do mundo pela minha princesa. Arqueou o quadril abrindo minha calça e as duas mãos invadiram pegando

meu poderoso, faminto. — Nossa! Ele parece maior, mais duro e agora é todinho meu.

— Precisa conquistar primeiro antes da posse, bonitinha — sussurrei em seu ouvido, sentindo-a tremer em meus lábios.

Ela parou de me beijar e observou meus olhos, que encaravam seu mamilo arrepiado, sob a blusa fina e linda do pijama de menina.

— Ah, tá! Você quem tem que me conquistar! — provocou com olhar sorrateiramente safado, curvando-se e arrastou os lábios pelo meu rosto até tomar minha boca em outro beijo ardente.

— Você já foi pega, minha filha! — Ostentei em seus lábios, descendo as mãos roçando apenas a lateral do seu seio. Sem resistir ela mordeu os lábios, gemendo baixinho.

— Eu quero mais deste toque, por favor! — suplicou.

— Sempre soube que a sua convicção é frágil, meu bem — exprimi simulando um tom rouco de deboche, deslizando para a sua bunda, a atarracando ainda mais em mim naquela excitação desmedida.

Seus olhos tempestuosos travaram nos meus.

— Vai se ferrar! — ela disse sufocada, agarrando meus cabelos na nuca e puxando contra seus lábios. Eu sugava sua língua quente e gostosa para dentro da minha boca. Era demais sentir a vibração do seu corpo emanando ondas de excitação pura, levei minhas mãos aos meus seios, beliscando os bicos já intumescidos sobre o tecido a levando à loucura.

— Gostosa demais! — sussurrei suspirando em seus lábios e desci as mãos pela lateral do corpo escultural, e voltei subindo a blusa de alcinha até tirar pela sua cabeça, espalmei a mão em seu ventre e desci, meus dedos invadiram o elástico da calcinha. Ela respirou fundo, quando alcancei o clitóris molhado, sensível e inchado. — Eu quero! — murmurei em

desespero, introduzindo o dedo naquele aperto quente, molhado, repleto de nervos. E gemeu brincando com minha língua.

— AH! — o prazer era tamanho que não mediu o tom de sua voz, aumentando o meu. Não dei trégua, estimulava enfiando e tirando os dedos numa força e golpes medidos, proporcionando a ela todo prazer deste mundo.

Atrevida, ela desceu uma mão entre nós agarrando meu membro muito duro, ereto, me arrancando gemidos entre a respiração pesada e me sufocou com mais um beijo surreal, sua determinação, ousadia, atitude... tudo era maravilhoso e único!

— É humanamente impossível de resistir a você estando por perto. — balbuciou em meus lábios, cingindo-o firmemente.

Arfei sem aguentar mais.

— Porra, eu quero você! — rosnei implorando, tremendo em sua boca, estirando seu lábio inferior sem machucar, acariciando-a ao redor do seu núcleo de prazer e ela deslizando firme meu pau, da base à glande numa luxúria irresistível.

Um devorando a língua do outro, nos masturbando alucinados.

— Não vamos abusar da sorte, amor! — murmurei com as mãos no cós do short e da calcinha e desci. Enquanto ela se livrava das roupas pelos pés, desci minha calça junto a boxer.

— Hum... — ela liberou um suspiro ruidoso, engolindo duro. Aquele som me fez endurecer mais e pulsar dolorosamente gostoso.

— Vem cá! — Agarrei sua bunda e a levantei para meu colo, um rosnado extremamente forte escapou de sua boca em contato com meu pau duro. Abraçando minha cabeça, ela entrelaçou as pernas ao redor de mim.

Caminhei com ela até os pés da cama e a desci. Sentando-me na beirada a puxando para meu colo de frente a mim, e penetrei-a forte e fundo. Uma

sensação indescritível tomou meu corpo, que achei que ia morrer de tanto tesão.

— Ahhhh, M-Marcelo! — exclamou sufocada, arquejando quase gozando. — Eu te amo! — ela disse quase arrancando meus cabelos no pé da nuca.

— Ah! — gemi alucinado, segurando em seus quadris e fazendo movimentos possessivos, curtindo aquele aperto divino e único antes de me pronunciar. — Duvido que ame mais do que eu!

Sem controle do prazer, ela gemia alto, cobri seus lábios, amenizando o barulho e recebendo seus gemidos em minha boca enquanto mexia rápido, sempre relando no seu ponto G.

Investindo com mais força, ela se contraiu toda, senti as contrações internas esmagando-o e então ela gritou sufocada, gozando gostoso no meu pau. Beijava-a com força e duro, ainda mais excitado.

— Eu quero mais... — Exigente, tirei-a do meu colo a colocando de quatro na cama e pincelei meu pau, pulsando de tesão, na sua bunda, ela empinou e deslizei-o na sua vagina linda, escorrendo de tão molhada que estava. Posicionei-o enterrando com tudo, arrancando um grito exaltado dela.

— OHHH... — Esquecendo de tudo e todos, concentrado no prazer absoluto, gemi no mesmo tom dela juntando os seus cabelos, aumentando a velocidade das estocadas. — É muito bom foder você, amor! — E continuei vigoroso.

— Isso, assim... ah... eu vou gozar de novo, MARCELO! — avisou tremendo e remexendo, meu corpo também se preparava com espasmos violentos. — Puta que pariu! — blasfemou endoidecida, deixando-me também. Depois de algumas socadas e gemidos roucos, o impulsionei com força no meu limite, tendo um orgasmo arrebatador, e ela também.

Respirando exausto e preocupado com seu esforço, eu saí de dentro dela, caindo ao seu lado na cama, e ficamos abraçados, com nossas testas coladas, ouvindo a respiração barulhenta um do outro, um sentindo o perfume do outro.

— Céus! Não sei como aguentei ficar tanto tempo sem você — Ela sorriu apaixonada e bonitinha trazendo seus lábios aos meus num beijo lento, cansado.

— Idem, meu bem — sussurrou em meus lábios. — Idem...

Apertando-a mais em meus braços falei:

— Acredito que se casando comigo este problema pode ser solucionado.

Ela arfou engolindo duro antes de me encarar.

— Afinal, agora sou oficialmente pai. — Ri da minha dedução errônea. — Quase, né?

— Lindo! — Pincelou meu nariz. — Acha que vai precisar tirar a Yasmim do seu nome?

Uma possibilidade que me entristeceu de fato.

— A Justiça é quem vai decidir. — Dei de ombros fitando no meu tradicional olhar sincero. — Ficaria imensamente feliz se ela carregasse meu sobrenome para a vida toda.

— Faria muito gosto também. — Sua sinceridade me encantou, de um jeito que me sentei na cama e a trouxe para o meu colo. Suas pernas se fecharam ao redor da minha bunda e ficamos ali por um longo momento, um tocando no rosto do outro numa cumplicidade só nossa.

— Você é muito especial na minha vida, Carol! — Segurando em seu rosto, a puxei para meus lábios num beijo apaixonado, molhado e nosso. — A gente já perdeu tempo demais, quero muito que seja minha esposa, e tem que ser para ontem. Topa casar comigo amanhã?

Ela assentia com os olhos cheios de lágrimas.

— Claro que topo, topo tudo com você.

— A gente faz uma cerimônia simples, parentes e os amigos mais chegados.

— Tá bom, tá bom... — respondeu rebolando no meu pau, já duro novamente e nos beijamos.

Joguei-a sobre a cama faminto e devorei tudo dela, bebi de toda sua essência. E ela da minha, o melhor do oral antes de uma segunda penetração fantástica e nos deitamos abraçados e ficamos assim até adormecemos juntos.



Vinte e Três

CAROLINA

Não saiu exatamente como o planejado, como sempre sonhei em entrar de véu e grinalda na igreja, tivemos que seguir uma série de procedimentos e requisitos para o casamento religioso. Bem, esperamos mais de sessenta dias e valeu a pena.

Nem acredito que a celebração do meu casamento acontecerá aqui nesta capela em uma área de reserva legal, literalmente construída dentro de uma gruta. Um lugar único, mágico. Um pedaço do céu, como dizia meu pai. Um homem devoto e frequentador daqui.

Dentro de um terno caqui e os cabelos presos num coque samurai perto das árvores estava Derek, que foi o primeiro que viu a limusine em que eu e o Guilherme estávamos, chegar. Ele acenou sorridente.

Neste período, conseguimos colocar muitas coisas em ordem, unir a galera. Inclusive o Derek, que voltou a amizade de adolescência com o Marcelo, agora eles formaram um único time, e a competição passou a ser estadual.

— Mamãe, mamãe, a Carol chegou! — De mãos dadas com a Jussara, linda num vestido azul-claro, a Yasmim gritou. Linda demais no vestido rodado de dama de honra, a coroa delicada de flores naturais na cabeça dava-lhe ainda mais beleza as madeixas douradas. Ela entraria com as alianças.

Levei a mão sobre os lábios enviando um beijo carinhoso àquela linda e recebi o dela com muito amor e carinho. Depois do episódio perigoso que

passamos, ficamos muito íntimas. Agora mãe, filha e avó moravam numa casa espaçosa no bairro, que eu e o Marcelo fizemos questão de comprar para elas.

— Esta Jussara além de ser um pedaço de mau caminho, tem um ar familiar, já devo ter cruzado com ela por aí! — Vestido elegantemente no terno preto, observou Guilherme num tom interesseiro.

Segurei sua mão apertado.

— É uma pessoa maravilhosa, encantei-me com ela — incitei propositalmente. Aliás, a única coisa que eu e o Marcelo não conseguimos ajustar foi a amizade entre ele e o Tiago com o pivô "Susana". Que, aliás, tinha um pouco de culpa. Sempre em cima do muro. Ela estava com o Tiago, porém, sempre muito preocupada com o Gui.

Vai entender?

— Eu também. — Seu tom mudou para um desinteressado quando viu a Susana, que estava linda usando um vestido dourado, sua cor predileta, que a fazia parecer uma sereia, dependurada no braço do Tiago, muito elegante, também usando um terno preto, próximo à porta de entrada da gruta.

Sobre a Yasmim poder ou não permanecer com o sobrenome D'Ávila, ainda era uma incerteza, sem uma definição da Justiça. Só que, independente de tudo, ela fazia parte de nossa família, e já se intitulou irmã do Pedro... Sim, a intuição do doutor estava certa. Era mesmo o Pedrão Uchoa D'Ávila! Como já se passaram mais oito semanas, detectou no exame de sangue para a sexagem fetal.

Ali fora, sentia falta apenas do Marcelo, do seu Ruan, que se tornou um grande amigo e pai do Gui, e dona Esmeralda que, provavelmente, estaria acomodada aguardando a minha entrada.

Todos estavam presentes, Cauã, Cláudia, linda esticando o pescoço para dentro da limusine para ver melhor o Guilherme, que ainda estava focado

descontente no irmão com a Susana. As duas secretárias e suas famílias, o Bernardo, elegantemente despojado. Claro! A Ingrid estupenda num vestido reluzente preto com o seu elegante marido a tiracolo. Morri de vergonha pelo que aprontei com ela. Pedi mil desculpas, mas ainda não achava o suficiente diante da pessoa maravilhosa que esta mulher era. Inclusive, ela quem me vestiu: o vestido único e especial inspirado pelos contos de fadas confeccionado para mim, um modelo princesa, mais lindo que já existiu, nos braços e ombros era uma renda que parecia colada na pele, o corselete valorizava minha cintura, mas já dava indícios da minha pequenina barriga e a saia não muito volumosa. Na cabeça, eu usava guirlanda de flores naturais com meus cabelos descendo pelas laterais. E vestiu também o meu amor, estava ansiosa para vê-lo.

Minha mãe, num arraso em seu vestido verde combinando com os olhos do Guilherme. Sorrindo carinhosa, correu até o carro quando paramos e abriu a porta, enfiando metade do corpo para dentro.

— Você não tem ideia de como a capela está linda! — Seus olhos minavam. — É uma pena que seu pai não esteja aqui para ver isso. — Desabou fechando seus braços ao meu redor, em um abraço calorosamente materno.

Segurava para não chorar, evitando borrar minha maquiagem.

— Acredito que, de alguma forma, ele está aqui, sim — afirmei fechando os olhos e segurando a emoção.

— Mulheres, mulheres, assim vocês vão entrar borradas na igreja! — alertou Guilherme quando ouvimos a música tocar.

— Gostaria de um rápido abraço da família antes de entrar na igreja. — A voz rouca do senhor Ruan soou agradavelmente. Lindo no terno grafite, sorria ali, parado atrás da minha mãe, que endireitou e postou-se de frente a

ele. — Você está muito bonita, Viviane! — Minha mãe sorriu ao elogio sincero.

— Obrigada — agradeceu ela retribuindo o mesmo sorriso.

— Será que poderia dar um abraço? — pediu humildemente já abrindo os braços.

— E por que não? — disse despretensiosamente se envolvendo nos braços fortes. Suspirei emocionada à cena com a certeza de que ali não havia resquícios do sentimento do passado. Ambos realmente amavam suas famílias.

— Eu não vou ficar de fora. — Humorado, Guilherme abriu a porta do carro e desceu tomando o lugar da minha mãe nos braços do homem simpático, como o filho.

— Meu filho! — Esfregando as costas do meu irmão, o senhor Ruan expressava com gosto.

— Meu pai! — respondia Gui, comovido.

O senhor Ruan apartou, continuando com as mãos no ombro do Gui.

— Precisamos conversar na semana que vem — começou ele. — Estou com algumas ideias bacanas e acho interessante empregar na sua construtora.

— Vindo de você, um exímio empresário, acredito que será mesmo. — Ele beijou a face do Gui e veio me beijar em seguida, desejando toda a felicidade do mundo. Piscou e correu para igreja. Quando todos adentraram na capela, a porta se fechou.

— Preciso entrar, meu amor! — avisou minha mãe. Beijou minha testa e esticou a mão pegando a do Gui, que piscou para ela, então ela saiu.

E quando descia, eis que fui abordada por aquela mulher de parar o trânsito, corpo escultural revelado pelo vestido vinho. Os cabelos negros na altura dos ombros bem escovados, e os olhos negros puxados de cílios enormes.

— Embora o convite não tenha partido de você, eu vim mesmo assim — informou Adrianne Oliveira, com os braços escancarados, aguardando o meu abraço. Minha amiga e braço direito no Group Uchoa.

— Você veio, mulher! — Abracei-a muito feliz esfregando as mãos por suas costas.

— Não podia recusar o convite do senhor seu noivo, quase marido — disse apartando, moldando meu rosto entre suas mãos.

— Ele é lindo! Não esqueceu nem de você. — Fechei meus olhos ainda mais encantada com o Marcelo.

Ela me puxou novamente para o abraço.

— Vocês se merecem, se completam, minha amiga, minha chefe.

Bati em seu braço quando Guilherme se posicionou ao meu lado e estendeu a mão.

— Muito prazer, Guilherme, o mano desta lindeza aqui. — Beijou a lateral da minha cabeça.

— Então eu tenho certeza de que também é especial.

Ele arqueou as sobrancelhas, safado.

— Depois de conversarmos na recepção, você poderá confirmar se a informação procede.

Ela riu, piscou e foi neste instante que o coral do casamento começou a tocar avisando que era hora de eu entrar, ela correu para a igreja.

Em seguida, tremendo de emoção com os braços dados ao Guilherme eu posicionei-me em frente à grande porta, com aquele tradicional frio na boca do estômago e coração acelerado.

Quando a porta da igreja se abriu, meu coração veio parar na garganta, meu olhar voou para o altar, nossos amigos, minha mãe. Aliás, a cerimônia era simples, apenas amigos íntimos e familiares. As lágrimas vieram com força quando nossos olhos se encontraram, ele, meu futuro marido, estava

lindo de viver dentro de um terno completo, com colete azul-marinho. Muito bem escolhido para o mês de setembro, primavera e temperatura amena.

Mandou um beijo apaixonante quando o Guilherme soltou do meu braço. Lancei um olhar desentendido sobre meu irmão se afastando me deixando no vácuo.

— Não sou eu quem vai entrar na igreja com você. — Senti todo meu sangue subir para o meu rosto, de tão quente que ficou.

— O que está dizendo, Gui?

— Espera! — dizendo isto, ele enfiou a mão no bolso e pegou uma braçadeira porta celular com um aparelho já ali.

Estranhei a tela enorme.

— O que está fazendo, Guilherme? — perguntei, com todos os olhares interrogativos lá de dentro sobre nós ali na porta.

— Já vai saber. — Colocou no meu antebraço direito. — Tem uma câmera IP instalada em frente à cama do papai. É a alta tecnologia, maninha! Vai permitir ver nosso pai em tempo real pela internet e ele também está assistindo você. — Apontou para além do altar, na pedra havia uma câmara ligada posicionado em nós.

Ergui meu braço olhando meu paizinho ali, em seu conforto silencioso, vestido elegantemente num terno completo, usava até colete cinza, combinando com seus chumaços de algodão na cabeça. Atrás da cabeceira estava a Lídia, dando tchauzinho.

Acenei emocionada, toda a igreja se emocionou junto comigo.

— Foi ideia do Marcelo, né? — Suspirando, Guilherme disse sim movendo a cabeça.

— Pai, eu te amo — declarei com todo meu amor recolhendo o braço e beijei a tela. Fechei meus olhos, imaginando eu com os braços agarrado aos dele e entrei lentamente.

Guilherme veio um passo atrás.

Passei meus olhos por aquela igreja, sorrindo a todos e fixei no Marcelo. Seus olhos cinzas cintilando. Enfim, chegamos no altar e Marcelo estendeu sua mão em minha direção.

— Obrigado, meu sogro! — agradeceu piscando para a tela e fixou em meu rosto, transmitindo uma energia tão boa, tão gostosa antes de curvar-se. — Quem disse que ele não poderia estar num momento tão importante de sua vida, hum? — sussurrou ao meu ouvido. Impossível não se impressionar, se emocionar. Um momento inusitado e especial, que tocou a todos, inclusive o sacerdote. Ele beijou sobre minhas lágrimas banhando meu rosto. — Se continuar chorando vai borrar sua maquiagem, amor.

— Ah. Marcelo! Você é uma pessoa incrível! — Não resisti em dependurar-me em seu pescoço e beijar seu rosto inúmeras vezes.

— E que te ama muito! — Beijou minha face e nos posicionamos para a início da cerimônia.

— Estamos reunidos aqui na presença de Deus para testemunharmos... — prosseguiu o padre.

A entrada da Yasmim com as alianças foi mais um momento de suspiros, de tão lindo.

— Marcelo D'Ávila, você aceita Carolina Uchoa como sua legítima esposa? Para amá-la e respeitá-la na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza até que a morte os separe? — o sacerdote perguntou.

— Tudo o que eu mais quero é recebê-la como minha esposa — respondeu ele colocando a aliança em meu dedo e beijou com seus olhos brilhando nos meus.

E depois foi a minha vez de responder:

— Sim, aceito ele como meu legítimo esposo, como tudo na minha vida — respondi colocando a aliança em seu dedo anelar e com a igreja

explodindo em aplausos.

— Diante de Deus, eu os declaro casados. — O padre ergueu as mãos abençoando. — Pode beijar a noiva.

Marcelo segurou em meu rosto, perambulando por todo ele e sorriu suspirando.

— Me desculpa por tudo, meu amor. — Puxou me para um beijo exigente e sufocante, tirando a possibilidade de me expressar. Um lindo gesto de amor causando um coro de "oh" no ambiente. — Obrigado por existir na minha vida, obrigado, obrigado! — sussurrou e me agarrou pela cintura girando comigo. — Obrigado!

E me colocando no chão, abraçado à minha cintura, ficamos de frente a câmera.

— Obrigado, sogrão, por ter colocado esta belezura no mundo para mim. — Bateu continência e virou beijando o lateral da minha cabeça. Pela câmera em meu braço, observamos a Lídia pegar a mão dele e retribuir a continência ao Marcelo.

Eu chorava sem acreditar que meu pai de fato estava presente.

Abri meus braços e os fechei ao redor do meu tronco, simulando um abraço bem gostoso.

— PAI, EU TE AMO, AMO, AMOOO! — clamava em tom altíssimo, tocando a todos. Levei a mão à boca e mandei um beijo verdadeiro.

— Eu também quero deixar minha mensagem a este velho incrível que é o senhor Gael. — Derek passou a mão pelo ombro do Marcelo; em seguida, veio o Cauã, Tiago, Susana, Bernardo, minha mãe, meu irmão, a igreja toda. Todos posicionados de frente a câmera e gritaram:

— Nós te amamos!

A Lídia pegou nas mãos do meu pai levando aos lábios dele, e simulou como se ele estivesse enviando um beijo a todos em agradecimento.

Aplausos e abraços verdadeiros aconteceu ali no altar.

— Vem, amor — Marcelo pegou na minha mão —, agora vamos a humilde e nossa recepção.

Assenti encantada, tombando a cabeça ao lado direito, encostando meu rosto na tela do celular, e saímos pelo corredor recebendo aquela linda chuva de pétalas.

Agora a minha vida estava completa, casar com o Marcelo sempre foi um sonho, ele é um sonho, tudo em relação a ele envolve sonhos. Meu pai tinha razão quando repetia aquele velho ditado: "A esperança é a última que morre". Seis anos se passaram e finalmente chegamos ao sonho de casamento, e o mais divino, o sonho de estar gerando uma vida dentro de mim.

— Você está bem, amor? — Marcelo, notando meu silêncio, enlaçou minha cintura e me puxou colando nossos corpos quando chegamos perto da limusine.

— Como não poderia estar, amor? — Pincelei a ponta do seu nariz com o meu. — Eu tenho tudo agora. Você, que ilumina a minha vida. — Ele se curvou me beijando, demoradamente, de língua e transbordando meu coração de paixão. — Tenho o Pedro, minha família, a sua família, nossos amigos. — E olhei para a tela do celular em meu braço, e suspirei vendo o rosto sereno do meu pai. — E tenho meu pai, meu herói, meu alicerce no seu silêncio confortável, mas com seu coração pulsando.

— Ah, meu amor! — Suas mãos seguraram meu pescoço e ganhei mais um beijo, daqueles que ficam na história. — O senhor Gael é o meu ídolo, eu já te disse isso? — sussurrou em meus lábios, um fofo!

Neguei de cabeça, emocionada.

— Eu te amo, Marcelo! Te amo...

— Eu também te amo, querida! — Beijou-me mais uma vez esfregando o grandalhão, que acordou de repente dentro das suas calças. — Vamos logo para a nossa festa, porque não pretendo ficar muito tempo, quero chegar cedo em nossa nova casa e degustar você completamente — sussurrou mordendo meu lábio inferior e puxou.

— Você é muito safado, Marcelo — quase gemi com toda aquela esfregação. Os risinhos dos convidados saindo pela porta da gruta ecoou.

— A lua de mel é mais tarde! — A voz do senhor Ruan tirou-nos do nosso momento quente.

Rindo como duas crianças sapecas que acabavam de aprontar, entramos na limusine.



Playlist

You Are The Reason - Calum Scott, Leona Lewis (Duet Version)
I Belong to You - Jacob Lee
Yours - Ella Henderson
Holy Water - James Smith
Say You Won't Let Go - James Arthur
Dancing On My Own - Calum Scott
The Scientist - Coldplay
Cover Like I'm Gonna Lose You - Jasmine Thompson
We Can't Stop - Miley Cyrus (Boyce Avenue feat. Bea Miller cover)
Photograph - Ed Sheeran (Boyce Avenue feat. Bea Miller acoustic cover)

PARTE DE MIM

ELISETE DUARTE

Agradecimentos

Minhas leitoras e leitores,

O carinho de vocês me fortalece e agradeço do fundo do meu coração. *Parte de Mim* é dedicado especialmente a vocês.

Confiram a PLAYLIST ouvidas durante a criação, belas canções que vão aquecer os corações.

Continuem vindo interagir comigo em **minhas redes sociais**:

Facebook Página Oficial:
Elisete Duarte

Instagram:
@autora.eliseteduarte

Wattpad:
Elisete Duarte

Site e loja de livros físicos:
www.eliseteduarte.com.br

OBRIGADA POR EXISTIREM NA MINHA VIDA!

Boa leitura, meus amores!

Beijos enormes nos seus corações.

Elisete.

Prólogo

HENRY

Assim que virei a esquina e avistei a deslumbrante residência do meu maior inimigo, uma mistura de sentimentos tomou meu peito: ódio, raiva e culpa. Dois anos se passaram e a culpa propagou em meu coração, e necessitava dar um basta. O plano estava em desbaratar a organização criminosa do Ivan Rybakov, o chefão dos chefões do alto escalão da máfia. Ele comandava uma rede de crimes organizados, controlava negócios ilegais como também legais. Era um homem respeitado na política e atrás desta grande influência, o bandido escondia sua verdadeira natureza. Tudo ao seu controle, manipulava as provas e saía impune dos seus crimes.

Frio e calculista, já tirou tantas vidas, inclusive a do meu irmão. *Eu lamento tanto, Anselmo!* Comprimi meus dedos no volante, a ponto de doer os ossos, tamanha a minha ira.

Doía pensar na minha indiferença quando o Anselmo entrou em contato comigo na Europa e pediu conselhos sobre como desfazer uma parceria que denominava suspeita. Ocupado demais em meus grandes negócios, não tomei conhecimento. Uma falha que irei corrigir a qualquer custo.

“Vou acabar com a sua raça, Ivan! Seu assassino cruel...”, profetizei mentalmente entredentes fitando a mansão, ocupando quase dois quarteirões inteiros.

— Estacione o carro na rua lateral, aquela parte da casa está com as câmeras desligadas, Henry — indicou Lidiane sentada no banco ao meu lado.

Rapidamente dei seta seguindo sua instrução. — Tem uma vaga perto da última árvore. — Apontou.

Aparentemente a rua estreita e deserta, com as grandes árvores ladeando de ambos os lados, parecia segura.

— Tem certeza de que não correremos o risco de sermos observados aqui? — certifiquei-me tirando o pé do acelerador, reduzindo a velocidade do carro; verificava uma câmera no ponto mais alto do muro verde. Um revestimento vegetal contornando a imensa e exuberante propriedade. A mais suntuosa do bairro nobre de Anápolis, em Goiás.

O ódio mortal queimou minhas entranhas em imaginar o inescrupuloso vivendo impune.

Sacudindo a cabeça de modo imperceptível, inspirava profundamente. O momento era de discernimento, manter o equilíbrio emocional seria o primeiro passo ao sucesso do meu plano.

— Pode confiar, meu rei! — afirmou, usando o apelido carinhoso, como costumava me chamar. — Estamos seguros — finalizando em sua voz sensual, a mão quente e delicada veio em minha perna e apertou provocante.

Estremeci todo arrepiado e lancei lhe um rápido olhar sedutor. O belo corpo dentro do vestido preto, curto e justo, intensificou minha excitação.

— Olha lá, hein, garota! Qualquer passo em falso e tudo vai por água abaixo.

— Relaxa, meu rei! Eu sei perambular invisível por toda a propriedade. — Enquanto os dedos corriam por minha coxa, despertando um desejo absurdo, seus olhos castanhos desenhando o rosto redondo, lindo, emoldurado pelos curtos cabelos, analisavam meu perfil. — Euzinha desliguei a câmera deste lado do muro.

Não muito confiante, estacionei sob os galhos da árvore vergando com as fortes lufadas de vento. A tarde de céu com nuvens carregadas, indicavam um

forte temporal em breve.

A precaução existe por motivos bem óbvios. Foram dois anos esquematizando a aproximação com o Ivan. Depois de todo o empenho, não poderia vacilar. Lidiane era mais uma das minhas aliadas nesta façanha, a descobri espionando a vida do bandido. Magoada por ter sido trocada por outra, e não ser mais a titular na vida do gângster, encontrei facilidades em corrompê-la, a trazendo para meu lado.

— Precisa estabelecer limites — aconselhei desligando o motor do carro e me posicionei no banco, de modo a ficar de frente com ela, e levei o indicador no meio dos seios fartos. — Não se arrisque demais para não ser acusada de delatora, uma espiã infiltrada. Sabe muito bem que os métodos dos caras são exageradamente brutais. — Deslizei o dedo do colo ao pescoço; em seguida o queixo, com sua cabeça levemente arqueando.

— Não pense que é tão fácil me pegar em flagrante — respondeu gemendo enquanto mergulhou a mão sobre meu membro ereto, assinalando na calça. — Como já mencionei: sei muito bem transitar em meio a esse povo sem ser percebida! — rosnou fechando os dedos nele, pressionando de modo excitante.

— Porra! — gemi, reclinando o banco, dando todo o espaço à gata, atrevidamente gostosa, correndo os dedos apertados, da base à glande, me fazendo tremer de tesão.

Muito excitado, abri o zíper rapidamente o tirando para fora.

Ela suspirou quando o avistou, duro e pulsando, pronto a entrar em ação.

— Por tudo isso vale a pena correr riscos. Um deste é muito raro.

— Eu costumo pagar muito bem aos meus aliados. — Agarrei nos cabelos atrás de sua cabeça e trouxe sua boca contra meu pau, implorando por ela.

— Seria injusto se reclamasse da remuneração! — rosnou, circulando a língua na cabeça, enquanto se ajoelhava no banco expondo aquela bunda

gostosa com o vestido, que subiu.

— Que língua gostosa! — elogiei arqueando o quadril e penetrando naquela boca molhada, quente, e levei a mão na bunda firme, deslizando e apertando, arrancando gemidos dela, me chupando de forma talentosa. Muito excitado, afastei o elástico da calcinha, resvalando em sua lubrificação divina. — Muito molhada, gostosa! — rugi, introduzindo o dedo com ela empinando mais contra minha mão.

— Hum, delícia! — com toda aquela dureza pulsando em sua boca, ela gemeu se fartando, contraindo o corpo.

— Delícia vai ser experimentar ele todo enterrado dentro de você. — Arqueei o quadril, chegando com ele até quase a sua garganta, sem a mulher engasgar. — E tem que ser agora.

Num impulso a puxei para meu colo e a beijei gostoso, segurando seus quadris roçando meu pau na calcinha encharcada.

— Não aguento mais de tanto tesão, coloca ele logo dentro de mim — gemeu, fechando os braços em meu pescoço. — Urgente, Henry! — exigiu arqueando o tronco, oferecendo os seios sem deter o rebolado provocante e se torcendo toda de desejo.

— Preparada para ser lançada ao espaço e ver as estrelas, linda? — sussurrei em seus lábios sentindo seu corpo trêmulo, e os abandonei enquanto estiquei minha mão até o porta-luvas na intenção de pegar o preservativo dentro da carteira.

Guardei-a ali, assim que peguei o carro na locadora do aeroporto de Goiânia. Neste minuto, meu celular tocou no bolso do paletó.

— Momento errado para tocar um celular! — reclamou Lidiane.

— Agora não posso atender, sinto muito. — Necessitado, o ignorei quando caiu o recado do meu pai na caixa postal.

“Merda!”, praguejei.

Sempre me esquecia de desativar o viva-voz e o atendimento automático.

— Henry retorne à ligação imediatamente, assim que ouvir este recado. É caso de vida ou morte.

Arqueei as sobrancelhas numa aflição enorme ao sentir a dele.

— Preciso atender.

— Ah, sério? — indagou mediante uma expressão chorosa de dar pena.

— É o meu pai — lembrei, tirando-a do meu colo. Família para mim era sagrado e vinha em primeiro lugar em tudo. Aliás, este era o motivo de eu estar aqui. Guardei o preservativo no bolso do paletó, em seguida peguei um dos maços de dinheiro dentro da carteira e lhe ofereci pelos seus serviços. — Este é para você, depois mando depositar mais em sua conta.

Ela merecia uma pomposa remuneração, afinal conseguiu para mim um relatório sobre alguns negócios escusos do mafioso.

Ela moveu a cabeça se recusando a aceitar.

— Deixe o pagamento para depois de fazer o serviço completo, ok? — Seus olhos foram do maço de dinheiro em minha mão para os meus olhos, especulativos. — No final da reunião com o Ivan, vai se encontrar comigo neste endereço. — Abrindo sua bolsa, entregou o seu cartão com endereço e telefone. — E não se esqueça de que não está lidando com amadores, toma cuidado, por favor!

Assenti de cabeça ao conselho e beijei sua face antes dela descer e caminhar em direção à esquina movimentada.

Precisava de alguns minutos a fim de me preparar psicologicamente para o confronto, então desci do carro. Esticando as pernas analisava todo aquele muro verde; embora tudo estivesse planejado, eu ainda não conseguia relaxar em se tratando deste bandido. Tenso, meu maxilar ficou rígido, e as batidas ferozes do meu coração me fizeram fechar os punhos, muito irritado.

Enquanto minha família sofre por ter sido dilacerada, é no mínimo injusto este crápula usufruir deste luxo todo. Revoltante!

Ajeitei os cabelos com o vento forte, porém o clima ameno da tarde nublada estava agradável.

"Seja o mais imparcial possível, Henry!", aconselhei-me mentalmente.

Qualquer vacilo, eu corria o risco de ser pego.

Dane-se! Eu não conseguia pensar em outra coisa senão buscar justiça. Discordava do meu pai quando ele dizia que este sentimento de ódio só estava me envenenando e podia ser letal, a qualquer momento poderia morrer.

Não tinha medo da morte, tampouco do mafioso, só o meu irmão importava.

Anselmo era o meu meio-irmão; filhos de mães diferentes e do mesmo pai. Apesar de morar aqui no Brasil com a sua mãe, e eu na Europa com meu pai, sempre estávamos juntos e nos dávamos muito bem.

Não me conformo da sua morte repentina, ele era um cara extraordinário, já havia sofrido pacas devido a um rompimento amoroso. E quando superou, não teve a chance de realizar o sonho de ser pai. Com uma esposa estéril, ele partiu à procura de orfanatos para a adoção de uma criança, a preferência era uma menina com idade de cinco anos. A esposa não acatava sua ideia e, por fim, ela acabou pedindo o divórcio.

"Você faz muita falta, cara!", declarei em pensamento, correndo as pontas dos dedos sobre a pulseira, ao lado do meu relógio, no pulso com nossas iniciais, um presente dele. As lágrimas inundaram meus olhos. Bem, lembrar do Anselmo sempre despertava a saudade e a culpa, consequentemente a emoção explodia mesmo.

Resumindo a história: mudei-me para o Brasil, nos mudamos. Meu pai veio junto. Com a única e exclusiva missão: vingança. Prometi diante do

túmulo do meu irmão desmantelar a organização criminosa. Infiltrei-me na organização sem levantar suspeitas, pelo fato de eu e o Anselmo termos sobrenomes distintos; ele levava apenas o sobrenome da sua mãe: Gonzaga.

Já há algum tempo e com paciência, eu vinha observando o bandido. A morte do meu irmão não ficara por isso mesmo, ele iria pagar, como eu irei alcançar o meu maior objetivo: saborear o prato da vingança.

Vou desmantelar esta quadrilha ou não me chamo Henry Mantovani! Na verdade, Henry Mantovani Stone, mas acho legal me apresentar apenas com o sobrenome da minha mãe.

Com envolvimento em vários setores, Anselmo era considerado um forte empresário, a aproximação da organização aconteceu justamente por esta questão. A oferta de uma sociedade lucrativa atraiu o meu irmão para esta emboscada. Ou seja, usaram a empresa para distribuírem seus produtos ilegais. Por esta razão, meu irmão me procurou; honesto, ele estava preocupado. Enfim, forjaram um assalto na estrada somente para eliminá-lo antes de qualquer delação.

— Vamos lá, Henry! — Caminhando apressado pela calçada, meu pai veio à minha cabeça. Contornei a esquina em direção à frente da casa, parei pegando o celular no bolso do paletó e retornei à ligação.

— *Filho* — o tom de voz arrastado e entrecortado me deixou atormentado —, *eu preciso de um favor pra ontem. E não aceito recusa* — objetivou.

Grunhi sacudindo a cabeça ao fim da sua frase, desconfiado da finalidade daquele pedido.

— Sr. Adam Stone? — adverti cismado.

Ele logo se retratou.

— *Estou falando sério, Henry!* — o tom era mesmo atinado. — *Até agora não consegui sair da cama por causa dos meus ombros e costas, a dor está absurda. E você sabe muito bem que o evento em Belo Horizonte é muito*

importante; além do mais, o vocalista Raphael Turner, da banda Collins, interessado na aquisição do hotel, confirmou presença hoje, único dia livre dele, a fim de conhecer as instalações e tudo deverá ser mediante discrição absoluta. Já providenciei restrição de fotos e coibi a entrada de qualquer pessoa relacionada a imprensa, mas sabe como funciona, qualquer alarde vai causar alvoroço. Investi pesado naquele hotel.

Collins era a banda de rock mais popular e famosa da atualidade. Não só pelos sucessos como também pelo Raphael. Ele foi considerado por uma revista famosa da música, o homem de olhar mais irresistível e charmoso. E meu pai era um investidor nato, ou seja, os investimentos rondavam sempre em terrenos e imóveis industriais. A aquisição deste hotel em leilão desencadeou discussões sérias entre nós. Visando os lucros, desaprovei a compra considerando o alto custo com a restauração. Ele usou como argumento a boa parceria com uma construtora muito estruturada de São Paulo. Realmente, fizeram um excelente trabalho, porém, a custos exorbitantes, o que não incomodou meu pai.

Olhei no relógio em meu pulso e fechei meus olhos contrariado.

— Pai, faltam menos de quatro horas para a sua apresentação — lembrei-o levando em conta a reunião com o crápula desta mansão. Com o novo negócio que propus a ele, estenderia noite afora até discutirmos todas as cláusulas do contrato.

Corri meus olhos pelo muro alto, mal dava para ver o telhado.

— Por isso mesmo tem de ser rápido e correr para o aeroporto, não posso dar mancada. Os convidados contam com a minha presença. Por favor, Henry, nunca te pedi nada, quebra este galho para o seu paizão, vai? — insistiu mediante uma voz melancólica, de cortar o coração.

— Não está mentindo para mim, está? — O silêncio perpetuou, e segui suspeitando. — A intenção não é me desviar desta reunião?

— *Não estou mentindo, filho!* — respondeu baixo. Sentia a franqueza nele. — *No entanto, devo admitir que este desconforto veio em excelente hora. Preciso dar um jeito de proteger você de suas próprias maluquices e ousadia.*

— Alguém precisa fazer alguma coisa, pai!

— *Seus métodos não são apropriados. Esses tipos de pessoas são vigilantes inescrupulosos, não se consegue enganar ou se esconder por muito tempo. Infelizmente* — finalizou me fazendo respirar irado.

— Não vou descansar enquanto eles não pagarem pelo que fizeram ao Anselmo.

— *Seja lá onde estiver, dê meia-volta e corra! Se perder a apresentação no hotel, eu perco a minha credibilidade também* — desconversou.

— Vou atender ao seu pedido, e esteja certo: o pagamento será alto por este favor.

Ele riu carinhoso.

— *Eu pago o quanto for necessário para manter você seguro*.

Urrei hesitante.

— É melhor não dizer mais nada, senão vou acabar convencido de que sua intenção é apenas me desviar do meu objetivo e...

— *Seja rápido, filho!* — interrompeu e logo desligou.

— Seu velho sacana, manipulador! — pensei alto, olhando o aparelho em minhas mãos. — *Caspita!* — praguejei dando meia-volta.

Caminhando apressado de volta ao carro, eu matutava uma desculpa convincente a fim de explicar ao Ivan o motivo do cancelamento da reunião. E avisaria Lidiane para não me esperar. Não hoje!

Ao virar a esquina da rua onde larguei o carro, um corpo macio e delicado, dentro de uma calça jeans clara de cintura baixa e camiseta verde, na mesma pressa minha, colidiu ao meu.

Levei minhas mãos às suas costas eretas para segurá-la junto a mim. Sentir as batidas aceleradas do seu coração, o aroma agradável do seu perfume exalando do seu corpo quente e macio, fez meu coração acelerar e meu pau começar a ficar duro, provocando um desejo incontrolável.

— Perdão, senhorita! — me desculpei, num tom rouco de prazer, sem conseguir largá-la; ao contrário, a trouxe para mais perto, hipnotizado com o rosto bonito, a pele macia.

Algo também aconteceu com a moça espalmando meu peito, sua cabeça estava levemente arqueada, uma posição que os cabelos escuros e longos formavam uma sensacional cortina em movimento com o vento, e pude notar sua respiração acelerada, seu peito subindo e descendo muito rápido.

— É-é... — Embora dissesse apenas duas letras, sua pronúncia soou agradável, doce, acalmando meus ânimos alterados. A realidade era uma só: fui tomado por um bombardeio, com seus olhos claros fitando os meus, o cheiro leve da moça era um afrodisíaco, o corpo bem esculpido, tentador ao extremo. Mediante a todos estes requisitos deliciosos, a apertei mais em meus braços, espremendo os seios fartos ao meu tórax.

A ação involuntária desatou ainda mais o meu coração, o contato maior fez meu sangue ferver nas veias e correu todo para o meu pau, endurecendo rapidamente.

Sem nenhum constrangimento, os olhos azuis penetrantes se fecharam, expelindo um suspiro prolongado em seus lábios carnudos entreabertos.

Que mulher atraente!

A voz rouca e profunda se desculpando era um ingrediente magnífico. Entorpecida, foi impossível respondê-lo.

“Sacha do céu! O que você está fazendo, mulher?”, reprimi a mim mesma, ali nos braços daquele homem charmoso, cheiroso, me permitindo sentir sua ereção vibrando quente em meu ventre.

Não compreendia o meu entorpecimento, deveria dar na cara do ousado filho de uma mãe. Entretanto, meu corpo parecia necessitar daquele instante agradável. Estava trêmulo e completamente arrepiado.

Minha vida estava tão desorganizada, mergulhada na mais completa escuridão, que um momento como este de prazer entrava como paz.

Embora Ivan negasse com todas as letras, eu me sentia em cárcere privado. Ele sempre dava um jeito de proibir minhas saídas. E prevendo um NÃO bem grande, eu perdi a cabeça e resolvi sair escondida. Não perderia uma festa bacana em Belo Horizonte a convite de uma amiga. Após me certificar de que as câmeras na lateral da casa estavam desligadas, eu tomei a decisão de pular o muro.

Já do lado de fora do enorme quintal, quase uma chácara com muito verde e flores, corri pela calçada olhando para trás, assegurando-me de que não estava sendo seguida, não percebi a barreira enorme à minha frente.

Nossa! Estremecida sentindo sua dureza, arquejei apalpando os dedos no peitoral duro, bem na parte onde os botões da camisa azul-claro estavam abertos e aspirava o perfume amadeirado delicioso. Os braços fortes dele, dentro de um terno azul-marinho, ao meu redor, tinham gosto de proteção. E proteção era uma necessidade enorme na minha vida.

Seu telefone escapou de sua mão em minhas costas e foi ao concreto da calçada. Ele nem tomou ciência. Tampouco eu. Permaneci ali, com a cabeça levemente inclinada para trás, defrontando aquele par de olhos cinzentos me observando e confesso: era devastadoramente sedutor e tornava impossível de

reagir, embora fosse prudente; eu não conseguia resistir de ficar olhando o rosto másculo.

O contorno da mandíbula definida e queixo quadrado, com a barba rente, davam a ele uma aparência de força marcante. Eu tremia com nossos corpos alinhados, unidos, desencadeando ininterruptas ondas de arrepios prazerosos.

Jesus!

Há muito tempo não sentia algo semelhante. Toda aquela manifestação se concentrou no meio das minhas pernas, tudo por ali esquentou de um jeito que precisei contrair meu corpo.

Que lábios sãos estes? Grossos, levemente erguidos num sorriso atraente.

Estremeci e enlouqueci de forma imprudente.

Tudo bem que o cara era perfumado, sensual, deslumbrante ao extremo, uma beleza fora do comum que não passava despercebida por nenhum mortal. Pausei a análise crítica necessitando respirar.

E esses cabelos castanhos nos ombros, com o vento os desajeitando, seguindo a linha da rebeldia? Meu Deus!

A autêntica beleza mediterrânea!

Chegava a ser incompreensível, o jeito do meu corpo reagir ao deste estranho grande, forte, gostoso... Como assim? Sentia um turbilhão de sensações.

Ou a resposta estava ali, na proximidade, permitindo-me escutar a sua respiração acelerada e sentir as batidas descompassadas do seu coração nas palmas de minhas mãos?

Muito excitante!

"Para de suspirar e acorda logo desta merda de transe, Sacha!", gritou a voz da minha consciência. *O safado é gostoso, eu sei, mas está se aproveitando do acidente e você aí, parada, se torna uma presa fácil para o Ivan. Se não correr, ele vai te descobrir fugindo!*

Com o coração a mil, finalmente acordei.

— Está sendo inconveniente, senhor! Me larga, por favor. — Abruptamente e assustada, pressionei seu peito o empurrando e recuei, ajeitando minha pequena mochila nas costas.

— Você vem desembestada pela calçada, se joga nos meus braços e eu quem sou o inconveniente? — zombou no momento em que uma rajada de vento levou seus cabelos sobre os olhos, os cobrindo.

Suspirei com ele embrenhando os dedos longos e tentadores pelos cabelos descobrindo os olhos. Sacudi a cabeça para despertar.

— Até parece! — Indignada à sua petulância, levei as mãos no quadril o fitando séria. — Ninguém aqui se jogou em seus braços, seu metido! — rebati. Confesso: estava complicadíssimo sustentar aquele olhar estreito dele, as sobrancelhas grossas se juntando, o corpo atlético, perfeito. *Uau!* Abaixei recolhendo o seu celular, de última geração, numa atitude de aliviar a pressão. — Foi um acidente.

Ele riu num tom duvidoso.

— Está fugindo do que ou de quem? — provocou declinando a minha paciência.

Apertando o seu aparelho em minha mão, endireitei o corpo pronta a mandá-lo ir à merda. O problema eram aqueles olhos verdes cintilando com o sorriso especulativo e cínico, plantado nos lábios sedutores.

Paralisei fascinada.

Droga! Mas o que estou fazendo? Sou uma presa do caçador do outro lado deste muro e preciso sair daqui o quanto antes.

— Fugindo de tudo o que tem me desagradado ultimamente, e você está incluído no pacote. — Estendi a mão com o seu pertence.

Ele o pegou relando seu dedo nos meus, e foi como levar um choque intenso. O arrepio reverberou pelo meu corpo, levantando todos os pelos.

— Deve estar bem encrencada! — ironizou em tom debochado, varrendo os enervantes olhos em análise pelo meu rosto.

— Não! — soltei um tom ríspido. — Apenas estou atrasada para o meu voo e o senhor está me atrapalhando.

— Se for para o aeroporto de Goiânia, posso te dar uma carona. — Erguendo as sobrancelhas em tom zombador, ofereceu na maior ousadia.

Idiota!

— Não costumo aceitar caronas de estranhos... — Pausei com os rumores vindo do outro lado do muro, meu coração saltou. Ferrou! — Me dá licença — disse tão rápido quanto andei em direção à esquina.

Contornando-a, corri para me afastar o máximo possível para não ser pega em flagrante, evadindo. Corri dois quarteirões. Quando passou um táxi, cheguei a sinalizar com a mão, mas desisti.

— Estou cometendo um grande erro — refleti em voz alta colando minhas costas no muro e fiquei ali por alguns instantes. — Com esta minha atitude, estarei apenas cutucando a onça com vara curta.

Pensei em toda a minha trajetória, e cheguei à conclusão de que tomei mesmo a decisão equivocada ao sair escondida. Estava lidando com uma quadrilha organizada, esta minha ação poderia irritar o mafioso e colocar a vida de todos em perigo.

Enfiei os dedos pelos cabelos e os levei ao topo da cabeça, fazendo um coque, os prendendo com os próprios fios.

— Ele prometeu meu direito de ir e vir; diante desta promessa, eu teria de lutar limpamente por ele, se quisesse todos vivos e bem.

Vou retornar à casa e sair de lá dignamente pela porta da frente.

Cedendo, retornei pelo mesmo caminho que cheguei até aqui e, com aquele frio gostoso na barriga na expectativa em topar com o bonitão novamente.

Ele não estava mais por ali.

Corri até o ponto do muro com câmeras desligadas e o local onde deixei uma escada, de dez degraus, escondida entre os arbustos. Pulando dentro do quintal, rapidamente posicionei a escada onde ela costumava ficar, no pé carregado de manga, e segui em direção à casa pelo lado direito, o oposto de onde se encontrava os capangas do Ivan vigiando tudo e a todos na casa.

— Senhor Ivan! Vistoriamos tudo e não encontramos a senhorita Lidiane em nenhuma das dependências da residência. — Avistei um dos capangas passando a informação por telefone.

— *Posso apostar que não verificaram o quarto da Sacha.* — Ouvi o eco da voz monstruosa do Ivan no viva-voz do aparelho do funcionário.

— Não me senti no direito de invadir sem permissão, senhor — informou o funcionário.

Ivan rosnou contrariado antes de responder à questão.

— *Permissão concedida* — decretou autoritário.

Arregalando os olhos, inspirei em choque.

— *Ela não sairia desta casa sem ser notada, não é mesmo?* — desafiou Ivan.

O homem tremeu, nitidamente preocupado.

— Não, senhor! Toda casa é muito bem monitorada.

— Se acham perfeitos, não? — Balancei a cabeça. — Uma hora esta fortaleza vai ruir, seus imbecis! — anunciei percorrendo rápido entre as árvores, algumas frutíferas e outras não; o tamanho delas facilitava me esconder. Corri até o corredor, onde localizava-se meu quarto, a escada ainda estava no mesmo local.

Ufa! Subi velozmente os degraus para o segundo pavimento, e pensava que depois sumiria com esta escada, evitando levantar suspeitas, abri o armário escondendo minha mochila dentro. E veio a ideia: voltando a janela,

debrucei ali até alcançar a escada, segurando firme e usando toda a minha força a lancei pelo corredor. Com as várias janelas dos outros quartos, eles teriam muito trabalho até descobrirem quem a deixou ali.

E rumei diretamente para o banheiro, um banho era a única forma de disfarçar minha traquinagem. Abri o registro, arranquei a roupa colocando dentro do cesto de roupas sujas e entrei debaixo do chuveiro.

Em segundos ouvi a porta do quarto sendo aberta com a chave mestra. Eles detinham o controle de tudo, ou quase tudo. Nunca imaginei os caras cometendo um vacilo amador, deixando uma câmera desligada.

— Senhorita Sacha? — A voz masculina veio junto com as batidas na porta do banheiro.

— Será que nem um banho eu posso tomar sossegada? — reclamei, rebatendo num tom alto e revirando os olhos, com muito ódio de tudo.

— Por acaso, a senhorita Lidiane esteve aqui em seu quarto? — perguntou ele.

— Nem sei quem é esta! — respondi áspera.

Na verdade, não sabia mesmo o número excessivo de mulheres vadias perambulando pela casa, tornava difícil saber quem era quem.

— Me desculpe o incômodo — retratou ele.

Logo ouvi os passos pelo quarto, em seguida a chave na porta.

— BANDO DE ABUTRES!

Meu coração parecia bater na minha cabeça, de tanto que latejava. Afogada na angústia, abracei meu corpo embaixo do chuveiro e chorei tudo, esvaziando meu coração atribulado.

Capítulo Um

SACHA

Durante o banho, as lágrimas não aliviaram a dor em minha alma, apenas atuaram como refresco ao calor causado pelo fogaréu com as engrenagens do meu cérebro regressando ao episódio com o homão bonitão na calçada. Só mesmo a água fria teve a capacidade de acalmar o assanhado do meu corpo.

Que homem lindo era aquele? Todo meu corpo arrepiou em resposta. Os olhos frios e curiosos, as mãos firmes e quentes em minhas costas não saíam da minha mente. Há tanto tempo sendo alimentada pela angústia, experimentar uma sensação boa desta foi bem interessante. *Algo bom a recordar.*

O pensamento punitivo se apossou, fazendo-me retornar à vida real, à minha infeliz realidade.

Eu não conseguia parar de pensar o quanto fui burra em barganhar a vida da minha mãe de maneira tão impensada.

O impulso resultou na troca de uma vida estabilizada por esta miserável? "Energúmena, energúmena!", repetia mentalmente na tentativa de reduzir a dor em meu peito.

Assumi o atestado de burrice que me cabia, porque não havia como medir o tamanho do meu deslize. Vacilei e grosseiramente: faltou uma tática inteligente, existia sim, mil maneiras de me esquivar a fim de poupá-la. Agora era tarde, devia sentar e chorar.

Nua e ainda com o corpo úmido, bufei longamente, expelindo toda aquela angústia dentro de mim e me joguei sentada nos pés da minha provisória cama.

Noiva do Ivan, o maior inimigo da minha família, o espaço nesta cama serviria para descansar meu corpo por, no máximo, mais três meses, data prevista para o nosso casamento, na verdade, o meu presídio. A partir de então, seria obrigada a dividir a cama com ele.

Isto que eu chamo de desgosto!

Cada dia que passa eu me pergunto se deveria mesmo ter nascido.

Sorrindo desanimada, perambulei os olhos pelo aposento. Tudo aqui foi projetado para um conforto que jamais terei, reproduzindo a ideia de um quarto de realeza, com a predominância do dourado em toda a decoração. Um revestimento lembrando couro cobria a parede, logo abaixo do teto era rodeado por barrados de uma cortina na tonalidade creme e detalhes em dourado, como os móveis. Até a cama era com dossel (cobertura com o objetivo de proteger contra o frio e os insetos), considerando que a mansão estava localizada em um terreno grande e rodeada por uma densa vegetação.

O luxo que é um lixo! A visão que eu tinha de tudo aqui.

A distância dos pensamentos me levara a saltar da cama com o estridente som do meu celular sobre a penteadeira.

Que susto! Corri pegando o aparelho e logo vi o rosto da Jussara, hoje uma amiga querida. No passado, ela era mais amiga da Mônica, a minha irmã mais velha, que lamentavelmente faleceu há dois anos. Desde então, nos tornamos amigas quase inseparáveis.

— *E aí, Sacha? Já está no aeroporto?* — indagou desconfiada.

— Fiz exatamente como havíamos planejado, pulei o muro e tudo — expliquei com o rosto másculo povoando minha mente e suspirei encantada. — Só que no meio do caminho decidi retornar. Não sou uma criminosa para

fugir, e agora estou em dúvida se realmente devo ir a esta festa em Belo Horizonte e...

— *Com muito esforço consegui com um amigo meu uma carteira de identidade nova para você, amiga, Tânia Souza, e ele deixou na portaria do hotel* — Jussara desatou a falar interrompendo minha explicação.

Grunhi negativamente, sacudindo a cabeça.

— Mas, Ju... — a chamei pelo apelido carinhoso.

— *Não tem mas Ju* — ela avançou cortando-me, evitando a minha chance de protestar. — *E não venha com pretexto, vai sim à esta festa comigo e ponto final. Sabe o quanto é importante para mim* — determinou de forma encantadora.

Até mesmo por telefone, a sua receptividade era incrível. Suspirei agradecida por sua amizade. Um prêmio, eu diria.

A festa seria no hotel que pertenceu à sua família no passado. Sua cumplicidade, amizade com a Mônica, além da fidelidade em guardar segredos a sete chaves a fez se envolver na máfia. Ela teve um caso amoroso com Fabiano, o sobrinho do Ivan, hoje ele cumpria pena em um presídio de segurança máxima. Embarcou numa tremenda furada e custou o hotel da sua família. A perda resultou na desestruturação do seu pai.

Há pouco mais de seis anos, o pai da Jussara residia no hotel, e no final de uma tarde chegou um caminhão baú com uma encomenda em nome dele. Inocente, acreditando ser as compras, ele autorizou descarregar no depósito. Acompanhou o descarregamento das caixas de papelão, mesmo sem a identificação. E antes de assinar o recebimento, abriu a caixa para conferir e constatou serem barras de ouro e, nesse instante, houve uma batida policial federal. Os responsáveis pelo caminhão fugiram. O ouro sem procedência foi apreendido e seu pai, autuado em flagrante.

Conclusão: o coitado do pai da Jussara foi julgado e condenado a prisão, mas foi solto por bom comportamento; e envergonhado, hoje mora num asilo em São Paulo enquanto o Fabiano, que usava o hotel para guardar os produtos ilícitos do tio, saiu ileso.

— Eu sinto muito — exprimi toda a minha sinceridade.

— *Eu também sinto, Sacha! Foi complicado ver o patrimônio da minha família sendo leiloado. Por isso faço questão de estar presente nesta reinauguração, preciso confirmar a veracidade das informações: o investidor que o arrematou no leilão investiu alto, dando vida nova ao hotel e está um luxo.*

— E a Yasmim? — perguntei, referindo-me à sua filha linda, de quase sete anos.

As circunstâncias levaram minha amiga e sua filha a fixarem moradia em São Paulo. *Ah, São Paulo! Estado acolhedor, amo.* Enfim, ela afirmou estarem rodeadas de pessoas maravilhosas que as acolheram como se fossem da família. Isso me deixou muito feliz, Jussara era uma boa pessoa e merecia ser tratada com respeito e amor.

— *Ela foi para o litoral com a Carol e Marcelo* — respondeu saudosa, como aquelas mães que nunca ficavam longe da filha. — *Minha atenção é toda sua, amiga. Embora não seja possível resolver os seus problemas, eu posso contribuir para que eles sejam menos dolorosos.*

Emocionada, meus olhos abarrotaram de lágrimas.

— Você é incrível, Jussara!

Ouvi um leve fungado antes dela dizer:

— *Depois de todo o ocorrido, sinto-me na obrigação de dar-lhe todo apoio deste mundo*. — Eu negava de cabeça, porém, não obtive a chance de resposta. — *Não acho justo você viver a vida de outras pessoas e pagar sempre pelos erros delas.*

Isso me desconcertou, comecei a caminhar de um lado ao outro pelo quarto, só assim evitaria um infarto, devido ao meu coração disparado, a ponto de perder totalmente o ar.

Eu, a Mônica e a Jussara nos conhecemos na época do Ensino Médio, quando ela se mudou para a minha linda Belo Horizonte. Naquela época, Jussara era uma pessoa retraída, bem tímida, usava óculos fundo de garrafa. Com a Mônica, ela aprendeu a se maquiar, mudou a cor do cabelo, de loiro ressecado para um castanho-escuro elegante. Conclusão: tirando o corpo que, sempre foi perfeito, ela passou por uma mudança radical.

Enquanto eu segui a trilha da área da saúde, fisioterapia, ela e a Mônica tinham o mesmo sonho de serem atrizes; no entanto, depois de formada em artes cênicas e cinema, somente a Mônica obteve sorte na carreira. Jussara, com sua mente empreendedora, além de muito parceira, se tornou a sua agente, conseguindo ótimos contratos.

Mas, infelizmente, a linha do destino da minha irmã era curta.

— Talvez pagar o preço pelos erros das pessoas seja o meu destino, Ju. E esquece, não vou usar uma carteira de identidade falsa, é crime — lembrei-a.

Ela estalou a língua e suspirou ruidosamente do outro lado da linha.

— Crime é o que estão fazendo contigo, né, amiga?

Sentindo a dor me rasgar por dentro, fechei meus olhos ao seu tão real entendimento.

Realidade de merda!

— Entrar neste assunto é perda de tempo! — Suspirei. — Já estudei todas as portas de possíveis saídas, e todas eu caio na tocaia. — Diante de tudo, já estava conformada com o meu destino.

Um silêncio chocado se estendeu ao mesmo tempo de um fungado surgir novamente. Estava ciente do quanto ela sofria junto comigo.

— *Bem...* — começou pausadamente — *não posso motivar sua fuga, porque não quero ser a responsável por um futuro doloroso.*

Futuro doloroso! Desviei os olhos para o teto, fechando-os apertado. Com o estoque quase zerado, uma única, derradeira e amarga lágrima escapuliu pelo vão, rolando pelo meu rosto.

— Esta é a minha sina, dificilmente fugirei dela! — inspirei mortificada e voltei com os olhos para a porta de madeira de toques dourados. — Eu vivo apenas para esse futuro, nem posso ter o luxo de viver o presente.

Um riso compreensivo ecoou, então ela veio com a missão de alegrar a sua amiga aqui.

— *Está aí uma forte razão para aceitar ir comigo a esta festa, Sacha!* — rebateu enérgica. — *É a sua chance de viver pelo menos "um" presente*.

Repensei na sugestão tentadora.

— Se eu for descoberta estou ferrada, ou seja, a minha mãe pagará o preço.

Ela rosnou enfurecida do outro lado da linha.

— *Nada mais justo, não acha?* — Declinei os olhos aos meus dedos dos pés agitados, como estava meu coração, prestes a colapsar. — *Só lembrando você, amiga!* — prosseguiu ao meu silêncio tenebroso. — *A dívida é da sua mamãe, e não sua... Até agora, não sei onde você estava com a cabeça quando sugeriu se casar com Ivan, um monstro dos infernos.*

Fechei meus olhos, sentia uma profunda necessidade de chorar, o choro trazia alívio e era o que mais precisava neste instante, mas não havia fluido suficiente, então tremia de ódio de mim, da minha irmã. Não queria agregar minha mana dentro deste sentimento, no entanto, foi impossível deixá-la de fora.

Por que você foi tão inconsequente, Mônica? Por que, minha irmã?

O Ivan, mafioso e poderoso, foi uma herança deixada pela minha ambiciosa e sonhadora irmã, uma mulher que deu um passo maior do que a perna. Desmanchou o noivado de algumas semanas, nem havia conhecido ainda a família do noivo, que morava em outro Estado, e optou pelo luxo. Falso luxo, na realidade. Guiada pela intuição, ou destino, eu não sabia ao certo, também me vi obrigada a sair de casa naquela época. O fato é que fui guiada até o convento em São Paulo, onde morei por anos. O endereço, mantinha em segredo até hoje.

No início do relacionamento da Mônica com o mafioso, toda feliz, se intitulando uma rainha, ela mantinha contato com a minha mãe. Devido a certos desentendimentos entre nós, irmãs, as informações sobre sua nova vida conjugal chegavam através da minha mãe quando eu ligava em casa.

Pouco tempo depois essa relação começou a degringolar. Mônica não aceitava o fato de o Ivan ser rodeado pelas mulheres e acabou o roubando e fugindo. Após cinco anos desaparecida, veio a notícia de que ela havia sofrido um grave acidente, um atropelamento. Bem, ninguém soube como aconteceu de fato, ela voltou para casa, mas foi de ambulância e tetraplégica, perdeu os movimentos e a sensibilidade do pescoço para baixo. Na ocasião, estava em visita em casa e por ela precisei fazer o esforço de ficar. Com especialização em Fisioterapia nas lesões ortopédicas e reabilitação das disfunções da coluna vertebral, comecei um tratamento intensivo de reabilitação, também montei uma loja de produtos ortopédicos e médicos. E quando o Ivan veio cobrar o dinheiro roubado e não encontrou um tostão furado, ameaçou-a.

Nesta fase, minha mãe entrou no imbróglio. Com formação em Economia, ela trabalhou como analista de diversos bancos e fundos de investimentos; muito inteligente, esperta para negócios e articulações, ofereceu seu trabalho

gratuitamente, a fim de sanar a dívida da minha irmã. Assim, ela se tornou um membro da máfia.

Em menos de dois meses deste acordo, o quadro de saúde da Mônica agravou e ela veio a falecer. E, por fim, ambiciosa como a Mônica, minha mãe usou sua inteligência para roubar o homem, ferrando de vez com tudo. Estava sendo seriamente ameaçada pelo Ivan. Contar com a polícia era perda de tempo, por conta da sua influência no meio. A corda sempre arrebentava do lado mais fraco. Meu pai, sendo um homem muito correto, não suportou e pediu o divórcio. Pretendia sumir no mundo e me convidou para ir com ele.

Pensei na oferta, repensei, balancei... entretanto, não encontrei coragem de abandonar minha mãe nessa situação. E estava em casa com ela quando os capangas do Ivan apareceram armados e propensos a nos colocar no porta-malas do carro.

Contudo, a nossa família foi dilacerada.

— No desespero em salvar a minha mãe, acabei agindo por impulso — murmurei soluçando.

— O que agradou e muito o nefasto! Uma mulher excepcional, jovem e linda como você não se encontra em qualquer esquina.

Ri com ternura ao seu elogio fofo.

Muito grudada com a Mônica, sobrou até para a Jussara, tadinha! Grávida da Yasmim, ela acabou fugindo do Fabiano para São Paulo, sua cidade natal. Enfim, as pessoas que a acolheram contribuíram para colocar Fabiano atrás das grades, finalmente ele teve o merecido. Um alívio para a minha amiga, pelo menos agora ela respirava sossegada.

— Como eu te amo, amiga! — confessei.

Ela riu com carinho.

— Então prove! Vista a roupa mais linda do seu guarda-roupa, aplique aquela maquiagem que só você sabe fazer e dê seu jeito de sair daí —

desafiou.

— Jussara! — contrapus suspirando. — É um evento importante, com absoluta certeza a mídia estará em peso, vão me descobrir lá.

— Já estou a par de tudo. É um evento seleto, fechado, qualquer tipo de foto será proibido, todos os convidados estarão sendo monitorados nesta questão. E com um nome falso, pronto! Está segura, lhe garanto.

— Sendo assim fico mais animada.

— *Yes!* — comemorou toda eufórica. — *Então se apresse para não perder o horário do voo. Já expliquei e vou repetir, vai que já esqueceu!* — Ri da brincadeira. — *Chegando ao aeroporto, vá direto à companhia aérea e apresente seu documento, sua passagem de ida e volta de Goiânia a Belo Horizonte já está paga. Com a desculpa de visitar a mamãe, Ivan nem vai perceber.*

— Espero que a minha mãe concorde em acobertar minha mentira! — exauri o máximo de ar possível e expeli de uma só vez.

— Se ela não aceitar, vai direto para o inferno quando morrer.

Não retive um riso. Seria injusta em adverti-la, porque ela estava coberta de razão.

Após me despedir, desliguei o telefone propensa a bater de frente com o Ivan. Sairia pela porta da frente, e não foragida.

Seguindo a sugestão da Jussara, escolhi um conjunto que considerava top: saia preta justa com uma discreta fenda na lateral da barra e de cintura alta, e uma blusa bege frente única com um detalhe bem sofisticado no pescoço. Finalizei com um batom vermelho, dando maior destaque ao tom claro dos meus olhos, coloquei os acessórios combinando com a sandália e a bolsa enorme, tamanho necessário para abrigar a roupa que pretendia vestir para o evento refinado. E por fim, joguei as pontas cacheadas dos cabelos castanho-escuros sobre os ombros.

Pronto! Agora é enfrentar a fera!

— COMO ASSIM, ESTÁ RETORNANDO PARA O AEROPORTO? ESTOU AQUI ESPERANDO POR VOCÊ PARA A NOSSA REUNIÃO! — Ivan exasperou-se com extrema desconfiança.

Ali do mezanino tinha total visão do meu futuro e escroto marido, andando impaciente na sala requintada com o aparelho de telefone ao ouvido. Assim como o meu quarto, toda a decoração seguia o mesmo padrão: tons beges e dourados.

— INDEPENDENTEMENTE DE SER VOCÊ PESSOALMENTE ESTAR REMARCANDO A REUNIÃO, NÃO O EXCLUÍ DA LISTA NEGRA! — berrou agora. Cruzei meus braços, as palavras dele eram de arrepiar. — Também espero que você seja um homem de palavra.

Normalmente o mezanino era construído pensando em otimizar cada metro quadrado, o que não era o caso nesta mansão. Proporcionando um visual completo do piso inferior da construção de dois andares, Ivan tinha total controle da residência e de todos.

— Minha experiência me diz que você está planejando dar para trás no nosso acordo! E não é aconselhável na altura do campeonato, rapaz! — Acessando as escadarias de piso de mármore com as janelas pitorescas ao lado, observei o tom seguindo a linha de um aviso. — Veja lá, hein! Já fechei vários contratos considerando a participação da sua empresa. — Com os olhos dando uma geral em minha pessoa descendo os degraus, ele pausou a conversa ao telefone.

O calafrio na espinha se espalhando pelo meu corpo ao olhar crítico, quase me fez desistir de descer os últimos três degraus faltantes e voltar para o meu quarto.

“Coragem, mulher!”, encorajava-me.

Sem demonstrar temor no olhar, atingi o piso em postura de coragem.

— Depois conversamos...

Desligando, seus olhos negros e redondos zanzaram pelo meu corpo. Olhos demoníacos, horripilantes.

Todos os pelos do meu corpo ficaram em pé.

— Está deslumbrante, admito. — Avançou alguns passos. — Mas creio que a produção não foi para o jantar, portanto pode tirar seu cavalinho da chuva se pretende sair desta casa.

Respirei fundo e ergui a cabeça o peitando. Este foi o acordo, ele não me obrigaria a conversar quando não fosse o meu desejo, e não era agora. Como também garantiu que eu não estava em cárcere privado.

Dando-lhe as costas caminhei em direção à porta.

— Tem certeza de que vai me ignorar? — Sua voz assumiu o tom ameaçador e, claro, recuperei o juízo diante do perigo representado e detive inalando fortemente.

Tratando-se dele, eu não poderia brincar.

— Talvez se você seguir a linha da educação e o respeito, eu possa lhe dar maior crédito. — Girei o corpo o encarando.

Ele arfou fulo. Temia, porém, sustentei seu olhar. Enquanto seus olhos indagadores permaneceram em meu rosto, os meus faziam um tour no mafioso dele. Apesar da idade avançada, 60 anos, o homem possuía atributos interessantes. Um descendente de russo no estilo lenhador. O corpo malhado por horas de academia dentro da roupa preta: calça e camisa com as mangas arregaçadas, os cabelos e a barba cerrada grisalhos, destacando a pele morena e os olhos redondos pretos, transformava-o em um sedutor perigoso.

— Vou preveni-la mais uma vez — entredentes, a voz saiu baixa, e segurou meu braço exercendo uma pressão dolorida. Arqueei a cabeça em precaução, caso ele curvasse a dele, na intenção de roubar um beijo. Uma de suas artimanhas, ou mais uma, que sempre me fazia desistir dos meus planos

por medo. — A senhora não vai sair de casa — elucidou autoritário e puxou-me. Agora estávamos olho a olho. — E não adianta vir com esta conversinha fiada de visitar a mamãe com esta roupa sensual.

"Se ferrou, dona Sacha!", advertiu a voz dentro da minha cabeça.

Concordei, afinal não custaria nada me fazer de submissa pelo menos neste instante. Mas acreditei ser incapaz de tal postura.

— Estou exausta de tudo, preciso sair, espairecer a minha cabeça.

Decidida e sem desviar de seus olhos, dei um tranco e livrei meu braço de sua mão nojenta.

Ele riu alto ao meu tom enraivecido.

— Você tem muito a perder! — arquejei com a frase de cunho ameaçador.

Mesmo afundada naquele medonho receio, estirei meu corpo.

— Não vai me intimidar, Ivan! Cansei de suas ameaças. — Enfrentei-o.

Em seguida caminhei a passos rápidos em direção à porta da sala.

— NÃO SEJA ABUSADA, SACHA! — intimou aos berros.

Ajuizada e numa falsa postura corajosa, girei o corpo e o fitei.

— Agora eu te pergunto: onde está o homem de palavra que vive cuspindo para todos? — arrisquei na esperança dele ceder mais facilmente.

Ele ofegou surpreso erguendo uma das sobrancelhas grisalhas.

Imagina, homem de palavra! Está mais para desprovido de escrúpulos e de integridade moral, isso sim.

— Garantiu o meu direito de ir e vir, esqueceu? — emendei séria.

Ele grunhiu tombando a cabeça levemente de lado.

— Foi apenas para ganhar a sua simpatia — riu, debochando, e veio apressado agarrando meu braço.

— Eu vou sim, visitar a minha mãe. — Bati de frente conhecendo as consequências. Não tinha aptidão nenhuma para ser submissa a um homem. — E não adianta tentar me impedir. — Quando ele começou a rir, ressaltei:

— Estou disposta a quebrar nosso acordo se persistir em me manter prisioneira.

Ele riu zombando, irritantemente.

— Admiro a sua valentia, mas a senhora está sim, impedida de arredar o pé desta casa até o nosso casamento.

Puxei meu braço e corri em direção à porta.

— Eu juro, se vier atrás de mim tomarei a decisão de jogar tudo para o espaço, não vou mais me sacrificar por ninguém — menti e abri a porta ouvindo seus passos se aproximando.

Rapidamente a fechei na cara dele ao sair.

— Vai se arrepender por tudo isso — o ouvi dizer.

Em seguida, a porta em que saí se abriu.

— É melhor obedecer, senão... — rosnou como um leão prestes a atacar.

Seus capangas, atentos à inflamada voz do patrão me cercaram na enorme varanda, completamente rústica; tanto os móveis como o piso e teto. Ela era toda montada de troncos de árvores. Seria um local confortável e acolhedor para apreciar a linda e restauradora vista verde se a negatividade não rondasse tudo por ali.

— Se deseja um casamento consensual, diga aos seus homens para se afastarem — exigi olhando na cara de um por um.

Eram três vestindo ternos pretos e camisas brancas; um pardo, outro loiro e o William, com quase seus dois metros de altura. Todos com semblantes sinistros.

— Está blefando! — duvidou Ivan, ressabiado e por motivos bem óbvios.

No intuito de se exibir, ele espalhou para todo seu povo mafioso que ia se casar com uma “cocotinha” (gíria de garota delicada, muito usada nos anos 70), apaixonada por ele. Bem, levando-se em conta os seus atributos, não seria difícil me apaixonar se ele não fosse tão escroto.

Dei de ombros em status de desafio.

— Se quer pagar para ver, então me impeça de sair. — Arqueando as sobrancelhas, acenei de cabeça.

Ele entrou no círculo formado pelos comparsas, posicionando-se à minha frente, rodeando os braços fortes ao redor do meu corpo e me puxou colando nossos corpos. Minha perna ameaçava fraquejar, no entanto, as mantive firmes o fitando.

— Você quem estipulou o preço para salvar a mamãe — começou ele, intimidador. — Casar contigo nunca esteve nos meus planos, mas agora é uma ideia fixa aqui dentro. — Ele batia na testa com o dedo indicador. — Gostei da sua sugestão de casamento à moda antiga, transar somente na lua de mel.

Lua de fel você quis dizer, certo?

— E-eu... — Arqueei a cabeça fugindo do contato quando ele, contrariado, curvou a cabeça encostando as pontas dos nossos narizes.

— Escuta bem! — *Merda ter de aguentar isso!* — Por enquanto, vou manter a minha palavra, vou lhe dar o direito de ir e vir e sabe por quê? — Balancei a cabeça em negativa. — Não era recomendável, porém eu me apaixonei perdidamente por você, Sacha. E em respeito a este sentimento nobre, seus passos não serão seguidos — queria pular de alegria e contive-me, permanecendo séria —, todavia, esteja certa de que, se aprontar, vou cobrar com juros e correção da safada da sua mãe, e ainda dou cabo de ti. ENTENDEU?

Afastando o rosto do meu, aspirou meu perfume e então bruscamente fui solta, com ele exercendo um leve empurrão. Desequilibrada, recuei dois passos, evitando minha queda de bunda no chão.

“Ordinário!”, praguejei mentalmente, evitando mais confusão.

Com aquele puta caroço enorme na garganta, comprimindo meus lábios e segurando o choro, logo dei-lhe as costas e corri até a garagem e, confesso, sentindo o coração esmagar de tão apertado que estava dentro do meu peito.

A mesma intensa brisa, responsável por espalhar as lágrimas em meu rosto, espalhava também o cheiro agradável da natureza ao redor. O céu começava a assumir uma coloração avermelhada de fim de tarde e início de noite, quando abri a porta do meu carro cor de vinho de visual requintado. O veículo, e um bom dinheiro guardado, o suficiente para as minhas necessidades, foi o que restou da minha loja próspera. Até nisso o filho da puta do Ivan manipulou, de uma forma que não consegui vencer a concorrência. Resultado: faliu.

Infelizmente, eu teria de sucumbir às chantagens mesmo contra a minha vontade.

— Você terá apenas minha mão em casamento, mas nunca a minha falsa virgindade, SEU OTÁRIO! — terminei a frase num grito estridente ao mesmo tempo que esmurrei o volante com a mão direita; com a esquerda, eu baixei o vidro respirando o ar puro oferecido pelo caminho de um quilômetro até a estrada, cercado por árvores.

Mentir sobre ser virgem foi a única maneira de evitar ser levada para a cama antes do casamento com o lixo deste homem. E ele, claro, cresceu os olhos com a informação. Eu só não sabia agora como ajeitaria essa lorota.

De qualquer forma, hoje é o meu dia de ir à forra!

Senti um aperto no peito com a minha decisão! Poxa, vivendo tanto tempo em um convento, acabei me resguardando até hoje, na espera de um príncipe encantado para uma segunda transa. E olha só pra mim? Disposta a me entregar a qualquer um, apenas para não dar o gostinho ao Ivan.

A decisão não acalmou meu coração agitado no peito, a aflição em pensar no fim desta história persistia.

De Anápolis até aeroporto de Goiânia, lotado, levei aproximadamente uma hora e meia para chegar.

— Acabei de entrar no aeroporto, Jussara! — avisei ao telefone, cruzando a porta de vidro, sentindo um friozinho na boca do estômago, correndo os olhos entre o aglomerado de pessoas, procurando o bonitão.

Rindo da minha babaquice, declinei os olhos e continuei conversando com a Jussara quando, inesperadamente, parei com aquele par de sapatos pretos estagnado à minha frente. Meu coração errou a batida reconhecendo aquele perfume e disparou ao subir meus olhos e deparar com ele.

"Você pensou e seu cérebro está sugestionando! Abriu a porteira e o destino se encarregou de colocar o homem ideal para satisfazer seus desejos mais secretos, Sacha!", anunciou a voz dentro da minha cabeça.

Comprimi meus lábios com o arquejo querendo escapar ao meu pensamento ridículo.

— Estava esperando por você! — Ouvir a voz rouca no tom humorado era como renascer, e desencadeou um choque térmico, extremamente intenso. Ao mesmo tempo que o frio na barriga me atingiu, o meu coração ferveu.

Miseravelmente, o medo sobrepôs o fascínio quando avistei por entre seus ombros o homem colossal nos observando.

Não creio que o carcamano do Ivan enviou seu capanga William para me seguir! O rosto carrancudo o tornava extremamente assustador. *Preciso arranjar um jeito de despistá-lo.*

Voltando rápido ao rosto do bonitão, suspirei com pesar. *Ah, como eu queria ter uma vida comum e parar um pouquinho para uma conversa!*

Capítulo Dois

HENRY

Meu corpo, já excitado, lembrando o tempo todo do corpo macio em meus braços, reagiu com arrepios à bela visão. Ela trocou a roupa, a saia ajustada no quadril, com uma fenda na lateral desenhando as curvas perfeitas era tentador. E como estava elegante, linda, sensual...

Esta mulher é gostosa pra caralho!

— Você de novo, cara? — concentrada em minha boca, a pergunta saiu hostil.

Seu modo arisco de ser não me intimidou em nada, aliás, era humanamente impossível conter o impulso com a grande atração que sentia por ela. A excitação tomou conta.

— É sempre assim, mal-educada? — perguntei sem que seus olhos, se mostrando surpresos, desviassem dos meus lábios.

— Poderia dar licença, por favor! — um senhor calvo, baixo e acima do peso, parou com o seu carrinho carregado de malas ao meu lado. Acenei de cabeça avançando um passo, a pequena distância dela ressaltou o perfume floral. *Muito bom!* Ela não respondeu, apenas suspirou a aproximação.

— Talvez queira retratar a sua grosseria e dizer seu nome.

Os olhos subiram, travando pensativos nos meus. Um olhar confuso. Arquei rapidamente as sobrancelhas em cobrança e me arrependi com sua expressão se fechando.

— Por que eu te diria o meu nome? — esnobou revirando os olhos.

Grunhi, desacreditado da sua insolência, declinava a minha paciência, no entanto, preservei a calma.

— Dois encontros consecutivos não nos torna íntimos, mas presumo que nos apresentar seria educado. Não concorda comigo?

— Discordo integralmente! Não me interesso em saber o seu nome, tampouco manter um diálogo contigo! — a mulher retrucou perambulando os olhos por minha face, como se eu fosse um conquistador barato.

Quem ela pensa que é para me tratar com tamanha indiferença?

Perplexo, ergui as sobrancelhas. Isto nunca aconteceu comigo antes.

— É impressionantemente azeda, sabia?

Um sorriso ultrajante plantou em seus lábios promissores, antecedendo sua defesa:

— Sua opinião não vai mudar a minha vida, senhor — o tom saiu baixo, e o olhar intrigante transpareceu uma profunda tristeza.

— Com licença! — agora foi a vez de uma família inteira, com carrinhos a perder de vista, solicitar passagem, e com razão.

O local era inadequado, levando-se em conta a lotação do aeroporto. A falta de espaço me fez avançar dois passos mais, relando meu peito na mão dela, segurando o telefone.

O choque foi imediato, ambos balançamos, a sua reação deu mais na cara quando o aparelho escorregou de seus dedos, espalhando peças ao tocar o piso.

Olho a olho, ela engoliu forte.

— *Ei, amiga você ainda está aí?* — A voz distante vinha do telefone em nossos pés, nos tirando do momento silencioso.

Respirando forte e rápido, o movimento em seu tórax era visível.

— Deveria considerar a minha opinião. — O olhar penetrante brilhava no meu, enquanto ria especulativo. — De repente, posso ajudá-la na sua fuga —

não estava acostumado a ser ignorado pelas mulheres, e acabei provocando-a.

Sua boca foi se abrindo junto aos olhos vermelhos, soltando faíscas, conectados aos meus.

— Nem vou responder a esta sua indelicadeza — ameaçou se curvar atrás do seu telefone.

— Nem tão indelicado, minha cara — antecipei já me abaixando à sua frente. — Agora é minha vez de retribuir a gentileza.

Que gata! Excitei-me mais contemplando as pernas longas torneadas.

Subi com seu aparelho na mão até meio desnorteado e lhe entreguei. Com os olhos focados além do meu ombro, ela sacudia levemente a cabeça no sentido de indignação. Até seu rosto estava pálido.

Curioso, virei meu rosto para trás seguindo seu olhar, desisti ao deparar o movimento intenso de pessoas e voltei a ela.

— Obrigada — agradecendo, ela deu-me as costas e saiu quase correndo em meio à multidão.

Suspirei olhando a bunda saliente se movendo com sensualidade.

Muito excitante.

Ao baixar os olhos, eles encontraram a capa do seu aparelho.

— MOÇA, CAIU SUA CAPA DO CELULAR! — chamei em tom alto, sem sucesso.

Foi no exato instante em que ela sumiu entre um aglomerado de pessoas vindo.

— Mulher esquisita! — Dei de ombros pegando a peça no chão com a mão livre. Quando me endireitava, fui empurrado violentamente pelo ombro direito. — Puta merda! — Ainda curvado, me desequilibrei dando alguns passos cambaleantes para frente, por fim, consegui o equilíbrio necessário para não pagar o maior mico.

Meu celular não teve a mesma chance, foi ao chão e desta vez espalhando as peças por todos os lados, embrenhando entre aqueles pés todos.

Ah, não! Meu pai vai enfartar sem conseguir falar comigo...

— Desculpa aí, cara! — Senti um peso enorme nos meus ombros pelas costas, e ao girar, topei com um gigante usando um rabo de cavalo, no sentido literal da palavra, com a mão repousada em meu ombro.

— Precisa olhar por onde anda, rapaz! — adverti, esticando o corpo à sua frente.

Sua expressão paralisada soou sinistra. Não havia movimentos, nada!

Sentia-me um anão com meus 1,85m de altura, a discrepância chegava a um nível absurdo, tanto na altura como na largura, os músculos eram notáveis dentro do terno preto e camisa branca.

— Foi a pressa, senhor! — respondeu rudemente indo em direção às peças, eu o ajudei. — Espero que funcione — ousou abrir um sorriso irônico, entregando a última peça, então saiu a passos largos na mesma direção da bela moça.

— Hoje o dia começou pela esquerda. Saco! — praguejei tentando encaixar as peças e a coisa complicou meu lado, liguei o aparelho, que não deu sinal de vida. — Putz! Preciso dar um jeito de retornar à ligação do meu pai, senão o velho morre de preocupação.

Com muito sacrifício finalmente ligou, e disquei rapidamente.

— *Por que desligou o telefone na minha cara, Henry?* — indagou meu pai numa austeridade de causar-me impaciência.

Surpreso ao ver a gata, desliguei por impulso, exatamente como meu corpo reagiu a sua presença.

— Tive um imprevisto aqui no aeroporto, apenas isso — caminhando em direção ao embarque, com o último chamado, respondi inalando ar e buscando.

— *Ah, assim está melhor! Queria ter certeza de que atendeu ao meu pedido* — confessou ele num tom de alívio. — *Não sabe a tranquilidade que sinto em você indo me representar.*

— Acatei sim, ao seu pedido, porém, sei exatamente a sua finalidade.

Ele riu baixinho.

— *Meu filho!* — começou ele, pausadamente. Ciente sobre seu argumento, balancei a cabeça embravecido. — *Atendendo ao meu pedido você não salvou apenas a mim, mas salvou a si também.*

Grunhi entrando na aeronave.

— Não pense que eu desisti dos meus propósitos, só cancelei a reunião devido a sua emergência.

Um silêncio transcorreu por alguns instantes antes dele se pronunciar:

— *E eu nunca desistirei de você, Henry! Hoje é meu filho único, pode ter certeza de que se precisar dar a minha vida pela sua, eu darei.*

Aquele jeito carinhoso do meu velho me pegou. Ri derretido.

— Não se preocupe, sei o que estou fazendo! — Ele grunhiu, discordando. — As estratégias são meticulosamente calculadas e garante a minha segurança — garanti.

Ele estalava a língua, negativamente, do outro lado da linha.

— *Seguro estará somente quando esquecer o passado e seguir com a sua vida normal. Desista desta vingança, Henry!* — a amargura inundou sua voz.

Jogando a cabeça levemente para trás, ri desacreditado.

— Está enganado, Sr. Adam Stone? — Perturbado, ele respirou forte. — O Anselmo seguia a trilha da conformidade e nem assim ele se safou.

— *Já falei e vou repetir: bater de frente com estas pessoas é perigoso!* — ele exasperou, aflito. — *Comece uma nova vida, filho!*

— *O plano não é bater de frente, é apenas conhecer os caminhos, as atividades ilegais dos tiranos e então, os envenenar com venenos fabricados*

por eles. Não se preocupe, estou bem amparado.

— Você não é um investigador de polícia, no momento em que se infiltrar, terá de fazer parte da gangue, seguir o caminho do crime. — Lembrou-me o que eu já sabia. — Portanto, se persistir nessa ideia maluca, vou ser obrigado a intervir, Henry! — ameaçou seriamente.

— No máximo, em duas horas contando com o trânsito, estarei chegando — desconversei.

Ele riu conformado.

— Obrigado por me quebrar este galho!

— De nada! — a linha começava a falhar e não o ouvia. — Pai... Pai?

— Está ruim a ligação.

— É o meu aparelho remendado, vou desligar que preciso encontrar a minha poltrona. Saco! — resmunguei, avistando o corredor da classe econômica.

A multidão ainda estava no corredor brigando com os compartimentos de malas. Havia mais delas do que espaço.

Logo após o esbarrão com aquela linda apressada, cogitei a ideia de tentar um helicóptero. No entanto, declinei optando pelo avião com a possibilidade de encontrar com ela aqui no aeroporto. E não restou outra alternativa senão comprar a passagem deste voo lotado, o único que garantiria chegar no horário.

— Com licença! — solicitava espaço a fim de chegar à minha poltrona. Detalhe: fundão e ao lado do banheiro.

Única poltrona disponível.

Ai, que saudade da primeira classe! Tudo o que precisava para relaxar durante o voo era tomar uma dose de uísque ou uma taça de vinho.

O único ponto positivo eram as três únicas poltronas vazias, e pelo jeito, prestes a finalizar o embarque, ficariam somente para mim. Joguei-me

esparramado ali.

— EU JÁ PRESUMIA QUE NÃO PODERIA CONFIAR! — A voz macia feminina, alterada soou familiar.

Arrastei a bunda para a poltrona do corredor desperto ao tom, algo anormal dentro de uma aeronave. Esticando o pescoço, sou atacado por um perturbante frio na barriga quando meus olhos topam a silhueta encantadora da garota arisca.

Gostosa!

Meus lábios assanhados se ergueram num sorriso malicioso, atiçando meu pau começando a erguer, querendo cobiçar ela, também.

Meus olhos interessados mapearam cuidadosamente cada canto da roupa elegante, enquanto ela permanecia com a cabeça virada falando num tom mais baixo, porém, muito inflamado com o marmanjo exagerado de rabo de cavalo.

Torci a boca recordando da ansiedade com que ela olhava por entre meus ombros. O gigante que trombou comigo foi na direção dela.

"Nossa, será que são casados?", pensei analisando o quanto ela era delicada perto dele.

Ela deu uma leve paralisada ao avistar minha cabeça pendida para o corredor. Seus olhos azuis, expressivos, vidraram no meu rosto, os músculos da face meiga e linda se contraíram nitidamente. Dei uma leve arqueada na sobrancelha, fazendo-a desviar os olhos.

E veio a passos largos na direção onde eu estava.

— Poderia dar licença, por favor! — solicitou pausadamente.

— Claro que sim. — Educadamente, me levantei indo para o corredor a fim de dar-lhe caminho para se sentar.

Mas acontece que ela ocupou o assento onde eu estava.

— Obrigada — agradeceu no momento em que o grandalhão espremeu entre suas pernas indo para a poltrona da janela.

“Ele não vai caber neste banco!”, pensei movendo a cabeça, incrédulo assistindo o grandalhão ocupando o banco da janela, e a metade do banco do meio. Seus joelhos colados na poltrona da frente.

Ele está completamente espremido ali.

— Talvez a senhorita queira se sentar ao lado do seu companheiro — sugeri cordialmente, confiante de uma possível troca de lugar.

Ela ateou o cinto e com a parte de trás da cabeça colada no encosto, ergueu buscando meus olhos.

— Desculpa, moço — começou ela imparcialmente —, tenho problemas com avião, sempre compro a poltrona do corredor, se é que me entende.

Eu sacudia a cabeça, negativamente.

— Não, eu não compreendo! — rebati diante da paciência indo ribanceira abaixo. — E a senhorita bem que poderia ser mais gentil em ceder seu lugar. Como vê, não tem como eu me sentar na poltrona do meio. — Acenei de cabeça.

Ela virou o rosto e riu, maldosamente, para o homem carrancudo que respirou, ruidosamente, furioso.

— Eu sinto muito — disse sem mais delongas e parecia sentir mesmo.

Notei seus olhos lacrimejando antes de descerem ao colo, onde os dedos de suas mãos delicadas, e sem aliança, se entrelaçavam.

— Senhor, precisa se sentar — a aeromoça pediu.

Meu aborrecimento deu lugar à compaixão. Sabe lá o que o brutamontes fazia com ela para toda esta tristeza e medo em seu semblante.

Inspirei o mais profundamente que consegui, evitando botar a boca no trombone e reclamar, mesmo porque estaria sendo deselegante.

É o que tem para hoje, fazer o quê? Faça-me o favor, viu, pai?

Indignado com a minha situação, cedi. Tirei o paletó e lembrei da capa do seu aparelho de telefone no bolso, tirei e a entreguei.

— Ficou perdido no chão.

Sem olhar na minha cara, ela acenou de cabeça.

"Mal-educada!", bufei me sentando. Me sentia uma sardinha enlatada.

Já acomodado a olhei, seus olhos estavam posicionados na janela do brutamonte e era o local onde estavam os olhos do homem. Curioso, segui-os e acabei rindo da grande borboleta de cores vivas pousada na janela.

A decolagem foi tranquila, o que não acontecia comigo, esmagado. Cruzei as mãos atrás da cabeça respirando forte pelo nariz, chamando a atenção da bela mulher.

— Poderia se mostrar mais humana — critiquei com os olhos fixos na poltrona da frente.

Ela riu baixinho.

Virei o rosto encontrando seus olhos incrivelmente iluminados naquele sorriso lindo e ri com ela.

— Realmente a sua situação não é digna! — provocou caindo na gargalhada.

— Comprasse a passagem da primeira classe se deseja mais espaço. — A voz áspera e grotesca ecoou como um trovão entre nós.

Ela desatou o cinto e levantou.

— Vamos trocar de lugar, vai?

Arqueei as sobrancelhas, surpreso.

— Tem certeza?

Admiravelmente, ela assentiu de cabeça.

Antes dela desistir e tumultuar o corredor com o serviço de bordo iniciando, rapidamente ela pegou sua bolsa posicionada em seus pés e trocamos de poltrona.

— Sua escolha foi boa — o gigante de terno preto pronunciou se ajeitando melhor em seu banco.

Ela não teve alternativa, a não ser colar seu ombro no meu.

— A sua foi péssima! — rebateu entredentes, claramente irritada. — Para mim não deixa de ser quebra de protocolo, falsidade. — Suas palavras não surgiam efeitos. Como uma pedra de gelo, ele virou para a janela a ignorando. Ela seguiu brava. — Decepcionante para quem diz ser honrado, não acha?

Ele persistiu desprezando.

— Gostaria de beber o que, senhor? — Minha atenção foi puxada pela aeromoça.

— Água, por favor! — Enquanto a aeromoça me servia, a moça baixou a sua mesinha.

Ela pediu água e o companheiro dela também.

— Veja se consegue levar seus pés mais para a direita, está apertado aqui — pediu ela abrindo a bolsa, que acabou ficando em seu colo.

Enquanto sua mão vasculhava à procura de algo no interior dela, o cotovelo batia no braço do homem rosnando incomodado.

— O que tanto você procura nesta bolsa, hein? — indagou bruto.

Ela apenas revirou os olhos ignorando-o e eu, necessitado, segui para o banheiro.

Alguns minutos depois, quando retornei, o grandão estava piscando, em uma sonolência intensa. A cabeça caiu para trás no banco e então adormeceu, repentinamente.

— Ele está bem? — perguntei, estranhando a cena.

Numa coloração pálida no rosto, ela assentiu de cabeça pegando seu copo com água sobre a mesinha.

— Sim, sim! É apenas fadiga... — explicou ela.

E nervosa, levou seu copo até a boca o virando de uma só vez.

— Faz sentido para ele dormir com todo este aperto — respondi ainda em pé no corredor.

Minhas pernas ainda sentiam as consequências do aperto.

Peguei um chiclete no bolso da camisa. Uma medida que sempre uso no pouso, devido a dores fortes no ouvido.

— Aceita um? — ofereci.

Ela negou, meneando a cabeça sem me olhar. Era de poucas palavras, mas de muitas expressões. Seus olhos ardiam na tristeza curiosa.

Inesperadamente, uma forte turbulência aconteceu, agarrei o banco me segurando e tossindo com o chiclete que desceu parando na garganta.

Não conseguia respirar e curvei pegando o copo do acompanhante dela com água pela metade e trouxe à boca.

— N-NÃO! — Ela se levantou segurando na minha mão, porém tarde demais, virei-o na boca tomando todo o líquido. — Não era para beber, moço! — completou num fio de voz e então, visivelmente abatida se sentou.

— Qual o seu problema, GAROTA! — vociferei sem compreender aquele seu comportamento tempestivo.

Sem resposta, ela baixou a cabeça, as lágrimas pingavam em suas mãos cruzadas sobre seu colo.

Juro que não me sensibilizou em nada.

— Só tomei a bosta da água porque estava morrendo sufocado. Uma emergência, não viu?

Seus olhos submergiram com a névoa que as lágrimas criavam, e ficou alguns segundos passeando com eles por minha face, num semblante fechado. Não conseguia decifrar sua reação, extremamente desnecessária.

— Vou solicitar a comissária de bordo outro copo com água para você.

Balançando a cabeça em negativa, ela ria querendo chorar.

— Não há necessidade, está tudo bem! — Pendendo a cabeça, embrenhou os dedos pelos cabelos escuros e muito sedosos.

O brilho intenso chegava a ofuscar os olhos. *Tão bela e chata!*

— Senhores, voltem a seus lugares e apertem os cintos, teremos alguns instantes de fortes turbulências — informou a aeromoça.

Queria pedir explicação do que aconteceu, mas algo estranho acontecia comigo. Os sacolejos na aeronave pioravam a minha situação. Minha respiração começou a ficar difícil, sentia como se uma rocha tivesse caído sobre meu corpo, impossibilitando qualquer movimento.

— Ai, meu Deus! — Ouvi distante a sua voz chorosa, e senti sua mão pequena na minha antes do meu cérebro parar, literalmente, de funcionar.

Todo e qualquer ruído sumiu e meus olhos foram escurecendo, gradativamente.

Capítulo Três

SACHA

— Moço, moço, moçooooo! — Em completo desespero, sacudia disfarçadamente sua mão amolecida. Seu pescoço tombava para frente, quando escorreguei mais para a beirada da poltrona e levemente inclinada, segurei seu queixo empurrando a cabeça de volta ao encosto. — Que merda que eu fiz, estou enroscada! — Mas também, quem manda ser "entrão".

Folgado!

O certo seria estar estudando uma saída daquela situação tenebrosa e não babando contemplando o rosto tão sereno dormindo. Não havia a menor possibilidade de pensar em estratégias com meus olhos admirando o rosto bem masculino, atraente e de traços fortes. Nem conter meus dedos atrevidos correndo, delicadamente, sobre a barba cerrada, originando um baita e delicioso calafrio pelo corpo.

Nossa, como ele é lindo! Os cabelos mais revoltos davam aquele ar de sedução envolvente, com absoluta certeza, uma extraordinária visão.

— Tripulação, preparar para o pouso!

Endireitei no banco ao aviso do piloto, e acomodei a cabeça do moço em meus ombros.

Respirando fundo, eu fechei meus olhos sentindo o perfume amadeirado, meu coração parou durante um segundo de bater. Experimentava uma paz repentina, naquele instante, o olhando pela visão periférica, esquecia tudo o

que era necessário no intuito de resolver o problema, somente sua respiração profunda pairava, todo e qualquer outro ruído evaporou.

— Me desculpa por tudo, viu? — cochichei no seu ouvido ao pouso da aeronave.

Ajeitei sua cabeça no banco. Além da desorganização da minha vida, o Ivan descontrolou o meu sono. Após uma consulta médica, fazia uso de remédio controlado para indução do sono, só assim dormia profundamente. E colocar na bebida do William, a fim de ganhar tempo para despistar dele, parecia um excelente plano. Mas agora, afetando o coitado deste homem. Olhei para ele com uma dó tremenda. *Ai, ai!* O plano foi uma merda deflagrada.

Pelo menos, ele não vai morrer.

Mas, enfim! Desatei o cinto e me levantando, voei pelo corredor, a intenção seria ser a primeira da fila e não deu tão certo com alguns apressadinhos saltando das suas poltronas. O bom foi garantir o quarto lugar na fila.

— Jussara, sou eu! — me identifiquei assim que ela atendeu o celular. — Acabei de chegar em Belo Horizonte — expliquei num tom contido de tão ofegante, andando apressada pelo corredor após o desembarque.

— *Sua saída da casa foi tranquila, amiga?* — quis saber ela.

Grunhi indignada.

— Meio tumultuada, entretanto, devo considerar tranquila. O problema que o vigarista do Ivan enviou um dos seus capangas para rastrear meus passos.

— *Sério?* — Ouvi seu longo suspiro de preocupação.

— Não se martirize, amiga! Dei meu jeito de despistar o bandido — a acalmei, mas atormentei meu coração recordando do coitado que não tinha nada a ver com o rolo e pagou o pato.

— Tem certeza de que não está sendo seguida, Sacha?

— A única certeza desta vida, amiga, é a morte!

— Não brinca, Sacha! — vociferou ela *— Estou falando sério*.

Ela tem razão, estava vivendo algo muito sério e aflitivo.

— Preciso temperar minha vida com um pouco de humor. — Minha risada preencheu o corredor enquanto eu desejava mesmo, era chorar. — Assim eu sofro um pouco menos.

Ela suspirou compadecida.

— Ainda tenho esperança de surgir um guerreiro, tipo aqueles vikings fortões, que vai chegando e conquistando território.

— Geralmente eles assassinam o Rei! — Não resisti na brincadeira.

Um silêncio absoluto se arrastou, me preocupando.

— Não pode desejar a morte das pessoas, Jussara!

— Não se trata de desejar a morte, na guerra o perigo é constante.

Pendi a cabeça na lateral analisando, em seguida dei uma olhada rápida para trás, me certificando se o William não estava no meu encalço.

Grande como era, o efeito do medicamento seria mais rápido.

— Então esquecemos do guerreiro, o que me diz de um príncipe?

Soltei outra risada, e agora alta, chamando atenção das pessoas caminhando ao meu lado.

— Eu nem ouso mais sonhar, amiga! No meu caso, guerreiro, príncipe encantado, felizes para sempre é uma utopia e está distante da minha realidade complexa! — declarei enquanto saía pela porta de vidro automática se abrindo.

A conclusão veio acompanhada de um aperto enorme no peito, daqueles de querer chorar.

A noite não era a única responsável pelo céu escuro, as nuvens carregadas tinham uma imensa parcela de culpa. Os raios cortando o céu eram os únicos

brilhos, e a ventania trazia junto um cheiro de chuva.

Acenei para o táxi encostando, era de vital urgência sumir dali o quanto antes.

— Como você mesma mencionou agora há pouco. A morte é a única certeza desta vida.

— Chega desta conversa obscura! — cortei secamente. — Acabei de entrar no táxi e mudando os planos. Não vou para a casa da minha mãe, decidi ir a um hotel mais próximo do endereço da festa.

— Você não está raciocinando, Sacha! — advertiu ela num tom austero. *— O capanga do Ivan vai bater na porta da casa da sua mãe.*

— Já pensei em tudo, minha amiga querida! — Sorria resoluta. — Acabei de ligar para a minha mãe e combinei com ela que passaria lá e deixaria a roupa do corpo, um plano infalível e vai despistar os caras. Deu certo em outra ocasião.

— Vai confiando, vai! A possibilidade de uma invasão à casa da sua mãe é elevada. Vão entrar para certificar se realmente você está lá.

— Este tipo de ordem o Ivan não daria, depois da ameaça de cair fora do trato do casamento — disse coberta de razão.

Ele está me usando como um troféu, e exibindo para toda a cúpula da bandidagem. *A gatinha intocada apaixonada por ele!* Que nojo! Enfim... um casamento forçado pegaria mal à sua reputação de conquistador.

— Teria mesmo coragem de enfrentar o homem?

Rindo, balancei a cabeça indecisa.

— Não sei, amiga! Preciso pagar para ver.

— Não se iluda com este seu coração nobre! Sacrificaria a sua vida que eu sei.

Fechei meus olhos por um instante, abonando sua consideração.

— O que há de se fazer? — cedia a minha fraqueza — Chegando à casa da minha mãe arquiteto tudo direitinho com ela.

— *Tenho de admitir que apesar de hilário, a forma de vocês duas deliberarem até pode resultar em sucesso* — pronunciou em gargalhadas.

Rindo daquele jeito, arrancou fortes gargalhadas minhas, um momento de distração que ajudou a aliviar.

— Segredo só nosso e da minha mãe, amiga! — disse rindo. — Dará certo, como deu das outras vezes.

— *Evitando deixar rastros para seu futuro e bandido marido, registre-se no hotel como Tânia!* — instruiu ela acertadamente, ou quase.

— Esqueceu que o seu amigo deixou a identidade no hotel — lembrei-a.

Ela pensou um pouco e então corrigiu:

— *Vou mandar um endereço de hotel de uns amigos meus, inclusive, darei um jeito de deixar um carro a sua disposição. Nem vai precisar registrar nada.*

Comemorei com um largo sorriso no rosto.

— Esta é a Jussara, sempre ajustando as coisas da melhor maneira. Parabéns!

— *Com os escorregões e tropeços da vida, a gente aprende manusear os problemas* — declarou ela. Senti um aperto no peito por nós duas. — *Tudo bem...* — prosseguiu ela com meu silêncio — *Eu também já estou no táxi, a caminho do hotel.*

— Em uma hora a gente se encontra, ok?

— *Aproveita o máximo da noite, Sacha!* — aconselhou ela sabiamente — *Se solte, deixa toda sua angústia fluir pelos seus poros, entendeu?*

— Esta é a ideia, Jussara! Extravasar...

— *Agora eu senti firmeza! Beijos.*

Desligou.

— Eu vou para este endereço! — Mostrei um cartão da minha mãe ao motorista. Neste instante entrou a mensagem da Jussara com o endereço e estendi o aparelho a sua frente. — Depois nós vamos para este.

— Sim, senhora!



Uma garoa fina só completava as grandes poças de água, que a chuva torrencial deixou pelas ruas da cidade. Demorei a sair do hotel, onde me hospedei, devido à tempestade, e o carro popular disponibilizado pelo amigo da Jussara não estava lá grande coisa, o motor era um pouco barulhento. O atraso trouxe a consequência de estar quase no final da interminável fila de veículos para chegar ao manobrista, em frente ao hotel, onde estava acontecendo a grande festa, endereço de uma região nobre da cidade.

Observei uma fila enorme de convidados elegantíssimos, identificando-se a um segurança na porta com uma prancheta em mãos, e entregando o celular.

A restrição fazia parte da regra anunciada no convite, em contrapartida, cada mesa teria um telefone à disposição dos convidados.

Respirei fundo buscando paciência, daqui no ponto alto vagueando meus olhos pelo espetacular horizonte, eu tinha a bela vista panorâmica da minha linda e amada Belo Horizonte.

Que vista maravilhosa!

Olhar a vista daqui de cima me deixou mais serena, aproveitei o momento para matar a saudade, fazia tempo que não vinha aqui nesta parte da cidade. Bairro das Mangabeiras, próximo à base da Serra. Estou bem próxima a Praça Israel Pinheiro, conhecida como Praça do Papa, devido ao lugar ter sido o escolhido para a celebração da primeira visita de um Papa à cidade.

Na adolescência e uma parte do início da minha juventude, vinha com frequência em companhia do meu pai apreciar o majestosíssimo pôr do sol, além da cruz enorme transmitir muita paz!

— Ei, moça, a fila está andando! — Saltei para fora dos meus devaneios com o grito de uma voz masculina, seguida de uma buzina chata atrás do meu carro.

Pelo retrovisor avistei a cabeça do idiota para fora do vidro, com a mão afundada na buzina.

— Vai se danar, cara! — na privacidade e segurança do interior do veículo, xinguei girando a chave.

Apenas dois metros consegui atingir sem tocar no carro da frente.

— Droga! — Esmurrei o volante com a impaciência.

Maior escândalo por esta miséria de distância!

Suguei muito ar para meus pulmões, relaxando os músculos tensos. Aproveitei o momento e espiei meu rosto no espelho retrovisor, aguardando a minha vez. Sorri satisfeita com o resultado quando finalmente a fila andou.

Liguei novamente o motor e acelerei muito alegre.

— Minha vez, aleluia — cochichei ao ver o manobrista acenando rápido com a mão.

A um metro de estacionar em frente, eis que uma Ferrari vermelha, vindo com tudo pela avenida entrou na minha frente, me obrigando a frear bruscamente.

— Não creio! — Minha irritação ampliou e meti a mão na buzina.

O irritadinho do carro atrás de mim, que deveria estar com sangue nos olhos, gritava e buzinava motivando a fila enorme a fazer o mesmo.

A poluição sonora parou toda a avenida.

— Tira esta merda de luxo daí, cara! — outro motorista gritou lá detrás.

E daí em diante foi um alvoroço só. Coitado do manobrista, acenando com as duas mãos pedindo calma ao povo, enquanto abria a porta do veículo luxuoso.

— O caralho que vai cortar a fila! — Outra voz ecoou e absurdamente decidida.

Pelo retrovisor vi o povo descendo dos seus carros e vindo na direção da Ferrari.

Juro, me arrependi por ter começado a confusão, encolhi-me no banco e permaneci ali, pianinho. Presumi que o condutor da Ferrari também se arrependeu ou ficou com medo, sua porta fechou com rapidez e desistindo, deu partida e saiu dali derrapando os pneus. Mas a tragédia que ele ocasionou foi terrível: ao passar pela poça de água em alta velocidade, levantou uma cortina de água em direção aos convidados na fila da calçada, dando um banho daqueles nos elegantes.

— Ai, coitado!

Eu levei as mãos à boca me sentindo muito mal, enquanto os que levaram banho, especialmente as mulheres, choravam e praguejavam, e outros aplaudiam por expulsar o invasor.

— Olha só o estrago que a senhorita causou! — foram as primeiras palavras do manobrista, vestido num terno preto como a gravata e camisa branca. Enquanto eu descia do carro, ele apontava na direção dos convidados, desesperados ali na fila. Abri um sorriso sem jeito. — Puxa! Era só ter um pouco mais de calma. — O tom de advertência me deixou envergonhadíssima, se não fosse a brisa úmida e fresca em contato com o meu rosto, com certeza ele pegaria fogo, de tão quente.

— Foi sem pensar, agi no impulso, admito.

Ele rosnou ainda aborrecido.

— O doutor veio representar o investidor, que não pôde vir por motivos de saúde, só cortou a frente por conta do seu horário de apresentação estar em cima.

— Caracas! — exclamei, levando a mão no peito. — Juro por Deus, não pretendia causar tamanho transtorno àquele senhor. Hoje, infelizmente é um dos meus piores dias. — Ele sacudia a cabeça, insatisfeito com a minha retratação.

— Agora já foi! — disse ele me entregando o ticket.

Peguei o papel sorrindo com honestidade.

— Espero ter a chance de me desculpar com ele.

Ele apenas fez uma reverência ao término da minha frase, entrou no carro seguindo ao estacionamento e eu, em direção à entrada.

E que entrada!

Era iluminada, imponente, suntuosa.

Antes de adentrar a porta de vidro, ainda senti um grotesco aperto no peito, as pessoas encharcadas saíam da fila à medida que os táxis encostavam. Agora não sabia dizer se foram embora ou apenas trocar por uma roupa seca.

— Documento, por favor, senhorita? — Um senhor elegantemente uniformizado me barrou logo na entrada.

— Acabei esquecendo na casa de uma amiga, mas ela garantiu que deixou aqui no hotel, poderia confirmar, por favor! Tânia Souza.

Ele assentiu de cabeça.

— Só um minuto, vou verificar — avisou e entrou numa porta lateral, retornou com a identidade falsa e me entregou. — Seu nome consta na lista, só preciso do celular.

— Sim, claro! O peguei na bolsa e o entreguei, recebendo um papel com um número para retirá-lo na saída.

Suspirei encantada com a beleza arquitetônica do luxuoso hotel. O pé-direito alto garantia o requinte com os lustres gigantescos. O mármore bege, com detalhes em marrom, era ressaltado pelos detalhes dourados e os tapetes vermelhos. Salão perfeito. Panorâmico climatizado, iluminação decorativa, além de ser integrado com jardim interno e estava lotado de gente elegante e bonita.

Acessei um largo e longo corredor, indicando onde seria o salão, após a porta automática, de vidro fumê, se abrir revelou um tipo um saguão, piso e parede em mármore para em seguida entrar pela porta do salão. Alguns convidados sentados nas elegantes mesas ao redor do espaço, outros dançando na pista ao meio ao som de um DJ.

Varri meus olhos ao redor procurando a Jussara e não a encontrando, escolhi uma mesa na parede da porta, assim a sua chegada seria visível e rápida. Porém, optei por uma mesa bem no canto e ao fundo. A reclusão era imprescindível, ou seja, quanto mais escondido melhor caso algum *flash* de câmera dispare.

Sentia-me estranha com todo o ocorrido, o absurdo com o cara da Ferrari e o bonitão no avião.

Hoje eu acordei para foder com a vida das pessoas!

— Deus me livre! — Me benzi.

Dá até a impressão que, porque minha vida é uma merda, estou descontando nos outros.

Mas nem assim o remorso tomando meu coração amenizou.

Por que ele foi beber a água do William? Colocando os cotovelos sobre a mesa, pendi a cabeça e segurei. Fiquei ali me martirizando, punindo...

— A senhorita gostaria de um drink? — sobressaltei à pergunta.

Ao meu lado, o garçom segurava uma bandeja com variados copos com bebidas.

— Chegou em excelente hora — revelei me acomodando melhor na cadeira e percorri os olhos pelas variedades e cores. — Está difícil escolher, todos parecem muito bons.

Atenciosamente, ele descrevia os ingredientes de cada um. Acabei aceitando o que ele indicou como forte.

— Tenha uma ótima festa — desejou o homem antes de se afastar.

— Obrigada — agradeci e beberiquei devagar.

Meia hora se passaram e nada da Jussara.

Neste instante, um homem, de aproximadamente sessenta anos, subiu ao palco.

— Boa noite a todos! — começou ao microfone. — Houve um imprevisto e infelizmente o investidor deste empreendimento não pôde comparecer. Pediu milhões de desculpas.

Ah, ferrou! A sensação de opressão no meu peito parecia um alerta de explosão iminente, de tão apertado que ficou.

— A notícia boa é que a festa continua, aproveitem — finalizou ganhando aplausos.

Eu não conseguia aclamar, estava extremamente tensa.

O pronunciamento agravou meu estado de espírito, na realidade, ele declinou de vez. Desejava e precisava com sinceridade formalizar um pedido de desculpas ao velhote!

— Preciso de mais um drink. Garçom! — gritei acenando quando o vi.

Ele servia algumas pessoas que acabaram de cruzarem a porta, criando um aglomerado ali em volta.

— Estou necessitado de um urgente. — Só deu para ouvir a voz rouca e firme, e ver a mão perfeita se fechando ao redor do copo sobre a bandeja.

A preocupação com a Jussara sobrepôs o ímpeto de olhar para o dono da mão, incrivelmente masculina. Peguei o telefone ali sobre a mesa à disposição dos convidados e liguei no seu número.

— Onde você se meteu, Ju?

— *Que número estranho é esse?* — ela respondeu com outra pergunta.

— Para evitar registros do evento, os aparelhos estão sendo confiscados na entrada. Mas onde você está, mulher?

— *Estou aqui na delegacia aguardando finalizar o boletim de ocorrência!* — Gelei com a informação e antes das especulações, ouvi seus choramingos. — Não sei como aconteceu, mas o fato é que houve um acidente em massa. Meu táxi estava no engavetamento aí perto do hotel, quando algum motorista despreparado, barbeiro mesmo, em alta velocidade entrou na rua batendo na traseira de um carro, e em consequência, veio um batendo na traseira do outro.

— Meu Deus do céu! Você se machucou, está bem? — Meu dia partia para o lado cômico já.

— *Fisicamente estou ótima, mas psicologicamente, péssima!* — ressaltou. — *O idiota causador de todo o transtorno e prejuízo entrou na sala do delegado e, após uma longa conversa, foi liberado, enquanto nós estamos aqui, plantados, esperando toda a burocracia. É dose para leão!"* — bufou histérica.

— Dê o endereço, vou me encontrar agora mesmo com você.

— *NÃO!* — ela quase gritou com a minha sugestão. — *Você merece este momento de distração depois de tudo o que passou. Ou melhor, vem passando!*

Aquelas palavras de carinho me deixaram emotiva demais, concordei movendo a cabeça, as lágrimas inundando meus olhos.

— Obrigada por ser esta amiga tão compreensiva!

— Não é necessário agradecer, eu estou em falta contigo, sabe disso. — Sua voz saiu embargada, contida.

Sacudia a cabeça, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Não gosto quando coloca esse assunto em pauta, e você também está ciente dessa minha condição.

Ela riu comovida.

— Tá! — se convenceu. *— Pelo menos, prometa que vai relaxar e curtir a festa. A noite é toda sua, amiga!*

— Eu vou tentar...

— Uma forma boa de aproveitar o máximo da noite é esquecer que, além desta porta do hotel existe vida. Se tranque aí dentro, Sacha. Se permita ser feliz pelo menos um dia nesta sua vida.

— Tem razão, é isso mesmo que vou fazer! — rindo convencida, concordei olhando em torno, reparando nos homens sozinhos para ver se algum me inspirava, me atraía para uma segunda noite digna.

Vou colocar meu plano em prática. Qualquer um poderá ser o segundo, menos o Ivan.

— Assim que eu gosto! De animação... Olha, assim que for lavrado o boletim de ocorrência eu corro para a festa para me encontrar com você.

— Ok! Estou te esperando — respondi e desliguei o telefone.

Fazia um tour com os olhos pelo salão e parei com eles no ponto onde a mão interessante pegou a bebida sobre a bandeja, e de repente as pessoas ao seu redor dispersaram revelando ninguém menos do que o bonitão do avião, levando o copo com bebida aos lábios lindos. Meu coração sobressaltado subiu à garganta.

— Não creio! — murmurei.

Sufocada, engoli duro para desobstruir a garganta. Meu corpo todo congelou...

Agora eu estou encrencada! Tomada pelo pânico, tateava sobre a mesa em busca do meu copo, molhar a garganta se tornou uma medida urgente.

Pois não era possível desviar os olhos dele. Sentia uma mistura de medo pelos atos cometidos por mim, e ao mesmo tempo, curiosidade. Seu olhar frio perambulando pelo salão, aliado ao rosto, tão cínico, e os cabelos úmidos nos ombros, fazia dele fascinante. Muito, mas muito instigante mesmo. O terno azul-marinho parecia ser o mesmo que usava no avião, a camisa ele trocou por uma camiseta de gola redonda, marcando o peitoral malhado.

Que isso! Este homem é bonito que é uma palhaçada, viu.

Balancei a cabeça para sair da sessão entorpecimento quando seu rosto virou para meu lado.

Numa inalada forte, saltei da cadeira trazendo o copo comigo, e de costas caminhei em direção à pista de dança. Comprimia o copo vazio entre os dedos, tentando respirar devido ao coração acelerado, um frio terrível na barriga e outras milhões de sensações, temendo ser reconhecida.

Ai, Deus me acuda!

Sair deste hotel é questão de vida ou morte.

Só não via como, com ele parado ao lado da porta de saída.

Capítulo Quatro

HENRY

A tensão pelo meu corpo estava aterrorizante, chegando ao ponto de todos os músculos estarem doloridos.

É inadmissível a forma como fui tão negligente!

Sempre me considerei um espertalhão, imune a vigaristas, achava que jamais cairia numa armadilha, ou seja, eu jurava de pés juntos que desta água eu nunca beberia. É duro de aceitar que eu quase me afoguei com ela, literalmente. *Mas, o que aquela safada colocou naquela água, CARALHO?*

Nervoso e com a mandíbula travada, repassava meus olhos incansáveis, cuidadosamente em cada rosto à procura do filho de uma puta que me fodeu lá fora, eu e o coitado do meu pai por tabela.

Sinto o sangue ferver nas veias, somente em recordar o momento que precisei fugir como um criminoso para não ser linchado pela multidão.

Ah, esteja preparado para quando eu te achar, otário! Vou te colocar para fora desta festa a pontapé! A vadia do avião responsável por me colocar para dormir é outra que vai pagar e caro, arruinou meus planos.

Eu hei de encontrá-la um dia!

A soma de pessoas ao qual preciso acertar contas só aumentava. Sentia um aperto no peito cada vez que via a imagem daquela cortina de água da chuva dando um banho nos convidados na fila para entrarem no hotel.

Um fiasco! Agradeço por ter sido apenas a minoria. É muita gente para inspecionar. Preciso da ajuda do manobrista, ele vai ter de apontar o idiota.

Rugi embrenhando os dedos da mão esquerda pelos cabelos, teimando em cair no olho, e a direita pressionava o copo, exageradamente.

Com o evidente perigo de quebrar o copo, relaxei os dedos, evitando um possível acidente, outro, né?

Retalhar minha mão só pioraria minha fúria.

Ainda no avião, fui despertado a muito custo pela aeromoça, dopado com absoluta certeza, porque demorei a lembrar onde estava, sequer pensava. E mesmo assim, saí da aeronave vazia, cambaleando como um bêbado.

Poxa! Nem meu uísque eu tomei...

Com aquela cara de anjo, é o diabo em pessoa, cogitei dela ser uma ladra, dopou a mim e o grandalhão, que pensei ser alguém de sua intimidade, apenas para roubar nossos pertences. Mas não foi o caso, a minha carteira continuava intacta, e o homem também não estava na aeronave para perguntar. Fiquei confuso com tudo isso.

Resumindo: saindo dali, segui direto para o banheiro e o agravante; dormi sentado na privada por mais de duas horas, nem sei como não caí de cara no chão. O bom foi que acordei outro, com uma sede insaciável de vingança. E depois, todo esse vexame aqui em frente e para completar, ainda totalmente desorientado, causei um acidente de grandes proporções. Agradeço por não ter vítimas graves, apenas muito prejuízo material, além de que precisei dar esclarecimentos na delegacia, assinei um termo de responsabilidade e corri ao um shopping para comprar esta camiseta que estou usando, enfim... me atrasei para representar meu pai.

Meu mar não está para peixe. Não mesmo!

Algumas pessoas demonstravam constrangimento comigo encarando na maior cara de pau. Precisava olhar na cara do cabra!

— Sua procura chegou ao fim. — Arqueei as sobrancelhas àquela linda mulher de voz sensual. — Eu! Afinal, estou me sentindo tão sozinha nesta

festa!

Os olhos castanhos, safados, fitando os meus de maneira felina, com a mão direita repousada em meu ombro, o acariciando excitantemente, e escorregou pelo meu braço, parando no meu quadril.

Uma autêntica caçadora de dotes!

Talvez dar uma seria uma boa pedida para relaxar. É preciso testar!

— Obviamente, linda como é, encontrou seu príncipe da noite e não ficará mais sozinha! — Desci os olhos interessados pelo corpo esbelto dentro de um vestido verde longo.

Perfeito!

Uma transa boa é capaz de acalmar nestes momentos, ajuda a descer do pico do nervoso.

— Príncipe com castelo e tudo? — Moveu os lábios com sensualidade à medida que os olhos devassos declinavam, estacionando no meu pau.

Suspirou longamente.

Natural! Todas suspiram ao volume.

— Tem até charrete, linda! — Só para ela sentir a firmeza, simulei a minha melhor expressão sedutora e passei o braço pela cintura da oferecida, a puxando de frente contra o meu corpo.

Ela arquejou rolando os olhos e mordendo o lábio.

— Mas se preferir, ainda pode cavalgar sobre o cavalo — sussurrei sedutoramente ao seu ouvido, a apertando mais. — Puro sangue... — Ela com certeza o sentiu vibrar.

A mulher sacudiu em meus braços, arqueando o quadril, pedindo mais contato.

Esfomeada!

O manobrista cruzou em minha frente neste instante acendendo meu alerta. Quando cheguei o procurei, ele não estava lá na frente.

Ele deve saber quem é o calhorda que me arruinou.

Afastei da mulher.

— Só me dê um minuto, gata! — solicitei inclinando a cabeça e dei um beijo leve na pele morena, macia e perfumada.

— Vou te esperar bem aqui! — confirmou enquanto fui atrás do homem.

— Doutor? — pronunciou ele fazendo uma reverência de cabeça no momento em minha mão repousou sobre seu ombro. — Peço mil perdões pelo contratempo lá fora, deve ter ficado muito chateado.

Grunhi com o sangue subindo aos olhos.

— É impossível descrever o que senti naquela hora — expus entredentes, furioso.

Condoído, ele apertou os lábios um sobre o outro.

— Eu entendo! O mundo está mudado, as pessoas esqueceram das gentilezas, da paciência... Inclusive, eu cheguei a advertir a moça. — Incrédulo e extremamente zangado, arregalei os olhos e a boca àquela informação. — A motivadora de toda a bagunça... — ressaltou ele achando que eu não tinha assimilado.

— Está me dizendo que todo o alvoroço na frente do hotel foi iniciado por uma mulher? — Ainda estava incrédulo.

— Sim, senhor! — respondeu varrendo os olhos pelo salão com a decoração impecável. — Ela deve estar por aqui — completou ainda a procurando.

— Eu preciso que a aponte — exigi seguindo seus olhos.

— É uma moça de olhos belos e cabelos negros, está usando um vestido preto, muito elegante — descrevia ele correndo os olhos e abruptamente parou no corredor dos banheiros. — Ali está ela, doutor! — Erguendo a mão, apontou.

— NÃO! — Apertei meus olhos rosnando feroz. — Não pode ser uma coincidência, aí tem!

Grunhi alto à surpresa em rever a vigarista de corpo esbelto e olhos atraentes quase correndo como um ratinho amedrontado, procurando um lugar a fim de se esconder, medo com absoluta certeza.

Ela deve ter me visto entrando.

— O senhor a conhece? — perguntou o funcionário, curioso.

Não respondi a princípio, minha cabeça era quase uma fábrica em total produção. Revivendo nosso primeiro esbarrão na calçada do mafioso me despertou suspeitas. *Será que ela é uma espiã?* Se for, vai cair do cavalo.

Antes de tomar uma atitude, carecia saber qual era a dela, em seguida arquitetar um bom plano para pegá-la de calças curtas.

— Ela demonstrou muito arrependimento e comentou sobre ter uma chance de se desculpar pelo ocorrido.

— Vai ter de se desculpar "mesmo" — observei.

— O vocalista Raphael Turner está para chegar e tenho ordens para recepcioná-lo, com licença que vou retornar ao meu posto.

Acenei de cabeça. Ele deu as costas e logo passava um garçom.

Virei o copo na boca, tomando o restante do uísque.

— Por favor! — o chamei repousando o copo sobre a bandeja. — Quero outro. — Peguei outro copo e já tomei um gole, generoso, e segui em direção ao corredor.

Na mesma parede da porta, à direita, havia uma mesa perto da janela com cortinas volumosas, lugar ideal para me esconder, e segui até ela, sentei e esperei.

— Uma hora ela terá de sair do banheiro.

Bebericando meu uísque, aguardava impaciente pela saída da mulher. Reparar nos convidados da alta sociedade dançando no centro do salão, na

frente do palco já pronto para a apresentação do Raphael, servia de subterfúgio à ansiedade.

Vinte minutos foi o tempo para aparecer a cabecinha dela no corredor, me enfiei mais dentro das cortinas investigando-a. *Ela é realmente deslumbrante.* Os grandes olhos azuis brilharam transitando por todo o salão.

Linda, porém, uma ordinária!

Pulei da cadeira no instante em que seus pés acessaram o piso de mármore do salão, alcançando-a distraída, fechei meus dedos ao redor do braço delicado, imediatamente fui tomado por um arrepio potente correndo por minha espinha.

Sentir sua pele macia e quente trouxe a recordação dela em meus braços.

— O que é isso? — alarmada, ela vociferou girando o rosto.

Seus lábios grossos se abriram surpresos, desenhando a perfeição da face ganhando um vermelho intenso, destacando ainda mais os olhos.

Um puta charme natural!

— O que é isso pergunto eu, moça! — ainda sob efeito do choque ao contato, enfatizei no meu melhor tom irônico. Sentia seu tremor embaixo dos meus dedos e aquela reação corporal provocou um tesão incontrolável. — Você deve muitas explicações. — Ela engoliu forte, sem desviar os olhos.

A excitação foi ao ápice com o simples movimento dos lábios, uma vontade maluca de provar a textura deles.

Balancei a cabeça fechando mais minha expressão na tentativa de sair daquela insanidade. Eu deveria desejar qualquer mulher, mas não essa dona, que só me ferrou.

— Não te devo nada, cara! — Valente puxou o braço, vigorosamente.

E eu não a soltei, segurei com mais firmeza.

— Deve muito mais do que imagina! Se não quiser sair daqui escorraçada e humilhada, vai ter que dar uma explicação convincente da sua presença

nesta festa, de qual foi a droga que usou para me dopar no avião e por quais razões fez aquilo.

E ainda havia o fato da desordem que ela causou lá fora. Aparentemente, ela dava indícios de não saber que era eu na Ferrari. Preferi o silêncio, por enquanto, até mesmo para ter certeza se não estava sendo seguido.

— Dopei você? — falou balançando a cabeça dando uma de desentendida. — Está variando, moço! — Numa leve inclinada de cabeça em direção ao meu ombro, semicerrei meus olhos em exigência. — Por que eu faria tal coisa, se nem te conheço? — mudou para um tom inocente e nada convincente.

— De repente, uma tentativa de furto. — Seus lábios se abriam levemente para um suspiro longo junto aos seus olhos se enchendo de lágrimas à minha definição.

— Eu não sou uma ladra! — A frase pronunciada por seus lábios se espalhou no ar com profunda amargura.

Ergui as sobrancelhas mexido, na realidade, desarmado ao seu tom embargado. Tenho sérios problemas com mulher chorando.

"Não caia nesta, Henry! A mulher pode ser uma excelente atriz", a razão gritava alto dentro da minha mente em atenção.

— Então prove começando a explicar. — Comprimi os dedos em sua pele a trazendo para mais perto.

Mais um ataque ao meu corpo reagindo ao seu hálito perfumado, aumentou ainda mais o meu desejo.

Evidentemente perturbada com a aproximação ela inspirou muito forte, fechando os olhos no mesmo instante.

— Está me machucando! — reclamou entredentes, sem abrir os olhos.

Relaxei um pouco os dedos, encantado com os cílios longos. Um charme à parte.

— Para de enrolar e desembucha logo, senão vou ter a certeza de que é sim, uma surrupiadora de bens!

Empertigando, puxou o braço se soltando da minha mão, me afrontando.

— DANE-SE VOCÊ! — as veias do seu pescoço saltaram com o seu grito agudo de raiva, chamando atenção de alguns convidados que agora observavam nosso acerto de contas. — Eu não te devo satisfações! — Algumas lágrimas corriam silenciosamente pelo seu rosto. — E não terá o trabalho de me expulsar daqui.

Desviando do meu corpo, ela caminhou a passos largos em direção à porta de saída. Eu corri atrás dela, e já no meio do salão, tomei sua frente, catando seu rosto molhado e a puxei para junto do meu.

— Me deixa em paz, seu atrevido! — levando suas mãos sobre a minha prendendo sua face, exigiu forçando afastá-la, sem êxito.

Pressionava-a firmemente.

— Não pense que sairá impune depois de tudo — avisei ríspido, encarando seus olhos umedecidos. — E anda logo com as explicações, moça, senão eu vou chamar a polícia e denunciar você por envenenamento.

Rindo em tom de deboche, ela rolou os olhos, parando com eles no teto.

— Não tem nada que me incrimine, meu filho. — Desceu os olhos fitando-me com arrogância. — Eu vou negar até a última instância! E os exames vão apontar apenas um remedinho pra dormir. No máximo, alegar que possivelmente tem medo de voar e isso o faz ser um consumidor.

Meu coração errou uma batida de ódio.

— Então você confessa ter colocado remédio na minha água? — indaguei, contorcendo meu rosto puto da vida.

— Vai se ferrar! — a marrenta cuspiu as palavras.

Num tranco escapou das minhas mãos, esquivou do meu corpo e correu em direção à porta de saída do salão, acessando o saguão todo em mármore

bege.

— Volta aqui! — gritava no encalço dela.

Embora a seguisse na mesma velocidade, eu não a alcancei. A mulher cruzou todo o recinto e conseguiu atravessar a porta de vidro, atingindo o longo e largo corredor, os ruídos dos saltos do calçado ecoavam em contato com o piso a caminho do saguão do hotel.

A movimentação por ali era apenas dos seguranças e funcionários, pois o hotel ainda não havia sido aberto ao público.

E, ao abrir a porta, havia aquela calamidade lá fora!

A imprensa nacional, como também a internacional, estava em peso do lado de fora do hotel disparando fotos sobre Raphael. Ele acabara de descer do carro.

— DROGA! — desesperada, a moça gritou recuando com as mãos cobrindo o rosto, se escondendo dos flashes vindos de todos os lados, e seu corpo encontrou o meu atrás dela, como barreira.

— Estou notando que você não é adepta aos flashes — falei em seu ouvido, muito desconfiado e excitado sentindo a bunda empinada e firme. Ela sentiu o meu interesse vibrando nela.

Ofegou antes de saltar para frente e se virar de frente a mim. Imperceptivelmente, eu também arfei aos olhos fantásticos, apertados em contato direto com os meus.

— Desencosta! — estabeleceu. — Não pode ir chegando assim, abordando as pessoas desta forma.

Subitamente, rosnei furioso a sua advertência, dando sustentação ao seu olhar possesso.

— Se liga, garota! Você quem trombou comigo, lembra? — Revoltado, coloquei meu melhor sorriso cínico nos lábios.

Ela grunhiu e respirou fundo.

— E não venha se fazer de vítima, a senhorita é a pecadora aqui — acusei categórico, levando a mão em seu braço.

Balançava à temperatura agradável de sua pele macia. Inalando fortemente, pressionava meus dedos a fim da razão controlar meus desejos.

— É um bruto, sabia! — expressou no tom seco, o oposto do olhar abismado em meu rosto.

Ela estava com o coração acelerado, a respiração pesada mostrava o descontrole e a exuberância dos seios fartos, saltando do decote do vestido; em consequência, eu fantasiava com a boca na região explorando, saboreando tudo.

Posso imaginar o quanto são deliciosos!

Mais uma vez precisei recuperar o juízo.

— E qual tratamento você queria depois de ter me colocado para dormir, hein? — perguntei sem obter resposta com um repórter vindo até minhas costas e começou a fotografar o Raphael de frente, ele acabara de entrar.

— Mas que merda! — ela praguejou e imediatamente suas mãos subiram ao rosto e ela deu-me as costas. Mais fotos vieram com os fotógrafos entrando no saguão.

Os seguranças não davam conta de deter a imprensa.

Recuando novamente, nossos corpos se chocaram.

— Depois eu é que sou o atrevido! — pegando firme em seu braço, provoquei em tom sarcástico ao seu ouvido, com um puta arrepio e o sangue correndo veloz em minhas veias, e concentrou todo no meu pau endurecendo imediatamente.

— Tudo, menos foto! Por favor. — Com a voz nervosa, recorreu sem descobrir o rosto, aumentando a minha suspeita.

Porém, ela forçava tanto o corpo para trás que acabei recuando com ela até o meio do saguão. O problema era a imprensa, agora toda no recinto,

causando um alvoroço.

Os fotógrafos não davam trégua, todos procurando um melhor ângulo.

— Só alguém que deve muito para querer se esconder deste jeito — comentei.

— Não estou preparada para toda esta exposição. Sem um bom iluminador, minha pele vai parecer muito oleosa nas fotos — mentia descaradamente. — Por favor, me solta, eu preciso sair daqui.

Me posicionando rápido em sua frente, coloquei minha mão nas suas cobrindo o rosto, na intenção de descobri-lo.

— Por favor, não. — Paralisei, sentindo as lágrimas quentes caindo e entrando pela manga do meu paletó.

Seu desespero mexeu comigo, não devia, porém, optei em ajudar a mulher.

— Espera! — Não sei por que senti vontade de protegê-la, mas o fiz.

Tirei o paletó e coloquei sobre sua cabeça.

— Obrigada! — murmurou, profundamente emotiva.

— Do que se esconde, o que fez de tão grave? — indaguei, desencadeando um choro convulsivo dela.

A mulher mexia com o meu psicológico, confundindo tudo. Meus miolos pareciam todos fora do lugar, deveria sentir uma exagerada raiva, no entanto, existia apenas uma pitada dela. Ela despertava todo e qualquer tipo de sentimento.

Abraçando-a pelo ombro, a conduzia de volta ao corredor que levava ao salão de festa. Afinal, era o único espaço sem nenhum movimento.

Embora o consenso seria expô-la, contrariando sua necessidade em se esconder, me sentia capaz de chegar à conclusão de qual atitude tomar. Aliás, todo este medo exagerado de aparecer gerava um grande indício de que a dona era responsável por delitos graves.

— Mais do que nunca, você me deve uma explicação e vou cobrar — avisei pressionando seu ombro contra o meu, sentindo-a tremer em meus braços.

Numa atitude inesperada após um forte soluço, ela deitou a cabeça no meu ombro. Engoli seco ao gesto intimista que me aproximou dela, e não podia.

"Que porra é essa, Henry!", fui advertido com a voz dentro da minha cabeça. *Cai fora, a mulher está representando, ela é um perigo.*

Pelo sim ou pelo não, continuei o percurso sem dar credibilidade ao meu consciente. Sabia lidar com esse tipo de gente de maneira civilizada, e mesmo porque, eu precisava recuperar meu título de gato escaldado.

Se ela estiver de fato jogando, vai se ferrar porque estarei de olhos bem abertos. Boa noite Cinderela, nunca mais...

Capítulo Cinco

SACHA

Que confusão é esta que me meti? Foi um erro vir a esta festa, céus!

Equivoquei-me em dar ouvidos a Jussara!

Sendo guiada pelo braço forte, meu coração chegou a tal ponto de as batidas sobreporem a música ambiente quando entramos no salão.

— Por enquanto, a senhorita está segura. — A voz rouca e profunda tocou meu coração assim que seus braços quentes me abandonaram.

Em seguida, o paletó perfumado foi retirado de minha cabeça.

O movimento espalhou o perfume amadeirado e maravilhoso em torno, extraindo o meu equilíbrio.

Mamma mia!

Zonza, contemplando aquele deus de cabelos rebeldes, acabei até esquecendo do perigo de ser descoberta. Distraído, ele ajeitava seu paletó na cadeira de uma mesa perto do corredor dos banheiros, onde o movimento de convidados estava reduzido.

Respirei fundo e segurei por um instante. A camiseta de manga longa marcava enervantemente o peitoral esculpido, contornando perfeitamente os ombros largos e a cintura fina, acompanhando a calça mais acertada.

A única maneira de deter a visão magnífica e retornar à realidade foi fechar meus olhos.

A presença desse cara desencadeava sensações agradáveis e me fazia questionar a minha dura vida, que passava como um filme em minha mente.

Inspirei espaçado, uma manobra de segurar o choro querendo se achegar.

Erguendo os olhos cinzentos, um sorriso especulativo brotou em seus lábios sedutores.

— Acabei de crer que não existe lugar seguro para mim, moço! — esbocei, submersa com a voz embargada, que o fez inclinar levemente a cabeça de lado.

Os olhos curiosos exploravam meu rosto.

— Bem, já que precisa esclarecer algumas coisas, poderia aproveitar e desabafar — sugeriu, tão rápido e decidido quando pegou na minha mão ao lado do meu quadril. Contornou a mesa comigo e soltando da minha mão, foi para trás da cadeira e a arrastou. Fiquei parada olhando para ele. — Vai tomar um drinque enquanto conta sobre sua vida. — Acenou de cabeça em direção à cadeira.

Até o jeito autoritário, que sempre odiei em demasia, soou interessante aos meus olhos.

Ele é uma tortura, e preciso fugir antes de ser enfeitiçada.

— Agradeço o convite, porém, eu já estava de saída!

Ao girar nos calcanhares, sua mão enorme segurou firme em meu braço e me puxou, colando meu ombro no peito duro.

— Não vai a lugar algum, moça — bem próximo ao meu ouvido, a voz grave soou pesada de tão fria, exatamente como seu olhar congelante. Fechei meus olhos com o choque e careci aguardar a corrente elétrica percorrer pelo meu corpo. — Não antes de conversarmos, dependendo dos fatos, eu determinarei se delato ou não você.

Soltei um riso histérico, debochado.

Reconheço minha condição de fragilidade, mas não é por isso que vou baixar minha cabeça.

— Faça o que bem entender! — rosnei irritada. — Não temos nada para conversar, e me solta. — Dei um puxão com o corpo e suas mãos soltaram meu braço. Dei apenas um passo, e então fui pega.

Numa habilidade incrível, daquelas em desarmar qualquer mulher, o bração quente enrolou na minha cintura e a mão aberta pressionou meu abdome contra seu corpo.

— Será possível! — vociferei, mas foi suspirando ao choque do contato poderoso. — Está sendo inconveniente! — acusei levando minha mão sobre a dele em minha barriga, numa tentativa em vão de tirá-la da região, causando um tremor dos infernos pelo meu corpo.

Readquirir meu equilíbrio se tornou missão impossível, e isso não era nada bom. Se algum fotógrafo entrar e pegar meu rosto estou encrencada, eu e a minha mãe.

— Só buscando reparação ao delito da senhorita com a minha pessoa — disse ele, soprando seu hálito morno e gostoso nos meus cabelos, me fazendo sentir o volume enorme e rígido contra minha bunda.

Hum... muito afetada, sofrendo um verdadeiro tsunami nas calcinhas, gemi imperceptivelmente, com minhas pálpebras moles descendo até se fecharem.

Mas o tremor foi percebido pelo canalha, ele apertou um pouco mais, se aproveitando do meu entorpecimento.

Para de ser babaca, Sacha! Você é uma mulher madura e não precisa agir como uma adolescente.

Eu precisei abrir mão de tantas coisas, abrir mão da minha própria vida, que aos vinte e sete anos, tenho quase toda a experiência de alguém que passou do meio século.

O único relacionamento que tive foi aos dezoito anos, foi bom, gostoso, intenso e, infelizmente, curto. A falta de disponibilidade de minha parte,

ocupada demais vivendo a vida dos outros, o tempo passou sem que eu me apaixonasse ou me interessasse por alguém.

Girei meu rosto o encarando confusa. Via muita malícia ali, como também expelia um ar revolto e de desprezo.

— Eu preciso sair desta festa, moço — solicitei em voz baixa, muito confusa com este momento inusitado. — Me deixa ir embora, por favor — roguei.

Um sorriso torto se desenhou em seus lábios, cheios e perfeitos, provocando uma vontade louca de beijar.

— O tempo de sair daqui vai depender de você. — Seu tom também era baixo, no entanto, claro.

— Não tenho tempo para conversas, você não entende? — Ele sacudiu a cabeça, negando. — Seja mais compreensivo, eu preciso me encontrar com a minha amiga, ela se envolveu num acidente a alguns quarteirões daqui e... — Pausei com seus lábios se abrindo junto a um esboço de sorriso, surpreso.

— Sua amiga? — ironizou rudemente, assumindo uma frieza profunda, seu rosto se transformou quase numa pedra.

Assustada, arqueei fitando-o perdida.

— É-é... — afirmei entrecortado.

Ele riu diabolicamente, me assustando.

— Que coincidência! — estranhei a exclamação, porém, não comentei nada. — Esta deve ter sido a razão do engavetamento que enfrentei para chegar aqui. Então a senhorita precisa mesmo de paciência, mesmo se vencer a imprensa, ainda corre o risco de ficar parada no trânsito. — Era enervante como seus olhos estudavam meu rosto enquanto segurando em meu braço, me colocando sentada. — Lá fora está tudo o maior caos.

— Eu decido o momento de partir. — Levantei de supetão, ele levantou imediatamente.

Ficamos um milímetro de nossos narizes se tocar.

— Já que é assim, então vou liberar a entrada da imprensa. — Seu hálito, morno e perturbador, chegou à minha face com sua ameaça de liderança.

Desci os olhos aos seus lábios, o leve sorriso cínico estava plantado ali, e tremi na base.

Sofria um abalo emocional.

O magnetismo dele é poderoso!

— Fala como se tivesse alguma autoridade aqui — comentei erguendo os olhos, deparando-me com os ameaçadores dele.

— Todos os convidados aqui — rolou os olhos rapidamente entorno — foram escolhidos a dedo, portanto, temos credibilidade.

Sem opção, aprumei meu corpo e me deixei cair sentada na cadeira.

— Agora estamos falando a mesma língua! — Com um sorriso idiota faceiro, o imbecil foi se sentar na cadeira à minha frente.

Ainda perambulava os olhos em busca de uma saída de emergência quando a celebridade acabara de entrar no salão. Muitos seguranças juntos foram capazes de bloquear a entrada dos repórteres e fecharam a porta.

Os rumores dos profissionais da imprensa, vindo do corredor, se misturavam ao som da música no ambiente.

Meu corpo reagia involuntário a cada gesto dele enquanto se ajeitava na cadeira. Também, com esta beleza berrante, o perfil então! Ao mesmo tempo que sentia aversão às suas ameaças, sentia um desejo incontrolável.

Não vinha à cabeça, outra ocasião em que meu corpo tenha reagido dessa forma, o calor intenso ocasionava um suor tremendo observando sua masculinidade. Foi o que o meu consciente cogitou: meu corpo se manifestava a intenção ao qual saí da casa do Ivan.

O macho ideal para satisfazer meu corpo e me vingar do malfeitor do meu futuro marido!

Está louca, Sacha? Você aprontou com o homem, ele vai ferrar contigo, garota!

Mais uma vez, fechar os olhos se tornou uma autodefesa à beleza máscula do homem, só assim para sair daquela sessão fantasia erótica.

— Vai beber o quê?

"Não fala mais, cara!", implorei mentalmente, devastada por aquela voz grave dos infernos.

Muito excitada, abri os olhos no momento em que ele se debruçava sobre a mesa e cruzou os dedos enormes e muito interessantes.

— E-eu... — A concentração nas mãos sobre a mesa deflagrou pensamentos sensuais, meu corpo implorava por elas, impedindo das minhas palavras serem pronunciadas. Engoli duro para dar sequência. — Acho que um copo com água está bom. — Deu certo. Recobrei meu bom senso.

Uma gota a mais de álcool e eu me jogaria em seus braços.

— Algo mais forte vai ajudar você a relaxar.

Sem mover a cabeça, ergui um tantinho meus olhos, os bisbilhoteiros dele exploravam meu rosto e aterrissaram no decote do meu vestido, produzindo um arrepio tremendo. Até as borboletas davam voos rasantes na parede do meu estômago.

Receosa dele descobrir os segredos dos meus pensamentos, abaixei a cabeça imediatamente.

— Somente água, por favor! — perseverei.

— Um espumante cai melhor — estabeleceu como se fosse o dono da razão e chamou o garçom, passando naquele momento ao lado de nossa mesa.

Enfezada o fitava, e ele ignorava com o seu companheiro sorriso cínico nos lábios.

Me lasquei! Como vou fazer para escapar de um tipo desse? Talvez possa esquecer dos contratempos entre nós e deixar fluir, como aconselhou Jussara.

O pensamento criou enormes possibilidades ao meu cérebro, ele já começou a fantasiar o sujeito, lindo e gostoso para caramba, se levantando e vindo tomar posse dos meus lábios.

É carência pura!

Seus olhos indagadores travaram em meu rosto após o garçom se afastar.

— Este seu olhar me faz pensar que está querendo dizer algo!

Gelei à constatação.

Será que ele lê pensamento?

— Não. — Sacudi a cabeça respirando com dificuldade. — Só estava aqui pensando no episódio ocorrido na minha chegada — menti.

Seu rosto moldou num sorriso maléfico.

Intrigada, eu franzi a testa.

— Algumas coisas na vida necessitam mesmo serem repensadas — definia a frase como um alerta, ou não?

Não houve tempo de analisar com a porta do salão se abrindo inesperadamente e o ambiente sendo invadido pela imprensa. Eram fotógrafos e cinegrafistas em abundância...

— Jesus! — Desesperada, coloquei meus cotovelos sobre a mesa e escondi meu rosto entre as mãos.

Ouvi o ruído da sua cadeira sendo arrastada, logo senti sua mão pegando na minha e me levantou. Num puxão ficamos muito perto e escondi o rosto em seu ombro. Podia sentir o sopro morno e perfumado da sua respiração.

— Vamos dançar! — Antes que terminasse minha sessão arrepio, fui arrastada para a parte mais reservada da pista, onde de fato tínhamos mais privacidade e estava agradabilíssimo.

— Tenho de alertá-lo que é um forte candidato a levar muitos pisões no pé. Há muito tempo eu não danço — justificava com ele se posicionando à minha frente e arqueou a cabeça.

Seus olhos, de ares revoltos brilhando, eram de intimidar.

— Vamos fazer um trato — barganhou quase em um murmúrio, repousando as mãos em meus ombros e deslizavam com elas lentamente pelos meus braços, deixando um rastro imenso de arrepios. Os dedos da mão direita entrelaçaram nos meus, o braço esquerdo envolveu a minha cintura me levando contra seu corpo. Aquilo fora tão bom que ofeguei. — Enquanto, eu protejo seu rosto de sair nas manchetes e guio você nesta dança — ele sussurrava agora no meu ouvido e corria com a mão quente e firme na parte nua de minhas costas, originando uma sensação exageradamente boa —, você vai contando sobre a sua vida, para entender de onde vem todo este medo — finalizou a proposta e desceu a mão, estacionando bem na curvatura onde iniciava a elevação das nádegas e me apertou contra ele.

Começamos a dançar.

— Não creio que esteja interessado na minha vida, nem queira se envolver nela — comecei com sinceridade.

Ele riu soltando minha mão e subiu com ela entrando por baixo dos cabelos e segurou forte minha nuca, como se quisesse total controle sobre mim.

— A preocupação é com a minha pessoa, nas razões que a levaram a me dopar no avião e quem é aquele cara que também foi sua vítima, ou um parceiro de falcatruas. Fingia estar dormindo? — Afastou a cabeça o suficiente para seus olhos encontrarem os meus. — Isto explicaria o fato de eu acordar sozinho e na mesma poltrona. Vocês são uma dupla, ele está escondido em algum lugar aqui no salão?

Apertando meus lábios, desci meus olhos escondendo a hesitação.

— Vai mesmo ignorar as minhas perguntas? — insistiu num tom temível.

Inspirei fundo erguendo os olhos, buscando uma desculpa esfarrapada qualquer, menos a verdade.

— Faz perguntas demais, sabia? — disse me fazendo de séria com as ameaças do Ivan martelando minha mente.

As lágrimas eu não pude esconder, elas rolaram livres pelo meu rosto, mexendo com ele.

— Ei! — Apertando minha nuca, levou meu rosto para a lateral do dele. — Não deveria abrir esta exceção antes de saber com quem estou lidando, mas sem pressa... Vai no seu tempo, ok? — cochichou sedutoramente, esfregando os pelos da barba na minha face. — No entanto, isto não quer dizer que vai escapar de mim — precavia ele, me dando uma angústia terrível. — Só vai sair deste hotel após provar a sua inocência. Estamos entendidos?

Descrente, comecei a rir sozinha e orar para a Jussara chegar logo. Pensava nela como uma válvula de escape quando os flashes ofuscaram minha visão, encharcada pelas lágrimas, deitei novamente a testa em seu ombro.

— Eu preciso sair daqui — implorei, tremendo dos pés à cabeça, era desejo, medo, tudo!

— Se a intenção é se esconder, não creio que seja uma boa ideia caminhar pelo salão com a infinidade de repórteres — relatou ele.

Ali, de cabeça baixa, eu só notava os clarões entorno.

— Por favor, me ajude!

— Talvez o meu método não a agrade. — Franzi a testa, embravecida ao tom sorrateiro. Entretanto, eu estava sem alterativa.

Qualquer método era melhor do que ser pega aqui pelo Ivan.

— Qual seria ele?

Tirando proveito da minha situação de desespero, o homem não deu nem tempo da próxima respirada, agarrou meus cabelos na parte de trás da cabeça e moveu sua boca, ferozmente, sobre a minha num beijo sufocador.

Gente! Pausei o pensamento levando minhas mãos ao redor do pescoço dele com um enorme arrepio sendo pressionada mais contra seu corpo duro, atraente, instigante... os bicos intumescidos dos meus seios em contato com ele e o volume rígido, inchado pressionando meu ventre incendiou tudo, as contrações no meio das minhas pernas eram um deleite.

Que pegada é esta? Perdia completamente o meu fôlego.

— Gostosa! — totalmente atordoado, explodindo de tesão, ele sussurrou em meus lábios, chupando minha língua e me esmagando nele. Incentivada, eu me esfregava na montanha sólida.

— Ahhh... — deixei escapar um gemido, longo e profundo, sem ele pausar o beijo e acordei finalmente, mergulhei minhas mãos ao peito forte e o empurrei. — Esta sua ajuda é insulto, uma agressão à minha pessoa. — Esquecendo do meu rosto exposto as câmeras, ralhei ríspida, ganhando seu olhar apertado e frio, muito dissoluto.

— Eu quem fui insultado, senhorita — zombou ele no momento em que um profissional da mídia parou bem ao nosso lado e posicionou a câmera. Imediatamente ergui a mão direita, cobrindo a lateral do meu rosto. — Vem cá! — Esticando o braço, rolou-o a minha cintura e puxou. Inalei forte ao contato com seu pênis rígido, muito quente. — Estou erroneamente protegendo você — disse baixinho ao meu ouvido. — Mocinha ou bandida? — finalizou agarrado no meu cabelo e escorregou os lábios grossos e úmidos pela minha face e capturou meus lábios, os comprimindo com os dele em outro beijo surreal, me deixando completamente sem ação.

Jura! Perdi literalmente a noção de onde eu estava, apenas gemia de tesão com as contrações encharcando minha calcinha.

— Minha ajuda pode ir além — insinuou louco, me imprensando e mordeu meu lábio inferior, o puxando numa atmosfera excitante. — Não tem como sair do hotel, mas temos ótimos quartos a disposição, onde poderá se esconder até todo este alvoroço acabar. — Sem ar, abri meus lábios apenas para respirar.

Tirando vantagem comigo em completa rendição, ele prendeu mais firme o meu cabelo, voltando ferozmente aos meus lábios, explorando tudo.

A sugestão motivou um desequilíbrio prazeroso pelo meu corpo, internamente e externamente: o coração acelerou mais, o frio na barriga intensificou e milhões de outras sensações, que me levavam a repensar nesta possiblidade.

“Está louca, Sacha?”, repreendeu a voz da minha razão. “Na certa de que estamos diante de um crápula, é uma armadilha, não notou como o cara está possesso?”.

— Só precisa dizer um sim, moça — insistiu determinado, escorregando os lábios quentes, exigentes e molhados pela minha face, e passava a ponta da língua por toda minha orelha enquanto as mãos, na curva da cintura e da bunda, imprensavam contra seu corpo pelando, me fazendo arder.

Eu desejava demais o pau duro e pulsando.

“Quero só ver resistir a este experiente sedutor sublime!”, a voz da minha emoção se manifestava toda amorosa com ele tentando nos fundir em um único corpo, e eu quase arrancando os fios dos seus cabelos da nuca em resposta. “Está gostando, né? Vai logo, aproveita, mulher. É sua chance de se vingar do mafioso e se deliciar nos braços deste macho alfa. Não era o que pretendia?”.

Meus ouvidos estavam todos para o conselho da emoção. Estava queimando de desejo.

“Aceita logo o convite e se salve de todas as maneiras, minha filha!”, a emoção incitava.

Ela estava coberta de razão. Não estava nem aí se era imprudente, imoral. Considerando que o meu futuro já estava escrito, então só me restava saborear o restante do meu presente. E outra: uma vingança lambuzada de desejo é tudo de bom.

— Sim — balbuciei em seus lábios, parando de hesitar, pensar.

Sim a este beijo, sim a esta pegada! Ele era um completo desconhecido gostoso, transar com um tipo assim é um sonho. E outra que ninguém saberia desta minha aventura.

Ele suspirou fortemente e apressado pegou na minha mão, sem uma palavra sequer me levou ao corredor largo dos banheiros.

Entramos pela última porta à esquerda, nos deparamos num pequeno hall de elevadores e o chamou.

Tão logo a porta deslizou, fui puxada para dentro; com suas mãos moldando meu rosto, ele me empurrou contra a parede, numa velocidade de tirar o fôlego, e capturou meus lábios num beijo urgente, ardente, devorador. Me imprensando contra a superfície sólida, seu mastro, de carne pulsante, queria rasgar o meu vestido na busca da minha intimidade em chamas, o desejando.

Eu preciso do bombeiro urgente! Céus, que homem incendiador é este?

— Oh, que boca gostosa é esta? — ofegante, urrou em minha boca a ponto de as paredes do elevador vibrarem e desceu as mãos a minha cintura, se espremendo em mim.

Estava tão preocupada em me entregar para qualquer um e me dei bem. Era um momento surreal o que eu vivia ali, sendo atacada por este deus lindo, perfeito, único, sugando minha língua, engolindo os meus suspiros.

A explosão de tesão era tamanha eclodindo no elevador, que ambos esquecemos se ali as câmeras estavam ou não ligadas.

— Estou impressionada com a sua pegada! — Um sorriso, todo cheio de si, curvou nos seus lábios com eles escorregando, beijando meu pescoço, enquanto suas mãos desesperadas cercavam meu corpo, até que a direita desceu pelo quadril até o joelho, e seus dedos atrevidos puxavam meu vestido para cima. Eu tremia em expectativa à medida que minhas pernas descobertas recebiam o ar refrigerado ligado no elevador. — Aqui não! — Sufocada, segurei na sua mão o detendo, quase na altura da minha virilha.

Os dedos de suas mãos agarraram firme meus braços e seus olhos examinavam os meus, profundamente, por alguns instantes antes de se fecharam, e sua cabeça curvar até sua testa chocar suavemente com a minha.

Um respirando o ar do outro em busca de equilíbrio.

— Tem razão! — murmurou, movendo a cabeça levemente, aspirando toda minha face. — Você é uma fada, bruxa, princesa, ou o quê?

Balançando a cabeça eu ria, ainda sufocada com o seu ataque.

— Sou apenas uma vítima das circunstâncias... — pronunciei quando possível e foi num fio de voz.

Ele grunhiu com ironia.

— Terá um extenso caminho até me provar que não é uma vilã, moça — pronunciou rispidamente, segurando meu queixo e elevou minha cabeça. Seus olhos transbordavam seu desejo, como os meus deveriam estar neste momento. — Me acompanha! — Pegou minha mão quando a porta do elevador se abriu, e disparou comigo pelo luxuoso e longo corredor à meia-luz, os pisos de mármore bege, combinando com as portas de madeira clara. Parou em frente a última porta de duas folhas, e enfiando a mão no bolso do paletó, tirou um cartão chave e destravou a porta, revelando aquele projeto surpreendente.

Que maravilha! Meu queixo caiu, eu babava, literalmente no ambiente agitando o meu imaginário. O quarto bem espaçoso tinha tudo que era preciso para relaxar: hall, sala social, antessala, sala de jantar e a linda vista da cidade, que a enorme janela proporcionava ao fundo.

Não imaginava a suntuosidade de todo este empreendimento, no passado estive aqui com a Jussara e a Mônica, mas não passei do saguão.

— Entra comigo, linda! — ordenou, me puxando para dentro e fechando a porta com o pé. Segurando na minha cintura com força, seus lábios engoliam os meus enquanto me empurrava até que as minhas costas se chocaram com a porta. — Eu quero você — sussurrou desesperado, pressionando seu corpo contra o meu, me esmagando, despertando meus desejos mais insanos. — Gostosa demais! — disse entre os dentes trincados e mordeu meus lábios, indo com as mãos na minha bunda, me apertando com força contra seu pau duríssimo.

Eu gemia contra seus lábios exigentes e aos seus apertos tão gostosos.

Ele subiu meu vestido e pegou firme na minha bunda, invadindo os elásticos da calcinha, atrevidamente ele enterrava os dedos nela.

Delícia!

— Ahhhh — tremendo, gemi empinando a bunda e oferecendo tudo o que ele desejava.

Tudo ali estava completamente fora de contexto!

O correto seria me soltar dos seus braços e correr, tenho plena consciência! O cara não é adequado para a vingança a qual me propus nesta noite, não depois do infortúnio entre nós. Estava ciente dos meus atos, mas o que poderia fazer se não conseguia controlar os meus impulsos sexuais com ele? Eu duvido muito que outro homem despertaria toda esta ânsia, a prova estava nos anos de seca sem sentir falta.

— Tão molhada... — rugiu suspirando ruidosamente, correndo os dedos na minha excitação. — Deliciosa...

Exercendo pressão do meu quadril contra ele, eu sentia todos os seus músculos se contraírem e o vibrar da sua montanha quente de carne rígida, muito desejado.

É disto que estou falando: ele seguindo a minha trilha se tornava ainda mais interessante, a atração era mútua com certeza.

— Confesso que está bem complicado resistir a você, moço... — saiu apenas um resmungo, sendo penetrada duramente pelo dedo hábil, com todo aquele aperto e carícias. *Muito bom!* — Nossa! — Sob o comando do momento, a outra mão agarrou meus cabelos e puxou inclinando minha cabeça e deu um chupão de responsa, para lá de gostoso, no pescoço.

— Não se resiste ao que se deseja, minha bela! — cochichou na pele.

O calor de sua respiração pesada resultou num verdadeiro maremoto na minha calcinha e tremedeira nas pernas, notado pelo homem experiente.

Desesperado e excitado, ele ergueu meu vestido até a cintura encaixando seu monstro delicioso em mim, então segurando em minhas mãos, as ergueu prendendo na parede acima da minha cabeça com seus olhos conectados aos meus, as pupilas dilatadas.

— Você é um tremendo de um metido, sabia? — balbuciei, tremendo toda sendo moída sobre a superfície sólida.

Ele abriu o sorriso petulante, sedutor pra caramba, descendo a mão direita pelo meu braço e apertando-o até minha coxa, a levantou prendendo-a em seu quadril, me abrindo mais para ele e grudou, maravilhosamente gostoso.

— Hummm... — escapuliu, acordando meus demônios sexuais. Catei seus cabelos no pé da nuca e fechei meus olhos, totalmente entregue.

Experimentava algo incomum nos braços do atrevido.

— Isto é só uma degustação do que vai saborear, gata! — ao escutá-lo falar daquele jeito manipulável, num tom rouco e profundo, um timbre de locutor de rádio, fiquei completamente tonta. — As mulheres se amarram na minha pegada selvagem durante o sexo! — Inclinando a cabeça, ele a enfiou na curva do meu pescoço, mordiscando e chupando a pele da região, enquanto me comprimia na parede, perdi o controle das minhas pernas, da minha razão. Bem, eu já não a tinha mesmo!

Oh, meu Deus! Eu quero muito este homem, desesperadamente.

Nos braços dele, eu cheguei à conclusão que não queria controlar a fome, nem a vontade de comer. *Quero os dois.* Não seria afetada por apenas uma transa sem compromisso, e depois nunca mais o verei novamente mesmo!

Sucumbia ao momento, na certeza de que não haveria consequências, uma trepada com um estranho, lindo e delicioso, é uma chance que não careceria de desperdiçar. Ela serviria como uma lembrança boa dentro dos meus dias que, certamente, serão assombrados de sentimentos obscuros.

— Vem cá! — Soltando minha perna, catou meu braço e girou de costas para ele. As mãos grandes amassando meus seios exercia pressão em meu corpo contra o dele, me fazendo sentir o pau duro, pulsando. — Lindos — sussurrava em meu ouvido e mordia meu ombro, descendo uma das mãos apalpou minha vagina sobre a calcinha encharcada e tremendo, sugou muito ar pelos dentes trincados. — Eu preciso desta maravilha — rosnou louco, subindo a mão até meu ventre e desceu, vencendo o elástico da calcinha, seus dedos tocaram todos os terminais nervosos da minha vagina, deslizando na lubrificação causada por ele, me fazendo soltar um gritinho intenso de tesão.

— Você é muito bom nisso! — elogiei, gemendo de prazer.

Com meu corpo completamente dominado, arqueei fechando os braços pelo seu pescoço, oferecendo-me por inteira ao desbravador fantástico, e ele

não se fazia de rogado. Beijando meu pescoço, ombro, me fodia com o dedo, duramente gostoso, e eu rebolando na dureza.

— Você ainda não viu nada! — avisou andando comigo.

Atravessamos a sala e adentramos por uma porta.

Entorpecida, consegui apenas observar rapidamente o quarto luxuoso e confortável à meia-luz, com uma fresta da cortina aberta, a cama redonda e a banheira de hidromassagem.

— Senta aqui, boneca! — falou autoritário, fechando os dedos longos, firmemente no meu braço e me colocando sentada na beirada da cama.

Curvou à minha frente e chupou minha língua devagar, em seguida o beijo se tornou urgente, devorador enquanto ele abria o cinto e botão, descendo primeiro as calças. Então recuou um passo com ares de orgulho exibindo todo o volume.

Nossa, que delícia de pau!

Com muito tesão, pegando fogo, fiquei hipnotizada e sem condições de desviar os olhos. Analisava a grossura e comprimento daquela ferramenta embaixo do tecido da boxer preta, quase transparente, ela revelava uma excitante e bela visão dele vibrando.

— Gostou dele? — perguntou, apertando-o com sua mão tarada, que já bolinou todo meu corpo.

Elevando meus olhos, encontrei os dele escurecidos e sua respiração entrecortada.

— Muito! — incrédula, respondi engolindo a saliva para não escorrer pelo canto da boca. — É impressionante.

Alguns segundos passaram com nossos olhos conectados em um quase silêncio. Só não era absoluto devido as nossas respirações ruidosas.

— Sugiro que aproveite enquanto não estou cobrando satisfação de suas ações delinquentes.

Atormentada com a sua frase de cunho ameaçador, meu coração deu um salto dentro do peito à gravidade dos meus atos inconsequentes. Não iria denotar a merda ao qual estava atolada até o pescoço, poupando-me de ser humilhada.

Fechei meus olhos e, enquanto respirava fundo com meu cérebro rebobinando toda minha vida, imaginava ele me enxotando para fora do quarto, do hotel. Afinal, quem em bom senso vai se envolver com mafiosos?

Que ideia a minha de achar que transar com ele seria uma lembrança, estava mais para um pesadelo, isso sim.

Tomada pelo medo e a angústia, veio o momento de lucidez. Arrastei minha bunda para o lado, desvencilhando da barreira do seu corpo e inesperadamente, saltei da cama, correndo em direção à porta e saí do quarto.

Capítulo Seis

HENRY

Meu pau, latejando a ponto de doer, saltou dentro da cueca junto ao seu salto da cama.

“Mulherzinha arisca!”, pensei subindo a calça de qualquer jeito e corri atrás dela.

— Tem muito a esclarecer antes de sair deste quarto — estabeleci fechando meus dedos sobre sua mão a impedindo de girar a maçaneta.

— ME DEIXE SAIR DESTE QUARTO! — exalando o ar, ela gritou puxando a mão bruscamente debaixo da minha e girando o corpo, recuou colando suas costas na porta, travando um olhar colérico sobre mim.

Passei a chave e a tirando, curvei espalmando a porta ao seu redor, arrancando seus protestos.

— Se não liberar a minha saída vou começar a gritar, causar o maior escarcéu aqui dentro. — O tom entredentes soou convincente, mas a vulnerabilidade estava toda ali, estampada nos olhos expressivos e claros, lacrimejando.

— Vamos lá! — Dei de ombros encorajando-a enquanto guardava a chave no bolso do paletó e voltei com a mão à porta. — Grita mesmo e cause alarde, assim vai trazer toda a imprensa aqui — atentei, mergulhando os olhos no decote do vestido, a respiração acelerada o expunha maravilhosamente. — Já estou até vendo seu rosto sendo exibido em todos os

noticiários. Notei que aparecer é como estar com uma arma apontada para a sua cabeça.

Os braços dela se cruzando cobriam o que desejava muito, erguendo os olhos encontrei os dela, ganhando um vermelho em chamas.

— É um manipulador idiota, outro! — atacou num tom embargado, os olhos claros ficaram alagados pelas lágrimas.

Droga! Não entendia o desejo doido de tomá-la em meus braços. Eu deveria denunciá-la as autoridades pela agressão a minha pessoa no avião e não estar tarado, desejando possuí-la.

— Está me comparando a quem, o coitado do avião? Ou ele não é nenhum coitado. Volto a perguntar: é um comparsa aliado na caça aos imbecis?

— Pare de ficar me acusando! — As lágrimas saltaram voo, como seus punhos vindo em direção ao meu peito. Segurei firme seus pulsos com ela se debatendo. — Não existe grupo, já te falei que sou apenas uma vítima das circunstâncias. — Aquele pranto e olhos melancólicos amoleceu meu coração.

Juntei seus pulsos trazendo-os até meu peito, em consequência nossos olhos travaram um no outro. Ela estava completamente trêmula e sua respiração acelerada.

— E onde eu entro nesta história toda? — indaguei num murmúrio ofegante, sentindo o calor de sua respiração em meu rosto.

A aproximação com ela era algo extraordinariamente prazeroso, e isto se tornava arriscado, fazia de mim uma presa em potencial.

— Caiu de gaiato nesta história porque é um tremendo de um entrão! — assinalou empinando o nariz perfeito. A postura me atiçou de um jeito que avancei mais um passo. O toque de nossos corpos foi como levar um choque. Fechando os olhos repentinamente, ela inspirou profundamente com os lábios entreabertos, minha língua e meu pau, já latejando doloridamente gostoso,

sonhava ir para dentro dela. — A-a culpa é sua... — balbuciou ainda com olhos fechados.

— Eu não entendi! — Muito excitado para uma conversa neste momento, menti encostando meu nariz na ponta do dela.

Imperceptivelmente, ela sorriu.

Na verdade, entendi sim. Ela tentou mesmo evitar que eu tomasse a água do copo.

— Aquele homem, que intitula meu comparsa, é o meu maior pesadelo. — Ofegando comigo esfregando lentamente minha ereção em seu ventre, ela continuou falando. A clara rendição deu-me espaço para ousar mais. Soltando seu pulso direito, levei meu dedo por entre os seios fartos. Ela arfou muito afetada. — Ele é contratado pelo meu pai para me vigiar. Ah... — gemeu tremendo comigo espalmando seu abdome lisinho, e desci apalpando firme sua vagina.

Entrei em frenesi sentindo toda a umidade ali, e enfiei o rosto na curva do pescoço.

— Essa justificativa não faz o menor sentido no século que estamos vivendo — falei da boca para fora, louco, beijando toda a região do pescoço e subindo o vestido. O desespero de senti-la novamente era muito intenso, soltando o outro pulso, segurei o tecido no quadril arredondado e desci a mão por dentro do elástico tateando a pele até encontrar sua inundação.

— Céus! — ela resmungou fechando os olhos, levando as mãos abertas à parede ao seu lado e arqueando o quadril contra minha mão. — É-é a verdade...

Pausou e, tremendo toda, ela gemia se contorcendo em meu polegar esfregando seu clitóris. Ensandecido, penetrei os dedos, duramente, entrando e saindo acelerado. Totalmente entregue ela ofegava.

Ela está querendo!

“Vou dar o meu melhor a esta mulher e somente hoje! Gozou, acabou. Tchau!”, retrucava mentalmente o meu coração abestalhado e aquecido no peito!

A mulher não resistiu ao meu trato. Nenhuma resiste! Espontaneamente, ela trouxe sua mão sobre meu pau.

— Ohhh! — sensível pra caralho, eu gemi quando seus dedos esbarraram de leve e enlouqueci de tesão, com ela o masturbando por cima do tecido.

— Mulher! — rosnei, doido de tesão. — Espera! — ordenei, e segurando em seus braços a pressionei para baixo.

Ajoelhada à minha frente, desci a calça e a cueca juntas.

— Uau! — balbuciou sem fôlego, fascinada com seus olhos brilhando nele em puro êxtase, comigo deslizando minha mão da base a glande.

Com o tesão à flor da pele, eu admirava seus lábios sedentos, o sentia endurecer mais e pulsar entre meus dedos.

— Experimenta ele! — Peguei seus cabelos na parte de trás da sua cabeça e guiei seus lábios, já abertos para recebê-lo, antes contornei a glande robusta e brilhante em torno deles.

— Hum... — ela murmurou se deliciando, tocando a língua firme, circulando e correu sobre as veias saltadas, me levando à loucura.

Na ânsia, arqueei o quadril botando o que deu dentro da boca perfeita. Prazerosamente, ela o comprimiu, me fazendo tremer todo e ao passar a língua na ponta, fiquei alucinado.

— Porra! Que boca gostosa... — Mergulhei a mão livre entre o decote, massageando firme o seio duro, o bico entumecido, implorando para ser chupado. — Gata, me ferrando ou não, você caiu do céu hoje — declarei, controlando o movimento, fodendo gostoso sua boca.

Estava sendo sincero, a forma bizarra de como chegamos até aqui não deixa de ser interessante, além do mais, a cena com ela é com certeza uma

das mais agradáveis que já vivi. Mas ainda assim, era imprescindível ficar esperto e de olhos bem abertos.

— Hum... — apenas resmungou, ocupada com uma boa parte da barra de ferro dentro da boca, se fartando, e a mão delicadamente firme o contorcendo levemente. Querendo dizer algo, ela o abandonou. — Ele é muito saboroso. — E o abocanhou novamente, o esmagando entre os lábios sensuais.

Arfei, experimentando uma sensação singular.

— Aproveita que ele é todo seu, linda! Mas tenha cuidado para não engasgar — rosnei com ela lambendo, mordendo, desfrutando com aquela boca voraz. Ele foi inchando, inchando... — Caralho! Vamos curtir e ter um diálogo bem franco depois. — O tesão chegava ao insuportável.

Ela assentiu engolindo o máximo, e sem machucar, retornou raspando os dentes nele.

Que mulher!

— Vem aqui. — Com os espasmos pelo corpo, segurei no seu braço e a levantei para não gozar na sua boca.

Capturando seus lábios num beijo voraz e com urgência, descia as alças do vestido, caindo pelos ombros e liberando os seus seios lindos.

Soltando seus lábios os admirei.

— Espetacular! — Faminto, inclinei a cabeça caindo de boca, chupando cada um deles, moldando a lateral do seu corpo delineado com as mãos apertando, extraindo gemidos fortes dela.

E ao afastar, corri os olhos por aquele corpo muito formoso e cobiçado. A visão causava uma dor profunda no meu pau, de saciar-me. Com a respiração curta e entrecortada ela me olhava profundamente nos olhos.

Abraçando seu corpo, exercia pressão contra o meu, sentindo as batidas fortes do seu coração, ela tremendo em meus braços, e escorreguei minhas

mãos por suas costas, adentrando com elas na calcinha e apertando sua bunda redonda, dura e deliciosa.

Se contorcendo, ela empinou toda aquela maravilha, penetrei meus dedos na vagina em pleno alagamento, movimentando-os.

Na ânsia, arranquei sua calcinha do corpo com brutalidade, jogando-a para longe e apertei sua bunda contra meu pau duro, ao mesmo tempo que mordia seu lábio inferior com força.

— Ah... — ela gemeu toda trêmula ao invés de reclamar de dor.

— Você é uma tentação, mulher! — Respirei fundo e apartei comendo-a com os olhos.

Parei em cada curva chegando à vagina linda, depilada e entrei numa espécie de agonia para enterrar tudo dentro dela.

— Nua você é ainda mais linda — rugi doido.

Ela abriu um sorriso tímido, único. Daqueles de fazer um coração acelerar.

Que isso, Henry!

O tesão absurdo está me fazendo delirar. Caralho! Normalmente sentia mesmo desejo por mulheres bonitas, inteligentes... E ela não era diferente das outras, sentia somente pressa para estar dentro da gostosa.

Apenas isso, desencana!

Segurei sua bunda e num único impulso a trouxe para o meu colo.

Fechando os braços em meu pescoço, suas pernas imediatamente entrelaçaram-se em minha cintura e então me beijou, com vontade. Furiosamente, enfiava a língua na minha boca, quase me sufocando e sem constrangimento algum.

Esta língua é um deleite.

Caminhei com ela até o aparador ao lado da porta e a colocando sentada ali, entrei em meio as suas pernas segurando em suas coxas, e focado em seus

olhos cálidos, as abria.

Suspirei forte com ela toda aberta para mim.

— Isto é covardia... — arfando na expectativa, ela murmurou arqueando o corpo, apoiando os cotovelos sobre o móvel.

Caí de boca, com uma mão estendida massageando firme um dos seios, chupava, tomava prazerosamente sua excitação, me fartando.

— Que sabor é esse? — comentei com ela empurrando aquela delícia contra minha boca.

— Poxa! — Sem fôlego, ela inspirou densamente. — Você é muito bom... — Em seguida, endireitou o corpo grudando nos meus cabelos na lateral da cabeça e puxou meu rosto para frente do dela. — Eu quero você agora dentro de mim — exigiu, assumindo o comando. Correndo a ponta da língua ao redor dos meus lábios ela tirava o meu paletó e então, segurou na barra da camiseta e subiu, tirando-a pela minha cabeça e inalou forte. — Está bem em forma, moço! — comentou num fio de voz embargado.

Deixando suas mãos se perderam em meu peito, as unhas contornavam cada músculo, me deixando arrepiado pra cacete, com o dedo desenhou o V da minha virilha e o pegou firme na mão, me masturbando de um jeito memorável.

— Ohhh! — gemi de tanto que não aguentei a sensação dos céus.

Arqueando a cabeça levemente para trás, curtia o movimento das mãos delicadas, porém, firmes.

— Tem um preservativo? Se não tiver, eu tenho na minha bols...

Inclinei tomando seus lábios, calando-a.

— Sou um homem prevenido, minha cara! — sussurrei em seus lábios, abaixando e pegando no bolso do paletó.

Olhando nos olhos, deslumbrantemente cintilantes, me desejando, rasguei a embalagem nos dentes com a maior pressa deste mundo. Estava alucinado

para sentir seu calor interno. A ansiedade era tamanha que até para vesti-lo estava difícil com o tremor, e ela, muito prestativa e apressada, deu uma força.

— Vem logo, seu gostoso... — impaciente, segurou em meu braço me puxando.

Rapidamente encaixei, entrando somente a glande, sua pressa foi surpreendente, agarrou minha bunda e puxou forte contra ela. Penetrei vigoroso, rasgando tudo naquele aperto divino e cravei no fundo, arrancando um grito agudo dela, fechando as pernas ao meu redor e apertando, exigindo ainda mais contato.

— Delícia de mulher safada! — com um gemido rouco, mordia seu pescoço e orelha, metendo forte e sem trégua. Depositando todo meu tesão em cada movimento, corria as mãos pelas costas eretas de pele macia.

Enquanto ela quase arrancava meus cabelos da nuca, de tanto que puxava, gritando por mais, num apetite voraz, eu dava tudo de mim para nos saciar. O móvel rangia aos movimentos ritmados e ligeiros, me movendo para frente e para trás, meu pênis entrando e saindo... Um instante extraordinariamente bom.

— Eu vou gozar — ofegante, ela esbaforiu entre os gritos, cravando as unhas nas minhas costas.

Tremia, experimentando suas paredes internas o esmagado, dilatava mais e mais. Os espasmos tomavam conta de ambos, o suor correndo pelos nossos corpos quentes, trêmulos... Seu corpo macio, perfumado se contorcia com as minhas estocadas na agonia do clímax chegando.

Ela era de fato tudo de bom.

Segurei sua cabeça exigindo seu olhar.

— Olha para mim!

Ela obedeceu. Saíam faíscas deles, saboreando-me ali, fodendo-a fissurado. As sacudidas abalavam até nossas almas.

Meu corpo inteiro se deliciou maravilhado à sensação do seu orgasmo. Como eu poderia sentir quase na pele, sobre o material do preservativo, eu não sabia explicar. Mas despertou tudo em mim, já no meu limite, não consegui segurar.

— CARALHO! — rugi doido, socando tudo e fortemente, e infiltrei minha língua nos lábios entreabertos com ela ofegante, a beijando furiosamente e jorrando meus fluidos, inundando o preservativo.

— Você me deixou exausta! — murmurou, roçando seus lábios nos meus num movimento suave e deixou a cabeça tombar para frente, meu ombro foi o seu destino. E as pernas relaxando, escorregavam pelo meu quadril.

— Descansa. — Beijei o topo da sua cabeça a envolvendo um pouco mais em meus braços.

Fechei meus olhos, curtindo nossos corações batendo na mesma frequência, até o suor do seu corpo se tornou atraente.

Diferente das outras mulheres, eu persistia excitado, em franca ereção. Eu queria levá-la para a cama, foder mais e mais e no final, deitar de conchinha até ela contar tudo sobre a sua vida.

Passeando as mãos livremente por suas costas senti um líquido quente correndo pelo meu peito, em direção ao meu abdome, em seguida ouvi um fungado de quem estava chorando.

Segurando seu rosto a afastei buscando seus olhos, eles minavam.

— Eu sabia que não era suor escorrendo pelo meu peito — comentei num tom sarcástico no intuito de animá-la.

Ela riu revirando os olhos e parando com eles indecisos, lá em cima.

— Aquela história de pai controlador você inventou, certo? — perguntei correndo os meus polegares abaixo dos seus olhos, secando suas lágrimas.

Eles desceram parando nos meus, e então um sorriso indecifrável plantou nos seus lábios.

— Não é exatamente uma mentira — afirmou soluçando e apertou os lábios num esforço de romper a queda.

— Por que tanto medo, do que você se esconde? — indaguei com pena dela.

Seu semblante era de total sofrimento. Ela sacudiu a cabeça e declinou os olhos.

— Vamos deitar, relaxar um pouco e você me conta tudo, ok?

Ela deu de ombros.

Ao tirar o braço de suas costas, a pulseira em meu pulso enroscou nos longos cabelos.

— Ai! — levando a mão sobre meu braço, ela reclamou rindo.

— Desculpa! Fica quietinha que vou tirar os seus cabelos enroscados na minha pulseira.

Ela atendeu a minha solicitação e enquanto retirava, perdi o equilibro e recuei alguns passos. Ela segurou em minhas costas, me puxando de volta e nos beijamos, meu pau escorregou para fora dela e a camisinha caiu no chão.

O beijo ardente estava tão bom que nenhum dos dois se preocupou com este detalhe.

Ainda de pau duro, lembrei-me de pegar outro preservativo no bolso do paletó no chão. Em seguida a peguei no colo e a levei para o quarto.

Me posicionei atrás dela na cama, na posição de conchinha e a envolvi em meus braços, corria a mão pelo abdome apertando-a contra meu pau, encaixado entre suas pernas, e parei no púbis. Circulando o dedo, sentia tudo lisinho por ali. Cheguei na vagina quente e gostosa demais, acariciando levemente.

O corpo quente e úmido dela moldando-se ao meu, além de excitante, soou confortável.

— Se não estava me seguindo em Anápolis, em Goiânia, e aqui, vai precisar arranjar uma boa, incontestável e convincente desculpa. — Irritantemente, eu estabeleci com calma roçando nela, e beijando seu ombro, quando deveria ser firme e arrancar a verdade.

É claro que ela vai mentir!

Pensava apenas com a cabeça de baixo e poderia me estrepar. Esses encontros a levavam a ser suspeita, uma espiã rastreando meus passos. Um vacilo era fatal, exatamente como alertou o meu pai.

— Ah! — excitada, ela fungou baixinho, empinando bem a bunda para mim. Notei que não era um choro normal, ele vinha diretamente da alma. — Seguindo você? — Pausou gemendo enquanto eu acariciava seu clitóris. — Imagina!

Despertando meus desejos ocultos, que nem sabia que existiam, esta mulher confundia a minha cabeça!

Abracei-a mais firmemente, louco para entrar nela mais uma vez.

Depois da transa eu cobrarei explicações.

Peguei o preservativo o vestindo e voltei a mesma posição, penetrando forte, sem permissão. Ela sugou o ar e segurou comigo fodendo afoito, beijando seu ombro e acariciando seu clitóris.

Se deliciando, o choro cessou dando espaço aos gritos de prazer.

Rebolando nele, ela me estimulava, exageradamente.

Reduzi a frequência dos movimentos, duríssimo, ele foi entrando devagar, queria que sentisse cada parte dele. Uma boa e intensa transa foi a que tivemos, quero dizer: várias.

Há muito tempo uma mulher não me excitava desta forma, eu sentia com ela, como se eu fosse um garoto de dezoito anos, arrojado e insaciável

também.

Se fazendo de inocente com aquele ar de felina, não tinha como ser diferente, sou fanático por desafios, e ela é um deles. Vamos ver se consigo desvendar seus mistérios, mas depois. Agora preciso descansar, a mulher despertou o meu lado mais primitivo e digo de antemão: “Gostoso pra caralho!”.

Enfim exaustos, permanecemos ali grudados. O clima se tornou carinhoso, estranho, confesso, mas gostei dele, e deixei-me ser envolvido fechando meus olhos, curtindo.

Naquela atmosfera exaustiva, adormecemos.

Capítulo Sete

SACHA

Despertei e me recusava a abrir os olhos.

Voltar a minha realidade era como se afogar de vez no mar de lama e ser engolida. Eu desejava no fundo do meu coração permanecer aqui, respirando este ar leve, com aroma de limpeza, neste mundo surreal envolvida neste corpo tão forte e protetor. Exatamente isso que sentia, uma inexplicável e utópica segurança e conforto. O calor provindo dele exalava seu perfume meio amadeirado.

Agradabilíssimo! Hummm...

Com a cabeça aninhada em seu peito, num movimento sereno com ele dormindo profundamente, depois de uma noite cansativa como foi a nossa, suspirei. Ouvir sua respiração sobre o topo da minha cabeça servia como um calmante poderoso, e me fazia pensar na burrice que fiz por impulso.

Poderia muito bem estar vivendo minha vida livremente, ter qualquer relacionamento que quisesse: curto ou duradouro, não importava. Entretanto, a liberdade não pertencia ao meu cotidiano.

E foi com esta verdade dolorosa que abri os olhos.

Minha mão sobre seu abdome, acompanhava os movimentos de sua respiração, tão harmonioso que meus olhos começaram a marejar, violentamente, minha respiração acelerar com o filme real passando por minha cabeça.

Ai, meu Deus! Esqueci-me da Jussara! No lampejo de memória, escorreguei devagar para o lado e saí da cama.

Afastar dela, se tornou um problema, viciados, meus olhos corriam pelo corpo masculino, um monumento valioso sobre os lençóis.

"Ai, que vontade!", pensei encantada.

Uma vontade enorme de afagar os cabelos desalinhados sobre o rosto me consumia, ver seus olhos sofisticados, mexer na sua identidade ainda meio ereta.

E que identidade! O homem foi abençoado pela natureza. Dotado!

Era humanamente impossível resistir à visão daquilo tudo sem me imaginar caindo de boca.

"Volte à vida real, Sacha! A Jussara deve estar preocupadíssima contigo, mulher!", a voz da minha razão gritava dentro da minha mente e ela estava coberta de razão.

O homem vai querer justificativas, é melhor fugir antes dele acordar. Balançando a cabeça para sair do momento encantamento e admiração, rapidamente fui à procura de um telefone, já que o meu fora confiscado na entrada do hotel. Corri em direção à mesa elegante com tampo de mármore onde havia um aparelho dourado, próximo à janela, com apenas uma fresta da cortina aberta.

— Não tem sinal! — resmunguei imperceptivelmente, e enquanto colocava no gancho, foquei no paletó azul-marinho no chão, ao lado do aparador na parede da porta, considerando usar o celular dele, se é que havia algum no bolso e sem senha.

Não tenho alternativas.

Voei, pegando a roupa do chão e enfiando a mão no bolso, sorri aliviada ao sentir o aparelho e, quando trouxe perto dos olhos, ele começou a vibrar.

Credo! Meu coração parou de bater quando o rosto do Ivan apareceu no visor. No terceiro toque, a ligação caiu, e então veio a mensagem.

"Pensei melhor, parceiro! Vamos remarcar nossa reunião e concluir nosso próspero e grandioso negócio."

Tremendo e sem conseguir respirar, deixei o aparelho e a roupa caírem ao chão e levei minha mão ao peito, tentando recuperar o equilíbrio. Com o desespero, o pânico e tudo de ruim me vestindo naquele momento, virei o rosto em direção à cama.

Parceiro? Meu Deus, quem é você?

Num pranto silencioso me abaixei novamente, precisava verificar se não estava vendo coisa, pois meu cérebro ficava 24 horas conectado ao bandido do Ivan, talvez nem exista nenhuma mensagem do meu futuro marido.

Meu corpo congelou enquanto observava a tela do aparelho ao lado do preservativo ali no chão, e mergulhei na mais profunda escuridão com as infinidades de possibilidades vindo em minha cabeça, e todas negativas.

PUTA QUE PARIU! Entrei em desespero.

Apavoradíssima, eu peguei aquele preservativo correndo com ele até o banheiro, joguei na bacia e dei descarga.

Rapidamente regressei ao quarto, vesti minha roupa de qualquer jeito, passei as mãos levemente pelos cabelos, ajeitando-os e completamente agoniada, catei minha bolsa, depois a chave no bolso do paletó no chão e dei no pé. O elevador no andar prontamente abriu a porta quando apertei o botão.

O medo impedia o meu raciocínio, parecia mentira que aquilo tudo estivesse acontecendo, fui totalmente negligente na minha decisão de ficar com ele.

É muita falta de sorte! Aquela ligação, os dizeres do Ivan, tudo o incluía no balaio do crime. *Ele é da gangue! Com certeza é.*

Com aquela cobrança de justificativa, ele estava jogando verde, certificando-se de que eu sabia quem era ele.

É bem a cara do Ivan integrar um membro novo para vigiar seus supostos desafetos.

"Bandido!", praguejei quando a porta do elevador se abriu. O saguão estava na mais perfeita organização, alguns funcionários circulavam por ali. Parei no local onde estava meu celular, em seguida pedi o carro e vazei em disparada dali.

Na descida, toda a paisagem aqui de cima passou despercebida pelos meus olhos, toda minha mente estava em oração e criando estratégias para contornar a situação. O toque estridente do celular na bolsa arrancou-me daquela angústia, mas não cessou minhas lágrimas.

— JUSSARA! — Desmanchei-me ao levar o aparelho no ouvido após identificar que era a minha amiga.

A única pessoa que tinha para me apoiar neste momento.

— *Sacha, sua louca, onde você se meteu?* — ela quase gritava do outro lado da linha. Solucei sem condições de me expressar. — *O que aconteceu, eu te procurei em todos os lugares, até liguei na casa da sua mãe.*

— NÃO! — gritei amargurada. — Você não fez isto, né?

Ela grunhiu, excessivamente irada. Conhecia minha amiga como a palma da minha mão.

— *Fica tranquila!* — embora brava, a voz saiu apaziguada. — *Foi uma ligação de orelhão e sem identificação.*

— Ah, graças a Deus! — suspirei, soltando a mão direita do volante e esfreguei o braço no rosto encharcado. — Estou péssima — solucei alto. — Acho que me meti numa fria, Jussara!

— *Como assim?* — após a pergunta, ficamos em silêncio.

Ela sabia que qualquer passo em falso, tudo estaria perdido.

— *Está me assustando, Sacha!* — pronunciou baixo, porém, foi possível ouvir sua respiração ruidosa.

— Estou indo para a casa da minha mãe agora, antes do Ivan descobrir que passei a noite fora. É vital manter as aparências, ele tem de acreditar que não arredei o pé de lá. Depois conversamos, ok?

— *Não pode me deixar nesta angústia, Sacha!* — rebateu seriamente.

— Me desculpa! Não devia ter encarado o desafio de vir à festa, agora preciso manter a cabeça fria e resolver tudo da melhor forma possível.

— *Tudo bem, Sacha! Preciso pegar um voo para São Paulo, a Yasmim chega hoje da praia e gostaria de estar presente. Pelo seu estado, eu acredito que tenha entrado em alguma confusão feia. Mas, olha, quando esta crise passar, me liga, por favor.*

"A crise nunca passará, amiga! Estou fadada a crises eternas", pensei apenas olhando para uma frondosa árvore na esquina onde o sol ameno da manhã refletia sobre ela.

— *Sacha, você me ouviu?* — insistiu ao meu silêncio reflexivo.

— Ouvi sim, Jussara! Torce por mim, tá?

— *Mentalizarei todas as energias positivas existentes neste mundo para você.*

Sorri em meio aos lábios comprimidos.

— Obrigada e até mais!

Deligando o aparelho verifiquei as ligações, nenhuma da minha mãe e isto pelo menos era um bom sinal. Em menos de quarenta minutos cheguei ao bairro onde se localizava a casa da minha mãe. Abri a janela para respirar aquele ar fresco, ar de paz e tranquilidade que o lago da Pampulha oferecia, além de me encantar com a linda paisagem! Tudo ali era bom, lembrava

minha infância, juventude... *Que saudades!* Saudades das caminhadas em qualquer horário do dia, de visitar a Igreja de São Francisco, bem próximo, a chamada Igrejinha da Pampulha, mais um cartão postal de Belo Horizonte. Um dos ícones da arquitetura moderna brasileira.

Para não levantar suspeitas, deixei o carro numa travessa e segui a pé, esbarrando com os amantes de atividade física pela calçada. Nossa casa era a última do quarteirão, ficava num amplo e murado terreno. Contornei pela lateral, com o apoio de um tronco de uma árvore plantada na minha infância pelo meu pai, escalei o muro e pulei para dentro do quintal gramado. Avistei na garagem, além do carro popular da minha mãe, um sedan executivo preto e vidros lacrados com película.

Estremeci. Porém, cultivei a cabeça fresca, não era tempo de pensar, e sim, agir.

A janela do meu quarto estava somente encostada, exatamente como combinei com a minha mãe, muito devagar evitando quaisquer ruídos, eu a abri e pulei para dentro. Um ambiente simples com um guarda-roupa, uma penteadeira onde estava alguns dos meus perfumes e utensílios de beleza e uma cama, com a Maria Salvadora coberta até a cabeça com um grosso cobertor cinza, a cor que representava a minha vida.

Nublada, sem perspectivas.

— Obrigada por me salvar mais uma vez, Maria! — Puxei a coberta descobrindo.

Com o meu porte físico, a roupa lhe caiu perfeitamente. Ela é uma boneca de silicone, eu a comprei numa oportunidade em uma loja virtual, vi nela a chance de um pouco de paz. Precisei apenas tingir o cabelo de preto para despistar o Ivan e seus comparsas. É tão realista que se não olhar direito, fica a dúvida se é uma mulher ou boneca.

Trocando de roupa com ela, guardei-a dentro do guarda-roupa.

— Já acordou? — Virei os olhos para a porta ao ouvir a voz da minha mãe, vindo lá da sala.

— A pergunta é se a sua filha acordou. — Gelei pulando na cama ao ouvir a voz nojenta e estrondosa do William.

— Estava muito nervosa e tomou um calmante, razões por ainda estar derrubada.

Ele grunhiu duvidando.

— Ninguém dorme tanto assim, será que a senhora e sua filha não estão me engrupindo?

Ouvindo seus passos pesados chegando, eu puxei o cobertor cobrindo minha cabeça.

— Deixe a dormir mais um pouco... — o tom atormentado da minha mãe eclodiu junto o barulho da porta se abrindo com tudo.

— Senhorita Sacha? — William chamou pegando o cobertor pelos pés e o puxou.

— O que está havendo? — bocejando estirei o corpo, sonolenta.

Precisei de muito esforço para não rir ao sorriso de alívio plantado nos lábios da minha mãe.

— Que falta de educação acordar as pessoas deste jeito! — ela ainda ralhou com ele levando as mãos no quadril. Ele acenou de cabeça, sem dizer uma palavra. — Exigimos respeito e saia logo deste quarto. — Pegando o braço dele, o arrastou para fora, fechando a porta com violência.

— Eu não vou mais fazer parte destas suas tramoias, mocinha! — advertiu cochichando, vindo se sentar ao meu lado na cama.

Parecia a dona da razão.

Franzi a testa prostrada e me sentei encarando seus olhos, grandes e negros, exatamente como os da minha falecida irmã. Os meus são idênticos aos do meu pai.

— Eu não acredito que falou isso! — Sacudia a cabeça com um sentimento pesado dentro do peito. Raiva, eu acho! Ódio da minha própria mãe, a pessoa que me colocou no mundo.

Fugindo da pressão dos meus olhos, os dela desceram ao colchão.

— Estamos num momento complicado de nossas vidas, querida — começou ela, e ergueu a cabeça em busca dos meus olhos, nesta altura, já lacrimejando.

— Momento este que a senhora nos colocou! — curvando a cabeça, rebati com fúria.

Nossos narizes ficaram por um triz de se relarem.

Ela riu levemente, como se estivesse duvidando do meu revide. Um comportamento arrogante, prepotente e irritante ao extremo. Não queria alimentar o sentimento ruim dentro de mim, só que era maior do que eu, não conseguia bloquear.

— Independente de quem seja a responsável, devo lembrá-la de que há armadilhas prontas a explodirem. Por esta razão, cada passo a partir de agora tem de ser calculado, você entende?

— Não. — Apertando os lábios, um sobre o outro, eu negava movendo a cabeça. — Não há a menor possibilidade de entender tamanho absurdo. Não é justo eu passar a minha vida me sacrificando pelos seus erros. Eu já fiz demais pela nossa família! — desabei, pendendo a cabeça e cobrindo o rosto entre minhas mãos.

— Vai debandar como o seu pai fez? — desafiou-me, amargamente.

Inspirei profundamente e erguendo a cabeça a fitei com determinação.

Nitidamente nervosa, ela fechou os olhos e ergueu as mãos trêmulas, colocando os seus cabelos negros, na altura do ombro, atrás das orelhas.

— Não tem propriedade para julgar o meu pai, se quer saber! A atitude dele foi a correta — afirmei com todas as letras. Seu coração batia acelerado,

dava para notar o movimento frenético na camiseta preta. — Fugindo da sua frieza, uma pessoa que não se importa com nada e ninguém além de si mesma. Meu amado pai rumou em direção à paz, e estou feliz por ele se libertar da opressão que é estar ao seu lado.

— UM covarde! — baixando o tom, notando seu descontrole, ela fechou os olhos por um instante. — Seu pai é um fraco de carteirinha. Ao contrário de você, Sacha! É uma mulher guerreira, pé no chão, uma caraterística sua desde a infância. Alguém capaz em direcionar para o lado correto. — Chocada com mil respostas agressivas forçando sair pela boca, as travei cobrindo meu rosto com as mãos. E permaneci assim, segurando minha onda. — Não pretende seguir os passos do seu pai, né? — Notei uma ansiedade a vestindo da cabeça aos pés.

Dei de ombros, ainda muito indecisa. Queria uma vida normal e não essa tumultuada.

— Como você acabou de dizer: sou capaz de seguir o caminho correto, e ele é correr atrás da minha liberdade. — A raiva brilhou em seus olhos, tomando um vermelho fogo. — Você é muito estranha, dona Adele Ortiz.

Sua expressão fria se transformou em crítica.

— Quem não é, Sacha Ortiz? — retorquiu com ironia.

— Devolve o dinheiro que roubou do Ivan! — exigi, segurando em sua mão estranhando o quanto estava fria e trêmula.

Ela movimentava a cabeça em negativa.

— Não tenho dinheiro para devolver, não tenho nada. — Chorando, ela se levantou colocando os dedos no bolso da calça jeans clara surrada e começou a andar de um lado ao outro pelo quarto.

Minha mãe é uma bela mulher, apesar dos cinquenta e sete anos. Corpo esguio, os cabelos negros, como os olhos, davam um contraste a pele clara que ela tem.

— Onde botou todo aquele dinheiro se nada mudou? — inconformada, saí da cama e me posicionei à sua frente. Com os olhos em seus pés, ela suspirou quase em um soluço. — Não vejo luxo, sua vida é a mesma simples de antes.

— Para de encher o meu saco, menina! — Segurando em meu ombro, ela sacolejava meu corpo, descontroladamente. Seus olhos aumentaram, eu diria dez vezes o tamanho normal. — Não precisa fazer tantas perguntas, apenas garanta a minha sobrevivência, você me entendeu?

— Não! — desabei em lágrimas, muito magoada. — Vou é garantir a minha, seguir os passos do meu pai — sentenciei sem nenhuma convicção.

Encarando-me, ela chorava em desespero.

— Não seja patética, menina! — disse a princípio ríspida, a seguir sua expressão suavizou. — Eu estando viva ou morta, tenha certeza de que não existe mais lugar seguro para você neste mundo. No momento em que se ofereceu como esposa ao Ivan, se jogou no precipício e não há mais como abrir o paraquedas, infelizmente! Então, conforme-se e siga com os planos para eu sobreviver.

— Me poupe! — Aquele comentário foi o cúmulo dos cúmulos.

Arqueando a cabeça, soltei um riso histérico, desacorçoada.

— Escuta filha! — Apertou meus ombros, exigindo o meu olhar. — Não espero sua compreensão, mas espero sua solidariedade. Precisa colaborar, só assim eu me mantenho viva.

— Para com esta ideia fixa de viver, viver... — num tranco recusei. Estava enojada e queria distância.

— Você precisa entender — exasperou, mas num tom baixo para William não ouvir da sala. — Não posso morrer, tenho muito ainda a fazer nesta geração.

— Ai! — Levando as mãos à cabeça, eu chorava de consternação, de raiva, de tudo. — Só pensa em você, no seu bem-estar. E eu? Eu vou morrer

no controle do Ivan, não percebe?

— Não! — Seus braços vieram abertos na intenção de um abraço, recusei dando alguns passos para trás. — Você é uma mulher forte, nada abala você.

Fechei meus olhos sacudindo a cabeça desanimada, ciente de que não podia desistir tão facilmente. Abrindo os olhos, fitei-a com seriedade.

— Vamos pelo menos tentar um acordo, devolva o dinheiro ao gângster.

Incerta ela grunhiu, fechando os olhos.

— Acha mesmo que o dinheiro importa para o Ivan? — Dei de ombros. — Não, minha criança! Você é o troféu do homem.

Torci a boca e refleti um instante.

— Vou agora mesmo para Anápolis e romper meu compromisso com ele e sugerir a devolução do dinheiro.

Pela primeira vez, ela baixou a guarda e chorava de verdade cobrindo o rosto com as mãos.

— Eu vou ficar aqui esperando a morte, pois é isto que vai acontecer. — Abri minha boca para protestar e ela estendeu a mão exigindo meu silêncio. — Não existe mais o dinheiro, e não pergunte mais nada. Apenas saia deste quarto e vá buscar o meu assassino.

Apontou em direção à porta sem olhar em minha face. Ali, sentia todo o peso da responsabilidade; uma coisa ela tinha razão: estávamos lidando com homens cruéis, frios.

— Todo esse drama, é incompreensível. Porém, não farei isso. Seguirei o plano, casarei com aquele nefasto.

Ela suspirou aliviada e sorrindo, ergueu a cabeça com um olhar de desculpa.

É isso mesmo que estou vendo?

— Assim que se fala, Sacha! — disse com os braços abertos e, desta vez, me deixei ser abraçada. No entanto, apreensiva, com o coração arrochado e

atribulado. Ela afastou a cabeça o suficiente para encontrar meus olhos. Azuis-claros e negros, ambos marejados. — Obrigada por compreender sua mãe! — Sorria satisfeita. — Deus vai te abençoar por toda a sua vida.

— Não inclua Deus nessa história sórdida! — exigi chorando por dentro, muito aborrecida com a sua indiferença em relação a minha pessoa, não se importava mesmo com ninguém.

Demonstrava ser uma mulher mesquinha!

Seu abraço era quente, só não podia confirmar se era daqueles abraços maternos que tanto confortam.

Eu não sinto aconchego neles.

— O SENHOR IVAN SOLICITOU SEU RETORNO IMEDIATAMENTE A ANÁPOLIS, SENHORITA SACHA! — gritou William da sala.

— SÓ PRECISO DE UM MINUTO PARA UM BANHO! — gritei de volta saindo dos braços da minha mãe.

Ela apenas assentiu, então rumei em passos ligeiros para o banheiro e entrando, tranquei a porta.

Saí dos devaneios e tirei a roupa, em prantos entrei debaixo do chuveiro. Um pranto que logo cessou com as recordações do bonitão do hotel, que sequer perguntei o nome, mas nem precisava. Sendo um dos membros da gangue, logo o veria novamente. O seu perfume ainda estava no meu corpo.

Ergui meu braço trazendo para perto do nariz e aspirei com prazer, me arrepiando toda, excitada. E comecei a rir, levando a mão atrás da cabeça quando senti algo metálico enroscado nos cabelos.

Com cuidado consegui tirar.

Gente, é a pulseira do homem!

Emocionada comecei a rir, buscando em minha mente o momento em que este episódio teria acontecido, lembrei que foi no instante que saímos do

aparador.

— Tomara que a nossa farra não dê merda!

Desliguei o chuveiro, me troquei e saí do quarto.

William estava sentado no sofá conversando com a minha mãe na maior intimidade.

Que nojo!

— Vamos! — o chamei e já seguindo em direção à porta e retirei-me sem a menor disposição de dar um beijo de despedida nela.

Seus olhos acompanhavam cada passo meu, com pesar.

Capítulo Oito

HENRY

Um pequeno raio de luz incomodava meus olhos, como minha ereção latejando, prazerosamente.

Que tesão é esse? Levei a mão esquerda ao meu pau, e gemendo deslizava a carne dura, recordando da trepada gostosa com a dona misteriosa. Esticando o braço direito, encontrei o vazio na cama e abri os olhos cabreiro.

— Onde se meteu a mulher? — Sentei-me varrendo os olhos ao redor. Nem sinal dela. — MOÇA? — chamei, focado na porta do banheiro, obtendo apenas o silêncio como resposta, declinei os olhos para o chão e a seguir sobre cada móvel.

A ausência dos seus pertences indicava que ela havia saído de fininho.

— Safada! A esperta escorregou como sabão, fugindo de dar satisfações.

Não compreendo como ela conseguiu sair deste quarto sem eu ver! Tinha um sono leve, com qualquer som, ruído ou mesmo movimento, eu despertava.

"Será que aquela vadia me dopou novamente?", pensei e logo descartei a possibilidade.

A transa com ela fora tão intensa, a gata subiu pelas paredes, e não deixou a desejar. Nos saciar era a nossa única necessidade fisiológica, e perdurou por horas, dispensando alimento ou líquido. Sequer tomamos um copo com água.

O tesão sobrepôs ao meu juízo, eu, um homem experiente, não era para ser engabelado por uma mulher, ainda mais sem saber o nome dela.

Caralho! E se ela for um membro da máfia e está vigiando os meus passos?

Soltei o ar fortemente pelo nariz, excessivamente preocupado. Obviamente a preocupação não era pensando na minha integridade física, e sim, ser pego antes deles pagarem pelo que fizeram com o meu irmão. A vingança estava impregnada no meu coração, na minha alma.

— Vou ligar na recepção, alguém deve ter o registro dela — articulei em voz alta, saltando apressado da cama e me dirigi ao aparelho de telefone na mesa próxima à janela.

Como estava mudo, corri para pegar meu celular no bolso do paletó.

— Droga! — surpreso, praguejei ao vê-lo caído ao lado da roupa próximo a uma mancha no chão. — Ela mexeu nas minhas coisas — falei em voz alta, já verificando nos bolsos, e dei falta da minha carteira. — Não creio! A víbora roubou a minha carteira.

Peguei o celular e, quando discava o número do hotel para contatar a segurança, notei somente o relógio no pulso. A pulseira que ganhei do meu mano desaparecera. Nem perdi tempo em procurá-la pelo quarto com a certeza de ter sido depenado.

"É uma trambiqueira, batedora de carteira e não um membro da máfia como pensei. São homens de grandes negócios e honra, não desceriam a tão baixo nível", refletia submerso num ódio mortal, levando o telefone no ouvido.

— *Hotel Mantostone, bom dia!* — A voz suave da telefonista soou irritante diante do meu estado de nervos no pico.

— Aqui é o Henry Mantovani — me identifiquei sem paciência com a lerdeza. — Poderia transferir para o chefe da segurança, por favor! — solicitei com urgência.

— *Estamos aqui para responder a todas as suas dúvidas, senhor Henry Mantovani!* — desacatou ao meu pedido educadamente, porém irônica.

Grunhi, desacreditado do atrevimento.

— Acho que não entendeu corretamente, quem está falando é Henry Mantovani Stone e estou neste momento ocupando a suíte presidencial! — esclareci calmamente mediante um tom excessivamente áspero.

— *O filho do Sr. Adam Stone?* — indagou, muito nervosa que notei.

— O próprio! — confirmei. — Mande o chefe da segurança subir aqui na suíte, imediatamente.

— *Me desculpe, senhor, eu não sabia!*

— Está desculpada, não tinha mesmo como saber — amenizei a pressão tomando ciência da agressividade gratuita com a funcionária. Afinal, ela não tinha nada ver com os meus problemas. — Só apresse com a minha solicitação.

— *Ela será atendida neste instante.*

Ela desligou o telefone e eu? Travei a mandíbula sentindo todo o sangue subir à cabeça e se concentrar nos meus olhos.

— Escolheu o otário errado para aplicar seu golpe, sua bandida sem escrúpulos! — avisei em alto e bom tom, apertando meus punhos, imaginando-os no pescoço alvo e perfumado, estrangulando-o. Abaixei, peguei minhas roupas e caminhei para o banheiro antes do funcionário bater à porta. — Esteja certa de que vou te caçar até o inferno se for necessário, vou te achar e em seguida, matar você!

Entrei no banheiro.

— Como ela representa bem, Jesus! — Inconformado com o meu deslize, fechei a porta atrás de mim.

Dois minutos ou um pouco mais, foi o tempo do chefe da segurança bater à porta. Como ele conseguiu esta proeza não me pergunte, porque não faço a menor ideia.

E não ajudou em nada.

Todas as providências e medidas de segurança foram tomadas, desde uma varredura pelas dependências do hotel atrás da minha carteira e a joia, e nada. Levantamos sua carteira de identidade registrada na entrada: Tânia Souza, vinte e sete anos de idade e checamos na internet, redes sociais, nada. Até encontramos algumas Tânias, mas nenhuma era ela. E numa repescagem mais profissional com a ajuda de um policial amigo do segurança, descobrimos que o número de identidade era falso.

— Com licença, senhor! — Um profissional do hotel se aproximou de mim e o policial ali no balcão em frente ao laptop, vasculhando na Internet. Foquei em sua mão, segurando minha carteira. — Encontrei esta carteira jogada entre as árvores do jardim da entrada. — Estendeu me entregando.

Faltavam somente os meus dólares e reais, todos os meus cartões de créditos e documentos estavam intactos.

— Falta alguma coisa na carteira, senhor? — perguntou a autoridade.

Fiquei preocupado em acusar. Havíamos analisado todas as câmeras, desde sua saída em prantos do quarto com sua bolsa debaixo do braço, correndo pelo corredor, entrando no elevador, saindo no saguão, pegando seu celular, saindo pela porta principal e correndo foi solicitar o veículo ao manobrista. Por nenhum momento ela fez algum movimento ou gesto que a denunciasse.

Por mais experiente que fosse, veríamos ela jogando a carteira. Por fim, não consegui acusá-la, mesmo sem encontrar a pulseira.

— Está tudo em ordem — garanti, assentindo de cabeça.

Resolvi não abrir um boletim, mas não conseguia pensar em outra coisa senão na pulseira, afinal, o valor dela era maior do que qualquer quantia. E rastreando a placa do veículo, descobrimos o endereço do proprietário e sozinho segui até lá.

Depois de me aprofundar na biboca, encontrei o endereço com uma placa informando ser um hotel. Uma espelunca, por assim dizer.

— O senhor conhece esta moça? — Após entrar no estabelecimento, em péssimas condições, e me identificar, mostrei uma imagem impressa por uma impressora colorida.

Um rapaz simples afirmou de cabeça.

— Ela se hospedou ontem aqui no hotel.

Respirei esperançoso.

— Poderia me mostrar a ficha dela, por favor!

Ele balançou a cabeça negando.

— Ela pagou bem para usar meu carro velhinho. — Deu de ombros todo feliz. — Não pedi nem o documento dela.

"Salafrária!", xinguei mentalmente.

Com certeza pagou sua estadia com o meu dinheiro.

— Sério? — perguntei com os olhos na porta, com alguns homens mal-encarados adentrando no estabelecimento.

— Sim, senhor! — respondi observando os homens e voltou ao meu rosto. — Se é só isso, me dê licença que preciso atender meus hóspedes.

Assenti de cabeça e saí dali a seguir.

"Reze para eu não te encontrar, mulher! Porque se cruzar o meu caminho, você estará fodida", pensei.

Naquela fúria, entrei no carro e saí dali em alta velocidade, derrapando os pneus, a caminho do aeroporto.

Dois anos depois...

— MERDA! — Irritado com meus pensamentos correndo soltos, esmurrei minha mesa. — Não é possível você ficar tanto tempo conectado com a vigarista, pensamento! — adverti.

Com esta porra de mulher habitando dentro da minha cabeça não havia a menor possibilidade de concentração.

Largando o contrato que analisava sobre a mesa, empurrei a cadeira para trás com meus pés e as rodinhas deslizaram rapidamente sobre o piso de mármore, levantei rumando em direção à janela à minha direita e acionei o botão que controlava as cortinas.

Deslizei a mão no cabelo respirando forte à medida que a linda vista do Parque Ibirapuera se revelava com as cortinas se abrindo. Passeando com os olhos pela natureza lá embaixo, recebia os raios solares em meu peito, aquecendo meu coração e a privilegiada vista encantava meus olhos. *Um luxo!* Afinal, o parque era uma das poucas áreas verdes desta imponente cidade.

Nem assim amenizou a ansiedade do meu espírito, o que era plausível.

Muita coisa ficou pendente!

Quando meu pai comentou comigo ao telefone, naquele dia no aeroporto a caminho de Belo Horizonte, sobre intervir nos meus propósitos, sequer imaginei que ele, na surdina, a fim de manter-me afastado dos assassinos do meu irmão, detinha um plano, a princípio espetacular.

A estratégia fora pensada de maneira inteligente, admito! Mas com falhas graves...

Fechei meus olhos com força, e abri a gaveta tirando de lá um pequeno e antigo gravador, que me foi presenteado pela mãe do Anselmo, a Maria Cláudia, logo após ele nos deixar para sempre.

— *Você não está com medo, Anselmo?* — A voz macia e pausada era de uma namorada dele.

Maria Cláudia gravou escondido a conversa dos dois.

Tenho mais medo do meu mano Henry morrer!

E ele me salvou, doando seu sangue do tipo O negativo após um grave acidente de carro que sofri com o meu pai, há quinze anos.

O cara perdeu o vestibular, gastou o que não tinha na época, largou tudo só para ir salvar a minha vida, enquanto eu não fui capaz de salvar a dele! Mais um episódio na lista extensa de ações e atitudes nobres deste cara brilhante.

O Ivan não pode sair livre!

Meu pai já cumpriu a metade da minha meta.

De posse de muitas informações, a aquisição do hotel também estava dentro do esquema. Ele se recusou a fornecer a fonte, mas esclareceu que, numa batida policial, apreenderam uma quantidade considerável em barras de ouro sem procedência, com o antigo proprietário do hotel. Preso em flagrante, não conseguiu provar sua inocência e acabou preso por alguns anos. Na verdade, tudo fora armado pelo namorado da filha, um tal de Fabiano, o sobrinho do mafioso Ivan. Tanto a compra, como a festa de inauguração foram uma armação do meu pai e seus aliados a fim de despertar a preocupação do bandido, meu pai acreditava, e estava certo, que em algum lugar na propriedade havia muito mais do que ouro escondido.

E despertou!

Dois meses se passaram sem eu conseguir remarcar a reunião, o Ivan se recusava a atender as minhas ligações. E neste entremeio, o hotel foi invadido pela gangue, eles não esperavam estarem sendo monitorados. Além da área de lazer do hotel, na parte onde a natureza imperava, com a vegetação densa, havia um esconderijo secreto abaixo do solo, ao lado de uma árvore, uma espécie de “bunker”, e ali estavam armazenados ouro, armas e documentos que direcionavam ao Ivan e suas empresas.

Assim que a casa caiu para o Ivan, com a sua organização desmantelada, o cara fugiu do país. Daqui em diante, agora era comigo, ele ia pagar pela morte do meu irmão.

Pensar neste crápula me deixava asfixiado, tamanho o ódio em meu coração.

— Eu vou encontrar você, nem que seja no inferno! — inspirando profundamente, prometi e fechei as cortinas.

Em dias de sol escaldante elas permaneciam fechadas, devido à forte claridade, e retornei para a cadeira. Me recostado, afrouxava o nó da gravata enquanto meus olhos observavam o nosso álbum de família sobre a mesa baixa e quadrada em madeira, rodeada pelas confortáveis, giratórias, beges e luxuosas poltronas à frente.

A sala social dividia o meu escritório e foi justamente montada para servir de canto das reuniões, o espaço transmitia uma sensação de estar recebendo visitas em casa, e quebra de fato a informalidade.

Voltando ao contrato em mais uma tentativa de finalizar a leitura, a minha secretária bateu à porta.

— Entre, por favor! — com os olhos na folha, autorizei.

Ela havia deixado ali pela manhã a meu pedido. A engenharia aguardava minha análise e aprovação.

— Com licença, doutor Henry! — Mesmo tenso, ela conseguiu atrair minha atenção.

Sentindo muitos fragmentos sexuais no tom, intensamente, pausado de sua voz doce, ergui os olhos.

“Meu calmante está na mão!”, pensei estremecendo ao seu sorriso provocante despendendo de seus lábios, à medida que a perna longa e bronzeada saía pela abertura lateral da saia de couro marrom, como os cabelos na tonalidade chocolate, caindo em ondas sobre seus ombros

desnudos. A blusa bege de alça, tinha também um decote considerável e por ele, os seios siliconados explodiam para fora, um convite para serem devorados.

Dava preferência ao sexo sem amizade, casual, que não havia perigo de vínculos. Não tinha carinho para oferecer após o sexo. Precisava ser sem compromisso algum. Agora era duro de resistir à oferecida sensual.

"Muito gostosa!", pensei com o apetite voraz e estendi a mão a chamando.

— Você tem toda licença deste mundo, linda! — Pisquei todo arrepiado, a medida em que ela se aproximava da mesa em seu requebrado incitador.

Parou ao meu lado.

Excitado, uma mão adentrei pela abertura da saia, pressionando a coxa de pele macia e a outra, apertava seus seios duros e apetitosos.

— Sua pele é tão macia — rugi, com as pontas dos meus dedos apalpando sobre a calcinha, sentindo o tecido úmido. — Está toda molhada — completamente duro, rosnei empurrando a cadeira para trás me levantando, segurei em seu braço e a coloquei sentada em meu lugar, me posicionando à sua frente. — Conhece a minha agenda abarrotada, se quer experimentar, aconselho ser rápida antes de sermos interrompidos — provoquei levando sua mão até meu pau duro e grosso, latejando dolosamente prazeroso.

— O senhor conhece a minha eficiência! — balbuciou, o moldando em sua mão com firmeza sobre a calça e subia com ela lentamente, exercendo uma pressão fantástica chegando à glande sensível, eu estremeci insano de tesão.

— Caralho, mulher! — gemi num urro com ela abrindo o cós da calça e desceu junto com a cueca, liberando o pulsante desesperado para sentir o calor de sua boca. — Segurando-o, circulei ele nos lábios úmidos. — A sua eficiência foi o motivo da sua contratação, bela.

Terminando a frase, o coloquei para dentro da boca dela, e a safada, faminta engoliu o que deu, o sugando de uma maneira muito excitante. E então chupou-o com desespero, como se ele fosse seu único alimento neste mundo.

Meu coração martelou nas costelas e minhas pernas bambearam ao trato bem dado.

— Gulosa! — segurando o seu cabelo eu gemi maluco de tesão e forcei sua boca contra ele, a preenchendo toda.

— Este pau é muito gostoso, chefe! — Seus olhos minavam de prazer comigo fodendo sua boca quente e formidável.

Rosnei com ele latejando e crescendo no movimento de entrar e sair.

— Vai ficar melhor quando senti-lo todo enterrado dentro de você. Vem cá! — Segurando em seu braço, a trouxe para meus lábios cravando um beijo forte e erótico naquela boca. Beijei molhado, sem trégua até para respirar, sentindo o meu sabor na boca dela, e esmagando o pau duro, quase a ponto de explodir, em seu ventre.

Abandonei seus lábios apenas para tirar-lhe a blusa pela cabeça, logo os capturei antes de escorregar com os lábios pelo queixo, pescoço e abocanhei seu seio, sugando o bico rígido.

Ela gemeu toda mole, curtindo minha maneira rude de ser.

A coisa foi esquentando, meu instrumento ainda mais rígido doía pacas, e foi quando o telefone sobre minha mesa tocou. No terceiro toque caiu na secretária eletrônica e a voz do meu pai reverberou pelo ambiente, sem causar nenhum constrangimento diante da atmosfera sexual pairando por ele.

— *Henry, filho! Poderia vir a minha sala assim que ouvir este recado, por favor* — pediu ele, desligando em seguida.

— Ah, na melhor hora! — ela reclamou toda chorosa.

— Precisamos ser rápidos! — Com a pressa de gozar batendo, abri a gaveta e tirei de lá de dentro um preservativo e o vesti.

A virei com força de costas para mim, erguendo sua saia, afastei sua calcinha de lado revelando aquela delícia minando de prazer. Abaixei um pouco mais a calça e introduzi meu pau com força medida, com ela empinando o máximo a bunda. Ou seja, na medida que ela suportava.

— Ohhh... quente! — rugi enterrando tudo e segurei lá no fundo.

— Ah... — ela gemeu tremendo excessivamente, à investida.

Puxando seu cabelo para a lateral, beijava e chupava o pescoço alvo arqueado, respirando pesado, enfiava a língua dentro do seu ouvido dizendo sacanagens e mais sacanagens, fazendo a mulher trepidar no meu pau, entrando e saindo vigorosamente, enfiando e tirando com força.

As pernas bambas a fizeram inclinar e se apoiar na mesa empinando bem a bunda dura. Segurando seus quadris, ela foi literalmente fodida de quatro.

— Caralho, chefe! Você é fodão! — gritou baixo comigo tirando até a glande e sem aviso algum, arremetendo forte e arrancando gemidos sufocados. — Delícia! Ahh, que foda maravilhosa...

De fato, o elogio era de causar orgulho à performance, porém, sem fôlego em consequência do coração quase escapando pela boca, e o pau inchando e endurecendo, sendo esmagado deliciosamente pelas paredes internas, não tive como responder.

— Não aguento, mais... Ahh... — Sentir a contração dela mergulhando num orgasmo violento, ocasionou o meu limite.

Mais duas estocadas e não foi possível segurar mais, afundei e segurei.

— Aguenta as pontas, que agora é minha vez! Ugh! — urrei, tremendo da cabeça aos pés, sentindo os simultâneos esguichos sendo expelidos.

Deitei meu corpo sobre o dela ali na mesa, e fechei meus olhos escutando as batidas acelerados do seu coração, como estava o meu. Sentia uma

sensação de saciedade, bem-estar, o que normalmente acontecia após o orgasmo. E junto, veio aquela necessidade de ficar sozinho.

Não tinha o mínimo de aptidão ou tolerância para relacionamentos. Diferente delas, eu almejava sexo enquanto elas, carinho. A única mulher que desejei partilhar um pouco mais na cama fugiu de mim.

Meu coração saltou com a recordação daquele rosto divino, aquele corpo macio em meus braços. A imagem que povoava sempre a minha cabeça pós-foda. *Ela fodeu mesmo comigo*. Contrariando a reação do meu corpo, me afastei da Roberta ainda suspirando debruçada sobre a minha mesa.

— Você está bem, Henry? — indagou, mergulhada em consternação.

— Muito — respondi ríspido e me abaixei subindo minha calça e apressei caminhando em direção ao corredor dos banheiros. — Volte mais tarde para buscar o contrato, Roberta. — Fodido, incapaz de controlar os meus pensamentos e reações involuntárias pelo meu corpo, dispensei-a, entrando no banheiro fechando a porta com meu pé. E me escorei nela embrenhando os dedos pelos cabelos, injuriado.

Ela fugiu e me extorquiu de todas as maneiras.

Um episódio duro de engolir, mesmo se passando dois anos, ainda persistia engasgado. Me intitulando um trouxa seduzido pelos encantos, e que encanto! A mulher era perfeita. Enfim, guardei este segredo a sete chaves, envergonhado.

— Tânia Souza! — Apertando o maxilar a ponto de doer, balancei a cabeça. — Até seu nome é duvidoso, com certeza é falso, como a carteira de identidade.

Só para tirar a dúvida, perguntei a Lidiane se ela já ouviu o nome Tânia Souza na mansão do Ivan, ela garantiu que não. Desencanei. Não era o perfil de uma espiã, bater carteira. Considerando a espelunca em que ela se

hospedou, certamente era daquelas vigaristas sem-vergonha em busca de vítimas para seus pequenos golpes.

Uma vagabunda, ladra de quinta, indecente.

A transa não saiu mais da cabeça, e piorou meu estado de espírito. Na verdade, o Ivan não era o meu único objetivo, a vadia era mais um deles.

Se cuida, golpista, se eu encontrar contigo, você morre!

— Henry, filho? — A voz do meu pai interrompeu os pensamentos sinistros.

— Só um minuto, por favor! — solicitei correndo com a higiene, e aguardei mais alguns instantes para me recuperar integralmente.

Recomposto, saí do banheiro me deparando com meu pai dentro de um terno elegante cinza escuro, em sua cadeira de rodas no final do corredor. A deficiência era herança do nosso grave acidente.

Ele teve uma lesão grave nas costas, que o deixou paraplégico. Cogitei sobre ele fazer o tratamento nos Estados Unidos, sobre uma técnica com células tronco, em vão. Ele dizia que estava bem.

— Demorou demais — com as mãos sobre os braços da cadeira, advertiu com a seriedade merecida.

Até hoje a cadeira de rodas não limitou meu pai em nada, pelo contrário. O homem assumiu uma postura de força surpreendente. Apesar da intromissão, ou seja, corrompeu os meus aliados na derrubada da máfia a trabalhar para ele, sentia muito orgulho deste velho com sua cabeça brilhante. Agiu sozinho e deu conta, quebrando a organização. Na verdade, quase! O Ivan ainda continuava solto por aí.

Mas, como prometi: *esse detalhe eu ainda vou resolver.*

— Perdão! — respondi caminhando até ele. — Estava analisando o contrato da reforma do Edifício Mantostone. — Seus olhos verdes, muito semelhantes aos meus, investigavam meu rosto, nitidamente desconfiados.

Rindo do seu senso crítico, curvei-me e beijei sua face, com apenas algumas marcas do tempo, cheirando a colônia pós-barba, e desviando dirigi até minha mesa e me sentei.

Habilidoso com a cadeira, já estava posicionado à minha frente quando ergui a cabeça. Ele arqueou as sobrancelhas com os fios brancos em destaque, travando o olhar especulativo. Peguei o contrato que sequer li a primeira linha e ergui à sua frente.

— Aqui está a prova de que não estou mentindo, senhor Adam.

Este comportamento atento dele levava um nome bem específico: "preocupação!". Nossa relação ia além de parentesco. Como eu, ele conhecia o meu espírito, sabia quando eu estava atormentado e vice-versa. Meu pai era daqueles austeros à moda antiga quando se tratava da educação, e foi a que aplicou comigo nestes 34 anos. Se hoje eu era um grande empresário e respeitado, eu devia a ele.

Sem desviar os olhos dos meus, ele avançou com a cadeira, contornou a mesa a parou com ela ao meu lado. Suspirei, girando minha cadeira de forma que fiquei de frente com ele.

— Tenho uma reunião com os responsáveis pela reforma, inclusive eles devem estar estourando por aí — estabeleceu pegando o contrato de minha mão. — Mas esta não foi a razão de chamá-lo na minha sala.

Acenei levemente de cabeça.

— Agora você me deixou curioso...

— Eu preciso ter certeza de que existe uma rocha sobre o passado.

Inspirei profundamente e segurei o ar todo, enquanto pensava numa boa, mentirosa e convincente promessa, não encontrando nenhuma.

— Não entendi. — Numa fuga necessária à pressão dos intimidadores olhos, os únicos neste mundo que não conseguia encarar, levantei e caminhei até a janela, a abrindo novamente e permaneci ali, de costas para ele.

— Então eu vou explicar — começou ele, pausadamente. — É importante saber antes da Maria Cláudia chegar — explicou num tom sério.

Grunhi surpreso, abandonando a bela vista e girei o corpo.

— É sério, pai? — indaguei incrédulo, o fitando com um sorriso curioso.

Vestido numa densa indecisão, ele assentiu movendo a cabeça.

— Seríssimo! — afirmando veemente, mergulhou os dedos da mão direita por entre os cabelos grisalhos. — Há mais de um mês, a gente vem trocando algumas figurinhas.

Surpreso, arqueei a cabeça.

— E ela está bem?

— Entusiasmada! — começou ele. — Alguns dias atrás, ela recebeu a visita de um amigo do Anselmo. Ele deveria ser íntimo, conhecia até a intenção do seu irmão de adotar uma criança. Inclusive, comentou ter feito algumas visitas em companhia dele em alguns orfanatos, e pegaram até alguns cartões.

Meu coração saltou e meus olhos encheram de lágrimas, a notícia ativou minhas memórias de seus desabafos e desejos. O maior deles: adotar uma filha.

— Realmente, o Anselmo estava obcecado por esta ideia.

— O fato é que ele incentivou a Maria Cláudia a realizar o desejo do seu irmão. Enfim, mexendo nos pertences dele, ela encontrou alguns cartões de orfanatos. E um em especial havia a data de uma possível visita, dois dias após seu falecimento.

— Caracas! — Pasmo, segui para minha cadeira, me jogando nela, debrucei sobre a mesa e cruzando os dedos, comecei a rir saudoso, e feliz também. Muito feliz. — Talvez alguma criança atendia às características solicitadas por ele, e alguém do orfanato tenha entrado em contato — ponderei.

— Exatamente — confirmou meu pai. — Maria Cláudia está muito confiante. Agora ela quer muito realizar o sonho do Anselmo, e eu decidi fazer parte desta conquista. *Adotaremos juntos* — ressaltou.

— Fantástico, pai! — recostando na cadeira, aplaudi seu gesto constatando os olhos encharcados, emocionado. Meus pais se casaram no Brasil, e logo após o meu nascimento se mudaram para a Europa. A separação veio logo depois, eu escolhi morar com o meu pai. Minha mãe se juntou a um magnata da moda nos Estados Unidos, a gente tem pouco contato. E meu pai nunca mais se casou. — Eu falo que você é o cara! — Saltei da cadeira indo dar aquele abraço apertado no velho. — Estou orgulhoso do senhor!

Ele ria em aprovação.

— Eu sabia que ficaria feliz com a novidade — começou ele se afastando e pegando na minha mão. — É um momento de mudanças, meu filho. Por isso eu quero uma promessa de esquecimento do passado, só assim podemos recomeçar nossas vidas. Trazer mais vidas, luz para perto de nós.

Não estava disposto a pensar, ou mesmo falar sobre o assunto agora, e desconversei.

— E quando vocês vão a este orfanato? Eu gostaria de acompanhar os dois — expus minha vontade caminhando em direção à sala social, e sentando na poltrona giratória, peguei nosso álbum de família sobre a mesa de centro.

Ria com as fotos, tinham como cenário Londres ao fundo.

Sempre quando arranjava um tempo na sua vida agitada, Anselmo partia para Europa para nos visitar.

— Ótimo! Como a reunião está marcada para daqui duas horas, você acompanha a Maria Cláudia até o orfanato. E eu atendo o Guilherme Uchoa, além deste contrato aqui — ele ergueu a mão com os papéis — ele

demonstrou interesse em comprar o hotel de Belo Horizonte, e eu preciso rever a proposta dele.

Paralisei àquela frase “Hotel de Belo Horizonte”, tendo acesso ao conteúdo exclusivo no meu cérebro. Aquele que ele detém a imagem da vigarista tremendo nos meus braços. Sempre quando penso nela, desencadeava a tensão, mas também o tesão. Com aquele frio prazeroso na boca do estômago, sentia meu pau endurecer.

— O que você acha da venda? — questionou ele.

Dei de ombros me levantando e larguei o álbum aberto sobre a poltrona.

— Ele já serviu aos seus propósitos! — opinei rápido, irado e excitado. — Por mim pode desfazer dele.

O som do telefone começando a tocar sobre minha mesa soou como um trovão dentro da minha cabeça, cheia de pensamentos tumultuados.

— Diga, senhorita Roberta!

— *Avisa o Sr. Adam Stone que a senhora Maria Cláudia, o senhor Guilherme Uchoa e Ruan D’Ávila, da construtora, os aguardam na recepção.* — O tom áspero na voz demonstrava sua consternação devido ao meu tratamento pós-transa.

Depois dou um jeito de contornar a situação!

— Direcione todos para a minha sala, por favor! — solicitei, sem receber um tudo bem, um suspiro, nada.

A mulher muita furiosa, praticamente tacou o telefone na minha cara.

Mulheres!

— Chegaram todos juntos! — anunciei.

Fiz questão de atender a porta.

Maria Cláudia era charmosíssima aos seus 57 anos. Os cabelos curtos e brancos ganharam um corte estiloso, e dava um toque elegante no vestido

floral de fundo branco, como o casaco. Colorida, discreta e semblante muito entristecido.

— Receber a sua visita, e ainda com a novidade maravilhosa era tudo o que eu precisava! — Abri um sorriso largo, e os braços para ela. Era o tamanho da minha alegria.

— Que saudade de você, meu querido! — Ela se jogou neles e pressionou o rosto em meu peito. Exatamente como fazia com seu filho amado. — Você tem o cheiro do seu irmão, sabia? — Beijou sobre a camisa, fazendo meu coração acelerar saudoso.

É triste ver uma mãe sofrendo assim!

— É, meu irmão tinha bom gosto para perfume! — disse ao seu ouvido, beijando sua face em seguida.

— Verdade! — esfregando as palmas das mãos delicadas em meu peito, ela concordou, e sentida, suspirava muito forte.

— Maria Cláudia! — Meu pai, atrás de mim, estendeu as mãos a chamando para um abraço, e foi lhe dado um forte e muito terno. — Por favor, filho, atenda os cavalheiros enquanto eu converso com a Maria Cláudia.

Assenti observando os dois se afastando para o corredor dos banheiros. Esta cumplicidade deles persistiu mesmo após a separação.

— Se considerar mais oportuno, podemos voltar depois! — Muito educado, Guilherme, o dono da construtora, se pronunciou.

Sua companhia estava localizada em Alphaville, um bairro na cidade de Barueri, em São Paulo. A boa gestão era tudo, a empresa nasceu recentemente atuando em vários segmentos e já estava entre as maiores do país. Inclusive, com obras em destaque no Brasil.

Notei seus olhos verdes e traços muito parecidos com o senhor o acompanhando. Ele aparentava ter a mesma idade do meu pai, porém, um

estilo muito diferente, mesmo usando um terno preto e muito elegante como o do Guilherme, os cabelos curtos grisalhos e a barba longa o deixava cheio de estilo.

— Sem estresse, Guilherme! — Estendi a mão e ele apertou. — Entre, por favor.

— Estava ansioso para debater as condições da compra do hotel, seu pai colocou você a par? — citou sem demora, muito interessado.

— Acabamos de conversar a esse respeito.

— Este é o meu pai e sócio. — Deslizou para o lado, deixando-o em destaque.

— Henry Mantovani, prazer! — estendi um cumprimento.

— O prazer é todo meu — retribuiu ele. — Renan D'Ávila.

— Estou vendo que todos já se conheceram — interpelou meu pai saindo pelo corredor, Maria Cláudia atrás da cadeira, a guiando.

— Já fiz as honras! — brinquei fechando a porta.

Todos rimos descontraídos.

Estiquei a mão acenado a sala social no centro do ambiente.

— Acho melhor a gente ir, Henry! Temos um percurso com mais de 70 km para percorrermos. — Ergui a sobrancelha, espantado.

— Pensei que fosse mais próximo — declarei.

— Se não saírem neste instante, chegarão atrasados para a reunião — instruiu meu pai, segurando na mão da sua antiga namorada. Assenti de cabeça e ele voltou a Maria Cláudia, respirando com tamanha ansiedade. — Boa sorte!

Sorrindo, ela curvou-se segurando suas faces e beijou sua testa com ternura.

— E você, cuide dessas dores nas costas, ok? — sussurrou em sua pele.

Agora eu quem fiquei preocupado.

— Se está com dores, deveria me comunicar! — ralhei, esquecendo das visitas.

É que esta mania dele em esconder seu sofrimento me tirava do sério.

Conformado, ele respirou fundo dando de ombros.

— Fica em paz, Henry! — pronunciou austero, dando com a mão.

— Não há como ter paz com você sofrendo no silêncio, pai! — reclamei.

— Com licença! — Eva, a copeira, entrou com uma bandeja com água e café se dirigindo ao meu pai. — Achei que o senhor gostaria de tomar um cafezinho, senhor Adam. — Seu jeito amável e simpático dispensava recusa.

— Sempre acertando! — elogiou meu pai acenando com a mão à mesa de centro na sala social.

Contratada há um ano, Eva era uma funcionária muito querida por conta deste seu carinho com todos. Sua disposição, aos 56 anos, superava a de muitos novinhos.

— Vou providenciar um fisioterapeuta para tratamento em casa e em tempo integral — enfatizei voltando ao meu pai.

Ele revirou os olhos em desaprovação.

— Já tentei, e sabe muito bem que não consigo me adaptar. — Teimoso, se recusava em experimentar outro especialista para atendê-lo em casa, principalmente pelo fato de que, por livre e espontânea vontade, ele nunca finalizava as sessões de fisioterapia indicadas pelos médicos.

— Desculpa a intromissão! — Guilherme se aproximou da cadeira. — Meu pai é dono da Uchoa Indústria Farmacêutica e amigo do Jonas Germain, diretor do Hospital Saint Germain, referência em ortopedia, acredito que ele teria uma excelente indicação de profissional.

Acenei de cabeça, a sugestão agradou, e não ao meu pai. Seus lábios entreabriram para um possível protesto, interpelei.

— Já ouvi muito falar deste hospital, poderia me dar o contato? — solicitei.

— Farei melhor, ligarei neste instante fazendo a solicitação. — Muito prestativo, ele pegou seu celular do bolso do paletó e se afastou, parando em frente à janela, enquanto conversava ao telefone. Todos aguardávamos em silêncio e então ele desligou com um amplo sorriso nos lábios. — Perfeito! — começou estufando o peito. — Ele garantiu providenciar um profissional de ponta. Pediu alguns minutos para fazer contato com a clínica de fisioterapia de São Paulo, Fisio&Clin, e já retorna à ligação — finalizou todo orgulhoso de si.

Meu pai bufou decepcionado, o constrangendo.

— Sou um velho conhecido da clínica — soltou.

— Pai, larga de ser turrão! — intervi envergonhado e olhei para o Guilherme. — Valeu, Guilherme! — Bati em seu ombro amenizando a tensão criada.

— Imagina!

— Espero que o café esteja a seu gosto, senhor — interveio Eva. — Com licença. — Saiu.

— Acho um exagero atendimento residencial, mas enfim... — continuou meu pai se retraindo. Tenho certeza de que era dor, mas não esbocei nenhum comentário.

— Então vamos, Maria Cláudia. — Peguei a carteira dentro da gaveta, despedi dos homens e a seguir eu e a mulher ansiosa deixamos minha sala.

Chegamos em cima da hora marcada em São Roque, um município paulista considerado Estâncias Turísticas pelo estado de São Paulo, também conhecido como a “Terra dos Vinhos”. Percorremos a charmosa sinuosa estrada, muito famosa pelas inúmeras vinícolas espalhadas. Pegamos alguns atalhos e então, avistamos a entrada do Lar.

As instalações ficavam numa área rural. Entramos por uma portaria com o nome de Lar Amparo. Nos identificamos e percorremos um quilômetro pela estrada estreita, toda em pedra ladeada por altos pinheiros. E chegamos a uma parte toda gramada e deserta, e logo após ela estava a enorme construção em "L". Ali era um complexo que, dividido, lembrava um convento e Igreja.

Estacionamos o carro em frente e caminhamos até a varanda, uma porta de madeira de duas folhas se abriram a nossa presença.

Uma freira jovem nos recepcionou.

— Por favor, entrem! — convidou ela escorregando para o lado, dando-nos passagem.

Acessamos um amplo salão com pé direito alto e todo em azulejos decorados, retratando cenas religiosas.

— Desculpa o atraso! — Maria Cláudia se antecipou enquanto eu analisava toda a arquitetura e decoração.

Um ambiente com ausência de pessoas e bem interessante.

— A madre Aurora espera por vocês — informou ela caminhando pelo salão em direção onde havia uma grande porta de metal, e a abriu.

Saímos num corredor estreito e, além dele, havia uma área típica de lazer. De onde estávamos víamos: piscina, churrasqueira, quadra de tênis, vôlei e tudo relacionado ao esporte onde crianças de ambos os sexos e de variadas idades se divertiam, monitoradas por várias freiras.

Surpreso ao cenário revelado eu sorria de canto, Maria Cláudia também se encantou, sua mão pegou a minha e apertou.

— Por aqui, por favor. — Ela seguiu à direita pelo corredor até o fim e abriu a porta revelando um tipo de hall, na parede à frente havia um aparador de madeira em tom escuro, sobre ele estava um vaso decorativo. — À esquerda tem a porta que dá acesso à sala de espera, aguardem lá que já serão atendidos — informou ela acenando com a mão para entrarmos.

— Obrigado! — agradeci.

Já no interior do hall nos certificamos da tal porta, dirigindo até ela, entramos. Divisória de vidro do chão ao teto dividia o ambiente em dois. A antessala é decorada apenas por poltronas confortáveis em couro marrom e na outra, a suposta Madre sentada em sua mesa acenou, indicando para aguardarmos. À sua frente, de costas para o vidro, estava uma mulher de cabelos longos, as madeixas douradas reluziam sobre as costas eretas.

Maria Cláudia se sentou, agora eu? Não consegui. A mulher em frente à religiosa, curiosa, deu uma leve inclinada com a cabeça.

Se não for a vigarista, deve ser sua irmã!

Embora os cabelos caindo ondulados pelas costas eretas fossem loiros, os óculos marrons, tão grandes, escondiam um pouco de sua face. Eu conhecia aquele perfil.

Na ansiedade que fiquei tornou-se impossível até respirar. Pelo vidro assistíamos a freira debruçando sobre a mesa, e suas mãos estenderam pedindo as da moça, que as segurou por alguns instantes e de repente ela se levantou. Pegou uma bolsa preta, combinando com o terno preto: saia e blazer, muito elegante, sobre a cadeira ao lado e a colocou no ombro permanecendo ali, de costas para o vidro.

Notava a tensão entre as duas trocando palavras, com um semblante de advertência a Madre acenava com a mão em direção à cadeira, claramente a aconselhava a voltar e se sentar. Em contrapartida, a mulher balançava a cabeça no sentido negativo, e gesticulava nervosamente com as mãos.

Fiquei em silêncio contemplando a silhueta, agora um pouco mais malhada, elegante, sensual e chegando na bunda, também mais empinada e muito atraente, eu parei por ali. Arrepiado e excitado.

“O porte físico, tudo bate!”, pensei com um puta ódio de mim, sentia mais mágoa do que raiva,

Colocando as mãos no bolso da calça avancei até o vidro, quase colando a cara nele a fim de averiguar melhor.

— Olha aqui pra mim! — pedi em voz alta, me esquecendo da Maria Cláudia.

— O que foi que disse? — indagou ela se levantando e se posicionou ao meu lado.

Ambos olhávamos para dentro da sala.

Capítulo Nove

SACHA

— Pelo amor de Deus, Madre, o homem lá fora não pode me reconhecer, eu preciso da sua ajuda para sair daqui — com meus olhos transbordando em lágrimas implorei, literalmente sufocada, colocando a bolsa sobre meus ombros.

Meu coração batia exageradamente forte, espancando minhas costelas, causando uma dor aguda. Tão descontrolado, ele subiu para a garganta, a deixando totalmente bloqueada.

— Acalme-se! — Pegando na minha mão, a Madre pressionou dando todo o seu apoio caloroso e necessitado.

Madre Aurora, hoje aos 78 anos era a superiora de todo o lar, esclarecendo melhor: desde quando tudo aqui era apenas um convento. Digo sem medo de errar: ela era a pessoa mais incrível que cruzou em minha vida. Conheci esse lugar na época em que a Mônica saiu de casa, e foi ela quem me acolheu de braços abertos com o seu amor incondicional. Alguém a qual poderei contar sempre. Nunca quis admitir o que estou prestes a dizer: a atenção disponibilizada por ela era superior à que recebi da minha mãe.

— Não dá... — justifiquei, sacudindo levemente a cabeça de um lado ao outro, tudo para não transmitir o quanto eu estava transtornada, em pânico, morrendo de medo. A verdade é que estava no pico do desespero imaginado uma suposta invasão na sala, para conferir meu rosto de frente. — Ele é um

dos membros da organização do Ivan; e se me descobrir, a essa altura do campeonato, estou perdida — confessei.

Assustada, seus olhos castanhos aumentaram dez vezes o tamanho normal.

— N-não me diga isso, minha filha! — ela cochichou.

A voz macia e pausada, saiu entrecortada junto a expressão amedrontada e superou a minha. Ameacei virar a cabeça, porém ela impediu esta minha ação desmedida.

— Resista de olhar para trás. — Pressionou forte a minha mão. — Mantenha-se firme assim de costas, e estará segura de revelar sua identidade. Seu novo visual está gerando dúvida nele. — Seus olhos correram discretamente sobre meus ombros. — Embora esteja quase com a face grudada no vidro, percebo o olhar de dúvidas dele sobre você.

Para garantir um maior anonimato, soltei da mão dela e joguei meus cabelos tingidos de dourados sobre os ombros, envolvendo meu rosto neles para me esconder. Porém, sem descansar os olhos agitados, eles observavam tudo à minha frente, buscando rotas de fuga.

— No banheiro, Madre! — falei rápido, estacionando os olhos na porta de madeira escura e fechada. — Há alguma porta por onde eu possa sair na lateral do prédio? Uma janela serve! — quase gritei esperançosa. — Sou ótima no quesito pular janela, muros... Tudo eu pulo. — A tensão era tamanha e não resisti jogar um pouco de humor. Uma característica minha quando ficava apavorada.

Ela riu desnorteada.

— Não, minha querida! Mas vá ao banheiro e se tranque lá e eu saio para conversar com eles. Enquanto isso vou pensando em uma maneira de te tirar daqui. — Orientou com toda sua calma rotineira, daquelas de aquecer qualquer coração.

Ela era aquele tipo de pessoa que a gente queria sempre ter ao nosso lado.

— Por que será que ele está aqui? — perguntei confusa.

Ela acenou de cabeça junto a levantada de sobrancelha.

— Deve ter algum parentesco com a senhora elegante ao lado dele, ela se chama Maria Cláudia Gonzaga, veio na intenção de adotar uma menina mais velha. Ah! Mas agora a coisa mudou de figura: se eles forem de fato quem você diz, uns bandidos inescrupulosos, jamais levarão alguma das minhas crianças — afirmou numa postura protetora, que eu amava de paixão.

Ela sempre cuidou de todos.

Terminado a frase alguém bateu no vidro, seu rosto enrugado e branquinho ganhou um rubor assustador, e eu prendi todo o ar em meus pulmões.

— Foi ele quem bateu?

Fitando-me atormentada, ela disse sim movendo a cabeça sutilmente.

Atormentada, era como eu deveria estar diante das circunstâncias. Mas não! As imagens nossas naquele hotel propagando em minha mente, me levavam ao caminho oposto. Suspirei sem notar.

Experimentar o homem e sua essência, depois ficar sem ele, foi a passagem só de ida para a depressão, quase desacreditei da vida. Quantas e quantas vezes me perguntava o sentido dela.

“Bloqueie o passado e tome uma posição urgente, Sacha!”, a voz gritava dentro da minha cabeça em alerta.

Sumir dali era mais do que necessário, porém, não conseguia mover um músculo. A verdade é que não desejava correr nem me esconder. Vivia um momento inusitado, sentia algo novo, um socorro promissor, uma esperança de sair do abismo.

Meu coração assumiu um ritmo quase alucinado, tamanha a vontade de virar a cabeça para trás e olhar, nem que fosse por apenas um segundo o rosto másculo e bonito dele. Nestes anos no silêncio, eu pensei nele cada minuto,

cada segundo. Sentia seu olhar em minhas costas, injetando sua energia poderosa, exatamente como sua pegada fenomenal.

Ah, como eu senti saudades deste homem! Depois daquela transa inesquecível ele se tornou parte de mim.

Estava viajando nele e tudo o que ele significou, e nem percebi meu suspiro novamente, e desta vez bem alto. Notando, a Madre manifestou sua preocupação.

— Será que a senhorita poderia retornar ao mundo real, por favor? — ralhou apertando meu braço.

Advertência oportuna, já estava delirando.

— Ah, desculpe! — Ri ainda em transe. — Devo estar maluca, é isso.

Seus olhos foram para o vidro com mais uma batida nele.

— Só um minuto, por favor. — Sorrindo forçado, ela deu com a mão livre. E então voltou a mim. — Você está maluca e meia, menina! É melhor se apressar — aconselhou muito insegura. — O homem está claramente impaciente e pode entrar aqui a qualquer momento.

— Não diga meu nome, por favor! — fiquei envergonhada de lhe pedir algo desta magnitude.

E para o meu martírio, a atingiu fazendo cara de choro.

Merda!

— Eu não posso mentir, Sacha! — rebateu em desaprovação.

— Mas pode omitir — sugeri comprimindo os lábios.

Ela soltou todo o ar dos pulmões.

— Darei o melhor de mim para despistá-lo. — Dizendo isso, ela me empurrou em direção à porta do banheiro. — Não abra a porta para ninguém, entendeu?

Eu só assenti e entrei voando no banheiro e tranquei a porta à chave.

— Ah, desculpem a demora, estava numa reunião complicada. — A voz tremida da Madre dava indícios preocupantes. Um perigo dela revelar o meu nome, já que ela nunca mentiu. — A senhora deve ser Maria Cláudia, certo?

— Eu mesma!

"Que tom de voz adocicado desta senhora", pensei, ansiosa para ouvir a voz dele. *Henry Mantovani!* A informação veio do pessoal do hotel onde fiquei hospedada. Para ele ter ido a minha caça, é porque deve ter ficado em maus lençóis com o Ivan, quando me deixou fugir sem deixar rastros.

— E eu sou o Henry Mantovani, muito prazer! — A voz grave e profunda ecoou pelos meus ouvidos, acarretando ondas de arrepios. A densidade daquela voz era tamanha que corriam pelo meu corpo como mãos exigentes. Fechei meus olhos para não me distrair, queria tudo, queria mergulhar naquele tom que sussurrou em meus ouvidos. Mesmo ele sendo quem era, plantou uma semente especial em mim, por isso era justo admitir que ele trouxe um novo sentido à minha vida. — A moça que a senhora estava conversando é a senhorita Tânia Souza? — indagou ele sem dar a chance de a Madre retribuir o cumprimento.

Gelei.

— Tânia Souza? — Fiquei confusa até me lembrar o documento falso, arranjado pela Jussara.

— Não, não. — O tom ainda não passava confiança. — Na verdade, não olhei no currículo dela. É uma candidata para uma vaga no hospital de um amigo. Veio por intermédio de um voluntário que costuma fazer generosas doações ao orfanato.

Engoli duro, aguardando a reação dele.

— Não gostaria de ser inconveniente, mas preciso insistir no nome dela. Ela lembra muito uma amiga, e fiquei curioso.

— Ai, meu Deus! — Agoniada e com o coração na boca, levei a mão a ela e apertei, orando para a Madre resolver.

— Talvez possamos conversar no caminho, aproveitar que as crianças estão todas unidas praticando esportes. Assim fica mais fácil para vocês conhecê-las num todo.

— Excelente ideia, estou muito ansiosa, Madre! — A voz adocicada assumiu a conversa.

Logo os ruídos dos passos se afastando trouxe um tremendo alívio ao meu corpo, coração e mente.

Meu Deus! Inspirando o máximo de ar a fim de expandir meus pulmões, escorei na parede e fechei meus olhos, refletindo sobre a minha vida. O rumo dela, e compreendendo o quão profundo era o meu pesar.

Não queria, mas fui obrigada a conviver com a herança deixada pela minha irmã e mãe que, aliás, sumiu no mundo. Corrigindo, ela desapareceu dois meses depois que saí da sua casa, aquela conversa absurda que tivemos no meu quarto permanece vivinha minha cabeça.

Onde já se viu uma mãe fazer o que ela fez comigo! Não existia explicação no mundo justificável ao tamanho do egoísmo. A vida me ensinou que o amor de mãe era mais forte que tudo, e este era o meu sentimento pela minha. Não era recíproco, estava ciente e mesmo assim, o meu amor por ela era maior do que tudo nesta vida.

Normalmente abraço de mãe era protetor, preenchia o coração do seu filho, expulsava a insegurança, o medo. O abraço da minha trazia o furacão no lugar da calmaria, mesmo me rejeitando após o acidente da Mônica, eu sempre esperei pelo próximo.

Desta vez, nem sei se vai existir outro com o seu desaparecimento. A realidade doía pra caramba! Sentia uma profunda tristeza e vazio.

Padecia tanto do conforto do seu abraço.

Conclusão! Eu estarei sempre ligada a ela com este meu amor incondicional!

Resolvi omitir sobre o Henry à Jussara, e não nos falamos mais. E uma semana depois de ter voltado para a mansão do Ivan, ele começou a ficar muito nervoso, o movimento pela propriedade intensificou. Notei a contratação de mais capangas, não sabia exatamente o que estava ocorrendo, mas pela tensão implantada ao redor, sabia que se tratava de algo muito grave. Liguei o "foda-se" e fiquei no meu canto até descobrir que morreria nas mãos dele ou viraria uma escrava. Diante da minha situação, arranquei coragem nem sei de onde e fugi, vim para cá e, como sempre, a madre Aurora me acolheu.

Nunca ninguém soube deste meu refúgio, nem mesmo a minha melhor amiga. E quando ela ligou no meu antigo número de telefone com a notícia da queda da organização criminosa do Ivan, eu comemorei. E a alegria foi ainda maior com seu pai sendo inocentado de um crime ao qual nunca cometeu. Lamentável!

Embora a fuga do Ivan do país fosse um empecilho à tranquilidade absoluta, vivi serena e em paz aqui no orfanato nestes últimos dois anos. E hoje eu estava aqui, me despedindo.

— Sacha, querida! — A voz da Madre batendo na porta do banheiro tirou-me dos meus devaneios. Abri-a rapidamente.

— Eles foram embora? — indaguei apavorada, esticando o pescoço para a porta que ela deixou aberta.

— Estão lá fora, precisa sair daqui imediatamente, querida.

Assenti a seguindo até sua mesa, abriu uma gaveta e tirou dela um envelope.

— Aqui está a sua carta de referência direcionada à Físio&Clin, uma clínica de referência em fisioterapia e redução postural, indicada pelo tal

diretor do Hospital Saint Germain, na Zona Sul de São Paulo.

O diretor ligou para a Madre se identificando como um visitante que esteve aqui no Dia das Crianças, oferecendo uma vaga de fisioterapeuta para mim. Disse ter assistido ao meu atendimento durante a sessão de fisioterapia a uma das crianças e ficou encantado com as minhas técnicas. Necessitada, não pensei duas vezes.

— Pelo menos uma vez na vida a sorte bateu em minha porta! — Suspirei agradecida.

— Você é merecedora, querida! — elogiou ela com um sorriso materno nos lábios.

Estava feliz pela oportunidade de buscar novos desafios, porém, com o coração apertado em deixar o orfanato para trás, a minha história estava toda aqui.

— Oh, minha querida, vem aqui! — Notando as lágrimas preenchendo meus olhos, fui envolvida num forte abraço confortador. — Eu gostaria muito que continuasse trabalhando aqui, mas conhece os problemas atuais, o quanto está complicado devido à crise no país. Fica tranquila, estarei aqui cuidado de tudo e sempre esperando você. — Assenti emocionada com sua voz embargada.

Afastei moldando seu rosto angelical entre minhas mãos.

— Eu compreendo, Madre. — Secando suas lágrimas com meus polegares, solucei muito emotiva e assustada em largar tanto para trás. — Dois anos isolada aqui dentro, agora me sinto indecisa em sair, sabe?

Balançando a cabeça em negativa, ela ria entre as lágrimas.

— Não tema, minha querida! — Ela me puxou para mais um abraço. — Dará tudo certo. — Nos afastou um pouco e agora segurava as laterais do meu rosto. — Eu tenho certeza de que até nesse novo trabalho você fará a diferença. É uma mulher forte, e ao levar sua experiência de superação aos

seus pacientes, os levará a acreditar em si próprios. Precisamente como fez em todo este tempo aqui no orfanato. Trouxe esperança e sorrisos aos rostos de tantas pessoas.

Grunhi rindo de todo seu carinho.

— Obrigada por tudo, Madre! — Trazendo seu rosto mais perto, beijei sua testa. — Transferi uma quantia considerável na conta do orfanato — avisei.

Descontente, ela balançou a cabeça de um lado ao outro em nítida reprovação.

— Não era necessário, Sacha!

— É necessário sim, senhora! Querendo ou não, sempre estarei contribuindo. — Cedendo, ela fechou os olhos por alguns instantes. — É a minha obrigação.

— Obrigada, minha filha! — disse trazendo suas mãos quentes ao meu rosto e sorriu com ternura. — Desejo toda a sorte deste mundo a você, tá?

Assenti respirando profundamente.

— Em todas as oportunidades de folga estarei aqui marcando presença. Eu prometo! — Afastei, focando em seus olhos castanhos transbordando de lágrimas. — Vou me encontrar com a Jussara em Alphaville e posteriormente ligo marcando a entrevista com a clínica — ilustrei meus planos.

Ela sorriu muito abatida.

— Vai logo, antes que o tal Henry Mantovani venha até aqui com a minha demora — alertou ela em um tom provocador.

Meu coração errou a batida com o nome dele, ergui as sobrancelhas muito, mas muito curiosa.

— Ele insistiu depois que saíram daqui?

— Muito, Sacha! — Soltou o ar simulando cansaço, acabei rindo do seu jeito maroto. — Ele está muito determinado, por isso aconselho a sair daqui voando se não quiser ser descoberta.

— Disse meu nome a ele?

Ela rosnou brava.

— Deveria! Mas não... até o momento da escapada para vir aqui libertar você, eu consegui desconversar. Agora vai logo! Some daqui, menina. — Deu um tapa leve na minha bunda.

Saí da sala rindo da brincadeira, chorando de saudades e morrendo de vontade de espiar o maravilhoso de beleza mediterrânea.

Chegando à varanda, meus olhos o encontraram na quadra jogando bola com a Lívia, de seis anos. Curiosas, várias outras crianças se aproximavam dele. Escondi atrás de uma coluna de concreto espiando sua desenvoltura com os pequenos, todos empolgados. Sua atenção foi para a Júlia, da mesma idade da Lívia, a sapequinha gargalhava tão bonitinha.

Ele é tão bonito! Sorri fascinada, observando aquele homem imponente, elegante dentro de um terno preto, ajustado maravilhosamente ao corpo atlético, agora jogando bola com o Gabrielzinho. Suspirei emocionada à sua atenção com o pequeno, que, aliás, dava um show de habilidade no drible com a bola com apenas um ano e três meses. Envolveu-se tanto com o Gabrielzinho a ponto de pegá-lo em seu colo, e espontaneamente aplicou um beijo na bochecha rosada de suor.

Um gesto especial para um homem com ar tão arrogante, e ocasionou a ciumeira da Isadora, prestes a completar 8 anos, ela era muito apegada com o Gabriel e excessivamente amada. Bem, todas as crianças eram muito amadas e bem cuidadas neste orfanato.

— Agora é a minha vez, tio! — já vestida em seu uniforme escolar, aguardando a van escolar que a levaria para uma escola particular na cidade, gritou ela abraçando aquela perna musculosa que eu tive o prazer de conhecer bem de perto.

Meus olhos se concentraram na região do seu instrumento maravilha, e claro! Minha boca encheu de água.

— Toma seu rumo Sacha, e chispa logo daqui mulher! — adverti a mim mesma.

Pena que ele não vale nada...

Desolada, porém, confiante na madre Aurora em proteger as crianças, entrei pela porta de aço que uma das freiras acabava de abrir.

Caminhei apressada pelo salão deserto e saí pela porta em busca de um novo recomeço, e sem a presença da máfia desta vez.



Assim que o táxi deixou a Rodovia Castelo Branco, pegando a via principal de Alphaville meu queixo caiu, literalmente. Era mais bonito do que ouvi falar, a avenida provém de toda infraestrutura como bancos, shoppings, restaurantes, etc. Além de edifícios fantásticos de alto padrão. Tudo muito elegante e moderno.

Hora de avisar a Jussara que estou nas intermediações. Peguei o celular novo dentro da bolsa e disquei seu número. Eu não avisei que viria.

— *Alô!* — sem conhecer o número novo, ela atendeu com aquela voz arredia.

— Dou apenas um segundo para adivinhar quem está aqui do outro lado da linha.

Um suspiro surpreso foi ouvido e meu coração acelerou, emocionado. Sensível, comecei a chorar, aliás, eu vinha chorando à toa.

É a carência!

— *Eu não acredito, minha amiga linda!* — Ela soluçava junto comigo e o motorista observava meu estado emotivo pelo retrovisor. Eu acho que notei

os olhos negros úmidos. — *Não creio que finalmente você ligou, aliás, eu te odeio por nunca me informar o endereço da sua moradia e esconder de mim o que aconteceu naquele dia na festa.*

Sem conter toda aquela emoção, eu desabei geral. Jussara representava amparo, hoje, não havia outra pessoa com quem contar.

— Vamos pular esta parte e concentrar no que é mais importante, Ju! — solicitei sem arrependimentos. Esta coisa de segredos existia em nossas amizades, principalmente dela com a Mônica. — Estou neste instante dentro de um táxi, e aqui pertinho de você.

Ela sorriu alegremente, me fazendo rir também.

— *Jura?*

— Juro por Deus! — Por pouco não cruzei os dedos sobre a boca como fazíamos no passado, percebendo os olhos curiosos do motorista de olho na minha conversa.

— *Vou te dar o endereço da casa do Marcelo e da Carol, estamos todos aqui reunidos no chá de bebê deles.*

— Aí! Será Ju? — Entrei numa dúvida profunda.

Não estava ainda familiarizada com a vida livre, real, ainda mais me envolver numa reunião familiar.

— *Relaxa, Sacha! Eles são gente de verdade, pessoas maravilhosas, vai se amarrar, eu garanto.*

— Tudo bem então! Manda o endereço por mensagem neste número, por favor.

— *Um minuto e você recebe, até daqui a pouco.*

Ela não cumpriu a promessa, na verdade superou. A mensagem entrou em dois segundos, passando o endereço ao motorista, recostei no banco analisando a paisagem ao redor e encantada com o bairro. Concordava com a Jussara quando ela dizia que Alphaville era um bairro nobre do município de

Barueri. O endereço fornecido era de um condomínio espetacular, lindas mansões nas ruas arborizadas, fornecendo uma sombra agradável onde um cãozinho relaxava embaixo de uma frondosa árvore.

— O sol hoje está tão quente, que nem o cachorrinho aguentou! — comentei.

O motorista concordou de cabeça, estacionando em frente a uma fantástica casa branca com uma jardinagem à frente, de cair o queixo.

— O sol está judiando, moça! — ressaltou e desligou o motor do carro.

— Nossa, a casa é linda!

— Aqui por essas bandas tudo é perfeitamente lindo, moça.

Acenei de cabeça com um sorriso orgulhoso da minha amiga.

Tão logo efetuei o pagamento pela corrida, a grande porta se abriu e Jussara surgiu com seu sorriso brilhando desenhado nos lábios perfeitos dela. Os cabelos lisos e negros continuavam invejáveis, e estava show vestida em uma mistura de peças clássicas e informais. A calça jeans escura, uma camiseta branca por dentro, um casaco azul Royal e o toque final era a sandália de salto alto e largo em jeans.

— Meu Deus, Sacha, como você está linda! — Ela veio correndo e o detalhe: braços escancarados. Caí neles com vontade. — Que saudades! — sussurrou ao meu ouvido.

Suas mãos quentes perambulavam livremente por minhas costas.

— Imagina eu! — A apertei mais em meus braços — É tão bom estar aqui contigo, Ju!

Eu solucei, e agora ela quem me apertou e permanecemos ali, trocando aquele sentimento de saudades. Cada uma de nós sofríamos em nossas proporções.

— E a sua mãe? — perguntou se afastando e repousando as mãos nos meus ombros, seus olhos inundados zanzavam em meu rosto, cada canto

dele. — Tem notícias dela?

— Nada! — o que eu resumi em palavras, expus em lágrimas, aliás, nem seria necessário dizer mais nada, pois todos os meus sentimentos, anseios e dores estavam ali, estampados nos meus olhos, como o ditado: O espelho da minha alma.

— Eu sinto muito mesmo! — disse coberta de sinceridade e me puxou para mais um abraço. — Pelo menos sabemos que ela não caiu nas garras do Ivan — comentou num tom incerto.

— Tenho plena e absoluta certeza de que pelo menos livre dele, ela está — confirmei apartando e a encarei. — Logo quando fugi da casa do Ivan, eu liguei avisando sobre a minha peripécia. Eu morreria se ficasse... — funguei magoada relembrado as palavras mesquinhas, agressivas usadas por ela. — Ela xingou horrores antes de mandar eu me cuidar.

Minha amiga chorou por mim.

— Não precisa chorar, Jussara! Eu já me acostumei a barreira imposta por minha mãe.

A mais pura verdade.

— Você é alguém muito especial, sabia? — Mais um abraço, e ali em seus ombros eu desabafei toda a minha dor.

— Jussara? — Ergui meus olhos e fiquei hipnotizada na figura masculina e sexy dentro de uma calça e camisa preta saindo pela porta, vindo ao nosso encontro. *Uau!*

— É o Marcelo — comentou ela baixinho e se virou atendendo ao seu chamado.

— Convide a sua amiga para entrar. — Embora o sorriso despontando de seus lábios fosse meio arrogante, o convite soou educado.

Fiquei até sem jeito encarando o par de olhos cinzas.

— Já estamos entrando, Marcelo — informou ela. — Esta é a Sacha, minha amiga — apresentou-me.

Embasbacada nele e o comparando ao Henry, já estendi minha mão oferecendo o cumprimento.

Sorriso imperioso, olhos lindos de lascar.

— Como vai, Sacha? — Muito cordial, ele segurou e apertou com firmeza, trazendo as recordações daquele quarto de hotel. *Acho que os dois estudaram na mesma escola de sedução.* Pois tanto a beleza como as atitudes eram semelhantes demais.

Fiquei balançada.

— E-eu estou ótima, obrigada!

— Sua amiga chega e você nem avisa, Ju! — Agora saía pela porta uma moça grávida, cabelos cacheados nas pontas, rosto levemente maquiado... Belíssima! — Muito prazer, Carolina. Carol para os mais próximos — completou sorridente e me surpreendeu ao beijar minha face, como se fôssemos íntimas.

— Sacha! — me apresentei quando ela afastou.

— Vamos entrar? — convidou ela, ganhando o braço do Marcelo ao redor da sua cintura.

— Obrigada. — Eles caminharam abraçados na frente, eu e a Jussara um passo atrás.

— Amiga, não comentou como este Marcelo é gato — inclinando a cabeça, cochichei ao seu ouvido.

— Demais! — disse naquele tom todo assanhado.

— Acho que podemos começar a abrir os presentes, já estamos todos a postos. — Uma senhora elegante surgiu no hall, logo quando atravessamos a porta.

Nossa! O hall todo em mármore com aparador e vasos dourados, combinando com o lustre de cristais descendo do pé-direito alto era um espetáculo, imaginava as outras dependências da casa.

— Tenha paciência que ainda falta o Guilherme e o meu pai — anunciou Marcelo. E virou o pescoço para trás. — A casa é sua, Sacha, sinta-se à vontade.

Acenei movendo a cabeça em agradecimento e ele cruzou a porta com a esposa, onde presumi ser a sala. E neste momento uma garotinha de cabelos dourados e cacheados na ponta surgiu no hall, nos interceptando.

Nem precisei perguntar quem era, a semelhança entre as duas era nítida.

— Mamãe, o que você comprou de presente para o filho da Carol e o Marcelo? — perguntou pulando no colo da Jussara.

— É surpresa, minha filha — respondeu Jussara colocando os cabelos tampando os olhinhos, atrás da orelha. — Diga oi para a Sacha, ela é a amiga da mamãe, Yasmim.

A menina linda me olhava interrogativa.

— Oi, Sacha! — Obedeceu e impulsou o corpo para descer.

E assim que a Jussara a colocou no chão, ela correu para a sala. Dali do hall ouvia os risos alegres vindos de lá.

— Me desculpa! Ela é a mais entusiasmada com este chá de bebê.

Ri, compreendendo muito bem.

— Já começou a abrir os presentes? — perguntou aquele homem estiloso, de aproximadamente sessenta e poucos anos entrando no hall, e beijou a face da Jussara.

Gostei do tipo despojado: barba longa e usando um terno elegante.

— Atrasamos com a reunião e viemos voando. — Um homem atraente, também vestindo terno, entrava e beijou a face dela. Forçava minhas lembranças contemplando o familiar rosto marcante e olhos esverdeados.

— Ainda não, Guilherme, estão esperando por vocês — informou ela e me olhou com preocupação. — Deixa apresentar a minha amiga, Sacha.

Ambos me cumprimentaram e adentraram a sala, e quando Jussara tentou escapar das minhas perguntas, avançou o passo, eu segurei em seu braço a trazendo de volta.

— É ele, não é? — indaguei muito confusa.

Aflita, apertou os olhos.

— Sim — disse apenas aumentando a minha curiosidade.

— Ele sabe quem é você?

— Não. — Ela negou de cabeça. Sentia seu tremor embaixo dos meus dedos. — Ninguém sabe, e gostaria que continuasse assim — exprimiu ela, apavorada.

— Entrou na vida deles com este segredo, amiga?

Ela deu de ombros, mas percebi seu esforço para não chorar.

— Olha só quem fala de segredos! — Se postando à minha frente me encarou séria. — Foge deixando a gente no vácuo, sem notícia, sem nada e agora volta e ainda quer me cobrar!

Eu negava com a cabeça, inconformada, mas sem odiá-la.

Ela estava coberta de razão, mas eu gostaria de tomar um novo rumo na minha vida. E para isso teria que viver de maneira mais clara, poder trazer o meu passado para viver o presente, e conseguir um futuro brilhante, calmo e verdadeiro.

— Fugi pela minha sobrevivência. Entretanto, hoje não é dia nem hora para falarmos sobre este tema. Sobre a cobrança! Não, não estou cobrando nada e nem julgando você. E nem posso, porque eu sei que cada um tem seus motivos, certos ou errados, cada um de nós temos o nosso. Tem toda razão.

— Obrigada. — Seus dedos se fecharam em um braço. — Vamos entrar.

— Agradeço pelo convite e apoio! Eu posso te compreender, porém, compactuar com você, negativo.

Seus lábios se abriram em arrependimento.

— A gente se vê em breve, tá? — Pressionei meus lábios em sua bochecha quente e me dirigi à porta.

— Vai para onde, Sacha? — Parei e respirei fundo, sem uma resposta.

— Eu ligo para você quando me ajeitar — proferi saindo rapidamente e fechei a porta.

Ela ainda tentou correr atrás de mim, não adiantou. Estava decidida a seguir em frente sozinha e de cabeça erguida. Esperançosa de conseguir o emprego. Caminhei mais de um quilômetro até a portaria, e quando peguei meu celular para chamar um táxi, o número da Madre apareceu na tela.

Meu estômago se contorceu de medo, e tremendo dos pés à cabeça, atendi rapidamente, na minha cabeça só passava notícias horripilantes.

— Madre, aconteceu alguma coisa? Ele descobriu sobre mim e...

— *Relaxa, querida! Eles já foram embora e está tudo em ordem, contornei toda a situação, acalme-se.* — Eu respirei aliviada por confiar cegamente nela. — *Você já está em São Paulo?*

— Cheguei há algum temp... — Ela me interrompeu esbaforida.

— *Então corre, eles têm urgência para preencher a vaga e ligaram aqui perguntando sobre você. Vá rápido, senão perde a vaga, e não é difícil, com o salário fenomenal oferecido.*

Fechei meus olhos por um instante e agradeci! Ali era uma prova de que o Universo conspirava a meu favor.

— Estou a caminho, Madre! — Para não perder tempo, desliguei imediatamente e chamei um táxi.

A clínica ficava nas imediações do Parque Ibirapuera, eu esperava ser atendida por um homem de idade, sendo o dono da conceituada Clínica de

Fisioterapia, e não por este homem lindo, Filipe Boaventura foi o nome que me foi apresentado. Sentado na cadeira de frente, lendo o meu currículo e a carta de apresentação, eu examinava o rosto bem masculino de traços fortes e barba grossa, aparentando ter trinta anos no máximo. Curiosa, travei os olhos por um segundo no peitoral forte, que o jaleco branco desabotoado, revelava.

Sorri quando o olhar penetrante abandonou as folhas sobre a mesa e parou nos meus.

— Com este seu ótimo currículo e a recomendação, há grandes possibilidades de ficar com a vaga. — Levantou-se. — Agora vamos a entrevista com o paciente, e não tenha receio, pois ficarei alguns dias em atendimento com você, até pegar o jeito.

— Agradeço pela oportunidade! — agradeci enquanto me levantava.

— Só preciso de mais algum tempo a fim de finalizar o atendimento de alguns pacientes. Enquanto isso a senhorita pode aguardar na recepção.

— Sim, claro! — Saí da sala e segui para a recepção.

Recepção sem cara de recepção, assim eu descrevia o ambiente luxuoso e agradável, repleto de plantas: a decoração consistia em sofás claros e tons avermelhados, o balcão de atendimento de madeira era curvo.

Procurei me sentar na ponta, a fim de ficar mais próximo à porta por onde o Filipe sairia. Imediatamente arrastei mais para o meio do estofado, dando lugar a um rapaz alto, olhos e cabelos escuros, sorrindo com simpatia entrando na clínica com a ajuda de uma muleta.

— Obrigado pela gentileza.

— Imagina! — Sorri ao seu agradecimento.

— Puxa! Este método é muito interessante — comentou ele lendo um encarte em suas mãos.

Curiosa, estiquei o pescoço a fim de bisbilhotar, no entanto não houve necessidade, ele continuou explicando.

— Você é paciente? — perguntou.

— Não, não! Vim para uma entrevista — respondi.

— Este encarte destaca sobre uma pesquisa com tecnologia, uma técnica alternativa. É muito interessante, e deve ser para você também. Uma profissional da área, presumo.

— Sim, sou fisioterapeuta e já ouvi falar sobre este estudo.

— Tenho dois aqui, pode ficar com um, de repente se interessa em se aprofundar no assunto.

Filipe me chamou no exato momento em que peguei o encarte de sua mão.

— Obrigada. — O guardei em minha bolsa.

— Não por isso!

09

Em menos de meia hora estávamos a caminho do endereço, e não demorou mais do que vinte minutos, ainda considerando o tempo perdido no trânsito de São Paulo. Logo quando entramos no bairro Jardim Paulista, percorremos algumas ruas arborizadas, estritamente residencial.

— Nem parece que estamos na fervorosa e agitada cidade de São Paulo — comentou Filipe.

— Realmente, aqui é um sossego! — respondi olhando a paisagem passar lentamente pela janela. Ele fazia de propósito, notando o quanto estava admirada, na verdade, estava pensando na minha nova vida. Tomara que dê certo, aqui nesta região tranquila será um bom começo. — Aliás, perfeito para quem busca um lugar tranquilo para morar.

Havia guaritas de segurança em todos os pontos estratégicos, dando uma sensação de segurança. E então, estacionou em frente a um portão de aço de

um imóvel de muros altos com frente para duas ruas e abriu a janela do carro sedan de luxo preto.

— Boa tarde, Sr. Filipe Boaventura! — Uma voz grave ecoou, logo a seguir o portão se abriu dando passagem ao veículo.

Não contive o suspiro ao cenário verde do amplo quintal, lindo, lindo! O jardim era inspirado naqueles dos bairros londrinos, beleza de encher os olhos.

Ele acenou com a mão para um homem, alto e loiro, vestindo um terno preto saindo pela porta da guarita que, ao meu conhecimento, era blindada. Seguimos a trilha toda em pedras, contornando um jardim fantástico, e parou em frente à ampla varanda.

— É de tirar o fôlego! — comentei.

Rindo, ele desligou o motor do carro e virou o rosto, exigindo meu olhar. Corei surpreendida com eles em meus lábios.

— Não conhecia São Paulo? — indagou, subindo lentamente até meus os olhos.

— Só de passagem! — menti.

Ele ergueu as sobrancelhas de imediato, demonstrando tom de interesse.

— Teria um grande prazer em apresentar a cidade — insinuou.

— Com tanto a ser resolvido, não creio que terei tempo para este passeio.

Um sorriso constrangido plantou em seus lábios.

— Ah, desculpa! — Levei minha mão a dele no volante.

— Tudo bem! — Superou rápido, abrindo um sorrisão escancarado e leve enquanto desatava o cinto de segurança. — Caso mude de ideia, eu estarei à disposição. — Abriu a porta e desceu ligeiro.

Um gesto bruto, eu diria, ao fechar a porta exercendo certa força deixou claro seu grau de chateação.

Desci em seguida, e logo a grande porta foi aberta por uma mulher alta, cabelos negros e lisos na altura do ombro. Vestida num terno cinza claro de saia, ela acenou em nossa direção, Filipe emparelhou comigo andando no meu passo e inclinando a cabeça, cochichou no meu ouvido:

— Só para deixar você mais tranquila, todos nesta casa são muito educados e tratam bem os funcionários, porém, são pessoas de poucas palavras. Quando permanecerem muito tempo trancados conversando, não estranhe, é muito comum por aqui. E devo alertá-la sobre o filho, ele não chega a ser uma pessoa mal-educada, embora possa parecer com a forma de ser e agir. Muito atarefado, ele é daqueles de apenas bom dia, boa tarde e boa noite, e sempre num tom autoritário.

Estremeci um pouco com a informação e com o rosto do Ivan habitando minha mente, mas logo relaxei.

Esquece, Sacha! É uma hipótese remota. Pode ser autoritário, mas não mau-caráter! Seria muita falta de sorte as duas personalidades agregadas.

— Sei muito bem lidar com pessoas imperiosas, não se preocupe comigo — respondi, confiante que daria tudo certo. Não havia escolhas, precisava da vaga, desta vaga!

Ainda não sabia exatamente do valor, no entanto, esperava uma montanha de dinheiro levando-se em conta a forma como a Madre falou sobre o assunto. Principalmente agora, que dispensei a ajuda da Jussara.

Preciso de um cantinho só meu!

— Bom dia, senhora Valentina! — cumprimentou Filipe estendendo a mão.

Esboçando um singelo sorriso, a mão delicada da mulher, de postura muito ereta, segurou firme na dele.

— Bom dia, meu jovem! — retribuiu e logo lançou me um olhar indagador. — Você deve ser a fisioterapeuta? — perguntou largando a mão

do Filipe e estendendo à minha frente.

— Exatamente! — Apertei com firmeza transmitindo segurança. — Prazer, Sacha Ortiz.

— O prazer é todo meu, Sacha! — Sorriu muito simpática. — Sou a governanta da residência, entrem por favor. — Afastou para o lado, dando-nos passagem. — Vou levá-los até o escritório. Aliás, o Sr. Stone está ansioso pela chegada de vocês.

— As dores nas costas pioraram? — Filipe comentou enquanto ela fechava a porta.

Não querendo ser indiscreta, rolei meus olhos pelo ambiente iluminado e sofisticado. Os móveis ocupavam harmoniosamente o espaço ao redor da suntuosa escada de granito branco, posicionada no centro da sala. As grandes janelas rodeando o ambiente garantia luminosidade natural e a linda vista do jardim.

Espetacular!

— Indisciplina total. Obcecado pelos negócios, ele acaba não levando o tratamento de fisioterapia tão a sério — delatou ela caminhando pela direita, onde no final havia uma porta de madeira clara, tão grande quanto a porta social em que entramos. Eu e Filipe a seguimos. — Espero que desta vez ele cumpra corretamente.

Nos acomodando no escritório, pediu para aguardarmos em poltronas confortáveis de couro bege, um escândalo de lindas, e saiu da sala.

— O que eles fazem? — questionei, dando uma geral no escritório.

Como a sala, era iluminado e pela janela, de parede a parede, via o jardim em sua amplitude. E o detalhe: possuía uma porta de vidro de correr e além dela, um amplo terraço mobiliado, convidativo para um bom descanso.

— São investidores e dos fortes — disse apenas porque logo a porta se abriu e surgiu por ela um senhor de cadeiras de rodas.

Vestindo um agasalho preto com listras brancas, ele se aproximou com um largo e gentil sorriso.

— Se ela tem competência em fisioterapeuta não posso afirmar, no entanto, bonita é demais... — até no som brincalhão, ele demonstrava ser um cavalheiro, e por esta razão não me ofendi e nem estava em condições para tal.

Levantei rapidamente. *A verdade é que gostei dele!*

— Grata pelo elogio, senhor — me aproximei oferendo um cumprimento. Ele acatou segurando em minha mão, e sem soltá-la, movia os olhos claros pelo meu rosto com atenção, me intimidando um pouco. Mas não podia dar mole. Demonstrei toda segurança possível. — Além das experiências, o senhor pode confirmar no currículo, estão todas relacionadas — Filipe avançou e lhe entregou o envelope, só assim sua mão soltou da minha e seus olhos se concentraram na abertura do envelope. — Investi até o que não tinha em busca de novos conhecimentos.

Erguendo as sobrancelhas, eu presumi que aquela expressão seria de admiração enquanto lia meu currículo.

— Para ser sincero, não estava animado em tentar outro tratamento aqui em casa, mas diante de suas habilidades incríveis, mudei de opinião. — Ergueu os olhos e sorriu satisfeito. — E, somando ao fato de a senhorita ter sido muito bem recomendada, vou até dispensar uma entrevista mais minuciosa. — Abriu os braços movendo os ombros. — Só depende da senhorita... — pausou recolocando os olhos no currículo procurando meu nome.

— Sacha Ortiz — o ajudei.

— Belo nome! — elogiou.

— Obrigada — agradeci.

Este senhor me conquistou com sua educação e gentileza.

— Então, Sacha, como estava dizendo: a sua contratação está em você aceitar o salário. Só um instante. — Seus olhos foram ao Filipe. — Poderia pegar aquele contrato sobre a mesa do meu filho, por favor, Filipe! — pediu apontando o indicador. A mesa, uma daquelas em madeira e ondulada, muito elegante como tudo ao redor.

— Claro!

Caramba! Não foi possível conter o susto, alegria nem sei o que sentia. Assim que Filipe entregou o contrato em minhas mãos a pedido do Sr. Stone, e meus olhos botaram naquele número enorme, eles aumentaram dez vezes o tamanho com um reboliço enorme em meu corpo num todo, externo e interno: meu coração disparou a ponto de perder o ar, eu tremia de ansiedade, misturada à emoção. Ali estava a minha chance de mudanças. Certamente, um recomeço.

Eu não só gostei dele, eu amei ele!

— É o suficiente para aceitar o desafio, senhorita Sacha Ortiz? — perguntou o Sr. Stone.

Voltei ao contrato para conhecer seu nome completo, Adam Stone.

Meu cérebro entrou em ação com aquele nome. *Já o ouvi em algum lugar.*

— Se desejar, posso dar início ao trabalho neste instante! — segurando o riso de felicidade eterna, respondi sem delongas.

— Senhora Valentina? Poderia me dizer onde encontro o meu pai?

Minha alegria tomou um outro rumo àquela voz, rouca e profunda, soando como uma bomba detonando.

Estou delirando, ouvindo coisas! Balancei a cabeça para mandar aquela ideia absurda para o espaço.

— Ele está no seu escritório, entrevistando a fisioterapeuta, senhor Henry.

— Obrigado. — Eu quem fui literalmente lançada ao espaço ouvindo-o.

Aquele tom forte, mandão nunca saiu da minha cabeça. Instantaneamente minhas memórias e meu instinto de sobrevivência despertaram. Desequilibrada emocionalmente, eu mal respirava.

Pera, pera! Deixa coordenar as ideias dentro da minha cabeça. Agora recordava de onde ouvi o nome Adam Stone: ele era o dono do hotel de Belo Horizonte e responsável por montar a emboscada que derrubou toda a organização do Ivan. *Céus! Bandido ferrando bandido para ganhar território, só pode. Jesus, que sina esta minha! Saí do epicentro de uma família mafiosa para entrar em outro. Deus me livre!*

Desesperada e nervosa, eu comecei a tossir com o meu coração subindo pela garganta, me sufocando.

— Você está bem, Sacha? — Filipe batia nas minhas costas a fim de acudir-me.

Estou ferrada! Estava me borrando de medo, assistindo a porta se abrir.

— Com licença, pa... — Pausou com a mão enorme, cheia de veias evidentes, na maçaneta da porta.

Sem condições alguma de respirar, enfrentava seus olhos apertando, ejetando faíscas.

— Eu avisei sobre o cara não ser de bem com a vida! — curvando a cabeça, Filipe cochichou em meu ouvido, sem tomar ciência do meu nervosismo à presença inesperada.

Lindo, lindo de viver dentro daquele terno preto e camiseta branca. Ele era elegante e despojado ao mesmo tempo. *E estes cabelos!* Na altura dos ombros, estavam enervantemente desalinhados.

Seus olhos verdes estreitos cintilando, desenhavam uma expressão intransigente, rigorosa e eu deveria reagir com pânico e isso não acontecia. Além de transmitir poder, era sedutor e charmoso. Em todo o contexto, a personalidade me atraía exageradamente. Meu coração, transbordando de um

sentimento intenso, não estava nos meus planos. Aliás, tudo provindo dele era intenso! Indiscutivelmente, ele era o homem mais lindo que eu já vi em toda minha vida. Impregnou nela e a revirou, deixando-a mais bagunçada.

Até poderia ser o príncipe se não fosse parte da organização criminosa. *Investidores!* Ria por dentro, indignada. *Infelizmente ele é o meu maior pesadelo.*

E agora? Como poderei lidar com esta tragédia declarada? Pesadelo ou não, mafioso ou não, o dinheiro do salário era muito, muito importante.

Diferente do que imaginei, o Universo conspirava sim, mas era contra mim!

Capítulo Dez

HENRY

"Caralho!", praguejei irritado, pressionando meus dedos na maçaneta da porta.

A atração que sentia por essa mulher tinha um poder quase sobrenatural sobre minha pessoa. Algo desconhecido! Vasculhando canto por canto dela, acarretava uma explosão de sentimentos e desencadeava uma desordem generalizada dentro de mim. A mão direita, e muito delicada, segurava firme na gola do casaco na intenção de esconder o tremor nela. Fracassou! Ela tremia, nitidamente, assim como seus lábios grossos, entreabertos. O decote do casaco preto valorizava, covardemente, seu colo e os seios fartos se exibindo, além de alongar a silhueta feminina. *Gostosa da porra!* — Engoli forte com a boca cheia de água imaginando os saboreando. Foram dias seco de vontade deles, revivendo aquela noite no quarto do hotel. Os cabelos, agora mais longos e dourados, exaltavam uma pele mais brilhante e macia sob a leve maquiagem.

E estes óculos? Agregavam satisfatoriamente ao rosto magnífico, davam um ar mais sério, seguro. *É inacreditável como a mulher é habilidosa!* E tão bela a ponto de balançar as estruturas do cidadão aqui. Uma barbaridade, para alguém equilibrado como eu, tudo na minha vida era extremamente calculado, e esta vigarista detonou com tudo.

A merda era o meu coração batendo descompassado, ele nunca bateu tão rápido como acontecia com essa dona. E isso não podia acontecer. Era um

perigo iminente.

Ela, aqui na minha casa reforça as minhas suspeitas: ela faz sim, parte da quadrilha dos gangsters. É uma vadia espiã! E uma providência urgente é crucial a fim de precaver desta desqualificada causar danos sérios à minha família!

— Chegou em excelente hora, filho. — A voz do meu pai não foi o suficiente para conseguir desviar os olhos dela, me olhando com temor, como se eu fosse o selvagem predador faminto que iria devorá-la. — Quero te apresentar minha nova fisioterapeuta, a senhorita Sacha Ortiz.

Com o medo quase palpável, ela fechou os olhos de imediato e respirou fundo, o movimento revelava mais dos seios fartos, quase explodindo pelo decote.

— Sacha Ortiz? — joguei meu melhor tom irônico, a fim de esconder meu estado estranho.

— Eu estarei coordenando o atendimento por algum tempo, até a senhorita Sacha se adaptar adequadamente.

— É mesmo? — ainda focado nela, ali em silêncio pronunciei cinicamente. E largando a maçaneta, caminhei em sua direção.

Ao primeiro passo, o rosto belo ganhou um rubor intenso. Parei bem rente ao corpo e balancei ao perfume floral e confesso: abundantemente excitante.

— Henry Mantovani Stone — ofereci o cumprimento. Seus olhos desceram a minha mão enquanto engolia duro. — É um grande prazer, senhorita SA-CHA OR-TIZ! — soletrei em alto e bom tom.

Seus olhos, acompanhando o vermelho do rosto, subiram defrontando os endiabrados meus. Apertei-os num tom ameaçador e ela entendeu o recado, pegando na minha mão.

O seu calor deixou todos os pelos do meu corpo em pé. Fui arremetido ao quarto do hotel, sentindo o tesão quase selvagem se apoderar de mim, com os

pensamentos eróticos vindo em avalanches. Ela também estava claramente afetada, o suor escorrendo da testa era o indício, descia pelo rosto, pescoço e por entre os seios. O calor todo só deveria ser de nervoso, e o meu era a vontade dela degustar do duro latejante, exatamente como ela fez em nosso último encontro.

Me arrepiei todo com a imagem dela ajoelhada o engolindo com propriedade. Suspirei, ainda podia sentir o calor de sua boca nele. Um boquete como nenhuma outra mulher fora capaz de executar.

Senti o impulso de puxá-la contra meu corpo e segurei a insensatez.

— Muito prazer! — a maciez do tom de voz tremida, atingiu meu coração.

Ele parou de bater por um segundo.

— Já que chegou, vou liberar o seu escritório — interferiu meu pai. — Filipe e senhorita Sacha, me acompanhe até o meu escritório, por favor. — E saiu com sua cadeira de rodas, quando Sacha tentou soltar da minha mão.

Eu segurei forte, a impedindo.

— Poderia soltar da minha mão, por gentileza! — sua exigência saiu baixo.

Eu neguei movendo a cabeça levemente, e a pendi em direção ao ouvido.

— Ainda não! — sussurrei, sentindo o tremor de suas mãos presas à minha. — A senhorita Sacha vai daqui a pouco, posterior a minha entrevista — avisei. — Como ela vai frequentar nossa casa assiduamente, e cuidar do bem-estar do meu pai, é necessário conhecê-la melhor.

— O que está acontecendo, Henry? — surpreso à minha atitude, meu pai questionou.

Larguei da mão vibrando, e me virei de frente.

Os dois pares de olhos interrogativos estavam sobre mim.

— Pai, segurança nunca é demais — ressaltei, deixando-o meio abobado.

Os olhos de Filipe recaíram sobre Sacha, virei o meu rosto, queria presenciar mais seu semblante apavorado. Ela tentava, porém, falhava em manter uma expressão rígida.

— Está tudo bem — afirmou ela. — Daqui a pouco eu me junto a vocês.

Ainda preocupado ele assentiu, e junto com o meu pai deixaram o recinto.

Num relâmpago girei nos calcanhares e catando seu braço, a empurrei lentamente em direção à parede atrás dela.

— O que pensa que está fazendo? — a pergunta saiu em tom de protesto.

A cabeça levemente arqueada dava plena visão de sua face em pânico. Seus olhos azuis, arregalados sob os óculos, e seus lábios grossos entreabertos, expelindo o hálito quente e adocicado, me deixaram louco, desejava beijá-la.

— A interrogação tem de partir de mim! — Ela arquejou quando suas costas chocaram a superfície sólida

— Quer fazer o favor de me largar! — exigiu furiosa.

Preocupado em estar machucando, afrouxei ainda mais os dedos. Porém, segui firme no interrogatório.

— Não antes da senhorita me dizer a quanto tempo está me seguindo? O quer de mim?

Ela balançou a cabeça se fazendo de desentendida.

— O que?

— Não se faça de inocente, Sacha Ortiz! Ou o nome no contrato é falso, hein? — Seus olhos minavam à medida que eu explanava. Fiquei incomodado, no entanto, recuperei o equilíbrio. “Desta vez a vigarista não me passa a perna!”. — A Madre do Orfanato é uma cumplice, ou ela também está sendo enganada por você?

— Que absurdo! — ela retrucou sacudindo a cabeça. — Me solta! — mandou agarrando minha mão.

Soltei seu braço, entretanto, subi as mãos moldando sua face e a trouxe para mais perto.

Ambos respirávamos o mesmo ar.

Estava ciente da sua falsidade, mas a bandida era boa na representação. Ela realmente transparecia estar ofendida.

— Chegou antes de mim no orfanato e agora aqui, na minha casa. Veio fazer a limpa antes que eu chegasse, esta era a sua intenção?

— Nossa, como você fantasia! — Jogando a cabeça suavemente para trás, ela preencheu o ambiente com sua gargalhada inconformada e veio me encarar. — Está assistindo muitos filmes de ficção, moço!

— Realidade, minha cara! — ela grunhiu abusadamente revirando os olhos — Vindo de você todo cuidado é pouco, Sacha! Primeiro me dopou no avião, causou todo aquele transtorno comigo na entrada do hotel, quase fui linchado — montando uma expressão surpresa, seus lábios se abriram completamente. Eu prossegui — Ainda teve a audácia de me roubar quando ofereci minha ajuda. E agora aqui!

Ela ria diabolicamente.

— Era você na Ferrari?

Apertei os olhos, indignado com a cara de pau dela.

— Não adianta fazer esta cara de desentendida, moça — adverti num tom frio.

— Você está delirando! Se foi roubado, garanto que não foi por mim. — Neste instante a mulher habilidosa escorregou para o lado, escapando das minhas mãos e correu em direção à porta.

— Não pense que vai fugir antes de explicar todos estes episódios — peguei em sua mão na maçaneta e a virei de frente.

As lágrimas da safada me desarmaram e sentia aquela coisa estranha no peito, tipo uma opressão acompanhada a necessidade de tomá-la em meus

braços.

Algo contraditório ao que pretendia sentir.

“Larga de ser otário, Henry!”, a voz da minha consciência gritou dentro da minha cabeça.

— Não premeditei coisa nenhuma, como não roubei nada de você. Eu juro! — recuando, disse em voz embargada e seu rosto se contraiu em dor quando suas costas encontraram a barreira da porta.

— Chega dessas lágrimas de crocodilo, não caio nesta de vítima — menti. — Encontraram minha carteira no jardim, do lado de fora do hotel, o detalhe: fizeram a limpa apenas do meu dinheiro, ignoraram os cartões de crédito. — Ela sacudia a cabeça se fazendo de desentendida. — Será que levar o dinheiro foi uma forma de despistar sua verdadeira intenção?

Estava é só coçando de vontade de perguntar se ela estava ao comando do Ivan, e desisti, pensando que assim me entregaria. Arrancaria a verdade dela, custe o que custar!

— Você é louco? — Investigava seu olhar expressivo à procura de sua culpa, envolvimento. — Jamais o roubaria. — *Havia muita certeza no tom de voz e olhar umedecido!*

Tudo o que via neles era o desamparo.

— O que fez com a minha pulseira? — Apertando os lábios um sobre o outro, as lágrimas saíram dos olhos e rolavam em sua face, assumindo uma brancura total. — Eu não quero seu choro e sim, a joia de volta, ela é o meu maior e mais precioso bem.

Chorando desesperada, negava movendo a cabeça de um lado ao outro. Eu fiquei péssimo me intitulando um carrasco. *Que merda é essa?*

— Está equivocado a meu respeito! Só me deixa ir embora, por favor.

— Não antes de uma explicação! Se não para mim, vai ter que enfrentar a polícia.

Ela riu inconformada, esticando o peito a seguir.

— Pois chame a polícia! — incitou, me defrontando com uma coragem que não estava ali. E trazendo as mãos abertas e quentes em meu peito, me empurrou valentemente. Cínico, ergui as sobrancelhas achando interessante sua postura de defesa. — Sem provas nenhuma, vai perder o seu tempo. Ou tem alguma que me recrimine?

Montado em uma seriedade genuína, travei a mandíbula quando na verdade, estava é encantado com seu jeito forte de ser. Ela estava certa, as câmeras pelo interior do hotel como do exterior gravaram cada passo dela, e por nenhum momento mostrou-a em posse da minha carteira e pulseira.

— Nenhuma prova registrada a sua má conduta. — Avancei os passos parando um centímetro dela.

Seus olhos transbordando em lágrimas cravaram nos meus.

— Afaste-se de mim, por favor! — solicitou num fio de voz.

— Uma inocente não fugiria na calada como você fez — acusei, desestruturando a mulher. Ela cambaleou como se sentisse tontura.

Segurei seus braços a amparando e sua testa apoiou em meu peito, com ela respirando profundamente.

— Pode parecer ridículo, atrasado — começou ela baixinho. — A fuga se deu do pavor de ser descoberta pelo meu pai ali no quarto contigo. Um homem austero à moda antiga. Fui convidada a ir à festa do hotel por uma amiga, e como estava de castigo, eu fui escondida.

— E por que me dopou?

Ela esfregava a testa sobre minha camisa dizendo não.

— Como já te expliquei, não era para você! Meu pai era tão controlador que contratou um detetive particular para me seguir. Coloquei um calmante potente na água dele, na inocente intenção de poder curtir a noite tranquila. — Erguendo a cabeça, seus olhos procuraram os meus. Seu olhar havia uma

tristeza de causar compaixão. — Você se dopou sozinho quanto decidiu tomar do resto da água no copo do detetive.

— A identidade falsa?

— Foi apenas para despistar do profissional.

Um vasculhava o rosto do outro, permanecemos alguns instantes calados.

— E onde está seu pai, hoje?

— Morreu há dois anos! — informou com certa alegria.

Um gesto curioso.

— Ficou feliz com a morte do seu pai?

Ela riu pensando na resposta.

— Talvez esta resposta não seja necessária.

Analisando sua face, meu cérebro processava suas explicações. Embora estranha, considerando o século em que vivemos, ela soube encaixar bem.

— Estava no orfanato apenas para pegar a carta de referência para esta vaga. Preciso urgente deste emprego. — Reafirmou as palavras da Madre num fio de voz, despertando meus instintos mais primitivos.

Os olhos emitiam o mesmo desejo que me corria, deslizei as mãos pelos braços macios, os sentindo tremerem. Respirando com dificuldade à minha carícia, suas pálpebras desceram se fechando, os lábios se movimentavam, umedecendo-os.

“Irresistíveis demais!”

Não posso misturar as coisas, com ela tem de ser vigilante.

— Por enquanto não lhe darei credibilidade. — Saudoso dos lábios quentes e macios, não resisti, curvando, uni nossos lábios sem encontrar resistência. O calor da respiração acelerando me deixou louco e abusado, comecei a circular a ponta da minha língua os provando, tremia todo insano para invadir.

A reação do seu corpo era recíproca, um suspiro ruidoso escapuliu, aquele jato quente e perfumado, teve o poder de atingir meu corpo se arrepiando, e correu pelo meu corpo centralizando no pau, duro como rocha. Latejando e doendo, prazerosamente, perdi a cabeça e apertei meus dedos em seus braços, encostei em seu corpo a comprimindo na parede. Ela arfou o sentindo vibrar nela. — Posso até permitir a sua contratação, porém...

Pausei, sem saber o que dizer. Sua presença explorava minhas emoções e confundia a minha razão.

É foda!

Tirando suas próprias conclusões à minha frase cortada, ela ofegou fortemente e escorregou para o lado. Fiquei no vácuo e de pau duro.

— Não tem, porém, senhor Henry! — soou taxativa. — Acha que servirei ao senhor no papel de concubina?

Pendi a cabeça sobre o ombro aprovando.

— A ideia é bem interessante! Porém, uma insensatez permitir sua presença dentro do meu lar levando-se em conta o caráter que conheço de você, até o momento.

Ela ria e chorava, estressada, nervosa, inconformada e então esticou a mão pegando na maçaneta.

— Não vai precisar se arriscar, senhor Henry — girou a maçaneta — Estou indo embora neste momento.

Ao abrir a porta, se deparou com meu pai em sua cadeira e o Filipe, ao seu lado. Ambos olhando para ela com estranheza. As lágrimas faziam presença.

— Eu trouxe o contrato para a senhorita assinar — disse meu pai estendendo a mão à frente dela. Porém, seus olhos, numa puta interrogação, estavam nos meus.

— Agradeço, Sr. Adam Stone, mas eu estou declinando a esta vaga — comunicou ela, saindo pelo canto da porta.

Filipe segurou em seu braço, a fazendo parar.

— O que está havendo com você, Sacha? Precisa tanto deste emprego — cobrou ele, consternado, me olhando pelo canto do olho em total acusação.

Comprimindo os lábios, ela segurava o choro, que notei.

— Vamos encontrar outra vaga.

— Eu duvido muito que encontre uma vaga melhor do que a minha. — Interveio meu pai autoritário. — Discutindo com o Filipe, ele me confidenciou sobre você poder dormir no emprego. Como necessito de cuidados mais intensivos, eu dobrei a oferta. — Estendeu a mão com o contrato. Ela permaneceu imóvel, quieta, aborrecida, amedrontada. — Por favor, confira se está a contento.

Ainda em dúvida, pegou o papel da mão do meu pai.

— Meu Deus! — Boquiaberta, ela aspirou o ar longamente como se presenciasse algo espetacular, surreal. No entanto, persistiu no silêncio.

— Há alguma objeção, minha jovem? — seus olhos direcionaram aos meus, à interrogação do meu pai.

A esperança estampada em seus olhos era falsa. Uma forma de jogar com o emocional das pessoas a fim de dar o bote. Experiente, ela encaixou convincentemente as desculpas. Apesar de não ser uma pessoa confiável, aqui dentro de casa eu poderia ter maior chance de chegar no filha da puta do Ivan.

“O risco é alterado em demasia, Henry!”, declinei prudentemente ao perigo.

Com ela fora daqui, falaria com o Bernardo para seguir seus passos.

— Entrevistaremos outros profissionais, antes de decidirmos, pai. — Seus olhos voltaram aborrecido sobre o contrato.

E meu pai riu irritado.

— Procurar outros profissionais é ir atrás do mesmo. A Sacha usa técnicas inovadoras e vou experimentar. Caso não tenhamos os resultados esperados, trocamos, ok? — foi categórico me desautorizando.

Ali, de cabeça baixa, Sacha fechou os olhos suspirando muito aliviada. Incrível como tudo nela demonstrava o contrário de suas ações.

Como se diz o ditado: fiquei numa sinuca de bico, sem saída daquela situação. Não havia provas contra ela, e declarar que fui passado para trás sem as devidas provas, seria ridículo a minha reputação.

— Pois bem! O senhor é responsável por suas decisões — desisti, saindo pela porta. Quando meu ombro encostou no dela, parei de respirar com aquele arrepio intenso com seu calor e meu pau reagiu, aumentado o volume nas calças. Foram necessários alguns segundos até finalmente me recuperar do choque. Inclinei a cabeça bem perto do seu ouvido. — Não pense que estará livre para agir, estarei de olho na senhorita — cochichei em seu ouvido, e caminhei apressado, me afastando.

— Vamos entrar e assinar logo este contrato.

Atravessava a porta de vidro no final da sala e ainda ouvi meu pai orientando. Pensei em retornar, participar desta assinatura, mas desisti seguindo meu caminho.

Atravessei o salão e saí para a imensa e confortável varanda gourmet, integrada a piscina. Tudo completamente adaptado para a acessibilidade do meu pai. Aliás, todo o projeto da casa foi priorizado no seu bem-estar. A facilidade da cadeira elevador para uso em piscinas garantia o uso frequente. Inclusive, quando estava em casa, curtia demais esse espaço.

Caminhei até a mesa do outro lado, precisava de privacidade para refletir. Extremamente irado, arrastei a cadeira me jogando sobre ela.

Não conseguia digerir a euforia dentro do meu peito com a vigarista aqui. Odiava admitir, mas era um tipo de alegria.

Absurdo! Levantando, trilhei o caminho do vestuário e troquei a roupa social pela sunga preta, então sob o efeito Sacha, retornei a cadeira.

O fato é que me sentia atraído pela filha da puta e estava com dificuldade para baixar minha bola, o frio na barriga não permitia relaxar, aumentava mais o meu tesão, o calor medonho, meu pau latejava dolorido dentro da sunga. E não podia culpar o clima, a brisa estava fresca neste fim de tarde.

— O jeito é pular na piscina! — concluí, largando o telefone sobre a mesa.

Saltei na piscina, na esperança de refrescar ambas as cabeças.

O choque térmico à mudança drástica de temperatura não serviu de nada, ao contrário, aumentou a ansiedade. Mergulhando e nadando de um lado ao outro, meu cérebro projetava as memórias preservadas daquela noite no hotel.

Desisti, saindo da piscina, convencido de que não tinha escolha. A atração física era involuntária. O toque do celular sobre a mesa bloqueou momentaneamente meus pensamentos, e ver o número do telefone que dei a Lidiane, sobrepôs as reações conturbadas dando espaço às prioridades na minha vida.

— Seria muito bem remunerada se viesse com uma informação precisa sobre o paradeiro do canalha do Ivan — antecipei esperançoso.

Apesar do desentendimento entre eles, o Ivan tinha uma ligação forte com ela e poderia procurá-la algum dia. Veio à cabeça perguntar sobre o nome Sacha, mas não houve a oportunidade com a mulher raivosa do outro lado da linha.

— *Isso é sério?* — Ergui as sobrancelhas pasmo a sua reação. — *Um ano sem nos falarmos e você me trata assim, com tamanha imparcialidade?* — Contraí o rosto arrependido à minha mancada. — *Acho que mereço pelo menos um oi, como passou, algo neste sentido, não acha?*

Conforme orientação da minha equipe de detetives particulares foi orientado distância à pessoa dela, até mesmo por proteção.

— Claro! — concordei, inspirando forte para oxigenar meu cérebro em conflito. — Tem razão e peço perdão! Ligou num momento inoportuno. Ou seja, as coisas aqui em casa estão meio tumultuadas.

— *Tudo bem* — aceitou, fungando. — *Agora, sobre o Ivan, eu não tenho notícias, infelizmente. Mas, estou atenta.*

— Eu agradeço o seu empenho!

Um riso do outro lado da linha foi ouvido. Novamente ia perguntar quando ela veio com um aviso inesperado.

— *Estou no aeroporto indo para São Paulo! Pego o primeiro voo.*

— O que disse? — questionei contrariado.

Hoje era um péssimo dia para uma notícia dessas! Estaria ocupado recebendo o Bernard Torres aqui em casa para o jantar: detetive especialista em investigações internacionais de grande competência e habilidade, disfarçado de playboy aqui no Brasil. A indicação veio de um amigo policial da Europa. No ramo automobilístico, era assediado pela imprensa, um bom álibi a fim de não levantar suspeitas.

O convidei aproveitando que meu pai receberia alguns amigos e lhe apresentaria como tal, uma estratégia sugerida por ele. Meu pai precisava acreditar que o profissional era apenas um amigo, para não atrapalhar os meus planos: caçar o Ivan.

— *Vou fazer um curso de duas semanas no centro de São Paulo, assim aproveito e vejo você.*

— Sabe que não pode ser assim! — alertei-a.

Ela riu entristecida.

— *Eu sei, claro! Existem meios de nos encontrarmos sem alarde.*

— A que horas chega o seu voo?

— *É um voo com escala, devo pousar em São Paulo por volta de 2h30.*

Cocei a cabeça.

— Procure se hospedar em algum hotel distante do centro, porém, num lugar legal, ok?

— O que você acha desta piscina, Sacha? — Virei de imediato à voz do meu pai. Ele, Sacha e o Filipe saíam pela porta vindo em direção à piscina. — Gosto desta parte da casa, confortável, agradável — concluiu ele.

— Aprovado! — Com os olhos na minha direção, ela assentia movendo a cabeça com seus belos cabelos esvoaçando com a brisa mais intensa.

— *Você conhece Alphaville, em Barueri?* — Lidiane tirou-me daquele instante de admiração.

Há alguns meses adquiri um restaurante de luxo na região, outra estratégia inteligente do Bernardo. Montamos um encontro casual de proprietário e cliente e a partir nos tornamos amigos.

— Conheço e bem — afirmei de imediato, virando de costas para o trio se aproximando, mantendo o controle da conversa.

— *Tem uma prima de uma amiga minha morando na região. Vou ver se consigo um hotel.*

— Combinado! Tenho um compromisso inadiável hoje à noite, e quando estiver liberado eu ligo para você, entendeu? — a lembrei.

— *Eu não esqueci o esquema!* — alegou num tom suspirante. — *O problema é esperar, esperar e nunca receber a sua ligação.*

A frase de cunho sentimental era preocupante. Uma mulher apaixonada magoada se tornava uma aliada nada confiável.

— É preciso tomar cuidado a fim de não confundir as coisas. Entre nós são apenas negócios.

Ela emitiu uma fungada, cortando meu coração. Afinal, Lidiane era uma mulher interessante, fogosa. Perita em agradar um homem na cama.

— *Eu sei, querido! Você sempre deixou esta questão bem esclarecida.*

— Costumo ser franco com as pessoas as quais admiro.

— *Eu não quero sua admiração e sim você!*

— Esta conversa está se estendendo mais do que o necessário, apenas separe as coisas, ok?

Desisti de perguntar sobre a Sacha. Falaria sobre minhas suspeitas primeiramente com o Bernardo.

— *Beleza!* — pronunciou cabisbaixa. — *Tchau, Henry!* — se despediu secamente e desligou.

Apertei o aparelho de telefone em minha mão, ligado na conversa dos três se aproximando de mim. Tão logo meu pai finalizou a apresentação do espaço, argumentado que ali seria excelente para o tratamento. Entrou aquela voz doce e temerosa.

— O espaço é adequado para o atendimento.

E só então me virei de frente aos três. Experimentava uma nova involuntária, incômoda e inadmissível sensação. Um tipo de arrepio percorrendo o meu corpo, motivado pelos olhos, além dos óculos, seguindo o caminho do meu tórax, abdome e estacionou na região do V da virilha.

Confuso e com dificuldade de controlar meu desejo sexual, e ela não colaborava com os olhos curiosos. Excitado, dei-lhe as costas e puxei a cadeira me sentando, de modo que minhas pernas entraram debaixo da mesa.

Relaxa! A atração por esta bandida gostosa é cientificamente explicada, Henry. É apenas biológico.

— Excelente! — comemorou meu pai e me encarou num suspiro. — E como foi a visita no orfanato, Henry? — Lancei um olhar provocativo a Sacha ali, com dificuldade com as mãos. Perdida, ela não sabia como posicioná-las. Abri um sorriso cínico, ameaçador ao notar um rosto muito

vermelho. Assustada, baixou a cabeça a fim de esconder sua situação. — Ah, olha só a coincidência! A Sacha confidenciou que a Madre do orfanato...

— Eu a encontrei lá — o interrompi, porém, focado nela.

Encolheu os ombros, confuso.

— Você não comentou nada.

Nem ela, pelo jeito!

— Não comentei porque a vi de relance, fiquei na dúvida. Ela confirmou na nossa entrevista, não é mesmo, Sacha?

— S-sim, sim — toda embananada ela balançava a cabeça de cima para baixo, enquanto as belas madeixas douradas esvoaçavam com o vento. — Estive lá rapidamente, apenas para conversar sobre esta vaga.

Via a tristeza estampada em seu rosto e ainda assim, o sorriso tracejava seus lábios grossos, atraentes.

Uma imagem de deixar qualquer um fascinado.

Cacete! Angustiado e perdido, ralhei logo, devido aos pensamentos eróticos querendo correr solto.

— Decidimos adotar uma criança — informou meu pai todo alegre enquanto os olhos dela arregalaram.

— ADOTAR? — Seu espanto foi exagerado, exatamente como o tom de voz nitidamente alterado.

Uma reação misteriosa. Tudo nela é digno de observação. E vou ficar de olhos bem abertos. Como diz o velho ditado: a moça é um bagre ensaboado.

— Esta casa está precisando da alegria de uma criança — revelou meu pai pegando na mão dela, ainda com aquela cara perplexa. — Vou solicitar aos empregados para prepararem o quarto de hospedes para acomodar a senhorita.

QUARTO DE HÓSPEDES? Expirei todo ar preso em meus pulmões. *Isto vai me complicar!*

Ponderava se contava imediatamente ou não sobre as minhas desconfianças. Optei pelo silêncio até organizar as minhas ideias na cabeça.

— Vou buscar as malas dela em meu carro — informou Filipe.

— Mas, não vai embora meu rapaz, fique para jantar — convidava meu pai me contrariando. — Hoje vou receber alguns convidados e faço questão que, os dois que trarão bem-estar físico e mental a este velho, estejam presentes.

Juntei as sobrancelhas descontente ao convite inapropriado, e ela notou prendendo os cabelos num coque no alto da cabeça. Alguns fios soltos moldavam seu lindo rosto, fazendo dele o mais belo que já vi.

— Será um prazer desfrutar do jantar com sua família — agradeceu Filipe movendo levemente a cabeça e então, caminhou apressado em direção à porta de vidro.

Esta bandida vai tirar a minha concentração! Não posso tirar os olhos dela.

É errado assumir a responsabilidade sozinho, depois do jantar vou sim, abrir o jogo com o meu pai. É minha obrigação.

Decidi quando o telefone tocou no bolso do casaco do moletom do meu pai. Ele atendeu trocando algumas palavras com um dos seus convidados e veio a mim.

— Preciso pegar um documento no meu escritório, poderia fazer companhia a senhorita Sacha, por favor — foi mais uma ordem do que propriamente um pedido.

Molhando os lábios sensualmente a notava estarrecida, e tentou escapar de mim.

— Não quero atrapalhar em nada — disse ela ameaçando se virar.

Ligeiro, saltei da cadeira e puxei-a pelo braço de encontro a mim. Ela arfou fechando os olhos quando a lateral do seu quadril encostou no volume

da sunga, o movimento abriu mais o decote do casaco, revelando os bicos intumescidos, sem o sutiã, fazendo a minha pele inteira queimar.

— Eu permitir a sua presença nesta casa, não é voto de confiança, entendeu? — murmurei em seu ouvido a trazendo mais e mais perto. Ofegante, ela remexeu nele, me deixando louco. Sentir seu corpo tremendo, incitava o desejo de enterrar tudo dentro dela.

Capítulo Onze

SACHA

“Lascou! Reage, Sacha, reage e saia logo desse estado de entorpecimento!”, a voz dentro da minha cabeça me chacoalhava.

Como? Não encontrava meios de sair desse sufoco com este cara gostoso deste jeito, os cabelos molhados, escorrendo pelo seu rosto, o olhar penetrante, a pegada fenomenal e este volume gigantesco na sunga!

Ah, delícia! Fechei os olhos com a minha boca cheia de água, revivendo a inesquecível transa no quarto de hotel.

— Estou dando corda até saber qual é a sua. Não existe crime perfeito, portanto, esteja certa: vou pegar você e colocá-la atrás das grades — tentou me coagir com seu tom de voz rouco, arrastado, jorrando aquele ar quente e arrancando um gemido perceptível dos meus lábios. E o pior: originou contrações prazerosas em minha vagina, encharcando toda a minha calcinha.

Olha só isso? Como conseguir resistir a esta voz intensa segredando dominadora em meu ouvido? Não, não tenho forças suficiente, sequer consigo mover um músculo do meu corpo, admito. Totalmente domada, não fazia ideia de como me safaria dessa perdição.

Gostoso pra caramba!

Literalmente, estava no maior sufoco. Não creio que fracassei no controle e remexi a lateral do meu quadril no volume estupendo e fascinante!

Também! Esse jeito bruto e quente dele é uma delícia!

Foi impossível deter o pensamento.

“Me acode, Senhor! Traga-me de volta o juízo, restaure minha razão!”, clamava em desespero.

Em vão!

A força do vento balançava as folhas das árvores, agitava as águas da superfície da piscina, porém, fracas para apagar o fogaréu em meu corpo. Sequer atingia um falso frescor. Estava inativa e carecia tomar o controle das intimidações que ele representava em um todo. Especialmente as que ele fazia verbalmente.

Preciso me esquivar das garras deste homem, e principalmente, sumir com a pulseira. Se ele descobrir ela comigo, estou encrencada. Como vou convencê-lo de que eu não fui a ladra naquela noite?

Pensa rápido, Sacha! Seja eficiente, mulher!

Dificilmente ele vai acreditar que saí com ela enroscada nos cabelos sem perceber. Aliás, o mais prudente seria dar o fora deste antro de mafiosos.

Sabia exatamente como agiam os mafiosos com os atravessadores. Tudo era válido para tirar os obstáculos da frente dos seus “investimentos!”. Se ele detonou o poderoso Ivan, imaginava o que faria comigo! Mas como eu poderia jogar o dinheiro oferecido pelo meu trabalho ao espaço? Hoje ele era de vital importância.

E cheguei à conclusão óbvia, falaria com a Madre sobre proteger as crianças, pois essa casa passava longe de ser um lar ideal para criar uma criança. Enquanto isso, correria o risco me fingindo de morta, pelo menos até juntar um bom dinheiro, então daria no pé. Afinal, o perigo sempre rondou a minha vida, de certo modo, aprendi a lidar com ele.

— O tempo vai lhe mostrar o quanto está equivocado a meu respeito. — Tremendo da cabeça aos pés, recuperei o meu controle com a maior dificuldade e recolhi meu braço, me libertando das mãos magnificas. E, sem me afastar, eu me posicionei na sua frente, o encarando com a seriedade que

o momento exigia, ou melhor, tentava, na verdade. Balançava ao olhar cínico em meio à respiração acelerada dele, junto ao calor irradiando de seu corpo. Confesso: estava um deus nos acuda para segurar meus olhos nos dele. E havia mais um agravante, os safados dos meus olhos, notando o movimento em sua sunga, estavam loucos para descerem. — Com licença. — A fuga se desenhou mais acertada.

Eu quase corri em direção à porta, temendo ser abordada novamente.

"Encontrar forças e resistir este homem é crucial!", repetia como num mantra, ciente de que conviver com ele tão perto significaria a minha derrota, minha perdição.

Logo atravessei a porta de vidro, acessando o elegante e amplo salão de festas. *Uau!* Alguns funcionários trabalhavam por ali. Estava tão perturbada quando passei por aqui, em companhia do senhor Adam e Filipe, que não percebi o charme. Ele seguia a linha do estilo moderno: pé-direito alto, todo em mármore branco, como as mesas redondas com seis cadeiras ao redor, três delas recebiam lindas e elegantes toalhas prateadas, em seguida, os pratos e talheres eram postos, seguindo a tradição da etiqueta.

Do lado esquerdo a parede era de vidro, proporcionando a visão do esplêndido jardim, que circundava a propriedade neste lado, e havia uma grande fonte de água. À esquerda, ficava a porta por onde entrei, e rumei na direção dela.

Alguns poucos metros de alcançá-la, eis que a senhora Valentina, em seu uniforme, surgiu por ela parando à minha espera

— Estava indo à procura da senhorita para levá-la ao seu dormitório — informou.

— Talvez referir-se à minha pessoa como Sacha soe menos formal!

Ela assentiu movendo graciosamente a cabeça com a minha sugestão.

— Como desejar, Sacha! Por favor, me acompanhe.

Acessando a suntuosa, iluminada e deserta sala, senti falta do Filipe.

— Sabe do Filipe? — indaguei, ao começarmos a subir os degraus de granito.

— Ele e o senhor Adam conversam no escritório.

— Obrigada! — agradeci seguindo seus passos e observando os detalhes.

Ao contrário da energia negativa percebida na casa do Ivan, aqui eu tinha a sensação agradável de tranquilidade.

Ponto até admirável, pelo fato de serem mafiosos.

O quarto era o de frente à escada, tão logo a funcionária abriu a porta, arregalei meus olhos ao me deparar com o ambiente espaçoso e luxuoso acoplado à varanda, com a vista do jardim da casa. “Nossa!” Suspirei com a certeza de que ali não era o meu lugar. Ponderava a decisão de ficar, não estava correto desfrutar de tanto luxo, era como compactuar com o crime, chegava a ser imoral.

— Está a seu agrado, minha jovem? — indagou dona Valentina analisando meu rosto.

Decerto meu semblante deveria estar aterrorizado.

— Ficaria melhor acomodada em um lugar mais simples — confessei com ela abrindo um sorriso compreensivo.

— Para se conseguir um aposento simples nesta propriedade, deveria ser no andar de baixo, onde ficam os quartos dos funcionários. No entanto, todos estão ocupados. E outra que recebi ordens expressas de acomodá-la o mais próximo possível do quarto do senhor Adam. — Apontou a direita pelo corredor largo e longo. No final havia duas portas, uma ao lado da outra. Uma de madeira com duas folhas, e a outra de metal, a do elevador.

Virei o rosto para a esquerda, eram as mesmas características. *Será o quarto do Henry?*

Eu, que não parei de tremer, senti minhas pernas bambas, tamanho o arrepio começando na coluna e se espalhando pelo meu corpo.

— Por favor. — Escorregou para o lado, dando-me passagem. — Desejo-lhe uma boa estadia.

Quando ela fechou a porta, eu fiquei paralisada analisando a minha situação, decidindo meu futuro por alguns instantes, só após nenhuma definição é que comecei a observar atentamente o ambiente sofisticado, e era de se admirar. Entre os móveis e a decoração, na mistura de bege e azul, havia um painel metálico e vazado separando o quarto de uma sala particular, elegante. De ambos os lados existia uma tela de TV.

A madre Aurora precisa saber das novidades.

Corri me jogando sobre o confortável sofá e peguei telefone na bolsa discando seu número. Seus conselhos sempre transmitiam segurança.

— *Como foi a entrevista, querida?* — aflita, e com toda a razão, a Madre desatou a falar quando me identifiquei. — *Conseguiu o emprego?*

Insegura, fechei meus olhos e inspirei profundamente, uma preparação ao meu emocional a fim de descrever todo o cenário.

— Já estou até hospedada, Madre! — pronunciei num fio de voz.

— *Maravilha!* — Ouvi seus aplausos. — *Então não é necessário nos preocupar com dinheiro, considerando o salário alto oferecido.*

— Não fique tão otimista, Madre — alertei numa voz mórbida, observando a janela. O vento intenso entortava os galhos das árvores.

— *Não estou gostando deste tom, Sacha!* — exclamou inquieta.

Tensa, levantei para relaxar e caminhei em direção à janela e a abri, recebendo a brisa em meu rosto, agora gelada.

Respirei fundo e prossegui:

— Sente-se, porque tenho uma bomba em mãos.

— *Está me assustando, menina!*

Ela conhecia a história do hotel, a ligação do Ivan ao Henry, sobre Adam Stone ter desmantelado a quadrilha, informação que foi dada em rede nacional. Narrei minuciosamente, a deixando em pânico.

— *Pai e filho são aliados do crime?* — indagou perplexa.

— Exatamente!

— *Então não vacile, pegue as suas coisas e saia daí imediatamente, Sacha!* — intimou autoritária.

— É aí onde mora a questão, Madre! — Ela pausou aguardando meu raciocínio. — Para dormir no emprego, o salário dobrou.

— *O quê?* — ela quase gritou.

— Ambas sabemos o quanto este dinheiro é imprescindível nas atuais conjunturas.

— *Dinheiro não é tudo; e outra que dentro do convívio deste tal Henry, ele vai descobrir sobre você. Está sendo descuidada e vai acumular mais problemas à sua vida, Sacha!*

— Colocando desta forma está me subestimando, Madre! — adverti. — A vida me ensinou a ser uma boa estrategista, eu consigo manter distância no âmbito emocional.

Será mesmo, Sacha? Ficar segue o oposto dos seus princípios, e estará retornando àquilo que só trouxe discórdia e sofrimento na sua vida. Está mesmo disposta a arriscar tudo? Lá vinha minha razão me aporrinhar. Droga!

— *Não sei, não!* — a Madre duvidou, pensativa. — *Não vale a pena.*

— Lugar algum vai pagar este salário. E os meus recursos estão esgotando, talvez dê para mais dois meses no máximo. — Encolhi os ombros em dúvida.

O silêncio se perdurou, indicando que ela concordava comigo.

— *Olhando por esse ângulo, concordo contigo. Queria muito que as circunstâncias fossem outras. Mas, infelizmente, as doações reduziram e muito nos últimos anos.*

— Eu conheço os problemas do orfanato, Madre — lembrei-a. — E é por isso mesmo vou deixar o bom senso de lado. Focando apenas no trabalho creio que dá para arriscar neste emprego; três meses com este salário eu equilibro as contas e alivio a senhora.

— *Que Deus te proteja, minha filha!* — cedeu em prol da necessidade.

— Vou me abraçar a ele — prometi com veemência.

Ela suspirou aliviada.

— Outra coisa, Madre! — lembrei da adoção. — O senhor Adam comentou sobre a intenção de adotar uma criança. Não permita mais que o Henry chegue perto das crianças.

— *Você é louca!* — exclamou com valentia. — *Se eles pensam que vão levar alguma das minhas crianças para esse mundo sujo e criminoso, estão redondamente enganados.*

— Engraçado! Eu vi o Henry jogando bola com o Gabrielzinho e ele demonstrava ser uma pessoa tão afetuosa. — Suspirei à imagem se formando em minha mente.

— *Quem vê cara não vê coração, Sacha!* — A frase da Madre me trouxe de volta à realidade. — *Quem não se admira vendo o Gabriel com a bola, sua habilidade encanta qualquer um. E outra: eles estão atrás de uma criança mais velha, especialmente uma menina.*

— Mais velha? — distanciei meu olhar estranhando a informação.

Estava acostumada aos casais, irem em busca de bebês.

— *Pois, é! Também fiquei encafifada pela preferência, entretanto, nem bebê e nem ninguém. Eles não terão nenhuma das minhas crianças —*

garantiu no seu tom protetor, um alívio ao meu coração angustiado. — *Bem, tenho um casal para atender. Se cuida, minha filha.*

— Pode deixar. E obrigada pelo apoio.

— *Enquanto eu viver, você o terá, Sacha!*

— Obrigada.

Após mais alguns conselhos maravilhosos desta religiosa formidável, desliguei e entrei no banho. E tive mais uma surpresa!

O recinto em mármore branco com bacia, bidê e louça na mesma cor, guarnições cromadas e aquela banheira redonda, com capacidade para duas pessoas, soou como um estimulante ao meu cérebro. A fantasia erótica corria solta, me arremetendo à nossa noite de luxúria, ocasionando um gostoso frio na barriga.

Fechei meus olhos e incrivelmente percebia seu toque em minha pele, sua respiração no meu pescoço. Vivia um momento tão próximo à realidade que meu coração disparou, e junto, aquela vontade enorme de chorar. Sentia até a sua respiração em minha pele.

— Que neura idiota! — Irritada com a trilha dos meus sentimentos, por sinal, descontrolados, abri os olhos bloqueando os pensamentos.

Despindo-me, entrei no banho.

Recebendo os jatos de água no rosto eu brigava com as lágrimas, impedindo-as de cair. Me sentia tão perdida.

— NÃO! Eu não tenho por que chorar, nem de ficar sonhando acordada.

Lutando contra meu cérebro, insistindo nas imagens daquele ser delicioso, agilizei o banho e desliguei o registro, catando a toalha do lado de fora do boxe, e me sequei.

— Agora é momento de concentração, Sacha! — conversava comigo deixando o banheiro. — Focar no desempenho do atendimento.

Olhei para a cama e não resisti ao convite; nua, joguei-me sobre os lençóis brancos e macios, afundando a cara no travesseiro.

— A pulseira! — Tão logo ela veio à minha mente, saltei da cama.

Peguei minha mala ao lado da cômoda e a tirei de dentro da nécessaire, em couro branco, analisando-a: masculina, ela era de couro preto com uma placa delicada de metal, que poderia ser de ouro branco, com duas letras A & H. Naquele dia, quando saí da casa da minha mãe, senti muita vontade de devolvê-la,porém, não houve uma oportunidade, pois fui escoltada pelo idiota do capanga do Ivan: o Willian.

Nunca imaginei que um objeto, aparentemente simples, pudesse ser tão valioso.

Tinha um esconderijo perfeito, o cabo de uma escova era um compartimento secreto onde guardava meu dinheiro em viagens. Meu cofre particular, como costumava dizer. Em seguida retornei à cama e abracei o travesseiro temerosa.

"Quero ficar longe deste cara, e me esquivar deste jantar!", pensei, com meu coração apertado.

Uma pena que querer não era poder.

Se fosse, eu mudaria o mundo, restauraria a união em minha família; eu sofria a ausência de todos, uma saudade excessiva batia em meu peito. Mas, pelo andar da carruagem, este querer era impossível. Pensar em transformação emparelhava a utopia para alguém que mal sabia se posicionar nesta vida. Eu não encontrei o meu lugar.

Já que viver uma vida normal era um luxo ao qual não tinha o direito, eu escolhi viver um dia por vez. Dar ênfase no presente, considerando que o futuro sempre me reservava o pior: dor e abandono. Procurava andar no caminho reto e ainda assim, tropeçava, errando demais. Porém, não tinha a

pretensão de acertar sempre, mas torcia por um dia seguinte, onde teria a chance de consertar meus erros.

Refletindo, acabei vencida pelo cansaço.

— Senhorita Sacha! — ouvi meu nome sendo pronunciado por uma voz feminina, seguida de leves batidas na porta.

Foi impossível responder de imediato com a minha mente lotada do Henry. Suas mãos perversas exploravam cada centímetro do meu corpo.

— Estou de olho em você! — Estremeci à sua intimidação, mais uma entre muitas ecoavam pela minha mente, me deixando atordoada.

Um transtorno para qualquer equilíbrio.

— Senhorita! — Novamente o chamado e uma batida mais forte.

Droga! Abri os olhos subitamente e sentei na cama com o coração a mil, aliviada ao notar que não passou de um sonho. Peguei um travesseiro enorme trazendo em meu colo.

Amedrontada e excitada, senti a umidade do lençol embaixo de mim.

— Só um minuto, por favor — solicitei ao recuperar o equilíbrio.

Saí da cama e corri até a minha mala, peguei a roupa mais fácil: uma bermuda jeans e uma camiseta regata branca. Passando a mão ajeitando cabelos ainda úmidos, segui rumo à porta e a abri.

— O senhor Adam está solicitando sua presença no salão de festa — informou dona Valentina percorrendo os olhos surpresos pelo meu corpo. — Se precisar de ajuda para se vestir, estou à disposição — ofereceu educadamente.

Abri um sorriso agradecida.

— Eu poderia recusar em descer e participar do jantar?

Ela sorriu de um jeito estranho.

— Com certeza é um direito da senhorita! — Soltei o ar forte, abrindo um sorriso de alívio quando ela emendou: — Só não sei se a recusa será aceita

pelo senhor Adam. Conhecendo meu patrão como conheço, tenho absoluta certeza de que ela virá buscá-la. — Acenou de cabeça numa expressão de sinto muito.

Grunhi convencida.

— Só preciso de um tempo para me vestir, então desço.

Ela assentiu.

— Darei o recado. — Ela deu-me as costas e alguns passos em frente descia, elegantemente e ereta os degraus.

Considerando o olhar crítico da governanta, escolhi algo mais elegante seguindo a linha da formalidade. Um vestido verde-escuro e transpassado, ele garantia o conforto, por ficar mais folgado no corpo, as mangas bufantes e punhos com pedras davam um toque mais elegante. Um look para diversas ocasiões e épocas do ano. Troquei os óculos por uma lente de contato, escolhi uma sandália de meio salto, com o secador debrucei as pontas dos cabelos sobre os ombros e finalizei com uma maquiagem leve e um perfume floral.

Inspirei longamente, estudando como enfrentaria a fera. E foi com a cara e a coragem que deixei o quarto e fechei a porta atrás de mim.

Meu Deus, e agora? Era Impossível controlar a tempestade dentro de mim, tudo entrou em desordem o vendo do outro lado do salão, tão estupidamente charmoso. Usava uma calça caqui e uma camisa imitando o jeans com as mangas arregaçadas. Muitos botões abertos revelavam seu majestoso peito viril, onde a corrente cromada o deixava ainda mais sensual.

Ele não estava sozinho, mais um motivo para meu desequilíbrio, em pé perto da porta de vidro, com a visão cinematográfica da piscina, sua mão grande, que morria de saudades, estava enrolada na cintura de uma bela mulher dentro de um vestido de um leve florido de fundo azul-claro. A mão delicada sobre seu abdome. Ambos tão juntos, focados no belo rapaz à frente deles, de cabeça raspada, ele estava elegantemente vestido todo de preto.

— Ah, você está aí? — gelei ao alarde do senhor Adam.

Prontamente, os olhos do casal, agora com as cabeças unidas, recaíram sobre mim. Enfrentava uma batalha ao sorriso largo e cínico plantado no rosto másculo e fodástico. Eu deveria odiar aquela expressão de absoluta liderança dele, só que infelizmente, acontecia o oposto. Seu magnetismo me atraía a ponto de ficar hipnotizada.

Uma tomada de fôlego intensa foi necessária para desviar dele. O senhor Adam, em sua cadeira de rodas, em companhia a três homens e Filipe, na mesma vestimenta, estavam próximos à porta que dava ao suntuoso jardim e acenava para mim.

— Mil perdões pelo atraso! Deitei para um descanso e acabei num sono pesado! — justificava-me, forçando um sorriso, e torcendo para soar natural, mas admito: estava muito complicado mantê-lo.

— Não esquente, minha jovem! — Muito gentilmente o senhor, vestindo uma calça jeans escura e uma camiseta polo branca, balançava a cabeça estalado a língua! Seu gesto aliviou a tensão tomando conta do meu corpo.

Nem tanto!

Pelo canto do olho, notava o Henry me observando, sua curiosidade dificultava até minha respiração. A reação do meu coração batendo desembestado incomodava tanto quanto seu olhar intrínseco, e juro, doía as costelas.

— Venha se juntar a nós, Sacha! — muito simpático, convidou já segurando na minha mão.

— Será um grande prazer. — Desenhando um sorriso em seus lábios perfeitos, como os do filho, me arrastou à sua mesa.

Aturdida, numa situação desfavorável com seus olhos insistentes seguindo cada passo meu, minhas pernas estavam trêmulas, quase ao ponto de não ser possível controlá-las.

— Esta é a senhorita Sacha, a fisioterapeuta ao qual comentei com vocês — apresentou-me o senhor Adam com a mão aberta em minhas costas.

Todos me cumprimentaram em coro.

— Encantado com a extensa experiência vindo de alguém tão jovem! — um senhor de cabelos brancos, como os do senhor Adam, se pronunciou.

Filipe piscou com expressão orgulhosa ao elogio.

— Não ser acomodada e ir em busca de conhecimentos ajudou-me a aperfeiçoar, e claro, conquistei diferencial e qualidade na minha carreira.

— Tem ares de batalhadora. — Logo um homem elegante de terno preto, cabelos curtos castanhos como os olhos, puxou a cadeira ao seu lado. — Por favor, senhorita!

Sério?

Tomei uma inalada de ar hesitante, o lugar oferecido era uma posição adversa, de frente ao trio na porta de vidro com a linda vista da piscina iluminada à luz de neon verde.

Assenti, movendo levemente a cabeça e esboçando um sorriso agradecido, quando eu queria chorar de nervoso. O motivo era ele! Tão logo sentei, nossos olhos se encontraram, os deles, costumeiramente ameaçadores. Não estava sabendo lidar com sua beleza mediterrânea.

Os homens de negócios ao redor da mesa foram a minha salvação, me mantiveram distraída com suas perguntas. Ocupada, me fartando da deliciosa refeição, degustando de um excelente vinho e respondendo as questões sobre a minha profissão e os métodos que utilizaria no tratamento do senhor Adam, tornou a minha estadia ali no salão até agradável. E precisava levar em conta a simpatia na qual fui acolhida.

— Talvez ao término do tratamento da fisioterapia com o Adam, a senhorita poderia iniciar o meu! — na outra ponta da mesa, o senhor, aparentemente com 60 anos, vociferou.

— Eu também estou precisando de um profissional na área — o rapaz elegante antecipou, chamando todas as atenções. Distraída, distanciei meus olhos e gelei dos pés à cabeça com o trio se aproximando da mesa. Com a mão nas costas ereta da dondoca, Henry a guiava — Jogo futebol americano e vivo com lesões sérias.

— Especializei-me em fisioterapia esportiva também. — Foi um esforço descomunal camuflar o tremor na minha voz, à frente daquele olhar penetrante e indecifrável.

— Então o seu público é bastante abrangente? — o senhor Adam indagou, admirado.

— As qualificações da senhorita Sacha são de impressionar — o cínico do Henry ironizou debochado.

Apertei meus olhos o defrontando e um sorriso provocador, e muito sexy, se ergueu no canto dos lábios grossos.

Escroto! Era de suma importância sair desta casa imediatamente.

Não podia ficar me sujeitando a este tipo de ataque, tampouco correr o risco de descobrirem a minha participação na vida do Ivan. O homem que sua organização dilacerou.

Cansei de sentir medo, cansei de aguentar humilhação. Arranjaria outro emprego e não importaria se o salário fosse menor, priorizaria a minha paz. Há dois anos convivendo com um pouco dela, não queria perdê-la. JAMAIS!

— De fato! — seu pai interveio notando o clima não amigável entre nós. — Acho que chegou a hora da nossa reunião, senhores! Poderiam me acompanhar até o meu escritório, por favor. — Acatando, todos se levantaram repentinamente. — Henry, você e seus amigos poderiam fazer companhia a senhorita Sacha e Filipe.

— É a oportunidade ideal para tirar algumas dúvidas sobre a fisioterapia domiciliar! — Pegando na minha mão, seu amigo ajudou-me a levantar.

— Será um prazer responder a toda elas! — à medida que falava, os olhos sérios do Henry travaram no amigo.

— Ainda temos um contrato a ser assinado, Bernardo! Afinal, é por esta razão que está aqui, não é mesmo? — lembrou-o áspero

Os olhos do Bernardo recaíram decepcionados sobre os meus.

— Talvez depois da reunião.

Assenti de cabeça, concordando. Feliz com a oportunidade de um novo emprego surgindo.

— Estarei aqui te esperando.

Os contrariados olhos cinzentos, despertou a atenção da bela mulher grudada na cintura dele.

— Prazer, Sacha! — Estendeu a mão. — Eu sou a Danielle Zanatta, prima do Bernardo.

— Como vai? — sem jeito, retribui o cumprimento.

— Bem, fiquem à vontade, eu faço companhia para a Sacha — Filipe ofereceu.

Afastando da moça, ele enfiou as mãos no bolso da calça e moveu a cabeça em agradecimento pelo gesto do Filipe, e então deu-nos as costas.

— Espera por mim, querido! — Danielle apressou os passos atrás dele, sem que ele tomasse conhecimento.

— Com licença! — foi a vez do educado Bernardo.

— Tem toda.

Assim que todos saíram do salão, os funcionários entraram recolhendo as mesas.

— Ele dá claros indícios de que não foi com a sua fachada. — Meu coração saltou voo a minha garganta com sua avaliação precisa.

— Prepotente demais... — balbuciei ofegando.

Notando meu estado, seu braço enlaçou a minha cintura.

— Não esquenta com esse babaca. Vamos lá fora, o ar fresco reduz a tensão.

Eu tiraria de letra se fosse somente tensão. Ele motivava um coquetel de sentimentos, desde o abominável até o mais doce. Aliás, tudo em relação a ele vinha de maneira intensa, desestruturando e causando turbulências generalizadas dentro de mim. Tudo dele, e nele, fugia do superficial. Sentia-me ambivalente, porque eu deveria odiá-lo sendo quem era, mas, infelizmente, procedia o inverso. Ele tatuou marcas profundas depois daquela noite maravilhosa, há dois anos. E a merda é: continua habitando em minha mente e coração sem que eu possa evitar.

— Como é bom respirar ar puro — acessando a varanda, eu falei sugando o ar com prazer.

A brisa fresca nesta noite de céu estrelado, as luzes de neon da piscina completavam o cenário fabuloso.

— O salário compensa exercer a paciência, não acha? — indagou hesitante, se posicionando à minha frente.

Segurando em meus braços, transitava os olhos pelo meu rosto. Todas as linhas de preocupação estavam no dele.

Expirei muito, mas muito indecisa, e optei por abrir o jogo.

— Se quer saber, estou na dúvida se vale mesmo a pena! — Desapontado, seus lábios e olhos se apertaram. — É triste abdicar do salário tão alto e necessitado, mas não estou preparada para enfrentar uma situação como esta.

— Não a recrimino, também estaria desestimulado se fosse eu a ter de enfrentar o grosseirão. Só te peço que tenha um pouquinho mais de paciência, até eu conseguir outro fisioterapeuta, estou muito ocupado na clínica e não é ético deixar um paciente em potencial na mão. Se é que me entende.

Meneei a cabeça em concordância.

— Claro! Farei este esforço por você.

— Jura? — Eufórico, suas mãos moldaram meu rosto.

— Eu juro; e em contrapartida, você poderia remanejar, se me encaixasse em outra vaga, ficaria muito agradecida.

— Justo! — Beijou minha testa e me encarou. — Vou cuidar disso.

— Você é um chefe legal, Filipe.

Ele piscou com uma expressão assanhada.

— Pode ser surpreender mais, se aceitar o meu convite de guia, vai conhecer a cidade e em detalhes o Filipe Boaventura... — Sugeriu erguendo as sobrancelhas.

Levei a mão em forma de concha no rosto lisinho e macio, sorrindo com ternura.

— Proposta irrecusável!

— Combinado então! — Abrindo os braços fortes, me envolveu neles enfiando o rosto na curva do meu pescoço.

O agradável calor do seu rosto não impactou em nada, eu continuava ansiosa com a mente ligada totalmente no Henry, e não podia continuar com isso. *Saco!*

— Só não demora para ajeitar as coisas, ok? — pedi ao seu ouvido.

Concordando, ele afastou e sorriu compreensivo.

— Fica tranquila! Se importa se eu for indo, tenho um compromisso às 22h e já estou atrasado.

— Imagina.

Quando ele saiu, eu caminhei todo o local ao redor da piscina e então senti uma necessidade maior de estar entre a natureza. Entrei no salão já todo organizado e vazio de pessoas, saí pela outra porta de vidro acessando o jardim.

— Que lindo! — Suspirei aos jatos de água na vertical da fonte luminosa. Aliás, todo o jardim era iluminado, a noite fresca e o melhor: o silêncio

facilitava pensar numa decisão mais sensata. Embora tenha dado garantias de ficar provisoriamente, ainda assim, existia o fato do risco em permanecer. Com tamanha desconfiança, o Henry não teria dificuldade em desvendar todo o meu passado.

Minha meditação foi interrompida por uma moça jovem e toda colorida, vestida numa calça laranja, blusa com listras largas: branca e alaranjada e sobre a cabeça, uma touca da cor da calça.

— Você deve ser a fisioterapeuta — se pronunciou amavelmente.

— Sim, e você é quem?

— Virgínia — estendeu um cumprimento. Apertei sua mão —, a arrumadeira.

— Muito prazer, Sacha!

— O prazer é meu! Teria muito gosto de ficar e conversar mais com você, mas estou atrasadíssima para um compromisso. Meu expediente encerra às 14h, e justamente hoje precisei fazer algumas arrumações extras. Ainda bem que tem esta saída. — Apontou para um portão de aço no outro extremo do quintal, ao lado de uma pequena edícula. — Sempre saio por aqui, fica mais próximo do ponto de ônibus. Bem, depois conversamos melhor.

— Tudo bem.

Contemplei ela cruzar o grande jardim, apertou um botão de um interfone na lateral do portão de aço e ao abrir, saiu com pressa.

Sozinha, os problemas inundaram minha mente, fechei meus olhos soltando o ar com força.

Ah, Mônica! Você fodeu com a minha vida e da mamãe. E onde será que a minha mãe se meteu? Estaria em algum paraíso tropical torrando a fortuna roubada do Ivan? Independentemente, eu queria tanto uma notícia dela. Torcia para que estivesse finalmente livre. Já eu, não adiantava fugir, era como caminhar em círculos, sempre acabava no mesmo lugar.

Embrenhando as mãos pelos cabelos, recuei até encontrar a parede ao lado da porta, ali, matutando sobre a minha vida, não contive as lágrimas e elas chegaram com tudo, em abundância.

Como esses bandidos enganam, não? A conversa à mesa gerou muita descontração, estava longe do clima pesado das rodas de conversas na casa do Ivan. Sentia certa leveza, todos aqui, sem exceção, pareciam homens honrados, com licitude.

— Pelo fato de estar escondida no escuro, posso deduzir que esteja planejando um ataque. — A voz grave, irônica e sarcástica entrou atacando meus tímpanos, me assombrando.

Pulei de susto e demorei alguns segundos para ajustar as minhas ideias no lugar.

— Você não perde a chance de me provocar! — tremendo mais que vara verde, o enfrentei passando o braço, disfarçadamente, pelo rosto e secando as lágrimas.

— É uma constatação e não provocação. — O ar deixou meus pulmões com ele se aproximando.

"Não chegue perto!", implorei mentalmente, fechando os olhos; foi uma medida necessária a fim de manter a administração do meu corpo em colapso.

— Não estou convencido de que a senhorita seja apenas uma fisioterapeuta. Você realmente não mente bem.

Sentia-me muito fora de mim, e incapaz de abrir os olhos. A única reação possível foi inspirar profundamente, um tremendo de um erro? *Céus!*

Me ferrei redondamente. Balancei notoriamente ao perfume amadeirado, extremamente afrodisíaco.

Está dando bandeira, Sacha! Acordei e engolindo duro, recuperando o equilíbrio.

— Pouco me importa a sua opinião — ataquei nervosa à sua aproximação. O calor do seu corpo intensificou a fragrância amadeirada, o olhar impertinente, tão denso pelo meu corpo, fez meu coração perder o tempo da batida. Eu me sentia invadida, devorada; e o pior: estava em dúvida sobre o que sentia naquele instante. *Meu Deus!* Desviei para o lado. — Para mim, é completamente irrelevante. — Fugindo, caminhei alguns passos e fiquei de costas para ele.

Somente assim era possível esconder o quanto estava confusa e abalada.

— É mesmo?! — vociferou num tom nada satisfeito.

Em seguida ouvi seus passos, pesados e rápidos, sobre o piso de madeira e as mãos grandes cataram meus braços pela frente, e me arrastou deliciosamente para ele, unindo nossos corpos.

— O que está fazendo, cara? — sem desviar dos olhos cinzentos, e lindos, sofrendo um instante de fascinação e completamente imóvel, indaguei num murmúrio, atingida pela descarga elétrica de alta voltagem.

Os olhos ardentes tinham um enigma que eu não era capaz de decifrar.

— O óbvio! — Abandonando meus olhos, desceu até os meus lábios. — Tentando arrancar uma confissão desta sua boca.

Indisfarçadamente ele arfou, e senti seu coração bater mais rápido e forte contra meu peito, em franco movimento. Seu cheiro, agradavelmente masculino, era uma tortura a esta mera mortal.

— Estou farta destas acusações infundadas — tentei recuar, ele não permitiu, colando ainda mais nossos corpos pegando fogo. Inspirei entorpecida, ao sentir sua ereção em meu ventre, ele também balançou, evidentemente. — Vou repetir: tem alguma imagem que prove o meu crime, senhor Henry? — balbuciei, ridiculamente em rendição.

Meu corpo ansiava por ele, meu coração, o mais afoito, implorava por este cidadão criminoso.

— É só uma questão de tempo até obter as provas — mediante a voz rouca, ele inclinou a cabeça envolvendo seus lábios em meu queixo e enrolou o braço em minha cintura, me apertando contra ele.

“Preciso de ajuda divina!”, sem forças, rolei os olhos ao céu em oração.

Carecia vencer o dominador e sair do seu comando. Minhas preces não surtiram efeito, fraquejei à descarga elétrica deliciosa percorrendo pelo meu corpo, acarretando um tsunami em minha calcinha.

Sabia que deveria empurrá-lo e fugir dali, mas meu corpo não obedecia aos meus comandos e sim, os dele.

Os dentes cravaram levemente no meu queixo para em seguida os lábios molhados subirem, deixando rastros absurdos de arrepios pela minha pele, então encostou nos meus e roçou-os levemente, antes de invadir com a sua língua, num beijo sufocante.

Nunca esqueci este sabor! Tinha um gosto único, sabor do melhor vinho do planeta. Pressionando mais e mais naquele instrumento tamanho família, elemento frequente dos meus sonhos e que morria de saudades, eu ofegava e me entregava totalmente.

Meu entorpecimento fez dele um nato dominador, com a mão livre erguia meu vestido enquanto me empurrava por entre os arbustos. A parede ao lado da porta fora a barreira às minhas costas, e ali eu fui esmagada e deliciosamente tocada. Sua mão tateou até os meus joelhos e retornou pressionando os dedos, ampliando meu desejo.

Prendi a respiração quando senti sua mão apalpar por cima da minha calcinha, e os dedos esfregarem.

— Nossa! — arfou trêmulo em meus lábios e foi ao meu ouvido, roçando a língua e me deixando sem fôlego. — Você é muito gostosa, Sacha! — Aquela rouquidão abafada atingiu forte meu sistema.

Comecei a tremer e perder o controle de minhas pernas.

E não passou despercebido ao homem perito, envolveu-me mais em seu braço forte enquanto a sua mão tocou em meu ventre.

Gemi alto com o contato quente contra a minha pele, seus dedos adentraram minha calcinha, deslizando em meus lábios vaginais, eu quase gritei de tesão quando tocou em meu clitóris, acabando de vez com a minha estrutura. Desavergonhadamente, como uma devassa declarada, peguei na gola da camisa necessitada de seus lábios grossos e o puxei beijando-o como uma louca, e gemendo, sentindo o prazer que ele me proporcionava com seus dedos habilidosos.

— Jesus! — trepidei com seus dedos me penetrando duro, e risquei seu peitoral malhado com as unhas.

— Você é uma bruxa, mulher! — rosnou.

A mão forte na minha cintura agarrou-me de maneira possessiva; e metendo o dedo com vigor, percorria a boca molhada pela minha face em desespero, largando para trás os pelos arrepiados, rumou até o meu pescoço beijando e sugando leve.

Estava literalmente sendo fodida pela sua língua e dedos. E claro, estava amando essa abordagem atrevida. Era algo novo em minha vida, e as razões por sentir saudades, de montão, nesses dois anos.

Desci a mão pelo peitoral musculoso até seu pau duro, que era uma coisa de louco, e o peguei sobre a calça, o sentindo pulsar em minha mão. Alucinado, ele rugiu profundamente, e quando tentei abrir o cós da calça, suas mãos seguraram as minhas, me impedindo.

— Vou dar o que você quer! — sussurrou mandão sob um olhar flamejante. E de supetão, sem um aviso, nada, de uma só vez puxou a calcinha, a rasgando. Suspirei ainda mais excitada com sua pegada do caramba de boa. — Relaxa para mim.

A jogou por ali e então, com muita autoridade e abruptamente me virou de costas contra ele, a mão direita puxou meus cabelos inclinando minha cabeça, obrigando-me a olhar para ele e com a outra mão, apalpava minha bunda com vontade, era um aperto de machucar, porém, não sabia distinguir o que era dor ou tesão.

E quando me deixou, ouvi o ruído de algo se rasgando e em segundos, ele atarracou mais nos meus cabelos, me prensando na parede e segurou firme meu quadril, abri mais minhas pernas e empinei bem a bunda ao notar ele encaixando tudo aquilo em mim.

— Ah! — gemi sentindo-o me rasgando, penetrando centímetro por centímetro.

— Este seu aperto é muito bom! — rosnou, tremendo e penetrando de uma só vez, bem fundo e puxando minha cabeça para trás pelos cabelos, lambuzou meu rosto com sua saliva excitante, ele me beijava ferozmente, estocando forte e soltando do meu quadril, seus dedos aterrissaram a minha vagina e com destreza, estimulavam meu clitóris, que estava mais do que sensível.

— Puta que pariu! — escapou o deixando todo orgulhoso. Demonstrou melhorando a performance, metendo vigorosamente e o tirou e não o devolveu, porém faltou coragem para reclamar.

— Gosta assim? — Arremeteu com tudo, puxando mais meu cabelo em busca dos meus lábios, e devorou minha boca, literalmente, me colando à parede, fodendo com urgência e bravura. O sentia crescendo e pulsando dentro de mim, minhas paredes internas o comprimiam, fazendo ele delirar e dizer palavras picantes, palavras que não estava acostumada a ouvir.

Estava adorando toda aquela força comedida, o calor do seu corpo contra o meu. Em resposta ao meu agrado, eu empurrava a bunda contra o membro pulsando, forçando a entrar com tudo. Arrancava gemidos altos do homem e

aquela sensação era boa demais. A entrega completa fazia de mim uma pessoa vulnerável. Uma postura que não deveria permitir diante de todas as circunstâncias que vivia.

Mas quem é que resiste a este canalha gostoso? Fechei meus olhos e delirei legal, soltando gritos baixos, com seu pau me fodendo do jeito que eu precisava e, de verdade, merecia. Afinal, ele foi o último que me fez gozar gostoso. Depois, com corpo mais leve e a cabeça mais fria, pensaria no que fazer.

Ele me tomava de um jeito firme e bom, seus lábios selvagens mordiam minha nuca e meus ombros. Já sofria de espasmos, estava quase atingindo o orgasmo, e ele notou.

— Isso, querida, geme no meu pau! — Mordeu a ponta da minha orelha, gerando arrepios generalizados. — Precisa concordar que, uma boa e precisa trepada é a melhor das torturas — tentava arrancar uma confissão minha.

Me sentia ofendida com as palavras fora de hora, mas elas abriram as portas da minha razão. Retomei à realidade com a insegurança e o medo me dominando. Desviei-me para o lado, fugindo dele e aproveitando o arbusto ao nosso lado, quebrei um pequeno galho e joguei em direção a sua cara.

— Assim não é uma forma justa de extrair confissões, SEU CRETINO! — ressaltei alto.

Liso como sabão, esquivou de ser atingido.

— Ficou louca, garota? — perguntou incrédulo.

Ele estava uma covardia de lindo, com a calça clara arriada nos tornozelos, os cabelos desalinhados e os dedos da mão direita ao redor do cajado divino, num movimento torturante de vai e vem.

Deveria estar furiosa, e não uma excitada louca para voltar para ele! Meus olhos passeavam pelo porte majestoso do homem e meu coração estava numa

batida alucinante. Eu me derretia de verdade com a temperatura se elevando rapidamente.

Ele é um mafioso, isso faz dele o seu o inimigo, Sacha! Droga! Com tantos lugares perigosos, eu vim cair novamente aqui, no meio daquilo que destruiu a minha família.

— Não se aproxime! — apontando o dedo, avisei ao primeiro passo dele. — Seus métodos são injustos.

O esforço que exercia a fim de manter as pernas bambas esticadas, estava chegando ao nível do insuportável.

— Como não foi justo, a forma como me ludibriou no hotel — despejou entre os dentes, muito bravo comigo. — Roubando na cara dura.

— O cacete que roubei você — exasperei ajeitando o vestido no corpo.

— Senhor Henry? — A voz da Valentina irrompeu nossa discussão.

— Saco! — praguejou erguendo a calça e cueca. E foi no momento certo, ela já saía pela porta.

Seu olhar suspeitoso, oscilaram entre nós.

— Precisa de alguma coisa, Valentina? — contrariado, perguntou áspero, fazendo questão de deixar claro quem mandava ali

— Desculpa! — começou ela sem graça. — Tem uma moça no interfone com o nome de Lidiane procurando pelo senhor. Devo deixá-la entrar?

— Caralho! — expirou forte pelo nariz, mergulhando os dedos por entre os cabelos e passou pela funcionária sem olhar em seu rosto.

— Há motivos para o senhor Henry estar tão irritado? — questionou ela, magoada, observando-o se afastar.

— Com licença! — Escolhi sair rapidamente dali e me esconder em meu quarto.

Horrivelmente atormentada pela minha estupidez, saí dali correndo. Excitada, meu corpo ainda vibrava com os pensamentos de luxúrias

povoando minha mente, os bicos rígidos dos meus seios doíam em contato com o tecido do vestido, devido aos meus movimentos rápidos. Eu carecia chegar logo ao quarto, a fim de me esconder até o raiar do dia. Então, pegaria minhas coisas e sairia daqui.

Sedenta, desviei o caminho indo para a cozinha e chegando à porta, dei de cara com um homem jambo e corpulento dentro de um terno preto, saindo de uma porta à direita. Precavida, escorreguei para o lado e com o pescoço esticado, espionava seus movimentos. Fiquei toda arrepiada o comparando aos capangas do Ivan, em razão da sua carranca.

Ele caminhou até o outro extremo, ao lado do refrigerador onde havia outra porta. Abriu e entrou fechando-a em seguida.

— Quero distância desta gente, eu hein! — afirmei fazendo o sinal da cruz e entrei no ambiente em busca de água.

O ambiente seguia o requinte de toda a casa, revestida toda de branco: piso, parede e teto. Os eletrodomésticos inox e os utensílios vermelhos faziam do ambiente invejável a qualquer cozinheiro. Cozinhar era uma das minhas paixões e uma cozinha desta seria realmente um sonho.

— Quem sabe um dia! — profetizei em alto e bom som, quando meus olhos fixaram na porta entreaberta, por onde ele saiu.

Não contive a curiosidade e segui até lá, me deparando com um tipo de quarto de monitoramento. Logo ao passar a porta, rente ao batente, havia uma viga de aço com vários molhos de chaves penduradas em ganchos. Um balcão de madeira escura rodeava todas as paredes e sobre ele, várias telas de TV mostrando imagens da casa. Numa delas observei o Henry caminhando em direção à guarita ao lado do portão, e do lado de fora uma mulher na calçada.

— Não pode ser! — Nutrida de cisma, me aproximei do balcão; curvando-me apoiei as mãos sobre ele e investiguei-a com cuidado. — Ferrou! —

Congelando, levei as mãos no topo da minha cabeça. O pânico veio com a certeza: ela era uma das mulheres que viviam sob o teto do Ivan. — Este cabelo curto e o rosto redondo eram inconfundíveis.

Fechei meus olhos tentando lembrar o nome anunciado pela governanta, e na confusão de pensamentos demorei alguns instantes.

— Lidiane! — Meu Deus! Se ela me ver aqui, aí sim, estarei perdida. Girando nos calcanhares abruptamente para fugir, fui barrada por alguns fios dos meus cabelos, que enroscaram nos molhos de chaves. — Puta merda! — praguejei me esforçando a fim de desenroscar.

Em vão! O jeito foi dar um puxão.

— Ai! — resmunguei, chorosa com a dor.

Infelizmente vários fios ficaram por ali, suportando as fisgadas de dor na região do couro cabeludo, eu dei no pé, entrando na cozinha. O medo me fez desistir até da água, mesmo com a boca seca, implorando por ela, saí em disparada pensando que me trancaria no quarto, e com a chave.

Nem sei por que fiquei tão surpresa, eles eram todos farinha do mesmo saco.

Mais do que nunca, minha partida é primordial.

Tirei minha roupa e caminhei para o banheiro, na esperança do frescor da água do chuveiro me arrancar deste estado deplorável.

Capítulo Doze

HENRY

Apesar do céu estar banhado pela luz prata da lua e estrelado, a brisa estava fria. Caminhando pelo quintal em direção ao portão, sentia-a bater em meu tórax pelando, e acarretando um tremendo e prazeroso choque térmico. Meu pau duro forçava o zíper da calça, dolorosamente, pulsava na mesma frequência das batidas do meu coração, num verdadeiro complô. Eles pareciam ter a intenção de quebrar os ossos das minhas costelas.

Caralho! Por que esta mulher veio bater na minha porta exatamente agora? Uma péssima hora.

— Abre o portão, por favor! — acenando com a mão, solicitei ao novo segurança dentro da guarita, enquanto a outra corria pelos meus cabelos, alinhando-os atrás da orelha.

— O nosso acordo não foi você me esperar no hotel? — adverti sério, abalando-a.

Seus olhos se encheram de lágrimas de imediato.

E a culpa é daquela vigarista dentro da minha casa, não havia meios de concentrar em outra coisa que não fosse o seu estreito calor interno. Tremi todo arrepiado.

— Nossa! — ela exclamou estranhando minha reação. — Esperava ser recebida pelo menos com um sorriso de alegria — emendou ao meu silêncio.

Eu também estava surpreso com a minha reação. Afinal, mulheres transbordavam em minha vida. Por essa razão era incompreensível o desejo

que sentia de voltar lá para dentro, tomá-la em meus braços e terminar o que começamos?

Há dois anos esta mesma sensação de desejo fez dos meus dias conturbados. Depois da nossa transa no hotel, o sexo com outras mulheres perdera o encanto. Comemorei quando tudo voltou ao normal, e agora, voltei à estaca zero.

— Sabe muito bem que não podemos ser vistos juntos — foi preciso frisar bem as palavras para ver se entrava na cabeça dela.

A resposta foi um sorriso choroso.

Estava ciente da minha agressividade, e ela não merecia. Admito! Entretanto, o combinado entre nós era: negócios e sexo casual.

— Desculpa eu ter vindo sem avisar, é que não consegui vagas nos hotéis de Alphaville — grunhi, fingindo acreditar na sua lorota. — Não ficou feliz em me ver, né?

Ria, fitando o seu rosto redondo, embaixo de uma maquiagem exagerada.

— Foi imprudente burlando o nosso acordo, Lidiane! Estamos dentro de uma grande investigação e qualquer passo em falso, tudo voa pelos ares. Nenhuma novidade, né? — Seus olhos arderam e logo as lágrimas rolaram bochecha abaixo.

Escondendo seu abalo emocional ela mudou o olhar, direcionando-os aos seus pés, batucando no concreto da calçada.

— Se te ofendi, perdão, Lidiane! — expressei com sinceridade e, segurando seu queixo, ergui sua cabeça. Com um semblante entristecido, ela evitava me olhar. — Não foi minha intenção.

Deslizando a língua ao redor dos lábios umedecendo-os, ela revirou os olhos parando com eles no horizonte.

— Isso quer dizer que terei uma chance contigo somente quando o Ivan for capturado? — terminando a frase, me encarou especulativa. Pensava

numa resposta, e ela antecipou: — É um equívoco acreditar que ele voltará ao Brasil. — Inconformada, ela sacudia a cabeça em tom negativo. — Ele nunca mais colocará os pés neste país, depois de ter perdido sua força por aqui, não mais. E outra: na lista de procurados da Interpol, com absoluta certeza, fez cirurgias plásticas e deve estar irreconhecível.

— A mudança de fisionomia é esperada, por esse motivo todos estão atentos nesse quesito. Ele não vai deixar barato, com certeza virá atrás de vingança pela emboscada. Talvez ele esteja mais perto do que pensamos.

Ela riu desacreditada e passou as mãos pelo rosto.

— Pouco provável! — afirmou com convicção. — O Ivan é um homem desencanado, o que mais acontecia na sua vida criminosa eram as emboscadas pelo controle dos negócios, dos pontos. Portanto, seria necessário muito mais, para atrair a atenção dele. Para tal objetivo, somente destruindo o psicológico dele, sua honra, a imagem de homem irresistível, sedutor que tanto ostentava. Eu não sou e nunca fui a queridinha dele, se fosse não teria me substituído pela "zinha" bonitinha, o bibelô precioso que mantinha no quarto. — Magoada, ela deu de ombros. — Decerto, era receio em perder a mulher. Afinal, ela era linda, admito! E quem garante que não estão juntos? — cogitou comprimindo os lábios e com as mãos abertas. — Ambos sumiram na mesma época. De repente, estão vivendo no maior *love* em algum lugar maravilhoso por esse mundão afora, enquanto você fica aí, obcecado em vingança e assistindo o tempo passar.

Inspirei distanciando o olhar quando ela atingiu o ponto do segredo, que estava correndo em sigilo. A visita do Bernardo hoje, aqui em casa, foi justamente para discutirmos sobre essa mulher e o paradeiro dela. Ela passara a ser um instrumento importante para atrair o mafioso.

— Não perca seu tempo comigo, ele não virá à minha procura — emendou com a minha quietude.

Lidiane tinha razão! A tal mulher representava a melhor das iscas. Bernardo usou sua ampla influência e conseguiu um interrogatório extraoficial com os comparsas do Ivan que estão presos. Só perda de tempo. Os bandidos adotaram a lei do silêncio, apenas um deles deixou escapar, sem querer, sobre o amor do mafioso por ela. Este era o motivo dela ter entrado na lista das prioridades.

— Sua premissa faz sentido — afirmei ainda divagando, mas não sobre o mafioso e sim, na Sacha!

— Por acaso, você já ouviu o nome Sacha Ortiz, dentro da mansão do Ivan? — perguntei sem conseguir controlar meu desejo, nem o meu pau, movimentando na calça de tanto que pulsava dolorido. De modo involuntário, levei a mão sobre ele e apertei, estremecendo entredentes, e não passou despercebido pela Lidiane, com os olhos safados sobre minha mão o acariciando.

— Bem que poderíamos abrir uma exceção, hoje. — Segurando a barra da saia, três dedos acima dos joelhos, ela sugeriu dando um passo à frente, ignorando a minha pergunta, e a ergueu sugestiva.

A última transa com a Lidiane foi há um ano e não me sentia estimulado a repetir, minha mente estava toda voltada à vigarista.

Meus olhos mapearam em total desinteresse as pernas torneadas, que já me deixaram muito excitado. Faltava a química, que havia de sobra com a outra.

Levei a mão ao rosto quente.

— Sejamos profissionais, Lidiane! — Seus lábios comprimiam, mostrando claramente a frustração.

— O nome Sacha Ortiz lhe diz alguma coisa? — repeti a pergunta. Travando os lábios, ela estufou as bochechas, deprimida. — É *importante*, Lidiane! — enfatizei com seriedade.

— Sacha, Sacha! — pensativa ela disse o nome duas vezes, e então soltou o ar, contrariada. — Sim, pode ser este o nome da paixão do Ivan. Não tive nenhum contato com ela, bem, ninguém tinha. A mulher viveu a maior parte do tempo dentro do quarto, porém, eu acredito que seja este nome mesmo. Ouvi algumas vezes o Ivan dizer o nome Sacha aos seus capangas. Como conseguiu esse nome? — indagou curvando a cabeça de lado.

Tinha certeza de que seria coincidência demais. É ela!

— Depois falamos a respeito. — Ansioso com esse trunfo nas mãos, e excitado ainda, estendi minha mão. — Dê-me o seu celular, por favor.

Decepcionada, ela o pegou dentro da bolsa botando-o sobre minha mão aberta, aguardando. Pelo aplicativo solicitei o táxi com destino para Alphaville, em seguida devolvi o aparelho.

— Quando estiver a caminho enviarei a você algumas sugestões de hotéis na região, ok? — Torceu a boca, desgostosa. — Não quebre mais nossas regras, por favor.

Girei o corpo, suficiente para o segurança na guarita me ver, e acenei no sentido de abrir o portão.

— Eu vou cair fora! — intimidou quando o táxi estacionou. — Se não existe o nós, então não farei mais parte de nada que envolva você. — Quando girei o corpo ela já abria a porta do carro, e comprimi meu rosto, indignado com a chantagem.

— Está blefando, sei que não *teria* coragem! — frisei com veemência. — Enquanto o Ivan estiver livre, não está totalmente segura, portanto, precisa de mim. Pense nas atrocidades que ele faria se descobrisse que você o traiu, passando informações para os seus desafetos.

Ela balançou, mas não muito. Estufou o peito e rebateu:

— Foda-se! — Entrou no carro e bateu com a porta na minha cara.

Desaforada!

Impaciente, atravessei o portão e entrei em casa apressado e liguei para o Bernardo.

— A Lidiane acabou de sair daqui de casa — avisei com ele grunhindo, desacreditado.

— *Uma atitude intolerável* — definiu ele secamente. — *Será que ela não tem noção do perigo? Se o mafioso desconfiar da traição, ela estará perdida.*

Embrenhando os dedos pelos cabelos, os prendendo no coque samurai, contornei a frente da casa indo em direção à porta da cozinha, e refletia se contaria de imediato a minha descoberta.

Não é necessária tanta pressa! O desejo tomava as rédeas.

— Ela está a caminho de Alphaville, então preciso que me envie aqui, por mensagem, pelos menos duas indicações de hotéis confiáveis. É fundamental cuidar da segurança dela, autorizo a contratação de dois profissionais especializados.

— *A minha experiência diz que toda esta precaução é desnecessária, meu amigo! Se ela tivesse alguma importância ao Ivan, levando em conta o tempo corrido, com absoluta certeza ele já teria dado sinais de vida.*

— O Ivan está mais perto do que imagina!

— *Como disse?* — notei o quanto estava perplexo.

— Faça o que eu pedi — desconversei. Primeiro teria uma conversa definitiva com a Sacha, e posteriormente, o colocaria a par. — Prefiro garantir a integridade dela.

Persisti na omissão a lhe passar as evidências.

— *Estamos conversando no viva-voz, e a Danielle já está providenciando suas reivindicações!* — Danielle é a assistente gostosa, que se passa por prima. Na verdade, ela é parente e atua como detetive. A família toda integra na área, portanto, todos os ramos de negócios são apenas fachadas. — *Ah, Henry, como na reunião você esteve fora do mundo real e acabou ficando*

pendente o amadurecimento de algumas ideias, você poderia vir amanhã à minha festa. Além do ambiente badalado soar um bom disfarce, aparentemente fortalece "nosso laço de amizade" — sublinhou.

Parei à porta da cozinha até finalizar a conversa.

— É uma boa oportunidade de eu conhecer a tão famosa festa do Bernardo.

— *A satisfação é garantida, meu amigo! Mulheres de alto padrão, e lindíssimas* — instigou.

Atormentado, não enxergava motivação.

— Tenho uma reunião importante na empresa e sem hora para acabar. Mas darei um jeito de aparecer até as 23h — avisei, ainda sem ânimo.

Desliguei e corri até a sala de monitoramento.

Por precaução, as imagens dos últimos minutos deveriam ser apagadas.

— Em que posso ajudar, senhor Henry? — se prontificou Agner, o responsável pelo monitoramento de toda a residência, assim que entrei na sala.

— Apague todas as imagens dos últimos minutos — ordenei.

— Sim, senhor.

Curvando-me, apoiei as mãos no balcão e assisti o trabalho exímio.

— Perfeito! — Endireitei o corpo. — Obrigado — agradeci, aplicando leves palmadas em suas largas costas.

— Às ordens! — ele respondeu gentilmente.

Apreciava a discrição deste meu funcionário, nunca questionava minhas ordens.

Girando o corpo para sair da sala, meus olhos pararam nos molhos das cópias das chaves de toda a propriedade. Meu corpo inteiro se arrepiou ao imaginar eu entrando no quarto e tomando a gostosa em meus braços.

Não conseguia desviar o impulso.

Tentava pensar com a cabeça de cima, porém, a de baixo comandava, pintando o panorama oposto da realidade.

Eu contestava a integridade da mulher, não havia dúvidas da sua desonestidade, no entanto, admitia que era muito inteligente. Aquela cara de inocente, realmente enganava qualquer um. E por esta razão devia resistir. Chegar perto dela agora ia resultar em sexo, e não no objetivo principal: o de arrancar sua confissão. Não havia como estar com ela sem desejá-la.

Aproximei-me das chaves e franzi a testa, intrigado com um chumaço de fios longos de cabelos loiros entre elas. Todas as funcionárias usavam cabelos presos e toucas, permissão para deixar os cabelos soltos, somente a Valentina tinha, no entanto, seus fios escuros divergiam dos dourados.

A única aqui com os cabelos loiros e soltos é ela. E se está fazendo o reconhecimento da casa para informar ao gangster, vai cair do cavalo! Desta vez estou atento; e te pego, vigarista.

O desejo crescia em mim, comigo visualizando mentalmente, fechando minhas mãos no pescoço alvo, esganando-a. Em meio à tensão e o tesão, virei o rosto para Agner.

Ele estava atento nos monitores.

— Entrou mais alguém aqui na sala? — indaguei curioso, considerando seu turno de doze horas, ele estava aqui desde a manhã.

— Durante a minha permanência, somente o senhor — confirmou.

Nervoso, apanhei a cópia da chave do quarto, talvez ela tivesse se trancado lá dentro. No entanto, a expectativa de estar com ela fez minha excitação sobressair, totalmente fora da minha sensatez, saí dali e, hesitante, parei em frente à escada.

A atração por ela me tornava um fraco, tomar uma providência era mais do que fundamental a fim de sair desta obsessão.

Ponderava, na tentativa de abater a vontade louca, quase incontrolável, de subir.

Com a ausência de equilíbrio, não conseguia controlar meu pau, tampouco minha razão e comandado pelo impulso, subi aqueles degraus.

Como previsto, a porta estava trancada.

Abri rapidamente, encontrando o quarto vazio, e sua mala aberta no chão, próximo da cômoda. A minha curiosidade de mexer nas coisas dela cedeu espaço a uma sensação estranha pelo corpo, ao ouvir o barulho da água do chuveiro caindo.

Caminhando até a porta, tive a visão penosa.

Gostosa da porra! Linda, nua como veio ao mundo, recebia a água do chuveiro enquanto ensaboava seu corpo, torturantemente esculpido, curvas perfeitas, uma bunda redonda e empinada, me seduzindo.

Do mesmo jeito que ela carregava a desonestidade, carregava a beleza com este corpo curvilíneo.

A passos leves me aproximei no anonimato, encostei meu ombro no batente da porta; e cruzando meus braços na altura do peito fiquei ali, naquela puta tara, admirando-a, devorando-a com os olhos, me enchendo mais de tesão, e de uma incontrolável vontade de entrar no chuveiro com ela.

Estou endoidecendo de verdade! Meu pau, louco para entrar em ação, dava cabeçadas no zíper, a ponto de doer e comprometia o meu controle, não havia meio de sobreviver à guerra interna, com aquele corpo perfeito todo para mim.

Precisava entender de onde vinha este sentimento louco, esta emoção toda. Na realidade, uma loucura total. De repente tive a impressão de ouvir seu fungado, como se estivesse chorando, e estava; quando a mão que segurava o sabonete se abriu, o deixando ir ao chão, as duas subiram cobrindo ao rosto.

Ela está mesmo chorando! Então ela se virou.

Nitidamente pálida e surpresa ao me encontrar, seus olhos arregalaram e seus lábios se separaram um pouco, com ela colocando o braço direito sobre os seios fartos, os escondendo. E a mão esquerda cobriu a vagina cobiçada.

— Por que você está aqui? — quis saber, muito embaraçada. — Você não pode entrar assim, está louco? SAI DAQUI! — vociferou, sem que eu manifestasse algum movimento evidente.

Os meus únicos movimentos eram o peito subindo e descendo, freneticamente, por conta do meu coração agitado, golpeando minhas costelas, motivado pelas imagens que meus olhos captavam. Linda! E sensual, cada movimento dela me atraía, poderosamente. Os lábios carnudos, deliciosos e trêmulos, levava meu cérebro a criar imagens obscenamente eróticas.

— Sair está fora de cogitação, moça! — defini, tirando o celular do bolso da camisa, a carteira do bolso da calça e os deixando sobre a pia, avancei os passos, desenhando uma expressão de cinismo para esconder os meus sentimentos e a minha intenção. Respirando forte, seus olhos perambularam pelo meu corpo em movimento, e suspirou parando com eles sobre meu volume pulsando. E quando abri o box, ela tremeu claramente, recuou escorando na parede atrás dela. Eu estremeci imperceptivelmente, acometido pelo cheiro fresco e agradável do sabonete. — Eu quero saber, e tem de ser agora, os motivos de você ter entrado na sala de monitoramento. — Concentrada no meu pênis, a resposta não saía.

A resposta deixou de ser relevante, com ela linda e irresistível demais, além da cortina de água do chuveiro.

— Está equivocado, e-eu... — tentou, mas se perdeu na resposta e ainda suspirou, longamente. Tinha uma baita oportunidade de entrar ali, debaixo da ducha com ela, e não estava disposto a desperdiçar, a realidade dura e crua:

eu não era capaz de ignorar o desejo. Num impulso, fui em sua direção. Ela ofegou. — Você é muito abusado, sabia? — Saiu apenas um resquício de voz.

— Tem certeza? — Debaixo do chuveiro estendi meus braços, fechando os dedos em seus ombros. Engolindo duro e sacudindo, ela fechou os olhos. A pele quente e macia me excitava ainda mais. *Eu quero senti-la novamente.* — Porque não é o que está parecendo. — Puxei-a e balancei ao contato com o corpo quente.

Ela também ficou afetada.

— Estive na cozinha em busca de um copo com água e fiquei curiosa, entrei sem intenção alguma — titubeou se justificando, enquanto esfregava seu corpo no meu, me atiçando.

É inacreditável como ela finge bem! Ela demonstrava mesmo ser a inocência em pessoa.

— Pouco convincente, Sacha! — Ergui a sobrancelha, simulando ar de superioridade. — Quem é você, afinal? — impus olhando em seus lábios, doido para saboreá-los.

Ela não gostou e grunhiu incrédula.

— Todas as minhas informações estão no currículo e na carta de recomendação. — Irritada, ela me impulsionava para trás, sem que eu a soltasse. — Portanto, senhor petulante, se tem dúvidas sobre a minha pessoa, pegue a porra dos papéis e os analise...

— É muita cara de pau — salientei, fincando o pé no chão, e ficamos debaixo da água. — O papel aceita tudo, minha querida! — Largando os ombros, enlacei seu corpo prendendo seus braços também, e a trouxe contra o meu, desafiando seu olhar, numa mistura de ódio e excitação.

— Deixa de ser idiota! — rebateu corajosa, dentro de uma risada desordenada e cética, porém, paradinha dentro dos meus braços. Meu peito

batia em total anormalidade. — Eu não roubei você, nem ninguém — reafirmou.

— Todo o seu histórico é negativo e indica o contrário, inclusive a sedação no avião e a sua fuga do quarto. — Jogava na tentativa de ela confessar. — O seu comportamento é de caráter duvidoso. — Seus lábios se abriram para retrucar, mas antecipei. — E não me venha com aquela desculpa esfarrapada de que o papai é controlador. É mentira!

Encarando-me com dúvida, ela rosnou nervosa à minha acusação.

— Cara! Você é muito cínico. — Abri um sorriso falso de satisfação diante da voz embargada, quando estava no limite do meu desejo. — FODA-SE VOCÊ! — gritou num tom magoado e toda trêmula, as lágrimas explodiam, quase em cachoeira, dos olhos.

Essa reação, que nasceu visivelmente natural, derreteu meu coração.

Largando-a, segurei seu queixo o erguendo, querendo seu olhar nos meus. Não foi exatamente como desejava. O par de safiras se prendeu aos meus lábios sedentos, transmitindo um sentimento estranho em meu ser.

Eles são incríveis!

— Não se atreva, eu não quero beijar você — exprimiu falsamente num fio de voz.

O magnetismo dos nossos corpos tão perto, os lábios tremendo, elevando o meu apetite sexual por ela, e somente por ela, não me permitia ter controle, agarrei-a e a beijei com toda a minha força.

— E-eu te odeio... — ela sussurrava batendo fraco no meu peito, porém, estava claro que curtia meus lábios dominadores. Louco de tesão, explorava duramente o interior de sua boca, fartando-me com o doce de sua saliva. Ela se rendia mais e mais ao beijo se intensificando, exigente.

Largando do queixo, levei a mão por dentro dos cabelos molhados e segurei sua nuca, forçando sua cabeça contra minha boca, a beijando

molhado, gostoso e agora, sendo retribuído. Descia por suas costas exercendo pressão contra meu corpo, sentindo a pele extremamente arrepiada. Atraquei sua bunda e a apertei mais contra meu pau dolorido pacas. Ela deixou um gemido de submissão escapar, encorajando-me.

Escorreguei os lábios pela face, bebendo as gotas de água morna, trilhei até sua orelha, circulando o interior com a língua, fazendo a mulher vibrar em meus braços e voltei aos lábios.

— Você é uma tentação — sussurrei louco neles, a empurrando para trás.

Em meio a respiração acelerada, ela gemeu baixo ao recostar à parede.

Conforme fui escorregando os lábios pelo queixo, ela espalmou a parede ao seu redor. Curtia meus lábios impertinentes, caminhando até o pescoço, e descendo.

—Ah! — Toda mole e entorpecida, ela fechou os olhos se contraindo. E inspirou segurando o ar nos pulmões, na expectativa.

Passei a língua por entre os seios fartos, brincando em provocação e abocanhando a seguir, chupando, beijando enquanto corria a mão barriga abaixo, e adentrei os dedos por entre os lábios vaginais escorregadios.

— Caralho! — estremecido, rugi doido, circulando o clitóris duro, inchado, a fazendo tremer contra minha mão. — Molhada, como gosto! — Esfregava os dedos espalhando toda aquela lubrificação deliciosa, e a penetrei duramente.

— Céus! — rebolando na minha mão, exclamou num gemido estrangulado e profundo.

A sensação que me proporcionou foi singular, eu não estava me aguentando, tremia de tanto tesão.

Meu pau duro forçava o zíper, implorando por liberdade.

— Eu preciso sentir seu sabor. — Ensandecido de vontade, busquei seus olhos transbordando de desejo e lambi meus lábios sedentos. Ofegando, ela

me inspirava e incentivava. Sem desperdiçar tempo, desci beijando levemente o abdome liso. Chegando ao umbigo, virei-a de costas, necessitando olhar sua bunda. — Delícia! — A montanha toda empinada para mim, era muito gostosa. Espalmando suas costas, incentivei-a a curvar-se; espalmando a parede à sua frente, ela inclinou bem, me proporcionando a visão do formato da sua vagina. — Espetacular! — rosnei passando a língua nela, brilhando de excitação, brincando com prazer.

Em seguida mordi sua bunda arrancando gritos dela, e abruptamente a virei de frente, metendo a língua.

— Jesus! — ela arfou suspirante, experimentando minha língua de cima para baixo.

Estava viciado no seu cheiro bom de mulher.

Suspirando, arqueava o quadril moendo sua delícia molhada, pulsando contra meus lábios. Aceso, lambia e chupava enlouquecido com o seu gosto único.

— Que gosto bom da porra! — sussurrei ali, me servindo da carne macia, quente e úmida. Um banquete delicioso.

Empunhando meus cabelos, me puxava contra ela, soltando gritos abafados, ela quase estava subindo pelas paredes.

— Com este trabalho de mestre, não vou aguentar por muito tempo... AHHH! — gritou, evidenciando o orgasmo. Sentia as contrações internas, sua vagina parecia sugar minha língua, ali, trabalhando ávida e agitada.

O meu desejo agora era ela gozar comigo dentro dela.

Molhada, pronta para mim, me ergui tocando seus lábios, suspirando pesado neles, catei na sua mão delicada e a levei até o cós da minha calça, encolhendo minha barriga, dando espaço para ela entrar.

— Nossa, como ele está duro! — gemendo, elogiou num fio de voz o moldando em sua mão com força.

Soltei um gemido rouco, repleto de tesão.

— E você é a responsável! — Desabotoei os únicos botões fechados da camisa encharcada, tirando-a, permitindo cair no chão molhado.

Em seguida abri o zíper, descendo calça e cueca juntas, abandonando-as por ali.

Seus olhos iluminaram olhando para ele, enquanto eu o acariciava provocando-a, aguçando-a. Ela o olhava como se não acreditasse que estava prestes a receber tudo aquilo.

— Eu quero! — declarou com a boca cheia de água e veio com a mão ansiosa, recuei.

— Agora não! — Fechei o registro do chuveiro e saí do boxe. Ouvia seus suspiros às minhas costas, apanhei um preservativo dentro da carteira sobre a pia e retornei, a pegando em meu colo. — Primeiro eu vou te foder forte — alertei-a.

Ela estremeceu em meus braços.

A joguei sobre o colchão sem me preocupar se estava ou não molhada. Na maior pressa do mundo vesti o preservativo. Entorpecida, admirada, ela observava meus movimentos, e sorriu respirando fundo no momento em que deitei sobre seu corpo, maravilhosamente quente, e beijei, chupei o pescoço alvo, perfumado inclinado ao lado.

Alucinado, degustando da pele macia, espalmei o colchão ao seu redor e erguendo o tronco, roçava meu pau, quase explodindo, na sua vagina, que pingava de tão excitada.

— Sei que vou me arrepender disso, mas, por favor, mete logo tudo isto em mim — implorou arqueando o quadril o desejando ardentemente.

— Certamente é tarde para se esquivar — respondi deslizando-o na entrada pulsando. Teimosa, seus dedos fecharam em torno da base e o

encaixou em seu núcleo, eu empurrei, penetrando o canal estreito num rugido selvagem. — Delícia!

Cravando as unhas em minhas costas ela gemeu desatinada.

— Que tesão, que tesão... — eu gemia e estocava potente, exercendo uma velocidade avassaladora e a safada segurava firme a minha bunda, me espremendo, exigindo mais e mais contato. Afundei tudo gemendo insano. — CARALHO! — urrei, socando fundo lá dentro. — Gostosaaaa!

Elevei meu tronco o tirando devagar, ouvindo seus resmungos desapontados e olhando em seus olhos brilhando de anseio, apreciando sua respiração encurtada. *Esta vadia é muito gostosa!* Beijei seu pescoço e suguei os peitos, e então arremeti numa força bruta medida.

— Meu Deus! — gritou ofegante. — Você é *expert* no assunto, cara.

Com aqueles elogios, a empolgação e a emoção não couberam dentro de mim.

Vivia ali, com a vigarista, uma loucura incoerente, meu coração não era para estar assim, tão aquecido, não mesmo!

"Merda!", praguejei bombeando mais intenso, fundo e frenético.

Ela gemia abafado entredentes, alucinada com a minha performance.

— Eu vou gozar, vou gozar — completamente sem ar, ela murmurou se contraindo toda, e então senti o calor do seu orgasmo gigantesco.

Endoideci.

— Puta que pariu! — naquele tesão absurdo, totalmente seduzido por ela, saí e a virei na cama a colocando de joelhos.

Precisava experimentar um pouco mais dela, e esta posição.

Afoito, penetrei novamente, ele escorregava com facilidade em seu fluido de prazer e iniciei as estocadas fortes e rápidas por alguns minutos. Ela gemia excitada de novo. Apertando suas nádegas ao redor dele, eu golpeava rápido,

tomado pelos espasmos. Sentia a necessidade de gozar em contato com sua pele, e cheguei à conclusão que na boca quente seria o local perfeito.

— Vem cá! — Abraçando seu corpo a ergui, colando suas costas em meu peito alvoroçado, levei meus dedos em seu clitóris estimulando, beijando sua nuca e bombeando forte.

E ela não aguentou, tremeu gemendo profundamente em mais um orgasmo intenso, balançando em meus braços, me arremetendo ao meu limite.

— Eu quero sentir sua pele — sussurrei ao seu ouvido, sem aguentar mais. Saí, arranquei o preservativo e, segurando seu cabelo, trouxe sua boca até meu pênis, latejando forte. — Chupa ele, chupa! — ordenei.

Olhando aquela boca carnuda o engolindo me deu um tesão ainda maior.

— Caralho de boca! — Em pleno espasmo, segurei a lateral da sua cabeça e empurrei o que deu na boca quente e molhada, gozando como há muito tempo não acontecia. — Ohhhh! — Eu sacudia de prazer com ela tomando gota por gota.

Exaustos, e em silêncio, troquei meu pau ainda duro pela minha boca e a beijei de um jeito calmo, uma forma intrigante. Tentei ignorar todos os meus pensamentos, e deitei aninhando-a em meus braços, nem sei por que fiz aquilo. O calor de nossos corpos ainda trêmulos produziu a urgência de beijá-la ardentemente.

Excitei-me de novo. *Tem algo de muito estranho nesta mulher!*

Tão logo terminei meu raciocínio, o celular tocou lá na pia do banheiro, mas um descuido meu em desabilitar o atendimento automático, e entrou a voz em prantos da Lidiane.

"Henry! Desculpa..."

Desembestado, arrastei meu corpo para o lado e saindo da cama, segui até o banheiro atrás do celular. Pelo caminho ouvia mais explicações.

"Só falei aquilo porque estava me sentindo usada. Mas você é o Rei, cara! E um rei pode tudo..."

"Olha! Pode contar comigo, vou te ajudar a atingir seu objetivo de caçar o Ivan e qualquer membro ainda solto e colocá-los atrás das grades. Concordo com você quando diz que não há vitória com o líder da organização à solta."

Pegando-o sobre a pia o deliguei ligeiro, e retornei ao quarto.

Sentada, com o lençol cobrindo o corpo, os olhos claros da Sacha estavam arregalados, eu diria dez vezes de tamanho no rosto perfeito, numa palidez mortal.

Semicerrei os olhos reparando seu medo, ela tremia nitidamente.

— Por que este medo todo? — indaguei num tom frio, tão gelado, que senti um arrepio descer por minha espinha.

— Medo, eu? — Em evidente pânico, ela pulou da cama, se enrolando no lençol.

Sua tentativa de disfarçar fracassou.

— Sim, senhora! — sustentei caminhando até ela, amedrontada, catei seu braço. — Você está tremendo, e tenho plena convicção de que não é de frio.

— Está louco? — Num tranco com o braço, ela se livrou de mim. — Por que estaria com medo? — perguntou atônita.

— Para de enrolar fazendo perguntas e desembucha logo! — exigi, fechando os dedos em sua garganta e impulsionei seu rosto para bem perto do meu.

— Que mania você tem de pegar a gente deste jeito! — Com as mãos forçando tirar a minha do seu pescoço, ela reclamou suspirando.

— Fala logo! — extremamente importunado, mandei comprimindo um tanto mais, porém, sem feri-la.

Ela titubeou, ficando muda por alguns instantes.

Vasculhando seu rosto minuciosamente, notando-a procurando alguma desculpa esfarrapada.

— Cada vez mais eu me convenço de que nossos encontros não têm nada da casualidade. Especialmente o de Anápolis... Coincidências demais, não concorda? — joguei o verde novamente.

Fechando os olhos, ela parecia que iria ceder, me enganei redondamente.

— Não espere nenhuma outra explicação — dizia balançando a cabeça. — Cansei de bater na mesma tecla. — Ergueu os olhos num tom triste, de cortar o coração.

Eu não hesitei.

— Quem é você? — Trouxe-a mais perto, colando minha testa na dela. Confesso, tinha dificuldade de manter a imparcialidade com o hálito morno e perfumado em meu rosto, provocando sensações inimagináveis pelo meu corpo. — Qual é a sua ligação com o Ivan Rybakov? — Seu rosto branco ganhou um rubor forte. — CONFESSA! — vociferei, perdendo a cabeça, e apertei seu pescoço.

Ela fechou os olhos, sufocada.

— M-me larga, seu otário — resmungou fincando as unhas na minha mão, ao mesmo tempo que ergueu a perna. — Não faço ideia de quem seja este Ivan. — E me pegando desprevenido, deu uma joelhada suave no meio das minhas pernas acertando minhas bolas.

Então ligeira, correu em direção à porta de vidro da sacada.

— Sua filha de uma puta! — xinguei levando a mão no saco e disparei atrás dela, catando sua mão sobre a maçaneta, evitando-a de girar. — Mentirosa! O que pretende, me conte qual é o plano? O que procurava em minha carteira?

Ela soltou uma risada histérica e virou de frente me peitando.

— Eu não roubei o caralho da sua carteira, cara! — gritou impaciente e infiltrou os dedos nos cabelos, os prendendo no alto da cabeça.

— Então explica nossos encontros, nada casuais, o sumiço do dinheiro e da pulseira.

Ela me olhava estranhamente quando, de repente, revirou os olhos e foi se sentar nos pés da cama e relaxou o corpo, focada nos meus olhos.

— Você deve ter perdido esta merda e fica aí, acusando a torto e à direito.

— Suponhamos que a carteira e a pulseira eu tenha mesmo perdido — raciocinava. — Mas não há como negar a existência de certa conexão entre você e o Ivan.

Pendendo a cabeça, ela cobriu o rosto com as mãos e ficou ali, perdida em seu mundo particular. Refletindo, concluí que deveria ir devagar. Toda essa pressão poderia acarretar na sua fuga e eu ficar na mão. Se ela realmente for cúmplice do Ivan, teria de agir com inteligência, ganhar a sua confiança e arrastá-la para o meu lado.

— Senhorita Sacha, o senhor Adam está no escritório morrendo de dores e necessita dos seus cuidados, imediatamente. — A voz de Valentina batendo à porta do quarto cortou nossa conexão visual.

Corri para pegar minha roupa.

— Vou me vestir e já desço! — informou ela correndo para pegar roupas em sua mala.

Rapidamente entrei no banheiro fazendo a higiene e retornei, ela ainda mexia na mala.

Enquanto me vestia com a roupa encharcada, a observava ali, respirando forte, enquanto escolhia o que vestir.

E quando se virou, seus olhos se apertaram em fúria.

— Está perdendo seu tempo me espionando! — O tom arrogante soou irritante. — Está exageradamente equivocado a meu respeito. — Ofendida,

seus olhos cintilavam em lágrimas, como também notava certa vergonha. O vermelho em seu rosto era evidente.

— Veremos!

— Quer saber! — Pegando as roupas escolhidas, ela veio se posicionar à minha frente e ergueu a cabeça em desafio. Novamente aquela sensação desconhecida achegou.

— Não há a menor possibilidade de convivermos juntos, assim que prestar o atendimento ao Sr. Adam Stone eu vou me demitir. — Apontou o dedo lindo em minha face.

Segurei seu pulso com um baita vazio no peito, imaginando-a partindo. Ela me causou algum tipo de distúrbio, só pode!

— Primeiro, você cuida do meu pai; posteriormente, nós vamos conversar, você queira ou não — estabeleci num tom arrogante, numa forma de autodefesa.

Ela alterava o meu DNA. Não era aceitável que sua partida me causasse este temor todo.

Com os olhos estreitados, ela sacudia a cabeça inconformada.

— Espero não te encontrar aqui no quarto, quando sair do banheiro. — Num tranco, livrou seu pulso da minha mão e saiu pisando duro para o banheiro, batendo com a porta na minha cara.

Acabei de me vestir e saí do quarto. Caminhando pelo corredor em direção ao meu quarto, liguei para o Agner.

— Fique de olhos bem abertos na fisioterapeuta — demandei.

Discreto como sempre, ele não fez nenhuma objeção.

Capítulo Treze

SACHA

Meu Deus, meu Deus! Olhando a minha Imagem refletida no espelho em frente a pia, eu esfregava as pontas dos dedos nas laterais da minha cabeça.

Mal consegui respirar com o pânico tomando conta. Não havia tempo para pensar no que fazer. A decisão deveria ser única, e o importantíssimo era ser rápida. *Cair fora desta casa o quanto antes!*

Medida urgente, jogaria a oportunidade do pomposo salário ao espaço e seguiria com minha vida bem longe daqui. Com fé e coragem encontraria um lugar confortável para trabalhar; e outra, uma remuneração justa seria o suficiente. Demoraria um pouco mais até alcançar meus objetivos, entretanto, usaria o meu dom de empreendedorismo e certamente teria outra loja de sucesso. Isto, se me livrasse de vez deste mundo de mafiosos.

Credo! Me benzi. *Quanto mais fujo, mais fico perto desta cambada! Um querendo furar os olhos do outro na disputa do poder.*

E agora transformei a desconfiança crônica do homem quase em uma certeza.

Quando você vai deixar de agir por impulso, Sacha? Até alguém inexperiente desconfiaria da minha atitude.

Deveria ter segurado a minha onda, quando ouvi o nome do Ivan. Não foi possível! O desiquilíbrio acontecia sempre quando ouvia o nome dele. Meu cérebro já projetava um monstro aterrorizante incitando-me a fugir, como aquele personagem que ouvíamos quando criança: “BICHO PAPÃO”. Ele

esteve presente nos meus maiores pesadelos infantis. E pensar que agora, adulta, eu tinha um BICHO PAPÃO real. Corria dele como o diabo fugia da cruz.

Fechei meus olhos recordando da minha infância, não foi lá grande coisa, devido aos constantes desentendimentos com a Mônica. Mas, ainda assim, sinto sua falta e dos momentos em família no jantar e almoço.

Que saudades de vocês, gente!

— Te odeio, Ivan! — Comprimi os lábios e os olhos jorrando lágrimas.

Eu deveria te odiar também, Henry!

Eu me odeio! Odeio a pessoa fraca que torno sempre quando ele está perto, e quando me toca então! É química pura, dominante a ponto de apagar a minha mente para a realidade.

A constatação estava aqui, em meu corpo agora, reagindo diferente do sentimento de ódio. Só de pensar no deus, meu corpo esquentou, senti o sangue fervendo correndo por minhas veias. Era inadmissível admitir, mas o homem era um sedutor de primeira, tinha um poder surpreendente sobre mim, fazia parte das coisas boas da minha vida, dos melhores momentos, mesmo que tumultuados.

Hoje ele é parte da minha história.

"*Basta, Sacha!"*, adverti-me espalmando o granito da pia. *Ele é um criminoso, o Rei.* Não ouviu a mulher dizer ao telefone?

Com certeza, com a derrocada do Ivan, ele assumiu o posto de Rei da Máfia.

Saí do banheiro com as pernas tremendo, o meu coração, outro traíra, batia descompassado e queria sair pela garganta. Estava odiando esta minha fragilidade e me intitulava uma idiota.

Minha permanência nesta casa estava insustentável, além de arriscada. Era só questão de horas até o Henry descobrir tudo.

“Reassuma o controle e na primeira oportunidade, saia já daqui!”, exigi, analisando meu olhar realizado no espelho. “Merda!”, reclamei contrariada àquela sensação de euforia que não me deixava sentir arrependimento.

Vesti a roupa básica, rapidamente. Calça jeans e uma camiseta com decote V. Penteei os cabelos, catei o lençol no chão, o jogando no cesto de roupa suja, e voltando ao quarto, lembrei-me da pulseira.

Céus! Corri até minha mala a colocando sobre a cama, ela parecia intacta. Pegando a escova de cabelos, abri o compartimento no cabo suspirando aliviada. *Está aqui.*

Devolvendo no mesmo lugar, fechei a mala e a escondi debaixo da cama, em seguida calcei um tênis branco e saí voando do quarto.

Abrindo a porta do escritório do senhor Adam, nas mesmas características da sala do filho, e também com a bela visão do jardim do lado de fora, deparei-me com ele todo recolhido sobre o sofá. Todos os convidados que conheci no jantar ainda estavam presentes, o Henry, agachado em frente ao sofá, segurava firme a mão fremente do pai.

— Ai, que bom que você chegou! — contraindo o rosto em dor, resmungou o senhor Adam. — Me aventurei sentando neste sofá, e por conta da tensão gerada na nossa conversa, acabei nesta situação terrível. Oh! — na tentativa de mover-se, gemeu sonoramente.

— Não se mexa, pai! — aconselhou o Henry pressionando a mão do pai entre a dele.

Um gesto lindo de carinho que me arremeteu ao passado, recordando os abraços calorosos do meu pai.

Saudade!

Corri para socorrê-lo, Henry se levantou. Recuou a uma distância favorável aos meus procedimentos urgentes.

— A tensão permanece uma vilã, porém, sofás e ainda confortáveis como este, costumam ser também… — soltei humorada, iniciando o tratamento e utilizando de todas as minhas técnicas.

Como ele já havia tomado sua medicação, iniciei uma terapia local com massagens e alongamentos, sempre focada em seus olhos, explicando cada passo, o acalmando, e assim a dor muscular foi aliviando.

A todo instante ele agradecia de uma maneira tão carinhosa, gentil, destoando da característica de um mafioso.

— Agora, o repouso é complemento do tratamento, o senhor precisa descansar e logo estará em forma — aconselhei-o enquanto os homens presentes o colocavam na cadeira de rodas.

— Estou impressionado! — suspirou ele já acomodado. — Você é uma profissional incrível, menina! — elogiou cobrindo minhas mãos com as dele. — Só as massagens com estas mãos energizadas recarreguei minhas energias. Portanto, só vai sair desta casa quando eu morrer — determinou ternamente, porém, de um modo autoritário, como o filho.

Imediatamente, lancei um olhar preocupado ao Henry.

De braços cruzados sobre o peitoral, os olhos diabólicos e maravilhosos comprimiram, e ainda torceu a boca insatisfeito.

Sorrindo sem graça, voltei ao rosto do gentil senhor, sentindo mais um ataque de saudades, lembrando-me do meu pai.

Convencia-me de que já estava muito tempo sem vê-lo e deveria mudar esta história, imediatamente. Saindo desta casa, o primeiro destino seria o de procurá-lo em seu trabalho, numa cidade do interior de São Paulo.

— Infelizmente, por razões pessoais, eu não poderei continuar meu trabalho. — Ele arqueou a cabeça, incrédulo. — Mas não se preocupe, o Filipe nomeará um profissional qualificado para dar sequência ao tratamento e...

— NÃO! — recusou num grito perturbante. — Não posso mais ficar sem você, menina! — Abri a boca na intenção de argumentar, ele avançou. — Seus métodos de olhar nos olhos, conversar enquanto trabalha nos pontos onde está a dor me fascinou. Não abro mão deste tratamento humanizado, e por esta razão estou disposto em melhorar a oferta.

Comecei a rir, porém, encafifada. *Será que o Henry não falou de mim ao pai?* O acolhimento do senhor indicava que não. *Mafioso eu sei que ele também é, afinal, o nome Adam Stone ganhou as manchetes quando fora descoberto o esconderijo dos produtos ilegais da organização do Ivan.*

— Não se trata de dinheiro, senhor Adam! — Repentinamente, ele virou o rosto para o filho.

— Henry, converse com ela, a convença a ficar, por favor!

Os olhos intimidadores recaíram sobre mim, engoli duro diante do sorriso cínico, abarrotado de ameaça, surgindo em seus lábios.

Nem a pau, que vou ficar!

Este homem bagunçava meu psicológico, Céus! O sorriso cínico de lascar, me enojava e ao mesmo tempo gerava arrepios prazerosos pelo corpo. Fiquei mexida recordando o seu jeito de nos pegar.

"Puta merda! Larga de ser devassa, mulher!", adverti-me.

— Talvez, depois de uma reunião particular, eu a convença — o tom de voz saiu tão rígido que foi capaz de atingir meu coração.

Os batimentos cardíacos ficaram até visíveis, agitando o tecido da camiseta.

Descendo os olhos, focou no ponto do movimento veloz na roupa, e um sorriso de satisfação ergueu no canto dos lábios carnudos e charmoso demais da conta. O foda que o cara era conhecedor do seu poder sobre mim.

Também! Aquela pegada dele fazia a gente ficar de pernas bambas, gostosa pra caramba! Seu toque fazia o juízo desandar, e assim o homem

acabava podendo tudo.

— Bem. — Esfregando as mãos, o convidado de terno, que não recordava o nome (quanto menos intimidade com este povo melhor), se aproximou da cadeira e estendeu uma das mãos ao senhor Adam. — Eu ligo para você amanhã à tarde.

O senhor Adam assentiu de cabeça e começou a trocar algumas ideias com ele. Henry seguiu em passo firme e elegante até a cadeira executiva atrás da mesa, e segurando no braço dela, permaneceu em silêncio enquanto os homens se despediam e saíam.

Por último, ele requisitou a presença de Valentina para acompanhar seu pai até o quarto.

Com os olhos fechados respirei fundo, buscando coragem de encará-lo, e girei com tudo nos calcanhares.

— Não perca o seu tempo, tudo o que disser na intenção de me fazer ficar será em vão. Já decidi, vou embora neste minuto.

Suas sobrancelhas se ergueram numa expressão indecifrável e detalhe: mudo.

— Passe bem — emendei, e no instante que dei as costas ele se levantou da cadeira, ouvi seus passos rápidos e decididos pelo piso de madeira até seu braço girar na minha cintura.

— Saindo por esta porta reforça as minhas suspeitas — sussurrou ao meu ouvido.

Poderia arfar ao contato, mas desta vez eu estava fortalecida.

— ME LARGA! — beliscando a pele de cima da sua mão sobre meu abdome, ordenei.

Gemendo de dor, ele soltou.

— SUA LOUCA! — praguejou irado, e veio com a mão em direção ao meu braço.

Recuei no mesmo instante e apontei o indicador direito em seu rosto.

— Não estou nem aí para o que você pensa ou deixa de pensar, cara! Não vou me submeter a ficar nesta casa com você me amedrontando o tempo todo. E, por favor, nunca mais coloque suas mãos em mim.

Ele riu sarcástico antes de dizer cheio de si:

— Para de fazer charme! Você gosta, fica toda entorpecida nos meus braços.

Fechei meus olhos, inconformada.

— É uma pessoa intragável, sabia? — Nada mais veio à minha mente.

Na verdade, estava exausta de tudo, inclusive da minha vida tão deturpada.

— Eu diria realista — pronunciou ríspido e se virando de costas para mim, retornou à sua cadeira. Sentando, debruçou o tronco e cruzando os dedos fitava-me sério. — Vou propor um acordo! — Baixei os olhos e cruzei os braços, só aguardando o que viria. — Provisoriamente esquecemos os nossos problemas, vou fingir que te conheci hoje. — Moveu os ombros com indiferença. — Até porque, as máscaras costumam cair.

Todo meu sangue subiu para a cabeça, devido à sua arrogância.

— Intragável é um adjetivo pequeno para você.

— Tanto faz! — Não dando a mínima, saiu da cadeira e veio à minha frente. Tão próximo que era possível sentir o calor do seu corpo. — Agradar você ou não é irrelevante. — O meu coração errou a batida comigo ali, de cabeça levemente arcada enfrentando os olhos lindos vasculhando meu rosto. Fui muito humilhada verbalmente pelo Ivan, mas não doeu como agora. — A única importância aqui — seu tórax duro e quente relou no meu quando deu um passo. O choque foi extremamente forte, mal conseguia respirar, imagina então, controlar o tremor! Desorientada, fui salva pelo braço ao meu redor colando seu corpo contra o meu — é você oferecer qualidade de vida ao meu

pai. E para provar a minha boa vontade, darei espaço à senhorita para exercer sua função, como também irei dobrar o seu salário.

Os ruídos da vidraça desviaram nossas atenções. Um temporal de vento, trazendo junto a chuva, era o responsável, e voltou ao meu rosto sorrindo inexpressivo para em seguida soltar meu corpo, e se virando caminhou em direção à cadeira. Abobada, esta era a minha situação. Com as pernas bambas, contemplava o porte masculino de costas. E o absurdo era a vontade gritante de me embrenhar nele.

— Eu recuso a sua proposta — afirmei quando ele se sentou.

— Vai aceitar e por dois fatores! — "Nossa, como ele é abusado!", pensei incrédula. — O primeiro: sair daqui após a minha generosa oferta será o mesmo que confessar os seus crimes e sua aliança com Ivan.

— Ah! — Revirei os olhos, estupefata. — De novo com este papo. Não conheço nenhum Ivan.

Ele estendeu a mão exigindo mais da minha atenção.

— Se realmente não o conhecesse perguntaria o porquê do meu interesse, ou sobre os possíveis delitos do homem — afirmou categórico. Perdida no seu raciocínio lógico, sentia um calor insuportável subindo e se concentrando no meu rosto. — A resposta está aí na sua face ruborizada — comentou em franca ironia acenando com a mão à minha frente. — Está com medo, senhorita Sacha?

— Vai para o inferno! — desabafei o fazendo rir.

— Pois bem! Já que insiste em negar, então vamos ao segundo fator: ficar e prestar os seus serviços é uma chance de provar a sua inocência.

Pensa que me engana com estas propostas? Imbecil.

Estava é dando corda para confirmar sua desconfiança sobre eu ser uma espiã. Obviamente, está sonhando em reinar sozinho, mas será possível

apenas quando completar a limpeza, eliminando o seu inimigo Ivan, nosso inimigo, e sequer desconfiava disso.

A minha condição de quase esposa do Ivan me levará a ser decapitada com toda certeza.

Não, não poderia arriscar, tem muita coisa em jogo e eu tenho muito a perder para este homem. Mas preciso agir com inteligência, fazer de conta que ele me convenceu, assim dou um jeito de dar no pé. Pela porta da frente eu já percebi que não conseguirei sair.

— Talvez um mês de trabalho — sugeri falsamente. Achei a tática boa, a fim de driblar o homem.

— É justo! — aprovou balançando a cabeça de cima a baixo e então fixou nos meus olhos friamente. — Já terminamos, agora a senhorita pode sair.

Assenti, e me sentindo ultrajada, virei saindo dali o mais rápido possível.

— Gostaria do chá da noite em seu quarto, senhorita Sacha? — Saindo pela porta, fui abordada por Valentina.

— Não, obrigada — agradeci e apertei o passo.

Chegando à escada, subi os degraus na mesma velocidade, necessitadíssima de me esconder no quarto.

Doía a forma como eu era vista por ele e o jeito indiferente como fui tratada no escritório. Remoía a humilhação enraizando no meu coração.

Jogando-me na cama, liguei para o número do quarto da Madre. Ela era a única pessoa que conhecia 100% da minha vida, a única em quem confiava para desabafar.

— Madre, sou eu! — Minha voz saiu abafada devido àquele puta caroço na garganta, com vontade de chorar.

— Ah, que bom que você ligou, Sacha! Estava justamente aqui com o coração na mão pensando em você. Conseguiu zarpar da casa dos bandidos?

— Estou mais presa do que já estive na minha vida, Madre! — falei desabafando.

— *Calma, querida!* — dizia muito preocupada com minha explosão.

— Estou cansada de ter calma, não aguento mais... — chorava muito, deixando-a em alerta.

— *Está precisando da minha intervenção*, querida? — ofereceu.

Sacudi a cabeça de um lado ao outro.

— Por favor, não! — implorei, passando o braço direito no rosto e secando as lágrimas. — A senhora tem de ficar bem longe da confusão da minha vida. Eu preciso da senhora, entendeu? — terminei a frase claramente.

— *Compreendi sim, e vou fazer o que acha melhor. Fica calma!* — pragmática, ela concordou.

— Maldita hora que aceitei o convite da Jussara. Se eu não tivesse ido àquela fatídica festa nada disso estaria acontecendo...

— Muita coisa seria diferente, querida! Os males sempre vêm para o bem.

Grunhi, concordando com sua sabedoria.

— Tem razão, tem razão — me recompus iniciando a narrativa até este instante aqui no quarto.

— *Você não aceitou esta proposta de ficar trinta dias nesta casa, não é mesmo, Sacha?* — exclamou, aflita.

— Eu só concordei para despistá-lo! Não conseguirei sair daqui pela porta da frente, ainda mais que ele está crente que o roubei; e o pior é a pulseira, que ficou enroscada no meu cabelo.

— *Então vamos colocar a cabeça para funcionar, querida!* — Pausou a conversa por alguns instantes. — *E se você devolver a ele?* — ponderou.

Eu negava de cabeça.

— Será o mesmo que uma confissão, Madre! Esqueceu que o dinheiro sumiu da carteira?

— *É verdade!* — concordou, expirando sonoramente.

— O melhor a fazer agora é esperar até amanhã. Assim, aproveito para mais uma sessão com o senhor Adam. E estudo todas as possibilidades de sair daqui despercebida, afinal, toda a casa é monitorada. Bem, na primeira oportunidade saio daqui.

— *Apoio você, querida.* — Ouvi um suspiro de alívio.

— Só estou me sentindo mal em abandonar o tratamento no meio do caminho, Madre.

— *Já esperava por isso, com este seu coração bom!* — elogiou ela quando a voz da Isadora despontou ao fundo:

— *Eu posso entrar, madre Aurora?*

— *Entre, entre!* — autorizou a Madre. — *Só espere um pouquinho até terminar aqui com a tia Sacha.*

— *Eu quero falar com a tia Sacha!* — Meu coração se aqueceu com a vozinha ansiosa.

— *Só um minuto, Isadora* — solicitou a Madre e voltou a mim. — *Se prepara, minha filha. A Isadora passou o dia todo me rodeando* — cochichou.

— Deixa falar com ela.

— *Oi, tia Sacha!* — A empolgação estava nítida no tom da voz. — *O pai da Cristina me convidou para ir com eles a um parque enorme de diversão.*

— Quem é Cristina, amor? — indaguei pensativa, tentando lembrar de alguém com este nome, e nada veio à minha mente.

— *Ela é minha amiga da escola. Eu queria tanto ir, nunca fui num parque de verdade* — explicou animada.

— *Eu também quero ir, tia Sacha.* — Ouvi agora a voz chorosa da Lívia.

— *Não é o seu aniversário, Lívia, é o meu* — rebateu Isadora num tom alterado.

— *Ei, ei* — interrompeu a madre Aurora. — *Nada de discussão. Vão neste instante para os seus aposentos.*

Ouvi as duas resmungando e então a porta bateu, para em seguida vir o silêncio.

— *Infelizmente, não temos recursos para este passeio e estou morrendo de pena da Isadora!* — comentou a Madre num tom aborrecido, da mesma forma como eu me sentia.

— Que lástima ter de abdicar deste trabalho, Madre! — Fechei meus olhos bem apertados, reprimindo as lágrimas se achegando, violentamente ao meu coração despedaçado. — O salário, além de suprimir as necessidades, sobraria muito para as extravagâncias.

A Madre rosnou em desaprovação.

— *Você precisa parar com isso, querida!* — advertiu maternalmente. — *Não deve passar a vida se preocupando com todos e se esquecendo de você.*

— Claro que tenho de me preocupar, vocês são a minha família! — rebati veementemente. — Não é justo ela ficar sem um presente no dia do seu aniversário. — Remoía por dentro. — Pagaria com muito prazer este divertimento para as duas.

— *Aqui eu estou cuidando*! — vociferou. — *Agora, foque apenas no que é bom para você, mas vou dar uma dica valiosa: SAIA CORRENDO DESTA CASA!* — observou alto e em bom som.

Comecei a rir do seu conselho sensato.

— Este é o plano, não se preocupe. E a senhora, como vai agir quando eles voltarem ao orfanato? Terá de ter uma boa desculpa para a recusa.

— *Ah!* — ela riu diabólica, me surpreendendo. — *Quando aparecerem aqui, vão sair com um quente e dois fervendo.*

— Madre! — a repreendi, caindo na gargalhada do jeito dela, e novamente veio a lembrança do meu pai.

Ele defendia a mim e a Mônica com unhas e dentes.

— *O quê?* — replicou. — *Sou uma religiosa, porém, também tenho meu lado rebelde, querida. Este povo criminoso, jamais sairá daqui com as minhas crianças. E não se atribule, que aqui mando eu.*

Fechei meus olhos em total segurança como também, saudosa.

— Falou como o meu pai, Madre! Aliás, acabei de pensar nele.

— *Siga a sua intuição e o procure, querida!* — sugeriu ela.

— Nunca o procurei pela sua própria segurança, temia que o Ivan fosse para cima dele cobrar a dívida da minha mãe. Mas creio que não haja mais perigo. O Ivan está muito tempo desaparecido.

— *Já ultrapassou e muito da hora. Precisamos das pessoas que amamos ao nosso lado, ainda mais num momento delicado como o seu.*

— Madre, faça um grande favor para mim?

— *Qualquer um, querida!* — se prontificou amavelmente.

— Se lembra da caixa de madeira, aquela que pedi para a senhora guardar no seu esconderijo secreto?

— *O que precisa?*

— Tem um envelope amarelo, deixei um papel dentro com todos os contatos do meu pai.

— *Só um minuto, vou pegar!* — Enquanto ela se ausentou da linha, deixei o aparelho sobre a cama e fui até a sala. Sobre a mesinha havia um bloco de papel e uma caneta ao lado, os peguei e corri me jogando de bruços sobre a cama. — *Posso falar, Sacha?*

— Sim, por favor!

Anotei o endereço, telefone fixo da fazenda.

— *Tomou uma boa e acertada decisão* — garantiu ela, arrancando minhas lágrimas.

— Tomara, Madre! — Esperava mesmo não estar cometendo um equívoco. — Só gostaria de seguir meu coração.

— Eu te amo como se fosse a minha filha, sabe disso, né?

Assenti rindo entre as lágrimas seguindo a trilha do rosto, e pingando sobre o colchão.

— Vou me deitar, e amanhã com a cabeça mais leve coloco meus planos em prática. Venci um Ivan, vencerei também o Henry!

— *Que Deus te guie, menina!*

— Amém!

Desliguei e girei o corpo sobre o colchão, olhando o teto analisava todos os pormenores do acordo, até tentei chegar a uma conclusão, e nada.

O toque do celular em minha mão tirou-me do meu devaneio, erguendo a mão, verifiquei no visor de quem se tratava.

— Claro, desconhecido! — Só poderia ser a Madre retornando ou mesmo a Jussara. Tomei o cuidado de não registrar nenhum número no aparelho. Os telefones das pessoas mais importantes estavam todos anotados dentro do cabo da escova. — Alô!

— *Oi, Sacha!* — A voz baixa e arrastada de Jussara demonstrava o quanto estava cabisbaixa. — *Não está de mal comigo, né?*

Ri com carinho.

— É logico que não, Ju! — assegurei, escutando seu suspiro prolongado. — O jeito como vive sua vida diz respeito somente a você.

— *Obrigada, amiga! Queria muito te ver novamente para a gente conversar direito.*

— A gente marca qualquer dia desses — sugeri. *"Certamente amanhã, amiga!",* pensei em vez de dizer, por considerar precipitado sem um plano definido.

Não tinha com quem contar, em algumas horas sua casa seria o meu destino.

Ela rosnou reprovando.

— *Qualquer dia desses parece muito distante. Olha!* — desatou a falar toda entusiasmada. — *Tem um amigo nosso que promove altas festas na mansão dele aqui no bairro. E amanhã é o dia, e será após as 22h. Horário excelente, pois não afetara em nada seu dia de trabalho... Diga sim, amiga!* — implorou, me fazendo rir interessada.

— O horário de fato é ótimo. Provavelmente estarei presente, só espero não entrar numa fria como da outra vez.

Ela riu debochando.

— *Ainda tenho minhas dúvidas se foi mesmo uma fria!* — desafiou sorrateira. — *Tenho cá comigo, que a senhorita contou menos de trinta por cento do episódio daquela noite para mim.* — Ela jogava a isca mais uma vez, na intenção de pescar informações. Atitude corriqueira quando conversávamos.

Omiti, pelo simples fato de poupá-la de preocupação, como fazia hoje. Seria injusto atormentá-la com os meus problemas, ela já sofreu o suficiente com o Fabiano, agora merecia e necessitava de tranquilidade para cuidar bem da filha e do pai.

— Vai plantar batata, Jussara! — Utilizei da brincadeira a fim de desconversar. Ela caiu na risada. A expressão era muito usada por nós quando nos sentíamos contrariadas. — Como não sei o horário que vou conseguir sair, seria legal deixar o endereço aqui na mensagem, assim não te atrapalho.

— *Combinado!* — ela comemorou aplaudindo, ouvia os ruídos de suas palmas. — *Um grande beijo no coração.*

Desliguei aliviada por ela não perguntar sobre o meu trabalho.

Larguei o aparelho sobre a cama, em seguida veio o sinal da mensagem chegando. Porém, nem dei o trabalho de averiguar; exausta, o cansaço me venceu.

Aos poucos, meus olhos foram se fechando, já ouvia distante o barulho da chuva lá fora, e apaguei.

Capítulo Quatorze

HENRY

O cenário da chuva batendo com força na vidraça, as árvores se envergando em virtude do intenso vento, estimulava meu cérebro a rebobinar até o momento no quarto, especialmente comigo sobre ela na cama, metendo gostoso, focado naqueles olhos azuis incríveis lacrimejando.

— Caralho, cérebro! — Insatisfeito com o rumo que as coisas tomavam, saltei da cadeira.

Meu imaginário comandava tudo desarranjando minha razão, a única coisa que estava em ordem eram os instantes transando com a Sacha. O filme passava em câmera lenta por minha cabeça, segundo a segundo, meu corpo todo arrepiado implorava por um repeteco.

Inaceitável!

Saí a passos pesados e rápidos do escritório, exercendo certa tensão no corpo e conservando uma carranca no rosto, tamanha a contração. Somente assim, consegui bloquear mais imagens eróticas.

Se convencer a filha da puta vigarista de ficar foi uma estratégia, a fim de conseguir fazer ela mudar de lado, então seria necessário controlar esta compulsão sexual por ela.

Parei no último degrau olhando a porta do quarto em frente, imaginando a mulher nua na cama. Pensamento incitante e excitante.

Apertando meu pau grosso, duro, quase explodindo e latejando dentro das calças, segui o corredor à direita, para o quarto do meu pai.

— Henry! — ele exclamou surpreso largando o livro sobre o peito. As limitações do meu velho não o impediam de levar uma vida normal; como em toda nossa casa, seu quarto era confortável com toda a acessibilidade necessária. As adaptações dispensavam ajuda humana. — Só estava terminando um capítulo deste livro e já ligaria para você — comentou com os olhos pesquisando meu rosto. — Está tudo bem com você? — indagou, mudando a expressão ansiosa por uma preocupada.

— E por que não estaria? — tentei ser convincente rebatendo com outra pergunta, enquanto fechava a porta.

Seus olhos interrogativos acompanhavam meus passos até a poltrona confortável, em couro preto, ao lado de sua cama. Não consegui evoluir com a convicção, expirei exausto, me esparramando nela.

Mal conseguia sufocar o desejo pela bandida gostosa, imagina então a turbulência que estava vivendo.

Esperto como ele só, assinalou:

— Eu o conheço bem, Henry, e percebo algo o afligindo.

O olhei esfregando a mão do queixo ao pescoço, e espalmei o tórax, numa dúvida cruel. Ele notou meu desatino, apertando os olhos, desconfiado.

— Não conseguiu convencer a Sacha a continuar com o tratamento? — Senti receio e fiquei com pena do velho.

Sabia o quanto as dores o chateavam.

— Relaxa, esta questão está resolvida. Ela concordou em terminar o tratamento. — Curvei levando a mão a sua cabeça e bagunçando seus cabelos.

— Para, seu moleque! — rindo todo animado, ele lançou um tapa na minha mão. — Deixei você sozinho com ela porque confio no seu poder de persuasão.

Endireitei o corpo recostando na poltrona, ponderando revelar tudo, até mesmo por motivos de segurança e fui surpreendido com outra dúvida certeira.

— Eu apenas me faço de cego. — Travei um olhar curioso. Ele arqueou as sobrancelhas grisalhas e prosseguiu: — Só me faço. — *Eu sei bem seus métodos silenciosos de bisbilhotar!* Balancei os ombros sério, o permitindo seguir. — Solicitei uma varredura na vida badalada do playboy milionário e mulherengo Bernardo, e sei que existe por trás dele um secreto e famoso detetive internacional. Não posso ficar de braços cruzados vendo meu único filho dentro da trilha da morte. — Revirei os olhos nada surpreso, a invasão da minha privacidade já era aguardada. — Esteja ciente que não aceitarei esta sua busca incansável pelo mafioso do Ivan — realçou em tom alto.

Minha mente distanciou do quarto, um sentimento estranho se apoderava do meu ser, uma sensação de estar cometendo uma injustiça, ponderando denunciar a Sacha. Uma vez, meu pai, sabendo de toda a história, a presença dela nesta casa poderia se tornar insustentável.

E daí? Minha razão bateu forte nos meus miolos. Exatamente isso, e daí? Não estava compreendendo toda esta minha preocupação, principalmente com ela, alguém com fortes indícios de ser uma infiltrada.

Ele grunhiu, tirando-me da meditação.

— Exijo que o meu espaço seja respeitado da mesma forma como eu respeito o seu — pedi. — E chega de interferir nos meus negócios, Sr. Adam Stone.

— Pedido negado! — apontando o indicador direito em meu rosto, me interrompeu pragmático. — Se tem alguém que deve buscar vingança aqui, sou eu.

Franzi a testa, desconfiado.

— Alguma coisa me diz que o senhor está agindo na surdina... — Ele balançou a cabeça. Aquele gesto e sua expressão seguia o caminho de uma confissão. — Pai? — irado, como também preocupado, cobrei.

Ele torceu a boca e, então, confessou:

— Meu movimento discreto segue a linha da precaução. — Silenciou por alguns instantes, relutando.

— E? — insisti sério, não o deixando desistir da explicação.

— Ok! — cruzou os braços e expos todo seus planos: — A reunião de hoje foi justamente para estabelecermos estratégias eficientes a fim de manter o mafioso longe de nós dois. Vamos fechar o perímetro e garantir que o Ivan não chegue perto da gente.

— Primeiro, eu desaprovo; e segundo, dizer que sua conduta "discreta" — sinalizei com indicadores no sentido entre aspas — não é boa o bastante, ou seja, é falha.

Em seu rosto brotou uma expressão especulativa.

— Não entendi! — No mesmo instante espalmou o colchão ao seu redor e arrastando o corpo, ergueu mais o tronco, recostando na cabeceira da cama.

— Talvez ambos estejamos perdendo tempo na captura do Ivan, quando ele está muito próximo a nós. — Suas pupilas dilataram. — E se eu lhe dissesse que o bandido já se encontra incluso aqui em nosso lar, convivendo conosco, a par de cada movimento nosso?

— Como assim, Henry?

— Pai, tem algo que você precisa saber — comecei. — E tem a ver com a fisioterapeuta.

Comecei a narrativa com nosso primeiro encontro em Anápolis, abri todos os detalhes o fazendo exclamar perplexo.

— A Sacha, uma espiã? — indagou mediante uma expressão de horror.

Confirmei, movendo a cabeça que sim.

— É provável! A velha raposa em pele de cordeiro.

Ele não respondeu a princípio, seus olhos estavam sobre suas mãos em seu colo, os dedos entrelaçando nitidamente nervosos.

— Nosso descuido é imperdoável!

— Pois é! Pretendo ir amanhã cedo ao orfanato, a Madre que nos atendeu pareceu ser bem íntima dela.

— Agora faz sentido o jeito como ficou com o pé atrás com ela. — Sacudia a cabeça revoltado e, analisando, ergueu os olhos fitando os meus. — Se chegar fazendo especulações diretas, esta tal Madre pode desconfiar e evitar fornecer as informações necessárias.

— Já pensei a respeito! A melhor maneira de manter a informalidade é a Maria Cláudia ligar marcando a visita, ficamos de retornar.

— A parte de rastrear a moça fica comigo...

Estalando a língua freneticamente, neguei movendo a cabeça.

— Agora não se trata mais de você ou eu... Somos nós. Se ela for realmente uma agente do Ivan, então estamos sendo observados!

— Neste caso, é importante registrar este caso à polícia, e até mesmo pedir proteção.

— Proteção é algo a considerar — comentei. — Porém, é bem provável que a notícia vaze, levando em conta a repercussão que foi o desmantelamento da organização criminosa. A princípio solicitei ao Abner manter vigilância contínua.

Ele tombou a cabeça sobre o ombro direito, analisando.

— Tem razão, filho! — concordou. Senti-me aliviado com sua concordância, afinal eu não sabia as razões, restava-me um resquício de esperança de que seu caráter fosse o oposto. Um sentimento inoportuno que não deveria existir diante das circunstâncias. — Atentos, iremos dar corda ao malandro até ele se enforcar sozinho. De qualquer modo, será bom a presença

da Sacha por aqui, a mão da garota é mágica. Agora avisado, vou ficar de olho nela — emendou ele remexendo na cama, confiantemente desordenado.

— O que está fazendo? — perguntei apreensivo dele se ferir.

— A dor sumiu completamente com apenas uma sessão, imagina com mais algumas. Ela me deixará novinho em folha! — Sorri diante da sua exaltação.

— Então aproveite o tratamento e fique bem, pai! — Levantei e curvando-me, bati de leve em seu braço.

— Filho! Cuidado quando ligar para a Maria Cláudia, é muito importante que ela continue leiga nesta história.

— Eu concordo. Conversamos bastante no percurso do orfanato, hoje ela deposita toda esperança de vida sobre você e a filha que pretendem adotar. Se ficar sabendo dos riscos, é perigoso de enfartar subitamente.

Ele apertou lábios atinado.

— Se nós dois sofremos a perda do Anselmo, imagina ela sendo a mãe e que convivia diariamente com ele.

— Fato! — Meneei a cabeça em concordância. — Vou providenciar uma escolta reforçada para todos nós, por precaução. — Ele acenou positivamente a cabeça, então eu saí do quarto.

Tão logo fechei a porta, minha mente era um emaranhado de Sacha e o arrepio tomou conta, Sacha em meus braços embaixo do chuveiro, no jardim, no hotel...

Me deixe em paz, vigarista!

Cruzei o corredor sem sequer olhar na porta do quarto dela, e no outro extremo adentrei em meu quarto, segui direto para o banheiro e entrei no boxe.

O banho frio, que normalmente era revigorante, soou como um estimulador, o desejo de transar com a Sacha chegava ao nível do

insuportável.

— Qualquer mulher é capaz de me saciar.

Depois de um banho frio e nada do tesão ir embora, saí decidido a procurar Lidiane, uma boa pedida, já que ela estava mesmo aguardando por mim.

Vesti uma calça jeans, uma camisa branca largando os primeiros botões abertos, uma jaqueta de couro preta criando uma aparência despojada, o cabelo úmido deixei solto. Saí pela porta olhando a mensagem do Bernardo e gravei na cabeça o endereço do hotel.

E com a cabeça cheia, parti para me divertir e aliviar com a Lidiane.



Sentia o suor descendo por minha testa enquanto, arrepiado, estocava forte e gostoso a ponto de gozar, quando despertei com uma sensação súbita de calor pelo corpo, conflitando com um frio incômodo na boca do meu estômago, e detalhe: o pau tão duro que chegava a doer. Abrindo os olhos encontrei, através da janela, o sol radiante nascendo no horizonte, seus raios tímidos atravessavam o vidro e não justificava a intensidade do calor.

A bandida influencia até na minha temperatura corporal!

Num misto de enfurecimento e desejo, sentei repentinamente ali no sofá do meu escritório, o contrato de trabalho da Sacha em meu peito caiu em meu colo.

Passando em frente ao escritório do meu pai ontem à noite, meus planos de procurar a Lidiane fracassaram. Não havia estímulo algum em encontrar a Lidiane e nem ninguém. Por fim, acabei entrando, peguei o documento e vim para cá. Acreditava que, com um olhar mais minucioso eu encontraria alguma informação contundente sobre a mulher. Foram horas em minha mesa lendo e

relendo, e por fim, resolvi descansar meu corpo exausto aqui no sofá, e acabei caindo no sono profundo, e sonhando com a bandida.

É foda!

— Foda e meia! — Levantei ajeitando meu pau esmagado dentro da calça. Suando exageradamente, tirei a jaqueta de couro, em seguida a camisa atirando-a sobre o sofá, para voltar a vestir a jaqueta sem fechá-la. Abri a janela recebendo uma brisa fresca no peito, e inspirei ajeitando meu cabelo e veio a ideia de um mergulho de roupa e tudo. Uma aventura muito prazerosa da adolescência, quando chegava das baladas com os amigos.

Peguei uma garrafa com água do frigobar e saí bebendo o líquido pelo caminho. Lancei o vasilhame vazio em direção a lata de lixo ao cruzar a porta do salão.

"PUTA QUE PARIU!", praguejei ao chegar à porta da varanda e ter aquela covardia de vista.

E o sol não colaborava, do mesmo jeito que brilhava iluminando o céu azul sem nuvens, reluzia os cabelos dourados e molhados da Sacha.

No outro extremo da piscina ela estava sentada no chão, numa postura ereta com as costas escoradas na parede, as pernas cruzadas, as mãos sobre os joelhos e a cabeça baixa, pensativa. Completamente molhada, indicava que não resistiu se refrescar na piscina com roupa e tudo. Usava calça e camisa branca por dentro da calça coladas ao corpo, todos os botões abertos davam caminho às gotas de água caindo dos cabelos e escorrendo pelo tronco ereto, onde revelava a ausência do sutiã. Embora a roupa não fosse transparente, ainda assim, marcavam seu corpo perfeito, o contorno da cintura fina e quadril largo, uma visão dos infernos.

Me transformei num barril de pólvora, a ponto de explodir, o tesão tomou conta acarretando uma batida errada no meu coração.

CARALHO DE MULHER LINDA! E meu inferno astral.

Me recompus.

— Espero não estar interrompendo seu instante de tranquilidade — proferi contornando a piscina, indo em sua direção.

Seus olhos subiram assustados no rosto de traços marcantes, ao mesmo tempo que seus lábios entreabriram levemente para uma lufada de ar.

— *Tranquilidade!* — realçou sob um sorriso irônico, quando se recuperou do susto e saltou em seguida; em pé contornava a piscina do outro lado numa saída alternativa. Parei evitando o desencontro. Com o rosto retraído, nitidamente irritada ela também parou, levando as mãos aos seus quadris fabulosos, e então acenou com a cabeça para o andar superior. Esta parte da casa era um corredor de paredes de vidros, o local favorecia a vigilância desta parte externa da casa. E lá estava o Agner, vestido em seu uniforme, terno preto e camisa branca ele caminhava de um lado ao outro, indiscretamente atento. — Este é o espaço que você ofereceu para eu exercer minha função? — a birrenta questionou dentro do tom agressivo. E admito: soou muito interessante.

Aliás, ela no geral era um desafio e tanto! Para uma espiã, demonstrava uma inocência fora do comum, e ainda convincente.

"Estas são as piores!", fui alertado por minha razão.

Seguindo seu método, movi os ombros com naturalidade como se não estivesse entendendo sua questão.

— Fazer rondas pela casa é a função do chefe da segurança — esclareci montado no cinismo.

— Faça me rir, senhor Henry! — A desaforada e embravecida arqueou a cabeça loira, desabando em gargalhada.

Me encarou em seguida com seus olhos grandes e magníficos soltando faíscas.

— Não há a menor possibilidade de exercer minha função sob tensão — emendou desgostosa. Fechou o rosto, desenhando nele a expressão intrigantemente casta, e continuou. — Se a minha estadia aqui será com o seu segurança no meu encalço, então eu desisto do trabalho, definitivamente — ameaçou terminando de contornar a piscina e estacionou à minha frente, me peitando corajosamente. O perfume do sabonete invadiu meus sentidos, seu olhar percorrendo meu rosto assemelhavam-se a um labirinto de emoções, totalmente indecifrável. — Nossos encontros aconteceram ao acaso. Vou repetir e será a última vez. — Nas pontas dos pés, seus lábios vieram ao meu ouvido: — Eu não sou, e nunca fui uma espiã — sussurrou causando inúmeras reações pelo meu corpo.

Aí ela cutucou a onça com a vara curta! Todo o sangue do meu corpo deveria ter subido à cabeça, tamanha a sua insolência, e aconteceu o contrário. Todo fluido efervescente percorreu minhas veias e centralizou no meu pau, a ereção foi instantânea.

Eu queria tudo dela, menos brigar.

— Motivos suficientes para não se sentir constrangida, minha cara. — Avancei alguns passos, ficando a míseros centímetros dela. A abordagem destruiu a postura desafiadora da moça. Inspirando densamente, ela deteve o ar nos pulmões. Uma covardia aqueles seios realçados a ponto de fugirem pelo decote. *Ela é muito sensual!* — Aproveite o mês e me convença da sua idoneidade.

Semicerrando os olhos, inesperadamente ela deu um passo à frente, grudando aquele corpo molhado, delicado e quente no meu. Estremeci, meu pau vibrou em seu ventre, fazendo ela também estremecer.

— Não tenho de provar nada a ninguém — quase sussurrava, procurando camuflar o quanto estava afetada sendo roçada. Estava admirado, e mais

tarado à sua nova postura. — Principalmente para alguém como você... — acentuou desdenhando.

Aquele atrevimento foi demais, catei seu braço e num impulso, unimos completamente nossos corpos...

— Exemplifica a frase "alguém como eu?". — Ela rolou os olhos no sentido zombador. — Seja mais direta! — Seus olhos desceram entristecidos, e logo flamejaram.

— Eu quero mais que você e toda a sua corja vão se ferrar! — xingou espalmando meu peito com a mão livre, exercendo força para recuar. — Estou cansada de tudo... cansada de gente como você. Droga!

Ainda confuso, moldei seu rosto entre minhas mãos impondo o seu olhar.

— Desconheço as razões, por levarem você a fazer comparações. Mas eu gostaria de saber — declarei correndo meus polegares por sua face quente. A temperatura crescente parecia infiltrar pelos meus dedos e devastou-me por dentro. *Que porra é essa, coração?* Ardente, ele desembestou, batendo forte.

"Foco, Henry!", exigia de mim, deveria aproveitar o momento de vulnerabilidade dela, demonstrando ser o ideal para fechar um acordo, corrompê-la e trazê-la para o meu lado.

— Você não me engana — grunhiu forçando um olhar de espertalhona. — Sei exatamente o que pretende, idiota! — A mão abandonou meu peito e voou na intenção de acertar meu rosto. A impedi segurando seu pulso no ar, indignado.

Notava ali a sua intenção de me colocar na posição de vilão.

— Faço minhas as suas palavras. — Ela distanciou os olhos e permaneceu com ele no horizonte, se fazendo de coitadinha e confundia ainda mais a minha cabeça. — Já que a desconfiança é mútua, então, sugiro abrirmos o jogo.

Ela rezingou inconformada, e não entendi o porquê.

— Talvez eu até pareça, mas garanto que não sou nenhuma boboca, sei como o seu mundo funciona. — Respirando acelerado, travou um olhar decidido nos meus.

Recebia seu incitante hálito morno e perfumado, enquanto seus olhos irados oscilavam pelo meu rosto. Estava nítido o seu envolvimento, eu sentia seu tremor debaixo dos meus dedos.

— É mesmo? — Parei de falar por um momento comparando-a ao primeiro encontro e confesso, eu balançava com sua beleza. Não importava a cor dos seus cabelos, castanhos ou loiros. Ela era linda de todas as formas, até mesmo no semblante aparentemente imaculado. — Eu gostaria de saber como você enxerga o meu mundo — mencionei a puxando, colando suas mãos em meu peito pulsante.

— Me deixa em paz! — Deu um impulso para trás e atingiu o objetivo de se afastar de mim. No segundo passo enrolei o braço ao redor da cintura fina e trazendo-a contra meu corpo, meu coração bateu mais forte, consequentemente meu pau pulsava doloridamente, em contato com sua bunda empinada, dura.

— Ainda não terminamos — sussurrei determinante em seus cabelos, sentindo-a tremer toda.

— Terminamos sim. — A voz saiu tímida, diferente dela.

Não havia timidez alguma nela rebolando no meu pau.

— Talvez mude de ideia depois de ouvir a minha oferta — sussurrei em seu ouvido e arranquei um gemido baixo dela.

— Declino de antemão a esta oferta — resmungando, sugava o ar entredentes quando adentrei a mão livre por entre a camisa aberta e pegando o seio quente, macio, massageava gostoso. — E a qualquer outra que pretenda fazer — arfando audivelmente, emendou num fio de voz passando as unhas das mãos, levemente no meu braço sobre o seu abdome sequinho, a

esmagando contra mim. — Nem perca seu tempo — gemia com a massagem firme nos seios, aos beijos e chupadas no pescoço, experimentando meu poder na sua bunda desejando-a desesperadamente.

A mulher era uma safada e não resistia a mim, a prova estava nos braços que se estenderam para trás, enlaçando-os no meu pescoço; arcando o corpo, ela recostou a parte de trás da cabeça em meu peito, deixando tudo a minha disposição.

Cheio de tesão, soltei a cintura espalmando a barriga chapada e escorreguei entrando pelo cós e elástico da calcinha, alcançando sua vagina excessivamente molhada.

— Caralho, que delícia! — A espremendo com força, eu esfregava os dedos sentindo sua excitação, arrepiando-me louco, alucinado, para enterrar tudo dentro dela.

Soltando seu seio, prendi seu cabelo e puxei virando seu rosto à procura dos seus lábios, contemplava o tremor neles.

— Vá em frente, me beija! — incentivou com pressa. Entreabertos, recebeu os meus num beijo intenso e forte. Metendo meu dedo nela, a beijava de maneira selvagem, e ela suspirando ruidosamente, ficava mais e mais molhada.

— Vira pra mim — Não aguentei mais.

Girei seu corpo de frente, e logo ataquei seus lábios a beijando com desespero, e deslizava as mãos por suas costas. Pegando na bunda, apertei-a em meu pau latejando tanto, a ponto de doer.

Não compreendia o poder dela sobre a minha pessoa, ela conseguia despertar um tesão que jamais senti antes. Devorando-a, tornou impossível controlar a emoção querendo tomar meu coração em sua batida eufórica. Totalmente excitado, duro, empunhei firme em sua bunda dando um impulso para meu colo.

Imediatamente ela me deu uma chave de perna e fechou os braços em meu pescoço. E no silêncio externo, porque em nosso interior era uma baderna só, a levei para dentro do salão de festas, lembrando que o exterior da casa é todo monitorado, e a coloquei sentada sobre a mesa. Faminto, sedento, abri sua calça e a arranquei com possessividade do corpo.

— Uau! — Abrindo os braços e um pouco as pernas, ela suspirou ansiosa. Curvando-me, afastei o elástico da calcinha com os dedos e a chupei deliciosamente, saboreando aquele gosto único, sentindo o cheiro bom dela, tão molhada, que me enlouquecia. Contornando a língua em torno, arrancando gemidos, tomei toda sua essência. — Ahhh... — Ergueu o quadril contra minha boca e puxava meus cabelos de encontro a ela, oferecendo mais de si. Meu pau latejava por ela. Me fartava sem moderação. — Não era para ser assim... Ahhh... — O tom estrangulado, expelido de seus lábios grossos, indicava seu grau de excitação proporcionado ao meu ataque em seu clitóris. Mordiscava, lambia, sugava, devorava o banquete. — Mas esta sua pegada soberana é irresistível... — pausou sufocada quando penetrei a língua duramente, e subi meus braços apertando os seios deliciosos. — Como um idiota como você pode ser tão gostoso? Ahhh... — resumiu num fio de voz se entregando completamente.

— Ofereço prazer às mulheres, minha cara! É um direito delas, então, aconselho não perder a chance, pode não existir outra — diante das minhas palavras, ela escorregou para trás, deixando minha boca no vazio.

Fui tomado pela preocupação dela ter se ofendido e romper o momento fantástico.

— Você é um temendo de um presunçoso, sabia? — Fui surpreendido com sua perna, torneada e linda, esticando até as pontas dos dedos quentes alcançarem meu peito nu. — Mas, como é um direito adquirido — com os olhos transbordando de desejo e a respiração encurtada, os dedos desceram

provocantemente pelo meu abdome, deixando rastros de arrepios e roçou-os no meu pênis latejando dentro das calças. Balancei na expectativa —, eu o exijo agora! — Tremendo sobre a mesa, ela instituiu correndo as pontas dos dedos por toda extensão volumosa.

Que mulher de atitude é essa?

Explodi de desejo.

— É uma boa decisão. — Movido à pressa, desci rapidamente a calça e cueca juntas.

— Que pau é esse? — Olhando para ele ereto feito uma lança no ar, ela suspirou botando uma nova feição no rosto esplêndido.

A nova expressão abrangia os mais variados tipos de sentimentos: vi ali raiva, ternura... antes de ficar séria e intensa.

Confuso isso! Ainda mais confusa era a minha preocupação em saber quais tipos de emoções ela experimentava. Isolei a meditação entrando em ação, abaixei pegando a carteira no bolso da calça, retirei um dos preservativos. Precavido, nunca deixava faltar.

Com a respiração entrecortada, ela não tirava os olhos dele. Endireitou o copo o envolvendo firmemente entre os dedos delicados.

— Caralho! — rosnei arcando o corpo levemente, curtindo aqueles dedos hábeis o masturbando de forma experiente.

— Eu cuido disso para você! — me arrepiei por completo à sua voz sensual e safada pegando a camisinha da minha mão.

Sem desviar os olhos expressivos, ela rasgou a embalagem nos dentes. O vestiu de um jeito todo especial. O envolvendo na mão, começou a dar umas contorcidas magníficas, absurdamente excitado lancei voo as nuvens.

— Eu quero ele agora — requereu o guiando com perícia. Com meus dedos, afastei a calcinha para o lado, e ela mesma quem o encaixou. — Oh! — Vibrando com a cabeça robusta e sensível encostando no seu canal

estreito, minando de prazer, ela inspirou longo, segurando todo o ar nos pulmões.

Tremendo dos pés à cabeça empurrei, penetrando forte.

— Ah! — gritou, soltando todo o ar preso. — Delícia! — Sendo preenchida ela delirava sugando o ar de volta.

— Gosta de ser fodida com força, né? — perguntei enterrando até o fim.

— Muito! — confirmou suspirante e numa atitude desesperada, enlaçou as pernas na minha cintura me puxando para mais junto dela. — Coloca tudo, eu quero tudo...

Afoito, levei as mãos em suas costas estocando enérgico, o afundando, abracei mais seu corpo a beijando, degustando de cada gota da sua saliva, sentindo algo estranho, intenso pelo corpo, sentindo um tipo de ligação forte, um tipo de carinho? Seus batimentos cardíacos no ápice junto ao meu soou estranho, arredei um pouco e voltei a bombear.

— Assim, assim... — Aprovava sufocada, beijando molhado o meu pescoço, arcando a cabeça, eu liberava todo o espaço exigido por ela.

O beijo subiu ao queixo, ali ela o mordeu de um jeito gostoso, em seguida veio em busca dos meus lábios. A beijei com urgência, e naquele beijo melado, ela contraiu sua vagina entorno do meu pau me enlouquecendo. Acelerei o movimento tirando e arremetendo, pulsando em uma sensação divina.

Chegava no meu limite, minhas pernas começaram a tremer, meu coração acelerou, ele inflando, pronto a explodir, afastei abocanhando os seios, sugando em cada um deles, deliciosamente.

Excitadíssima, ela trouxe as mãos em meu rosto me beijando com urgência.

— Ah, não consigo mais segurar... — respirando forte e tremendo muito, ela sussurrou em meus lábios.

Eu a comia incansável, estocava rápido e forte. Vibrando, ela correspondia soltando gemidos estrangulados. Claramente se deliciava às minhas investidas.

— Eu quero sentir você gozando, linda! — com a excitação num nível elevado, eu pedia maravilhado com aquele aperto molhado, daquele jeito que adorava.

Respirei intensamente seu hálito quente, chupei e lambi os lábios com mais uma penetração profunda, então atingi um belo, intenso e delicioso orgasmo.

Rugi, sentindo a pressão dos jatos no interior do preservativo, quando seu corpo se contraiu em meus braços e os nervos internos os esmagaram, causando uma sensação de plenitude, e então senti o seu orgasmo quente.

Sentia a mesma necessidade do quarto: desejava seus lábios e um abraço forte, e não entendi as razões por ceder àquela emoção.

A beijava como nunca beijei alguém depois de uma transa.

Capítulo Quinze

SACHA

Acordei na madrugada arrepiada e com os olhos marejados. Sonhava que beijava o Henry, um segurando no rosto do outro em nosso último beijo: o de despedida.

Como era difícil sentir rancor por ele! As coações assustavam e muito, porém, não eram o suficiente para arrancar o sentimento de apego que nutria por ele. Este laço com ele fortaleceu logo quando fugi da casa do Ivan, e persistiu por mais de ano. Estava quase curada.

Nunca deveria ter ido àquela festa no hotel! Mas também não me arrependo. E nem poderia, a semente plantada por ele deu um novo sentido a minha vida, ela floresceu lindamente. Sua marca trouxe luminosidade aos meus dias turbulentos. Poderei estar em qualquer lugar do mundo, ele sempre estará em minhas memórias.

Enfim, devido a sensação de coração comprimido no peito e olhos queimando pelas lágrimas, não havia espaço para arquitetar um plano eficiente de fuga às escondidas. Tomei um banho rápido, vesti a roupa do trabalho e deixei o quarto na caça de ar necessário para alimentar meus pulmões, e oxigenar meu cérebro conturbado. Precisava dele.

Quatro horas da manhã e o sol ainda dormia quando saí pela porta de vidro, acessando a varanda. O calor da minha angústia estava insuportável, então abri os primeiros botões da blusa e me joguei na piscina de roupa e tudo. E quando saí da água, sentei no canto e ali eu pensava no plano até ele

surgir à porta, lindo demais... Já que o adeus era inevitável e poderia ser para sempre, por que não levar comigo mais um momento com ele? Cheguei a desistir desta maluquice, e agora olha só para mim aqui, sobre a mesa, sofrendo como uma louca, o beijo com sabor de despedida doía no meu âmago.

Eu não era leiga, já tive uma experiência com a sedução do homem, ela de fato resultava em sequelas. Foi um equívoco cair nos seus braços mais uma vez antes de dar o fora daqui. O prazer intenso que ele proporcionava ao meu corpo com sua pegada forte e irritantemente gostosa, me prendia mais a ele.

"Ele não é para você, Sacha. Nunca foi!", gritava a voz dentro da minha cabeça.

Concordava com a minha razão.

Era vital me livrar deste mundo de criminosos o quanto antes.

Não consigo lutar contra!

Ah! Não contive o suspiro aos lábios famintos me degustando, sua língua explorando exigente o interior da minha boca. Estava ciente de que era necessário romper o beijo delicioso, a troca de fluidos alimentava esperanças ao meu coração, tão judiado, infelizmente algo que não existia neste mundo nojento.

Aquele velho ditado de que o tempo consertava tudo, não se aplicava ao meu tempo. Com o passar dos dias ele só vinha arruinando. Como já mencionei, não importa quantos milhões de quilômetros eu caminhe, no final vou descobrir que andei em círculos, caindo sempre no mesmo lugar.

Mantendo a fé no futuro menos sofrível, realizei mudanças positivas em minha vida. *Se desejo seguir com elas, então devo dar um basta imediatamente*. Me propus assumir o controle dela, então a única opção, seria me manter bem distante dele. E com todo aquele sentimento borbulhando dentro do meu peito, afastei meu rosto, nossos olhos seguiam ligados por

algum tempo e então readquiri o controle, espalmando seu tórax em acelerada atividade, como o meu.

— Acabou — soltei o meu melhor tom impiedoso. Como era difícil esconder o quanto meu coração estava em pedaços. — Agora saia de perto de mim — o impeli, ganhando um olhar abrangente e severo.

— *Comece a faxina pelo salão de festas.* — A voz da Valentina se aproximando instaurou uma pressa enorme em nós.

Ligeiramente ele subiu a calça, passou as mãos pelos cabelos se recompondo e correu para fechar a porta e girou a chave, aguardando-me arrumar. Só então destrancou e voltou ao meu encontro próximo à mesa, lançando um olhar desafiante.

— Ah, me desculpa! — retratou ela educadamente ao nos ver no salão, e estava acompanhada com alguns funcionários uniformizados.

— Fique à vontade para exercer a sua função, Valentina — acenando com a mão sem desviar os olhos de mim, autorizou embaixo de uma voz rouca e intensa do caramba — Tenho de fazer uma ligação urgente, em seguida vou para uma reunião importante na empresa, e um compromisso à noite. Mas tenha certeza de conversaremos amanhã.

Dizendo isso ele deu-me as costas, e em seus passos decididos e apressados saiu do salão de festa.

Balancei com aquele enorme e dolorido aperto no peito.

Não haverá depois!

Só aguardaria a chegada do Filipe para dar o segundo e último atendimento ao senhor Adam. Seguiria o conselho da Madre.

Acenei de cabeça para a Valentina e foi quando me lembrei da última transa, perto da fonte, e mudei o destino. Os trapos da minha calcinha permaneciam no mesmo lugar. Arrepiada, revivi-o todo dentro de mim e a

coloquei no bolso e voltei ao salão, defrontando o olhar interrogativo da Valentina pelo meu corpo.

— A água da piscina estava boa? — ri ao seu tom tendencioso.

— Caminhava muito rente à borda e escorreguei — menti, caminhando em direção a porta, e saí.

Antes de tomar um banho e trocar de roupa, peguei meu celular no criado-mudo ao lado da cama e liguei para Jussara.

— *Se a ligação de madrugada é para dizer que não vem à festa, eu me recus...* — desatou ela.

Eu a interrompi.

— Daqui a pouco estarei desempregada e vou precisar de um teto até me restabelecer. — Ela ria sem entender, porém, não especulou.

— *Estou contente que terei sua companhia hoje à noite, e ficarei muito feliz em receber você em minha casa, amiga. A que horas você ficará desempregada?*

— Não tenho um horário definido ainda, só sei que será hoje, e estava pensando em procurar meu pai.

Um riso carinhoso explodiu do outro lado da linha.

— *Puxa, amiga! Que notícia excelente... ainda é boa em pilotar motos?*

— Está brincando? — indaguei num tom sorrateiro, arrancando risos dela. — Sou mestre em duas rodas.

— *Somos, né, amiga! Aliás, somos mulheres seguras e independentes.*

Fechei meus olhos analisando a minha vida em desordem total. Quando era adolescente, meu pai me ensinou a pilotar sua moto, e era uma das grandes. Ele afirmava categoricamente e acreditava que eu era uma mulher segura e independente, e seria a "melhor" em duas rodas.

Na época, eu ficava toda cheia acolhendo aquilo como elogio. No entanto, a curva da estrada da minha vida fora tão exageradamente sinuosa, e não me

permitiu ser esta pessoa segura e independente.

Ou tudo tenha ocorrido justamente por eu ser esta pessoa segura e independente? Afinal, minha mãe cogitou sobre esta força em nossa última conversa.

Balancei a cabeça saindo daquele contexto todo. Sei lá! Tudo estava muito bagunçado em minha mente.

— Sinto muita falta do meu velho.

— *Um motivo plausível para ir atrás dele, mas não hoje, né, amiga?* — alertou ela. — *Faça assim: marque esta viagem para amanhã cedo, que não terá compromisso, e eu vou te emprestar a minha moto*.

— Sério que você comprou uma? — Meu coração se encheu de esperança e ansiedade por pilotar novamente uma moto.

— *Seríssimo! Só tem um problema, deixei na oficina mecânica ontem à tarde, e fiquei de pagá-la hoje no fim da tarde. Aliás, qual bairro de São Paulo está trabalhando?*

Consternada, arregalei os olhos, não a envolveria em nada.

— Esta informação não é importante, Ju. — Ela riu da minha resposta.

— *Tá bom* — concordou irônica. — *Só perguntei no caso de ser perto do endereço da mecânica, e você fazer a gentileza de pegar ela para mim*.

— Pego, com todo prazer, Ju! Só manda o endereço, eu me viro para chegar até lá — a lembrei.

— *Vou te mandar o endereço por mensagem.*

— Obrigada por tudo, Jussara! E desculpa pela minha atitude na casa do Marcelo.

Ela estalou a língua.

— *Tudo bem!* — disse num tom baixo de voz. — *Talvez qualquer dia destes eu revelo meus segredos.*

— Faça no seu tempo, um beijo.

— *Outro* — desejou ela, — *Estou à sua espera.* — Desligou a seguir.

Com o coração na mão e não só por deixar o Henry para trás, arrumava minhas malas, deixando um par de roupas preparadas sobre a cama. Estava chateada em não conseguir comprar os ingressos do parque para as meninas. *Tadinhas!*

Tomei um rápido banho, sequei os cabelos e vesti um uniforme branco seco e parti atender o senhor Adam.



— Antes de iniciarmos, vou entrar na piscina — avisou o senhor Adam se afastando com a cadeira.

— Espera, eu ajudo o senhor — ofereci correndo em sua direção.

— Posso fazer isso sozinho, minha jovem — recusou freando a cadeira e a girou, ficando de frente comigo.

Seu tom soou tão frio como seu olhar. Ele me evitava, claramente.

— Claro! — respondi ressabiada e retornei à varanda. O Filipe preparava os equipamentos que usaríamos no tratamento. — Notou o quanto o senhor Adam está estranho esta manhã?

Filipe deu de ombros

— Nada diferente do que já estou acostumado, sempre após reuniões com aquelas caras, ele fica neste azedume todo. É melhor ir se acostumando.

— Não terei tempo para me acostumar, vou embora hoje, e preciso da sua ajuda para sair daqui sem ninguém notar.

— Ficou maluca, Sacha! — ralhou Filipe sussurrando ao meu ouvido com os olhos ligados no senhor Adam sentado na cadeira elevador, submergindo na água. — Não posso compactuar em nada disso. Não pode sair como se fosse uma criminosa, porque é isto que vai parecer saindo na surdina e

fugida. Vá até ele lá na piscina e peça sua demissão, e o assunto se encerra corretamente.

Sacudi a cabeça, aflita.

— Não posso, Filipe! — Não consegui segurar as lágrimas, no entanto, ele não se comoveu. Cruzando os braços na altura do peito, fitava meus olhos de forma especulativa.

— Então vamos aos motivos *verdadeiros* — sugeriu. — E a partir deles posso acatar ou não ao seu pedido.

— Eu não confio em ninguém nesta casa — balbuciei, optando pela verdade.

Seus olhos oscilaram pensativos por meu rosto.

— Como assim?

— Para sua própria segurança, prefiro não abrir o jogo.

Suas sobrancelhas se juntaram, nada convencido.

— Conheço bem estas pessoas, e posso afirmar que são de boa índole. — *A vida normal é apenas fachada, meu amigo!* Não diria esta verdade a ele, de jeito nenhum. Até mesmo porque, o envolveria numa roda imunda de trapaças e crimes, e ele não merecia. — Portanto, este argumento é evasivo, é fundamental eu entender bem essa história — insistiu às cegas.

— Não posso dizer mais nada, mas veja! Mesmo necessitada, eu estou abdicando de um gordo salário — joguei aquelas palavras, esperançosa de obter sua ajuda a fim de sair daqui sem chamar a atenção.

Nem me dei ao trabalho de informar sobre o Henry ter dobrado a quantia.

— Não sei, Sacha! — Desviou os olhos para o senhor Adam.

— Tenho certeza de que tem um profissional bom para me substituir — perseverei.

Ele balançou a cabeça, ponderando.

— Ele está muito confiante com o seu trabalho — hesitava.

A maneira fria como se dirigiu a mim retrata o contrário!

Segurei em seu braço pedindo seu olhar.

— Eu preciso do seu auxílio, por favor!

Seus olhos zanzaram por minha face enquanto ele decidia.

— Vamos seguir com a jornada normal — a decisão veio sob uma expressão de contestação. — E então, irei convocá-la para um atendimento especial. Talvez, assim sairá daqui tranquilamente.

Lancei um rápido olhar ao andar superior, e como previ, o segurança estava com a cara grudada no vidro. Abri um sorrisão sem me preocupar com ele, teria de dar um jeito de sair desta casa.

— Eu nunca vou esquecer este seu gesto altruísta.

Assentia com os olhos no senhor Adam, acenando muito com a mão, o chamando.

— Tudo bem! — Ainda hesitante, seguiu em passos apressados indo atender o paciente, meio que desesperado.

O corpo do senhor Adam amanheceu vestido na tensão, e por esta razão exigiu uma terapia intensiva com repouso intercalado. Ele manteve o tempo todo de ressalvas comigo, quando havia dúvidas ele se reportava ao Filipe. Com isso o sol já se punha no horizonte ao término da sessão. O cansaço dele persistiu e solicitou a Valentina, o acomodar em seu quarto. Neste momento, o Filipe comunicou sobre o que combinamos na área gourmet. Naquela mesma frieza, autorizou sem ele pedir maiores detalhes, como se quisesse mesmo se livrar de mim.

Com aquela sensação ruim, tirei as melhores peças de roupas da mala, e ajeitei dentro do espaço reduzido da mochila onde carregava os meus equipamentos para tratamento. Largando a mala com roupas bem expostas sobre a cama despistaria o segurança.

Ele deveria acreditar no meu breve. Vesti uma roupa discreta, optei pelos óculos e deixando os cabelos soltos, desci para me encontrar com Filipe, aguardando dentro do seu carro estacionado em frente à casa.

— Está linda! — elogiou assim que fechei a porta do carro ao entrar.

— Obrigada — agradeci jogando a mochila no banco de trás e atei o cinto.

E ao erguer a cabeça, seus olhos temerosos ainda me examinavam.

— Só preciso de uma confirmação, Sacha! — Movi os ombros o olhando interrogativa. — Não serei incriminado por ajudar você nesta façanha, certo?

— Eu juro que não, meu amigo — garanti, levando a mão em sua perna.

Ele sorriu ainda indeciso, então ligou o carro e saímos, aparentemente sem sermos seguidos.

A mecânica estabelecia no interior de um típico centro comercial localizado na avenida movimentada, com um grande posto de gasolina, a mecânica era uma loja grande de conveniência, e o mais encantador: havia uma pequena praça, o poste de luz rente ao tronco iluminava os galhos da frondosa árvore, e um banco de madeira sob ela.

— O escritório do senhor Adam fica bem próximo daqui — informou Filipe despretensiosamente, enquanto estacionava em frente à mecânica ao meu pedido.

Meu coração já deu sinal de alerta ao temor, batendo descompassado, pareceu emergir a garganta. Senti um nó bloqueando a passagem de ar, comecei a inspirar profundamente pelo nariz. O descompasso não chamou atenção do Filipe. — O convite de guia está em aberto — sorrindo gentilmente, lembrou-me.

Muito agradecida, me curvei e o surpreendendo, envolvi meus braços ao redor do seu pescoço, o abraçando forte.

— Se eu continuar na cidade, eu te ligo, ok? — sussurrei em seu ouvido.

Correndo as mãos quentes e protetoras por minhas costas, ele assentiu movendo a cabeça. Arqueei sorrindo e então, em mais um impulso, o beijei na face; beijo que foi recebido com os olhos fechados e um agradável sorriso.

— Se cuida, garota!

— Vou tentar! — Ele riu da minha resposta.

Peguei minha mochila e desci.

Aguardei ele sair com o carro para entrar na mecânica.

Pelejando com a moto estava um rapaz, simpático e jovem, usando um macacão chumbo sujo de graxa, aparentando no máximo 28 anos, os cabelos loiros assentados sobre os ombros.

— Olá! — Com uma ferramenta manuseando no motor da moto ele parou para me atender. — Eu vim buscar a moto da minha amiga, Jussara.

— Preciso de mais algumas horas, senhorita. Um dos meus funcionários faltou e acabou atrasando o serviço.

— Eu vou esperar na praça, obrigada.

Saí da loja me dirigindo à praça e sentei no banco de madeira rente ao tronco da árvore.

Apreciava o ar puro e fresco da noite linda de céu estrelado. A bela e majestosa lua também marcava presença, extremamente brilhante. Observava o fluxo de pessoas circulando pelo local, o trabalho dos frentistas abastecendo os veículos nas bombas de combustíveis, e o tráfego intenso da avenida.

A espera fora maior do que imaginei. O trabalho atrasou demais... Esgotada e faminta, resolvi entrar na loja de conveniência e fazer uma leve refeição; quando peguei o celular no bolso de trás da calça, visualizei as inúmeras ligações da Madre. Minha cabeça estava num emaranhado de questões e não notei o celular tocar.

— Madre, sou eu! Está tudo bem por aí?

— *Ah, querida! É muito bom ouvir sua voz...* — ela chorava e não era pouco. Ouvia seus fungados. — *O demônio esteve aqui exigindo informação sua, e você não atendia este celular, menina! Já estava pensando no pior* — desabou.

Quase perdi o sentido com a aceleração do meu coração com meu cérebro montando a imagem do rosto do Ivan em minha mente.

— Demônio? — Em pânico, levei a mão no peito tentando controlar minha respiração.

— *Aquele moço, o Henry! Ele apareceu aqui de surpresa.*

Surpresa fiquei eu, mais ou menos. Já imaginava minha vida vasculhada por ele, entretanto, só de imaginar o que ele faria quando descobrisse sobre a minha passagem na vida do Ivan, o frio na boca do estômago veio devastador, minha cabeça girou. Fechei os olhos até o mal súbito dissipar.

— Você não revelou nada, né? — questionei quando a tempestade diminuiu a intensidade dentro de mim.

— *Como se diz o ditado, minha filha: eu sou um bagre ensaboado. Tenho experiência com este tipo de gente. O espertalhão pediu para a mulher ligar, a tal de Maria Cláudia, e bateu aqui sozinho, de mansinho falava sobre a adoção, depois entrou na área do psicológico até você entrar na pauta. Muito esperto ele.*

— Madre, e as crianças?

— *Ele sequer chegou perto, e nem vai chegar* — garantiu, me fazendo rir emocionada com a sua postura protetora. Sem dúvida alguma, as crianças aos seus cuidados estavam protegidas. — *Só liguei para implorar para você deixar a casa deles, querida. Por favor!*

Meu coração ficou arroxado, e a tristeza profunda apossou do meu ser.

— Não se preocupe, já estou fora daquela casa.

— *Não creio que finalmente você tomou juízo, Sacha!* — exclamou aplaudindo. — *E o que fará agora?*

Ri, dúbia em relação ao meu futuro.

— A Jussara deixou sua casa a minha disposição, inclusive me emprestou sua moto. Estou aqui na mecânica aguardando finalizar a manutenção. E amanhã cedo saio para entregar alguns currículos.

— *Boa sorte na sua empreitada.*

— Obrigada.

Conversamos mais alguns assuntos aleatórios e então desliguei e olhei o relógio, já era tarde, o movimento de encerramento da loja de conveniência já iniciava, a maioria das cadeiras se encontravam de pernas para cima, sobre as mesas. A pressa bateu com os ponteiros do relógio correndo solto e sem trégua.

Melhor apressar o mecânico. Pagando a conta, saí rapidamente.

O cenário do lado externo já era outro, deserto. Apenas uma bomba de combustível funcionava, havia um carro de luxo de vidro lacrado com película abastecendo, e atrás dele havia outro, tão luxuoso quanto, aguardando sua vez de abastecer. A porta da mecânica aberta pela metade, indicava fim do expediente.

Apenas o profissional que me atendeu estava presente, e na lida com a moto.

— Teria uma previsão de término? — perguntei quando parei ao seu lado.

Ele cessou o trabalho, e ergueu a cabeça com aquele semblante de sinto muito.

— Desculpa a demora, moça! — expressou chateado. — Mais alguns minutinhos e prometo que estará finalizado.

— Tranquilo! — Já angustiada com os ponteiros do relógio não colaborando, forcei um sorriso compreensivo e regressei ao banco da praça.

Como prometido, cinco minutos depois o mecânico saiu com a moto e acenou me chamando.

Levantei de supetão.

— Finalmente, terminei! Já está tudo pago, certinho.

— Obrigada — agradeci suspirando aliviada, e já subi na moto.

— Ah, que cabeça a minha! Esqueci do capacete. Só um instante, por favor! — dizendo isso ele entrou no recinto a passos rápido.

Aproveitei o momento e inclinei meu corpo para conferir minha aparência no espelho da moto, e quase caí morta de susto ao deparar com os meus cabelos despenteados. Retirando a mochila das costas, trouxe ao meu colo e ao abrir e não encontrar a escova, meu corpo congelou completamente.

Ferrou! Desesperada, levei a mão ao peito com meu coração sobressaltado, lembrando que não a tirei da mala sobre a cama.

— Preciso me acalmar! Caso eles encontrem a pulseira, basta eu dizer a verdade. De como ela veio parar comigo — conformada, pronunciei em tom alto e respirei profundamente, buscando o equilíbrio necessário para tomar o controle da situação, e voltei ao retrovisor.

Passando as mãos pelos cabelos os ajeitando, e trazendo as pontas cacheadas sobre os ombros, inspirei incrédula à imagem que meus olhos captaram. Henry, elegante ao extremo dentro de um terno cinza escuro e camisa preta, em sua postura cheia de personalidade e falando ao celular, descendo do carro de luxo que estava abastecendo.

Respirar se tornou impossível, diante da desordem generalizada em meu interior.

A atitude certeira seria me esconder, impossível! Não dava, tamanho o descontrole do meu corpo. Tremia dos pés à cabeça e fraquejava na tentativa de desconectar meu olhar daquele deus.

“Acorda, Sacha! Acorda!”, minha razão gritava dentro da minha cabeça para sair do momento de deslumbramento. *Se esconde logo, Sacha!*

Ocupado falando ao telefone, eu ainda estava no anonimato.

— Posso dar uma olhada no óleo, doutor? — perguntou o frentista que abastecia seu carro.

— Meu Deus! — escapou num fio de voz estagnado, de tão sufocada na expectativa dele olhar na minha direção, e ele não olhou, deu as costas retornando ao carro.

— Só um minuto, a gente já se fala. — Acenou de costas ao frentista.

A voz rouca e profunda soou como uma lâmina na boca do meu estômago e rasgando tudo.

— Moço, moço! — desesperada, chamava o mecânico. — Eu preciso do capacete para ontem, por favor! — Meu tom saiu embargado, sentia o pulsar do coração na garganta.

Do outro lado do balcão, procurando não sei o quê, ele deu com a mão solicitando paciência.

Ai, meu Deus! Sem ligar o motor, apoiei os dois pés no chão e saí andando com ela, e no maior sufoco, em direção à praça.

Capítulo Dezesseis

HENRY

A reunião terminou há poucos minutos, sem combustível, dei uma parada aqui no posto de gasolina próximo da empresa. Estou atrasado para a festa do Bernardo, embora já tenha ligado e passado as coordenadas sobre a Sacha, ficamos de conversar pessoalmente.

— Sim, pai. É claro que estou com a escolta — Herbert e Leôncio, no carro atrás do meu, eram agentes da polícia fazendo a minha escolta. — Por quê? — Com a metade do corpo para dentro do carro, procurando minha carteira no console, questionei.

Sentia instintivamente uma forte pressão no peito à medida que o meu pai evoluía com os fatos.

— Como assim a Sacha foi embora, pai?! — questionei com o tom de voz alterado, quase entrando num colapso nervoso.

O ódio tomava conta do meu coração da mesma forma como o rosto imaculado. Pobre dele, a sobrecarga hoje foi intensa sobre ele. Passou o dia errando na batida, com meu cérebro, projetando a imagem da Sacha tremendo em meus braços com as minhas carícias. Balancei a cabeça removendo da minha mente a imagem bela e excitante.

— *Como eu te falei, filho* — prosseguiu explicando — *conforme o Filipe disse, eles dariam um atendimento a um paciente em especial. E agora há pouco, liguei perguntando da fisioterapeuta. A justificativa dele é que a Sacha pediu demissão por motivos pessoais.*

Expeli, guardando a carteira no bolso e passei a mão pelos cabelos.

— O Agner falhou feio, dei ordens expressas para ficar de olho nela. Deveria ter seguido a mulher.

— Não culpe o rapaz! — determinou sério. — A culpa foi minha, ele mostrou interesse em segui-los, mas achei que daria muito na cara. E outra que a mala com as roupas dela ficou no quarto.

Fechei meus olhos, indignado com o amadorismo do Agner.

— Vamos revirar o Estado até encontrá-la, pai! — fechando o punho com toda a minha força, prometi furioso, a ira não cabia dentro de mim. — Ela é o maior trunfo que temos contra o Ivan. Com um bom argumento, tenho absoluta certeza de que ela *vira a casaca* e passa para o nosso lado.

— Tem mais um detalhe importante... — num tom baixo, ele quase soletrou. Contraí o rosto, encafifado.

— Pelo seu jeito, é uma bomba — supus.

Ouvi seus suspiros aborrecidos.

— Sabe, filho! Mesmo depois da nossa conversa reveladora, eu não consegui ver uma criminosa nela, a farsante que descreveu. Aquele jeito meigo, a habilidade com as mãos em tratar. — De verdade, fiquei com pena do meu pai, ele foi conquistado. *Coisa rara!*

— Não se iluda com a bastarda — alertei-o. — Ela é especialista em ludibriar, é uma ávida devoradora dos descuidados. E aquela freira do orfanato está envolvida, viu? Estive lá hoje, ela me engabelou, escorregou como sabão das minhas questões, e ainda me colocou para correr. Com certeza, ela também é uma informante do Ivan e está acobertando a amiga espiã. Precisamos quebrar esta célula e retirar, o quanto antes, as crianças da guarda dela.

— Isso mesmo, filho! Seremos abençoados em proteger as crianças. Este Ivan é o diabo em pessoa, não? — disse indignado. *— Onde já se viu aliciar*

até uma religiosa, é um pecado mortal.

— Me poupe, pai! — respondi, rindo do seu raciocínio ilógico e inocente. — Acha mesmo que estas espécies de pessoas têm alguma preocupação com o purgatório?

— *Tem razão, meu filho* — disse por fim, ainda chateado. — *Eu ainda tinha um resquício de esperança de que a Sacha fosse uma pessoa idônea, e infelizmente me decepcionei quando autorizei o Abner vasculhar o quarto.* — Ergui as sobrancelhas, curioso e permaneci em silêncio, aguardando a sequência da investigação. — *Ele encontrou um esconderijo secreto numa escova de cabelo, e a pulseira que ganhou do seu irmão estava bem escondidinha lá*.

— FILHA DE UMA PUTA! — praguejei rolando os olhos para o céu, querendo matar aquela mulher e fui surpreendido com a safada sobre a moto.

Apressada, ela se atrapalhou para colocar o capacete que um homem vestindo macacão acabara de lhe entregar, e o deixou cair.

Incrédulo e endemoniado semicerrei meus olhos.

— Cadela! — rosnei, sentindo meu sangue todo subir à cabeça e se concentrar nos olhos.

Os dela assemelhavam-se a duas bolas de futebol debaixo dos óculos.

— *Henry? Filho?* — meu pai chamava sem que eu conseguisse tomar conhecimento. — *HENRY, O QUE ESTÁ ACONTECENDO? ESTÁ ME ASSUSTANDO!* — exasperou.

Desta vez ele conseguiu a minha atenção.

— O destino está conspirando a nosso favor, pai — comentei com o olhar perdido na Sacha, em cima da moto sob a iluminação do poste de luz.

Puta que pariu, ela é um tesão! Vestida com uma calça sarja preta, uma camisa de tecido imitando o jeans, bota de couro e aqueles óculos, ela estava linda demais.

Meu cérebro começou a projetar a imagem dela deitada sobre a motocicleta e eu explorando todo aquele corpo perfeito. A reação em cadeia do meu corpo foi inevitável: um arrepio generalizado e a ereção imediata.

"Pare de babar e foca no que é importante, Henry!", adverti-me, puto.

Ela pode ser uma bandida, mas a mulher é maravilhosa, muito sensual e confunde minha cabeça.

— Como assim?

— Eu a encontrei. — Tão logo o homem do macacão entregou o capacete em sua mão, ela curvou o corpo, e segurando o guidão da moto, indicava que se preparava para a fuga. — Depois conversamos.

Desliguei o telefone e caminhei a passos largos. Cheguei a tempo, me posicionando em frente à motocicleta. Bloqueando sua passagem, segurei firme o guidão com as duas mãos.

— Por que toda esta pressa? — joguei meu melhor tom irônico, a encarando.

— Saia da minha frente! — segurando o guidão com mais força, e com aqueles olhos arregalados de puro pânico, ela intimou no tom de voz entrecortado.

— Se pensa que vai fugir, está enganada! — Ela acelerou o máximo que pôde. Com o freio ativado, a motocicleta impulsionou para frente, sem que as rodas deslocassem.

— Vai mesmo me atropelar? — Olhava-a em desafio.

Ela deu uma leve virada no rosto para trás, buscando uma rota de fuga, e seus lábios tremeram ao deparar com os meus seguranças se aproximando, ainda olhou para um estabelecimento que acabara de descer a porta.

— Por que você não me deixa em paz, Henry? — indagou, forçando para virar o guidão.

Segurei ainda mais firme, porém, imóvel, pois com um movimento mais brusco, a derrubaria. Mas vontade de dar uma surra na vadia gostosa não me faltava.

— E deixar você agir livremente? — exasperei no meu limite. — Desde quando está espionando a minha família, sua vadia?

— Nã-Não... — Balançando a cabeça negando, ela balbuciou derramando suas lágrimas. — Eu juro, por tudo o que for mais sagrado, de que não sou espiã de nada... — Franzi a testa àquela defesa.

Seu olhar transmitia sinceridade. O foda que sua atitude embaralhava minha cabeça, seu rosto era puro esgotamento. O vento repentino espalhou seus cabelos no rosto, a obrigando a levar uma das mãos sobre ele, retirando os fios.

— Negar é perda de tempo, linda! A sua casa caiu... — ela arfou as minhas palavras — Já tenho toda a informação sobre você, sobre a freira do orfanato, sobre tudo o que você esconde — joguei o verde. Estupefata, ela abriu os dedos soltando o guidão, enquanto seus olhos assustados corriam pelo meu rosto. *Eu estava certo!* — Inclusive, a pulseira foi encontrada no compartimento secreto de uma escova de cabelo — emendei, investigando seu rosto em busca de mais resposta. E estava tudo ali, no semblante de medo. — Como vê, não há mais escapatória para você.

— A pulseira ficou enroscada nos meus cabelos, só percebi no banho, horas depois. — Torci a boca simulando cara de desconfiado à sua voz embargada. — Eu juro por Deus! Não existe espiã, me libera, eu quero ir embora — suplicou, lançando um olhar apavorado para os meus seguranças, ambos com os braços cruzados na altura do peito.

Meu cérebro rebobinava e chegou naquela noite no quarto, e realmente fazia sentido sua explicação. Lembrava de um episódio quando ela ainda estava sentada no aparador, perto da porta.

— A pulseira é apenas uma peça do quebra-cabeça, há ainda muitas outras que precisamos encaixar. Como vê, tem muito a esclarecer, portanto é melhor a senhorita descer da moto e vir comigo. — Seus olhos moveram até os seguranças avançando os passos, e arregalaram.

— POR FAVOR, NÃO! — suplicou ela gritando, muito trêmula.

Fiquei molenga com nossos olhos cruzados, os expressivos dela estavam cintilando, imersos pelas lágrimas. "Cadê você, nervosão, volta, por favor!", roguei amotinado.

A emoção era tamanha que sentia uma vontade louca de envolvê-la em meus braços. Protegê-la.

Sensação inoportuna! Segurei em seu braço, tocado com seu tremor sob meus dedos.

— Desce da moto, por favor! — solicitei gentilmente, enquanto ela caiu em um pranto incontido.

— A minha participação na vida do Ivan foi de vítima — arquei a cabeça sem entender. — Eu juro, eu juro... — ela insistia numa dor deflagrada, a repercussão no meu coração foi imediata, o sentia apertado dentro do peito — Ele arruinou a minha vida, da minha família... — soluçava em total descontrole. — Eu tenho como provar, por favor, não me mate...

— O quê? — Senti como se levasse um murro no peito neste instante, o baque no meu coração foi imenso. — Por que eu mataria você? — ela soluçou espaçadamente, me encarando confusa. Eu estava numa situação complicada, tinha sérios problemas em ver uma mulher chorando assim. — Não sou nenhum assassino, garota.

Levando a mão direita sobre os lábios, ela desabou geral.

Mortificado, a tomei em meus braços.

— Céus, garota! — sussurrei ao seu ouvido, no mesmo desespero. Não me agradou em nada a imagem que ela fazia de mim. Com a testa repousada

sobre meu peito, ela não parava de chorar. — De onde vem esta visão sobre a minha pessoa?

Levando a mão por baixo dos cabelos sedosos, fechei meus dedos em sua nuca, afastando seu rosto o suficiente para fitar seus olhos azuis tão tristes.

— Eu vi a ligação do Ivan no seu celular naquele dia, esta foi a razão porque saí escondida de lá. E tira as mãos de cima de mim. — Espalmando meu peito, ela me empurrou bruscamente.

Grunhi, rindo incrédulo.

— Você acredita que eu seja um mafioso, certo? — Engolindo duro, ela não respondeu, tampouco desviou o olhar dos meus. — Como eu acredito que você esteja tentando me enrolar se fazendo de vítima.

Ela negava meneando a cabeça.

— Eu juro que não!

Estalando a língua numa puta indecisão, tombei levemente a cabeça de lado.

— Abrindo o jogo um com o outro é a única forma de resolvermos este impasse.

— Não vou sair daqui contigo, esquece! — asseverou firmemente, readquirindo o equilíbrio.

— Aqui não é um lugar apropriado para esta conversa, e se é segurança que deseja, então façamos o seguinte: meu escritório fica aqui próximo, todo o edifício tem atividade 24 horas por dia.

Inspirando, seus olhos desceram ao seu colo, e permaneceu com eles ali por alguns instantes, antes de erguê-lo e soltar o ar, conformada.

— Não vou entrar no seu carro — avisou convicta.

Dei de ombros.

— É justo. — Apontei o ponto de ônibus em frente ao posto. — A gente vai de transporte coletivo.

— Certo! — concordando, ela finalmente desceu da moto.

Neste momento parava um ônibus e corremos.

— Vocês cuidam do meu carro e a moto. — Dei com a mão e entramos no coletivo, sentando lado a lado.

Com os olhos na janela, contemplando a paisagem passando, ela não dava espaço para entrar numa conversa. Estava muito curioso para ouvir sua trajetória até tornar-se uma vítima. Se isso realmente for verdade! Todo cuidado seria pouco.

Em questão de poucos minutos descemos em frente ao edifício, de vinte e cinco andares, com fachada toda em vidro fumê. Já no saguão, todo em mármore branco e portas de metais, havia um balcão arredondado de fórmica preta. Oswaldo, o novo atendente em seu uniforme — terno cinza claro e camisa branca — sorriu acenando quando me viu, a todo instante as inúmeras portas dos elevadores se abriam e fechavam com o movimento de funcionários, e até alguns clientes. E na parede atrás dele, o painel enorme "*Mantostone Investimentos*". Nossa empresa era referência em assessoria de investimentos com parceria de várias empresas na Europa.

Ela relaxou quando o Oswaldo registrou sua entrada.

— Espero que não esteja armando uma emboscada — arriscou, montando um sorriso receoso no rosto.

— Com tantas testemunhas? — ri humorado, levando as mãos às suas costas na intenção de guiá-la até o elevador, ela esquivou-se para o lado.

— Não rele a mão em mim, por favor! — constituiu.

Comprimi os lábios e erguendo as duas mãos em sinal de bandeira branca.

Ambos ficamos cada um de um lado no elevador, os olhos conectados e ofegantes. Nenhum de nós rompeu o silêncio até a porta deslizar no vigésimo quarto andar, um abaixo da cobertura, onde ficava a sala do meu pai.

Abrindo a porta do escritório nos deparamos com as cortinas abertas, proporcionando a linda vista do céu estrelado e do Parque Ibirapuera. Ela deixou escapar um perceptível sorriso de satisfação.

— Fique à vontade! — Sinalizei com a mão para o interior da sala.

Seu olhar veio ao meu rosto, havia muitas dúvidas neles, e por fim, entrou varrendo os olhos encantados ao redor.

Entrei logo a seguir; fechando a porta, caminhei em direção à sala social no centro do ambiente, passei por ela e me esparramei no confortável sofá.

— Pode começar, sou todo ouvidos — mencionei afrouxando o nó da gravata, sem perder o contato visual. Saber a sua versão da história, e acreditar, parecia loucura, mas inadmissivelmente, torcia por uma trama minimamente decente.

Muda e ofegante, ela me olhava nada confiante.

— Se você não estiver mentindo, eu garanto que aqui em minha empresa está segura — assegurei. Ela me olhava ainda temerosa. — Tem a minha garantia.

— Tudo bem. — Esfregando as mãos nas coxas, ela veio no seu caminhar peculiar, sensual e sentou-se graciosamente na poltrona à minha frente, ajeitando as belas madeixas douradas sobre os ombros.

A bela imagem, os olhos vermelhos e inchados sob os óculos, doeu em mim. Deu-me uma baita vontade de levantar e tomar a mulher em meus braços.

— Vou contar a minha história desde o início, e espero que a sua seja verdadeira também — assinalou.

Tirando a gravata e me preparando, assenti movendo levemente cabeça.

A narrativa partiu do princípio, da saída de sua irmã de casa. As palavras emboladas no peito saíam com ênfase e em detalhes; e conforme as lembranças vinham à sua mente, as lágrimas saltavam sem trégua de seus

olhos. Via em cada gota a sua dor, sua angústia profunda, ela abria seu coração... a cada palavra pronunciada por seus lindos lábios, eu sentia a sua dor. Comovido, meus olhos umedeceram. E finalizou no dia em que a encontrei em minha casa. Então, seus olhos azuis desviaram para a janela; enquanto um soluço longo escapava de seus lábios, ela os fechou.

Sua história era surreal, sinistra e absurda.

Sobre a irmã ambiciosa e com um futuro promissor pela frente, trocar o noivo por um relacionamento com alguém multimilionário e roubá-lo, por se sentir humilhada; e a sua mãe oferecer seus serviços à organização criminosa a fim de salvar a filha, ao meu ver eram fatores até normais. Uma mulher quando se sente traída é capaz de tudo, e uma mãe dá a vida por um filho. Agora, o contexto degringola à anormalidade quando a mãe resolveu roubar o mafioso e deixar a outra filha como moeda de troca, pelo seu perdão.

É incompreensível!

— Com todo respeito a você! Mas que mãe do caralho é esta sua! — Soquei o braço do sofá sem conseguir segurar minha antipatia pela vaca.

Concordando num movimento afirmativo de cabeça, ela pendeu a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. Parecia envergonhada de sua família.

Preocupado com sua fragilidade troquei de sofá, sentando-me ao seu lado, me posicionando de modo a ficar de frente para ela.

— Perdoe a minha explosão, afinal o que eu conheço de mãe é que elas são pura doação, fontes inesgotáveis de amor, e essa sua... — Pausei com ela erguendo a cabeça e me olhou chorando muito. Chorando a amargura de sua alma, e eu, louco desejando tomá-la em meus braços para amenizar seu sofrimento, e também querendo demais socar a cara da sua mãe.

"Está baixando a guarda, Henry!", a voz dentro da minha cabeça alertava, aflita. *Ela pode estar criando todo o cenário para escorregar, e fugir!*

— Pela primeira vez estou analisando o comportamento da minha mãe. — A voz macia e doce murmurou contida. Ergui as sobrancelhas, curioso. Ela prosseguiu: — Eu demorei a entender e agora eu tenho certeza: minha mãe não gosta de mim, não há outra explicação, devido as suas atitudes para comigo.

Refletia, contemplando seus olhos sofridos, indignado ao carinho despontando em meu coração. Inconformado com a minha postura, limpei a garganta e saltei dali antes de tomar uma atitude impulsiva, antecedendo a confirmação do relato.

— Realmente — rumei em direção à janela e com as mãos nos bolsos, corria os olhos pela paisagem noturna. Mês de novembro se aproximando, o fim de ano as fontes do lago do Parque Ibirapuera já viraram um palco de luzes. — Esta não é uma atitude de uma mãe que se preze — acrescentei, perdido nas minhas conclusões. — E, também não acho que agiu corretamente, se sacrificando a este ponto. — Virei-me de frente a Sacha. Com o medo estampado em sua face perfeita, os olhos expressivos recaíram sobre o álbum da minha família sobre a mesinha de centro, enquanto os dedos entrelaçavam, nervosos sobre seu colo. — Contanto, não posso deixar de admirar seu amor e sua coragem. — Voltando, ela abriu um singelo sorriso tímido. — Atitudes nobres são para poucos.

— Quase desmoronei. — Ela moveu os ombros em meio a um sorriso amoroso brotando nos lábios. — Se não fosse o acolhimento da madre Aurora, não faço ideia do que seria de mim. Ela representa uma presença materna na minha vida, eu a amo — salientou de um jeito encantador, daqueles que tocava o coração.

— É recíproco! A religiosa defendeu você com unhas e dentes...

Suspirando, ela riu agradecida.

— Costumo dizer que o destino nos uniu, quando bati pela primeira vez na porta do orfanato, naquela época era apenas um convento, ela abriu seus braços e ali começou nossa relação de mãe e filha.

— Pretendia ser freira, Sacha? — Ela baixou os olhos, pensando na minha questão antes de responder.

— Talvez. — A palavra saiu em tom contido. — Mas o tempo mostrou que não tinha a menor vocação, e há dois anos eu entrei no orfanato como funcionária. Era um tipo de faz-tudo, até começar a trabalhar na assistência ambulatorial de fisioterapia.

— Sua vida segue uma verdadeira linha de ficção.

— Eu sei... Parece até um delírio de uma lunática. — Alguns segundos de silêncio se estenderam com um analisando o olhar do outro. — Agora é a sua vez! — expressou com seriedade.

O toque do meu celular no bolso do paletó tomou minha atenção. De cara reconheci o número entrando como desconhecido.

— Oi, Bernardo — soltei baixinho.

— *E aí, cara! Desistiu da minha festa*?

— Na verdade, solucionando um imprevisto.

— *Já estou em posse de algumas informações importantes da fisioterapeuta do seu pai, posso falar ou prefere pessoalmente.*

— Agora é o momento oportuno, comece — ordenei.

— *Ela é natural de Belo Horizonte, é a segunda filha de Natanael Ortiz e Adele Ortiz...*

O relatório dele não exemplificou os detalhes, foi uma geral: o relacionamento da irmã Mônica com o Ivan, o acidente, o falecimento, o tempo que sua mãe prestou serviços à máfia, sobre a loja famosa de produtos ortopédicos e médicos de Sacha, o tempo em que morou na mansão do mafioso.

Mesmo com a ausência de detalhes no relatório, e a lucidez como ela colocou seu drama, eu tinha motivos de sobra para acreditar nela. Seus olhos subiram encontrando os meus, via verdades se expressando neles.

— Obrigado, Bernardo. — Desliguei, suspirei fundo e me aproximei, investigando seu rosto arqueado. — Acabei de receber informações suas.

Ela deu de ombros tipo “sem novidades”.

— Era esperado.

— A minha obsessão com o Ivan é vingança — exasperei entredentes. Ela jogou as costas contra o sofá e encostando a cabeça arqueada, ficou atenta ao meu rosto. — Ele vai pagar caro por matar o meu irmão — profetizei.

— Eu sinto muito pelo seu irmão! — Segurando as lágrimas querendo se achegar, caminhei até a poltrona à sua frente e me sentei.

Relatei tudo em alguns minutos, com ela me olhando pasma.

— O Ivan nasceu para destruir vidas, é um monstro! — proferiu fechando os olhos, seu semblante era pura repugnância e se levantou indo de frente à janela.

Segui-a me colocando ao seu lado. Ambos com os olhos no horizonte de luzes.

— Monstros são perigosos, eles sempre têm o ponto de ataque e podem ficar impunes, destruindo mais e mais vidas. Eu preciso de você para colocar um ponto final nele.

Seu rosto virou, travando os olhos azuis especulativos e, ao mesmo tempo, amedrontados nos meus. Dei de ombros seguindo o meu raciocínio.

— Eu quero me vingar e você, se livrar. Unindo nossas forças é o único modo de atraí-lo.

Ela negou de cabeça, terrificada.

— Não, não...

— Com ele solto você nunca estará livre, não entende? — Engoliu forte. — Ele pode surgir a qualquer momento exigindo o pagamento da dívida da sua mãe, e tenho informação de alguns dos seus capangas que ele a amava, isto a torna um alvo definido. Ele pode apenas estar aguardando o momento certo para atacar. E não é somente você que estará na mira dele, seu pai e a gélida da sua mãe também serão alvos, pode ter certeza.

Em pânico ela saiu da janela, andou rápido até o meio da sala e baixou a cabeça, meditativa.

Me aproximei encantado com as madeixas loiras balançando no ar ao redor do seu rosto. Porém, mantive o silêncio, reservando este momento para ela analisar, o problema foi a demora, precipitei-me segurando os cabelos com a ponta dos meus dedos, acariciando delicadamente.

Ela recuou brusca.

— Se o acordo for me transformar na sua concubina, esquece! — disse num olhar embravecido, me deixando também.

Quem ela pensa que é para me rejeitar?

— O que tenho a propor não tem nada a ver com sexo! — Ergui as mãos, fodido. — Ele está fora dos planos, são apenas negócios que favorecem a nós dois. E outra que já tivemos este momento de transa casual e ele acabou. Página virada!

Seu peito inflou numa inalada forte e soltou devagar, sem demonstrar nenhuma emoção.

— Qual seria exatamente o plano?

— O plano é você se casar comigo... Ou seja, noivamos com a presença da imprensa, assim faremos um baita barulho e nos casamos nas mesmas condições. Um casamento badalado é uma boa isca, vai atrair a atenção do Ivan, com certeza.

Ela grunhiu desacreditada.

— Vai cutucar a onça com vara curta? — indagou indecisa.

— Não há o que temer, Sacha! Estaremos monitorados 24 horas por dia por agentes federais, até em nossos aposentos, câmeras e escutas! Como vê, sexo está completamente fora de questão.

— Aqueles dois homens no posto, que achei serem seus capangas, são agentes.

Confirmei movendo a cabeça.

— Homens treinados para situações como esta.

— A presença deles me assustaram. — Riu, suspirando. — Fiquei apavorada.

— Notei. — Num impulso levei minha mão, na intenção de tocar seu rosto.

Mais um recuo e uma expressão de reprovação.

— A partir de agora é sem toques, sem sexo... — estabeleceu categórica.

Mesmo com as restrições impostas por ela, o meu coração reagia positivamente. Uma emoção esquisita se apossava dele, se manifestando com batidas ritmadamente fortes.

Prendendo a respiração, travei o maxilar rompendo aquela reação em cadeia, querendo resultar em alegria.

— É um sim? — perguntei áspero, como deveria estar o meu coração, e não quente deste jeito.

— Você tem razão, eu estarei fadada a prisão com o Ivan à solta. Preciso desta liberdade!

— Perfeito! A partir deste instante seremos um casal exemplar, de fachada.

— Espero que dê tudo certo.

Ri, analisando o expressivo desenho de seus lábios entreabertos, sugando o ar sutilmente, revelando certa esperança.

— Dará!

Capítulo Dezessete

SACHA

Voltava de mala e cuia para a casa dele.

Observando suas mãos, de veias proeminentes, ao volante, guiando o veículo de luxo pela avenida de trânsito intenso, batia a dúvida se tomei a decisão certa. Meus sentimentos externamente desorganizados, estavam emaranhados, assemelhando-se a um novelo de lã. Sentia-me péssima em me imaginar num possível confronto com o Ivan. Todo plano é passível de fracasso, ainda mais se tratando do Ivan. Afinal de contas, a natureza ardilosa e estrategista dele era algo a se considerar. Ele fora capaz de chegar longe com ela, e atuou no mercado do crime por décadas.

E por outro lado, sentia uma expectativa fora do comum avaliando ficar tão perto do Henry, conheceria todas as suas intimidades. Meu coração já batia o suficiente por ele, corria o risco de a convivência ampliar este apego. Apaixonar-me mais ainda por ele poderia ser um desastre total. Como ele mesmo disse: entre nós, foi sexo casual e agora são apenas negócios.

Tirando os olhos da pista veio aos meus, e aquele sorriso questionador nos lábios, originou um calor intenso e subiu ao rosto, sei que corei de vergonha, como se ele pudesse ler mentes.

— Você está bem? — perguntou cordial.

— Na medida do possível — retribuí o sorriso, não tão amplo como o dele, e ansiosa para escapar daquele olhar divino, causando milhões de sensações pelo meu corpo, virei o rosto para a janela. — Preciso de algum

tempo até organizar as ideias na minha cabeça. — Soltei o ar forte e voltei a ele.

Não desperdicei a oportunidade de admirar o perfil másculo, com ele atento no trânsito à frente.

— Você pensa demais. Tenha fé de que conquistaremos a nossa tão sonhada paz — expôs otimista no momento em que deixou a avenida e entrou na rua de sua residência.

Encarando os pelos da barba rente, eu ri daquela palavra tão distante da minha realidade.

— Não crê? — Fechei meus olhos curtindo o tom grave e profundo de sua voz. Abri-os em tempo de topar com seu lance rápido de olhar, e regressou à rua.

— Bem... — também joguei meu olhar à frente — nunca me apresentaram a essa tal de paz. Por enquanto, ela é apenas uma utopia para mim.

Embicou o carro em frente à garagem, e enquanto o portão se abria, ele voltou a mim.

— O Ivan vai amargar anos e anos de cadeia. — O semblante, até confiante, irradiava a segurança almejada. — Eu estarei em paz comigo, e você poderá ir viver sua vida livremente junto com seus pais, onde quiser...

Os exemplos pausaram, com ele entrando com o carro.

Ele foi racional o suficiente, separava nossos caminhos. Baixei meus olhos, experimentando um desânimo chato.

Engraçado era que eu sentia a tristeza crescendo e tomando meu ser, com ele me excluindo da sua vida.

— Eu tenho um tipo de sexto sentido, minha filha! — Sentado em sua cadeira, o senhor Adam, já de pijama branco, pegou minhas duas mãos e levou aos lábios, aplicando um beijo carinhoso, me emocionando. — Uma pessoa de má índole jamais teria estas mãozinhas de fada. — Olhava para elas de uma maneira intensa. — Desde o primeiro instante que botei os olhos em você, soube da sua honestidade.

Ele tinha a dureza na expressão como a do Henry, mas exalava a simpatia do meu pai. E ao lembrar-me dele, não teve como eu reprimir um sorriso saudoso.

Ali, na sala luxuosa de sua casa, os dois homens pousaram olhares curiosos sobre mim.

— O senhor lembra muito o meu pai.

— Ah, querida! Se me abraçar for reduzir sua saudade, eu estou aqui. — Abriu os braços num convite irresistível. Caí neles, ganhando um abração daqueles, com direito a beijo na lateral da cabeça. — Em relação a sua mãe, você explicou bem, entendi perfeitamente que ela sumiu do mapa. Porém, ainda restou a dúvida sobre seu pai. Não sabe onde ele está?

Endireitei o corpo, a fim de responder a sua questão.

— Ele trabalha no interior de São Paulo, pretendo ir vê-lo em breve.

— Amanhã discutimos esta parte, agora é melhor nos recolher, descansar e recarregar as energias. E amanhã montaremos todo o esquema de maneira inteligente e infalível — interveio Henry, olhando no relógio em seu pulso. — Valentina? — chamou a governanta, cruzando a sala naquele momento. — No quarto de hóspedes tem uma mala da senhorita Sacha, leve-a para o meu quarto, e também providencie mais roupas de camas, por favor.

— Sim, senhor — dona Valentina assentiu e subiu as escadas rapidamente.

Seu pai arqueou a cabeça surpreso, meus lábios se abriram em um literal "O" em reprovação.

— Qual o problema? — indagou abrindo as mãos no ar. — Nos namoros de hoje os casais dormem juntos; e se quisermos passar confiabilidade, devemos seguir as regras atuais — ressaltou com naturalidade. Torci a boca, ainda relutante. — Qual é! Não tem segurança em si mesma? — desafiou com malícia.

Seus olhos flamejavam, e aquele gesto me irritou profundamente, mexeu com meu brio.

— Total segurança. — Curvei beijando a face do senhor Adam, com um leve sorriso divertido nos lábios, e fitei os sorrateiros do Henry. — Quem sobe na frente, eu ou você? — quis saber.

— As damas na frente. — *Filho da puta!* Acenando com a mão em direção à escada, seus lábios se curvaram num sorriso safado.

Finquei os pés no chão e subi os degraus com todo o controle da situação. Pelo menos, eu achava.

— Tenha uma ótima noite, pai. — Rosnei baixo com o tom quase zombador do cretino.

— Vocês também... — notei o tom incerto do senhor Adam.

Terminando de subir o último degrau, o aguardei.

— À esquerda! — no último degrau antes do corredor ele se curvou soprando no meu ouvido.

Estremecida, fechei meus olhos com ele dando a volta pelo meu corpo, e em seus passos decididos, caminhou à minha frente pelo corredor, largando o rastro da fragrância levemente amadeirada.

Fiquei atordoada com ela pairando no ar.

Nossa! Quase perdi o fôlego. *Este homem é uma perdição!* Nem sei como não tropeçava nos meus pés, com os olhos fixos na sua postura decidida, nos

ombros largos preenchendo seu terno cinza escuro e de corte perfeito. Ele era um espécime de homem sexy, uma droga viciante. E o sujeito Rei, como disse a moça ao telefone.

E conhecedor do seu poder.

Ele abriu a porta.

Do corredor avistava os pés da cama, a Valentina conduzia duas funcionárias na arrumação da cama. Lençóis, fronhas, travesseiros, tudo branco. Virando seu rosto, jogou seu olhar impetuoso, daqueles de fazer a gente tremer e piscou malicioso, elevando a minha temperatura corporal a um nível de derreter ferro. Nada se salvou, meu coração derreteu, minha calcinha inundou. Foi um sufoco para manter as pernas firmes, tamanho o tremor.

— Sinta-se em casa! — o filho da mãe ainda soltou aquele tom rouco intenso, provocativo. — Por favor...

"Que Nossa Senhora me proteja!", orei adentrando no recinto e não contive um gemido sonoro de admiração no design exclusivo, tipo daqueles futuristas. E eu que achava o quarto que ocupei incrível!

Na parede à esquerda, coberta por um revestimento tipo um espelho jateado, estava a cama baixa de luxo, sobre um tapete felpudo branco. Rente ao teto, e na largura da cama, havia um aparelho moderno de ar-condicionado.

Uma meia parede, de uma madeira escura, dividia o amplo ambiente. Curiosa dei mais alguns passos na intenção de bisbilhotar o outro lado. E suspirei encantada, àquele espaço fora montado um bar sala, elegantíssimo: prateleiras de vidro com iluminação, suavemente azuladas, começava no teto e acabava na metade da parede, e sobre elas haviam os mais variados tipos de garrafas com bebidas. Um balcão no mesmo material da parede de madeira, que dividia o quarto, acomodava quatro banquetas altas brancas. O sofá

confortável branco, com almofadas pretas e cinzas, na parede de madeira completava a decoração.

Ele pegou o controle remoto sobre o balcão do bar, e ao acionar o revestimento na parede atrás da cama, se mostrou ser uma cortina especial, à medida que ela deslizava, revelava a vista do jardim da fonte.

— Estou com a sensação de que fui espionada na fonte! — comentei arrepiada, revivendo o momento com ele.

— Deduzi que estava carecendo de companhia! — zombou e caminhou em direção à porta em frente. E ao acender a luz, tomei ciência de que ali era o closet. — Vou tomar um banho, se quiser beber algo, fique à vontade.

Tão logo terminou a frase, entrou e desapareceu lá dentro.

— Terminamos! — avisou Valentina.

E acompanhada das funcionárias saíram do quarto.

Desnorteada, esta era a minha situação. Pensar se tornou uma medida urgente, aproveitando a privacidade, inspirei profundamente e tirando a mochila das costas, a larguei sobre o estofado. Sentando-me ao lado dela, pendi a cabeça cobrindo-a com as mãos.

Tenho que conversar com a Madre, urgente!

A realidade era uma só: estava apavorada por aceitar entrar no grandioso e perigoso jogo. Atrair o Ivan chegava a ser assombroso, mas viver com medo, desconfiando de tudo e de todos era pior.

“Coragem, Sacha!”, encorajava-me. “Não esqueça que muitos colherão da vitória junto com você!”, mais um incentivo.

Isso motivou-me a sentir mais determinação, levantei e segui até o espelho, atenta à minha imagem refletida.

“Uma forma de resistir ao seu poder de sedução é manter a distância. Muito perto implicaria em uma cicatriz enorme no coração, com absoluta

certeza", pensei quando fui surpreendida com a imagem dele refletindo junto a minha no espelho.

Minha Nossa Senhora! Totalmente e maravilhosamente nu, ele saía pela porta por onde entrou, secando o cabelo com a toalha branca. O exibicionismo ganhou a atenção dos meus olhos, e minha boca entreabriu fascinada.

Involuntariamente, meus olhos faziam um tour pelo peitoral esculpido, os gomos marcavam em seu abdome. Distraí-me no pau enorme, grosso e ereto quando seus lábios se manifestaram, se curvando num sorriso sugestivo. Estremeci, sendo atingida por aquela onda gigantesca e atordoante de luxúria. Sentia-me dissolver, literalmente.

E abruptamente girei meu corpo, exercendo uma força descomunal de manter meus olhos nos dele. Eles queriam descer até o majestoso.

— Tudo bem contigo? — o cara de pau ainda perguntou jogando a toalha sobre uma cadeira ali por perto.

Abismada em todos os sentidos, abri a boca, mas estava engasgada com as palavras emboladas na minha garganta.

— S-será que você poderia colocar uma camisa, uma cueca, esconder tudo isso, por favor? — quase não terminei a frase, tamanho o meu nervosismo com a exibição do atrevido.

Os ombros largos subiram e desceram.

— Não vejo problema algum em andar pelado pelo meu quarto. — Em franca provocação, a mão direita correu sobre o aço macio. — Quer beber alguma coisa? — Pressionando em seu abdome, saiu caminhando em direção ao bar e ignorando-me, completamente.

Cheia de tesão, admito! Não tinha como vencer a reação pelo meu corpo.

— Não há a menor possibilidade de uma convivência entre nós — proferi catando minha mochila e a mala largada pelos funcionários ao lado da cama,

e quase corri para a porta de saída.

Sua mão apertou a minha sobre a maçaneta.

— Eu me excedi, desculpa! — sussurrou em meus cabelos. Fechei os olhos, suportando todo aquele choque que seu contato causou. Notando, ele deu um passo, o bastante para eu sentir o seu membro em minha bunda. Eu arfei, ele suspirou ao mesmo tempo que o senti vibrando, prazerosamente em mim. — Prometo me comportar daqui para frente — ouvi ele engolindo ruidosamente, como sentia o tremor nas suas mãos.

Estava por um fio de jogar meu bom senso para o espaço, e reprimi me lembrando de que sou apenas uma transa fácil e conveniente para ele. Suspirei fundo, chegando à ingrata conclusão: de que não podia sucumbir ao desejo, não era aconselhável no meu caso. Era impossível separar o sexo do afeto, não existia esta probabilidade. Perdi a vontade de trepar com ele, eu desejava mesmo era fazer amor com ele.

— Me precipitei em fazer este acordo com... — Ele não deu espaço para eu terminar a frase, segurando em meu braço, me virou de frente para ele.

Aí a porca torceu o rabo! O cheiro fresco do banho, exalando ao movimento frenético do seu peito, me colocou em uma posição de desvantagem.

— Está enganada! — A voz rouca abalou meu emocional, necessitada de um tantinho mais de distância, só assim recuperaria meu equilíbrio. Conhecedor do seu poder sobre a minha pessoa, a mão quente veio em forma de concha em meu rosto, o acariciando com as pontas dos dedos. Fechei meus olhos dentro um uma emoção inexplicável, sentindo certo carinho provindo de seus dedos e abrindo novamente, fiquei com a impressão de estar vendo o mesmo carinho no seu olhar, derramando tesão. — Se quer a sua liberdade de volta, é o único jeito.

Neguei de cabeça numa monstruosa indecisão, conectada ao seu olhar indecifrável.

— Eu já acostumei com as reviravoltas na minha vida.

— Não deveria se conformar com as mesquinharias, minha linda! — As duas mãos correram pelos meus braços e pegaram as minhas, na altura do quadril, e as elevou, prendendo-as acima da minha cabeça. — Lutar pelos seus direitos. — Grudou seu corpo no meu, me imprensando à parede e beijando meu pescoço. Arfei, me julgando, por me permitir adorar sua audácia, seu pau se adequou no meio das minhas pernas, e proporcionava um puta prazer, vibrando entre elas. — Tem de exigir o melhor da vida — sussurrou em meu ouvido, soltando as minhas mãos.

E, impacientes, elas deslizaram em minhas costas até tomar posse da minha bunda, me apertando contra ele, e suspirava maluco. Fiquei maluca e enfiei as mãos em seus cabelos, segurando forte os fios na nuca e guiei seus lábios aos meus.

Um beijo sôfrego e ao mesmo tempo, esclarecedor. Despertei arqueando a cabeça em busca dos olhos.

— Se eu tenho de exigir o melhor da vida como diz, digo que estou no caminho errado. — Escorreguei para o lado e me afastei da porta, e dele.

Ele grunhiu desapontado.

— Por que esta cara? — Seus olhos semicerraram a contragosto às minhas questões. — O nosso acordo não incluiu o sexo.

— Sério? — indagou frustrado. — Vai mesmo resistir a tudo isso? — Apontou para o pau delicioso. Extremamente duro e ereto.

— Não é tudo isso! — respondi num tom zombeteiro.

Ele inclinou levemente a cabeça, lançando um olhar ameaçador.

Mentira! É tudo e muito mais... Minha calcinha quem o diga!

— Ok! O azar é seu, quem está perdendo é você. — Deu-me as costas e caminhou até sua cama e se jogou sobre o colchão. — Nossa convivência seguirá as regras da formalidade — declarou cruzando as mãos debaixo da cabeça.

— Vou dormir no sofá. — Apontei a direção.

Ele deu de ombros, sem tirar seus olhos dos meus, muito intimidadores. Caminhei em direção ao closet e entrei, apostando que o banheiro seria por ali. E era. O banheiro era logo no final do corredor, e que banheiro! Enorme, acomodava até uma banheira de hidromassagem redonda. O espaço era todo revestido de mármore branco e os acessórios cromados.

Liguei para a madre Aurora, contando somente o suficiente e avisando que não entraria em contato tão cedo, por medidas de segurança. Ela não opinou sobre o meu acordo com o Henry. Mas, aconselhou-me e fez eu repetir que a procuraria antes de bater o martelo com o Henry. Então desliguei, e pensei na Jussara. Ela ligaria preocupada para saber de mim e da sua moto. Porém, a deixaria também fora desta parte da história.

O banho foi vapt-vupt. Peguei na mochila o pijama de inverno, calça e camisa azul-claro. Gostava daquela roupa combinando com os meus olhos.

Com um copo de uísque, Henry, agora vestindo uma boxer branca, estava deitado numa cama improvisada sobre o tapete felpudo nos pés da cama.

— Pode ficar com a cama! — avisou amigavelmente, apontando para ela. Notei a pulseira, que esteve em minha posse por dois anos, no pulso. No criado-mudo havia um balde com uma garrafa de espumante; ao lado dele, uma taça de cristal com a bebida. — Considerei a bebida uma boa medida a fim de relaxar — complementou içando o tronco, e virou o copo com o uísque e deitou de lado, detalhe: de costas para mim.

A distância proposta por ele acarretou uma sensação esquisita.

Deitei e me cobri, abdicando da bebida.

— Henry?

— Oi — respondeu.

— Por que vocês querem adotar uma criança?

O silêncio se propagou e então ele foi rompido com uma respiração forte.

— A Maria Cláudia deseja muito realizar o sonho do filho. Antes de morrer, meu irmão estava obcecado em adotar uma menina... Infelizmente, não teve tempo — ele contou sobre seu lindo relacionamento com o irmão, sobre a esposa dele ser estéril...

— Eu não acho um momento propício para uma adoção. — Ele sentou-se me encarando interrogativo. — Trilha mais para o caminho da irresponsabilidade, considerando a tensão pairando no ar. Afetaria e muito uma criança. Seria uma baita injustiça contaminá-la com todo este clima de ódio.

Seus olhos desviaram, pensativos.

— Uma criança sempre tem que ser preservada de situações assim — emendei.

— Enquanto você tomava banho, eu marquei uma reunião para o fim da tarde de amanhã, então colocaremos a questão em pauta.

Sorri, aliviada.

— Nosso acordo não inclui a minha prisão, né? — indaguei em um fio de voz.

Ele arqueou a cabeça estranhando a pergunta.

— É claro que não! Inclusive, é legal este movimento natural, dará mais credibilidade a nossa simulação conjugal. — Suspirei aliviada. — Por que está perguntando?

— Como marcou a reunião para o final da tarde, vou aproveitar e procurar pelo meu pai — expus com uma expressão de consternação desenhando no seu rosto. Via ali, certa preocupação com a minha opinião.

E a vontade de pular para o chão foi grande.

— Saliento que a partir de amanhã seremos monitorados, ambos usaremos câmeras e escutas em nossas vestimentas.

Achei meio estranho aquilo tudo, mas em prol da segurança, valia tudo.

— Ok.

— Boa noite! — disse apertando o controle que estava debaixo do seu travesseiro.

E naquele breu, e atmosfera diferente, fechei meus olhos.

Capítulo Dezoito

HENRY

Ao me levantar e deparar com a sua imagem sobre minha cama, o tempo parou. Não importava o quanto me esforçasse, não conseguia desviar os olhos dela ali, linda, envolvida nos meus lençóis, as madeixas douradas, espalhadas no travesseiro, dormindo tranquilamente. Mesmo tão coberta de roupa, ela transmitia uma sensualidade sem igual. Os movimentos sob as pálpebras e nos cílios volumosos indicavam que ela estava dentro do sonho, e eu aqui fora, viciado nela.

Jamais fiquei inseguro diante de uma mulher bonita! Ela tocava uma parte desconhecida do meu coração.

Balancei a cabeça, e soltando o ar rigorosamente, rumei para o banheiro.

Calculando todos os meus afazeres, o dia seria curto, vesti rapidamente um terno azul-escuro, camisa branca e deixei de lado a gravata. Cruzei o quarto a passos leves, respeitando seu sono.

O foda era a sensação de duas mãos em minhas costas, impulsionando-me em direção a cama.

Estou fodido com esta mulher aqui no meu quarto.

Saí ligeiro do ambiente, bloqueando a vontade incontrolável de me aproximar dela, sentir seu perfume.

— Admiro a pontualidade dos dois! — elogiei Herbert e Leôncio, terminando de descer o último degrau da escada.

Sentados no sofá da sala, ambos usavam terno grafite, camisa branca e gravata discretamente estampada. E se levantaram velozmente.

— Os procedimentos de segurança são inúmeros e requerem tempo, meu amigo — Leôncio se pronunciou, ajustando a gravata. Em seguida levou as mãos à cabeça, ajeitando os cabelos curtos e escuros como os olhos, redondos e expressivos.

— Ótimo! — aprovei parando à frente dos dois e repousei as mãos em seus ombros. — Exijo segurança máxima, não quero que toquem em um fio de cabelo e nem cheguem perto dela, entenderam? — ordenei, olhando-os nos olhos.

Os esverdeados do Herbert brilharam na expectativa e ansiedade. Troncudo como o parceiro, usava a cabeça raspada e sua pele era jambo.

— Perfeitamente, Henry — manifestou Herbert recuando, e retornando ao sofá, pegou uma maleta preta sobre ele e a abriu na minha frente. — Aqui dentro tem minicâmeras de alta resolução e que captam áudio com nitidez — começou explicando, pausadamente. — São as mais modernas no mercado.

— Bom dia, senhores! — A voz do meu pai, saindo do elevador, atraiu nossa atenção momentaneamente.

Os cumprimentamos e voltamos ao assunto.

— Continuando... — prosseguiu Herbert. — Vocês dois vão usar estas belezinhas tecnológicas camufladas nas roupas. Estaremos monitorando em tempo real pelo computador ou celular.

— Espero que funcione — instalando sua cadeira de rodas ao meu lado, esboçou meu pai em total aflição.

— Tranquilize-se, senhor Adam — mirando o olhar oprimido garantiu Leôncio, seguramente. — Além da ajuda tecnológica aqui, ainda teremos agentes disfarçados de civis. Ficarão bem.

— Estou contando com o profissionalismo da equipe — emendou, indicando a sala de jantar com um aceno de cabeça. — Vamos tomar o café da manhã. — Manobrou a cadeira e se deslocou na direção da sala. Igual a todas as manhãs, a mesa farta nos aguardava para um reforçado desjejum. — E como foi ontem, com a Sacha? — interrogou ele contornando a grande mesa, posicionando a cadeira no lugar reservado a ele.

Um frio congelante tomou minha barriga, enquanto me acomodava na cadeira. O espelho na parede à frente, sobre o aparador, refletia a imagem de um Henry tenso e não poderia transmitir este meu estado.

— Não foi! — respondi áspero, me servindo de uma generosa xícara com café. — O cansaço não permitiu, adormecemos rápido.

— A história de vida dela abalou o meu emocional — declarou balançando a cabeça tristemente. — Espero, de verdade, que ela tenha um futuro melhor.

Inadmissivelmente, tudo em mim se encontrava abalado. Virei a xícara de uma só vez na boca.

— No caso da Sacha, a tranquilidade vai além do Ivan apodrecer atrás das grades. — As sobrancelhas do meu pai se juntaram numa expressão indagadora.

— Está se referindo à frieza e desamparo da mãe dela, certo?

— Exatamente, a mãe desnaturada! — Inalei densamente, sentindo o sangue correr por minhas veias. *Pois se tiver a chance de estar de frente com aquela desalmada, pretendo dizer tudo o que está engasgado na minha garganta.*

— O que esta mãe fez é de fato imperdoável.

— Certas coisas na vida não melhoram com o tempo, principalmente com este tipo de rejeição.

Comovido, os olhos do meu pai encheram de lágrimas.

Fechei os olhos e os punhos sob a mesa, bloqueando aquele sentimento se apossando de mim.

Por que se importa tanto?

— Bom dia! — A voz macia e aveludada, ganhando o ambiente, rompeu meus pensamentos.

— Bom dia, minha querida! — meu pai antecipou com um amplo sorriso.

Parada à porta, usando um coque comportado com alguns fios soltos, ela exibia uma beleza estonteante. Embevecido, analisava suas curvas admiráveis dentro da calça jeans, de lavagem bem escura, a blusa preta de gola alta tinha mangas curtas.

Sua bela imagem alterou os meus sentidos, ampliou meu desejo.

Merda! Levantei rapidamente.

— Estava aguardando você para iniciarmos os procedimentos de segurança — informei indo até sua frente; e, claro, o perfume levemente floral, me desestabilizou. — Você e o Bernardo — corrigi. — Ele ainda não chegou. Sendo assim, não tem necessidade de correr, tome o seu café com calma. — Curvei o rosto para a mesa. — Eu espero vocês no meu escritório.

— A Maria Cláudia deve estar chegando por aí, combinamos de programar outra visita ao orfanato, peço que não falemos sobre nada disso perto dela — notificou meu pai.

Apavorada, Sacha lançou um olhar de alerta sobre mim.

— Talvez seja mais prudente iniciar o processo de adoção depois de tudo isso acabar — relatei.

Sacha sorriu agradecida e observava meu pai com ansiedade.

— Faz sentido! Vou convencê-la — afirmou ele.

— Proponha a ela passar uma temporada fora do país — aconselhou Leôncio.

— Difícil dela aceitar, hein! — rebateu meu pai desacreditado.

— O senhor vai com ela — sugeri e ele riu zombando.

— E deixar você sozinho aqui? Esquece!

— Primeiro que não vou perder o casamento do meu único filho. — Encarou Sacha e piscou de um jeito esquisito. Inexpressiva, ela esfregava as mãos nas coxas torneadas. — Venha se sentar aqui perto, querida, quero falar sobre o meu tratamento com você. — O danado desconversou, notando o constrangimento instaurado. — Depois resolvo o que fazer com a Maria Cláudia.

Ocupado observando a Sacha caminhar, largando aquele delicioso perfume no ar, não esbocei nenhum comentário.

Afetado, saí dali desenfreado.

Assinando alguns papéis eu ouvi baixo os risos, porém, reconheci a voz da Maria Cláudia e do Bernardo. Uma hora se passou e nada do povo aparecer. Parti para averiguar, pois hoje inúmeros contratos na empresa aguardavam a minha análise.

Não estava crendo na imagem ao redor mesa, o Filipe em seu uniforme branco, ocupando a cadeira ao lado da Sacha, cochichava no ouvido dela e passava a mão, grotesca, sobre a macia dela, repousada ao lado da xícara com a marca do seu batom. Sinais clássicos de intimidade.

Todos riam animados à mesa, meu pai se esborrachava de rir com a Maria Cláudia, de algo que o Bernardo acabou de contar.

Vestindo num semblante de seriedade, Leôncio confabulava com Herbert. Ignorei todos, apenas fiquei olhando bem para a cara da Sacha, analisando suas expressões, e com aquele ímpeto enorme de socar a cara do Filipe. Numa alta gargalhada de olhos fechados, eles se abriram de repente e me encontraram à porta.

— E-eu... — tentava explicar com os olhos sobre a minha pessoa, trazendo todos eles também.

— Oh, meu querido! — Maria Cláudia, em sua simpatia iluminada, como o vestido alaranjado e elegante, levantou e veio me abraçar. — Ainda estou pasma com a novidade do seu casamento repentino com a linda Sacha — disse ao meu ouvido, e apartou demonstrando o olhar de aprovação a Sacha.

Os olhos do Filipe apertaram contra os de Sacha, arregalados.

— Deixe-me ver se entendi direito! — exclamou, estupefato.

Um vermelho intenso tingiu a pele de pêssego; e perdida, seus olhos expressivos desceram.

— Perfeitamente! — antecipei na resposta e fui até a minha futura noiva. E pegando na sua mão a puxei da cadeira, enrolando o braço por sua cintura, a apertei junto ao meu corpo, mostrando àquele cara babaca que esta mulher me pertencia. Minha atitude causou consternação no profissional, e preocupação no meu pai, que grunhia em desaprovação. — A gente viveu uma grande história de amor no passado — segui ignorando a reprovação do meu pai — e, infelizmente, os percalços da vida nos separou. E agora com o nosso reencontro não vamos desperdiçar o tempo, decidimos juntar nossas escovas de dentes, não é mesmo, querida? — Curvei a cabeça pressionando os lábios na bochecha efervescente.

— É-é... — resumiu com o olhar indignado e incompreensivo do Filipe.

Maria Cláudia se aproximou e a salvou da pressão do olhar do Filipe, moldando seu rosto entre suas mãos, atrás de uma comunicação visual.

— Seja muito bem-vinda à família, querida! — A beijou com sua ternura incontestável, e lançou um olhar sorrateiro para mim. — Do jeito como ele ficou desesperado quando a viu na sala da Madre, lá no orfanato, digo com a mais absoluta certeza: você tem o coração deste gato aqui. — Bateu levemente em meu peito, que ganhou um movimento frenético ao olhar especulativo de Sacha.

Incomodado, larguei a cintura dela e recuei.

— Gostaria muito de dar uma volta pelo jardim antes da sessão de fisioterapia. Você me acompanha, Maria Cláudia? — Meu pai notou minha situação.

— Com certeza! — afirmou ela em seu costumeiro sorriso. — Ah, Henry? — inquiriu. — Vou aguardar o casamento até iniciar o processo de adoção.

Sorri agradecido, assentindo com a cabeça.

— Vem com a gente, Filipe.

O convite do meu pai o deixou mais ressabiado, porém, não exprimiu nenhum comentário, apenas acompanhou os passos dos dois.

— Vocês me sigam, por favor.

Levaram mais de uma hora até nos passarem todas as coordenadas.

—É importante usá-la até na hora de dormir, Sacha! — orientou Bernardo, ajeitando a câmera na manga da blusa, enquanto Herbert posicionava a minha na gola da camisa.

Sacha resmungou em franca aflição.

O olhar benevolente de Bernardo parou no rosto dela.

— Vai ficar tudo bem — assegurou ele, segurando sua a mão fremente.

— Tudo bem! — exprimiu numa incerteza densa, e inspirou fechando os olhos por alguns instantes.

— Estaremos todos com vocês, e vigilantes — acrescentou Herbert.

Senti aquela coisa estranha no peito novamente, aquela vontade de protegê-la.

— Só um instante, Herbert! — solicitei o espaço, batendo levemente no ombro dele. E me postei à frente dela.

O sorriso receoso se fazia presente nos lábios comprimidos.

— Eu imagino o quanto deve estar sendo difícil para você! — Ela riu distanciando os olhos, e permaneceu com eles longe dos meus. — A equipe está empenhada na captura do Ivan, mas priorizando nossa proteção. Todos

estes aparatos de segurança comprovam o que estou dizendo. — Nitidamente assustada, ela seguiu distante. Prossegui: — Por favor, confie! Não permita que a personalidade estrategista do Ivan assuste você assim.

— Ele é sinistro — mencionou ela regressando aos meus olhos e sorriu chorosa. — Ataca na distração fazendo parecer acidente. Foi assim com a minha irmã.

— E com o meu irmão — emendei antes da próxima palavra.

Seus ombros desceram, relaxando. Porém, não se deu por vencida.

— Não tenha medo — aconselhei preocupado com seu nervosismo.

— Não temo o Ivan, temo suas artimanhas... — Movimentava a cabeça de cima a baixo, com olhos brilhando. — Ele é um porco nojento sem sentimentos, ataca pessoas inocentes, indefesas, até que chegue ao seu alvo principal, e estraçalha.

— Está sendo muito dramática! — Esta frase saiu da boca para fora, na intenção de acalmar seus nervos à flor da pele.

Discordar dela seria uma hipocrisia, no entanto precisava transmitir segurança.

— Não está! — interveio Bernardo, advertindo-me. — Todo cuidado é pouco com o tirano.

— O risco é compensador! — pronunciei exaltado. — É claro que enfrentar toda essa tensão é complicado, mas veja o lado bom. Depois da tormenta vem a bonança. Você vai sair dessa leve, livre para viver sua vida como bem entender. É horrível a sensação de estar sendo seguida! Imagina poder andar pelas ruas despreocupada.

Ela baixou os olhos ainda mais tensa.

— Estou quase desistindo de procurar o meu pai. — Ergueu-os cheio de medo. — Creio que seja melhor deixá-lo quietinho, expô-lo seria arriscado.

— Ao meu ver, se for hoje não irá interferir em nada, senhorita — Leôncio, até então em silêncio, se manifestou. — Deve evitar visitas às pessoas do seu laço familiar após a exposição da união de vocês.

— A Danielle já está fazendo contato, convocaremos todos os veículos de comunicação do Brasil e do Exterior. O crápula vai morder a isca... — Bernardo ria na torcida.

— Se é só isso, então eu vou indo — avisou dando com as mãos, e saiu da sala andando num trejeito sensual, chamando todos os pares de olhos brilhando admirados.

— Como ela é linda! — elogiou Bernardo, embasbacado.

— A verdadeira boneca humana — completou Herbert.

— Caralho, gente! — retrucou Leôncio, censurando-os. — Estão falando da futura esposa do chefe.

— Que nada! — Bernardo estalou a língua meneando a cabeça, discordando. — São apenas negócios, não ouviram ele dizer para ela que depois de solucionado, ela terá a sua liberdade?

Aquela conclusão contrariou meu coração, ele inflou a ponto de faltar ar.

— Por hoje já é o suficiente, cavalheiros — decretei intitulando a conversa abusiva, e caminhei até minha mesa pegando minha maleta. — O dever na empresa me aguarda.

Deixava o recinto apressado e largando-os ali, me olhando perplexos, sem entenderem.

Eu não me entendia.

Cheguei a abrir a porta da sala e a fechei em seguida, resolvi tomar o rumo do salão de festas, com a necessidade de passar mais algumas coordenadas a Sacha. A tristeza com que ela saiu do meu escritório foi de cortar o coração.

“Inaceitável!”, articulei zangado ao avistar pelo vidro o casalzinho abraçado na varanda, sob os raios solares.

Ao lado dos equipamentos utilizados na sessão de fisioterapia do meu pai, as mãos do Filipe se cruzavam nas costas da Sacha, a apertando, nitidamente contra seu corpo.

E por falar em meu pai, nem sinal dele por ali.

Uma sensação de fúria e exclusão inundou em meu ser. E aquela onda idiota de coragem me fez atravessar a porta de vidro e peitar o ombro do atrevido, o empurrando para longe.

— Perdeu a razão, cara? — protestou furioso, comigo indo para cima dele “endemoniado”.

Pasma, Sacha se colocou entre nós espalmando meu peito.

— Que violência é essa, Henry? — Seu olhar severo reivindicava os meus. — Por favor, Filipe, vá procurar o senhor Adam — solicitou.

— Tem certeza de que vai ficar bem?

— Tenho sim — garantiu ela.

A contragosto ele nos deixou.

— Agora é uma mulher comprometida comigo e exijo respeito — notifiquei.

A expressão furiosa deu lugar a uma de expectativa.

— Por acaso esta reação significou ciúmes, senhor Henry? — cochichou deslizando sutilmente as pontas dos dedos em meu peito, desencadeando um arrepio dos infernos.

Agarrei seu pulso o afastando.

— Cautela é a única razão! Para todos os efeitos, somos um casal de verdade. — Ela disfarçou a imparcialidade num sorriso amarelo. Nem ele fora capaz de sobrepor a sua natureza bela.

— Certo — disse distanciando os olhos sobre meus ombros e permaneceu divagando.

Um gesto frequente dela, e que levantou minhas suspeitas.

— Não confidenciou o plano com o Felipe, não é mesmo?

— Não subestime a minha inteligência! — Entediada ela virou-se de costas e cruzou os braços, e lá estava ela novamente, voando como os pássaros cruzando o céu à sua frente. — Sei exatamente o que está em jogo — citou alguns segundos depois.

O movimento intenso em suas costas denunciava o grau do seu nervosismo.

— Tem noção da hora que vai sair à procura do seu pai? — ela negou meneando a cabeça. — Estou disposto a disponibilizar um carro...

— NÃO! — vociferou voltando de frente comigo. — Eu me viro.

— Presumo que usará aquela moto.

— Qual o problema? — Subiu e desceu os ombros, desentendida.

— Onde a conseguiu? — rebati com outra interrogação.

— Deveria saber, já que levantou toda a minha ficha.

Aborrecida, ela inspirou longamente e expirou com força, e sem nenhuma outra palavra saiu caminhando, na maior insolência, na mesma direção do Filipe.

Enxergava atrás da sua aparência frágil e carente uma mulher forte e com objetivos traçados. Daquelas raras, que sabiam exatamente o que desejavam da vida. O toque do meu celular no bolso do paletó, tirou-me do raciocínio.

Atendi, a caminho da garagem.

— *Quebra promessas de aparecer, some sem dar notícias e, de repente, recebo ordens expressas do seu investigador para eu sumir por algum tempo da cidade, da sua vida porque o senhor vai se CASAR, estrategicamente!* — Lidiane berrava do outro lado da linha.

— Será que daria para se acalmar? — roguei entrando no meu carro e fechei a porta.

Impaciente, saí derrapando os pneus.

Notando a minha pressa, o vigia acionou o portão.

— *Como se fosse fácil, depois de receber esta bomba!* — rebateu furiosa. — *Não vou a lugar algum, entendeu?*

À medida que o portão subia, avistei na calçada Lidiane, usando um tubinho preto, demarcando cada curva do corpo. Com o aparelho no ouvido, ela me olhava com revolta, o rosto redondo muito avermelhado.

Sem que ela saísse da frente, freei o carro evitando um atropelamento.

— CARALHO DE MULHER! — exasperado desci. — Vem comigo! — Segurando firme em seu braço a arrastei em direção ao arbusto generoso, rente ao muro, grudando suas costas na parede.

— Estou farta de você me fazer de palhaça e...

— Basta deste show ridículo em via púbica. — Totalmente impaciente, comprimia seu braço a sacudindo. — Este teu pensamento é tosco, não percebe? Temos apenas negócios entre nós, e não pode cobrar nada, porque todo o serviço foi muito bem pago.

Ela começou a chorar, amolecendo meu coração e afrouxei a mão.

— Eu alimentei esperanças entre a gente. — Subitamente suas mãos emergiram, segurando meu rosto.

— Não existe a gente! — optei pela sinceridade. Ela chorou mais. Bufei, exausto. — Não há motivos para choro, por favor! — Segurei em seu pulso com a intenção de afastá-lo do meu rosto, e fui surpreendido com ela me puxando, unindo nossos lábios.

Capítulo Dezenove

SACHA

Ainda havia dúvidas em excesso se fiz a coisa certa em entrar neste jogo de gato e rato. Tudo bem que a minha vida era embaixo de desconfianças, e ainda assim, sempre houve uma rota de fuga. Estava viva e bem... Não tão bem como gostaria, mas sobrevivendo conforme o balanço do barco, em altas e fortes ondas.

"Ainda está em tempo de sair desta!", o pensamento descompassou o meu coração.

Aí morava o problema! Não sentia vontade de sair de perto do Henry, e doía cada vez que ele mencionava sobre eu viver minha vida livremente depois que tudo acabar. Magoava! Sacudi a cabeça, dissipando aquela idiotice toda.

É um mais pouco de mágoa, Sacha!

— *É verdade* — em voz alta, respondia a mim mesma. Afinal, toda a minha vida fora construída sob mágoas e ressentimentos. Um pouco mais não deveria fazer diferença.

— Falando sozinha, Sacha? — Virei o rosto na direção da voz do senhor Adam.

Ele se aproximava em sua cadeira, e a alguns metros estava dona Maria Cláudia, numa prosa animada com o Filipe.

— Pensando alto!

— Tudo sob controle? — especulou discretamente.

— Todos os procedimentos instalados com precisão — respondi.

Encarando-me, ele botou uma abstrata expressão no rosto.

— Está com medo?

Medo eu tenho deste sentimento devastando meu ser! Dei de ombros simulando tranquilidade.

— Sentir medo é um luxo ao qual não posso ter. Há anos eu enfrento os desafios com coragem.

Admirado, ele segurou na minha mão.

— A minha intuição reconheceu esta valentia em você, relutei em acreditar que você seria uma pessoa de má índole.

— Obrigada. — Suspirei comovida e ainda mais saudosa. A pressa para encontrar meu pai intensificou. — Será que podemos começar a sessão? Gostaria de procurar o meu pai ainda hoje.

Ele sorriu compreensivo.

— Está liberada por hoje, minha jovem! — Inspirei na expectativa. — Vou aproveitar a companhia da Maria Cláudia, e amanhã pegamos firme. — De repente, seu semblante entristeceu e ele explicou os motivos: — Nunca me incomodou tanto conviver nesta cadeira quanto agora, com esta aproximação com a minha ex-namorada. — Aqueles dizeres me encheram de compaixão. — Inclusive, hoje recebi um encarte pelo correio de uma propaganda sobre um tratamento, aqui perto de São Paulo. Um pesquisador vem usando a tecnologia. — Seus olhos se apertaram timidamente.

— Eu tenho um encarte deste, e também fiquei curiosa para conhecer esta clínica. Conhecimento nunca é demais.

— E qual é a sua opinião a respeito deste tratamento?

— Acho que o senhor precisa é focar na fisioterapia. Mas, se tem vontade de conhecer o tratamento, é válido tentar, porém sem muita expectativa, certo?

— É claro! — ele concordou e levou minha mão aos lábios, aplicando um beijo agradecido. — Agora vá lá procurar seu pai.

— Obrigada pela compreensão.

Com toda a armação prestes a acontecer, o meu tempo passou a ser escasso, catei minha mochila sobre a cadeira na varanda, e como relâmpago, me dirigi à garagem. Pelo percurso, matutava uma forma de entregar a moto sem expor a Jussara.

"Vou deixá-la na mecânica!", concluí saindo da garagem.

Estranhei não só ao ver o portão aberto como também, o veículo de luxo parado com a porta aberta.

Ai, meu Deus! Meu corpo virou um iceberg com o rosto do Ivan povoando minha mente. Intrigada, diminuí a velocidade ao observar o vigia, tranquilamente, no interior da guarita.

Eita!

Meu coração acelerou, a ponto de eu não conseguir respirar, deparando-me com a ceninha amorosa no muro. Aquela mulher, de cabelos curtos e elegante, de corpo delineado segurando no rosto do Henry, num beijo... Bem, nem sei como era o beijo, desviei os olhos, uma medida urgente para não desabar da moto.

Eu preferia mil vezes sentir medo dele ao invés deste ciúme besta.

Este sentimento é irracional, Sacha!

Atordoada e a fim de sair dali sem ser percebida, acelerei com a mão no freio, ou freei quando acelerava. Perdi completamente a noção do que fazia, o resultado foi um só: como uma motociclista inexperiente, que eu não sou, perdi o equilíbrio e levei um tombo daqueles.

"Merda!", praguejei, me odiando profundamente.

— SACHA! — ouvi a voz rouca e desesperada pronunciar meu nome, em segundos uma das mãos habilidosamente, erguia a moto, a outra pegou na

minha puxando para cima.

— Deixa-me ajudar, doutor. — O vigia chegou na hora e cuidou da moto, enquanto Henry se posicionando à minha frente, se preocupava na retirada do capacete.

— Você está bem, se machucou? — o tom era de um bom cuidador.

— Estou bem — assenti, com ele me livrando de vez do capacete.

— Tem certeza. — A mão livre se fechou ao redor da minha nuca. Enquanto seus olhos avaliavam meu rosto com cautela, o polegar esfregava minha face.

Lá estava eu novamente, inerte a este conquistador barato. Acabou de beijar uma e agora se engraçando comigo?

Escroto!

— Tenho! — pronunciei secamente afastando suas mãos de mim.

— Você? — Virei na direção da exclamação daquela voz feminina, e constatei ser a mesma mulher que esteve aqui. Certamente, ela é uma das mulheres da casa do Ivan.

— A senhorita vem com a gente — o agente Leôncio e o Herbert, saindo da casa, pegaram no braço da mulher e entraram com ela.

Atordoada, arranquei o capacete da mão do Henry, o colocando de volta na cabeça, subi na moto e desapareci num piscar de olhos, sem ao menos olhar pelo retrovisor.

O percurso até a entrada de Jundiaí levou por volta de uma hora, e mais 8km eu cheguei na Serra do Japi, endereço da fazenda onde meu pai trabalhava. A região formada por uma pequena cadeia montanhosa era um verdadeiro paraíso de clima ameno.

Fantástico contato com a natureza.

Infelizmente, bati com a cara na porta.

— O Senhor Natanael Ortiz pediu demissão há alguns dias, presumo até que esteja fora do Brasil — informou o porteiro da fazenda, com as mãos no cinturão de couro na cintura.

Não sabia se chorava de tristeza por não o encontrar, depois de tanta expectativa, ou sorria de alegria por ver meu pai bem financeiramente. Sim, uma viagem ao exterior custava o olho da cara.

— Sabe se ele tem algum conhecido que poderia fornecer maiores informações?

— O senhor Natanael é um homem reservado e de poucas palavras, moça — descrevia a personalidade que ele conhecia. Meu pai nunca fora esta pessoa, ao contrário, encantava a todos com suas conversas alegres. — Se quiser deixar algum recado, eu entrego caso ele passe por aqui — ofereceu.

— Não será necessário, obrigada!

Sentindo um vazio tremendo, subi na moto e saí dali cabisbaixa. No entanto, uma sensação de alívio se fazia presente. No momento, quanto mais longe de mim, mais segurança eles teriam.

Uma conclusão terrível, mas verdadeira!

Acabei me perdendo na saída de Jundiaí. Peguei uma outra pista, que me deu um trabalhão até conseguir fazer o retorno. E quando retirei o celular no bolso de trás da calça, notei as inúmeras ligações do celular da Madre.

Parei no acostamento.

Me desculpa! Sorri tristemente olhando para o número da Madre no visor do celular.

O jogando no chão, pisei, destruindo-o completamente. Recolhendo as peças no chão, os atirei no matagal e voltei a moto.

Próximo destino: oficina mecânica.

Tracei o plano de cruzar a sala despercebida, e subir ao quarto, estava necessitadíssima desse tempo para a adaptação desta fase da minha vida. Mas, ao abrir a porta do recinto, o encontrei cheio de pessoas, digamos, numa espécie de reunião.

— Desculpa, eu não queria atrapalhar. — Me sentindo aquela estranha penetra, sorri sem graça.

— Deixa disso, Sacha, você é o motivo de estarmos todos reunidos aqui — declarou o senhor Adam. Ele segurou o álbum aberto que estava em seu colo e veio ao meu encontro. — Chegou em boa hora, assim poderá ajudar a escolher o cardápio para a festa do seu noivado com o Henry.

Surpresa, ergui as sobrancelhas.

— Estão planejando o meu futuro! — Ri xoxo, totalmente contrariada. — Ótimo! — Subi e desci os ombros.

— Gente, o senhor não exagerou em nada quando descreveu uma boneca de porcelana — o elogio veio de um rapaz alto, magro, cabelos curtos e repicados com luzes. Vestindo uma camisa alaranjada e um lenço bege no pescoço, era bem elegante. — Olha só este cabelo. — Pegou uma mecha entre os dedos e esfregava, sentindo a textura. — Este tipo de cabelo fica um arraso com uma bela franja na altura do nariz...

— Não pretendo cortar o meu cabelo — intervi na ideia, sem causar nenhum mal-estar nele.

— Tudo bem, querida! — concordou num sorriso simpático. — Cabelos loiros e iluminados como o seu já são sucesso garantido, nunca deixaram de ser tendência. — Estendeu a mão oferecendo um cumprimento, eu a apertei. — Encantado em conhecê-la, Sacha Ortiz, eu sou o Joaquim Lopez, Kim para

os mais íntimos. Sou a pessoa responsável por vestir você para o noivado relâmpago, e casamento.

— A Danielle trouxe toda a equipe para cuidar do seu cerimonial — esclareceu o senhor Adam.

— E exatamente para quando foi marcado? — questionei dúbia.

A moça, que pensei ser caso do Henry, estava muito elegante vestindo um macacão preto cavado e os cabelos presos num rabo de cavalo baixo sentada no sofá. Ela parou com as anotações na agenda, com um sorriso enorme se formando em seus lábios, e se levantou.

— O noivado está acordado para o próximo sábado, e o casamento em 30 dias — anunciou averiguando na agenda em suas mãos.

Meu queixo caiu incrédulo.

— O próximo sábado é daqui a três dias — realcei.

Os olhos escuros me repreendiam.

— Entendo a sua preocupação. — A firmeza habitava as palavras da Danielle. — Mas eu garanto que darei conta de todos os preparativos.

— Galera, precisamos correr! — Kim acenou para sua equipe.

Foram horas até o ritual chegar ao fim e estarmos aqui, em volta da piscina, num almoço tardio ao qual não consegui tocar na comida. À medida que o sol se punha no horizonte, o dia dava espaço à noite.

A transformação, sempre muito apreciada em minha vida, tocava em meu coração sinistramente.

Com todo o processo de noivado e casamento, a pausa aconteceu apenas para comermos e mesmo à mesa, o assunto focou no casamento do ano.

Entediante ao extremo, levando-se em conta o intuito. Tudo aquilo soava estranho em demasia, eu nunca pensei em casamento, e dois se achegaram até mim, de forma arranjada. Suspirei desanimada, analisando os pretendentes.

Pelo menos eu era amada pelo Ivan!

Mas o que eu estava pensando? Causei espanto a todos quando me levantei subitamente.

— Bem, o papo está bom e a companhia ótima, mas vou para os meus aposentos descansar, estou exausta.

— Antes, senta aqui pertinho de mim, Sacha! Gostaria de saber como foi sua viagem! — solicitou o senhor Adam do outro lado da mesa.

Kim, ocupando a cadeira ao seu lado, ofereceu o lugar.

E contei meus passos.

Fiquei impressionada pela ternura dele, trazendo sua mão em meu rosto.

— Eu sinto muito por tudo o que passou nesta vida.

Dei de ombros ressentida.

— É incrível como o erro de um ocasiona nas vidas dos outros.

— Infelizmente, a ambição faz parte da natureza humana, Sacha! — Ele conhecia a minha história, quase de cabo a rabo, e se referia à Mônica.

— Concordo! — Abanei a cabeça de cima a baixo, relembrando os absurdos que minha irmã dizia e as suas atitudes maldosas. Respirei profundamente e prossegui: — A Mônica tinha um espírito individualista, tão egoísta, ela só pensava em si... — grunhi, deixando a emoção extrapolar. Suas agressões verbais, não doíam mais do que seus atos maldosos. E como meu amor por ela era incondicional, e eu não podia eliminar esta época da minha vida, então a prendi nas profundezes da minha alma, sequer pensava a respeito. As lágrimas começaram a trilhar por minha face. — Ela só falava em ser famosa mundialmente, no estrelato... e olha só onde ela foi brilhar. — Rolei meus olhos ao céu, quase negro, e os fechei apertado, contendo um pouco da emoção. Os olhos do senhor Adam, marejados, demonstravam o quanto estava envolvido com o meu desabafo. — E ainda todas estas sequelas com a sua ambição.

— Tudo vai se resolver! — garantiu aplicando tapinhas delicados em meu rosto. — O Ivan morderá a isca e pagará pelos seus crimes. — Assenti, não muito confiante. — Posteriormente encontrará seus pais, e juntos terão a chance de reconstruir suas vidas em plena paz.

Uma declarada exclusão! Por nenhum momento ele me agregou à sua vida, e mais uma vez fui afetada.

— Boa noite, senhor Adam! — Inclinei, beijando sua face e a seguir e me levantei.

— Bom descanso, menina! Ah... Logo após o noivado, vou sair alguns dias de férias com a Maria Cláudia, afastá-la. — Acenou de cabeça, lia perfeitamente sua expressão corporal. — E sobre o que conversamos, consegui uma vaga para uma consulta amanhã, na hora do almoço, e ficaria muito feliz com a sua companhia.

— Pode contar comigo. — Apertei sua mão.

Despedindo-me de todos, segui para o quarto.

A primeira ação foi entrar no banho, evitar o máximo de intimidade com Henry parecia uma boa alternativa de machucar menos o meu coração. Enrolei a toalha nos cabelos após o banho, e neste momento me lembrei de que não peguei minha roupa. Saí de mansinho do banheiro, do closet, e avistei a sala social livre.

Confiante, corri em direção à cama, me deparando com aquele deus do inferno. Sua energia sobre a minha pessoa era intensa, a ponto de abrasar meu corpo todo. Deitado em sua cama ainda vestindo o terno azul-escuro, suas mãos estavam cruzadas atrás da cabeça, seus olhos, como os lábios, naquele sorriso torto. *Maliciosos.*

Impactada ao susto, imediatamente juntei as duas mãos sobre meu ventre.

— C-como você entra no quarto assim, sem fazer barulho? — As palavras saíram entrecortadas, com ele me comendo com os olhos.

— Se não sabe, eu sou um homem discreto! — Aquela rouquidão, e o olhar translúcido absorvendo meus seios, balançaram minha estrutura.

— Preciso da minha mala. — Virando um pouco de lado, na tentativa de esconder minhas partes íntimas ao máximo, apontei para ela debaixo da cama, próximo ao criado-mudo.

Tenho esta mania de enfiar minhas malas embaixo da cama.

Cínico, ele ergueu o tronco e espalmando-a, a empurrou para os pés da cama, onde eu estava parecendo uma britadeira humana, tremia mais que vara verde ao intenso vento.

— Eu já conheço bem de você, não há necessidade em se esconder — soltou sorrateiro e piscou.

— Idiota! — Apanhando a mala, recuei até ele me perder de vista.

E então, corri para dentro do closet e fechei a porta.

A Madre era rigorosíssima, principalmente com as vestimentas. Escolhi a camisola do convento para usar: era cinza escuro, larga, manga comprida e longa. Penteei os cabelos e retornei.

Ele permanecia na mesma posição.

— Meu dia hoje foi exaustivo, preciso da cama — hipnotizada, murmurei.

— Ninguém vai dormi agora. — Subitamente ele saiu da cama. Sei que não deveria ser assim, mas o fato foi que suguei todo o ar possível e o retive nos pulmões, esperando na maior expectativa suas mãos me catarem, seus lábios domarem os meus. E veio a frustração com ele esbarrando seu ombro no meu. — Como você já jantou, que me informaram, vamos sair para um drinque. — E continuou seu caminho.

— Sair para um drinque? — Totalmente dúbia, girei o corpo à sua procura.

Ele estava curvado sobre a cadeira, pegando sobre ela uma caixa linda, na cor branca e tampa dourada.

— Sim, é exatamente isso. — Virou-se me entregando. — Aqui está sua roupa.

Havia muita autoridade na sua voz e aquilo me tirou completamente do sério, arqueei minha sobrancelha, indignada.

— Eu não vou a lugar algum com você. — Irredutível, dei-lhe as costas.

Caminhava em direção à cama quando seus braços me abraçaram, forte por trás, com caixa e tudo.

— Sinto informar, mas a senhorita não tem escolha! — sussurrou ao meu ouvido. Um sussurro que tocou o mais profundo do meu íntimo, e aliado ao cheiro leve do perfume, incitou o meu corpo todo a desejá-lo, ardentemente. — É importante sermos vistos juntos como um casal de verdade. — Estremeci, sentindo seus lábios tocarem na minha orelha, e o calor do seu hálito incendiando a minha libido.

Entorpecida, deixei-me recuar um passo, e senti sua ereção tomando forma na minha bunda.

Ai, Jesus! O que eu faço com este homem?

— Por que você faz isso, Henry? — balbuciei, vergonhosamente em rendição.

— As regras devem ser minuciosas e extremamente detalhadas para o sucesso do plano. — Abriu a caixa. Tirando de dentro um vestido preto, a atirou sobre a cama. — Quero a minha futura noiva brilhando esta noite. — Apoiando o queixo sobre meu ombro, colocou o vestido à frente do meu corpo, e detalhe: se esfregando em mim. *Delicioso, admito.* — Quer saber? Estou confiante que o Ivan vai aparecer logo após o noivado.

— Assim evitamos o absurdo do casamento! — Inspirando longamente, fechei meus olhos aguardando sua resposta.

E senti o movimento do seu tórax, devido a sua respiração profunda,

— E você estará livre. — Me largou bruscamente e caminhou apressado em direção ao banheiro. — Enquanto eu tomo um banho, você se troca rápido. Estou faminto.

— Você é uma bipolar, Sacha! — cochichei para mim mesma.

Sou uma idiota declarada. O que estava pensando? Eu não passava de uma oportunidade para alcançar os seus objetivos.

Já que chegou até aqui, colabora! Pode ser a sua chance de sair do precipício escuro que convive há anos. E se não for, pelo menos você tentou!

Com o coração partido ao meio, fiz o que ele pediu.

Capítulo Vinte

HENRY

“Merda!”, praguejei entrando debaixo do chuveiro.

“Estará livre!”, minha resposta me irritou, a ponto de largá-la abruptamente e sair de perto.

Inclinei cabeça recebendo a água morna do chuveiro no rosto, analisando a natureza do sentimento que tomou meu peito. Me sentia indeciso, perdido...

Bloqueei aquela sensação inoportuna e peguei o sabonete, a medida em que ensaboava o corpo, minha excitação crescia, com aquela puta vontade de voltar ao quarto e tomá-la em meus braços.

“É carência de sexo, apenas isso!”, repetia mentalmente, enganando-me.

Oportunidades de boas trepadas houveram a todos os instantes, mas essa mulher me enfeitiçou. Perdi o interesse em outras mulheres.

Enxaguava meu pau duro, quase explodindo, corria a mão por toda extensão cheio de tesão, com meu cérebro projetando a imagem dele entre seus lábios vaginais minando deliciosamente, penetrando-a, estocando forte.

— CARALHO! — E de novo bloqueei o impulso de voltar àquele quarto e fodê-la até não conseguir mais. E o larguei de imediato, ao lembrar do monitoramento.

Sorte minha que a casa está monitorada, não posso misturar as coisas!

Rindo, mostrava o dedo do meio num gesto obsceno aos expectadores na direção da câmera, acima do batente da porta. Desliguei.

Eu e Sacha fomos instruídos, sempre que entrássemos no banheiro, a sinalizar com a mão mostrando que estava tudo bem e desligar por razões de privacidade, o mesmo procedimento deveria ser feito com a câmera escondida em nossas roupas. Com as cabeças cheias de Sacha, esqueci redondamente.

Retornei ao box e tirei a espuma do corpo, e logo saí do banho. Fugindo do social, escolhi uma roupa mais casual, porém, elegante: calça sarja cinza e uma camisa branca de mangas longas; arregacei as mangas destacando a pulseira do meu mano e o relógio cromado. Optei pelos primeiros botões da camisa abertos, assim dava um toque mais despojado. Posicionei a minúscula câmera na gola da camisa.

Pronto, deixei o closet.

Engoli em seco parando à porta. Meus olhos embebedados, captaram a admirável imagem. Ela não estava maravilhosa naquele vestido, estava muito mais... *Belíssima!* O corpo delineado, preenchendo cada espaço do vestido com detalhes vazados nos ombros, era de encher os olhos. O tom preto realçava a pele bronzeada, assim como os cabelos loiros, assentados sobre os ombros eretos, exatamente onde estava nu.

— Acha que ficou bom? — perguntou sem jeito à minha análise visual crítica.

Andava na direção dela encantado, necessitado de tocá-la, abraçá-la, e meu coração afoito no peito incitava. Não resisti.

— Elegante e charmosa! — Parando à sua frente, toquei sua face com as pontas dos dedos. Um gesto de carinho que nunca pratiquei com nenhuma outra mulher.

Um sorriso leve brotou em seus lábios vibrando.

— Vou só pegar a minha bolsa e já podemos ir — avisou baixinho. Tão linda!

Era impossível não olhar para ela caminhando pelo quarto. Assim que pegou uma pequena bolsa no tom prata, sobre a cama, disse:

— Podemos ir. — E quando se virou, voltei ao mundo real.

— Meu estômago grudou nas costelas, de tão vazio — falei por falar indo até ela e espalmei suas costas quentes. E a guiei até a porta. — Só para dar um toque! — Abri a porta dando espaço, ela saiu na frente. — Toda a casa está sendo monitorada, inclusive este quarto, aconselho a andar pelo ambiente vestida — concluí enciumado de outro homem colocar os olhos no corpo lindo dela.

E fechei a porta ao sair.

Pasma, seus lábios se abriram.

— Ah, meu Deus! Esqueci completamente deste detalhe.

Enquanto descíamos as escadas, um degrau atrás dela eu ria sozinho, recordando meu banho.

— Onde você vai me levar? — quis saber assim que entramos no carro.

— Um restaurante moderno, perto daqui. O legal é o clima de balada. Hoje é um dia especial porque todos da empresa, e alguns amigos, comemoram seus aniversários. A Roberta é uma delas. Assim, aproveito e convido a todos para o nosso noivado no sábado.

— Quem é Roberta? — perguntou ela de um jeito desconfiado e ciumento.

Não deixei barato.

Liguei o carro e virando o rosto, lancei um olhar malicioso.

— Geralmente o ciúme é destrutivo, bela — provoquei vendo seu rosto tomar um vermelhão.

— Ciúmes de você? — A frase saiu disfarçada num tom ríspido. — Até parece! — emendou revirando os olhos e ficou com o rosto na janela.

Fui tomado por uma onda de alegria com a sua demonstração clara de ciúmes. E rindo saí com o carro.

— Como vai explicar este amor repentino? — desconversou.

Caí na gargalhada.

— Dizer a verdade é uma maneira convincente! — Lancei um rápido olhar. Ela arqueou a cabeça envolvida numa dúvida sem precedente. Rindo me divertindo, voltei os olhos à avenida. — Vamos começar contando sobre o nosso esbarrão na calçada em Anápolis, aquela química corporal toda. O encontro no saguão do aeroporto, no avião, claro que excluindo o episódio que a senhorita me colocou para dormir. — Soltando uma alta risada, ela baixou a cabeça. — Não acho graça nenhuma.

— Foi hilário demais, dois brutamontes babando no banco. — Ria mais.

— Assumo que fui descuidado! Você me pegou de jeito. — Ela ria tirando uma da minha cara. — Voltando ao esquema: e nos encontramos no hotel. E depois de experimentar a minha forte pegada, você se apaixonou perdidamente por mim — provoquei e contraí o rosto, notando seus olhos cravados no meu perfil.

— É muito metido mesmo, não? — rosnou inconformada. — Para sua informação, eu não me apaixonei por você, ok? — bufou voltando a frente e sacudia a cabeça, incrédula.

— É apenas uma armação, amor! — lembrei-a com humor.

Ofegante e muda, seus olhos expressivos continuavam à frente.

— Veja se consegue agir naturalmente e passar credibilidade, tudo bem?

Ela deu de ombros e inspirando veio ao meu rosto.

— Acredita mesmo no sucesso desta operação? — Sua descrença estava toda ali, estampada em seu semblante preocupado. — A meu ver, este *esquema,* como diz, trilha o caminho da fantasia! — duvidou. — O Ivan

nunca dará as caras; e outra, ele pode estar escondido em algum canto despovoado deste planeta, sem nenhuma comunicação.

Ria cético.

— Acostumado à vida de luxo, é pouco provável! — disse com confiança.

Ela agora ria levemente em discordância.

— Ainda assim, seria necessária uma cobertura ampla da imprensa a fim de chegar até ele.

— O outro aniversariante é o Raphael Turner, da banda Collins — anunciei.

Seus olhos cresceram dez vezes trilhando o medo.

— Está de brincadeira? — Seus lábios sensuais tremeram à questão. Assenti, meneando a cabeça com um leve sorriso entre os lábios comprimidos. — Ele é uma celebridade internacional seguido pelos paparazzi.

— Exatamente, por esta razão que o contratei hoje. E, se precisar, ainda temos um contrato para seu comparecimento no noivado e casamento — esclareci com ela ainda divergindo, movendo a cabeça de um lado ao outro. — Seremos vistos pelo mundo afora. Aliás, arranjamos uma imagem nossa dançando abraçadinhos na pista de dança do hotel, há dois anos.

— NÃO! — alterou o tom de voz levando as mãos à cabeça, desesperada. — Imagina o que ele fará se souber que foi traído naquele dia, e...

Peguei em sua mão e a levei aos lábios.

— Fica calma, estamos cercados por seguranças. Ele será abordado no primeiro passo que der em nossa direção. Falar que nos conhecemos há dois anos dará mais consistência nesta nossa união repentina, entende?

— Ai... Meu... Pai! — embrenhando os dedos pelos cabelos, soletrava chorosa.

Com as emoções nitidamente à flor da pele, jogou a cabeça sobre o encosto e nesta posição refletindo, ela respirava audivelmente.

Respeitava o seu tempo, quando me atentei a um detalhe.

— Tira uma dúvida aqui, Sacha! — Ela respirou fundo com os olhos à frente. Dei sequência: — Nosso encontro em frente à casa do mafioso e no aeroporto, considero dentro da normalidade. Porém, é intrigante nosso encontro no orfanato, você aparecer na minha casa e no hotel, então? Coincidências demais, não concorda?

— É importante destacar que ambos vivemos em prol do Ivan, então não! Eu não concordo! — Pendendo a cabeça, cobriu o rosto e permaneceu quieta.

— Os convites para a festa no hotel foram seletivos. Como ele chegou até você? Todos os detalhes são importantes, Sacha! Cite os nomes, por favor? — persisti.

Descobrindo o rosto, ela me encarou.

— Veio de uma vítima, como eu — desatou a falar sem ao menos respirar. — Ela sofreu horrores; e hoje, livre, ela vive tranquilamente. — Pausou para respirar. — Ela é inofensiva, eu juro por Deus!

— Enquanto o Ivan estiver à solta, ninguém estará livre das suas armações. Ele pode estar se organizando. — Movi os ombros. — Se já não estiver organizado — joguei a real. Ela persistiu negando, agitando a cabeça. — Ela é uma peça importante e seria importante estar presente em nosso enlace matrimonial.

— Deixe-a para lá, por favor... — implorou em completa infelicidade. — Ela é irrelevante ao Ivan, tem a minha palavra. Não comente nada com os agentes, esquece esta questão.

Ergui as sobrancelhas, devido a sua distração.

— Eles já ouviram você.

Ofegante e desesperada, sua mão veio sobre a minha no volante. Estremeci ao calor emitindo dela, e um frio congelante se apoderou em minha barriga.

— Por favor, peça a eles para ficarem longe dela, não a envolvam nesse projeto. Por favor, Henry! — Seu olhar expressivo e penetrante me hipnotizava, seu pedido voou em minha mente e fui tomado por uma indescritível sensação de carinho.

Precisei ser forte e resistir ao ímpeto de levar o braço por seu ombro e puxá-la de encontro a mim.

— Embora abrir mão de elementos relevantes, na altura do campeonato, seja um vacilo, eu vou conversar com o pessoal sobre este seu pedido de sigilo, ok?

— Promete? — O farol fechou neste instante e aproveitei para olhar para ela. Aqueceu meu coração testemunhar seu encantador sorriso sossegado.

— Prometo — confirmei.

— Obrigada... — agradeceu num fio de voz.

— Agora, ainda falta elucidar nosso encontro no orfanato e você aparecendo na minha casa oferecendo seus serviços de fisioterapia — emendei a seguir.

Ela deu de ombros desentendida.

— Embora seja mesmo estranho, foi coincidência! — começou, e olhou para frente quando o farol abriu, permanecendo com os olhos lá. — Um pouco antes de você aparecer no orfanato, em companhia da Maria Cláudia, a madre Aurora havia recebido a ligação de um diretor de um hospital famoso oferecendo a vaga. Não recordo agora o nome dele. — Sem desviar os olhos do trânsito, tombei a cabeça sobre o ombro direito, especulativo. Ela continuou: — Recebemos inúmeras visitas de empresários, médicos, etc., que

contribuem financeiramente com o orfanato em datas especiais. Parece que ele assistiu a um atendimento meu no Dia das Crianças e gostou bastante.

A informação da Sacha me deixou com a pulga atrás da orelha. Eu recordava da conversa com o Guilherme na minha sala.

"Será que o Guilherme tem algum envolvimento?", pensei já circulando pelas ruas arborizadas de um dos bairros mais completos de São Paulo. Ali se concentrava comércios de luxos, e excelentes opções gastronômicas e culturais.

— E você? Com tantos orfanatos, como e por que o Lar Amparo se tornou uma opção?

A questão dela veio no instante em que virei a esquina da rua onde situava o restaurante. O local em frente estava no maior alvoroço, indicando que todos já estavam a par da presença do Raphael Turner. Como previsto, a imprensa estava em peso no local, e no interior dele também. A arquitetura moderna, com toda a fachada em vidro escurecido, proporcionava avistar os flashes, lá dentro.

— Por aqui, senhor! — fui poupado de responder com o manobrista já conhecido meu. Reconhecendo meu veículo, acenava enquanto abria caminho em direção ao estacionamento ao lado do estabelecimento.

A ocasião não era propícia a falar do Anselmo. As recordações me deixavam emotivo e o momento era para demonstrar alegria. E nutrido de um sorrisão escancarado, entramos no restaurante guiados pelo *maître*.

O restaurante, com música ao vivo e DJ, era refinado e acolhedor à luz de velas. A pista de dança, repleta de dançarinos, era o charme do lugar.

Percorri os olhos pelas mesas espalhadas, todas lotadas e então Roberta se levantou acenando para nós, com sua expressão nada amável e seus olhos pesquisando a Sacha.

Ela ainda usava o vestido estilo lápis, saia vermelha e a blusa sem manga de bolinhas brancas e fundo preto. O mesmo que ameaçou tirar hoje cedo na minha sala da empresa, me recusei sem um pingo de estímulo. A Sacha impregnou dentro da minha cabeça e não deixava meus pensamentos em paz.

— Como a frequentadora da casa do Ivan, a que você amassava em frente à sua casa, essa sua amiga também não parece muito feliz! — comentou Sacha ao meu ouvido, provocando claramente. — E por falar nisso, que fim deram na mulher depois que ela me reconheceu?

Passei meu braço ao redor da cintura sua fina, apertando-a contra meu corpo e inclinei a cabeça na curva do seu pescoço, ela arfou.

— O nome dela é Lidiane e está num lugar seguro, para não dar com a língua nos dentes. E por favor! — sussurrei. — Concentre-se em nós, apenas! — Circulei a ponta da língua levemente por sua orelha. Ela fechou os olhos evolvida. — Meu amor... — acrescentei, usando meu melhor tom sedutor.

Desconcertada, ela se afastou.

Sem nenhuma outra palavra, nos aproximamos da mesa embaixo de milhares de cliques. Assim como no lado de fora, aqui dentro a imprensa fervia e toda a atenção estava em nossa mesa, com o Raphael sentado ao lado do Bernardo. A Danielle também estava presente, ocupando a cadeira do outro lado do Bernardo. Quase todos os funcionários de cargos elevados da minha empresa estavam à mesa também.

— Parabéns aos noivos! — Como combinado, Raphael se levantou e veio nos recepcionar com abraços calorosos.

Os flashes bombaram conosco fazendo poses.

Logo Bernardo se aproximou; famoso, despertou também toda a atenção.

Todos queriam registrar o momento, inclusive os clientes, faziam um mar de luzes com os celulares em mãos. Danielle mostrou o dedo polegar num *joinha* acompanhando as redes sociais.

Pelo jeito, a notícia já se espalhava assustadoramente rápido.

— A gata é gostosa, não? — Bernardo cochichou ao meu ouvido. — Aproveita, meu amigo.

Grunhi o desaprovando.

— Respeito é bom! — Bati levemente em seu ombro.

Ele se divertia voltando ao seu lugar.

Após as apresentações, Roberta vexada puxou a cadeira ao seu lado.

— Sentem-se aqui — ofereceu.

Como não sou besta nem nada, via claramente a sua intenção de provocar a Sacha, então declinei.

— Obrigado, vamos nos sentar do outro lado — informei.

Então, com as mãos em suas costas, sentindo o calor irradiando da pele macia, a guiei contornando a mesa. Do outro lado havia duas cadeiras vazias, uma ao lado da outra.

Roberta não disfarçou sua fúria, seus olhos soltavam faíscas conectados em Sacha.

— Talvez isto não funcione — esboçou Sacha num tom contido, logo quando nos sentamos.

Embrenhei a mão por entre seus cabelos, acariciando sua nuca.

— Vai correr tudo bem, relaxa! — cochichei ao seu ouvido, olhando por cima dos olhos para Roberta, a atacando com os dela.

Pensativa, como de costume, ela riu desacreditada, sem nenhuma confiança. A abracei pelo ombro e descia minhas mãos pelos braços, exercendo uma leve pressão, e subia devagar sentindo sua pele toda se arrepiar, igualmente a minha.

— Vou tentar! — resmungou soltando o ar.

Acariciando seu braço, muito excitado, sentia meu pau doer dentro da calça e olhei para ela, desejando sentir o sabor dos seus lábios, de tudo dela.

— Eu vou cuidar de você! — prometi prendendo seu olhar. Estava que não me aguentava, um tesão descomunal tomou meu corpo, e descendo os olhos aos seios, saltados e deliciosos, pressionava-a contra meu ombro.

Ela estava na mesma situação, tremia toda, a luz das velas iluminava seus cabelos dourados, os olhos azuis transbordavam de desejo. E quando seus dentes cravaram no lábio inferior, presumi como um convite. Curvei beijando seus lábios, sendo muito bem recebido.

Aquela troca de saliva estreitava nossos laços, e era bom... Desesperado por ela, acariciava o cabelo, passava a mãos pelas costas, louco! O som da música, das risadas ao redor, das conversas, foi se distanciando, tudo se apagou. Ali era um momento somente nosso.

— Vamos brindar a esta grande paixão! — despertamos com o comentário do Raphael.

Todos se levantaram.

Com exceção da Roberta, sua boca estava aberta, escandalizada. Ignorei, e haja fotos. Elas vinham de todos os lados.

Mas Sacha não ignorou. Estranha, como se estivesse fora do ninho, ela arrastou a cadeira e se levantou ao término do brinde.

— Com licença, vou a toalete. — Largando a bolsa sobre a cadeira, saiu desfilando pelo salão, e sumiu entre a multidão.

Contemplando-a se afastar com os olhos apertados, Roberta se levantou tomando o mesmo rumo. Me preparava para ir salvar a Sacha, mas o Damasceno começou uma conversa.

— Quando contaram que iria se casar eu não acreditei. — Damasceno era o gerente comercial. — Precisei vir aqui na comemoração e me certificar pessoalmente — brincou.

Todos da empresa riram, o esperado. Afinal, não costumava tomar decisões por impulso.

Ri, mas estava preocupado. Não tirava os olhos da direção por onde seguiram as duas. Retirei a carteira do bolso a colocando sobre a mesa, aliviando meu pau esmagado dentro das calças.

— Eu vou ao banheiro e já retorno — justifiquei e saí apressado.

Cheguei a tempo de pegar no braço da Roberta, e impedir que entrasse no banheiro feminino.

— Preciso falar com você, Roberta — falei a encostando na parede ao lado da porta.

Ela grunhiu, inconformada, puxando o braço e segurei mais apertado.

— Me larga que vou dar na cara daquela vaca. — Seu ciúme era tamanho, que seus lábios finos expeliam a saliva, cujo alvo era o meu rosto. Arqueei, desviando.

— Não vou permitir um show aqui no restaurante, depois a gente conversa direito.

— Por isso você me recusou hoje de manhã, não é mesmo?

— O motivo é porque estou com muitos problemas pendentes a serem resolvidos, e conto com a sua cooperação.

Jogando a cabeça levemente para trás, ela explodiu numa risada histérica.

— A vagabunda te laçou com uma gravidez indesejada, é isso? — ria achando graça daquela possibilidade. Ela perdeu a paciência de esperar por uma resposta. — Não seja idiota, Henry! — Erguendo as mãos, moldou meu rosto, pressionado com furor. — Gravidez não obriga ninguém a se casar. — Sua voz saiu abafada, os olhos marejaram.

— Preciso de sua colaboração. — Fechei meus dedos em seus pulsos. Olhando nos fundos dos seus olhos, cintilando pelas lágrimas. — Seja paciente que logo tudo voltará a ser como era antes — afirmei. — Não cause aqui no restaurante, por favor!

— Jura? — Num impulso, ela avançou um passo e inclinou a cabeça com a intenção de me beijar. Evitei seus lábios encostarem nos meus, segurando em seu queixo, mas não dela sentir minha ereção a ponto de bala pela Sacha. Suspirou. — Estou morrendo de saudades dele — sussurrou ofegante e descendo a mão, seus dedos se fecharam ao redor dele, sem me causar nenhum sentimento.

Segurei em sua mão e a afastei.

— Aqui não!

E então Sacha nos flagrou ali, ao sair pela porta.

Ela me olhava com mágoa e desprezo, enquanto eu a olhava em um tom de pedido de perdão.

— Não demore para resolver com ela, tudo bem? — humilhou Roberta, dirigindo um olhar enojado sobre a Sacha.

E então pegou o corredor em direção ao restaurante.

Respirando desapontada, Sacha seguiu pelo mesmo percurso.

— Não vai a lugar algum até eu explicar detalhadamente o ocorrido aqui. — Catei seu braço a trazendo de frente a mim.

Sentir seu hálito quente acariciando meus lábios levou-me ao ápice do desejo, e seu olhar arrogante sobre minha pessoa, ao topo do incômodo.

— N-não precisa gastar seu precioso tempo comigo. Nada do que aconteceu aqui me afeta. — Tentava manter a frieza na voz, no entanto, fracassou. O tom tremido e ressentido a denunciava. — Estou ciente a qual papel eu presto na sua vida.

Seu olhar me envolvia de um jeito tão intenso, assim como suas palavras, forçando uma indiferença, causaram um conflito generalizado dentro de mim. Havia uma necessidade imensa em entendê-la melhor. Num impulso vigoroso a trouxe para mais perto e engoli duro, com nossos peitos unidos. O movimento brusco espalhou seu perfume, infestando meus pulmões.

— Não faça isso comigo, por favor! — balbuciou ofegante, com seus olhos azuis vagueando pelo meu rosto, e estacionaram em meus lábios.

“Meu Deus, o que esta mulher faz comigo?”, pensei vivendo uma confusão interna, excitado. Só de olhar para ela, meu sangue literalmente esquentou. E não resisti.

Impaciente, levei minhas mãos ao seu rosto delicado e belo e a beijei com força, com urgência, num desespero que não cabia em mim, a empurrava contra a parede, prensando-a ali, gemendo, sentindo a dureza em seu ventre.

— Ahhh... — segurando meus pulsos, ela gemia, arqueando o quadril contra minha ereção, querendo mais contato. Abaixei o suficiente e o cavei sobre o vestido, arrancando gritos de desejo dela.

Não entendia esta junção de coração e tesão. Ele batia forte e quente dentro do meu peito, meu pau latejou, incontrolavelmente, dolorido. Podíamos ser pegos no flagrante, então, aflito por um instante a sós com ela, avancei os passos; entendendo minha intenção, ela recuou os mesmos. E entramos no banheiro com nossos lábios colados. Um comendo a língua do outro.

— Quero sentir você, Sacha! — sussurrei angustiado, mordendo o lábio inferior.

Todas as portas abertas indicavam que tínhamos a privacidade necessária. A impulsionei dentro de uma delas, mal fechei a porta e já agarrei sua bunda, esmagando-a contra mim. Beijamo-nos sôfregos, naquela pegada fantástica. — Você é muito gostosa, Sacha! Espera... — Tirei a minha câmera, em seguida a dela, enrolei bastante papel higiênico, e joguei no canto. Tarado, subi seu vestido com pressa, infiltrando meus dedos pelo elástico da calcinha na bunda, e estremeci maluco encontrando tudo muito molhado. Ela oferecia tudo, empinando bem aquela bunda deliciosa. — Ela é perfeita para mim — rosnei bolinando gostoso, a sentindo tremer envolvida em meus braços.

— Ah... — enlaçando os braços no meu pescoço, ela gemeu entorpecida quando penetrei duramente o dedo nela, comprimindo seu corpo contra o meu. — Você é o meu maior pesadelo, Henry! — reclamou em voz contida, abafada de desejo. — Não sei como fazer para resistir a você — declarou me incentivando.

Louco, catei o tecido da calcinha e puxei, arrancando-a do seu corpo.

— Não é para resistir — disse recuando e desci rapidamente as alças do vestido, observando-o cair até a cintura. Secando aqueles seios fartos, empinados, fiquei insano de vontade de chupar; caí de boca em um, depois no outro, deslizando os dedos na sua excitação. Com os dedos embrenhados por entre meus cabelos ela suspirava profundo, cada vez mais molhada. — Estou viciado em você! — confessei, não teve jeito.

Latejando desesperado, abri o cós e o zíper da calça o sacando para fora.

— Céus! — ela exclamou com os olhos transparentes de tesão e a respiração encurtada. E fechou os olhos por um segundo; e no outro, as pálpebras se abriram dificultosamente. E então ela balançou a cabeça no sentido negativo. — Não podemos. — Deu alguns passos fugindo de mim, e abaixava atrás da alça do vestido, mais do que rápido, agarrei em seus cabelos atrás da cabeça e ergui-a até nossos olhos se encontrarem.

— Agora eu lhe peço! — desejando-a ardentemente, eu murmurei quase sem fôlego, tamanho as batidas do meu coração. — Encarecidamente, não faça isso comigo — pedi com a outra mão me masturbando. Seus olhos pararam por um minuto nele ali, pulsando nitidamente. — Por favor! — roguei.

Ela relaxou o corpo me deixando guiar a sua cabeça, quando seus lábios quase o abocanharam, ouvimos vozes femininas entrando no banheiro.

Assustada, ela acertou sua postura colando as costas na parede.

— Calma! — articulei com os lábios sem emitir som.

Seu peito movia ultra-acelerado, enquanto seus olhos fixaram no meu pênis brilhando, de tão rígido, podia ver a pulsação nas veias dilatadas. E o meu peito estava na mesma sintonia, com meus olhos fazendo um tour pelo corpo repleto de curvas.

Eu a desejava a todo custo, e faria qualquer coisa para tê-la em meus braços.

Faminto, sedento, já orava mentalmente na esperança das invasoras darem no pé, queria foder bem forte com ela, como nunca fodi antes. E nada da mulherada sair.

Inesperadamente ela pegou minha mão, e um sorriso sapeca desprendeu de seus lábios enquanto levava-a para debaixo da sua saia.

— Eu quero sentir você me tocando — articulou sem som, direcionando minha mão em sua vagina, desejosa encharcada, e a outra sua mão passava pelo meu membro macio, ali suspenso, provocando fortes arrepios e fechou os olhos respirando profundo.

— Eu preciso de você! — baixinho, supliquei louco em tom rouco, todo arrepiado, tremendo escorregando na inundação quente. E a mão livre esfregava os bicos intumescidos com o indicador e polegar.

— Tem preservativo? — Compreendi o movimento dos seus lábios. Neguei de cabeça, lembrando da carteira esquecida sobre a mesa. — E agora?

— Eu confio em você — deixei escapar, receoso dela declinar.

No meu limite, e acho que do dela também, levei as mãos em sua bunda, a trazendo para o meu colo. Beijando minha boca com sofreguidão, ela abraçou meu pescoço entrelaçando suas pernas na minha cintura.

— Eu não confio em você — sussurrou comigo segurando no seu quadril e a ergui o suficiente para encaixar no canal, arroxado e quente, e empurrei de forma imprudente, forte, entrando duramente nela. — Ah... — gemeu mordendo meu lábio inferior, quase arrancando os fios dos meus cabelos na

nuca. — Mas eu não quero parar agora — declarou empunhando o quadril para baixo, o sentindo entrando rasgando, a preenchendo com ansiedade.

— Tão quente... — rugi.

— Como é gostoso sentir você me invadindo, Henry! — Hoje ela resolveu se soltar, e eu estava amando esta nova Sacha, eu pretendia dar-lhe o melhor.

Quase comíamos a língua um do outro; quando escorei minhas costas na parede, seu corpo subia e descia escorregando no meu pau, proporcionando sensações maravilhosas e únicas, algo desconhecido para mim.

Suávamos, a nossa alta temperatura corporal, comigo estocando rigoroso, sem trégua. As portas bateram e o silêncio reinou.

— Mete mais forte, mais forte – ela implorava com seus gemidos em meus lábios, e agora altos.

Acelerei os movimentos, arrancando gritos prazerosos da mulher e me levando ao meu limite.

— Estou gamado em você, solta deste jeito. — Pressionava seu quadril para baixo, enterrando tudo, sua vagina o envolvia apertado, o estrangulando. Os espasmos indicavam um orgasmo muito próximo.

— E eu não sei como resistir a você... — Suspirou afastando dos meus lábios e retirou alguns fios de cabelos do meu rosto. — Ah... — eu mandava ver, sustentando seu olhar me encarando. Ficamos assim por alguns instantes. Senti algo tão profundo, gostoso, que não sabia definir. E sem nenhuma palavra, ela recomeçou um beijo, ainda mais selvagem, rebolando gostoso nele. Muito excitado, dava leves tapas na bunda firme; e movimentava forte e rápido quando ela estremeceu, se contraindo e me abraçando forte.

— Você é foda! — elogiou vindo beijar a curva do meu pescoço, mordendo o lóbulo da minha orelha, me levando ao limite.

— Eu quero gozar dentro de você. — Suspirei me segurando. Ofegando, ainda em total transe, ela movimentava a cabeça dizendo não. — Diga sim —

insisti a apertando para baixo, enterrando o máximo dentro dela, prestes a estourar.

Ela agarrou meu pescoço com força grudando nossos peitos, nossos corações na mesma batida, na mesma temperatura, e claro, não deu outra: descarreguei uma quantidade enorme de sêmen dentro dela, beijando seu queixo e pescoço.

Então afastei, perambulando em seu rosto exausto, pensativo. Chegando à conclusão de que de fato ela tocava no meu íntimo.

Quando a coloquei em pé no chão, ela mal conseguia respirar. Via tanta meiguice nela, levei meus dedos à testa e desci por sua face.

— Por que está me tocando assim? — a questão saiu junto a um suspiro fraco.

— Não sei! — A envolvendo em meus braços, tomei seus lábios num beijo calmo, molhado e nosso! Diferente de todos que já demos. E não estava com a mínima vontade de soltá-la.

Ela era, sem medo de me enganar, a mulher mais perfeita que já conheci na minha vida.

Capítulo Vinte e Um

SACHA

Meu coração se exaltava com todo seu carinho. Sua saliva estava com um novo sabor, e era divina. Mas estava ciente do meu lugar na vida dele, e não podia me enganar de jeito nenhum.

A preocupação deveria ser estar caminhando por este terreno minado, prestes a pisar em uma bomba e explodir. E agora mais do que nunca!

Não creio que autorizei ele gozar dentro! Um absurdo sem precedentes. Estremeci em choque.

Notando, ele soltou meus lábios e focou meus olhos, pensativo. E claro, amoleci, sendo atacada por fortes emoções.

Ruídos de portas seguidos de saltos batendo no piso desviaram a nossa atenção.

— Oi, pessoal! — A voz da Danielle preencheu o ambiente. Procurando fazer o menor barulho possível, Henry me desceu de seu colo. Com meus pés firmes no chão pendi a cabeça, repousando sobre o peito arfante megaperfumado. — Estou dando uma passadinha rápida para avisar que o Raphael está indo embora. Ah, não se esqueçam de recolocarem as câmeras, ok? — complementou sarcástica.

Erguendo minha cabeça, nos encaramos e rimos no silêncio, ouvindo os passos pelos pisos, se afastando.

Como duas crianças levadas, nos recompomos.

— Henry? — pronunciei em um tom aflito, espalmando seu tórax, o impedindo de abrir a porta.

Precisava de um contraceptivo urgente.

— Tranquilize-se! Filhos não estão nos meus planos — como se lesse meus pensamentos, ele antecipou trazendo a mão em forma de concha em meu rosto. Ergui as sobrancelhas com sua inesperada direta. — Chegando em casa, eu chamarei um médico amigo da família. — Abri um sorriso chocado, e não pelo que ele falou, afinal, a preocupação era a mesma que a minha, e sim, pelo jeito como falou. Uma indiferença de doer o coração. — Deixa olhar o movimento antes de sairmos — instruiu abrindo a porta. Colocou a cabeça para fora, averiguando se, de fato, estávamos sozinhos. — Vamos! — Entrelaçando seus dedos da mão nos meus, levou-me para fora.

Caminhávamos apressados e quietos pelo corredor e assim seguiu até alcançarmos o restaurante, preenchido com o som de música romântica, com muitos fotógrafos ainda presentes.

A tristeza se instalou em mim, me sentia péssima em pensar na minha posição na vida dele. Era duro e magoava ser alguém sem nenhuma importância. Passava até pela minha cabeça cair fora disso tudo, fugir deste sentimento que crescia assustadoramente, a cada dia mais. Mas do que adiantaria? Que vida eu teria? O Henry tinha razão. Lá fora não existia liberdade para mim, teria que viver me escondendo. O Ivan preso era esperança de uma liberdade ampla, e não só para mim. A todos. O melhor a fazer seria engolir a mágoa e colaborar. Ponto final!

— Desculpe te apressar, Henry! Não queria ir sem me despedir — Raphael, na sua simpatia, humildade e elegância gerando fortes atrações nas mulheres no ambiente, se levantou da cadeira já com os braços abertos, se propondo a abraçar Henry, que retribuiu como se fossem amigos íntimos.

— Valeu, Raphael! — Henry batia levemente nas costas dele. E flashes e mais flashes registravam o abraço.

Naquele instante, a ideia de deixar a Jussara e meu pai fora desta minha fase complicada caiu por terra. A esta altura nosso relacionamento devia ser o assunto do momento, em todos os veículos de comunicação.

Ferrou!

— Foi um grande prazer te conhecer, Sacha! — Fui a próxima a ser abraçada.

E como o homem era perfumado!

Sentamos à mesa e interagimos com todos. Depois da saída do Raphael, a imprensa foi embora; contudo, o Henry manteve a distância. Todos em algum momento saíram da mesa para dançarem, eu não recebi um único convite. E nem sei por que estava abalada! Como ele disse a tal Roberta: "Prometo que logo tudo voltará ao normal!".

Normal para ele, que não nutria nenhum sentimento por mim.

— Henry, peça aquele vinho maravilhoso ao garçom, por favor! — odiosamente pedante, a requenguela da Roberta fez questão de quase gritar do outro lado da mesa, fazendo questão em demonstrar o quanto o laço entre eles era estreito.

— É claro! — A voz rouca e atenciosa dele partiu meu coração ao meio.

Agora eu estava encrencada.

Vou precisar dançar como uma bailarina profissional a fim de arrancá-lo do meu peito.

Entramos no carro e ele ligou para médico, amigo da sua família, solicitando uma visita em sua casa. Porém, o médico não podia comparecer, e

sugeriu passarmos em seu consultório. E, o nosso percurso foi alterado. Ele indicou a contracepção de emergência como alternativa.

— A possibilidade de uma gravidez não planejada não existe mais — comentou ao atarmos o cinto de segurança.

Não sabia definir meus sentimentos, eram contraditórios demais: sentia alívio, como também rejeição.

Enfim, pegamos o caminho de sua casa; durante todo o trajeto ele manteve seu olhar na avenida, o perturbador silêncio alastrado dentro do carro parecia cheio de significado. Embora estivesse curiosa, não abri minha boca.

Com os braços cruzados sobre meu peito, eu avaliava todos os acontecimentos. Fechei meus olhos por alguns instantes, vasculhando outro caminho dentro de mim e o único encontrado foi o aterrador da crucificação.

Aceita que dói menos, Sacha!

O balanço do carro, o silêncio da noite e tudo se apagou. De repente sou submetida a uma brisa gélida batendo em meu rosto. Abri meus olhos constatando que estava em um beco escuro, e fui caminhando até que, ao longe, avistei a entrada do Lar Amparo; e por ele, entravam vários homens, muito bem armados. Foquei no último homem, o porte físico soava familiar e bastou um olhar mais atento no rosto dele para reconhecer o Ivan.

— NÃO! — berrei, e desatei a correr na direção do orfanato quando o Ivan abraçou a minha cintura, colando minhas costas em seu peito. A outra mão tapou minha boca fortemente, a ponto de evitar a passagem de ar aos meus pulmões. E esboçava aquela sua gargalhada demoníaca.

Sufocada sem poder gritar, eu sacudia a cabeça negativamente, enquanto as lágrimas rolavam em abundância pelo meu rosto.

— Sacha? — Ouvi a voz rouca e profunda ao longe quando a lua reinou no céu clareando o horizonte, e neste instante avistei a silhueta que sabia ser do Henry. — Sacha? — Abri meus olhos ao segundo chamado, me

deparando com o rosto másculo. Com a porta do passageiro aberta, ele estava agachado ao meu lado e acariciava meu rosto. — Foi apenas um pesadelo — explicava com ternura.

— Estou com medo, Henry! — confessei derramando meu pranto.

— Calma, calma, eu estou aqui com você. Vem cá, meu bem. — Seus braços me envolveram num abraço forte e aconchegante, acariciando levemente meus cabelos nas costas.

Meu coração, acelerado de medo, errou a batida ao ouvi-lo me chamar de meu bem.

— Acho que não posso continuar com isso, não tenho estrutura.

Ele não falou nada, apenas me apertou mais em seus braços e beijou o topo da minha cabeça.

— Vamos entrar! — De um jeito cuidadoso, ele me pegou no colo.

Prendi a respiração, confusa com aquele gesto. Ele nunca usava o elevador, e desta vez utilizou. O corredor dos quartos estava vazio, então ele caminhou comigo até em frente à porta do quarto dele, se deteve ali em frente a ela olhando-me visivelmente triste.

— Se você disser agora que não quer entrar no meu quarto e pretende desistir do acordo, eu compreenderei, e liberarei você.

Fui pega de surpresa com sua gentileza, sem julgamento ele dava-me a oportunidade de decidir. Um gesto como este quebrava as pernas de qualquer um. Sem forças, ainda afetada emocionalmente e psicologicamente pelo sonho horrível, cedi.

— Talvez possamos confabular mais um tantinho — pronunciei num fio de voz.

O sorriso satisfeito mais lindo do mundo plantou em seu rosto, junto aos braços fortes me atarracando mais a ele.

— Abra a porta para a gente, vai! — sussurrou em meu ouvido.

Obedeci e regressei o braço ao redor do seu pescoço. E instintivamente acariciava seus cabelos.

Ele me colocou em pé ao lado da cama.

— Você se sente melhor? — perguntou, colocando as mechas caindo ao redor do meu rosto atrás das minhas orelhas. Assenti, ainda estranha com o sonho. — Ótimo! — Seus dedos hábeis tiravam a câmera da minha roupa, em seguida tirou a dele e as desligou. — Pendendo a cabeça até meu ouvido, cochichou: — Só um instante que vou desligar todas as câmeras instaladas aqui no quarto.

— Pronto! — Retornou com aquele olhar decidido.

— Desculpe a minha fraqueza — desatei a falar envergonhada. — Como você mesmo mencionou inúmeras vezes, só terei paz com o Ivan encarcerado. E está coberto de razão em querer a sua vida de antes de volta.

— Como chegou a esta conclusão, Sacha? — comprimindo o olhar intrigante, perguntou repousando suas mãos em meus ombros.

— Ouvi você dizer a Roberta. — Ele sacudia a cabeça no sentido de um *Não?* — Mas não é isso que gostaria?

— Não! — olhando-me intensamente, ele foi taxativo. Arfei com uma onda de questões em minha mente. — Gosto da sua companhia, gosto de olhar para você, gosto do seu cheiro. — Me abraçou muito forte, tanto que mal conseguia respirar. No entanto, estava tudo bem, estava amando aquele contato, suas palavras, tudo! — Nós lutamos por um bem comum, não é mesmo? — sussurrou em meu ouvido. Confirmei meneando a cabeça, e ele beijou a lateral dela carinhosamente. — Ambos seremos favorecidos com a prisão do Ivan, então por que não fazer destes momentos os mais prazerosos? — perguntou soprando meus cabelos.

— Eu topo — balbuciei.

— Então vem comigo, nós precisamos descansar. — Envolvendo seus dedos nos meus, ele me guiou até o lado da cama, fechei meus olhos enquanto ele me despia, e depois tirou sua roupa. Tirou o lençol e tão logo me acomodei, ele se deitou atrás de mim nos cobrindo. Então, passou um braço por baixo do meu corpo e o outro por cima, me abraçando forte contra seu corpo viril, quente e delicioso. Aquela posição de conchinha nos fazia próximos. — Nossos dias daqui por diante serão mais tensos — levantando um pouco o tronco, falou baixinho em meu ouvido.

Estremeci e por duas razões: medo do sonho significar uma premonição; e desejo por ele ali atrás, respirando forte no meu ouvido e esfregando seu volume avantajado e duríssimo na minha bunda. Fechei meus olhos, apreciando as batidas agitadas do seu coração às minhas costas.

Ele é um sonho!

— Talvez eu não tenha toda essa importância que vocês acreditam na vida do Ivan. — É o meu maior sonho.

— Já te falei sobre as informações de um dos comparsas presos, ele confirmou o apego emocional com a senhorita. — Senti ele roçar a ponta do nariz, carinhosamente, pela minha bochecha.

Meu coração ardeu com aquela onda de arrepio pelo meu corpo.

— E se for o contrário?

— Se for o contrário, não fará a menor diferença. Valeu muito a pena conhecer você. — Meu coração saltou à sua revelação.

Pois ele pareceu estar sendo extremamente sincero. Ou não?

De qualquer modo eu comecei a rir como uma boba e a tremer, com suas mãos envolvendo meus seios, e os apertando com vigor. Gemi baixo, com a sensação de ter sido ligada em uma tomada de alta tensão. Fiquei completamente atiçada.

— Tem seios incrivelmente maravilhosos, Sacha — murmurou em meu ouvido, descendo as mãos e seus dedos se fecharam em minhas coxas, que atrevidas subiam, exercendo uma pressão prazerosa contra ele. – Suas pernas são sensacionais — o elogio cheio de luxúria me dava tanto tesão, que chegava a doer.

— Ah — resmunguei engolindo duro, sentindo minha vagina contrair inteira quando o seu grande dedo relou nela, toda encharcada e sem a calcinha, os fluidos escorriam pelas partes internas das coxas, com ele massageando meu clitóris.

— Tão gostosa — escorregou e penetrou em seguida.

Eu apenas gemia, rebolando em seu dedo, com ele apertando meu corpo contra o dele, experimentando aquela ereção divina tocando minhas coxas e esfregando. Maluco, beijando meu pescoço encaixou a cabeça robusta.

Parei de respirar.

O fervor estava imenso dentro de mim, mas ainda assim, seria mais prudente resistir a tudo àquilo.

— Sem preservativo não vai rolar desta vez — estipulei num fio de voz, e trêmula, e o agravante: sem a mínima convicção.

Respirando forte, afundou o rosto na curva do meu pescoço.

— Não há tempo de procurar um, Sacha! — suspirou trêmulo. — Estamos em um quase reality show. Observados dia e noite e eu preciso de você mais do que nunca — dizia em desespero, me deixando numa situação complicada, com meu corpo vibrando, incontrolavelmente, o desejando. — Está segura, eu prometo! — insistiu, na tentativa de me convencer. — Tomou a medicação, e você é a primeira a mulher que arrisquei transar sem camisinha.

“Que doce!”, pensei, suspirando com os olhos fechados.

— Como eu! Você é o único cara com quem transei sem proteção — disse apenas, omitindo sobre ele ter sido o meu segundo, e o último com quem

transei. Deixei rolar, afinal aquele clima de romance era tudo de bom, e me permiti aproveitar ao máximo.

Desesperado, beijando e chupando o meu pescoço ele foi empurrando devagar, penetrando gostoso. Minha vagina se abria, o abraçando enquanto eu me contorcia, toda arrepiada.

— Isso é muito bom! — ele sussurrou baixinho no meu ouvido, naquele vai e vem lento e profundo, amassando meus seios sem machucar, esfregando meu clitóris.

Gostoso era pouco, sentindo seu corpo contra o meu, o seu rosto no meu pescoço, seus lábios chupando, mordiscando e beijando minha pele, eu fiquei excitada demais, com ele estocando maravilhosamente, estava amando o momento. Uma foda diferente das outras, havia muito carinho em meio a luxúria, eu sentia que sim.

Tão envolvida na relação, muito mais do que sexual com ele, meu corpo reagia no limite do prazer: começou a formigar, meu coração acelerar, meus olhos escureceram e uma explosão ocorreu no meio das minhas pernas. Um orgasmo violento e esmagador, sentia as paredes internas comprimirem seu membro crescendo dentro de mim, o fazendo tremer ao extremo e afundar até o máximo.

— Ohhh! — rugiu, e logo senti sua ejaculação intensa.

Ofegantes, permanecemos engatados, e abraços.

— Caso você adormeça antes, boa noite! — ele cochichou no meu ouvido.

Virando meu rosto, ele abriu um sorriso exausto, porém, maravilhoso.

— Boa noite! — balbuciei encantada com seu rosto cansado. Ganhei um saboroso selinho nos lábios e voltou à posição.

Envolvida naqueles braços fortes, aos poucos, meu corpo cedia ao cansaço e logo adormeci.

Despertei com aquela sensação deliciosa de plenitude, rolando na cama, deitei de costas e abri meus braços encontrando os lençóis vazios ao meu lado. Tinha muito o que pensar, mas não queria. Foquei apenas nele, em nós, e foi quando olhei no relógio sobre o criado-mudo, já passava das dez da manhã.

— Droga! — Enrolada no lençol, tomei o rumo do banheiro e depois de um banho demorado, me vesti já pensando que acompanharia o senhor Adam à sua consulta médica. Me sentindo "A" mais desejada, escolhi um conjunto de lingerie muito sexy no tom azul-marinho, e me baseando nos raios solares entrando pela fresta da janela do closet, escolhi um vestido confortável de alça, o tecido era leve, na mesma cor da roupa íntima, porque dava um contraste legal aos dourados dos meus cabelos.

O movimento pela casa era apenas dos funcionários, segui à sala de jantar, apenas um lugar estava posto.

— Valentina? — a chamei assim que ela saiu pela porta da cozinha. — Onde eu encontro o senhor Adam?

— Estão todos à sua espera no escritório do senhor Henry — informou ela.

— Obrigada! — agradeci e dei meia-volta.

— A senhorita não vai fazer seu desjejum? — indagou com preocupação.

— Depois.

Apressada, segui até o escritório, a porta estava entreaberta, dando o privilégio de avistar o Henry. *Lindo, lindo, lindo!* Vestia uma calça azul-marinho e camisa branca, sem gravata, ajustada no corpo e destacando os músculos do peitoral.

— Querida! — fui surpreendida àquele tom rouco e animado. Então ele veio me recepcionar à porta e, mais uma vez, fiquei surpresa, enrolando o braço na minha cintura, beijou minha face com uma ternura constrangedora. Pois todos nos olhavam.

— Por que não me acordou? — cobrei.

Ele sorriu tão bonitinho, varrendo os olhos pelo meu corpo.

— Dormia tão tranquila que fiquei com dó. — Deu-me mais um beijo e então entramos, e ele fechou a porta.

Toda a equipe estava espalhada pelo escritório. Danielle sentada na sala social com um laptop sobre o colo, de um lado estava o Leôncio, do outro o Herbert. Na poltrona à frente, o Bernardo fazia anotações em uma agenda. O Sr. Adam Stone perto da janela, com os olhos cravados sobre mim e o seu filho.

Cumprimentei a todos, quando Bernardo parou em meu rosto numa expressão insinuante. Henry me puxou pela cintura, me tirando da mira.

— Conseguiu o balanço de ontem? — Henry direcionou a pergunta a Danielle.

— Superou as nossas expectativas, o romance de vocês é notícia em todo o mundo.

— Yes! — Henry socou o ar em comemoração. — Logo a gente pega o filho de uma mãe — finalizou sorrindo na maior confiança.

— Estamos empenhados — confirmou Bernardo.

— Então, enquanto vocês fazem um levantamento do sucesso da primeira operação, eu vou roubar a Sacha. — O senhor Adam se aproximou em sua cadeira e segurou em minha mão. — Podemos ir, querida?

— Claro!

— Antes, eu gostaria de trocar umas palavrinhas com a minha futura esposa, posso? — autoritário como costumava ser, Henry foi grudando na

minha mão.

— Se não for algo demorado, eu autorizo — respondeu o senhor Adam, sarcástico.

Ele me arrastou para fora do escritório, em seguida escada acima. Corria comigo pelo corredor e alguns funcionários por ali riam com a traquinagem, e ao entrar no seu quarto, ele fechou a porta com os pés me tacando na parede, moldou meu rosto e me imprensando na superfície sólida, tomou meus lábios num beijo fervoroso.

— Você me deixa com muito tesão, Sacha! — sussurrou em meus lábios, e pendia a cabeça beijando meu pescoço, o colo e caindo de joelhos ergueu meu vestido desesperadamente, caindo de boca na minha calcinha encharcada. E suspirou. — Amo este seu cheiro.

Arqueou admirando quando apanhou o tecido e puxou, a rasgando em meu corpo, eu tremi na expectativa e arqueei o quadril quando senti seu dedo deslizando em meu ventre.

— Este corte é uma cesárea! — não perguntou, afirmou esfregando o dedo indicador por toda a cicatriz. — Ela não existia na noite do hotel.

Engoli duro e escorreguei para o lado, ajeitando o vestido no corpo.

— Você teve filhos nestes dois anos? — Seus olhos semicerraram especulativos.

— Se não sair neste instante vamos perder a consulta do seu pai — disfarcei.

Ele tombou a cabeça sobre o ombro, seus olhos corriam com total desconfiança pelo meu rosto.

— É do Ivan?

— Está dizendo um absurdo! — respondi, rindo à sua insistência e abri a porta.

Preparada para sair, ele segurou em meu braço.

— Ainda hoje a gente precisa conversar a respeito, tudo bem?

Assenti, tentando manter o autocontrole.

— À noite conversamos. — Então deixei o ambiente rapidinho.

Uma hora foi o tempo que levamos até a clínica, o senhor Adam, em sua expectativa, não percebeu o meu nervosismo.

Na clínica havia uma ampla recepção com poltronas confortáveis, posicionadas em fila no centro, e um balcão de atendimento à direita. Pegamos uma senha e logo fomos atendidos. Uma enfermeira solicitou para acompanhá-la, ela nos levou a um largo e longo corredor. Várias portas estavam abertas, dando-nos a visão de pacientes em tratamento.

Na sua avaliação, eu permaneci na sala de espera. Em determinado momento precisei ir ao banheiro e me lembrei que ao lado ficava o feminino.

Assim que cruzei a porta, a câmera se soltou da minha roupa e foi ao chão.

Droga! A recolhi, dei sinal e desliguei, por razões de privacidade, em seguida abri a bolsa de couro preta pendurada no meu ombro, e a joguei lá dentro.

— Ninguém merece ser observada e ouvida no banheiro.

Rindo, entrei para as minhas necessidades, e foi rápido.

Saindo no corredor, observei um homem saindo da última porta lateral e ficou ali, em pé de frente à janela. Seu olhar parecia perdido no horizonte, e eu perdida nele. Olhando-o de costas, aquele porte físico era muito familiar ao do meu pai.

Seria tão bom te encontrar, pai! Meu coração aqueceu de saudades, e foi neste entremeio que o homem, vestindo calça jeans e camisa mostarda se virou.

Incrédula, desabei em lágrimas levando as mãos à cabeça. Ele não parecia com o meu pai, ele era o meu querido pai.

— PAI? — Saí correndo pelo corredor.

— Sacha? — ele resmungou rindo, meio que desacreditado, e veio apressado ao meu encontro.

Me envolveu naqueles braços quentes e acolhedores. Sentia-me literalmente no paraíso.

— Pai — chorava em seu ombro, e ele no meu.

— Sacha, minha filha querida. — Suas mãos, mais ásperas, passeavam livremente por minhas costas. — Minha filhinha...

— Eu fui te procurar no seu serviço, mas eles disseram que o senhor tinha ido embora do Brasil, e...

— Natanael? — Paralisei ao ver sobre seu ombro a minha mãe, saindo pela mesma porta que ele saiu. — SACHA! — em pânico, ela quase gritou. Em seguida, seus olhos grandes e negros mudaram para meu pai, num pedido de socorro.

— Mamãe? — Largando meu pai, caminhava em sua direção.

— NÃO! — berrou ela dando com a mão, indicando que deveria parar onde estava. Ela veio a passos largos me encontrar. Não houve mudanças físicas nestes dois anos, ela continuava bela no seu corpo esguio e os cabelos sedosos. — Por que está aqui, Sacha? — E também não houve mudanças em suas atitudes para comigo.

Pela sua expressão, ela continuava me odiando.

— Eu vim acompanhar o Sr. Adam Stone numa consulta, o meu chefe.

— ADAM STONE? — notei a voz da minha mãe muito alterada.

— Sim, e vocês, o que fazem numa clínica de reabilitação de pacientes com lesão medular? — Pausei com milhões de suposições em minha mente. — Meu Deus!

Desviando dos dois, corria pelo corredor.

— SACHA, NÃO! — gritava minha mãe em total aflição, seguindo meus passos. — VOCÊ ESTÁ PROIBIDA DE ENTRAR NESTE QUARTO! —

berrava chegando, seus braços esticados quase pegaram no meu braço, impedindo-me.

Quase! Ela não teve tempo.

Espalmando a porta, empurrei.

— Mônica! — murmurei tremendo, com meu coração disparado no peito. As lágrimas rolavam dos meus olhos como cachoeiras ao me deparar com a minha irmã naquela cama.

— Sacha! — Ela também chorava muito. Seus olhos negros brilhavam em contato com os meus.

— Por quê? — questionava chorando alto e em soluços. As minhas vontades eram tantas... magoada, destruída, tudo... eu queria xingar, queria brigar com o mundo. Mas eu estava feliz em ver minha irmã viva, respirando. Independente de tudo, o amor que sentia por ela, pela minha família, era incondicional, sempre foi. Deixei a minha vida de lado e vivi a dela, por ela. Se eu estava certa ou errada, não importava. Eu apenas seguia o meu coração.
— Mônica? — Aproximei-me da cama muito ofegante, com meu batimento cardíaco, a nível de enfartar.

Havia mil perguntas a fazer, mas a emoção engoliu todas as minhas palavras, as lágrimas descontroladas corriam pelo meu rosto em abundância, de alegria.

— Vem cá! — Saudosa, não pensei duas vezes, curvei-me sobre ela, envolvendo seu corpo sem movimentos em meus braços. Um abraço forte, quente e único era o nosso.

Ambas chorávamos mais e mais.

Meus pais entraram no quarto, porém, ambos seguiram quietos e em prantos, assistindo a nossa cena. Era indescritível os sentimentos de ver minha irmã bem... Apertava seu corpo contra o meu a enchendo de beijos, muito aliviada.

— Por quê? Revoltada com a sua morte, eu cheguei a renegar Deus.

— Não foi escolha minha, eu juro — justificava em meu ouvido.

— Eu, como mãe, decidi! — minha mãe afirmou com segurança.

Sacudindo a cabeça, ria cética,

— Não tinha este direito, mãe! — cobrei revoltada. — Me fez sentir culpada por não ter estado no velório da minha irmã, e o papai? Não pensou nele nem por um segundo? Você é uma pessoa muito cruel, dona Adele!

— Não, filha! — Transtornada, ela veio segurar em minhas mãos. — O Ivan ligou ameaçando e vocês estavam fora. Não havia tempo para nada, além de salvar a sua irmã. — O dinheiro roubado do Ivan eu usei para forjar o enterro, e para os melhores tratamentos dela. Tenho fé de que ela vai conseguir uma qualidade de vida melhor — explicou-se sem nenhuma demonstração de arrependimento, ao contrário. O orgulho a definia. — E quando me ligou avisando que estava fugindo da casa do Ivan, colocou a minha vida em risco. Eu morta, sua irmã também morreria. Vim com ela para São Paulo e nos escondemos em um sítio, no fim do mundo.

Inspirando, soltei minha irmã. E endireitando o corpo, travei um olhar pensativo, ela continuou:

— Não me julgue, por favor, Sacha! — pediu olhando minhas lágrimas escorrerem pela minha bochecha. Passei meu braço secando as lágrimas. — Eu não podia deixar sua irmã totalmente indefesa cair nas garras daquele monstro do Ivan. Se eu não agisse assim, ela não teria uma chance.

Comprimi meus lábios e olhei para o meu pai.

— Até uns dias atrás, eu também acreditei que a minha filha estava enterrada — revelou ele, na mesma emoção.

Se pontuarmos as atitudes de cada um de nós, veremos que de alguma forma, todos nós erramos. Inclusive eu, sempre soube do paradeiro do meu pai e nunca o procurei. Não suportando todo aquele peso sobre as costas, meu

pai buscou alívio se afastando. Minha mãe, por nenhum momento pensou nela; para salvar a Mônica, abriu mão até de mim. E eu não considero sua atitude como preferência, e sim, sobrevivência. Hoje, compreendia profundamente o que era um sentimento de uma mãe por um filho, na situação dela, eu também seria capaz de qualquer coisa.

Todos nós erramos e sofríamos com tudo àquilo.

— Não estou apta a fazer julgamentos. Porém, estou em condições de afirmar que todos nós fomos vítimas do Ivan. O tirano nos obrigou a pegar uma trilha radical em nossas vidas. — Virei o rosto encarando minha irmã. — O fato de você estar viva é uma alegria imensa. — Ela sorria emocionada.

— Eu me odeio, irmã. Ferrei com a vida de todos vocês.

— Mas eu não te odeio, Mônica. E não pense mais assim! O importante agora é focar no seu tratamento, e eu vou participar de cada minuto dele. Será maravilhoso testemunhar a sua evolução. — Meus pais se entreolharam, e estranhos, fitaram meu rosto. — Falta pouco para tudo acabar, a prisão do Ivan é questão tempo — comecei toda entusiasmada. — Estou passando por noiva do Henry Mantovani Stone, como uma isca para atrair aquele bandido...

— Está errada, Sacha — interveio minha mãe com determinação. Caminhando em minha direção, ela pegou em meu braço. — Nós vimos você na TV com o filho do homem que destruiu a organização do Ivan. Tem que parar com isso agora, querida! — Franzi a testa, perdida em seu raciocínio. — Não pode querer atrair o Ivan novamente à sua vida. Ele é um bandido poderoso, não o subestime. — Baixei meus olhos pensativa. — Não percebe que está cavando a própria cova?

— Eu concordo com a sua mãe, Sacha — abonou-a meu pai, se posicionando ao nosso lado. — Eu ia te procurar ainda esta semana para

aconselhá-la a sair deste jogo. Agora que estamos unidos, vamos desaparecer no mundo.

As engrenagens do meu cérebro me levaram até os braços do Henry, nossos momentos especiais e meu coração apaixonado se apertou, de um jeito tão intenso, que perdi o fôlego.

— Se decidir ir em frente com este plano, então estará escolhendo ficar longe da sua família — complementou minha mãe à minha reflexão silenciosa. Ergui a cabeça a encarando, perplexa. — Não podemos correr o risco, querida, você precisa escolher.

— Nem você pode se arriscar assim, Sacha — emendou Mônica. — Eu conheci o Ivan melhor do que ninguém, e asseguro: ele é um monstro. E mesmo que o plano dê certo, outros Ivans virão. Os herdeiros do crime costumam buscar vingança, a coisa é rotativa, não acaba nunca. E como será sua vida depois? Este Henry vai seguir com a vida dele e você ficará sozinha e desprotegida. — Ela sacudia a cabeça em prantos. — Chega dessa merda e vem com a gente, maninha. Eu preciso da oportunidade de ficar perto de você, tenho milhões de coisas para explicar, milhares de perdões, que uma vida toda seria insuficiente.

Estava com o meu coração dividido, mas ela estava com a razão. Eu representava apenas negócios ao Henry. Debrucei sobre ela e a abracei forte.

Não podia perder a chance de estar com a minha família! E não estava pensando somente em mim.

— Eu vou com vocês! — afirmei, endireitando o corpo. — Escolho a minha família.

— Maravilha! — Respirando aliviado, meu pai veio pegar na minha mão e na da Mônica. E minha mãe veio com seus braços abertos por trás, nos abraçando.

— Não acredito que a nossa família está unida novamente — ela chorava numa felicidade incontida. — Ainda bem que você escolheu a nós. Tenho muito ainda a explicar, minha filha. — Beijou a parte de trás da minha cabeça.

— Quando pretendem partir?

— Hoje à noite! — minha mãe foi decisiva.

— Vão abandonar o tratamento de reabilitação? — quis saber.

— Vou partir para um novo tratamento. Descobrimos um novo tratamento que está sendo estudado em uma clínica no exterior, já me cadastrei como voluntária dos experimentos — explicou Mônica, confiante. — Só estamos aguardando os trâmites legais das documentações.

— Então, saindo daqui, vou direto pegar meus documentos, e tudo que eu preciso. — Minha mente já arquitetava meus passos. Deixaria o senhor Adam na casa dele e na surdina, eu iria ao orfanato. Pois lá estava tudo o que necessitava nesta vida.

Minha mãe me deu o endereço onde eu poderia encontrá-los. E meu pai me acompanhou até o corredor.

— Tem uma panificadora na avenida de trás, que tal tomar um café com o seu pai? — sugeriu.

— Adoraria!

Com as mãos em minhas costas, guiou-me em direção a uma porta de metal e a abriu. Acessamos um pequeno hall e seguimos até uma porta, dando acesso a uma avenida. O movimento de veículos estava bem intenso. Em quinze minutos de prosa, ele confidenciou o seu sofrimento nestes últimos anos. Tentei especular para onde iríamos, ele não deixou vazar esta informação, alegando precaução.

Então voltei à sala de espera. O senhor Adam estava ali, ele gesticulava, nitidamente nervoso com o celular no ouvido.

— Sacha! — exclamou com extrema preocupação. — Está tudo bem, ela está aqui — avisou a pessoa do outro lado da linha. Desligou e fitou-me curioso. — Onde você estava?

— N-o banheiro... — gaguejei.

— E sua câmera, querida?

Abri a boca sorrindo.

— Ah! — Abri a bolsa a pegando lá de dentro e a liguei. Já armando mentalmente meu plano de fuga. — Ela não está encaixando bem na roupa, e caiu a caminho do banheiro — menti. — Estava tão apertada que a joguei dentro da bolsa para colocar depois. Talvez eles precisem trocá-la por outra. — Propositalmente, a encaixei de mau jeito.

Ela ficou evidentemente dependurada.

— Estavam todos muito aflitos, minha querida — relatou pegando na minha mão, e na sua gentileza incrível, levou aos lábios e deu um beijo paterno. — O Henry já estava vindo para cá.

Henry, Henry! Naquele instante fui consumida pela dor.

Partir com a minha família era crucial, e meu coração doía se recusando em deixá-lo.

— Acho melhor tirar a câmera se não pode perdê-la — avisou ele olhando-a pendurada.

— Pessoal? — chamei olhando para aquela peça minúscula, entre meus dedos. — Por receio de perdê-la a guardarei na bolsa, acho que o tombo a danificou. — Pisquei, e quando a guardei, desativei o áudio.

O monitoramento intenso sobre mim e o Henry vinha das câmeras que usávamos em nossas roupas, nas espalhadas pela casa. E os agentes disfarçados que faziam nossa segurança pelas ruas. Levantando todo o esquema, o ideal seria sair da casa vestida com a roupa da funcionária Virginia. Suas roupas extravagantes, bem coloridas e a costumeira touca,

seria o disfarce genial, ninguém perceberia. Sairia pelo portão de aço ao lado da edícula, quando apertasse o interfone, eu viraria o rosto, eles irão acreditar que é ela. Só precisava dar um jeito na câmera da edícula, e prender a moça.

Era só aguardar a troca do turno, e não demoraria a acontecer.

Como planejei, saí da casa com sucesso.

Como sempre, fui apoiada pela Madre, nem fez muitas perguntas. Dali, fomos direto ao endereço onde eu era aguardada pela minha família. Aproximadamente a cem quilômetros da clínica onde fora nosso reencontro. O endereço nos levou a um sítio rodeado por uma densa e alta vegetação, como mencionou minha mãe: no fim do mundo, distante da civilização.

O táxi parou em frente a uma casa sem reboco, os tijolos aparentes.

Com um braço segurava o Gabriel, deitado com a cabecinha no meu ombro, dormindo; e com a outra mão, segurava firme na mãozinha da Isadora.

— Bate na porta, querida — pedi a Isadora. Antes, ela arqueou a cabeça, seus olhinhos franziram, confusos. — Pode bater — encorajei-a.

Minha mãe abriu a porta e arregalou os olhos espantados. Dali, era possível ver meu pai ao lado da cama onde estava a Mônica.

— Estamos prontos para partirmos com vocês. — Só Deus sabe o esforço que fazia para segurar a emoção.

— Enlouqueceu, Sacha?! — advertiu minha mãe naquela expressão confusa. — Não podemos levar crianças com a gente — exprimiu ela sem compreender os motivos pelo qual trouxe os dois. Mas a Mônica entendia. Seus olhos lacrimejavam sobre Isadora.

— Eles não são qualquer criança, mãe. — Ela inclinou a cabeça, ainda mais perdida. — São os seus netos.

Deitei minha cabeça sobre a do meu querido filho, sentindo a maciez dos cabelos castanho-claros.

— Este é o Gabriel, o meu filho! O motivo por eu ter fugido da casa do Ivan. — E depois baixei a cabeça sorrindo com ternura para a minha linda sobrinha. — E esta linda garotinha é a Isadora, a filhinha da Mônica.

— Meu Deus! — Mônica levou as mãos aos lábios, chorando convulsivamente, provocando choro em coro.

— Vai lá beijar a sua mãe, Isadora! — a encorajei.

Ainda perdida, ela entrou devagar e, quando chegou perto da cama, o meu pai a abraçou pela cintura, a erguendo para minha irmã doar todo aquele amor que explodia dela. A abraçava com tanta força, e era bonito de ver. Meu pai, na mesma emoção, rindo e chorando ao mesmo tempo, deitou sua cabeça nas costas da Isadora, sobre os cabelos castanho-escuros, como seus olhos expressivos.

— Eu não estou entendendo nada, mas amando ser repentinamente, avó. — Ela abraçou a nós dois. E beijou a cabecinha do netinho. — Vocês duas têm muito o que explicar, mas só farão isso quando chegarmos ao nosso novo e seguro destino. Onde iremos recomeçar nossas vidas. — Arqueou admirada, com o Gabriel no seu sono profundo. — E vamos logo! — soltou subitamente. — Consegui contratar o serviço de uma van com um preço excelente. Caiu do céu! — Ergueu as duas mãos ao alto em sentido de agradecimento. — É melhor nos apressar, ela chega em vinte minutos.

— Tá bom.

E corremos para nos preparar para mais esta jornada.

Capítulo Vinte e Dois

HENRY

— Meu Deus! — exprimi atormentado.

A dor no peito não cedia nunca.

Sentado na cadeira em meu escritório, apoiei os cotovelos sobre a mesa, cruzei os dedos e repousando o queixo sobre elas, refletia sobre a questão "filho".

— Filho?

Ela ter filho com outro homem soava mais torturante do que a possibilidade de ela ter omitido a informação. O que estava sentindo chegava a ser avassalador, e me consumia por inteiro, perdi completamente o domínio das minhas emoções, resultando em sequelas graves, um desconforto físico, incômodo, especialmente dores nos ombros.

Joguei as costas no assento, os movendo em busca de relaxamento, e nada.

— Que merda! — Irritado com o fracasso, espalmei os braços da cadeira e a empurrei.

A obsessão por esta mulher era de dar nos nervos!

— Mas que ela vai ter que explicar bem esta história. Ah, isso vai! — rosnei enquanto me levantava.

A janela foi o meu destino, o visual do Parque Ibirapuera, com sua grande e bela vegetação, costumava motivar a serenidade. Dali, eu podia observar alguns casais à beira do lago apreciando o pôr do sol tão belo, tão majestoso.

Outros praticavam atividades físicas ao ar livre, e infelizmente, tamanha beleza natural não fora suficiente para reduzir o meu nervosismo.

Absorto, adentrava os dedos por entre os cabelos, quando a porta da minha sala se abriu.

— Espero não estar atrapalhando. — A voz do Bernardo preencheu o ambiente.

Girei nos calcanhares.

Vestido bem no seu estilo playboy, humorado ele batia contingência.

— Entra aí, cara! — autorizei correndo a mão direita do queixo ao pescoço.

Franziu a testa, notando a minha angústia.

— Algo novo que eu ainda não saiba?

— Já tem o balanço da nossa aparição de ontem? — troquei a pauta.

— O resultado tem se mostrado melhor do que o esperado, a repercussão foi enorme. Viramos notícia internacional, meu amigo.

Com aquele sorrisão animado, ele caminhou até a sala de estar se jogando sobre o sofá e franziu a testa.

— Estou sentindo cheiro de contratempos — insistiu, desenhando uma expressão de receio.

— Intrigado! — Segui até a sala, me acomodando no sofá de frente. — Hoje pela manhã, notei uma cicatriz de cesárea na Sacha.

Ele arqueou, surpreso à minha revelação.

— Se atentou a este ponto somente hoje pela manhã? — indagou cético.

Bem pertinente sua pergunta. Revivendo mentalmente os momentos íntimos com a Sacha, e com o desespero em tê-la em minha posse, este detalhe me escapou.

— Não vejo necessidade em aprofundar na minha intimidade.

Ele acenou de cabeça em concordância.

— Acha que o filho é do Ivan? — indagou vagando o olhar, pensativo. — Ela comentou algo sobre filho?

Movi a cabeça, dúbio.

— Não faço a menor ideia, cara! — Soltei o ar com força, extremamente esgotado. Ele sorria de lado, à minha consternação. — Tentei arrancar uma explicação, ela escorregou e saiu desembestada do quarto — o tom escapuliu raivoso.

Bernardo percebeu, e não perdeu a chance de pisotear.

— Hum... meu amigo! Isto está beirando a *paixonite,* e aguda — insinuou todo espirituoso, tirando uma da minha cara. — Também, até eu! Com as pegadas que tem dado nela...

— Cala a boca, otário! — proferi o cortando.

Levantei dali e regressei à minha cadeira.

— É brincadeira, Henry! — se retratou vindo em direção à mesa e se sentou na cadeira em frente. — E talvez ela não tenha contado porque tenha perdido a criança, sei lá... — Deu de ombros.

O encarando sem vê-lo, eu avaliava o assunto com cautela. Na realidade, analisava os sentimentos crescendo, gradativamente dentro de mim. Relutei o quanto pude, até ontem. O que houve entre nós no banheiro do bar estava longe de ter sido apenas uma trepada. Pela primeira vez na minha vida eu senti que fiz amor com uma mulher. E, em virtude de ter me deixado levar, abrir a guarda, aqui estava eu, nesta puta insegurança.

— Bem! — Espalmou a mesa. — Este assunto não é da minha conta. — Em seguida saiu da cadeira. — Já efetuei o pedido de uma nova câmera para Sacha, provavelmente a agência entregue hoje à noite. Posso usar o banheiro antes de sair?

— Fique à vontade!

Ele sumiu no corredor do banheiro, e o interfone tocou sobre minha mesa.

— Diga, Roberta! — soltei ríspido em prevenção. Desde que cheguei pela manhã, ela vinha me perturbando com os acontecimentos de ontem. Morta de ciúmes da Sacha.

— *Ligaram da recepção avisando sobre uma tal Jussara, ela se identificou como amiga da Sacha e quer falar com você com urgência.*

Na hora veio à minha mente a conversa com a Sacha a caminho do restaurante.

— Autorize a entrada dela, por favor! — repousei o fone no gancho, ultracurioso.

Cinco minutos foi o tempo para uma mulher bonita surgir à porta: os cabelos lisos e negros, quase na bunda, destacavam o vestido azul royal solto no corpo esbelto, os olhos negros se prenderam em meu rosto, de forma acusadora.

— Obrigado, Roberta! — Sem menção de que sairia, eu acenei com o indicador pedindo sua saída.

Bufando, ela acatou.

— Sente-se, por favor — ofereci, indicando com a mão a cadeira à minha frente.

— Eu não quero sentar, senhor Henry! Eu vim saber da minha amiga, Sacha. Ela desapareceu sem dar notícias, e ontem vi vocês na televisão anunciando um noivado estranho. — Ela sacudia a cabeça em evidente revolta. — Eu tenho plena convicção de que a minha amiga está sendo chantageada pelo senhor...

— Ei, ei... — Espalmei o ar, impedindo-a de continuar. — Vamos por partes. — Sem desviar os olhos dos meus, ela sugou ar em abundância para os pulmões. Vi faísca saindo deles. — Esta sua teoria é interessante.

— É uma constatação e não teoria, senhor! — Um sorriso sardônico desenhou em seus lábios. Juntei as sobrancelhas, mantendo o silêncio

aguardando para ver até onde ela iria. — Vou refrescar a sua memória. No dia do acidente, eu estava em um dos táxis que o senhor colidiu, e também na delegacia. Honestamente! Vi a sua saída da delegacia sem assumir a responsabilidade, o conluio deu muito na cara.

— Realmente foi uma lástima toda aquela confusão — reprimi a vontade de delatar a Sacha, a motivadora do transtorno. — A senhorita está mal informada! Saí de lá às pressas devido ao compromisso no hotel. E paguei todos os prejuízos materiais. Mas tudo bem! — Jogando as costas na cadeira, cruzei meus braços na altura do peito. — Vou relevar sua acusação agressiva.

— O senhor não causou apenas prejuízo material, afetou o emocional de todos os envolvidos. Sabe quantas horas amargamos naquela delegacia, aguardando finalizar o boletim de ocorrência? — Destemida, ela não baixou a guarda, deixou a cadeira toda cheia de si e curvando-se, espalmou a minha mesa, em afronta. — E quando finalmente consegui chegar ao hotel, a Sacha havia desaparecido. Ela me ligou desesperada, porém, recusou-se a dizer o que de fato aconteceu. E com o pronunciamento de ontem, eu concluí que ela está em apuros.

— Conversamos sobre você ontem. — Saí da cadeira e ajeitando a gravata, contornei a mesa parando ao seu lado. Ela endireitou o corpo se postando de frente a mim. — Sobre o passado de vocês em Belo Horizonte, o quanto sofreram juntas em torno das ameaças do Ivan.

Ela balançou ao meu comentário.

— Eu preciso vê-la, imediatamente.

— E se eu te disser que não entrar em contato contigo foi opção dela, e por isso não irei atender ao seu pedido?

— Sendo assim, presumo que a Sacha é de fato sua refém.

— Não! Estamos apenas nos ajudando.

Ela torceu a boca, indecisa.

— Eu não acredito nisso!

— Jussara? — Saindo do corredor do banheiro, Bernardo deteve espantado ao vê-la.

Um vermelho intenso tomou a face da moça.

Olhei desconfiado para ele.

— Vocês se conhecem?

— Você ouviu a nossa conversa? — vestida num evidente desespero, ela inquiriu ao Bernardo.

— O suficiente para ficar estupefato a esse seu passado inédito! — disse Bernardo caminhando em direção à mesa. — Belo Horizonte? — sarcástico, ele inspirou longamente. — O Marcelo está ciente, ou você escondeu até dele? — seu nervosismo se revelava, conforme ele explanava. — O que a meu ver é uma injustiça. Afinal, ele estendeu-lhe a mão quando você mais precisava.

— Por favor, deixe o Marcelo e todos fora disso! — implorou quase chorando.

Ponderando, ele acenou de cabeça.

— Por ser amigo e sócio do Henry, tenho conhecimento do que este tal Ivan é capaz. Considero muito os meus amigos, por esta razão eu nunca os envolverei em nada disso.

Ela sorriu aliviada.

— Assim eu fico mais tranquila.

— Porém, gostaria de saber mais do seu passado — se mostrou interessado.

— Qualquer dia deste eu conto a você. — Seu olhar veio ao meu. — Neste momento, eu preciso ver a Sacha.

— Vou levá-la até ela, e você vem com a gente, Bernardo. Assim vocês aproveitam e conversam pelo caminho.

Satisfeito, Bernardo piscou.

Bernardo era mesmo perito em investigação, ele sabia fazer as perguntas precisas. Em algumas, a Jussara titubeou; outras, ela sacou; porém, a maioria ela cuspiu as informações necessárias. Contou desde a adolescência até sua gravidez do Fabiano, o sobrinho do Ivan, e a emboscada de que seu pai fora vítima.

— Se você é filha do ex-proprietário do hotel, deveria confiar mais na minha pessoa. Pois, no momento em que meu pai derrubou a quadrilha do Ivan, o seu foi inocentado.

Pelo espelho no para-brisa, a via no banco de trás. Ela baixou a cabeça por alguns instantes. Bernardo, sentado no banco ao meu lado, me olhou distraído.

— Não é uma pergunta difícil de responder, Jussara — emendou Bernardo.

Erguendo a cabeça, ela ainda persistiu com o olhar receoso.

— Vamos lá! Sua resposta é importante — encorajou-a Bernardo.

— Sendo franca! Eu não sei quem é você, o que mais presenciei neste mundo foram guerras entre as facções disputando poder.

Divaguei recordando da Sacha, esta era a mesma desconfiança.

— Quando conversar com a Sacha irá mudar de ideia — discursei convicto e arrepiado, lembrando do nosso momento delicioso embaixo do lençol.

Estacionei o carro na maior ansiedade e entramos pela porta social.

— Fique à vontade! — disse a Jussara.

Ela olhava ao redor da sala.

— Eu faço companhia a ela — ofereceu Bernardo.

Perambulei pela casa atrás da Sacha e só encontrei meu pai, em sessão na piscina com o Filipe.

— Pai? — Ele acenou todo sorridente, ao contrário do Filipe, seus olhos anuviados me olhavam com cara de poucos amigos. — Você viu a Sacha?

— Desde quando chegamos da clínica, ela não saiu do quarto.

— Vou espiar.

Ele deu um joia com o polegar, e eu retornei para o interior do salão de festa. Intrigado, cruzei todo o recinto até sair pela porta, e acessei a sala.

Sentado no sofá, Bernardo, astucioso, estava firme na função de extrair mais informações da Jussara.

Subi as escadas de dois em dois degraus e quase corri pelo corredor. Entrei em meu quarto e estranhei a ausência dela. O próximo destino foi ir ao quarto de hóspede, em frente às escadas, confiante de encontrá-la, e nada. Procurei em cada canto no andar superior, e então retornei à sala encafifado.

— Não estou encontrando a Sacha! — informei aos dois, sentados lado a lado. Jussara se levantou exprimindo um olhar, delator. — Acho que já sei como achá-la.

Segui para a sala de monitoramento e me deparei com o Agner saindo.

— Você viu se a Sacha saiu, depois de chegar com o meu pai?

— As únicas pessoas que saíram da casa foram os funcionários após a troca do turno — afirmou veementemente e pausou, refletindo. — A câmera da edícula do jardim não está funcionando, estava indo agora mesmo verificar.

— Eu vou com você.

Já se aproximando, ouvimos um choro baixinho vindo da edícula, ali era onde ficavam todas as ferramentas de jardim. Arrombamos e nos deparamos com a Virgínia, apenas de calcinha e sutiã, sentada no canto, e assustada ela chorava.

— Ah, graças a Deus! — Num segundo ela ficou em pé e cruzou os braços ao seu redor, escondendo sua seminudez.

Agner verificou um pedaço de tecido preto enrolado na câmera acima, do batente da porta.

— Quem te trancou aqui? — perguntei aflito.

— Estava saindo e encontrei a fisioterapeuta aqui no jardim — começou a dizer. — Ela começou elogiando as minhas roupas. Acreditei na sua admiração, tanto que a deixei experimentar, quando argumentou sua vontade de mudar de estilo. — Deu de ombros soluçando. — Aí a gente veio aqui para a edícula. A maluca vestiu minha roupa, e do nada saiu correndo e trancou a porta por fora.

— Esperta ela! Eu abri o portão achando que era você — pontuou Agner.

— Depois de fechar a porta, ela pediu para passar um recado ao senhor. — Fitei-a curioso. — Algo no sentido de perdão, de não poder compactuar com alguma coisa... Eu não entendi muito bem.

— Cuida dela, Agner! — solicitei, saindo às pressas dali.

Estava arrasado. E não se tratava mais da captura do Ivan, e sim, de nós dois, dos nossos momentos. Nunca havia me sentido tão mal na vida, uma sensação estranha tomava meu ser. Primeiro, a descoberta de que ela tinha um filho de outro; e agora, ela fugiu de mim.

— O orfanato — pronunciei andando apressado pelo salão, ansioso para pegar o carro e averiguar.

— E aí? — Chegando à sala fui interceptado pelo Bernardo.

Desassossegada, Jussara também se levantou, seus olhos observavam cada movimento meu.

— A Sacha zarpou — informei com urgência, a mesma com que caminhava em direção à porta. Apanhei a chave em cima do aparador. — Por livre e espontânea vontade — acrescentei e me retirei.

Meu coração se apertou à realidade.

— Como ela saiu sem ser vista? — seguindo meus passos, indagava Bernardo, incrédulo.

— Quando se convive dentro do mundo dos mafiosos, a pessoa tende a ser uma boa estrategista — expus.

— Preciso de mais detalhes — persistiu ele.

— Inteligentemente, ela armou um plano excepcional enganando toda a segurança. — Chegando à garagem noticiei, completamente desapontado. — Precisa rever tudo novamente.

Abri a porta, me jogando para dentro e liguei o carro. Soltando o ar fortemente, arqueei a cabeça o fitando.

— O Agner é a pessoa ideal para explicar, minuciosamente, estou indo ao orfanato e não posso perder tempo.

— Se o intuito foi fugir, sinceramente, eu duvido que ela tenha ido para o orfanato.

— Eu preciso tentar e não quero ninguém me seguindo — determinei, e foi pela Sacha.

Imaginava o quanto ela deveria estar exausta de tudo. Em razão disso, ela preferiu partir e viver uma vida tranquila.

— Não posso atender a este seu pedido. Desculpa, cara! — Bernardo contrapôs, irredutível. — O caso agora está na esfera federal.

— Então os contate, e me peça as coordenadas de onde eu posso encontrar a Sacha.

Ele contraiu o rosto, chateado.

— Já tomei esta providência, infelizmente ela não foi vista saindo da casa. A escolta é exclusiva para você e a Sacha.

— Como comentei há pouco, conviver com os mafiosos fez da Sacha uma especialista em fuga. Faça um favor, a escolta não vai incomodar, porém, peça para que sejam sutis. Ou melhor, não gostaria de notar a presença deles.

Compreensivo, ele bateu levemente no meu ombro.

— Te desejo boa sorte!

Engatei o carro para sair, quando Jussara despontou na porta da garagem. Abri o vidro.

— Ah, Bernardo! — meu chamado o tirou do seu instante de meditação. — Respeite a vontade da moça. — Acenei de cabeça na direção dela. — Não comente nada com os amigos, pois nem sempre as coisas funcionam como gostaríamos que funcionassem.

Ele sorriu, concordando.

Acelerei, derrapando os pneus, tamanha a minha pressa.



Tão logo cruzei a portaria do Lar Amparo observei, e não notei ninguém me seguindo.

Meu coração se contraía e acelerava à medida que me aprofundava na estrada de pedra. Vários postes de luzes iluminavam a paisagem e o caminho, inclusive destacavam os pinheiros margeando a estrada. O nervosismo acentuou ao estacionar em frente às instalações, muito bem iluminadas pelos refletores espalhados ao redor do gramado.

— Por favor, eu gostaria de falar com a madre Aurora! — fui direto ao ponto, assim que fui atendido por uma freira.

— Lamento não poder atender à sua solicitação, senhor! — colocou ela. — A madre Aurora já se recolheu, por esta razão ela não poderá atendê-lo. Retorne amanhã, por favor!

— E a Sacha Ortiz, também já se recolheu? — Surpresa, a freira arqueou. — Chame-a, por favor — persisti.

Ela meneou a cabeça levemente de um lado ao outro.

— Sinto informar, a Sacha não faz mais parte do quadro de funcionários do orfanato.

Impaciente, sorvi o ar longamente e expirei-o com calma, na tentativa de diminuir minha ansiedade.

— Por favor, senhora! — implorei. — Pelo menos, vá até a madre superiora e avise-a sobre a minha presença.

— Não podemos receber visitas à noite, volte amanhã! — persistia irredutível.

— Quem está aí, Luzia? — reconheci a voz se aproximando como sendo da Madre.

Ela ficou petrificada ao topar comigo, seus olhos cresceram dez vezes do tamanho normal.

— Estou tentando dizer ao senhor que não recebemos visitas à noite, e... — justificou e acabou sendo interrompida pela religiosa.

— Tudo bem, Luzia! Eu atendo o rapaz. — Cordialmente ela atravessou a porta e pediu para a freira fechá-la.

Hesitante, ela atendeu ao pedido.

— Por favor, chame a Sacha! — não era um pedido e sim, uma súplica.

Diferente do último tratamento quando estive aqui, ela sorriu compreensiva.

— A Sacha não se encontra nas dependências do orfanato. — Embora seu rosto transmitisse sinceridade, não me convenci.

— Eu posso entrar?

— Desculpa, mas não posso permitir a sua entrada neste horário.

Assenti, ansioso.

— Eu preciso apenas conversar com a Sacha. — Comprimindo os lábios, seus olhos entristecidos declinaram. — É muito importante, Madre.

— A Sacha desistiu do acordo com você, e eu a apoio. É perigoso demais...

— Eu não estou nem aí para o acordo. — Abanei a mão direita no ar. — Eu preciso vê-la com urgência. — Joguei a honestidade mais uma vez.

Tombando a cabeça sobre o ombro, seus lábios se abriram num sorriso estranho.

— Terá de praticar a paciência — começou pausadamente, focada em meus olhos. Notava infelicidade em abundância neles. — Pois a Sacha não voltará tão cedo. Talvez, nunca mais a veremos novamente. — A frase fora finalizada num tom de voz contido, e em lágrimas.

Ergui as sobrancelhas, perdido com as palavras *NUNCA MAIS*! Parecia uma eternidade.

Que porra é essa? Não sabia se me sentia desamparado, injustiçado, ou o quê? Tudo era muito novo para mim, completamente desconhecido. E doía pra caramba.

— O que aconteceu?

Ela coçou atrás da cabeça enquanto decidia sobre uma resposta, e então fitou-me com seriedade.

— A Sacha decidiu pela sua família. — Movi os ombros sem entender bulhufas. — Reencontrou sua mãe e o seu pai. E juntos, sumiram no mundo em busca de um recomeço.

Um nó bloqueou minha garganta, me impedindo de respirar com a maldita vontade de chorar. Comecei a interpretar o desconhecido. A Sacha era uma perda irreparável.

Engoli duro, contornando este problema.

— Ela deve ter deixado o contato — tentei.

Ela negou com a cabeça.

— Não, meu querido. E você não imagina o quanto dói ficar longe da minha menina — levando a mão à boca, ela chorou convulsivamente.

Comovido, a abrangi em meus braços.

— Calma! — requisitei aquilo que eu não tinha. Estava complicado organizar as emoções em discrepância dentro de mim.

— Posso te pedir uma coisa, Henry? — Fui tomado por uma sensação de intimidade, com ela pronunciando o meu nome. Arredou pousando seus olhos nos meus. — Se os seus planos forem capturar o monstro do Ivan, então o faça sozinho. — Lágrimas saltavam, copiosamente de seus olhos. — Deixe a Sacha fora disso, ela já sofreu o suficiente, coitadinha!

Analisei aquele pedido tão lógico.

— Eu imploro, meu rapaz. — Sua mão veio ao meu rosto. — Siga a sua vida...

Refleti, vasculhando o rosto marcado pelo tempo.

— Este forte vínculo com a Sacha me assegura de que a senhora conheceu o filho dela. — Seu rosto contraiu pela preocupação. — Constatei com os meus próprios olhos a cicatriz de cesárea, portanto, não adianta mentir — adiantei, esperançoso de uma confirmação sair de seus lábios trêmulos.

Ao pensar nela em outros braços me subiu uma raiva imensa.

Logo a Madre trocou a expressão tensa por uma serena.

— Por duas razões, não espere resposta a esta pergunta! Primeira: não tenho a autorização, nem o direito de fornecer informação sobre a Sacha, ou de qualquer outra pessoa. Segunda: a vida da Sacha diz respeito somente a ela.

— Não sendo inconveniente, mas se não pode dar a informação, então permita a minha entrada. — Carecia confirmar a ausência da Sacha.

— Infelizmente, hoje não será possível — ela resistiu. — Se não acredita em mim, pode retornar amanhã durante o dia, nada impedirá a sua entrada.

Moveu os ombros com sinceridade.

— Se não pode me ajudar, então eu vou descobrir o paradeiro dela sozinho — afirmei.

Ela riu com carinho antes de dizer:

— Você não tem a mínima noção da beleza interna da Sacha.

A frase bombardeou o meu coração.

— Eu ainda não tive tempo de conhecê-la melhor — assenti. — Passe bem.

Dei-lhe as costas e tomei o rumo do carro. Girando a chave, saí em alta velocidade e peguei o telefone, procurando o número do Bernardo.

— *Ouvimos a sua conversa com a Madre* — delatou ao atender.

— Pois é!

— *Acreditou nela?* — perguntou curioso.

— Ainda tenho minhas dúvidas, pois ela não me deixou entrar.

— *Talvez a câmera não tenha dado defeito como relatou a Sacha. Ela pode muito bem ter a danificado, poupando seus pais*.

— Claro! — animei à esperança reacendendo. — Ela pode ter encontrado com seus pais na clínica, onde esteve com o meu pai hoje pela manhã. Vocês estão em poder de todos os dados da Sacha, certo?

— *Sim*.

— Manda aqui no meu celular por mensagem, nomes completos dos pais dela, inclusive as fotos, eles podem ter registrado com outros nomes. E também o endereço da clínica. Vou direto pra lá.

— *Bem pensado, Henry!* — abonou ele. — *De qualquer forma, os agentes vão fazer ronda ao redor do orfanato, caso ela saia, será vista. E amanhã vão entrar*.

— Corretíssimo! Até mais.

Usando a educação, consegui convencer a funcionária a verificar nos registros os nomes: Natanael e Adele Ortiz. E como previa, não constava ninguém com estes nomes. Comentei sobre o monitoramento da clínica, na esperança de obter as imagens, e infelizmente os equipamentos não estavam funcionando. Mas sugeriu para verificar na padaria, localizada na avenida de trás, onde pacientes e acompanhantes costumavam frequentar.

Dito e feito, as imagens sustentavam a informação da madre Aurora. Sacha passou alguns minutos conversando com seu pai, Natanael, e após se abraçarem, ela voltou ao hospital, e ele seguiu pela calçada até a esquina e a contornou. Ainda verifiquei na rua da entrada do hospital, havia dois comércios e nenhum deles eram monitorados.

Em retorno, relatava todos os detalhes ao Bernardo, já montando as coordenadas daqui por diante. E ficou acordado uma reunião de emergência em casa.

Tão logo cruzei o portão de casa, avistei os carros dos agentes estacionados, meu pai surgiu à porta.

— O Bernardo já me contou tudo! — enunciou ele assim que desci do carro.

— Perdemos o maior e melhor trunfo contra o Ivan — mencionei, com aquela sensação horrível de perda.

Parecia que havia acabado de enterrar alguém muito querido.

— Às vezes, as perdas vêm justamente para a gente reconhecer a realidade. — Seu olhar perspicaz repassava por meu rosto. Eu arqueei uma sobrancelha, procurando compreender o seu raciocínio. — Filho, filho! — Pegou na minha mão, comprimindo-a. — A isca foi jogada, o noivado e casamento, vocês são notícia no mundo inteiro. Agora é como uma boa pescaria, ter paciência e aguardar o peixe mordê-la, e todos estão de campana. Portanto, não existe mais a necessidade de manter a Sacha aqui.

Estava literalmente travado, não conseguia vê-la posicionada fora da minha vida, como meu pai colocava.

— O pessoal está no meu escritório? — mudei de assunto.

E no primeiro passo em direção à porta, ele segurou firme a minha mão.

— Por que não assume que está triste por ela. Eu notei como a olhava diferente esta manhã.

A questão intensificou minha tensão.

— A Sacha tem, ou teve, um filho! — inconformado, soltei ríspido.

Ele arregalou os olhos com o susto.

— Como ficou sabendo?

— Ela tem uma cicatriz de cesárea.

— Você e ela se relacionaram intimamente naquela noite do hotel... — Confuso, ele coçava atrás da cabeça.

— Desencana, eu usei preservativo.

— Será do Ivan? — Vi toda descrença estampada em sua feição.

— Eis a questão! — revoltado, expeli todo o ar de meus pulmões com certa brutalidade. — Quem sabe, um dia a gente descobre.

Nada confiante, porém, conformado, dei alguns tapas leves em seu ombro.

Entrei em casa a passos largos e decididos, conservando uma postura firme controlando as emoções. Fracassei com aquele arroxo no peito.

Todos estavam em volta da minha mesa, e sobre ela havia um mapa onde o dedo indicador do Bernardo corria, demonstrando os pontos estratégicos que deveriam ser cobertos.

Ele pausou a explanação e me olhou sério.

— Chegou em boa hora. Estamos reforçando a segurança, todos os funcionários da casa e empresa passarão a ser revistados minuciosamente, na entrada e na saída. — Mais agentes foram requisitados e assim, cobriremos um perímetro maior.

O gozado era minha mente divagando.

Após anos o Ivan deixou de ser prioridade. Enfim, terminou a reunião e nada do que ele explicou entrou na minha cachola.

— Não desista de procurar a Sacha — pontuei ao Bernardo, antes dele sair do escritório.

— Uma nova operação foi montada — certificou-se ele de maneira eficiente. — Estamos mapeando toda a cidade, como também as saídas.

— Valeu! — agradeci.

Depois de me despedir de todos, subi ao meu quarto.

Meus olhos vasculhavam o quarto, o projeto aliado ao conforto e funcionalidade, tinha agora um aspecto mal-acabado, e cada canto do ambiente faltava uma peça especial de decoração. Faltava a Sacha, ela em um todo completava todos estes vazios.

Meu corpo se arrepiou com a imagem nossa debaixo dos lençóis e um calor subiu, aquecendo meu coração.

— Que merda esse coração! CARALHO! — Fechei o punho direito esmurrando meu peito.

Você é um tremendo otário, Henry! Suando como um porco, arranquei toda a roupa e apenas de boxer branca, segui até o bar me servindo de uma generosa dose de uísque, me joguei na poltrona e concentrei apenas na captura do mafioso.

09

A merda se estendeu no dia seguinte, o agente confirmou a ausência da Sacha no orfanato. Sondávamos a amiga Jussara e o orfanato vinte e quatro horas por dia.

Ela desapareceu sem deixar vestígios.

Capítulo Vinte e Três

SACHA

Mais de duzentos quilômetros rodados, e a sessenta para chegar ao nosso destino, São Sebastião, no Litoral Norte de São Paulo, e pegar a balsa para Ilhabela, nós ainda estávamos dentro da van, parados no maior engarrafamento da história.

Mais de oito horas de viagem, viramos a noite e presenciamos o amanhecer, o sol já marcava forte presença. A causa fora um grave acidente alguns quilômetros à frente. Com a explosão de um veículo, bloqueou todo o caminho.

Para chegar até aqui e vencer o trânsito intenso, o motorista teve de pegar algumas rotas alternativas. De certa forma eu o aplaudi, as quebradas me garantiam de não ser encontrada.

"Não sonha, Sacha!", repreendia-me em pensamento. *Já serviu aos propósitos do Henry.*

Droga!

Era exatamente assim! Duvidava muito que ele desperdiçaria seu tempo à minha procura. Ele prometeu a tal Roberta sobre sua vida voltar ao que era antes.

Tristemente, eu não estou incluída no antes.

Ali, no banco do meio, afagando os cabelos sedosos do Gabriel dormindo em meu colo, fechei os olhos à minha dura realidade, os comprimindo.

Como era complicado deixá-lo! Cada quilômetro rodado batia a saudade e a dor intensificava. Sem êxito de arrancá-lo da minha cabeça, demoraria a esquecer os momentos inesquecíveis que vivemos. Isso se um dia eu esquecesse.

Mas eu deveria, independente da sua participação na minha vida.

— Me tornar avô da noite para o dia, não deixa de ser uma experiência inusitada. — A voz do meu pai, sentado ao meu lado, rompeu minha meditação. Com a parte de trás da cabeça apoiada no encosto, eu virei o rosto topando com o sorriso paterno desenhado em seus lábios, e os olhos tão semelhantes aos meus, cintilando. Ah, como eu senti falta deste sorriso e olhar! — E muito boa. Tenho que admitir — complementou acariciando os pezinhos do meu bebê, lindo.

— Nada em minha vida foi planejado, pai! — Baixei meus olhos detendo-os em Gabriel, adormecido. Vestida numa emoção indescritível, inspirei densamente. — Mas estas duas crianças foram o maior e melhor presente que ganhei da vida. Girei o rosto para o fundão da van, a Mônica dormia profundamente em sua cadeira de rodas, o veículo era acessível, adaptado para ela. Ao lado dela, a minha mãe segurava forte sua mão imóvel, porém, os olhos umedecidos posicionados sobre a Isadora. Tão graciosa, minha sobrinha dormia com a cabeça sobre o colo da avó, ali, babando pela netinha. — Teria sido maravilhoso se eu tivesse tido a chance de ter compartilhado desta felicidade com vocês. Contudo, as circunstâncias não permitiram, não é mesmo? — esbocei num tom contido de voz.

Ele grunhiu soltando um riso extremamente infeliz.

— Nossa vida foi como uma tempestade daquelas! Chegou devastando tudo. E eu me deixei ser levado pela correnteza — grunhiu chorando. — Jamais vou me perdoar! Ao invés de ter ido embora, deveria ter ficado e apoiado você. Sou um covarde declarado!

Rindo, baixei minha cabeça por alguns instantes revivendo o passado.

— Agiu na época da forma como acreditou ser correto. — Movi os ombros e voltei aos seus olhos. — E eu escolhi ficar com a mamãe, lembra?

— Não gostaria que este tipo de assunto ocorresse na presença da Mônica — colocou minha mãe, com ar de preocupação.

— Por que não? — com os olhos fechados, Mônica rebateu. — Não é porque eu sou uma deficiente que vocês vão me eximir das minhas responsabilidades. Eu ferrei com a vida de vocês, e não sou digna de clemência.

— Filha! — advertiu minha mãe.

— Por favor, mãe! Sabe o quanto eu me odeio, e já falamos a respeito.

Minha mãe fechou os olhos.

— Eu só quero terminar essa viagem em paz. — Exausta, bufando, ela levou as mãos à cabeça e infiltrou os dedos pelos cabelos escuros. — Não adianta mais chorar pelo passado, não há mais como voltar atrás. — Descendo uma das mãos, começou a acariciar a cabeça da Isadora.

— Eu ter sobrevivido é um sinal, uma chance de me redimir — declamou com olhar brilhante de lágrimas sobre mim. — Eu só não sei como!

— A mamãe tem razão! — expressei pensativa. — O passado ficou no passado. Atente apenas no seu tratamento para ficar bem — estava sendo sincera. Eu amava demais minha família, porém, havia e muita mágoa impregnada no meu coração.

A tensão começava a ganhar todo o interior do transporte e meu pai amenizou mudando de assunto:

— Não vejo a hora de chegarmos à Praia do Bonete e conhecer todos os fatos, principalmente, saber quem são os pais destas crianças.

Ilhabela, considerada um pedacinho do paraíso com suas belezas naturais, fazia dela um destino muito procurado pelos turistas de todo o Brasil.

Motivos pelos quais, minha mãe optou pela Praia do Bonete, no extremo sul da ilha, para nos acomodarmos, em um vilarejo aonde a energia elétrica e sinal de celular não chegavam. Aliás, estava megacuriosa para desbravar a praia deserta e tranquila, como ela narrou, o local ideal para se viver com discrição.

— Como eu comentei, pai, serão necessárias boas horas de diálogo para a longa história. Prometo abrir a minha vida em detalhes, colocar tudo sobre a mesa, tão logo estabelecermos. — Girei o rosto novamente, encontrando os olhos da Mônica, tão iguais os da minha mãe, encharcados. — Não se preocupe — articulei com os lábios, emitindo um pequeno som. — Inspirando, ela os fechou com aquele ar imenso de arrependimento.

Meu pai limpou a garganta, eu segurei sua mão.

— Obrigada pela paciência.

Contrariado, ele deu de ombros e neste instante o trânsito começou a fluir.

— Aleluia! — comemorou a minha mãe, aplaudindo.

— Se continuar andando nesta velocidade, levaremos apenas mais uma hora até São Sebastião — comentou Enrico, o motorista.

E concidentemente era o rapaz que encontrei na clínica do Filipe.

— Gente, quando eu poderia imaginar topar com você novamente. Foi uma grande surpresa! — comentei.

Pelo espelho no para-brisa, notei o leve movimento da cabeça, concordando.

— Este mundo é pequeno, Sacha!

— E não é! Aliás, é impressionante como tem ocorrido coincidências comigo ultimamente! — exclamei vagueando. Meu cérebro rebobinava, me arremetendo em cada encontro com o Henry. Em alguns deles, superquestionáveis. — Você se recuperou bem e rápido da perna, não? — Lembrei que naquele dia ele caminhava com a ajuda de uma muleta.

— Graças a Deus! — suspirou aliviado. — A lesão fora ocasionada em uma partida de futebol com amigos, a famosa pelada. Nunca dispenso de bater uma bolinha. E numa dividida com o colega, torci o tornozelo, mas duas sessões de tratamento com os excelentes profissionais da clínica de fisioterapia e eu retornei as atividades normais.

— O Gabriel tem muita habilidade com a bola nos pés — acariciando seus cabelos, anunciei cheia de orgulho do meu filhote lindo. — Ele costuma dar um show.

Encantado em conhecer um pouco mais do neto, meu pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo.

— Não vejo a hora de chegarmos, vou aproveitar cada segundo com os meus netos — demonstrou sua vontade, enquanto deslizava as pontas dos dedos na perninha do Gabriel, e olhava para trás sorrindo, vendo minha mãe curvando sobre Isadora e beijando a cabeça da menina com ternura.

— Somos dois! — complementou ela.

— Pelo que estou entendendo, vocês ficaram muito tempo afastados — raciocinou Enrico.

— Você não faz ideia do quanto! — Emocionei-me deixando algumas lágrimas escaparem. — Nos reencontramos na clínica daquele encarte que você estava lendo e acabou me dando um, lembra?

— Claramente! — respondeu rapidamente. — Puxa! Fico muito feliz por ter contribuído com esta união de vocês.

Levamos o tempo previsto do Enrico para chegar, e seguimos a sua recomendação, nos hospedamos em um pequeno hotel em São Sebastião, onde pegaríamos uma balsa para Ilhabela. Dormiríamos um pouco antes de seguir viagem. Estafado, Enrico preferiu descansar também e posteriormente, faria sua viagem em retorno.

São Sebastião localizava na microrregião de Caraguatatuba, não conhecia, entretanto, já ouvira vários elogios sobre ser uma das cidades mais badaladas do Litoral Norte.

O cansaço nos prendeu mais tempo do que o combinado na cama. A sorte foi encontrar a mesa do almoço ainda posta.

A fachada e as instalações simples do hotel eram o oposto da mesa. A decoração e a fartura de comida aguçavam o apetite. Era de encher os olhos, e a boca de água.

No pequeno ambiente havia cinco mesas, todas ocupadas por famílias. Aguardamos alguma delas desocupar.

— P-p-pãooo. — No colo do meu pai, Gabriel, vestindo uma jardineira em tom verde claro, combinando com seus olhos, estendia os bracinhos em direção à cesta de pães.

— O vovô vai pegar um pãozinho pra você. — Todo corujão, babando e o apertando em seus braços, caminhou com o neto em direção à mesa.

— Espera eu, vovô! — gritou Isadora saindo desembestada.

Mônica se desmanchou em lágrimas quando ouviu a Isadora chamar meu pai de vovô. Grudada na filha, minha mãe curvou-se sobre a cadeira, a abraçando forte e beijando a face molhada.

— Oh, minha filhinha! — A abrangia forte e beijava a face molhada.

As lágrimas de emoção transbordavam em meus olhos, e também dos olhos do Enrico, posicionado ao meu lado.

A percepção de que jamais poderia julgar a minha mãe estava na cena entre as duas. Por amor, ela renunciou a tudo para salvar a minha irmã. Ela era como qualquer outra mãe, sempre disposta a tudo pelo seu filho. Só não podia dizer se concordava com os métodos utilizados por ela. Mas concordava que a vida era assim mesmo. No decorrer dela, algumas de nossas escolhas podiam ocasionar dores em corações alheios.

— Não vejo a hora dela me chamar de mãe — soluçava de uma maneira linda.

Minha mãe içou o corpo e com as mãos no quadril, a fitava com amor denso, quase palpável.

— Quando menos você esperar, ela a chamará — assegurei. — É só o tempo dela se acostumar com a nova fase.

Ela sorria alegre entre as lágrimas.

— Ela chama você de tia, por acaso falou de mim para ela? — Seus olhos vidrados, estavam ansiosos sobre a Isadora correndo atrás do Gabriel pelo refeitório.

Isadora e o Gabriel eram as únicas crianças, ali.

— Costumava dizer que um dia nos encontraríamos. — Ela sorriu querendo chorar. — GABRIEL? — Corri para pegar na mão do Gabriel, ele estava fuçando na mesa de um casal de idosos.

— Me desculpem! — Segurei na mãozinha dele.

— Imagina! Ele é um fofo — elogiou a senhora, pegando na mão dele.

Neste instante ele aquietou, a encarando.

— E arteiro. — O peguei no colo. E quem disse que ele ficou? Esperneou para ir ao chão e espoleta, saiu correndo em direção à porta de saída. — Com licença.

Desembestei atrás dele, em pânico dele trombar com um senhor japonês usando um lenço amarrado no pescoço e com um pequeno bastão pendurado, entrando lentamente no refeitório com a ajuda de uma bengala.

— Segura ele pra mim, Enrico — solicitei. Eles haviam acabado de ocupar a mesa.

Enrico, coitado até tentou, porém, não houve tempo.

Gabriel se enroscou nas pernas do senhor. Já sem equilíbrio, tombou de costas no chão e meu filho caiu sobre sua barriga.

— GABRIEL? — Apavorada o peguei no colo, enquanto Enrico, meu pai e alguns homens presentes no recinto o ajudavam a se levantar. — Ah, mil perdões! O senhor está bem?

Escancarando um sorriso, que não poderia chamar de dentes cariados, eram podres mesmo. Ele segurou entre os dedos o pequeno bastão pendurado, o pressionando no início do pescoço.

— Estou bem, minha jovem, não se preocupe. — O som saiu robótico causando comoção em todos, e a curiosidade das crianças. — Câncer de laringe — explicou.

— Não tem mesa disponível, sente-se aqui com a gente — convidou meu pai, o ajudando a se sentar.

O casal de idosos também vieram se juntar a nós. E confesso, foi uma hora muito agradável. O coitado do japonês limitado, se expressava pouco, no entanto, ria muito com as perguntas da Isadora sobre o bastão. Os três também estavam indo à praia do Bonete. A interação das crianças com todos incitaram mais pessoas a se aproximarem, e assim, nesta animação toda terminamos nosso almoço e seguimos nosso rumo.

Às 15 horas estávamos fazendo a travessia.

No desembarque na Ilhabela, nos separamos das três pessoas que conhecemos no hotel, e combinamos de nos encontrarmos em Bonete, sob o berreiro do Gabriel. O sapeca se encantou com a voz robótica do japonês.

Só era possível chegar a praia de barco ou trilha, então minha mãe contratou um barco grande, de uma agência de turismo, com exclusividade para nos levar até lá. A caminho da tal agência, contemplávamos pela janela da van os barcos e navios no canal e toda beleza fascinante de Ilhabela.

Assistindo a dificuldade de locomoção da minha irmã, Enrico gentilmente se propôs a nos acompanhar. A agência indicou um estacionamento seguro, onde ele deixou a van. Não mensurei o tempo levado até a praia de Bonete,

ocupada demais admirando o mar afora, as praias, e as formações rochosas de nossa encosta, verdadeiramente um cenário deslumbrante!

A casa era simples, porém, charmosa. Mais afastada do vilarejo, era um lugar calmo de frente ao mar, com ondas agitadas.

— Aqui é melhor do que o parque de diversão. — Isadora suspirava toda ansiosa, focada no mar, e pegou na minha mão. — Tia Sacha, eu quero nadar! Eu posso nadar, por favor! Eu quero nadar, tia!

Todos ríamos de toda empolgação, eu analisava melhor.

— Vamos nos acomodar primeiro, querida, depois eu levo você, tudo bem?

— Ah! — resmungou ela, toda cabisbaixa.

— *Paiaaa* — Gabriel em seu dialeto próprio, puxava a mãozinha para se soltar, louco para correr em direção as ondas quebrando na areia.

— Será que o vovô coruja poderia levar seus netinhos para se divertir nas águas? — meu pai se mostrava mais ansioso do que as crianças.

— Eu ajudo com a Mônica e o senhor vai se divertir com seus netos, senhor Natanael — Enrico ofereceu gentilmente.

Meu pai suspirou numa alegria emocionante.

— Valeu, meu rapaz! — Meu pai repousou as mãos no ombro de Enrico e fitou-me com aquele ar pidonho. A Isadora já havia juntado as mãozinhas sobre os lábios, como se fizesse uma oração. — Filha? — murmurou apenas. — Estou só aguardando o seu aval.

Comecei a rir superfeliz, e não por mim. Na verdade, pelas crianças. Toda criança merecia crescer junto à sua família. Eu sofria por não proporcionar aos dois esta dádiva. E agora, assistindo toda à interação entre avô e netos era divino. Puxa! Sonhei todo esse tempo com este momento, pensando em como seria! E confesso, superou todas as minhas expectativas.

— São seus netos, pai! Seus filhos... Não há a necessidade de pedir para dar-lhes carinho. JAMAIS!

— Nesse caso, poderíamos todos curtir um pouco deste mar maravilhoso — sugeriu Mônica olhando para o céu e suspirou com ele lá em cima. Os movimentos sutis de seus lábios indicavam que ela estava em oração com o Criador.

— Ai, que bom! Estava querendo muito ficar com meus netos — declarou minha mãe risonha, mas com os olhos marejados.

Todo aquele carinho com Gabriel e Isadora, por estarem entre família, família deles, causava um alívio enorme ao meu coração! Agora os meus sentimentos continuavam confusos.

— Vão indo, eu me encarrego de levar as malas até a casa — sugeriu Enrico.

Sua disponibilidade à nossa família surpreendia a cada instante, e não somente a mim.

— Esse moço daria um bom genro — insinuou minha mãe, com seus olhos escuros sobre meu rosto.

Balancei a cabeça, incrédula e respondendo sua pergunta mentalmente:

Meu coração está tomado de Henry. Portanto, no momento não há espaço para ninguém mais.

Ajeitamo-nos na areia apreciando tanta beleza natural, um verdadeiro recanto de tranquilidade. O vovô babando, correndo pelas areias com os netinhos naquela alegria contagiante, arrancando risos de todos.

E quando o Enrico se prontificou a cuidar das crianças à beira do mar, chegou o momento da conversa oficial da família.

— Quando eu saí de casa, estava grávida do Anselmo — Mônica mal esperou todos se acomodarem ali, na areia e iniciou sua revelação.

Eu suspirei e baixei a cabeça, enquanto meu os pais a encararam, surpresos.

— Eu vislumbrava um futuro brilhante, um filho atrapalharia na minha carreira. Seria rejeitada pelo Ivan sendo mãe, ainda mais de um filho que não era seu. — As emoções afloraram, as lágrimas agora saíam como cachoeiras, comovendo a todos. — Me instalei em São Roque até a Isadora nascer. E no hospital mesmo eu a doei. — Pausou em prantos.

— Como você pôde, Mônica? — Observando sua netinha alegre e saltitante sobre as ondas se quebrando na areia, meu pai chorava como criança.

— Meu Deus, filha! — Minha mãe segurou em sua mão imóvel, e descendo a cabeça, deixava toda aquela dor desabar em lágrimas.

Soluçando, eu não conseguia me expressar, comentar, criticar. Nada!

— Eu fiz tudo errado nesta vida — Mônica admitia. — Prejudiquei a vida de todos vocês. Inclusive, a sua, né, maninha? — soluçava. — Perdão, perdão. Eu merecia ter morrido...

— Não! — Fui tomada por um aperto forte no peito quando ela falou em morte. Saltei do chão e fui abraçá-la sobre a cadeira. Encostando nossas cabeças, chorávamos em total desabafo. — Nunca mais diga algo assim, por favor! — Apertei-a levemente. — Nós vamos recomeçar nossas vidas e nos perdoaremos, eu sei.

— Nos perdoaremos! — meu pai repetiu minhas palavras. — Que lindo isso, Sacha.

— Muita lindo mesmo! — abonou minha mãe e fitou-me temerosa. — Seria mesmo capaz de me perdoar, Sacha?

— Acredito que com o tempo, o amor vai sobrepor a dor. As crianças vão nos unir novamente.

— Deus queira! — torceu meu pai.

— Eu sinto muito, maninha!

— Não sinta tanto, Mônica. — Segurando seu rosto, eu beijava sua testa, sua face sentindo o gosto salgado de suas lágrimas. — Às vezes, as coisas não acontecem por acaso em nossas vidas. — Suspirei, contemplando o amor da minha vida. — Gabriel é uma prova disso. Ele é o sentido da minha vida.

— Concordo plenamente! — afiançou minha mãe, sorrindo na direção dos netos. — Você sabia da gravidez da sua irmã, Sacha? — indagou ela.

Assenti movendo a cabeça, e voltei a me sentar.

— Ouvindo atrás da porta do quarto da Mônica, presenciei a conversa dela com a Jussara e...

— A Jussara sabia? — interpelou minha mãe, inconformada.

— A Jussara era a minha melhor amiga, conhecia todos os meus passos — explicou Mônica.

— E uma amiga fiel — emendei. — Tenho contato com ela até hoje, e nunca ela sequer mencionou sobre o assunto. Eu também nunca contei que criei a Isadora.

Perplexo, meu pai sacudia a cabeça.

— Como você fez isso, minha filha?

— No dia em que a Mônica saiu de casa, eu a segui até a pensão onde ela se hospedou.

— Você foi muito esperta, Sacha. — Sorriu Mônica, agradecida. — Agiu sutilmente, não percebi nada.

— Meu coração não permitiu ficar fora desse assunto. Jamais me perdoaria se perdesse o contato com alguém de nosso sangue, sendo que podia fazer alguma coisa para reverter esta trajetória. Acompanhei todos os procedimentos com a Isadora posteriormente à sua doação. Tão logo ela foi entregue ao convento, eu ofereci meus serviços gratuitos de fisioterapia em troca de hospedagem. E claro! Uma criança linda como era Isadora despertou

muitos casais em busca de criança para adotarem. Para evitar perdê-la de vista, eu me identifiquei a madre Aurora, colocando-a a par de toda a história. Tinha planos de levá-la para casa, até a Mônica aprontar com o Ivan. — Olhei-a suspirando. Ela fechou os olhos, permitindo a emoção fluir. — E depois veio o acidente, as ameaças... o roubo da mamãe, meu noivado com o Ivan. — Minha mãe pegou na minha mão, na mesma emoção da Mônica. — Enfim, fiquei com medo do Ivan se vingar em cima da nossa Isadora. — Todos jogaram os olhares sobre as crianças. Enrico tinha muito jeito com elas, as gargalhadas chegavam até nós. — Então guardei segredo.

— Coitado do Anselmo, morreu sem saber que era pai — esboçou meu pai num fio de voz. Segurou minha mão e me arrastando para perto, passou o braço pelo meu ombro, colando ao dele e encostou sua cabeça na minha. — Você é uma pessoa iluminada, filha. — Fechei meus olhos, mas agora eu pensava no Henry.

Nem sei se fazia certo em esconder o Gabriel dele.

— Agora nos conte, quem é o pai do Gabrielzinho? — perguntou minha mãe.

Descrevia passo a passo sobre meus encontros com o Henry e parei em nossa noite no hotel.

— Não posso dizer que fui descuidada. O destino conspirou contra. — Todos me olharam sem entender. — O preservativo furou. Percebi no dia seguinte, quando o encontrei caído sobre o chão todo molhado abaixo. E não era água.

— Ele viu também?

Neguei meneando a cabeça.

— Quando levantei, o celular dele começou a vibrar e foi quando vi a mensagem do Ivan. Entrei em desespero. A princípio, eu acreditava que ele

era um membro da organização criminosa. Então, catei o preservativo, joguei na bacia do banheiro e dei descarga.

Minha mãe começou a rir revivendo o passado.

— Aí fugiu da casa do Ivan?

— Claro, mãe! Minha barriga já despontava, eu nunca tive relações sexuais com o Ivan, ele mataria a mim e ao meu bebê. E, mais uma vez, a Madre me acolheu.

— Naquele dia que você ligou, avisando ter desistido de tudo, me deu uma raiva imensa de você. E, depois vi que foi o melhor. A Mônica era cuidada por uma enfermeira em uma pensão, não muito longe de casa. Então fugir significou uma oportunidade maravilhosa de passar mais tempo ao lado dela. E agradeço a Deus.

— Não sei se te perdoei — falou meu pai. — Me sentia a pior criatura deste mundo em não ter estado no velório da minha filha.

— Idem! — expus.

— Eu só posso pedir desculpas, tudo culpa minha — cortou-nos Mônica.

— Tia Sacha, tia Sacha! — gritava a Isadora, pulando. — Vem nadar com a gente. Vem, vovô.

— Vo... Vô — chamou também o Gabriel, tentando imitar a prima.

— Assim eu não aguento! — Todo babão, meu pai se levantou. — Gostei da ideia de recomeçar nossas vidas, Sacha! — Assenti, feliz com esta chance. — Plantaremos a semente e regaremos todos os dias, até ela crescer. E comeremos os deliciosos frutos juntos.

— Teremos muito trabalho pela frente, então — exprimiu minha mãe animada.

— Estou dentro! — Ergui o dedo indicador direito e todos rimos.

Meu pai saiu correndo em direção ao mar.

Eu me sentei de um lado da cadeira e a minha mãe do outro, e cada uma segurava uma das mãos da Mônica. Ali, ficamos com nossos sorrisos estampados no rosto, admirando toda a alegria de avô e netos.

Com o argumento que precisava de umas férias, Enrico ficou conosco. Ele se apegou com as crianças, a minha mãe, e ficou tudo acertado de no dia seguinte ele me acompanhar por uma aventura com as crianças e meu pai. Conheceríamos praias paradisíacas, as trilhas, as cachoeiras e tantas outras atrações que a região oferecia.

Sofri muito nesta vida; revoltada, eu briguei com Deus e o mundo. Mas agora entendia perfeitamente as atitudes da minha mãe, ela não largava da Mônica um minuto sequer. A protegia com unhas e dentes de um jeito gostoso e bonito de se ver. E eu torcia para que minha jornada não me redirecionasse mais para longe da minha família. O que estava vivendo aqui e agora, com a minha família, era algo excepcionalmente magnífico.

A distância do Henry doía pacas, meu coração chorava, e não era pouco. O que era compreensível, ele fazia parte de mim. Fazia parte de um passado bom, que levaria comigo até o dia da minha morte.

Capítulo Vinte e Quatro

HENRY

Um mês depois...

A operação prosseguia em atividade constante, olhos por todos os lados, os agentes, policiais federais e toda a equipe do Bernardo, engajados e preparados para a ofensiva de capturar o foragido Ivan. Trinta dias se passaram, e não surgiu sequer uma pista, nada do Ivan, como também nada da Sacha.

Para dizer a verdade, o Ivan só vinha em minha mente quando alguém da equipe se dirigia a mim referindo-se à pessoa dele. Minha cabeça estava toda voltada para a Sacha. Não conseguia esquecê-la. A história de filho permanecia atravessado em minha garganta, e a porra que todas as mulheres perderam seus charmes. Não encontrava motivações para transar.

Com a Jussara, mantinha contatos diários, se não por telefone, ela batia em minha porta atrás de notícias. Ela jurava de pés juntos que nunca soube da Sacha grávida e mencionava a mesma curiosidade minha, em saber quem seria o pai.

— Entre, por favor! — autorizei quando alguém bateu à porta do meu escritório na empresa.

Disfarçando, peguei uma caneta e comecei a assinalar um contrato que tentei ler umas trezentas mil vezes, e por falta de cabeça, a leitura não evoluiu.

Meu pai entrou com sua cadeira e ao seu lado, o Filipe.

— Que tal dar mais vida a este ambiente? — comentou meu pai seguindo direto para a janela.

As cortinas fechadas eram uma forma de assegurar a concentração no trabalho, o lindo visual do Parque do Ibirapuera dispersava minha atenção. Tão logo ela fora aberta, recebi um jato de luz no rosto e a nostalgia bateu com força. Levantei-me indo contemplar a vista, e coloquei as mãos nos bolsos da calça preta.

— Amanhã o senhor deseja a sessão de fisioterapia aqui na empresa, ou em sua casa? — Filipe perguntou.

Meu pai se afastou com a cadeira para combinar com ele, e eu continuei ali, com o olhar perdido no verde, no horizonte. Eu estava completamente perdido.

Meu pai preferiu em casa, e então ele se despediu e saiu.

— O Filipe é um excelente profissional, no entanto, não chega aos pés da Sacha — ria com ele jogando confetes. — Ela sim, tem mãos mágicas — disse propositalmente.

Aliás, era só o que sabia fazer, uma maneira de contribuir para que eu não me esquecesse da Sacha.

— É melhor se acostumar, talvez a Sacha nunca mais apareça.

Ele balançou a cabeça chateado.

— Fico triste por você, afinal de contas, noto a sua perturbação. Mas eu não a julgo! Vulnerável, eu agiria da mesma forma. Cataria meus entes queridos e fugiria a fim de protegê-los.

Virei o pescoço o encarando.

— Ela deixou algumas explicações no ar. — Inspirei e expirei, puto da vida. — Sabe muito bem que abomino assuntos inacabados — o situei.

Ele arregalou um olhar insinuante.

— Estas coisas tendem a ser relevantes apenas quando nos importamos. — Meu coração errou a batida à sua consideração. — Você pode negar o diabo a quatro, mas eu, como seu pai, digo e afirmo: você se apaixonou de verdade.

Com o psicológico abalado, retornei à mão no bolso e rumei até a minha cadeira.

— Eu preciso terminar de conferir estes contratos. — Peguei a caneta e repassava os olhos, sem ver uma letra sequer à minha frente. — Se não se importar em me deixar sozinho.

Ele sorriu com carinho antes de dizer:

— Quando assumimos aquilo que nos torna frágeis, conseguimos traçar um caminho mais específico para seguir.

— A gente conversa à noite, em casa — determinei sem erguer a cabeça.

Tão logo ele saiu, pendi a cabeça e embrenhei os dedos pelos cabelos e novamente alguém bateu levemente à porta.

— ENTRA! — jogando a informalidade, expressei com rispidez pensando que seria a Roberta. Hoje, ela não me deu um tempo.

— Boa tarde, senhor Henry! — Carregando uma bandeja com café, Eva surgiu à porta com seu adorável sorriso. — Trouxe um cafezinho para o seu pai, mas ele recomendou trazer para o senhor, dizendo que está precisando mais do que ele.

Ri daquele velho sabido.

— Pode entrar, vou tomar um café. — Apoiei os cotovelos sobre a mesa e segurei meu queixo. — Quem sabe esta bebida, encorpada, não contribui para me despertar.

Observava cada movimento da simpática mulher. Pegando o bule, ela enchia a xícara com o café e me olhava por cima dos olhos.

— Eu sei onde ela está! — aguçou me entregando a xícara.

— O quê? — fiquei confuso com aquela frase súbita.

— Eu sei onde a menina Sacha está, senhor Henry. Não era o momento de dizer, mas tenho notado a sua infelicidade, e não posso suportar.

Meu coração enlouqueceu dentro do peito, mal respirava com a possibilidade de encontrá-la.

— Diga, por favor! — solicitei levando minha mão sobre a dela repousada à mesa.

— Antes vamos conversar! — assumindo um semblante estrategista, constituiu ela num tom pausado. O que me surpreendeu.

Era o oposto da senhorinha simpática e com ares maternais.

— Quem é você de verdade? — Desconfiei e me levantei de imediato, posicionando-me à sua frente.

— Calma! — Em defesa, ela ergueu as duas mãos na minha frente. — Compreendo que esteja com suspeitas, mas eu lhe garanto: estou do seu lado.

Respirei pensativo, e nem um pouco convencido.

— Se está do meu lado, quer dizer que não se importa de termos agentes aqui, testemunhando a sua explicação?

Ela ria com naturalidade, transmitindo confiança.

— Eu faço questão que chame a sua equipe.

Acionei o Bernardo, Herbert e o Leôncio, e optei por deixar o meu pai de fora.

Ela se sentou à minha frente na sala de estar, o Bernardo do seu lado, e os outros dois mantiveram-se parados em frente à porta.

Serenamente, ela narrou em detalhes: se apresentou como mãe do William, um dos membros presos na ofensiva no hotel. Ao mostrar a foto do filho, o reconheci como o cara dopado comigo no avião.

— Meu filho errou muito nesta vida, mas desde que conheceu a senhora Adele Ortiz, a mãe da Sacha — arqueei a cabeça. Ela deu sequência —, ele

vem se empenhando a mudar de vida. Ele seguiu a Sacha a mando do mafioso e conheceu sua mãe. A história de vida delas o comoveu bastante, agiu por detrás dos bastidores.

— Poderia explanar melhor este "atrás dos bastidores" — colocou Bernardo

— Claro que sim... Sem o conhecimento da menina Sacha, ele a ajudou na fuga da mansão. Disse que ela vivia uma tristeza sufocante; e como estava grávida, ele ficou com pena e desligou as câmeras e distraiu os capangas.

— Então ela tem filho com o Ivan? — amargurado, pensei em tom alto e a Eva respondeu:

— A vida íntima dela nós não sabemos, sinto muito.

— Pode continuar, por favor — interrompi o rumo da conversa.

— Enfim, o Ivan desconfiava do envolvimento do William na fuga da Sacha, e ameaçava a minha vida e a do meu sobrinho Enrico, caso suas suspeitas fossem confirmadas. Porém, não houve tempo dele investigar, devido à emboscada da polícia. No entanto, o perigo existia com o Ivan à solta. Precisávamos de uma efetiva liberdade, e por esta razão é que eu e o meu sobrinho, por detrás dos bastidores, entramos em campo a fim de ajudar na captura. Demos apoio de uma forma sutil, assim evitamos de sermos alvos certeiros.

— O Ivan continua suas atividades? — Bernardo questionou.

Ela deu de ombros.

— Embora não saibamos, acreditamos que sim. Este tipo de organização parece que nunca tem fim. — Deu de ombros. — Enfim, o nosso problema direto é o Ivan; então, no anonimato, nos empenhamos em unir você e seu pai com a Sacha. A Sacha era para o Ivan a sua maior conquista, e uma excelente isca para atrair o homem.

— Como exatamente atuou nestes encontros?

— Através de uma investigação minuciosa, descobrimos onde a Sacha estava morando, e frequentando em datas especiais de visitas, coincidentemente ficamos sabendo que o seu irmão esteve lá, atrás de adotar uma criança, inclusive estava em posse de um cartão do orfanato. Então, o Enrico visitou a mãe do seu irmão falecido, se passando como amigo dele, e jogou a opção do cartão, na esperança dela achar o bendito. E ela achou. Inconscientes, vocês seguiram nossas pistas.

— Então sobre ela bater na porta da minha casa como fisioterapeuta não foi coincidência.

— Teve o meu empurrão. — Ela ria da sua performance. — Estava servindo café aqui naquele dia, você não lembra? — Agora quem ria era eu, recordando. E de fato ficou enrolando servindo o café durante nossa conversa. — Gravei o nome do hospital que o moço de gravata comentou como indicação.

— O Guilherme — a coloquei a par do nome dele.

Ela assentiu.

— Então liguei para o Enrico, ele arranjou um jeito de indicar a Sacha. Até o encontro com os pais dela, ele ajeitou mandando encarte sobre um tratamento na clínica onde sua irmã estava em tratamento. E ele os ajudou a fugir.

— Como assim? — Fiquei perplexo. — A irmã dela morreu há alguns anos.

Erguendo as sobrancelhas, ela negava movendo a cabeça.

— Está bem vivinha! — confirmou. — A mãe fraudou, na intenção de proteger a filha do maléfico Ivan. Inclusive, a dona Adele necessitava de uma van, Enrico se apresentou com o transporte ideal, cobrando um valor sedutor. Neste momento está na companhia de toda a família no Litoral Norte de São Paulo.

— Pode me dar o número do telefone deste Enrico? — roguei ansioso.

— Não vai servir de nada! — Ela moveu os ombros. — Eles estão numa praia deserta, sem energia e nem sinal de celular.

— Deve ser bem deserto mesmo — ironizou Leôncio, pegando seu celular tocando no bolso do paletó preto. — Com licença — disse logo após ver o número no visor. E ao ameaçar sair da sala, Bernardo o questionou.

— Não é um momento adequado para atender celular, Leôncio.

Ele acenou de cabeça e suspirou fundo.

— É da minha casa, eu preciso atender, desculpa. — E saiu.

Descontente, Bernardo grunhiu tenso.

— Precisamos da localização correta — atropelei o clima pesado, me levantei do sofá na maior inquietação e repousei a mão no ombro da Eva. — Pode fazer isso?

— Eu vou com vocês — avisou com firmeza.

Olhei para Bernardo, que assentiu permitindo.

— Muito bem, nos dê neste instante o endereço, por favor.

Foi o tempo para um banho, pegar algumas roupas, que costumavam ficar no armário da empresa, e seguimos viagem ao Litoral Norte de São Paulo.

29

O clima estava brando, o céu reluzindo ao brilho das estrelas e da lua cheia, proporcionando um espetáculo, pintando as águas do mar de prateado.

E nós ali, naquele barco alugado. Uma operação foi montada do lado da Ilhabela, vários agentes e policiais federais uniformizados faziam a cobertura. Eu, Bernardo, Leôncio, Herbert, Eva e mais três agentes ocupávamos a embarcação a caminho da Praia do Bonete, extremo sul de Ilhabela. No geral,

levamos por volta de quatro horas e meia para chegarmos a este paraíso isolado, uma ilha larga e afastada de tudo.

Pelo caminho, combinamos que os três agentes fariam nossa segurança próximos ao barco. Eles usavam rádios e, caso ocorresse alguma divergência, todos os agentes estariam interligados, já que na ilha não havia sinais de celular.

— Leôncio, você está bem, cara? — Sempre muito atento, Bernardo secava o rosto do agente, assim que desembarcamos.

Um suor intenso descia de sua testa, rolando pelo rosto, pescoço e adentrando pela gola da camisa.

— Cara, eu devo estar doente! — Inspirou e expirou forte. — Pensa num calor insuportável.

— Será que existe menopausa masculina? — questionou Herbert, sarcástico.

Todos rimos.

— Idiota! — fazendo uma careta humorada, Leôncio retrucou.

— O calor por aqui está intenso mesmo! — afirmou Bernardo e seguimos caminhando logo atrás da Eva.

Algum tempo de caminhada e nós avistamos ao longe uma casa iluminada por um gerador, perdida na paisagem. Na praia à frente, rodeadas por lamparinas, como em um luau, algumas pessoas sentadas em cadeiras de praias, uma delas percebia nitidamente estar sentada sobre uma cadeira de rodas. Um homem alto e um parecendo velho, usando uma bengala, jogavam bola com um garotinho pequeno, enquanto uma menina maior corria atrás da redondinha.

— Mostra a eles o que você sabe fazer com a bola, Gabriel — tomado por um frio intenso na barriga, fechei meus olhos com aquele tom doce e alegre de voz.

Sacha! Ela se levantou da cadeira de praia, de longe notei que usava um vestido longo, claro e de alças. Os cabelos presos num coque frouxo no topo da cabeça. *Linda!* Mesmo de longe, notava sua fisionomia de felicidade e aquilo tocou em mim. *Ela não precisa da minha presença para sorrir.* Demonstrava ser a pessoa mais feliz deste mundo.

E sua empolgação aumentou com o garoto começando a driblar e espetacularmente considerando seu tamanho.

Todos aplaudiam.

— Este é o meu filhão! — ela gritou erguendo as mãos em direção ao céu, e aplaudia vigorosamente.

Era possível notar o movimento frenético sobre minha camiseta, tamanha a aceleração do meu coração, no seu próximo movimento: ela se jogou de joelhos em frente ao pequeno, o tomando nos braços.

Aquele abraço era único e majestoso!

— Eles vão se assustar com a nossa chegada — Eva, muito prudente, alertou.

— Tem razão — abanei. — Você vem comigo, e eles esperam bem aqui.

— Tem certeza? — confirmou Bernardo, incerto.

Arranquei a câmera da minha roupa e lhe entreguei.

— Não concordo com esta atitude, Henry — insatisfeito, contrapôs Herbert.

— Para estar escondida neste fim de mundo é porque deseja privacidade, e nós vamos respeitar, ok?

— Você quem manda, chefe! — pronunciou Bernardo, hesitante. — Neste instante, a câmera é irrelevante, temos a megaoperação em andamento. Todos que entram e saem desta ilha estão monitorados.

— Está cometendo um equívoco, Henry — interveio o Leôncio. — É mais apropriado se aproximar com segurança. Eu te acompanho — estabeleceu

com veemência.

— Ficarão todos aqui e ponto final! — Peguei na mão da Eva. — Vamos! — E a arrastei em direção ao luau.

Capítulo Vinte e Cinco

SACHA

Trintas dias corridos, e meu coração insistia em bater no compasso do Henry.

Ele estava em tudo, em todos os lugares, aqui na essência do meu bebê. O envolvia mais em meus braços, e aquele aperto no peito se achegou com tudo, era sempre assim quando abraçava o Gabriel, ou seja, vinte e quatro horas por dia. Eu não me cansava de abraçar esta fofura.

— O garoto leva mesmo jeito com a bola — pressionando o bastão na garganta, a voz robótica do senhor Sakura soou impressionada.

Olhando-o, sorri orgulhosa do meu garotão.

— Desde pequenino que ele ama bola — declarei, achando engraçado ele erguendo o calção florido, maior do que ele.

Aliás, sua forma de se vestir era exótica, sempre usando roupas dez vezes o seu tamanho. Mas ele era uma boa pessoa; hospedado na pousada do vilarejo, ele vinha frequentemente brincar com as crianças.

— Assim que possível o levarei em algum clube, para ele participar de uma peneira — prometeu meu pai, afoito e suspirou encantado.

— Ele será aprovado, com absoluta certeza. — A voz robótica se misturou ao barulho das ondas quebrando na areia. Só não interrompeu minhas lembranças com o Henry, à flor da pele.

Nosso último momento no quarto da sua casa não saía da minha mente, suas palavras doces. Nossa noite de amor em conchinha.

Delícia!

Eu não gostaria de morrer com este segredo! Porém, não me sentia segura em revelar a existência do Gabriel. Seria uma catástrofe, ele lutaria pelo seu direito de ver o filho, dividiria o Gabriel comigo e eu não podia mais suportar a distância do meu filho.

Esquece, Sacha! Deixe tudo como está.

Impossível! De uns dias para cá avaliava tudo sob meu ponto de vista, e a minha consciência importunava, pontuando o quanto estava sendo injusta com o Henry. Era equivocada a minha decisão de privá-lo do seu direito de pai, e o direito do Gabriel de ser filho.

— Cala a boca seu velho, babão! — brincou minha mãe rindo toda animada. — O garoto ainda nem completou dois anos.

— *Mamm*... — Gabriel ficou entediado com o meu arroxo e forçou o corpo para trás, caindo sentado na areia.

— Seu sapequinha! — Segurei na mãozinha para levantar.

— SACHA? — Aquela voz, rouca e profunda, ao longe soando em meu ouvido, fluiu como uma música e predominou ao redor.

Girei meu rosto e quase enfartei ao vê-lo caminhando em minha direção, a pouca iluminação não impediu de admirá-lo. E como estava charmoso, naquela calça jeans num tom claro e camisa branca, com as mangas dobradas até os cotovelos. Os cabelos a brisa dava um jeito de deixá-los rebeldes, dando um toque ainda mais divino.

— Henry! — finalmente saí do transe e pronunciei alguma coisa.

Levantei-me rapidamente e pegando na mão do Gabriel o empurrei para trás de mim, na parte mais escura, escondendo seu rostinho.

Todos se posicionaram em alerta.

— Vem com o vovô. — Notando o quanto estava ressabiada, meu pai o pegou em seu colo, recuando alguns passos se distanciando.

— Entra com as crianças, rápido! — ordenei precavida.

— Ei, ei! Calma! — Henry ergueu as mãos. — Estou aqui em missão de paz, Sacha.

— Eu duvido muito — contradisse, com toda desconfiança deste mundo.

Pois o medo de ficar sem meu filho era enorme, assustador, na verdade.

— Isadora, vamos entrar! — chamou minha mãe num tom de urgência. Isadora resmungou desanimada. — Entra com a gente, senhor Sakura.

Enrico veio ao meu lado em apoio, e focava atento na escuridão. Logo atrás do Henry, uma silhueta feminina se aproximava.

Logo uma mulher surgiu.

— Tia Eva? — Enrico expressou alegremente e correu abraçá-la.

Oscilava olhar entre eles, muito aflita, arredia com os três.

— Por que você o trouxe aqui, tia? — cobrou Enrico ao sair do abraço.

Eu arregalei os olhos, irresoluta.

— Meu Deus, Enrico! — Balancei a cabeça, indignada. — Você nos enganou impecavelmente, parabéns! — arrasada, aplaudi ironicamente. — Com esta história de pessoa humana, estava armando para nós. É um infiltrado! Só não estou assimilando sua aproximação com eles, Henry.

— Sua interpretação é equivocada — defendeu-se Enrico, avançando um passo.

Assustadíssima, eu recuei.

Só era capaz de pensar na minha família no interior da casa.

— Não se aproxime! — exigi cruzando os braços ao redor do meu corpo.

— Eles são pessoas do bem, trabalham ao nosso lado, contra o Ivan — explicou Henry. Mudei o olhar para aquela senhora. Realmente sua expressão estava mais para cara de vó, do que vilã. — Antes de concluir qualquer coisa, escute o que eles têm a dizer — aconselhou-me.

— Eu sou a mãe do William.

— Mãe? — Meu corpo inteiro congelou ao ouvir aquele nome.

Descruzei os braços e imperceptivelmente dei mais um passo para trás.

— Não é o que está pensando, querida — proferiu ela num tom confiante. Detive-me, curiosa para ouvi-la. — Como eu esclareci hoje para o senhor Henry, meu William errou em se aliar à máfia, e está arrependido, tudo o que deseja é recomeçar. E para que isto seja possível, o Ivan deve ser preso.

— Você falou, hoje? — Fiquei confusa e olhei para o Henry.

— Sim — afirmou ela calmamente.

— Somente hoje tomei ciência — confirmou Henry.

— Eu estava infiltrada como copeira na empresa do senhor Henry, a pedido do meu William. Conhecer a sua mãe, conversar com ela, mudou o meu filho para melhor. Ele se impressionou com a história de vocês.

— Espera, espera! — Passei as mãos pelo rosto, numa confusão de pensamentos. — Onde o William conheceu a minha mãe?

— No dia da festa do hotel! — Meu cérebro começou a rebobinar, as lembranças vagueavam dentro da minha mente e cheguei ao momento em que saía da casa da minha mãe naquele dia, ela de fato conversava intimamente com o William. — Ele estava ciente da boneca ocupando a cama no seu lugar. Apenas fez vistas grossas. Sua mãe foi muito persuasiva, na intenção de desvencilhá-lo do seu rastro. Ela ganhou o coração do meu filho, e o alinhou nesta vida. Inclusive, ele sabia que a menina estava grávida e a ajudou a fugir da mansão.

Meu coração descompassou, baixei meus olhos refletindo o passado, a câmera no lado do muro que pulei estava desligada.

— O problema é que o Ivan começou a suspeitar das facilitações, e não ameaçou somente meu filho, mas a todos nós da família — continuou ela. — Unir você e o senhor Henry foi a alternativa encontrada de agir habilmente. O senhor Henry precisava de uma isca, Ivan era apaixonado por você, um

chamariz perfeito. E com todo o aparato de segurança, nos aliamos sem que ninguém soubesse. A verdade é uma só, nenhum de nós teremos paz com o homem à solta.

— Os encontros de vocês não foram casuais, Sacha — revelou Enrico. — O encarte mesmo, foi uma forma de reencontrar a sua família.

— Inclusive, a vaga de fisioterapia foi arranjada por nós. Ouvi a conversa na sala do senhor Adam e o senhor Henry, e ajustamos tudo.

Rindo, eu olhava para os três, pasma.

— Todos aqui estão seguros, não se preocupe — afiançou Henry.

— Ah... — começou o Enrico, e o Henry o impediu estendendo a mão à sua frente.

— Depois. — A sua autoridade e as sombras de alguns homens se aproximando me deixaram em pânico. Comecei a chorar e a tremer.

— Por que você veio? O que você quer? — perguntei em total desespero, imaginando-o saindo daqui, arrastando meu filho com ele.

— Tranquilize-se. — Com apenas alguns passos largos ele chegou perto, não me dando a chance de reagir e fechou os dedos, grandes e com firmeza, em meus ombros. Inspirei com seu toque, causando um arrepio tremendo por todo meu corpo. — Não há a necessidade de todo este receio, Sacha. — As palavras sendo pronunciadas no seu tom rouco, e os olhos translúcidos examinando meu rosto, me guiava na trilha do fracasso.

— O meu trabalho já foi concluído! Não precisa mais da minha presença, a isca já foi lançada; e se for como vocês acreditam, em breve o Ivan dará as caras. E eu não pretendo estar presente quando isso acontecer. — Sorrindo levemente, me encarava profundamente, como se procurasse por minha alma.

— Não se trata do Ivan! — falou umedecendo os lábios grossos com a ponta da língua. O movimento seguiu a trilha enervante, a ânsia em

experimentá-lo elevou a minha temperatura corporal. Era um erro dos grandes fraquejar e permitir a emoção ditar as regras.

— Diga logo por que você veio, pelo amor de Deus!

— Eu não sei... — cedeu no tom baixo, subindo a mão lentamente, e tocou em meu pescoço. Meu coração ardeu, como todo o resto, ao seu polegar acariciando meu maxilar. Meus sentimentos por ele assaltavam a minha razão. Ela estava quieta, sem ação, e eu impotente, com meu coração batendo de saudades dele. — Por que não me ajuda a descobrir?

Balançada por sua voz rouca, segurando o choro, eu perambulava meus olhos pelo rosto másculo, exprimindo a mais casta sinceridade.

— Vai embora — tentando ser irredutível, segurei no seu pulso, o afastando do meu rosto. — Não me procure nunca mais — a solicitação era o oposto do que meu coração queria, que eu queria.

E ele notou, rapidamente moldou meu rosto entre suas mãos grandes, fortes e quentes, o levando para mais perto. Experimentando seu hálito em contato com minha pele, fechei os olhos tocada.

— Você quer mesmo que eu vá embora? — indagou encostando a ponta do seu nariz no meu.

Toda entorpecida, não havia condições de qualquer manifestação, a não ser sentir seu calor irradiando.

— Vem, tia! — inativa, ouvi a voz do Enrico distante, e depois os passos se afastando. — Eu já volto, tia Eva, vou dar um pulo no mercadinho para comprar um cigarro — ainda deu para ouvir o Enrico dizer.

— Me deixe em paz... — balbuciei, vendo a cabeça dele curvar e sua testa encostar na minha.

— Eu não posso. — Molhando seus lábios com a língua, corria seu polegar pelos meus lábios. — Eu não tenho vontade de me afastar de você. — Roçou seus lábios nos meus. — Nestes últimos dias, você povoou a minha

mente — revelou, me dando um tesão absurdo, senti minha calcinha encharcada.

Engoli em seco, calculando uma distância maior da casa sendo abordada pelo fantasma dele roubando meu filho, e o empurrei.

— É mentira! — Corri me afastando, e parei entre as cadeiras.

Determinado, ele correu atrás e abraçou minha cintura por trás, unindo nossos corpos.

— Não pode dizer isso! — inspirei longamente, fechando os olhos com ele falando, sussurrante entre meus cabelos.

— Esqueça que eu existo, por favor, Henry! — implorava num resquício de voz. Não sabia ser dura com ele, ainda mais sentindo seu coração batendo forte nas minhas costas. — Não vou mais servir aos seus propósitos.

— O único propósito hoje é você, Sacha — cochichou rouco. Uma das mãos juntava meus cabelos, os levando para o lado, abrindo espaço em meu pescoço e outra apertava a minha cintura. Estremecida, engoli duro, sentindo sua dureza, grossa e quente, vibrando na minha bunda.

— Você é um mentiroso. O seu único objetivo é capturar o Ivan. Só lhe peço, por favor, me exclua desta — resmunguei, toda mole com ele se esfregando e seus lábios mordendo minha nuca, de um jeito muito excitante. Seu perfume amadeirado e magnífico me deixou zonza.

— Eu juro! — segredou em minha pele e desceu beijando até meu pescoço. Não contive o gemido, sentindo sua barba na minha pele. — Foda-se o Ivan... — um fio de voz soou entre mais um beijo, enquanto descia as mãos pela minha perna, um palmo acima do joelho, ele me apertou com força contra ele. — Eu quero que ele se lasque! Nada e nem ninguém é mais importante do que você!

Suas mãos subiram por dentro do vestido, massageando fantasticamente minha pele, e sem pedir permissão levantou a parte de baixo da roupa,

deixando minha bunda à mostra, cavou sua imensa ereção, a ponto de rasgar a calça dele.

Ouvindo sua respiração rápida, entrecortada, era inevitável parar por ali, odiando a minha fraqueza e envolvida demais com este homem, empinei bem, apertando o máximo contra ele, sentindo o pulsar violento em mim, o desejando com a força da minha alma.

Puxando a calcinha para o lado, ele tremeu me comprimindo ainda mais, ao sentir o quanto estava excitada.

— Que saudade eu estava dela! — Deslizava os dedos firmemente pela minha, necessitadíssima vagina, e me dava chupadas e beijos, degustando, explorando cada pedacinho do meu pescoço, aliado a sussurros de palavras quentes, de arrepiar toda. — Eu preciso sentir você. — Penetrou o dedo duramente, arrancando gemidos altos meus. — Eu necessito, Sacha — insistiu, me fodendo desesperado.

Naquele momento de pura luxúria, meu juízo desaparecia e eu queria, e muito senti-lo dentro de mim. E girei de forma abrupta, catando seu rosto e o puxando para um beijo. E foi ele quem domou o instante, agarrado à minha bunda, forçava os dedos entre ela, me beijando perversamente gostoso, e excitante.

— Entra em mim, Henry! — supliquei.

Tremendo, ele afastou rapidamente e pegou na minha mão levando-a até seu pênis duro, pulsando magnificamente.

Não resisti, abri sua calça e abaixando apenas um pouco, o peguei entre meus dedos.

— Céus! — Morrendo de saudades, de vontade, gemia em seus lábios e os lambia movendo a mão, fazendo um vai e vem gostoso, sentindo as veias saltadas pulsarem. Ele ofegava. — Eu quero ele.

— É o que mais desejamos — revelou mordendo meus lábios, passou a ponta da língua no canto da minha boca e correu com ela até meu ouvido. — Parece um sonho que estamos aqui, juntos, Sacha! — rosnava com minha massagem dura, comprimindo a glande, quase estourando.

Arredou, prendendo seus olhos cinzentos brilhando nos meus, tocava em meus seios. Estava arrepiada com ele apertando os bicos intumescidos e sensíveis.

— Para mim também é um sonho você aqui — revelei, observando seus olhos lacrimejarem.

Rindo apaixonante, ele juntou meus pulsos os prendendo em seu peito, no movimento alucinado.

— Promete nunca mais fugir de mim, Sacha! — murmurou abafado. Entre lágrimas, eu disse sim movendo a cabeça, e fui surpreendida com as mãos grandes moldando meu rosto e guiando meus lábios aos dele. — Eu quero ouvir a confirmação com a sua voz — sussurrou em desespero.

— Prometo, prometo — respondi, sendo nutrida por todo aquele carinho. Uma mão desceu segurando firme minha cintura, a outra subiu à minha nuca. Prendendo-me completamente a ele, sua língua pressionou dentro da minha boca, num beijo abrasador.

Moldei seu rosto curtindo aquele beijo único, e temendo o resultado final de nossa história em relação ao Gabriel. De repente, ele poderia me odiar.

Solucei sem querer e, notando, ele afastou buscando meus olhos.

— Me dê o prazer de ter você dentro de mim, Henry — supliquei.

Mais que depressa, ele envolveu seus dedos nos meus, e a outra mão pegou uma das cadeiras e nos levou até o ponto onde não havia iluminação. Ali, em meio a escuridão, em total privacidade ele caiu sentado sobre a cadeira, enlouqueci com o olhar travado no seu mastro em posição de hastear a bandeira. Arrastando-me de frente, ele ergueu meu vestido.

— E o preservativo? — Ainda havia um resquício de juízo.

— Eu quero sentir pele com pele.

Titubeei preocupada.

— Você continua sendo a única mulher com quem transei sem proteção. Estou nas suas mãos — garantiu tão bonitinho que este meu coração apaixonado me impediu de raciocinar. — Vem logo, eu gozo fora. — Brutamente gostoso, ele me colocou sentada em seu colo. — Uhhh... — rugiu alto. — Gostoso! — Levantou um pouco meu quadril e afastando a calcinha para o lado, o encaixou penetrando violentamente.

O prazer de sentar naquele pau duríssimo era coisa de outro mundo. Já beirava a insanidade, cedendo tudo para ele, do jeito dele.

Enrolou meus cabelos em seu punho e guiou minha boca à sua, me devorando selvagemente, meus braços estavam fechados ao redor do seu pescoço, com meu corpo sendo sacudido com as violentadas e firmes estocadas.

O som dos nossos gemidos, se misturavam aos das ondas do no mar, com os farfalhar das folhas embaladas pelos ventos, o mesmo vento fresco que tocava nossos corpos em chamas.

— É muito gostoso foder você assim, duramente. — Segurando minha nuca quase engolia minha língua, alucinado fodia forte minha vagina, excitadíssima por ele. O prazer proporcionado, fazia dele o meu maior vício.

Já estava sem fôlego e quase lá, apoiei meus pés no chão subindo e descendo meu corpo, ajudando-o no movimento. Senti-o crescer e ficar arroxado em meu interior.

Henry grunhindo meu nome, acelerou desencadeando espasmos pelo meu corpo.

— Henry, eu vo... — Não adiantou tentar, as palavras não saíram devido ao tesão absurdo. Então contraí meu corpo, explodindo num orgasmo

arrebatador.

— Caralho! — urrou tremendo e me apertando para baixo, ao sentir as paredes internas o comprimir. E enfiando o rosto na curva do meu pescoço, senti-o se derramando dentro de mim.

Gozando, ele retornou aos meus lábios, ali o beijo se tornou diferente, calmo, intenso. Parei de buscar suas características, pois ele tinha mil e um significados.

— *Mamama* — o choro do Gabriel pedindo por mim preencheu ao redor.

Desesperada, saí do colo dele arrumando meu vestido e cabelo enquanto ele também se vestia rapidamente.

— Calma, bebê! Estamos indo até a mamãe! — se aproximando com o neto no colo, meu pai conversava com ele no intuito de tranquilizá-lo.

Olhei para o Henry e ri fracamente, ele não. Permaneceu sério enquanto aguardamos a aproximação.

— Oh, meu amor! — Peguei o Gabriel em pranto do colo do meu pai. — A mamãe está aqui, não chora. — Alisei o rostinho molhado.

— Está tudo bem, Sacha? — meu pai perguntou oscilando seu olhar entre nós dois.

Os do Henry pararam pensativos sobre o rosto do Gabriel.

— Espera! — solicitou ele surpreso. — É o garotinho do orfanato — esboçou, rindo abobado. — O craque de bola. — Tombou a cabeça sobre o ombro, me fitando interrogativo. — Ele morava no orfanato com você?

Ele esticou a mão, mas recolheu com o Gabriel agarrando meu pescoço e escondendo o rostinho em meu ombro.

Confirmei movendo a cabeça de cima a baixo. Escondendo as mãos trêmulas dentro do bolso da calça, ele grunhiu desentendido.

Desviei o olhar para o meu pai. De imediato, ele compreendeu a necessidade de espaço. E girando, rumou o caminho da casa notando a

necessidade de uma conversa particular.

— Ele é filho do Ivan? — perguntou imerso em receio.

A tensão tomou nitidamente seu rosto, transmitindo certo medo da minha resposta. Eu sentia medo em declarar a verdade.

— Não! — deixei sair, apertando o corpinho do Gabriel junto ao meu. — Entre mim e o Ivan não houve uma relação sexual. Antes de você, eu havia transado uma única vez, aos 18 anos.

Ele arqueou transtornado.

— Quando acordei de manhã no hotel, vi o rosto do Ivan no seu celular e o preservativo vazando no chão. — Um sorriso estranho plantou no canto de seus lábios, prossegui, evitando me acovardar: — Sim, estava furado e o desespero foi tão grande... — Rolando os olhos, parei com eles no céu estrelado, e solucei recordando-me daquele dia. — Ali, acreditava fielmente que você era mais um membro da máfia. Em medidas de segurança, joguei o preservativo no vaso do banheiro e dei descarga. — Ele permanecia sério, estático, só escutando. — Saí de lá orando, orando... Mas aqui está o resultado das orações. — Beijei a cabeça do meu filho.

— Meu Deus! — Tirando as mãos do bolso, ele levou à cabeça, infiltrando os dedos por entre os cabelos, numa atitude nervosa, emocionada, sei lá. Ele estava esquisito.

— Minha barriga já dava sinais quando decidi fugir da mansão. O Ivan se vingaria da minha família, com certeza.

— Porra, mulher! — esboçou em um tom contido de voz e se aproximou, nos envolvendo em seus braços, apoiando o queixo sobre a minha cabeça. — Sofreu pra caralho! — Ele nos abraçava mais e mais forte. Sentia que estava chorando. — Meu filho? — murmurou num tom embargado pelas lágrimas, enquanto depositava vários beijos na cabeça do Gabriel.

— Sim... — confirmei com os olhos fechados, curtindo o abraço acolhedor. — Você deixou claro naquele dia no bar, sobre filho não estarem nos seus planos, mas ele é o nosso filhinho!

— Para! — advertiu, nos abrangendo mais em seus braços. — Foi da boca para fora. Estou que não me aguento de felicidade, Sacha! — Afastou-se olhando para o Gabriel, ele ria como se não estivesse acreditando. — Oi, garotão! — moldando a mão na parte de trás da cabeça do nosso filho, Henry conversou com ele. — Que tal jogar bola?

Apaixonado por bola, Gabriel logo ergueu a cabeça com um sorriso animado nos lábios.

— *Boia*, *boia*. — Apontava com o dedo indicador para o objeto de sua paixão ao lado de uma das cadeiras.

E quando o Henry lhe estendeu a mão, ele se jogou em seu colo.

Henry caminhava com o Gabriel o pressionando em seus braços. Lindo, ele chorava em meio ao sorriso. Abracei meu corpo, megafeliz.

E tão entretida naquela emoção, não notei meu pai se achegando.

— Seu filho é muito amado, Sacha! — disse contornando o braço na minha cintura e deitou com a cabeça em meu ombro. — Este Henry parece ser um bom rapaz, e gosta de você.

O fitei, ele riu malicioso.

— Fiquei o tempo todo observando com receio de sair briga, e a única coisa que presenciei foi um bom e forte amasso de vocês.

Grunhi, rindo envergonhada.

— Desculpa, pai! — Encolhi meu corpo deitando a cabeça sobre a dele em meu ombro.

Ele riu, negando de cabeça.

— Não é para pedir desculpas, filha. — Colocou-se à minha frente, sua mão áspera acariciava minha face. — Merece toda a felicidade desta vida; e

pelo que entendi, este rapaz faz parte dela.

Concordei.

— Ele é parte de mim.

— Sim, sim — sussurrou vindo aplicar um beijo terno em minha face. — Minha filha guerreira. — Seus olhos fixaram nos meus. — Carregou uma pesada carga sozinha. Uma tremenda injustiça que fizeram com você, Sacha.

— Dizer que foi fácil, estaria mentindo. No entanto, colhi maravilhosos frutos — confirmei observando meus dois amados batendo bola na areia.

O Henry se deliciava na companhia do Gabriel e acenou me chamando.

Eu não podia ficar de fora desta alegria.

— Acho que vou jogar bola com eles.

— Vai sim, minha querida! A gente precisa viver e registrar momentos como estes.

Saí voando, ansiosa pela companhia dos dois.

O belo cenário rendia momentos inesquecíveis: natureza, praia, eu e o Henry ríamos como dois bobocas com as gracinhas do nosso filho.

Capítulo Vinte e Seis

HENRY

Desde a primeira vez que eu a tive em meus braços, no dia do primeiro esbarrão, algo estranho tomou meu ser. Mulheres de montões já passaram pelo meu crivo, porém, nenhuma delas tocou tão fundo. Com a Sacha sentia meu sangue ferver nas veias.

Em ebulição, subia ao meu coração, e ele estava viciado nesta temperatura, desde então, passou a atiçar o meu cérebro a recordar dos momentos surreais. Inconformado com esta reação toda, eu relutei muito, lutei contra este sentimento aflorando, de maneira intensa, dentro do meu ser o tempo todo. Lá no fundo, a minha alma estava ciente de que se travava de uma guerra invencível.

Com ela, as emoções não eram fragmentadas, não havia remendos, era uma linha constante, e forte.

— Chuta a bola aqui para a mamãe, Gabriel — no seu sorriso amplo e contagiante, Sacha pediu a nosso filho.

Na maior habilidade, ajeitou a bola no pezinho.

MEU FILHO! Paralisado, observando mãe e filho disputando a bola, meu coração ardia dentro do peito. Em minha vida corrida, agitada, nunca planejei ter um amor, e ser pai de alguém, então! E, de repente, recebi uma oportunidade como esta. Sentia-me o máximo sendo "pai", era como ter a terra e o céu dentro de mim. Uma potente e indescritível emoção, que trazia junto a euforia.

— Vai ficar aí apenas olhando? — desafiou Sacha.

— Veeemmm! — Gabriel largou a bola e no seu caminhar fofo, veio me buscar. Seus dedinhos pegaram na minha mão e me levou para perto da sua mãe.

— Está feliz? — indagou singela.

Pesquisando meu rosto com cautela e receio, notei uma tristeza começando a absorver seus olhos expressivos.

— Muito. — Enrolei o braço em sua cintura a puxando, violentamente contra meu corpo, afundando o rosto na curva do seu pescoço. — Recebi de você o melhor, maior e mais valioso presente. — Beijei seu ouvido, sentindo-a tremer em meus braços.

— *Boia*, *boia*! — Gabriel agarrou minha perna e puxava. Meu braço se desprendeu da Sacha.

Rindo, curvei-me o pegando em meu colo e dando muitos beijos naquele rostinho macio, e meu. E arquei a cabeça buscando seu olhar.

— Fala papai, Gabriel! — pedi ansioso.

— *Paaap*. — Meu coração se derreteu, literalmente. Rindo como um bobão, esmaguei-o em meus braços.

Com as mãos sobre os lábios, Sacha sorria, abundantemente contente.

— Tia Sacha, eu também quero jogar bola — A voz de uma garotinha se aproximava. Apartamos o abraço a aguardando.

— O nome dela é Isadora — mencionou Sacha e girou o rosto me olhando, enquanto os meus olhos persistiam no rosto daquela menina tão familiar.

— É a garotinha que eu e a Maria Cláudia pretendíamos adotar. — Surpreso, rolei os olhos rindo.

— Isaaa... — Gabriel pegou na mão dela e os dois se afastaram. Um jogava a bola para o outro.

Encarei a Sacha, que demorou alguns instantes para me doar a sua atenção.

— Por que ela te chama de tia?

— Porque eu sou a tia dela, ela é filha da Mônica.

— Filha do Ivan?

— Não, não! — Sua expressão se fechou em repulsa, enquanto balançava a cabeça em negativa. — Minha irmã teve um relacionamento anteriormente, e ao romper o noivado, ela já estava grávida.

— Sério? — questionei, pelejando entender. — E abandonou a filha contigo no orfanato?

Seus olhos encheram de lágrimas, comovido, passei o braço em seu ombro o colando ao meu, e então ela narrou como tudo aconteceu.

— Puxa! — exclamei irresoluto ao caráter apresentado da sua irmã. — Largar a filha no hospital após o nascimento foi uma atitude cruel, não concorda?

Ela deu de ombros antes de se pronunciar:

— Todos nós cometemos muitos erros ao longo de nossas vidas. Aliás, viver é uma grande aventura e requer habilidade.

A prendi com firmeza contra meu corpo, embora envolto de um enorme julgamento sobre a tal Mônica, perpetuei no silêncio.

— Criar a Isadora no orfanato foi um grande desafio, Henry! — Ela riu apaixonada. — Fiz tudo o que estava ao meu alcance para ela não perder a referência de família. Com algumas economias guardadas da época da minha loja, e uma forcinha da Madre, custeamos seus estudos. A Isadora é a única criança que estuda em escola particular. Por isso, o salário oferecido pelo seu pai se tornou tão atraente. Veio na hora certa, minha conta corrente estava secando. E valeu a pena toda dedicação, mesmo porque, adquiri vasta experiência com crianças, ajudando muito com a criação do Gabriel.

Vergou a cabeça abraçando meu pescoço, seus olhos cintilavam em contato com os meus.

— Não quer entrar para conhecer a minha família? — sugeriu acanhada.

Pendi a cabeça comprimindo meus lábios em sua testa.

— Desejo conhecer tudo o que diz respeito a você, Sacha Ortiz, mãe do meu filho — murmurei contra sua pele, sentindo-a estremecer. — Estou aqui imaginando a reação do meu pai quando ele conhecer o neto.

Inesperadamente, ela recuou saindo meus braços, com seus olhos tomados de uma forte tensão.

— Eu sinto muito, mas não pretendo retornar à sua casa. Vou partir com a minha família, enquanto o Ivan representar perigo, nós nos manteremos longe.

— Faz muito bem em temer o Ivan, minha bela Sacha!

A sensação de ouvir o tom de voz demoníaco, em deboche, soou angustiante em preocupação com as crianças e a Sacha. Ambos olhamos na direção dele, quase que mecanicamente juntos. Petrificados, nos deparamos com aquele japonês, agora sem bengala e corpo bem ereto. Olhando-o de perto, o homem era extremamente bizarro, as duas mãos empunhavam armas, uma mirava a minha cabeça e a outra, na da Sacha. Corri os olhos ao redor à procura dos agentes, e nada; o silêncio só era importunado pelas ondas se quebrando na areia, até que Gabriel começou a chorar.

— Sentiu a minha falta, noivinha? — Ivan riu diabolicamente, assustando a todos enquanto retirava a capa dos dentes podres revelando dentes saudáveis, e muito brancos; em seguida, retirou a máscara. Ele estava completamente diferente, mais jovem, o nariz mais afinado, o queixo mais encurtado, e olhos mais puxados.

— Nos enganou direitinho, acreditei de verdade em um senhor Sakura gentil — Sacha pronunciou, oscilando os olhos pelas crianças.

— Pega logo este garoto chorão e vamos entrar todo mundo— Sacha correu para pegar Gabriel no colo ao tom ameaçador.

— Oh, meu amor! A mamãe está aqui, não chora. — Ela alisou o rosto molhado.

E eu peguei a Isadora no colo em seguida, e sob a mira dos revólveres, caminhamos em direção à casa.

Merda! Onde será que se meteram os agentes?

Meu coração saltou no peito ao chegar à porta da sala de pouca mobília e objetos coloridos alegrando o ambiente. A variação de cores não mudava o cenário de morte.

Com cada mão segurando uma arma estava o Leôncio, em pé ao lado da cadeira da Mônica em prantos. Presumi comparando-a a Sacha fisicamente, embora os cabelos e olhos fossem escuros, a semelhança era gritante entre as duas. Uma das armas de Leôncio fincava o cano na bochecha da moça, e a outra apontava para os pais da Sacha e a Eva, atrás da cadeira.

— Coloca a bastardinha — Ivan apontava o cano da sua arma para Isadora em meu colo —, no colo da filha da puta, ali. — Mudou para a Mônica. — Vai com este garoto idiota para trás da cadeira, Sacha. — Acomodando Isadora no colo da mãe, disse baixinho:

— Fica tranquila, tá? — fungando, compreendendo o perigo do momento, ela não se manifestou.

Estático, perambulava os olhos pelo ambiente, procurando alguma alternativa de fuga, ou para agir.

— Vai para trás da cadeira você também, doutorzinho de araque — ordenou —, antes que eu estoure os seus miolos. — E engatilhou.

Desesperada de a arma disparar, Sacha lançou-me um olhar choroso.

— Fique calmo! — Acenei com a mão.

— Eu estava calmo até você e a Sacha ordinária me aporrinharem com aquela notícia de casamento. Você nunca vai se casar com a minha Sacha! — rosnou pressionando o cano na fronte da Mônica, acionando o gatilho.

— MÃE! — gritou a moça.

Isadora não resistiu ao desespero e armou um berreiro junto com o Gabriel.

— Eu que tenho que morrer, Ivan. — A mãe da Sacha batia efusivamente sobre o peito. — Não minha filha.

— Esta vagabunda nem era para estar viva. E se quer saber, eu vou matar a família inteira — ameaçou acionando o gatilho da outra arma.

— Sangue frio, cara! — tentava de todas as maneiras. Precisava fazer alguma coisa. — Podemos tentar um acordo financeiro bom para você. E prometo cuidar para sair daqui, sem ser importunado.

— Eu não vim fazer acordo do caralho nenhum! Estou aqui para deixar registrado que ninguém neste mundo pode me afrontar, como esta família fez. — Mirou o cano da arma no rosto de cada um, e parou no do Gabriel.

— E este bastardo é filho de quem, sua piranha? — indagou amargamente a Sacha.

— *Mamammm*... — Inconsolável, Gabriel irritou o tirano.

— Cale a boca dele, senão vou estourar os miolos dele primeiro!

— Filho, filho, filho — Sacha o espremia nos braços, o acalmando. — Para de chorar, por favor... — Eu, angustiado, alisava a cabecinha dele, no entanto, sem desviar os olhos do Ivan.

— Se cometer a atrocidade que propõe, nunca sairá desta ilha vivo. Está cercado, a polícia está toda lá fora — avisei, sendo hostilizado.

Uma risada sinistra explodiu de seus lábios medonhos.

— Diga a este doutor imbecil como está lá fora, Leôncio. — Riu se vangloriando.

— Todos imobilizados! — garantiu Leôncio, quase chorando.

— O que é isso, Leôncio?

— Me perdoa, Henry! — O homem comprimiu os lábios, com as lágrimas evidentes nos olhos. — Têm bandidos na minha casa, com a minha família. Um pouco antes de sairmos da sua sala, eles ligaram no meu celular.

— Chega desta baboseira! — zombou Ivan e enfiou o cano dentro do ouvido da Mônica.

— Eu não vou permitir — finalmente o Leôncio se manifestou. Mudou a mira para a cabeça do Ivan. — Mais um movimento e eu atiro.

— Qual é, cara? — Ivan riu sarcástico. — Se eu não der sinal de vida, meus homens irão jogar seu filho da janela do seu prédio.

— Céus! — Sacha começou a chorar atrás de mim.

— Preciso de você calma, querida — virando o rosto, cochichei.

— Tá... — A voz abafada ativou meu senso de proteção. Queria muito virar e abraçar a todos, mas não podia dar um passo.

E Leôncio, na maior coragem foi de peito aberto para cima do Ivan, e um estalo ocorreu na sala, pois a bala subiu atingindo e atravessando o telhado.

Ambos com os dedos no gatilho travavam uma luta no chão. Por um segundo analisei a possibilidade de arrancar um revólver da mão do Ivan, e logo desisti, com o risco indicando ser elevado. E outra que não sabia quantos homens do Ivan estavam lá fora.

— Vamos nos dispersar, um grupo para cada lado e tentar pedir ajuda.

Eu saí correndo em direção à praia com a Isadora no colo e a Sacha com o Gabriel; a mãe da Sacha se embrenhou no mato com a Mônica; e seu pai, em companhia da Eva, pegaram outro rumo.

Passando pelas cadeiras, ouvimos barulhos de tiros vindo da casa.

— Meu Deus! — gritou Sacha.

— Continue, querida! — pegando na sua mão, a incentivei a correr.

— PAROU, PAROU, PAROU! — gritou Ivan vindo no nosso encalço. — Ok, já que são tão burros... — Ouvimos um barulho de metal. Prudentes, paramos; e, ao nos virarmos, o monstro que estava a uns dez metros de nós, subiu a mão direita, agarrada firmemente a uma granada, envolvendo-a por inteira e a alavanca percursora. — Ninguém gosta de ver criancinhas explodindo no ar, não é mesmo? — chantageou.

Desesperado, lancei um rápido olhar para Sacha atada ao Gabriel, e a Isadora em meu colo, meu coração disparou, constatando o quanto estávamos expostos. Lentamente desci a Isadora no chão, Sacha já pegou na mão dela indo os três para trás de mim.

— Por favor! — implorei, erguendo as duas mãos no ar.

Ivan riu maléfico, se aproximando cada vez mais.

— Agora é por favor? — zombou. — Acha mesmo que deixaria barato a traição de todos vocês. Não! — Movimentou a cabeça rapidamente, de um lado ao outro. — Você e o papai foderam com a minha vida, tudo por causa do irmãozinho otário. Você, em dose dupla, quando resolveu comer a minha mulher. — A mão asquerosa, segurando o artefato explosivo, apontou em meu rosto. E grunhiu furioso, direcionando o olhar flamejante a Sacha e as crianças. Arrastei meu corpo na direção dos olhos do mafioso tirando sua visão, e recuando mais um passo, grudei minhas costas nos três. — Como eu me enganei com você, Sacha! Imaginei que seria mais sensata do que a vadia da sua irmã, Mônica. Aliás, a vaca da sua mãe fugiu com ela, mas tudo bem. Depois eu cuido das duas.

O movimento do braço indicava que lançaria a granada em nossa direção.

— Por favor, IVAN! Agir pelo impulso pode ser devastador, cara!

— Impulso? — O crápula soltou uma risada sinistra. O Gabriel não entendia a situação, porém, sentia o clima pesado, novamente ele começou a chorar, convulsivamente, despertando o olhar odioso do Ivan. “Pensa, Henry,

pensa", mentalmente procurava uma alternativa eficaz, qualquer vacilo e tudo voaria aos ares. — Foram dois anos consecutivamente planejando esta vingança — continuou ele. — E hoje é o dia ideal do extermínio, não vai sobrar ninguém. Especialmente, os traíras: a mãe, o sobrinho e depois o William; eu já desconfiava da sua traição.

O suor de nervoso expelia pelos meus poros, eu só pensava nas crianças.

CARALHO, CADÊ MEUS HOMENS?

— Poupe as crianças, por favor! — sugeri.

— Ficou louco? — contrapôs Ivan. — A limpeza será geral. Normalmente, dou cabo de todos os homens que comeram as mulheres às quais me apeguei. Aquele Anselmo idiota foi o primeiro da emboscada.

Inspirei, com o coração apertado no peito, com a revelação do escroto.

— Você tirou a vida do meu irmão por ciúmes? — Ri, incrédulo, inconformado.

Ele balançou o corpo rindo, tirando uma da minha cara. *Que ódio!* Se não fosse pelas crianças e a Sacha, eu pulava em cima dele, iria para o inferno, mas o levaria junto comigo.

— O Anselmo é o seu irmão? — nas pontas dos pés, Sacha resmungou ofegante ao meu ouvido. A distância não permitia o Ivan nos ouvir.

Meu coração agitou no peito, comigo associando as coisas. Claro, a Mônica, irmã da Sacha, foi a noiva do meu irmão, então a Isadora era a minha sobrinha. *Isso aumenta a minha responsabilidade.*

— Depois, amor! — arqueando a cabeça imperceptivelmente, eu articulei emitindo um som mínimo, querendo ouvir tudo o que o bandido tinha a falar.

— Sim, e vou tirar a sua, por duas razões: primeira, por derrubar a minha empresa; e segundo, por acreditar que este garoto chorão é seu filho com a Sacha. — Jogou um olhar demoníaco sobre meu ombro, onde deveria estar vendo a ponta da cabeça da Sacha. — Vacilei como um bobo acreditando em

você, Sacha! Transar somente depois do casamento! — ironizou entre os dentes. — E por tantos desaforos, todos vão para o saco. Seu pai, eu cuido depois do seu velório.

Refletindo o que fazer, avistei Enrico na parte escura. Acenando com a mão segurando algo, pedia para nos afastar. Engoli duro, tentando assimilar sua pretensão.

— O que este louco do Enrico está tramando? — Sacha também o percebeu, e indagou sutilmente ao meu ouvido.

Não respondi, ocupado analisando, calculando a nossa distância até o Ivan, e concluí a necessidade em recuarmos, e neste instante o Enrico avançou mais um pouco, proporcionando ver a arma em sua mão, direcionada as costas do Ivan. Ferido, ele não lançaria o artefato, porém, seus dedos afrouxariam, teríamos de quatro a cinco segundos até a explosão.

— Se prepara que vamos correr com as crianças, Sacha — encostei a cabeça na testa dela, e resmunguei quase sem movimentar os lábios, tomando o máximo de cuidado para o Ivan não notar.

— Entendo a sua posição, Ivan! — ganhava tempo. — No entanto, é um vacilo não ouvir a minha generosa proposta. Bem interessante para você, sendo um brilhante empresário.

— É perigoso! — Sacha balbuciou com voz trêmula.

— Não estamos em uma reunião de negócios, otário! — Ele ria se divertindo.

— O Enrico vai atirar nele, é a nossa única chance, querida! — voltei a falar com urgência com a Sacha. Ela moveu sutilmente sua cabeça. — O Ivan está disposto a tudo.

— Ai! — ela rezingou no primeiro momento e no segundo, se encorajou. — Seja o que Deus quiser!

— Minha oferta está na casa de milhões, Ivan — estendi a conversa, aguardando o momento ideal de agir.

Balançado, ele inclinou a cabeça sobre o ombro. Enquanto analisava a minha proposta, voltei à Sacha com o Enrico chegando mais perto.

— Eu vou me virar, pegar a Isadora no colo e você cuida do Gabriel direitinho, tá?

—Tá, tá — respondeu chorando.

O Enrico engatilhou e atirou. A bala acertou a parte de trás do joelho do Ivan, e ele caiu sentado no chão, os dedos continuavam comprimindo a alavanca percursora da granada.

— CORRAM! — gritou Enrico.

Num piscar de olhos me virei catando a Isadora no colo, Sacha já estava com o Gabriel no dela e saímos disparados.

— FILHOS DA PUTA! — praguejou Ivan em tom agoniante pela dor. — Estão correndo em vão, hoje a morte de todos vocês é certa.

— SE LEVANTAR, EU ATIRO NA SUA CABEÇA! — ouvimos o Enrico gritar.

Sacha se desesperou.

— Não pare, querida, precisamos atingir uma distância segura.

— FODA-SE! — berrou Ivan com todo seu ódio, e então dois estalos de tiros ecoaram ao redor.

— Se protejam! — gritou Enrico, em seguida.

Já estávamos a uma boa distância quando olhei para trás. Vi o vulto de alguém correndo e alguns segundos resultaram em uma grande explosão, o clarão expelia fragmentos no ar. Em precaução, abracei Sacha com o Gabriel, e nós quatro caímos sobre uma densa vegetação, e permanecemos ali por alguns instantes com nossas cabeças abaixadas.

— Enrico? — Sacha o chamava, em prantos. — Meu Deus, que tragédia!

Abraçava-os mais forte e beijava sua cabeça em apoio.

— Eu o vi correndo, espero que esteja bem — torcia esperançoso em seus cabelos.

E permanecemos ali por mais algum tempo.

— SACHA, GABRIEL, ISADORA, ONDE ESTÃO VOCÊS? — A voz do pai da Sacha preencheu nosso vazio.

— Vem, amor! — Me levantei e os ergui em seguida, e saímos de dentro da mata.

— Filha! — Ele veio desabando ao nos ver.

Aconchegou a filha e os netos ao mesmo tempo em seus braços, e chorava como uma criança.

— Graças a Deus vocês estão bem! — chorava de alívio, arrancando as minhas lágrimas.

— Agora acabou, pai, acabou. — Sacha o apertava, se desmanchando em lágrimas.

— Sacha, filha! — Agora era a sua mãe, empurrando a cadeira de rodas.

— Isadora, Isadora? — Mônica gritava o nome da filha.

Eu me afastei, dando espaço para o abraço da família, que sofreu tanto!

Assistir o abraço da Isadora na mãe era uma carga emocional do caramba. Ficou complicado segurar as lágrimas.

Minha sobrinha, filha do meu mano querido! Ergui o rosto ao céu. *Oh, mano! Seria tão bom se você estivesse aqui com a gente! Eu prometo, vou cuidar da sua filha como se fosse minha. Eu juro!*

— Graças a Deus que tudo acabou bem, agora podemos viver nossas vidas como pessoas normais. — O desabafo da Sacha, nos braços dos seus entes queridos, chamou minha atenção.

Eu queria tanto abraçá-la, mas não queria atrapalhar toda aquela alegria, alívio, amor.

— O Enrico arriscou a vida dele para nos salvar. — A mãe da Sacha chorava de soluçar.

— Você o viu, ele está bem, mãe? — quis saber a Sacha, com as mãos juntas sobre os lábios, orando por uma resposta positiva.

— Bem ele não está, foi muito ferido pelos estilhaços, mas está vivo. Diferente do Ivan, seu corpo foi mutilado.

— Ah, graças a Deus Enrico está vivo! — Sacha riu aliviada. — Ele foi maravilhoso.

Paramédicos e muitos policiais chegaram naquele instante, fazendo um cerco pela ilha. Os socorristas cuidavam do Enrico, em estado grave, e o Leôncio ferido com um tiro no ombro esquerdo e outro na perna.

— MEU SOBRINHO! — agora foi a vez da Eva gritar em prantos.

— Estamos cuidando, senhora! — Um dos homens fardados segurava seu braço, para não se aproximar, evitando atrapalhar os procedimentos de atendimento.

Cheguei perto da Sacha e beijei sua testa, e do meu filhão.

— Eu já volto. — Segui para consolar a Eva.

— O Enrico está muito machucado, senhor Henry. — Passeava com as mãos em suas costas consolando-a, com ela derramando suas lágrimas sobre minha camisa. — Ele precisa sobreviver, planejamos nos mudarmos para um paraíso tranquilo quando o William sair em liberdade.

— Ele é um rapaz forte, e Deus o recompensará por sua atitude nobre de salvar o próximo.

Ela arqueou a cabeça, conectando seus olhos encharcados nos meus.

— É verdade! Ele sempre foi um bom garoto.

— Tudo em ordem com você, Henry? — Bernardo chegou apavorado, esfregando o pulso esquerdo.

— Agora sim — respondi reparando no pulso machucado.

— O filho da puta teve a ajuda do Leôncio, por isso fomos amarrados. Ele alvejou um dos agentes na embarcação, mas está bem. Sorte que o Enrico foi atrás de cigarros, por fim ele conseguiu escapar e acionou a polícia de um orelhão. Estou engasgado até agora com a traição dele — comentou ríspido.

— Se pendurassem meu filho na janela de um prédio, eu faria o mesmo. — Ele acenou de cabeça, ponderando.

— Faz sentido sim.

— Preciso ver o Leôncio — disse observando o movimento de pessoas ao redor.

— Está no interior da casa, os paramédicos estão dando atendimento. Vamos até lá.

Consciente e em lágrimas, Leôncio conversava com o profissional da saúde enquanto eles realizavam os procedimentos médicos, ali mesmo.

— Meu filho, Bernardo? Como está meu filho? — perguntava desesperado quando nos viu entrando pela porta.

— Fica tranquilo, Leôncio! A polícia já prendeu os meliantes na sua casa, e a sua família está bem.

Sorrindo, ele suspirou aliviado.

— Desculpa, Henry — exprimiu num tom embargado.

— Compreendo as suas atitudes, e agradeço em ter nos ajudado.

— O cretino do Ivan levou a melhor, quando cai de costas no chão ele atirou em mim. E saiu atrás de vocês. Eu me arrastava para fora, preocupado, e o Enrico chegou na hora e pegou a arma.

— Com licença — solicitou um dos socorristas ao retirarmos.

— Averiguaram se o Ivan realmente agiu sozinho aqui em Bonete? Porque em São Paulo já sabemos que tem homens ao seu comando — perguntei ao deixarmos a casa.

— Estamos fazendo o levantamento. Mas já temos confirmações de que o Ivan estava morando no nordeste do Brasil. A repercussão do casamento entre você e a Sacha o atraiu. Disfarçado de japonês, ele veio à ilha no mês passado com a família.

— Estava na espreita me aguardando para fazer o serviço completo — citei furioso. — Ele matou o Anselmo porque ele e a Mônica tiveram um filho.

— A coisa foi bem pessoal, cara! — Bateu no meu ombro. — Agora é tocar a vida e seguir em frente.

E saiu se juntando à polícia com seu trabalho de interrogatórios, eu voltei à família unida, ainda todos abraçados.

— A Sacha acabou de me contar que você é irmão do Anselmo. — Mal cheguei perto e Mônica começou a falar.

— E você é a noiva que arrasou o coração dele — não me contive.

Ela fechou os olhos, inspirando densamente e então, voltou aos meus olhos.

— Nunca irei me perdoar por isso, o Anselmo era a melhor pessoa deste mundo.

Pena que você está enxergando as qualidades dele tardiamente.

— Meu irmão era único, não merecia passar pelo que passou. — As lágrimas em meu rosto denunciaram minha emoção à flor da pele.

— Não fica assim. — Os braços delicados e quentes da Sacha, a minha Sacha, me apertaram, meu coração disparou com sua face pressionando meu peito. — Não deixe o ressentimento prosperar dentro de você, por favor — murmurou, correndo os dedos pelos meus braços.

Assenti, moldando seu rosto entre minhas mãos.

— Eu vou superar. — Puxei-a selando seus lábios, sentindo o sabor salgado de nossas lágrimas.

E segui até em frente à cadeira da Mônica e me abaixei à sua frente a encarando.

— O Anselmo amava você; e com tudo o que aconteceu, e a obsessão dele em adotar uma menina mais velha, estou certo de que ele sabia da Isadora.

Seus olhos inundados direcionaram à filha, dormindo no colo do avô, e os meus sobre o Gabriel dormindo no colo da avó.

— Se eu pudesse voltar ao passado, eu faria tudo diferente — declarou com humildade.

Ergui-me, levando a mão em forma de concha em sua face.

— Não tem como voltar atrás. No entanto, pode aproveitar a chance que está tendo e dar o seu melhor para agradecer as pessoas que tanto fizeram por você.

Vaguei os olhos para toda a família, seus olhos seguiram a direção dos meus.

— Eu juro para vocês que farei tudo diferente daqui para a frente. Vocês terão orgulho de mim. Eu juro.

— Oh, querida! — Sua mãe veio entregar o Gabriel em meu colo. — Obrigada por tudo, Henry — agradeceu.

Meneei a cabeça, e ela foi abraçar a filha.

— Eu também preciso agradecer. — Agora foi a vez do pai da Sacha.

— Acho que esta parte podemos deixar para depois. — Enrolei meu braço na cintura da Sacha. — As crianças precisam de conforto, então sugiro que todos venham comigo para a minha casa.

— Eu concordo! — Sacha se manifestou.

Virei o rosto beijando sua testa.

Com todos agregando a ideia, solicitei ao Bernardo que providenciasse o transporte mais rápido até minha casa.

Capítulo Vinte e Sete

SACHA

Enquanto embarcavam minha irmã no helicóptero da polícia, eu refletia sobre a minha vida. Honestamente? Estava estranhando todo aquele cuidado e carinho do Henry. Compreensível, considerando a pauleira que havia sido a minha vida. Mas sabia que me acostumaria bem rápido, isso se ele não batesse as asas e voasse para longe de mim.

Fechei meus olhos conformada àquela possibilidade. Nada o impedia de assumir a paternidade e quanto a mim? Me colocaria de escanteio.

Ele se sentou ao meu lado, o Gabriel dormia em nosso colo: a cabeça sobre o colo dele e os pés sobre o meu.

Com o olhar fixo à frente, notava sua curiosidade pelo canto do meu olho, afagando os cabelos loiros e sedosos do nosso filho, ele retinha o olhar no meu perfil.

Queria ter o poder de ler mentes e descobrir seus pensamentos? Suspirando, acabei rindo, considerando minha preocupação uma bobagem.

O importante era o aqui e o agora. Os momentos juntos!

O quanto iria durar tornou-se irrisório para uma pessoa como eu, que aprendeu a viver um dia por vez. Sempre sem nenhuma expectativa.

Durante todo o percurso de helicóptero fora silencioso, com as crianças dormindo profundamente. E progrediu até entrarmos na van, em São Paulo. Todos nós estávamos muito abalados com a tragédia. Principalmente a minha

família! Nós nos apaixonamos pela pessoa do Enrico. Um ser humano incrível.

Tão logo a van estacionou à frente da casa do Henry, meu coração disparado emergiu a garganta. Engoli duramente, esforçando-o a descer pro seu lugar. Estava um deus nos acuda obter controle físico e emocional, tanto que aguardei todos desembarcarem. Então, chegou a minha vez.

Após pegar o Gabriel no colo, Henry estendeu sua mão me ajudando a descer.

O vento fresco da noite, de céu estrelado, não refrescou meu corpo pegando fogo, com um único e exclusivo responsável: o nervosismo à flor da pele.

— Suas mãos estão suando! — atestou estranhando.

— Está batendo um desassossego de pensar na reação do seu pai.

— Também estou apreensivo com o coração do velho. É bem provável dele enfartar — pronunciei sério, afligindo a todos o olhando tensos. Rindo descontraído, continuou: — Só um coração porreta de forte é capaz de aguentar as tempestades de emoções em saber dos seus dois lindos e maravilhosos netos.

Puxou-me para um beijo, enquanto todos respiravam aliviados.

O sensor de presença acendeu as luzes da sala ao cruzarmos a porta. A casa silenciosa indicava que todos dormiam.

— Vocês se importam de aguardarem aqui na sala, enquanto eu subo com a Sacha e as crianças? Acredito que, deitado na cama, ele suporte mais as emoções.

— Boa sorte! — desejou minha mãe mediante um sorriso confiante nos lábios e repassava os olhos grandes e expressivos ao redor, fazendo o reconhecimento do local.

Nossos olhos eram grandes e expressivos, no entanto, o tom da Mônica e da minha mãe eram de um castanho-escuro, como os cabelos. O tom azul eu herdei do meu pai.

Henry bateu à porta o preparando.

— Pai?

— Henry, filho! — Logo as luzes no interior se acenderam.

O Gabriel, no colo do pai, acordou; e estranhando o ambiente, arregalou os olhos olhando em cada canto.

Posicionando-me em sua frente, eu segurei firme na mãozinha da Isadora e entramos.

O senhor Adam só tinha olhos para as crianças à medida que foi se arrastando devagar sobre o colchão, se sentando.

— Tenho milhões de novidades...

— Quem são estas crianças? — o senhor Adam o interrompeu.

— Já que está sentado, posso te dar a notícia.

Sua testa franziu e seus olhos interrogativos buscaram os meus.

— Que suspense é esse, gente?

Comprimi os lábios segurando o nervoso.

— Este garotão aqui — Henry suspendeu um pouco o braço — é o Gabriel. — Pressionou os lábios grossos e saborosos na bochecha do filho. E levou a mão livre ao ombro da Isadora. — E esta mocinha linda é a Isadora.

Ele riu, sem entender.

— São os seus netos, pai! — Ele começou a rir e não parava mais. — As suas suspeitas se confirmaram, o Gabriel é o meu filho com a Sacha. — A crise de risos intensificou e vieram as lágrimas também. — E a Isadora é a filha do Anselmo, com a irmã da Sacha.

Ria e chorava derrubando a todos.

— Não quero saber de nenhuma outra novidade agora, eu iria até aí se pudesse, então, piedosamente traga logo os meus netos aqui — pediu com os braços abertos.

HENRY

Pulei sobre a cama com as crianças ainda acanhadas, recebendo o abraço forte e caloroso do meu pai, chorando. Na mesma emoção, Sacha continuou ereta em pé do lado da cama, catei a mão dela e a trouxe junto de nós. Com a sua presença, as crianças se soltaram. Meu pai começou uma guerra de travesseiro comigo, incitando os netos, e deu certo, de repente desencadeou uma guerra daquelas.

Uma tempestade de carinho e emoções era o que ocorria naquela cama, nos abraçávamos mantendo as crianças no centro, unindo o calor de nossos corpos. Os dois riam animados, sentindo todo aquele amor, puro e belo.

— Eu não quero detalhes agora, minha filha — dispensou meu pai. — Eu só quero viver este momento. — Tocava a ponta dos seus dedos na face da Sacha. — Meu coração garantia o tempo todo sobre você ser uma pessoa especial. Obrigado por trazer tanto às nossas vidas.

SACHA

— Eu ainda considero pouco — interveio Henry, se ajeitando na cama com um olhar misterioso e pegou minha mão. — Será necessário muito mais tempo para construir tudo o que tenho em mente.

— E o que você tem em mente?

— Construir um lar, repleto de filhos, com alguém que amo muito.

Eu não sabia se ria ou chorava.

— Adorei esta ideia, filho! — com um olhar ansioso sobre mim, e segurando cada criança em um braço, aclamou o senhor Adam.

— Quem seria esta sortuda?

— Você, Sacha Ortiz! — Pegou minha mão a levando sobre o peito. Senti as batidas do seu coração na palma. — Amo a senhorita, aceitaria se casar comigo?

Aquele pedido humilde, e franco, tocou a minha alma.

— É claro que sim! — Curvei-me o abraçando apertado.

— Então vamos comemorar a esta grande conquista — o senhor Adam interrompeu nossas emoções explodindo por nossos poros, apanhou os travesseiros.

E assim recomeçamos a guerra de travesseiros.

Uma felicidade plena, um momento inesquecível que ficará para sempre em minhas memórias.

Henry contou todo o episódio da ilha ao pai, só que ele sequer tomou conhecimento. Estava tão alheio e rapidamente ligou para a dona Maria Cláudia, requisitando sua presença imediata. E envolto da felicidade transparente, rapidamente sugeriu descermos.

Entramos todos juntos no elevador. O Gabriel sentado no braço direito da cadeira e a Isadora caminhando do lado esquerdo, sendo guiada pelo braço do avô em sua cintura. Ambos encantados com o elevador.

O senhor Adam se reteve à porta ao abrir, o par de olhos verdes lacrimejavam, concentrados no rosto da Mônica. Colando os lábios um sobre o outro, ele sorriu e desviou aos meus pais, muito receptivo e atencioso, abraçou a todos.

Sua próxima atitude foi entregar o Gabriel ao colo do Henry, e meu pai pegou a Isadora. Então, lentamente se dirigiu à cadeira da Mônica, parando em frente a ela. Por um instante pesquisou silenciosamente o rosto da minha irmã, e avançou ao seu lado, colando os braços das cadeiras e fincou um intenso contato visual.

— Então você foi o grande amor do meu filho Anselmo? — sussurrou sem esconder sua comoção, as lágrimas rolavam pela face lisa. Estendeu a mão até próximo ao rosto dela. — Me permite? — Mônica disse sim meneando a cabeça. E seus dedos tocaram, com muito cuidado, a pele dela, e dedilhava montando uma expressão incrédula. — É incrível! — Riu ofegante. — Sua presença aqui deixa minha vida diferente, emenda meu coração, que foi cortado ao meio com a partida do meu menino.

Seu gesto para com a minha irmã, e suas palavras, se estenderam em cada um dos presentes. Henry, com o braço sobre meu ombro apertou-me a ele. Estava duro conter as lágrimas!

— Desculpa! — ela balbuciou em lamentos.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, querida! — Curvou o corpo ao lado e a abraçou forte. — A vida é o que é — sussurrou em seu ouvido. — O que nos resta agora é fazer tudo melhor, transformar os nossos dias nos melhores de todos os tempos. Você me entende? — Mônica movimentou a cabeça em seu ombro. E aquele

abraço se tornou mais arroxado. — Abraçar você é como ter o meu filho em meus braços, supera a dor da perda e, por esta razão, me dá uma vontade enorme de nunca mais soltá-la.

— Acho que vou preparar um chá para todos. — Valentina, que surgiu na sala, chorou ao assistir a cena emocionante.

— Não se esqueça do chocolate das crianças, Valentina! — avisou o senhor Adam largando Mônica. Finalmente! — Iremos aguardar lá na piscina.

As crianças gritavam eufóricas.

— Gostaram da ideia, né, seus danadinhos? — dizia se achegando perto do Henry, e estendeu os braços. — Vem com o vovô. — Mais que depressa Gabriel se jogou.

— Eu também quero! — enciumada, Isadora disse chorosa. Afinal, andar na cadeira elétrica não deixava de ser uma grande aventura aos garotos.

Henry empurrava a cadeira com os três na maior algazarra.



A madrugada luminosa de lua cheia prateava tudo ao redor, criando uma atmosfera de paz, uma que jamais achei que teria. As estrelas se aliavam a toda beleza, até o clima quente soava agradável, o toque do vento era suave, a vegetação não se movia, na verdade, o vento não chegava a ser uma brisa. Era empolgante a inquietude das crianças com a piscina enorme.

— Será que a gente pode nadar? — Isadora sempre foi a mais ousada.

Gabriel já se jogava para fora da cadeira do avô. O senhor Adam lançou seu olhar matreiro a mim, depois a minha irmã. Ambas acabamos rindo com carinho.

— O clima está agradável, a temperatura da água é quente, portanto, eu não vejo problema — opinou Mônica.

O senhor Adam suspirou alegremente.

— Vamos nadar, garotada! — Foi a maior gritaria.

Com a ajuda de alguns funcionários, Henry posicionou o pai na cadeira do elevador de piscina. Ali, ele se deliciava com as crianças entre os abraços, com guerras de água e risos em tonelada.

— Teria que viver cem anos, e mesmo assim, não seria tempo suficiente para reparar todos os meus erros — comentou Mônica, suspirando com os olhos na piscina. Aliás, a algazarra dentro da água era a atração predileta de todos por ali. E girou um pouco a cabeça em busca dos meus olhos. Sentada na espreguiçadeira ao lado do Henry, abri um sorriso terno, o melhor que pude. Ela era a minha irmã querida, e eu nunca deixei de amá-la, apesar de tudo. — Graças a Deus existiu você perante o meu egoísmo. Sabe se lá onde estaria a Isadora agora. — Fechou os olhos se martirizando.

— O seu sacrifício garantiu a união completa de nossa família — expos meu pai.

Ele estava sentado na cadeira ao lado da espreguiçadeira.

Os olhos da minha mãe recaíram sobre mim, em total agradecimento.

— Levar a Isadora para casa esteve em meus planos, mas, infelizmente, não saiu como planejei. Jamais arriscaria a vida da minha sobrinha. E assim a vida seguiu.

Meu pai me estendeu sua mão, e eu segurei forte.

— Você tem o contato da Jussara? Queria muito vê-la — expos a Mônica num tom de voz saudoso.

— Ela tem ligado frequentemente atrás de notícias suas, amor — Henry, que ouvia quieto a conversa da família, se pronunciou colando sua cabeça na minha.

— Ela deve estar apavorada, coitada.

— Manteve o contato contigo, e nem assim comentou sobre a gravidez da Mônica — dizia minha mãe. — Estou impressionada pelo quanto a Jussara é uma amiga fiel.

— Ela não faz ideia que tenho o Gabriel, e estou com a Isadora.

— Com certeza amanhã ficará a par — interveio o Henry. — Daqui a pouco o ocorrido na ilha será notícia no mundo todo.

— ONDE ESTÃO TODOS, PELO AMOR DE DEUS?! — reconheci a voz exasperada da dona Maria Cláudia, vindo do interior do salão.

Ela parou à varanda, e ali permaneceu estática, observando o movimento.

— Aguardávamos ansiosos por você, Maria Cláudia. — Henry se levantou na intenção de recepcioná-la, e foi impedido de se aproximar, com o grito do seu pai.

— Paradinho aí, filho! — Acenou com a mão lá da piscina. — Eu serei o precursor da notícia maravilhosa.

— Tudo bem! — Erguendo as mãos, Henry espalmou o ar. Levantei-me passando o braço ao seu redor.

— Você me liga em plena madrugada e me assusta com a urgência. E chego aqui e o encontro nesta farra na piscina com a garotada. E quem são essas crianças, fala logo?

E então parou os olhos na Mônica.

— V-você — gaguejou, seu rosto ficou um branco total. — Eu não a conheci pessoalmente, mas vi uma foto sua, é a Mônica do Anselmo, que morava em Belo Horizonte, não é? — Minha irmã não teve tempo de resposta, porque seus olhos mudaram para a piscina, focando em Isadora. — É a garotinha que pretendíamos adotar, Henry?

— Ela própria — Henry confirmou, deixando a mulher ainda mais perplexa.

O senhor Adam interpelou todo entusiasmado.

— Se acheguem aqui com o vovô, crianças.

— VOVÔ? — ela repetiu, plantando uma expressão de evidente confusão.

— Sim, minha querida! — o pai de Henry afirmou abraçando os netos, um em cada braço. E o que estava a Isadora o elevou alguns centímetros à frente, a destacando. — E esta aqui é Isadora, minha neta, filha da Mônica. — Rindo ofegante, ela franziu a testa, desconfiando do rumo daquela prosa. — Sua neta, a filha do Anselmo.

— Ah, meu Deus! — Quase o ponto de infartar, ela levou as duas mãos à boca.

— É uma longa história — interpelou Henry, na mesma sintonia dela.

— O que eu faço agora? — Ela começou a andar de um lado ao outro, perturbada.

— Vamos sair da piscina e dar um abraço gostoso na vovó, Isadora?

— Não precisa sair não, eu vou até aí. — Ela desatou a correr e saltou para dentro da piscina com roupa, bolsa e tudo.

— Que louca! — Henry, emocionado, acenava com a mão.

Realmente a cena era única, a vovó coruja enchia o rosto da Isadora de beijos e a abraçava tão forte.

— Maria Cláudia? — Ela ergueu a cabeça o olhando abobada. — Eu demorei para decidir, mas nunca é tarde.

Ela deu de ombros.

— Você quer se casar comigo?

Ela começou a rir e o abraçou.

— Seu velho bobo. — Os dois se beijaram com amor e carinho.

Todos aplaudiram.

— Sacha, o que você acha de nos casarmos no mesmo dia?

Surpresos, os três pares de olhos recaíram sobre mim.

Inspirei fortemente, e fui à sua frente, moldando seu rosto em minhas mãos.

— Jura que tudo isso não é um sonho? — sussurrei.

Pendendo a cabeça, seus lábios roçaram em minha testa.

— Não pode mais duvidar de mim, Sacha! — citou em minha pele, despejando o calor do seu hálito.

— Desculpa! — arqueei, necessitada de seus olhos. — É que eu não estou acostumada com as coisas todas certinhas, sabe?

— Sua boba! — Me apertou em seus braços e sacudiu meu corpo.

Realmente, precisava daquela sacudida.

— Vamos sim, vamos nos casar no mesmo dia do seu pai e dona Maria Cláudia.

— Perfeito! — dizendo isto, seus lábios engoliram o meu no beijo mais calmo e apaixonado deste mundo. E ainda embaixo de aplausos e gritaria das crianças da minha vida.

Agora, das nossas vidas.

Capítulo Vinte e Oito

HENRY

Eu e o meu velho estávamos acostumados a uma rotina de vida silenciosa e, de repente, tudo mudou! Composta por uma família imensa, ficou barulhenta à beça.

Sorria apaixonado e agradecido contemplando Gabriel, sentado na mesa do escritório da minha empresa, aliás o garoto não me largava de jeito nenhum, se não me via, chorava.

O garoto era sapeca, viu? Deixei uma pilha de folha sulfite à disposição dele, tudo para entreter o danadinho. Ele riscou o papel, comeu... Pintou todo o rostinho de caneta, pintou o sete, na verdade.

— Ah, seu arteiro! — Peguei-o no colo, enchendo a bochecha, toda riscada, de beijos. — Sua mãe vai ficar uma fera quando te ver assim.

— *Paia* — ele pedia rindo todo derretido.

Admirando-o, eu ria das suas palavras.

— Para de ser preguiçoso e fala certo, filho. Repete o que o papai vai falar: *Para, papai!*

Ele ria com os dentes trincados.

— Para, papai! — insisti.

— *P-pala*, papai.

— Seu fofo! — Orgulhoso em abundância, o cingi nos braços, quase achatando-o.

— Estou com uma extravagante inveja deste abraço. — Meu coração saltou no peito ao tom de voz meigo e doce.

Envolvendo mais o Gabriel em meus braços, girei nos calcanhares. Linda e gostosa, dentro de uma calça jeans clara, e uma blusa estampada de mangas bufantes, Sacha entrava pela porta, carregada de sacolas.

Incentivar ela a ir às compras, em companhia da Jussara, fora proposital a fim de distraí-la. Ela andava cabisbaixa estes dias, o motivo eram as crianças do orfanato, agora convivendo ao lado desta fantástica mulher, eu a entendia bem. Seu coração e sua vida estavam completamente ligados aos internos.

Alugamos um sítio em uma cidade próxima, aqui da Capital, para a celebração e festa do nosso casamento, a Madre confirmou presença, porém, por motivos de segurança, não autorizou a saída das crianças.

— Deixe-me te ajudar. — Colocando o Gabriel em pé no chão, segui para pegar algumas sacolas. — Pelo jeito, você comprou a loja inteira — brinquei.

— Alguém pode me dar uma forcinha? — Jussara, vestindo um lindo macacão preto, combinando com os cabelos lisos na cintura, entrou logo atrás com uma quantidade maior de sacolas.

— Compraram sim, a loja toda. — Rindo, larguei as sacolas da Sacha sobre o sofá, e corri para acudir a coitada da Jussara.

— Exagerei, amor! — cruzando os braços ao redor do meu pescoço confessou Sacha, constrangida.

— E quem é que resiste a tantos modelos de roupas infantis? — emendou Jussara.

Não tomei conhecimento do comentário, só tinha olhos para aqueles lábios grossos e sensuais que eu amava. Beijei-a com vontade, e ainda deu uma leve apertadinha contra o tarado, já armando dentro das calças.

Somos loucos por esta mulher!

— Se comporta, amor — ficando nas pontas dos pés, advertiu ao meu ouvido, acarretando um arrepio terrivelmente excitante pelo meu corpo, e minha situação se agravou com seus dentes cravando no meu lábio inferior, e puxou. Meu pau latejou, dolorido pra cacete!

— Arranja um minuto, amor? — a pergunta foi no tom mais baixo possível. Entretanto, a Jussara ouviu.

— Será que poderiam respeitar e parar de safadeza? — ralhou ela usando um tom irônico, porém, sua expressão era bem-humorada.

— Sua amiga é bem legal! — reclamei frustrado.

— Brincadeira. — Aproveitando o Gabriel entretido abrindo algumas sacolas com brinquedos, ela se aproximou se colocando em nossa frente. — Não deixem de aproveitarem cada momento. E essa minha amiga merece o melhor. — Espalmou o rosto de Sacha, em seguida o meu. — E você é o melhor. Obrigada por resolver as nossas vidas.

— Resolvi a minha também. — Puxei a Sacha, colando seu quadril em minha perna. — Como eu poderia imaginar que no caminho da vingança encontraria um amor de verdade. Um destino tão glorioso.

— E eu trilhava em busca da liberdade e acabei na prisão dos seus braços — emendou Sacha, sorrindo lindamente.

Arqueei a cabeça com olhar desafiador.

— Carece de um advogado para tentar sair dela.

— Jamais! — Passou os dedos sobre meus lábios, carinho recebido com os olhos fechados. — Estou feliz com a prisão perpétua.

— Te amo, Sacha!

Seus braços cruzaram novamente ao redor do meu pescoço e sem se importar com a presença da Jussara, sussurrou em meus lábios:

— Eu te amo algumas toneladas a mais...

— Hum, já vi que estou sobrando aqui, com licença — tão logo terminou a frase, Jussara virou-se.

Segurei em seu braço.

— Engana-se! Você e sua filha são bem-vindas na nossa família.

Inclinando a cabeça levemente ao lado, seus lábios se afastaram num sorriso grato.

— É tão bom ouvir isso! — Suspirou emocionada.

Sacha abraçou forte a amiga.

— Eu não enxergo você fora da minha vida, Ju — cochichou no ouvido dela.

— Eu também não — admitiu. — Estamos juntas nos momentos bons e também nos difíceis.

— E por ser parte da família, eu e meu pai temos uma informação de extrema importância a passar para você. — Seus olhos semicerraram no semblante curioso.

— Aconteceu alguma coisa? — inquiriu preocupada.

— Vamos subir à sala do meu pai.

Assim que peguei Gabriel no colo, o Bernardo abriu a porta da minha sala, e com ele estava a Danielle.

Como no casamento de mentira, ela ficou responsável pela organização real.

— Desculpa entrar assim, a sua secretária não estava na sala — explicou Bernardo.

Divaguei estranhando, bem, nem tanto! Após saber da oficialização do meu casamento, Roberta vinha me evitando.

— Você tem passagem livre na minha vida, cara! — Repousei a mão no seu ombro.

Gabriel começou a chorar, e jogar o corpo onde estava os brinquedos.

— Cara, a empresa está com cara de creche — percorrendo os olhos ao redor, Bernardo observou sarcástico. — Acabei de descer da sala do seu pai, a Maria Cláudia está brincando de bonecas com a Isadora e a Yasmim. E seu pai babando, todo coruja, recebendo as massagens do Filipe, nas costas.

— Hoje a vida do meu velho se resume nos netos — explanei, viajando nas palavras do Bernardo.

Bateu uma ideia fantástica. Ansioso e com o coração acalorado, vaguei estruturando todo o projeto em minha mente.

Seria uma surpresa e tanto!

— Está tudo bem, querido? — Notando minha distância, Sacha trouxe suas mãos delicadas, quentes e macias sobre minha barba e puxou meu rosto, dando um beijo delicioso. — Algo preocupa você? — sussurrou em meus lábios, acariciando os pelos do meu rosto com as pontas dos dedos.

Senti um arrepio a sua carícia, pressentindo o perigo da ereção aparecer na calça, fechei meus dedos em seu pulso a afastando, e pisquei.

Rindo, ela entendeu.

— Vamos lá, Jussara! — Os olhos dela cintilaram e a respiração ficou nitidamente acelerada.

— Não tem como adiantar o assunto?

— Infelizmente, não!

— Gente, quanto suspense! — Jussara, com os olhos arregalados, exclamou levando a mão ao peito. — O que será?

— Já vai saber, vamos. — Mantive a seriedade na voz e no semblante, a preocupando ainda mais.

— Antes de subir, deixa eu te mostrar uma foto — disse Bernardo retirando-a do bolso da camisa e me entregou. De imediato, reconheci a caçadora de dotes, a que se esfregou em mim no dia da festa do hotel.

Não esbocei nenhum comentário, com os olhos da Sacha estreitando, nitidamente irados na imagem da bela mulher, e as mãozinhas do Gabriel pelejando para pegar a foto da minha mão.

— Esta gata é a maior batedora de carteiras de Belo Horizonte, e foi presa, ela confessou ter roubado a sua carteira.

Arquejei, fazendo cara de desentendido revivendo o momento dela escorregando com as mãos no meu quadril. *Puta que pariu, como a mulher é hábil!*

— Sério? Cara, não consigo lembrar o momento que topei com ela.

Os olhos estreitos da Sacha subiram aos meus e suas mãos grudaram nas golas da minha camisa, e me puxou à sua frente.

Gabriel riu, acreditando ser uma brincadeira.

— É um bom momento para pedir perdão — firmou entredentes, simulando uma cara severa.

— Mil perdões, amor! — Inclinei a cabeça tomando seus lábios num beijo gostoso, nosso. Um beijo sereno, finalizado com um sorriso lindo nos lábios dela. E o próximo a ganhar um beijo na bochecha foi meu filhão, nos olhando sério. — Agora podemos subir? — Ela meneou a cabeça afirmativamente.

— Bernardo, eu vou indo para a agência. Ainda restam alguns detalhes para definir sobre a decoração do sítio — avisou Danielle.

— Me aguarde alguns minutos, por favor, Danielle. Eu tenho algumas opiniões interessantes sobre a decoração.

Ela deu de ombros acatando e voltou a se sentar na sala de estar.

A cadeira da Roberta estava vazia, e sobre a mesa, estava a sua carta de demissão.

Durante todo o percurso até a sala do meu pai no andar superior, podia ouvir a respiração audível da Jussara.

As cortinas abertas, revelavam um cenário muito superior do desenhado verbalmente pelo Bernardo, o ambiente banhado pela luz do sol além de agradável, completava o ambiente de alegria, caloroso. O senhor Adam deitado numa maca, suspirava com os olhos no trio, lidando com as bonecas enquanto o Filipe fazia seu trabalho.

— Mamãe, mamãe. — Yasmim foi a primeira nos ver e correndo, saltou nos braços da Jussara. — A Isadora me deu uma porção de bonecas — dizia ela alegremente.

— Você agradeceu sua amiguinha? — o nervosismo estava evidente no tom de voz.

— Ela agradeceu sim, tia Jussara! — antecipou a Isadora se levantando e veio ao lado da amiguinha.

— Então, acabou a brincadeira? — Maria Cláudia, abandonada ali no chão com as bonecas, simulava cara de choro.

— Claro que não! Eu também quero brincar — avisou meu pai. — Terminamos os exercícios, Filipe?

— Sim — respondeu já recolhendo seus equipamentos de trabalho. — O senhor está liberado para entrar na rodinha das bonecas — brincou em tom de malícia.

E todos rimos. Ajudei a acomodá-lo na cadeira.

— Jussara, querida! Você poderia pegar uma cadeira e vir se sentar à minha frente, por favor?

Jussara olhou apavorada para a Sacha, e ganhou apenas uma piscada de apoio, afinal, nem a Sacha sabia do que se tratava o assunto. Coloquei o Gabriel junto com as meninas e Maria Cláudia. E voltei, parando ao lado da Sacha ali, em pé ao lado da amiga, com a mão no ombro dela.

— Bem, vou ser o mais claro e rápido possível, pois ainda tenho de brincar de bonecas — expressou com humor, mas nem assim diminuiu a

tensão instaurada.

— Estou com medo. — Sorrindo, meu pai segurou na mão tremendo da Jussara, e olhando em seus olhos, revelou: — Tomei a decisão complicada de devolver o hotel a sua família. — Inalando muito ar aos pulmões, de susto, seu rosto empalideceu.

— D-devolver o hotel de Belo Horizonte? — As palavras saíram completamente entrecortadas.

— Exatamente! — confirmou meu pai e arrancou lágrimas de seus olhos.

— Por quê? — indagou chorando.

— Ele já serviu aos meus propósitos. A requisição foi exclusivamente no intuito de pegar o assassino do meu filho.

— Isso é incrível! — Juntou as mãos e levou aos lábios, em forma de oração. — O que o senhor quis dizer com decisão difícil?

— Verbalmente o negócio com o Guilherme já está fechado. Seu último trabalho para a minha empresa ficou como crédito, ou seja, ele está contando com a compra deste empreendimento. E acabou de ligar avisando que estará vindo hoje, aqui na empresa, para discutirmos os pormenores do contrato. — Moveu os ombros. — Vou desfazer o negócio, e talvez isso balance a amizade entre vocês.

Girando o rosto, encarou a Sacha por alguns instantes, senti a comunicação visual entre as duas e retrocedeu ao meu pai.

— Ele não precisa saber disto por enquanto.

— Fica a seu critério, Jussara — tranquilizou-a beijando sua mão.

— Obrigada, senhor Adam, obrigada!

Ela se levantou abraçando a Sacha.

— Estou muito feliz por você, amiga — demonstrou Sacha.

Jussara arqueou a cabeça fitando a Sacha.

— E eu orgulhosa de você.

— Seu passado segue em segredo com o pessoal de Alphaville, né? — saindo do abraço Sacha questionou.

— Jussara conta com um aliado de peso, ajustei uma história convincente pra galera. — Estufando o peito, orgulhoso, Bernardo se colocou ao lado da Jussara, enrolou o braço na cintura dela a fitando com intensidade. — Não é mesmo, Ju?

Com a antena ligada, ergui as sobrancelhas. *Muito suspeito a intimidade como ele se referiu a ela.*

Ela corou de imediato, ampliando minhas desconfianças.

— Verdade, e agradeço pela força. — Curvou pressionando os lábios na bochecha dele, que piscou para mim. *Safado!* — Estamos nos ajudando, ele mantém meu passado em segredo, e eu respeito o sigilo de sua verdadeira atividade.

Agora ele piscou para ela.

— Vem cá. — Sacha a puxou de volta àquele abraço de amizade, um abraço de libertação da dor sufocada. Um abraço de alívio, recomeço.

O celular tocando dentro do bolso do paletó desviou minha observação naquele abraço de amigas. Era um número desconhecido.

Aceitei a ligação e levei o aparelho ao ouvido.

— Alô!

— *Oi, Henry!* — Engoli duro, ouvindo a voz contida da Lidiane.

Após o ocorrido em frente à minha casa, o Bernardo a hospedou em um *resort all incluse* do nordeste brasileiro, um local paradisíaco, a tirando de cena e também por medidas de segurança, para garantir a sua integridade física. Conforme Bernardo informou, ela permanecia por lá.

Saí da sala para conversar com ela.

— Lidiane! — citei apenas o nome, organizando o discurso considerando o seu tom magoado.

— *É, sou eu!* — Ouvi seu fungado. — *O Ivan agora é assunto encerrado, né?*

— Enterrado! — afirmei veemente. — Agora todos estamos livres e cada um de nós podemos viver nossas vidas em paz. Inclusive você, Lidiane.

O silêncio se arrastou até ela voltar a falar:

— *Cada um de nós!* — repetiu minhas palavras e soluçou. — *Presumo que esteja me considerando fora da sua vida.*

Chateado em vê-la triste, fechei meus olhos pensando na resposta.

— Tem um mundo inteiro aí fora para explorar, Lidiane! E vou te ajudar financeiramente. Sou muito grato pela sua ajuda.

— *Bem, não era exatamente a palavra gratidão que gostaria de ouvir, mas...*

— Eu tenho um filho, o Gabriel, e vou me casar com a mãe dele — falei de pronto, evitando alimentar as suas esperanças.

Ela riu desenxabida.

— *Estou sabendo! Como a vida é engraçada, no momento em que desliguei a câmera daquele muro, abri o portal para você e a ex do Ivan se conhecerem...*

— O nome dela é Sacha, e ela nunca foi ex do Ivan.

— *Eu sei, foi apenas uma maneira de me expressar! Já estou a par de tudo. Mas tudo bem! Parabéns pelo seu filho. Vou aproveitar o recurso financeiro que me ofereceu e pegar a estrada da vida.*

— Pode contar sempre com a minha amizade. — A Sacha saiu pela porta ao término da minha frase.

— *Obrigada.* — Ela desligou.

— Quem era? — indagou fitando meus olhos com curiosidade.

— A Lidiane.

Ela torceu a boca, ressabiada.

— Algum problema com ela?

— Está com ciúmes, amor? — Levei meu braço ao redor de sua cintura, a trazendo contra meu corpo e beijei seu pescoço.

— Preciso cuidar do que é meu! — respondeu arqueando a cabeça e liberando aquele pescocinho, que amava.

— Faz bem, faz bem — sussurrei em sua pele beijando e lambendo, explorando cada canto.

09

SACHA

Vestida de noiva, meus olhos apreciavam a paisagem transcorrer rápido na janela da limusine. Me sentia dentro de um sonho, um daqueles improváveis, e confesso: sentia medo terrível de acordar para outra realidade. O senhor Adam e dona Maria Cláudia se casaram apenas no civil, há dois dias.

E o temor intensificou ao notar o caminho, era o orfanato.

— Pai? — Levei minha mão sobre a dele, repousada em seu colo.

— Você está bem, filha? — perguntou ele sorrindo pelo canto da boca.

— O senhor sabe os motivos por estarmos indo para o orfanato?

— Relaxa, minha querida! — Curvando-se beijou minha face, a esta altura, pegando fogo. Sentia o sangue subir e se concentrar nela, devido ao nervosismo intenso.

O encarei percebendo o sorriso repleto de suspense.

— O Henry planejou uma grande surpresa para você, apenas curta, tá?

Assenti àquela frase, ela teve o poder de acalentar o meu coração, que já havia entrado num processo de angústia. Respirei fundo oxigenando meu cérebro, os músculos também relaxavam.

— Ele me enganou direitinho! — Sorrindo nervosa, porém, encantada trouxe meu buquê redondo, todo em flores naturais, e cheirei extasiada. O perfume das flores serviu como calmante a ansiedade aflorada.

O buquê era lindo, e combinava com o meu vestido de noiva, um pouco desigual do tradicional branco. Por insistência da Isadora, acabei optando por um vestido similar ao da sua boneca. Cor-de-rosa, tomara que caia e bem rodado. Os cabelos presos num coque frouxo completaram o visual.

— Todos nós, na verdade — confidenciou meu pai na maior cara de pau. — Não estava sofrendo porque as crianças do orfanato não estariam presentes no seu casamento? Nos unimos por uma nobre causa.

— Pai? — rindo com o coração apertado lá dentro de tão emocionada, bati levemente em sua mão sobre o colo. Sorrateiro, ele apenas piscou. — Vocês montaram um complô para detonar o meu emocional, isso sim.

Curvando-o me abraçou forte.

— Só pensamos na sua felicidade, querida — sussurrou ao pé de meu ouvido.

Afastei rapidamente com as lágrimas querendo estragar a minha maquiagem.

— Como ele conseguiu convencer a Madre a realizar nosso casamento lá, pai? — indaguei, batendo os dedos sob os olhos secando as lágrimas.

— Bem, ela colocou algumas restrições e seu argumento fez muito sentido: muito pé no chão e sensata ao extremo, exigiu algo bem íntimo e simples, assim não transmitiria uma imagem equivocada aos internos. Contudo, ficou acordado com a equipe do cerimonial uma decoração simples, porém, requintada.

Voltei à janela pensativa, torcia para os responsáveis pela decoração ter aderido as exigências da Madre. Além de uma fervorosa religiosa, ela era uma pessoa iluminada, eu lhe devia a minha vida.

— Você está bem, filha? — interrogou meu pai segurando minha mão.

— Pensando se o pessoal atendeu aos requisitos da Madre.

— A rigorosa da sua mãe ficou encarregada da inspeção, portanto, não há a necessidade de se preocupar com isso, querida — dando um aperto leve na minha mão ele tentou me acalmar. — Concentre-se apenas no seu dia.

Assenti concordando com ele.

— Nós julgamos tanto a mamãe, não é mesmo?

Ele fechou os olhos inalando profundamente e prendeu o ar nos pulmões, confuso.

— Pois é! — expirou com força. — Julgamos alguém por amar demais. Do modo dela, preferiu transmitir a imagem de víbora, malvada a abandonar a filha amada. — Virou o rosto encarando-me e sorriu fraco, segurando para não chorar. — Espero um dia perdoar sua mãe, pela forma como agiu com você. — Moveu os ombros, aborrecido. — De qualquer forma a mulher foi corajosa, humana. Nunca teria a capacidade e força dela, sabia?

O abracei forte.

— Vamos dar tempo ao tempo, pai! Pois, somente ele será capaz de cicatrizar nossas feridas. — Suas mãos paternas zanzavam por minhas costas, dando uma sensação gostosa. — E também temos de considerar que agindo sozinha sem apoio para garantir a vida da nossa Mônica, ela sofreu mais do que todos nós.

— É, pode ser! — Ele ainda não estava convencido. — Como disse: Deixemos o tempo agir em nossas vidas e agora chega de chororô. — Apartou no instante em que a limusine parou em frente à entrada toda decorada com flores.

Aí não houve como não me emocionar ao cenário surreal. Um painel enorme com a foto de corpo inteiro do Henry, sorrindo e apontando o dedo

indicador à frente com a seguinte mensagem: "*Estava te esperando, amor!",* completava o cenário estonteante.

O braço do meu pai veio sobre meu ombro, e pressionava contra o dele.

— Procure não chorar, as fotos sairão mais bonitas com você maquiada.

— Vou tentar.

Entramos, o motorista estacionou em frente às instalações. A fachada estava deslumbrante decorada com flores naturais.

— Vai lá e arrasa nos braços do seu amor, filha. — Seus dedos corriam sob meus olhos, secando a umidade deixada pelas lágrimas. — Você merece toda a felicidade deste mundo.

— Obrigada, pai.

Dois seguranças usando ternos pretos e camisas brancas faziam a segurança em frente à grande porta. Tão logo nos posicionamos em frente, a música instrumental iniciou, avisando a minha entrada.

Passei meu braço pelo do meu pai.

— Preparada?

— Completamente.

Inspirei ao primeiro passo, adentramos no salão e sorri em aprovação reparando na simplicidade. No salão havia mesas postas para o almoço e decorações singelas. Havia também uma pequena pista de dança.

— Amei! — confessei ao meu pai.

Seguimos pelo corredor, de pétalas salmão até atingir a varanda, proporcionando a visão de fora. Na área de lazer, logo no fim do corredor todo forrado de pétalas, como as do salão, um lustre preso na árvore marcava o altar. Meu coração, apaixonado, disparou com o encontro dos nossos olhos marejados.

Ele estava ali, ao lado do altar, o meu deus mediterrâneo com os cabelos penteados para trás, tão elegante, lindo, maravilhoso dentro de um terno cinza

claro ajustado, camisa branca e gravata listrada.

— Eu te amo — articulou com os lábios.

— Eu te amo — articulei em retorno, me segurando para não desmanchar em lágrimas.

— Vem logo, amor! — articulou com os lábios e movendo os dedos, me chamando.

Assenti sorrindo com os lábios comprimidos, segurando o choro. E prosseguimos, caminhando sobre a passarela de pétalas, os convidados todos em pé acompanhavam minha entrada, sem causar nervosismo, pois o olhar fixo do quase meu marido me sustentava em pé.

Buscava sorrir com naturalidade aos convidados nas laterais do altar, notei na primeira fileira a minha mãe, com vestido azul royal lindíssimo, e sentia falta da Mônica ao lado dela, aliás, ela não ficava um segundo sequer afastada da minha irmã. Ao seu lado estava vazio aguardando o meu pai. Isadora vestida de cor-de-rosa entraria com as alianças, e ocupava a outra fileira; ao seu lado, a madre Aurora segurando o Gabriel de terno chumbo, como todos os homens. E nas fileiras seguintes estavam: todas as crianças e as freiras do orfanato, notei a Yasmim bem enturmada entre elas, a mãe do Henry, uma mulher elegante e discreta. Ela veio sozinha e se hospedou em um hotel próximo à casa do Henry, e iria embora logo após a cerimônia. Muito simpática, cumprimentou a todos e chorou quando abraçou o neto e o filho. Os agentes mais próximos também marcavam presença, até Leôncio veio, usando uma muleta. Jussara não abandonou o preto, e estava linda. Guilherme e seu pai estiloso, também estavam presentes e acompanham a Jussara na mesma fileira. Só faltava mesmo a Eva, visitando o Enrico com frequência no hospital acabamos bem próximas. Embora seu quadro seja estável, ele ficaria mais algum tempo hospitalizado.

Henry veio pelo corredor, em passos lentos, me encontrar.

— Não consegui ficar parado esperando — murmurou carinhosamente.

Meu pai beijou minha bochecha e pegando em minha mão, a entregou ao Henry. Ele a segurou tão forte, que nem sabia como descrever o que sentia. Estava recebendo na minha vida uma pessoa preciosa.

— Gostou da surpresa, amor?

— Amei, amei! — Sem resistir, peguei as laterais do seu rosto másculo, e meu, entre minhas mãos trazendo seus lábios para junto dos meus, o beijando com todo o meu amor. — Você é o máximo — sussurrei neles e fomos interrompidos pelo berreiro do Gabriel, pedindo a gente.

— *Mamamãe*, papai! — Rindo, caminhamos juntos até o altar.

O Henry não permitiu deixar o filho chorando, e o pegou no colo. E permaneceu conosco durante toda a cerimônia. Não parou um minuto sequer, queria mexer no altar, resmungava, cantava.

O Gabriel era um espoletinha alegre e barulhento.

Meu coração palpitou forte à música suave ao fundo, indicando que o tão esperado momento chegara, a troca das alianças. O rosto do Henry girou e seus lábios se abriram num sorriso intenso. Respirei fundo me preparando, e virei esperando ver a Isadora entrando com as alianças, quase tive um treco ao ver minha irmã em sua cadeira, ela usava um vestido no mesmo tom do meu. Sobre seu colo, estava a caixinha dourada apoiando o par de alianças. Minha mãe posicionada atrás dela.

— Mônica! — balbuciei seu nome explodindo em lágrimas. Não havia como lutar contra a emoção.

Henry me segurou pela cintura, percebendo o quanto minhas pernas tremiam.

— Sua irmã fez questão de entrar com as alianças, amor — sussurrou em meu ouvido.

— *Mamamãe*. — Até o Gabriel notava meu estado e esticando o bracinho, passava os dedinhos sobre minha face.

— Ah, meu querido. — Peguei-o do colo do Henry e o apertei tanto, o fazendo resmungar. — Desculpa, amorzinho. — Beijava sem parar sua face corada.

Todos os presentes se envolveram em meu anseio. Meu pai chorava alto, detonando o emocional de todos.

— Irmã! — disse ela estendendo a mão com a caixinha dourada. — Eu precisava vir aqui e dizer para todo mundo o quanto eu sou uma droga de pessoa.

— Não! — eu discordei movendo a cabeça de um lado ao outro.

— Sim, eu sou! — insistiu ela. — Eu só feri você, quando estava em posse da minha saúde. E sabe por quê? Pura inveja. Na sua humildade, naturalidade brilhava encantando todo mundo, e isso me incomodava muito. Eu tentei ofuscar tanto brilho. Agora aqui na minha limitação, eu agradeço a Deus por ter fracassado. Você é uma estrela, rainha, alguém iluminada, a heroína em nossas vidas.

— Sabe, maninha! — comecei suspirando. — Eu ouvi de tudo nesta vida, tantos julgamentos: alguns criticaram minhas ações, outros elogiaram, enfim... Opiniões e opiniões, cada um tem a sua. Pra mim o que sempre importou foi a minha paz interior. — Com a mão livre, espalmava meu peito com todo meu orgulho. — É o amor que sinto pela minha família!

Entreguei o Gabriel no colo do meu amor e soluçando fui até ela. Curvei e a tomei em meus braços.

— Infelizmente, pedir perdão não vai consertar os meus erros, foram tantos, né? — cochichou em meu ouvido.

— Nem tanto assim — arredei, dando um beijo em sua testa.

— Eu prometo fazer o que estiver ao meu alcance para conquistar a sua confiança.

— Você tem toda a minha confiança, maninha! E outra: o nosso amor supera qualquer erro.

Ela soluçou.

— Obrigada, obrigada por existir na minha vida — repetia em prantos.

— Eu também agradeço a sua existência, amor. — Henry me puxou contra seu corpo.

Minha mãe manobrou a cadeira, a estacionando em frente à madre Aurora.

— Agradeço do fundo do meu coração o carinho que disponibilizou a minha filha.

— Oh, minha querida, não precisa agradecer. — Se levantando, a Madre curvou sobre a cadeira a abraçando forte.

— Podemos dar sequência? — o padre interveio.

E voltamos à cerimônia. E ao final todos seguimos ao salão, e a Madre chegou perto.

— Vamos passear, Gabriel. — Deu o braço.

— Não! — Dando as costas, ele agarrou o pescoço do pai.

— Eu tentei — disse a Madre sorrindo.

Nem as crianças correndo por ali o animavam.

— Estou desconfiado que o casalzinho não terá lua de mel. — O senhor Adam foi o próximo a tentar. — Que tal passear aqui na cadeira do vovô? — Espalmava o braço da cadeira e nada.

O Gabriel não demonstrava nenhum interesse de sair colo do pai, tampouco o Henry demonstrava. Ria todo orgulhoso do apego.

— Daqui a pouco ele dorme, paciência! — instruiu Henry, e ele estava certo.

Exausto, logo o Gabriel adormeceu, o Henry o entregou no colo do senhor Adam e nós seguimos à pista de dança.

Espalmando minhas costas bem na curva da bunda, ele me esmagava contra seu pau, divino de duro, louca de desejo acariciava sua nuca, correndo os dedos levemente por toda ela, o notando arrepiado.

— Está sentindo meu tesão, amor? — sem conter seu desejo, rosnou juntando meus pulsos levando-os entre nossos peitos, os prendendo entre nós e se esfregava disfarçadamente.

— Hummmm... — gemi entredentes, arqueando o quadril exigindo mais contato, minha vagina já palpitava dolorida. Fechei meus olhos com seus lábios mordiscando meu pescoço. — Você é muito gostoso.

Naquele seu jeito bruto, quase na marra, ele tomou meus lábios com fúria, o melhor beijo de todos, e molhava mais e mais minha calcinha com a sua língua gulosa, degustando com prazer.

— Me provocar aqui é covardia, Henry! — balbuciei arfando. A minha rendição o deixou maluco, sentia o pulsar da sua dureza em meu ventre. — Ah! — o gemido ecoou audível. Perdi totalmente o controle do volume da minha voz, como do meu corpo, já me escorava nele.

Buscando silêncio, seus lábios engoliram os meus.

— Eu te quero! — sussurrou em seus lábios.

— Você é tarado, gostoso... — entorpecida o tom saiu um tantinho elevado.

Mais uma vez ele me calou com sua boca experiente, fodendo literalmente, a minha e descendo as mãos por meus braços, rosnava sentindo todos os pelos do meu corpo arrepiarem com seus toques.

— Por que não terminamos nossa festa em casa, amor? — sugeriu. — Aproveitar que o Gabriel está dormindo, se ele acordar vamos ter de engolir nosso tesão.

Soltou meus lábios, mas não descolou nossos peitos, ambos num movimento frenético devido à respiração acelerada, um respirando o ar do outro, nos olhando fixamente.

— Estava pensando justamente nisso. — Peguei na sua mão e o puxei salão afora, sem olharmos de lado.

Ouvíamos os risinhos dos convidados.

Uma hora cravada foi o tempo que levamos até em casa, as mãos bobas a todo vapor.

Henry me carregou escada acima até nosso quarto, sem desgrudar nossos lábios desceu meu corpo, tão logo meus pés apoiaram no chão sua mão quente deslizava minha barriga, massageando sobre o vestido, excitado ao extremo seu beijo se tornava mais exigente. Chegando ao joelho, regressou apertando minha perna com vontade, arrancando meus suspiros mais profundos.

— Ah... — gritei mordendo o canto do seu lábio inferior, com ele apalpando minha vagina sobre a calcinha encharcada.

— Eu careço mergulhar neste maremoto. — Suspirou afastando o elástico, deslizando duro e penetrando forte e fundo com os dedos. Eu amava seus ataques agressivos. Delirava gemendo, me contorcendo na sua mão. — Gosta da força bruta!

— Você não imagina o quanto! — minhas palavras o motivaram a segurar meus pulsos com força, e me empurrava até que minha bunda encostou na borda da mesa. — Seu gostoso! — Mergulhei as mãos para trás, segurando firme sua bunda, apertando-a contra mim.

Ele enlouqueceu completamente, agarrou a minha cintura tomando meus lábios em outro beijo selvagem, desesperado, e me apertava contra a mesa, incendiando ainda mais o meu corpo excitado. Quase comia minha boca.

Nossas temperaturas elevadas causaram um suor repentino, deixando os bicos dos meus seios entumecidos sensíveis, roçando na roupa.

— Amor, os bicos dos meus seios estão doloridos raspando no vestido.

— Hum... tadinha da minha esposa!

Insano, ele levou as mãos por baixo do meu vestido e rasgou minha calcinha no corpo, a jogando longe. Pegando firme minhas nádegas me esmagou contra ele, esfregando, e abaixando um pouco cavando no meu núcleo quente o desejando em desespero. E então impulsionou-me para seu colo; instintivamente cruzei os braços ao redor do seu pescoço e as pernas ao redor do seu quadril, ouvindo seu rugido comigo remexendo sobre o pau, atiçando. Gemendo delicioso contra meus lábios, me colocou sentada na beirada da mesa.

— Eu vou aliviar sua dor, amor. — Despiu-me e ficou com aquele olhar de gula sobre meu corpo.

— Nossa! Nem acredito que estes belos seios me pertencem! — Faminto, debruçou-se sobre meu corpo abocanhando um deles. — Muito saborosos — dizia neles. Desesperada por ele, mergulhei as mãos em seus braços, fincando as unhas na sua pele, deixando claro o desejo que ele me proporcionava.

Ocupado demais chupando gostoso o bico duro, me torturou com mordidinhas doloridas, lambidas, e esfregando forte sua dureza em minha vagina ardente, derretendo de vontade.

— Que tesão da porra! — declarou com meu seio na boca, me fazendo tremer. — Delicioso.

Eu gemi passeando minhas mãos pelas costas arrepiada, e atarraquei sua bunda, moendo-a contra mim.

— Eu quero você, urgente! A dor latejante está em um nível insuportável.

— Eu também, por favor! — implorei num fio de voz, o trazendo de volta aos meus lábios.

O beijo se tornou feroz enquanto ele baixava a calça, liberando o pau pulsando.

Ainda aos beijos, ele começou a passar o membro no meio dos meus lábios vaginais.

— Por favor! — pedi manhosa.

Ele me presenteou o encaixando com muito prazer. Retive a respiração, mordendo o lábio inferior com ele entrando lento, rasgando, abrindo caminho, e aprofundando tudo.

— Este seu aperto é muito bom, amor! — urrou com ele todo enterrado dentro de mim.

— E tudo para você, Henry — murmurei ofegando com ele dando estocadas mais longas e fortes. E diminuiu a velocidade. Apoiou os cotovelos ao redor da minha cabeça e embrenhou seus dedos nos meus cabelos, me fitando com intensidade; e eu embaixo dele ora me contorcia, ora arqueava o quadril. Eu degustava o movimento sincronizado. Um tesão extraordinário.

— Depois da nossa noite no hotel, soube que meu coração seria apenas seu — declarei com lágrimas nos olhos, reparando os dele lacrimejarem também.

Ele arfou acelerando as bombadas, e colocando tudo; encostou sua testa à minha começando a se movimentar, agora as estocadas eram lentas.

— O meu coração também é seu. — Ofegante, juntou nossos lábios num beijo molhado e reflexivo. — Agradeço a Deus, por trazer você para mim — sussurrou antes de morder meu lábio inferior e arriou o tronco; e quando ia me virar, porque ele gostava de degustar tudo de mim, ouvimos a choradeira do Gabriel.

— Ai, caramba! — Apanhei seus cabelos o trazendo de volta e tomando meus lábios. — Não para. — Ele passou a estocar mais profundo, forte e rápido. Eu gemia baixo, arqueando o quadril, sentindo as paredes internas

estrangular seu membro inchando. Os espasmos se achegavam e os choros e os passos subindo as escadas também.

— Ahhhh... Ahhhh! Eu vou gozar, eu vou gozar... — avisei num fio de voz em seus lábios o levando ao ápice.

— Então vem comigo, amor.... — gritou abafado, inalando todo o ar que conseguiu para seus pulmões e, enterrando fundo, senti os jatos inundando tudo, lá dentro.

Juntos tivemos um orgasmo incomparável. Assim eram todos eles.

Cansado, ele deitou a cabeça em meu peito.

— Você é magnífica! — elogiou, e em seguida veio a gritaria.

— Papai!

— Meu Deus, Henry!

Desesperada, o empurrei quase o derrubando de cima de mim.

Em questão de minutos estávamos vestidos, porém, esquecemos dos cabelos bagunçados ao abrir a porta; e o pior, toda a família estava ali, em frente à porta. Um momento meio esquisito com aqueles risinhos maliciosos.

— PAPAI! — Em soluços no colo do meu pai, Gabriel se jogava implorando pelo colo do Henry.

— Papai está aqui, filhão! — Beijava com muito orgulho o rostinho todo molhado.

— Bem — se pronunciou o senhor Adam, já entrando com a sua cadeira. — Já que o Gabriel acordou no maior berreiro, quando não achou os pais dele, resolvemos encerrar a festa aqui com vocês.

— O champanhe está aqui — pronunciou minha mãe sorrateira e apontando para o colo da Mônica, que ria toda animada. E entraram em seguida.

— Eu não queria fazer parte deste plano — toda sem graça, explicou Maria Cláudia entrando de mãos dadas com a Isadora, toda alegre em seu

vestido de dama de honra.

— Eu também falei que era uma loucura, amiga! — A próxima foi a Jussara, até o Guilherme e seu pai estiloso vieram, e se desculparam também.

— Sério mesmo que pretendem terminar a festa aqui no quarto? — perguntou Henry rindo, incrédulo.

O senhor Adam bateu palmas e inacreditavelmente, toda a equipe que servia no salão entravam no quarto com bebidas e comida.

Eu e o Henry nos abraçamos e ríamos em gargalhadas.

— Respondida a sua pergunta, meu filho.

— Você é uma figura, pai! — Henry sorria com carinho.

— Quem comanda tudo a partir de hoje são os meus netos. O Gabriel queria os pais dele e aqui estamos todos por ele.

— E assim será daqui por diante, todos juntos — prometeu Henry, curvando e me beijou. — Depois eu fodo você do jeito que merece, esposa. — Pisquei.

— Vou cobrar! — Mordiscava seus lábios quando o champanhe foi aberto.

Todos foram servidos.

— VIVA OS NOIVOS! — gritaram em coro.

Playlist de PARTE DE MIM

You Say - Lauren Daigle
Just A Fool - Christina Aguilera & Blake Shelton
A Broken Wing LIVE - Martina McBride
Wrong Again - Martina McBride
Would you love me anyway - Katrina Elam
Where Would You Be - Martina McBride
Open Season - Josef Salvat
Because You Loved Me - Celine Dion
Cut Me - Chris Medina
Naked - James Arthur

Biografia

ELISETE DUARTE

ELISETE DUARTE nasceu em 1 de novembro de 1967, na cidade de Osasco (SP), hoje vive em Barueri com seu marido e seu filho.

Descobriu seu dom da escrita em 1998 quando começou a sofrer com a Síndrome do Pânico. Na mesma época, teve um sonho com um senhor de óculos que lhe entregou um caderno de brochura e um lápis já desgastado e pediu a ela que escrevesse muito, porque assim aliviaria a dor de sua alma. Daí em diante não parou mais.

Publicou *Talvez um dia*, *Além dos Olhos*, *Eternamente Eu*, *Príncipe Imortal*, *Meu vizinho, minha perdição*, *Conexão imortal*, *Um dom perigoso*, *De repente, você!*, entre outros.

REDES SOCIAIS:

Site:
www.eliseteduarte.com.br

Instagram:
@autora.eliseteduarte

Fanpage:

Elisete Duarte

Grupo no Facebook:
Romances Elisete Duarte

Wattpad:
Elisete Duarte

Obras

Não deixe de conferir meus outros trabalhos. Livros físicos disponíveis para venda na loja do meu site: www.eliseteduarte.com.br.

Série *De Repente Você*, Série *Eternamente Eu*, *Ceo Indomável*, *Devorador de Corações*, *Um Sonho a Dois*, Série *Encontros* (*Encontro com o Acaso* e *Só mais uma Noite*), *Alguns minutos com você* e outros...

À venda em e-book também na Amazon:

Encontro com o acaso

Só mais uma noite

De repente, você!

De repente, você! Um sonho quase impossível

Devorador de corações - Parte 1

Devorador de corações - Parte 2

Um sonho a dois

Alguns minutos com você

Eternamente eu

Eternamente eu: a morte era só o começo

Ceo indomável

Te amando no silêncio

Nota

[←1]

Stronzo!: Palavrão em italiano. Babaca, tonto, bundão.